OMNIVM LVX CIVIVM
MDCCCLII
MDCCCLXXVIII

BOSTON
PUBLIC
LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
Boston Public Library

http://www.archive.org/details/lealconselheiroo1854duar

LEAL

CONSELHEIRO.

PARIZ. — NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FAIN E THUNOT,
TYPOGRAPHOS DA REAL UNIVERSIDADE DE FRANÇA,
Rua Racine, 28, junto ao Odeon.

LEAL CONSELHEIRO,

O QUAL FEZ DOM DUARTE,

Pela graça de Deos Rei de Portugal e do Algarve, e Senhor de Ceuta,

A requerimento da muito excellente Rainha Dona Leonor sua mulher;

SEGUIDO

DO LIVRO DA ENSINANÇA DE BEM CAVALGAR TODA SELLA,

Que fez o mesmo Rei, o qual começou em sendo Infante,

PRECEDIDO

D'UMA INTRODUCÇÃO, ILLUSTRADO COM VARIAS NOTAS, E PUBLICADO DEBAIXO DOS AUSPICIOS

Do Excellentissimo Senhor Visconde de Santarem,

Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de França, etc., etc.

FIELMENTE TRASLADADO DO MANUSCRITO CONTEMPORANEO,
QUE SE CONSERVA NA BIBLIOTHECA REAL DE PARIZ, REVISTO, ADDICIONADO COM NOTAS PHILOLOGICAS E UM GLOSSARIO
DAS PALAVRAS E PHRASES ANTIQUADAS E OBSOLETAS QUE NELLE SE ENCONTRÃO,

E IMPRESSO A' CUSTA

DE J. I. ROQUETE,

PRESBYTERO.

PARIZ,

EM CASA DE J. P. AILLAUD, 11, QUAI VOLTAIRE;

E EM PORTUGAL,

EM CASA DE TODOS OS MERCADORES DE LIVROS
DE LISBOA, PORTO E COIMBRA.

MDCCCXLII.

INTRODUCÇÃO.

Portugal, para ser em tudo grande nos tempos remotos, até teve Principes que antes mesmo da chamada restauração das Lettras, não só protegêrão as sciencias, mas, o que é mais, até as cultivárão. ElRei Dom Diniz, contemporaneo dos dous maiores sabios da Idade Media, d'Alberto Magno, e de Rogerio Bacon, não só fundou a célebre Universidade que possuimos, á qual vierão desde logo de toda a Europa os homens mais sabios do seu seculo, mas até cultivou elle mesmo as sciencias e as lettras, escrevendo um tratado da milicia, e compondo varias poesias que se encontrão no seu Cancioneiro, fazendo alèm d'isso traduzir do arabe a Chronica do célebre Mouro Rhazis; ElRei Dom Pedro I honrou tambem a poesia (1); ElRei Dom João I, alèm do profundo conhecimento que tinha da lingua latina, de que fizera traducções, compoz elle mesmo algumas obras de que logo trataremos.

Porèm entre os escriptos de tão illustres Monarcas, os quaes pela maior parte se extraviárão, ou inteiramente se perdêrão, muito se destinguem pelo seu numero, e pelo seu objecto, as obras do illustre Rei Dom Duarte. Este Principe desde a sua infancia recebeo os exemplos de seu grande pai, e da célebre Princeza que teve a gloria de dar a Portugal não só os mais illustres Principes de que podêmos gloriarnos, mas os mais célebres da Europa d'aquelle tempo. O Senhor Dom Duarte, mais applicado do que os outros, que o precedêrão, á philosophia do seu tempo, e mais dado a este genero d'estudos, em quasi todos os seus escriptos, que em outra

(1) *Vide* os Cancioneiros.

parte indicaremos, tem por objecto a philosophia moral; e esta consideração bastava para fazer mais sensivel a perda de suas obras.

Segundo o Abbade Barboza, das muitas obras d'este Principe não existião em Portugal senão dez, as quaes se conservavão na Cartuxa d'Evora em um Mss., com o titulo de *Memorias varias*, e os Tratados, e obras de maior extensão, e importancia, perdêrão-se de todo, restando-nos sómente d'elles a lembrança nos titulos. Entre as producções do Senhor Dom Duarte as que por muito tempo se julgárão perdidas, erão justamente as mais importantes, e que hoje apparecem pela primeira vez á luz, a saber o *Leal Conselheiro*, e o *Livro da Ensynança de bem cavalgar toda sella*, trasladadas fielmente do magnifico Codice 7007 da Bibliotheca Real de Pariz.

Para provarmos que estas importantes obras, que hoje saem ao publico, não erão conhecidas dos nossos Escriptores, referiremos aqui o que ácerca d'ellas dizem os mais célebres.

Ruy de Pina, com ser tão proximo da época d'ElRei Dom Duarte, falla d'um modo tão vago e tão superficial das obras d'este Monarca, que dá bem a conhecer que nunca as vio; e até foi muito injusto a seu respeito, pois diz: « Sómente foi grammatico e algum tanto logico (1). »

Duarte Nunes de Leão diz no cap. XIX da Chronica d'aquelle Monarca: « *Na lingoa latina* escreveo alguns livros de cousas moraes, e entre » elles hum tratado do regimento da justiça, e dos officiaes d'ella, de que » uma parte *se vé ainda agora* na casa da Supplicação. Escreveo outro » tratado dirigido á Rainha sua molher, cujo titulo era do *Leal Conselheiro*. Outro livro para os homens que andão a cavallo, em que *parece* » *daria* alguns preceitos de bem cavalgar, e governar cavallos. »

Ora já por este passo nos mostra este célebre Escriptor que elle não *vira* o Leal Conselheiro, e só d'elle tinha noticia, e quanto á *arte de cavalgar* as que tinha ainda erão mais imperfeitas. Explicando-se Duarte Nunes de modo que parece indicar que todas as obras d'ElRei Dom Duarte tinhão sido escriptas em latim, prova que aquelle habil Chronista não

---

(1) Veja-se T. I dos Ineditos, pag. 79.

conhecêra o *Leal Conselheiro*, pois sendo habil philologo sem duvida fallaria mais circumstanciadamente de uma obra que naquelle tempo devia ser já preciosa pela antiguidade e pelo autor. A incerteza com que Duarte Nunes fallou das obras, que publicâmos, fez dizer a D. Nicoláo Antonio, que todas as obras d'este Rei forão escriptas em latim.

Fr. Bernardo de Brito diz apenas no elogio, que fez d'este Monarca, que « na philosophia moral escreveo alguns tratados por muito bom estilo, » em particular do *fiel* conselheiro, do bom governo da justiça, de que eu » vi huns grandes fragmentos em hum livro pequeno e muy antiguo, e » da misericordia, que naquelle tempo forão tidos em grande estima... » deixou um livro da arte de cavalgar e domar bem hum cavallo. »

Ora já se vê que este Chronista nem o titulo exacto do livro, que publicâmos, sabía, nem no formato por elle indicado se podia encontrar esta preciosa obra que occupa um grande Codice in-fol., como adiante mostraremos.

Varios escriptores seguírão a autoridade de Fr. Bernardo de Brito, fazendo menção d'aquelles tratados, e conviérão que de todos elles nada se sabía que existisse já naquelles tempos em Portugal.

Os autores, que se seguírão a estes, soubérão apenas a este respeito o que os dous que mencionámos havião dito. Manoel de Faria e Souza na sua Europa Portugueza (1) copiou exactamente Duarte Nunes, posto que o não citasse, e sobre o testemunho do mesmo Duarte Nunes se fundou Dom Antonio Caetano de Souza (2).

A' vista pois do que deixâmos dito não resta a menor duvida, que d'estas duas obras d'ElRei Dom Duarte, que o benemerito editor dá pela primeira vez á luz, os Chronistas que mencionámos dérão d'ellas noticias por informações, e que de nenhuma d'ellas vírão cousa alguma; e Barboza entendeo mal quando julgou que Fr. Bernardo de Brito tinha visto fragmentos do *Leal Conselheiro*; pois das palavras d'aquelle Chronista,

---

(1) T. II, P. III, c. 2.

(2) Hist. Geneal. da Casa Real Portug., liv. III, cap. 70.

se mostra que os fragmentos que elle víra, erão sómente do *bom governo da justiça*.

Taes erão as noticias que havia das obras d'ElRei Dom Duarte, quando João Franco Barreto descobrio, na Livraria da Cartuxa d'Evora, um grande numero d'obras, compostas pelo dito Soberano, cujos titulos deo na sua Bibliotheca Mss., e da qual Dom Antonio Caetano de Souza os copiou, e imprimio nas Provas da Historia Genealogica com algumas addições, e que reproduzimos no fim d'esta Introducção (1).

Pelo que deixâmos substanciado se mostra, que das duas grandes obras do Senhor Rei Dom Duarte, que vêem pela primeira vez a luz publica neste livro, os nossos escriptores tinhão apenas noticias confusas, e se não tinhão podido descobrir em Portugal, e só se soube pela primeira vez onde paravão pela erudita noticia, que d'ellas deo em 1820 um dos benemeritos redactores dos Annaes das Sciencias, e pela que nós mesmos apontámos em a nossa noticia dos Mss. portuguezes da Bibliotheca Real de Pariz pelo mesmo tempo inserta nos ditos Annaes. Vinte e dous annos se passárão depois que o publico litterato tivera conhecimento do logar onde existião estas duas obras, e a ninguem lembrou salvál-as do esquecimento em que jazião, restituindo-as á Nação e ao mundo litterario por meio da estampa. O nobre e bem desinteressado patriotismo do Sñr. José Ignacio Roquete veio no fim d'este longo periodo fazer á Nação este importantissimo serviço; tanto mais digno de apreço, quanto elle é feito á custa de sacrificios verdadeiramente portuguezes, pois esta publicação, feita com admiravel luxo e magnificencia, é tirada das economias que fizera do fructo dos seus trabalhos litterarios em paiz estranho, não cobrindo as subscripções metade das despezas; e não se satisfazendo com estes sacrificios se deo além d'isso ao improbo trabalho de tirar a copia do Codice com a maior fidelidade, e de enriquecer o texto com numerosas e importantes notas philologicas (2). A nação deverá pois ao benemerito

(1) Souza, Hist. Geneal., liv. III, Prov. 41.

(2) As notas marcadas com a lettra (R) são todas do Editor.

editor a restituição das obras de um dos mais illustres Monarcas que sobre ella imperárão; devêl-a-ha finalmente á liberalidade com que M. Champolion-Figeac, Conservador dos Manuscriptos da Bibliotheca Real de Pariz, pôz á nossa disposição o Codice que as encerra, e a M. Naudet, sabio Director d'este magnifico estabelecimento, que promoveo que a licença nos fosse concedida para o darmos ao publico.

As obras d'ElRei Dom Duarte, que se contèm neste volume, são pois importantissimas, pela época em que forão escriptas, pelo autor que as compoz, e pelas materias que encerrão. Pela época, por serem o mais antigo monumento da nossa lingua que temos em corpo d'obra (1); pelo autor, porque foi indubitavelmente o mais sabio Soberano do seu tempo, e se nos não enganâmos, o unico autor entre os Monarcas seus contemporaneos, como mostraremos adiante; e pelas materias, porque maximas de philosophia moral que um Rei compõe nos momentos vagos que lhe permitte o cuidado da administração dos seus povos, devem ser de mui interessante lição, porque á theoria dos principios junta a sancção da prática, e o merecimento não vulgar, e o peso da autoridade da penna illustre que os escrevêra, como mui judiciosamente observa o benemerito autor do artigo inserto nos Annaes das Sciencias. Com effeito não nos consta que os dous Soberanos que imperavão em Allemanha no tempo d'ElRei Dom Duarte, a saber os Imperadores Roberto, e Segismundo, compozessem obra alguma scientifica, posto que o primeiro tivesse grandes talentos e saber, e o segundo fosse dotado de grande engenho; tam pouco podémos descobrir producção alguma d'Alberto d'Austria, Rei d'Hongria, nem deparámos com noticia alguma que nos indicasse, que Henrique V d'Inglaterra tivesse composto alguma obra, apezar das suas eminentes qualidades, nem tam pouco ElRei Dom João II de Castella. Pelo que respeita a Carlos VII, Rei de França, basta lêr a historia para

---

(1) Fernão Lopes, só escreveo as Chronicas por ordem d'este mesmo Soberano, como se vê da Carta de 19 de Março de 1434 (*vide* Confirmação do Senhor Rei Dom Affonso V de 3 de Junho de 1439, liv. 19 da Chancellaria d'este Rei, fol. 22, no Real Archivo da Torre do Tombo).

vêr-mos a impossibilidade de se occupar de producções litterarias. Um só Principe d'aquella época póde em certo modo ser comparado com o Senhor Dom Duarte, resultando d'esta comparação uma evidente superioridade da parte do nosso sabio Monarca. Cosme de Medicis, é o Principe a que alludimos.

O Senhor Dom Duarte tinha como aquelle Principe não só o gosto, e amor do estudo, mas além d'isso compoz um grande numero de obras, o que não fez o seu illustre contemporaneo. Do mesmo modo que Cosme de Medicis juntava em torno de si os homens instruidos, ElRei Dom Duarte nos mostra no *Leal Conselheiro* que praticava o mesmo systema. Se Cosme de Medicis não se poupava a despezas para alcançar os bons livros, ElRei Dom Duarte imitava aquelle Principe, como se vê pelo Catalogo da sua Livraria, e pela citação de muitas obras de que faz menção no Leal Conselheiro, e em outros de seus escriptos; e se o sabio Principe Florentino lançou os fundamentos da Bibliotheca conhecida hoje com o nome de *Laurenciana*, o Monarca portuguez lançou tambem os da primeira Bibliotheca Real em Portugal; finalmente se Cosme de Medicis protegeo por modo tão destincto as lettras e as sciencias, deve attender-se a que ElRei Dom Duarte fez muito mais, relativamente fallando, do que aquelle illustre restaurador das lettras, pois o Monarca portuguez viveo apenas trinta e sette annos, tendo reinado só cinco, e Cosme de Medicis viveo settenta e cinco annos, tendo governado trinta e quatro (1).

A erudição do Senhor Dom Duarte era pasmosa para o seu tempo e para a sua idade.

Os nomes dos AA. por elle citados só no Leal Conselheiro provão a sua lição, e nos dão uma idéa dos livros de que se servião os nossos sabios nos principios do seculo xv°.

A erudição que o Senhor Dom Duarte tinha dos Livros Santos, e dos PP. da Igreja era immensa, nos seus poucos annos, e na sua qualidade de Principe, pois cita a cada passo o antigo e novo Testamento (e com predilecção Salomão e S. Paulo (2)), S. Gregorio, S. Agostinho, S. João

---

(1) Veja-se o que dizemos em a nota 2, pag. 352.

(2) Veja-se a nota da pag. 2, e 83.

Cassiano, S. Bernardo, S. Thomaz d'Aquino, S. João Climaco, S. Isidoro de Sevilha, e outros. A leitura das obras, que damos ao publico, mostra que este Principe era igualmente instruido na lição dos livros da antiguidade classica, e que o seu espirito estava recheado das maximas, e principios de Platão, e d'Aristoteles, de Cicero, de Seneca, e outros; vendo-se todavia a grande predilecção que tinha pelas obras do philosopho de Stagira.

Não era menor a lição que tinha dos AA. estrangeiros que escrevêrão durante a Idade Media, e que conhecia os mais notaveis, pois cita muitas vezes as obras de Boecio (1), de Fr. Gil de Roma, o Livro da arvore das Batalhas d'Honorato Bonet, Hugo de S. Victor, o célebre encyclopedista Vicente de Beauvais, Raimundo Lullo, o Livro do Amante, André de Pace, as de Ludolfo Cartuziano, as de João de Lignano (2), e até das obras dos AA. arabes tinha algum conhecimento pelas traducções (3); mostra-se finalmente que o Senhor Dom Duarte conhecia todas as obras d'ElRei Dom Affonso o sabio de Castella (4), pois sem as citar designadamente, diz todavia: « *e aquel honrado Rey estrollogo quantas multidões fez* » *de leituras.* »

Além dos AA. citados pelo Senhor Dom Duarte, que acima mencionámos, indica-nos outros inteiramente desconhecidos dos bibliographos, até mesmo do laborioso autor da *Bibliotheca Luzitana*, como são o Livro de *Martim Pires*, o Tratado da Montaria composto por ElRei Dom João I, o de bem administrar as rendas do Estado, composto por um certo Bernardo, um Conselho escripto por Fr. Gil Lobo, seu confessor, um Tratado de Ideologia, e varios outros (5). O conceito como litterato que ElRei Dom Duarte merecia entre a sua familia se manifesta por outra parte, vendo-se que seu illustre irmão o Infante Dom Pedro lhe dedicára

(1) Veja-se o que dizemos em a nota 2 a pag. 290.

(2) Veja-se a nota de pag. 242, e 409.

(3) Veja-se o que dizemos em a nota 1 de pag. 344.

(4) Veja-se o texto a pag. 169, e nota 1.

(5) Veja-se a nota 2 da pag. 436.

as suas traducções de Cicero : *De officiis*, e a de Vegecio : *De Re militari* (1). E não era menor o que gozava entre Litteratos e Theologos, pois uns lhe submettião suas obras para as corregir no que respeitava á linguagem, entrando neste numero o Doutor Diogo Affonso Mangancha, e a outros dava themas para sermões, como foi o das exequias d'ElRei seu pai, e do Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira (2).

Se a obra d'ElRei Dom Duarte nos dá uma idéa dos Livros principaes de que se servião os nossos sabios antes da chamada restauração das Lettras (3), ella não nos offerece menor interesse no que respeita aos costumes, e usos dos Portuguezes nos principios do seculo xv°, á maneira de viver dos Principes portuguezes d'aquella época, da sua educação litteraria, das suas relações com os homens instruidos, por ultimo d'outras particularidades de grande momento, e curiosidade, sobre as quaes chamámos frequentes vezes a attenção do leitor em as notas.

Pelo que respeita á lingua é este o mais precioso thesouro que nos resta d'aquella idade; pela multiplicidade de materias que trata seu illustre Autor, e de que não fallou nenhum outro escriptor; pela polidez, nobreza, decencia, gravidade de suas expressões e discursos, em que sobreexcede os escriptores do tempo d'ElRei Dom Manoel; pelo conhecimento que tinha, não só da lingua materna, mas da latina, e d'outras da Europa; pelo cuidado com que fixa muitas vezes as significações das palavras e sua synonymia; pelo estylo facil, cavalheiro, quasi sempre didactico e proverbial, mas algumas vezes familiar e engraçado, e sempre acompanhado de clareza d'idéas, penetração d'espirito, agudeza d'engenho, e d'um cunho d'elevação d'alma, bondade de indole, e grandeza de coração, qualidades que difficilmente se encontrarão reunidas

---

(1) Veja-se Barboza, Biblioth. Luzit., artigo *Infante Dom Pedro*.

(2) Veja-se o texto a pag. 324, e 336, e Barboza no Catalogo de suas obras.

(3) Sobre este importante assumpto o leitor deverá confrontar a lista dos AA. que acima citámos, e de que ElRei Dom Duarte se servio, com os citados por Azurara na *Chronica da Conquista de Guiné*, e que igualmente indicámos na Introducção que fizemos áquelle livro, pag. IX e X.

em um mesmo escriptor (1). Finalmente o *Leal Conselheiro* é um livro para se estudar, sem cujo conhecimento, nem a lingua, nem os costumes d'aquella época se poderao justamente apreciar. Seria portanto empreza temeraria, e não menos difficil, apontar ao leitor todos os passos importantes que encerra, que só pela leitura, e notas que os acompanhão, se podem bem julgar (2).

O Livro da Ensynança de bem cavalgar toda sella é tambem precioso, porque ainda mais se devisa o illustre mestre da arte nas regras que estabelece, e na discussão d'ellas transluz o philosopho, mostrando-se na ligação de todas o Escriptor habil, elevando ElRei Dom Duarte um assumpto tal até á dignidade da penna de um philosopho, recorrendo sempre ás causas moraes para explicar os effeitos physicos. Esta producção é não sómente mui methodica, mas o que é mais digno de admiração, é que a sua leitura nos mostra que ElRei desde a sua mocidade se guiava nas suas composições pelos principios da alta philosophia. Apezar d'isto como o illustre Autor era dotado d'uma grande e exemplar modestia, não levando em conta que a arte da equitação tinha sido em todos os tempos cultivada pelas personagens do nascimento mais illustre, e de que os Gregos tinhão composto tratados sobre esta materia, e entre estes o célebre *Xenophonte*, temendo que o não arguissem de ter composto uma obra sobre este assumpto, justifica-se nobremente, lembrando que *Cesar* tinha como elle, nos momentos vagos, recorrido ao estudo, e composto

---

(1) Veja-se pag. 28, 56, 103, 150, 360, sobre a lingua; 10, 33, 67, 141, sobre a polidez; 168, 169, sobre as linguas que sabia; 78, 79, 115 até 130, 141, 245 a 248, sobre o estylo.

(2) Os lugares que nos parecêrão mais notaveis são os seguintes: O Prologo, ou Dedicatoria á Rainha, pag. 1; a descripção que faz dos estados, pag. 31 e 32; a recommendação sobre a leitura dos bons livros, pag. 75; qual era sua vida em quanto se preparava a expedição de Ceuta, pag. 116 a 119; o que diz a respeito das liberdades da Igreja, pag. 209; o capitulo da amizade, pag. 245 a 248; tudo o que diz a respeito da prudencia, pag. 290, e seguintes; a prática que tinha com ElRei seu Pai, pag. 438, e seguintes; a traducção em verso da Oração *Justo Juiz*, pag. 478; da guarda da lealdade, na conclusão, pag. 491.

Memorias. Resta-nos a este respeito recommendar ao leitor curioso que compare esta obra do nosso illustre Monarca, não só com as do mesmo genero que nos restão da antiguidade, e da Idade Media, mas tambem com a do Florentino *Fiaschi*, que escreveo no XVI° seculo, com a mais moderna do Marquez de *New-Castle*, e finalmente com a do P[e] Honorato de Santa Maria (1), para melhor a appreciar segundo a época em que foi composta. Trataremos agora do Codice em que se encontrão as duas obras, que hoje vêem pela primeira vez a luz publica.

É o Codice 7007 um volume de folio magno, escripto em optimo pergaminho, e em gothico, com 128 folhas, ou 255 paginas, e cada pagina em duas columnas. Acha-se encadernado em marroquim encarnado com as armas de França, encadernação mandada fazer em tempos modernos, que nos prova que este Codice pertence ao *fonds du Roi*. Este manuscripto é uma copia, mas em nosso entender a copia authentica que o illustre Autor mandou tirar debaixo das suas vistas, e talvez a mesma que dedicou á Rainha Dona Leonor sua esposa; tanto mais que é feita com a maior perfeição e luxo, vendo-se que fôra conferida com o maior escrupulo, como se mostra d'algumas palavras essenciaes ao sentido, e até lettras, que o copista por engano varias vezes tinha omittido, as quaes se vêem escriptas com a mesma tinta, e com o mesmo caracter entre as linhas do texto. Não se encontrão nem raspadellas nem emendas, a não serem as que acabâmos de notar. As lettras capitaes, ou iniciaes em principio de cada capitulo, são admiravelmente desenhadas, e illuminadas com primorosas cores, muitas vezes recamadas d'ouro, e cujos accessorios occupão pela maior parte toda a extenção da columna em que o capitulo principia (2), como o leitor verá no *fac simile* da primeira que o benemerito editor fez gravar, fazendo nisto mais um serviço, pois o mesmo *fac simile* nos mostra quanto entre nós a calligraphia, e

---

(1) Dissertazioni istoriche e critiche sopra la cavalleria antica e moderna. Brescia, 1761.

(2) A execução calligraphica d'este Codice é mui superior á do Codice que encerra a *Chronica da Conquista de Guiné* por Azurara.

arte da illuminação dos pergaminhos estava levada a grande perfeição em Portugal muitos tempos antes que ElRei Dom Manoel subisse ao trono, e que por sua ordem se executassem os admiraveis Codices dos Brazões que se conservão no Real Archivo da Torre do Tombo, e em poder do Armeiro Mór, bem como os sumptuosos Livros chamados de *leitura nova;* mostra finalmente quanto esta arte se achava entre nós aperfeiçoada antes do nascimento do célebre Perugino, mestre de Raphael, e do nosso Gram Vasco (1); pois a nosso vêr este Codice foi escripto entre os annos de 1428, e 1437, visto que tendo sido trasladado a rogos da Rainha, só isto poderia ter logar depois do primeiro anno, que foi o do seu casamento, e o de 38 que foi o da prematura morte d'ElRei. Não foi o Leal Conselheiro composto antes de 1422, pois que o A. trata da morte d'ElRei Henrique V d'Inglaterra.

Ignorâmos inteiramente quando, e por que modo, este precioso Mss. portuguez veio parar a França. A historia da peregrinação dos manuscriptos é muito curiosa, mas é tambem mui difficil de fazer. Seja-nos porém permittido aventurar a este respeito uma simples conjectura, a qual poderá talvez abrir caminho a outros investigadores, que tenhão mais meios do que nós para resolverem este problema.

Convencidos como estamos de que o Codice, de que se trata, é o mesmo exemplar que ElRei Dom Duarte déra á Rainha Dona Leonor sua mulher, pois até no fim do Leal Conselheiro, se lê: D. EDUARDUS, que posto não seja a assignatura autographa, por ser escripto em capitaes gothicas e illuminadas, com tudo por esta circumstancia, junta ás que acima referimos, nos parece não poder duvidar-se de que fôra mui provavelmente esta copia feita debaixo das vistas do seu grande autor, e collacionada com o original. Pensâmos pois que não havia cousa mais natural do que esta Princeza têl-o sempre conservado em seu poder, levando-o assim

(1) Perugino nasceo em 1446. Veja-se a nossa obra intitulada: « *Notice sur quelques* » *manuscrits remarquables par leurs caractères et par les ornements dont ils sont embellis,* » *qui se trouvent en Portugal,* » noticia que publicámos no vol. XII das Memorias da Sociedade Real dos Antiquarios de França.

para Castella quando se retirou para aquelle reino, em razão dos acontecimentos que sobrevierão depois da morte d'ElRei seu marido; e que depois da morte d'esta Princeza, occorrida em Toledo a 19 de Fevereiro de 1445, o nosso Codice passasse para outras mãos, e de Bibliotheca em Bibliotheca viéra parar á de Pariz: na qual, pela liberalidade inimitavel com que os thesouros que possue são como o patrimonio commum dos sabios e dos estudiosos que d'elles se desejão aproveitar, nos foi permittido não só consultál-o, mas têl-o em nosso poder, e confiál-o ao zeloso Editor debaixo de nossa responsabilidade, concorrendo por todos os modos possiveis para que a Nação recobrasse impresso, e accessivel a toda a gente este precioso monumento da sua litteratura, que é ao mesmo tempo o unico tratado de philosophia moral que possuimos do seculo xv°, finalmente uma obra escripta, e composta por um dos seus mais illustres Monarcas, e que fôra um dos mais eminentes e sabios do seu tempo.

V. de S.

Pariz, 28 de Março de 1843.

CATALOGO DAS OBRAS

QUE ELREI DOM DUARTE COMPOZ.

Impressas.

1º Papel que escreveo, quando seus irmãos forão a Tangere — 7 paginas em-4º.

2º Conselho que deo ao Infante Dom Henrique, quando foi com uma armada sobre Tangere — 1 ½ paginas.

3º Motivos que teve para fazer a guerra — 2 paginas.

4º Lembrança que escreveo do nascimento de seus filhos — 8 artigos, todos em 17 linhas.

5º Observação da Lua — 5 linhas.

6º Cousas de que foi requerido nas primeiras Côrtes que fez em Santarem — 1 pagina.

7º Cousas que pertencem ao bom Capitão — 2 linhas escriptas em latim.

8º Observação sobre as côres de pedras de mina de metal — 27 linhas.

9º Lembrança ácerca dos premios devidos a certas classes de creados, etc. — 13 linhas.

Todos estes pequenos escriptos se achavão no Livro que se conservava na Cartuxa d'Evora d'onde os fez copiar o Conde da Ericeira, e se achão hoje impressos por Souza no Tomo Iº das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, pag. 529 e seguintes.

OBRAS MANUSCRIPTAS DO MESMO MONARCA.

1° Tratado do bom governo da justiça e dos officiaes d'ella, escripto em *latim*.

2° Leal Conselheiro, de que dérão noticia todos os que mencionárão as composições d'este Soberano, sem todavia o terem visto, excepto Dom Antonio Caetano de Souza que encontrou separados 4 capitulos d'esta grande obra, e que os publicou na Prova n° 41 da sua Hist. Geneal. e são os seguintes — O cap. I: *Da Repartição do entendimento.* O cap. XCIV: *Observação do modo que deve ser a lição dos Livros.* O cap. XCVIII: *Do modo com que elle e seus irmãos se havião com ElRei seu Pai.* Finalmente o cap. XCIX: *Observação sobre o modo que se deve ter na versão da mesma lingoa para outra.*

3° Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella — de cuja obra não se encontrou em Portugal até hoje nem mesmo um só fragmento do texto, que damos pela primeira vez *completo*.

4° Da Misericordia.

5° Summario que sendo Infante deo a M^e Francisco para prégar do Condestavel.

6° Memorial para Fr. Fernando ordenar a Prégação das Exequias d'El-Rei Dom João I, seu Pai. Principia: *Fr. Fernando, pensei na attenção do sermão, que no saimento, Deos querendo, me dissestes, que haveis de fazer, e occorreo-me o que se segue.*

7° Regimento para apprender a jogar as armas. Principia: *A hora de terça leva alguns dias*, etc.

8° Resposta, sendo Principe, ao Infante Dom Fernando *sobre algumas queixas que elle tinha de seu Pai.*

9° Padre nosso glozado. Principia: *Padre nosso, Alto em a creaçom, Manso em amor, Rico em herdades.*

10° Como se tira o Demonio.

11° O que se toma dos Parentes, Patria, leite. Principia : *Da Terra, Compriçom*, etc.

12° Que cousa seja Detracção. Principia : *O Detrahidor, Maldizente*, etc.

13° Ordenações sobre as cousas domesticas, e a ordem que tinha no governo e despacho Principia : *Por que vos parece que dar ordem as audiencias, e repartir os tempos*, etc.

14° Um Tratado sobre as valias do pão, conforme as valias do trigo.

Vê-se pois do que podêmos colhêr dos AA. que fizerão menção das obras do Senhor Rei Dom Duarte, que este Principe compoz entre tratados, e escriptos avulsos, só dos que chegárão á noticia d'aquelles AA. vinte e tres; a maior parte dos quaes se achão transcritos, ou recopilados no Leal Conselheiro.

MEMORIA

DOS LIVROS DO USO D'ELREI DOM DUARTE,

A qual está no Livro antigo da Livraria da Cartuxa d'Evora, d'onde a fez copiar o Conde da Ericeira, Dom Francisco Xavier de Menezes, e que se acha impressa no 1° vol. das Provas da Historia Genealogica, pag. 544.

O Pontifical.
Marco Paulo, latim e linguagem em 1 vol.
Viatico.
Collações, que escreveo João Rodrigues.
Miracula Sanctorum.
Blivia (Biblia).
Breviario.
Collações, que forão do Arcebispo de S. Thiago.
Dialectica de Aristoteles.
— de Avicena.
Valerio Maximo.
Epistolas de Seneca com outros Tratados.
Regimento de Princepes.
Pastoral de lettra antiga.
Declaraçom sobre as Epistolas de Seneca.
Agricultura, que foi de João Pereira.
Livro da quinta essencia.
Hum livro pequeno que começa : *Si cupis esse memor.*
Outro dito que começa : *Domino meo illustri potenti domino comiti Nicolao de Petraldo.*
Os Cadernos da Confissão que escreveo João Calado.
O Livro dos Evangelhos.
Actos dos Apostolos.
Genesy.

Historia Geral.
O Livro de Salomão.
Chronica d'Espanha.
Dita de Portugal.
Livro dos Martyres.
Livro do Tristam.
O Amante.
Livro de Montaria, que compilou o virtuoso Rei Dom João.
Merli.
Regimento de Principes.
Segredos dAristotiles.
O Livro de Galaaz.
O Livro de Cetraria por Castelão (em Castelhano).
O Livro das Trovas d'ElRei Dom Diniz.
Livro da Corte Imperial.
Livro de Lepra.
Livro de Logica.
Livro das Pregações.
Livro das Meditações de S. Agostinho, e das Confissões.
Caderno das Commemorações.
Livro das Oras do Espirito Santo.
Cadernos das cidades e villas de Portugal.
Livro da virtuosa bemfeituria.
Livro das Ordenações dos Reis.
Livro dos Officios da Casa dalgum Rei.
Bartolo.
Marco Tulio, o qual tirou em linguagem o Infante Dom Pedro.
Livro da guerra.
Livro do Conde Lucanor.
Julio Cezar.
Conquista dultra mar.
Livro da Cetraria, que foi d'ElRei Dom João.
Orto do Esposo.

Agricultura, que foi d'ElRei D. João.

Arvore das Batalhas.

Marco Tulio.

Livro das Trovas d'ElRei Dom Affonso, encadernado em couro, o qual compilou F. de Montemor novo.

Valerio Maximo em Aragões (em Aragonez).

Guerra de Macedonia.

O Livro da Romaquya.

Capitulos que ElRei Dom Duarte fez quando em boa hora foi Rei.

Livro de Montaria por Castelão (em Castelhano).

Livro de papel velho que falla dos custumes dos homens, e doutras cousas.

O Acypreste de fysa.

O Livro dAnibal por Portuguez (em Portuguez).

Livro de Montaria.

Hum Livro das Meditações de S. Agostinho, que trasladou o moço da Camera.

Hestoria de Troya por Aragões (em Aragonez).

Livro de Rumelião.

Livro dEstrologia.

Livro de rezar d'ElRei em que está a confissão geral.

Livro das Trovas d'ElRei.

Livro dos Padres Santos, que foi de João Pereira.

Livro da primeira partida.

Dous Livros de Martim Pirez.

As Collações de letra pequena.

Livro de Cavalgar, que ElRei Dom Duarte compilou.

PROLOGO DO EDITOR.

« As antiguidades (d'um Povo) não podem ser cabalmente investigadas sem um » perfeito conhecimento da sua linguagem, nas varias épocas de sua existencia. »

MEM DE LITTER. PORTUG. — Tomo 1º no Prologo.

Possuidos d'esta importante verdade, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa estampou no Prologo do primeiro tomo das Memorias de Litteratura Portugueza, por ella publicadas; desejosos de tirar do pó d'uma livraria estranha um livro composto pelo eloquente Rei, que outr'ora illustrára Portugal com suas lettras e relevantes virtudes; e convencidos que nenhum outro d'aquella idade offerece tão vasto campo ás investigações philologicas de nossa lingua, e ao estudo de nossos antigos usos e costumes, emprehendemos primeiramente o traslado, e logo a publicação do LEAL CONSELHEIRO e do LIVRO DA ENSINANÇA DE BEM CAVALGAR TODA SELLA, tratados compostos por ElRei Dom Duarte, e juntos em um só Codice, que ora temos a fortuna de offerecer a nossos leitores.

Quem fosse ElRei Dom Duarte, considerado como litterato, e o que seja o Leal Conselheiro, sábia e eruditamente o mostrou o Illmo e Exmo Senhor Visconde de Santarem na Introducção que precede; não é pois d'este assumpto que nos cumpre fallar, mas sómente dar conta a nossos leitores do modo como nos houvemos no traslado, e do fim que tivemos nas notas que lhe juntámos.

Seguindo o systema, que o douto Abbade Correa adoptára na publicação dos Inéditos, que è o do Archivo real da Torre do Tombo, posèmos por extenso todos os breves do Codice; separámos as palavras dos

artigos e das preposições, e assim mesmo d'outras palavras, a que muitas vezes estavão juntas; supprimimos as consoantes dobradas no começo das dicções, ou depois d'outra consoante; conservámos porèm as vogaes dobradas por serem signal de pronuncia longa ou grave, na falta d'accentos vogaes ou prosodicos, de que os nossos antigos carecião; substituímos os *vv* aos *uu*, e os *jj* aos *ii*, e *vice versa*, sempre que o caso o exigia; conservámos todas as desinencias, que representavão algum soïdo ou pronuncia d'aquelle tempo, ou que erão inflexões verbaes da antiga linguagem; e finalmente, démos á pontuação aquella regularidade, que o estylo do autor comportava, e que era mais conforme com as regras da grammatica geral, desprezando a do Codice, que sobre irregular é por vezes erronea, como vimos pela confrontação de varios Capitulos com o texto latino, de que erão traducções. Em tudo buscámos tornar o mais facil possivel a leitura e intelligencia dos escriptos do Rei eloquente, sem com tudo os desfigurar, antes conservando no transumpto todas as feições de sua linguagem e locução (1).

Anotar cabalmente as obras d'ElRei Dom Duarte seria empresa mui superior á nossa capacidade, e por ventura para mais d'uma habil penna. O theologo, o philosopho, o moralista, o historiador, o antiquario, o philologo, ahi acharião abundante materia para suas investigações; não se nos attribua pois esta pretenção, que por certo não tivemos; fizemos sim algumas notas, que Ex^{mo} Senhor Visconde permittio que misturassemos com as suas, as quaes posto que numerosas, pois passão de 460, não tiverão outro fim senão, em primeiro lugar aclarar a mente do sabio Rei, e facilitar a intelligencia de seus ditos e linguagem; e em segundo lugar, mostrar que os archaïsmos, que em suas obras se lêem, erão pela maior parte ainda usados no tempo d'ElRei Dom Manoel.

Para conseguir este duplicado fim, fizemos diligencia por explicar algumas palavras e phrases, hoje totalmente esquecidas, fixando a signi-

---

(1) Veja-se o *fac simile* no começo da Obra, e compare-se com o impresso.

ficação d'outras, de que os nossos diccionarios são escassos, ou de todo fallecem; comparámos muitas vezes a linguagem do Principe philologo com a dos mais notaveis escriptores, que o precedêrão e seguírão, e com varios documentos importantes d'aquella época, que são os fieis depositarios da lingua materna, começando pelo Cancioneiro do Collegio dos Nobres (1), que se crê composto em tempo d'ElRei Dom Deniz, ou talvez antes, seguindo pelos Capitulos das antigas Cortes, os Documentos appensos ás Memorias da Academia, Fernão Lopes, Azurara, etc., etc., insistindo especialmente no Cancioneiro de Resende, e obras de Gil Vicente, por serem riquissimo thesouro da linguagem e costumes d'aquella idade; e d'esta comparação resultou não só utilidade para a intelligencia do Leal Conselheiro, mas certa noticia comparativa de linguagem antiga, que não desagradará aos que amão este genero de litteratura (2).

Como no Leal Conselheiro se achassem muitos Capitulos que erão traduzidos d'obras latinas, recorremos sempre aos originaes para os confrontarmos com as traducções, transcrevendo muitas vezes o texto, e o mesmo fizemos com as passagens da Sagrada Escritura, não tanto pela curiosidade de ver como nossos antigos entendião e traduzião o latim, senão para fixar a significação de muitos vocabulos obsoletos, pela confrontação das dicções latinas a que então correspondião. Este trabalho não foi sem fructo, como se póde ver dos Capitulos RVII, LXXXVI, LXXXVIII, e LXXXIX; accrescendo de mais a mais a vantagem de corrigir muitos descuidos e erros do amanuense, e até restabelecer o texto por vezes alterado, ou pelo menos signalar algumas omissões e inexactidões, que só por este meio se poderião descobrir e remediar.

---

(1) Este Cancioneiro foi impresso por Lord Stuart em 1823 em Pariz, e como tal o citâmos sempre. Vej. a nota 1 da pag. 35.

(2) Em todas as passagens que transcrevemos conservámos fielmente a orthographia e pontuação do texto; assim que, não se admirem os leitores de ver no Cancioneiro de Lord Stuart pontos em lugar de virgulas, e nenhuma virgula no Cancioneiro de Resende, porque assim são escritos. Posémos sómente versaes onde cumpria.

Finalmente, para completar esta pequena tentativa ácerca dos archaïsmos de nossa lingua, ajuntámos no fim um Glossario das palavras e phrases antiquadas e obsoletas, que nos dous tratados se encontrão, com mandas, ou citações remissivas ao corpo da obra (1), não só para commodidade do leitor, mas (se a tanto nos é permittido aspirar) para servir como de clave á linguagem d'aquella idade para sempre digna de nossa admiração e de nosso estudo! Idade vigorosa, de costumes austeros, em que os Portuguezes, mais briosos que facundos, concentrados em si mesmos, formárão aquella admiravel escola, d'onde saírão os Barões assignalados, que assombrárão o mundo com seus feitos, arvorando triumphantes as quinas lusitanas, em mar e terra, desd'o Tejo até ao Ganges!!

Declarâmos não ter tido intenção de defender, e menos de combater nenhum systema ou opinião ácerca da origem e filiação de nossa lingua. Se alguma vez recorremos aos Diccionarios ou Vocabularios dos differentes idiomas da Europa latina, não foi porque supponhamos o nosso secundario, e menos bem dotado do que elles, senão porque, sendo tão parecidas suas feições, tão similhante seu genio, e tão communs entre si muitos vocabulos e locuções, desejámos signalar estes factos para maior extensão de nossas investigações, aproveitando ao mesmo tempo estas provas subsidiarias onde faltavão as positivas tiradas de nossos escriptores.

A todas as difficuldades philologicas do Leal Conselheiro démos solução, senão d'um modo terminante e positivo, ao menos plausivel e provavel; já não assim pelo que pertence ao Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella, o qual por conter preceitos e regras d'artes totalmente esquecidas, e de que nossos escriptores não fallárão, como são a luta, a justa, o torneio (2), e serem além d'isso materias para nós es-

---

(1) Advertimos que no Glossario se encontrão duas sortes de citações; n'umas indica-se simplesmente a pagina, e n'outras diz-se: Vej. pag. —; estas querem dizer que no texto ha uma nota, que é necessario ler para cabal intelligencia da palavra ou locução; naquellas aponta-se o lugar em que se acha a passagem citada.

(2) Se alguns de nossos antigos escriptores fallárão de torneios, justas, e luta, foi simplesmente fazendo a descripção d'estes jogos, com pouca miudeza, e nunca tra-

tranhas, não podémos descobrir a significação d'algumas palavras, posto que não muitas; isto não obstante sempre as posémos no Glossario, para que mais habeis esquadrinhadores possão algum dia descobrir-lhes o sentido, e fixar a sua significação. Não nos lisonjeâmos de ter sempre acertado, antes muitas vezes ficámos em duvida, o que facilmente se conhecerá pela maneira com que nos exprimimos, dizendo, *parece-nos*, *em nosso entender*; esperâmos pois que os litteratos, que lerem estas notas, não nos criminarão d'alguma interpretação inexacta, quando nós mesmos nos damos por suspeitos. Ao seu juizo submettemos tudo quanto havemos escrito, reservando sómente para nós a convicção de ter feito quanto em nós era para acertar.

Se da publicação do Leal Conselheiro alguma gloria póde resultar, reverta toda em honra do sabio, virtuoso, e eloquente Principe que o compoz, da Nação que teve a fortuna de o possuir, e das illustres e respeitaveis pessoas que se dignárão tomar parte nella por meio de suas subscripções, a quem por este modo testemunhâmos nosso sincero reconhecimento.

---

tando-os como artes, nem nos transmittindo seus preceitos e technologia; a qual, sem a publicação do Livro da Ensinança de bem cavalgar, ficaria para sempre esquecida, como o teria sido a da arte militar dos Romanos sem a publicação de Vegecio.

Pariz, 29 de Março de 1843.

José Ignacio ROQUETE.

Em nome de nosso senhor
Jhũ xpõ com sua graça. E de sua
muy sancta madre nossa senhora
sancta maria. ¶ Começasse
o trautado que se chama leal con
selheiro o qual fez. Dom Eduar
te pella graça de deus Rey de Por
tugal e do Algarve e Senhor de
Cepta. A requerimento da muy
to excellente Reynha dona leonor
sua molher

Muyto prezada e a
mada Raynha Se
nhora vos me req
restes que junta
mente vos manda
sse screver alguũas
cousas que anda
Scriptas per boo regimento de nossas
conciencias e voontades. E posto q
saibha graças a nosso senhor que de
todo avees muy comprido conheci
mẽto com virtuosa husança satis
fazendo a nosso deseio. Consijrey
que seria melhor feicto em forma
de huũ soo tractado com alguũs adi
mentos. E assi o fiz por vos cõprazer
e filhar eu no fazendo alguũ spaço de
cuidados com prazoado passamẽto de
tẽpo. E desi por sentir que pẽssando
como sobresto ey de screver saberia
mais desta moral e virtuosa sciencia.
E que me faça guardar de fazer cou
sas mal feitas por seerem contrairas
do que screvo. ainda que seia obra
pera eu fazer pouco pertecente posto
que a todos estados seia necessario
saber como devem seguir virtudes
guardandosse de pecados e outros
falicimentos. E desi por alguũs

Em nome de nosso Senhor Jhũ Xpõ, com sua graça, e de sua muy Sancta Madre nossa Senhora Santa Maria, Começasse o trautado que se chama Leal Conselheiro; oqual fez Dom Eduarte, pella graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta, a requerimento da muyto excellente Raynha Dona Leonor sua molher.

Muyto prezada e amada Raynha Senhora, vos me requerestes que juntamente vos mandasse screver algũas cousas que avia scriptas per boo regimento de nossas conciencias e vontades; e posto que saiba, graças a nosso Senhor, que de todo avees muy comprido conhecymento com virtuosa husança, satisfazendo a vosso desejo, consiirei que seria melhor feicto em forma de hũu soo tractado com algũus adimentos; e assi o fiz por vos complazer, e filhar em no fazendo algũu spaço de cuidados com razoado passamento de tempo. E desi por sentir que, pensando como sobresto ey de screver, saberia mȧis desta moral

e virtuosa sciencia, o que me fara guardar de fazer cousas malfeitas, por seerem contrairas do que screvo, ainda que seja obra pera eu fazer pouco perteecente, posto que a todos estados seja necessario saber como devem seguir virtudes, guardandosse de pecados e outros falicimentos; e desi por alguũs desta pequena leitura se poderem prestar, acrecentando em suas bondades com leixamento de muytos erros; porque das obras breves e simprezes, de nom grande entender e pouco saber, melhor aprendem que das sotil e altamente scriptas. E a nosso Senhor Deos em grande mercee teria, se de minha vida, feitos e dictos, muytos filhassem proveitosa ensinança, e nunca o contrairo, ca scripto he: Aquele, que faz o pecador em seu viver de maao caminho tornar, guãaça sua alma, e seerlheham cubertos e relevados gram multidom de pecados (1). E diz nosso Senhor daquel que guardar seus mandamentos, e os ensinar, que sera chamado grande no seu Reyno (2). Porem ainda que o meu carrego mais seja mostrar per obra e pallavra, alguma parte desejo cobrar de merecimento dos que fazem leituras de boas e virtuosas ensynanças, por tal que bem vivendo, per sua mercee, naquella conta podesse verdadeiramente ser contado. E porque o entendimento he nossa virtude muy principal, screvi del hũa breve reparticom, e o mais fuy ajuntando se-

---

(1) Esta maneira de citar as Sagradas Escripturas prova quanto a sua leitura era familiar não só a ElRei Dom Duarte mas á Rainha e mais pessoas da Côrte para quem escrevia. Deve pois advertir-se que todas as vezes que elle diz, *ca scripto he*, é a Escriptura que se refere. O texto a que aqui allude é o versiculo 20 do cap. V da Epistola de S. Tiago: *Qui converti fecerit peccatorem ab errore vitæ suæ, salvabit animam ejus à morte, et operiet multitudinem peccatorum.* (R.)

(2) *Qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno Cœlorum.* S. Matth., V, 19. (R.)

gundo melhor pude fazer. E por seerem algũas cousas sobre si tempo ha scriptas, nom levam tal forma como se todas juntamente sobreste proposito forom ordenadas.

Ainda que algũas rezoões vão dobradas, serame relevado, porque o faço querendo todo melhor declarar, avendo em tal leitura por menor falicimento dobrallas, que onde convem seer minguado no screver (1); desi porque de minha mão foy todo primeiro scripto (2), tirando as cousas de fora em el traladadas, dello tanto me nom guardey, tendo mais tençom de bem mostrar a sustancia do que screvia que a fremosa e guardada maneira descrever.

Podelloees (3), se vos praz, chamar leal conselheiro, porque ainda que me nom atreva certificar que da em todos boos (4)

---

(1) Por esta passagem nos mostra o autor que já nos principios do seculo XV° as repetições erão contrarias ás regras do estilo. (S.)

(2) Chamâmos a attenção do leitor sobre esta importante particularidade. Na verdade é para admirar vêr um Principe herdeiro da Corôa, criado nas fadigas das guerras do tempo da sua mocidade, e nas dos negocios, occupar-se não só da composição d'uma obra de philosophia moral, mas de mais escrevêl-a toda de seu proprio punho! (S.)

(3) *Podelloees*, podêl-o-heis. No tempo d'ElRei Dom Duarte, e ainda no d'Azurara, não estavão as linguagens dos verbos bem fixadas, especialmente nas segundas pessoas do plural, que ordinariamente fenecião em *ees*, *ades*, ou *edes*; mas no tempo de GIL VICENTE já tinhão mais regularidade e fenecião, como hoje, em *eis* ou *ais*: na Farça intitulada, O JUIZ DA BEIRA, se lê:

« Boa concrusão trazeis.
» Que he o que vos quereis?
» Que o mandeis vir aqui
» Preso, e que o castigueis. »

Tomo III, pag. 169. Hamburgo, 1834. (R.)

(4) A orthographia d'esta palavra é tão incerta entre os nossos antigos escritores, como é duvidosa a sua pronúncia. No Leal Conselheiro, e mais obras d'ElRei Dom Duarte, encontra-se constantemente escrita como aqui se lê *boos*, sem til, nem accento, ainda que no singular se acha alguma vez *bom*, o que torna incerta a pronúncia, e faz sus-

conselhos, sey que lealmente he todo scripto, quanto meu pequeno saber, embargado em todo geeral regimento de justiça, conselhos, e todas outras proveenças (1) de meus Reynos e Senhorio, pode percalçar para poer tal obra assi brevemẽte em scripto; porque algũas cousas se podem razoar que nom som taaes para screver.

---

peitar que haveria omissão do til no plural, que neste caso como em outros muitos é abreviatura do *n;* Gomes Eanes d'Azurara na Chronica de Guiné escreve umas vezes *boos*, outras *boõs*, cuja orthographia adoptámos nas correcções d'aquella obra por ser a mais frequente ; porèm se a consonancia da rima póde servir de regra para fixar não só a orthographia, mas a pronúncia d'uma palavra sobre que ha dúvida, inclinâmonos a crer que esta palavra se escrevia com dous *oo*, os quaes segundo a orthographia de Duarte Nunes de Leão se devem pronunciar com um som forte, e como se hoje escrevessemos *ós* ou *ôs* com accento agudo ou circumflexo ; que de *boos*, se passou a *bõos*, e depois a *bons*, a qual maneira d'escrever é constantemente seguida por Camões. A consonancia da rima em que nos fundâmos, alèm d'outras que não citâmos, é a seguinte que se lê em GIL VICENTE :

« Eu e estes homens bòs
» Iremos lá e veremos nós. »

Farça do Juiz da Beira. Tomo III, pag. 169.

Esta nossa conjectura funda-se na supposição de que o Editor das obras de GIL VICENTE, publicadas em Hamburgo em 1834, conservou fielmente o texto primitivo do Plauto portuguez. (R.)

(1) Esta palavra, que significa providencia ou previdencia, é da lingua romana com uma ligeira alteração na orthographia ; desde *Jean de Meung* até *Amyot* se acha usada com frequencia, e escrita umas vezes *Provance*, outras *Proveance* : citaremos uma passagem d'aquelle notavel Romancista do XIII° seculo :

« Mais de ce monde l'ordenance,
» Que Dieu par sa grant *proveance*
» Vault establir et ordenner,
» Ce convient-il à fin menner. »

Roman de la Rose.

Veja-se o *Gloss. de la Langue Romane* de Roquefort. (R.)

E filhayo (1) por huũ A B C de lealdade, ca he feito principalmente para senhores e gente de suas casas, que na theoria de taaes feitos em respeito dos sabedores por moços devemos seer contados, para os quaaes A B C he sua propria ensinança. E mais por o A se podem entender os poderes e payxoões que cada huũ de nos ha; e por o B o grande bem que percalçom os seguidores das virtudes e bondades; e por ho C

---

(1) Acceitai-o, recebei-o. Este verbo, a que nenhum dos nossos lexicógraphos fixou a origem, vem do italiano *pigliare* (que se pronuncía *pilhare*), mudado o *p* em *f*; era muito frequente entre os nossos escriptores do XIV° e do XV° seculo, e se acha por elles empregado em quasi todas as accepções que tem em italiano; para provarmos sua identidade nas duas linguas transcreveremos o que diz *Alberti* no seu Diccionario: « Pigliare, lo stesso che prendere, usandosi tuttaddue questi verbi negli stessi sensi, » e nelle stesse maniere; ridurre in sua podestà, o con violenza, o senza; la varietà » di quegli significati si distingue delle parole che gli accompagnano. *Prendre*, *saisir*. » § Pigliare, per accettare, ricevere; ed in questo significato dicesi anche pigliare in » buona ed in mala parte. *Prendre*, *recevoir*, *accepter*. » É justamente nesta accepção que aqui o emprega o Illustre Autor. Este verbo começou a caïr em desuso na épocha classica da nossa litteratura, e foi substituido pelo seu synonimo *tomar*. Em Gil Vicente não nos lembra de o ler, mas sim *tomar* em seu lugar; eis aqui duas passagens que o comprovão:

« Porque não se *tomão* trutas
» Assi a bragas enxutas. »

Tomo III, pag. 177.

« Daqui podeis vos *tomar*
» O melhor que vos vier. »

Tomo III, pag. 313.

Barros talvez só uma vez usa d'elle (Cão de *filhar*, 4, f. 129), serve-se sempre de *tomar*, e quando falla de tomar por força emprega mui assisadamente o verbo *prear*. Descrevendo o mesmo facto, que descrevêra Gomes Eannes d'Azurara, na Chronica de Guiné, em que empregára o verbo *filhar*, na accepção de agarrar, tomar por força, elle usa do verbo *prear* d'esta maneira: « E com tudo ainda *preárão* alguns. » Dec. 1, f. 16.

Em Camões são mui frequentes os exemplos. Nunca o Principe de nossos poetas usou d'este verbo, tão pouco usou d'elle Sá de Miranda; o que prova que já em seu tempo era desusado, e que com razão foi condemnado ao esquecimento. (R.)

dos males e pecados nosso corregimento. Porque destas tres partes mesturadamente, e nom assi per ordem, he meu proposito de mais trautar com devida protestaçom, leixando todo ao corregimento daquelles a quem perteecer, ca sobrello mais screvo por o que sinto e vejo na maneira de nosso viver que por studo de livros, nem ensino de leterados; e podesse (1) dizer de lealdade, ca per dereito conhecimento de nosso poder, saber, querer, memoria, entender, voõtade, seguindo e possuindo virtudes, e dos pecados e outros falicimentos com emenda nos avisando, se mantem a nosso Senhor Deos, e aas pessoas que se deve guardar. E porque ao presente de sua mercee tem esta virtude outorgada em estes Reynos, antre senhores e servidores, maridos e molheres, tam perfeitamente que outros nom sey nem ouço que mais e melhor della husem, dos quaaes pois elle de sa boa graça me outorgou principal regimento, me sinto muyto obrigado de a sempre manter e guardar a todos, e a vos mais por obrigaçom de grandes razoões, e requerimento de minha boa vontade; porem me praz assi della seer nomeado, por tal que o nome deste meu scripto concorde com a maneira em que por mercee do Senhor Deos me trabalho sempre viver.

Compre, para se melhor entender, de se leer todo de começo, passo (2), e pouco de cada hũa vez, bem apontado, estando

---

(1) Esta maneira d'escrever os pronomes encliticos com dous *ss* sem risca d'união era usada não só no tempo de Barros, que escreve *convertiasse*, *ouvesse*, etc., em lugar de *convertia-se*, *ouve-se*, etc., mas ainda entre os seiscentistas se encontrão muitos exemplos, especialmente no Castrioto Lusitano de Fr. Raphael de Jesus; depois escrevêrão-se com um só *s*, como se vê no Diccionario da Academia das Sciencias de Lisboa, e ultimamente com a risca d'união; e esta é a orthographia mais conforme á razão. (R.)

(2) Este adverbio, que hoje é desusado, ainda no tempo de GIL VICENTE era da

em razoado tempo bem despostos os que leerem e ouvirem, ca lendosse doutra guisa, entendo que aos leterados (1) parecera mais symprezmente feito, e aos outros nom tam boo dentender, porque taaes leituras aos que de semelhantes nom teem boo conhecimento mais som para serem ensinados que para despender tempo ou se desenfadar com o livro destorias, em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se nembrar. E posto que aa primeira pareça non sentirem proveito de o veer nem ouvir, saibbam que o leer dos boos livros, e boa conversaçom faz acrecentar o saber e virtudes, como crece o corpo, que nunca se conhece, senom passando per tempo : de pequeno que era se acha grande, e o delgado fornido; e assy com a graça do Senhor o boo studo, filhado com boa tençom, de simprez faz sabedor, do que bem nom vive, temperado e virtuoso. E de tal leer avemos tres proveitos : primeiro, despender aquel tempo em bem fazer; segundo, acrecentar em boa sabedoria; terceiro, por o cuidado, quando estever occioso, avendo lembrança do que leeo nam se occupar em alguũs nom boos pensamentos, ante retornando ao que aprender acrecentar em boo saber e virtudes.

Prazermia que os leedores deste trautado tevessem a maneira da abelha, que passando per ramos e folhas, nas flores mais costuma de pousar, e dally filha parte de seu mantimento; e nam sejam taaes como aquelles bichos que, leixando todas cousas limpas, nas mais çujas filham toda sua governança. E

---

linguagem ordinaria. Na Farça do AUTO DA INDIA diz a Criada chegando á janella : « Falae vos passo, micer. » Tomo III, pag. 35, Hamburgo, 1834. (R.)

(1) O illustre Autor impregava esta palavra no mesmo sentido que nós hoje dâmos á de sabios, e eruditos. (S.)

esto se diz porquanto alguũs vendo quaaesquer pessoas, ou leendo per livro aquellas cousas, consiiram em que possam aver boo exemplo, ensino e avisamento, e que achem e vejam falicimentos, passom per elles sempre reguardando no mais proveitoso e digno de louvor. E aquestes aa abelha devem seer apropriados, os quaaes, por acharem em esto que screvo algũa cousa que lhes praza, mais consiirem aa substancia e boa teençom que ao muyto saber nem forma de razoar, porque resguardando ao desvairo das pessoas em estado, entender e sotilleza, com desejo que razoadamente prouvesse aos mais que o vissem e recebessem alguũ boo conselho, lembrança ou avisamento, accordei de levar esta ordem descrever na geeral maneira de nosso fallar. Porem bem sey que algũa leitura nom pode a todos igualmente prazer, ca teem sobrello tanta diferença como no gosto das viandas, e ouvir dos soõs; e a que despraz a alguũs por lhe parecer scura, outros a julgam por simprezmente feita; e aos que falla contra seu proposito e maneira de viver pouco dello se contentom. E posto que a muytos esto nom praza, abastame que Nosso Senhor sabe mynha teençom, e que seja feito a nosso prazer. E tal trautado me parece que principalmente deve perteecer para homeẽs da corte, que algũa cousa saibbam de semilhante sciencia, e desejem viver virtuosamente, porque aos outros bem penso que nom muyto lhees praza de o ler, nem de o ouvir. E assy como se fazem freos de feições desvairadas, e os que hũas bestas nom enfream as outras som em elles bem aderençadas; semelhante se faz nas moraaes ensynanças, antre as quaes esta deve seer contada, e que a muytos por chãa ou algũa cousa scura nom praza, podera seer que alguũs por os ensinos e avisamentos, que, Deos querendo, em este trautado seram scriptos, de malfazer se refrearam, e para viver virtuosamente seram enduzidos; a qual

sperança nom pouco me acrecenta boo desejo de o trazer a proveitosa perfeiçom.

Da outra parte muytos som taaes como aquelles bichos que leixando toda cousa boa e bem feita, al (1) nom consiiram senom onde acharom que prasmem ou de que scarneçam, ca esto filham por seu mantiimento. E aquestes bem me prazeria que o nom leessem, conhecendo que neelle assaz poderom achar para usar de seus maaos costumes. E porquanto esto screvo, como dito he, por comprir vossa võotade com meu prazer e desenfadamento, querendo a alguũs aproveitar, e a nenguem empeecer de o leer e ouvir, bem seria que fossem scusados, porque som certo que veem poucas cousas nem obras de que lhe praza, nem recebam proveitosa ensynança; e semelhante fazem os mais de todos nos falecimentos em que muytos som derribados, e nas virtudes de que bem nom husam; porem seus juizos sobre taaes leituras nom devem seer creudos.

Fiz trelladar em el alguũs capitullos doutros livros, por me parecer que fariam declaraçom e ajuda no que screvia. E no começo d'elles se mostra donde cada huũ he tirado, filhando em esto exemplo daquel autor do livro do amante, que certas estorias em elle screveo, de que se filham grandes boos conselhos e avisamentos (2). E conhecendo meu saber para esto nom su-

---

(1) Esta palavra, que hoje só é usada no foro, e que já no tempo de CAMÕES começava a invelhecer, foi ainda empregada com bastante graça por GIL VICENTE na farça do AUTO DA LUSITANIA, onde diz o Licenciado:

« E pois o primor inteiro
» Nasce aqui em taes lugares,
» E todo o *al* he grosseiro,
» Não presuma o sovereiro
» De dar tamaras doçares. »

Tomo III, pag. 274. Hamburgo, 1834. (R.)

(2) É para sentir que o autor deixasse de indicar algumas vezes o nome dos autores

ficiente nom ey por empacho seer ajudado de taaes ditos, e seerem assy compridamente aquy tralladados, posto que o seu muy boo e fremoso razoar, no por mym scripto faça grande abatimento, porque mais quero aproveitar aos que o virem ca (1) encobrir esta mynguada maneira de meu screver (2).

---

dos livros que cita. Este silencio porém nos indica que a leitura do *Livro do Amante* era então mui seguida, que ElRei julgava sufficiente citar simplesmente o livro, pois todos os litteratos conhecião o nome do autor. (S.)

(1) Esta conjuncção com a significação de *porque*, ou sómente *que*, como depois usou Gil Vicente e Camões, mórmente nas clausulas de muitas de suas estancias, era commum ao dialecto castelhano e galliziano; correspondendo ao *car* francez, ao *quar* da lingua romana, e ao latim *quare*, *quia*, e *namque;* Duarte Nunes, e alguns outros escrevião *qua*, conformando-se mais com a etymologia. Alèm d'esta significação, que é assás conhecida, tinha tambem a de *que*, *do que*, ou *antes que* (*quam*, lat.), como conjuncção comparativa, que é a que ElRei Dom Duarte aqui emprega, e de que se encontrão muitos exemplos nos Documentos antigos, de que citaremos os seguintes: « Asy que parecia tall requerimento seer feito mais com jnpito e acata- » mento de pouca reverença, *ca* com zeello de justiça. » Vej. o Documento em J. P. Ribeiro, Dissert. Chron. e Crit., Tomo IV, Appendix nº VIII, pag. 160. — « E fazede vos em guysa em esto que entenda eu que avedes moor medo de mim *ca* » doutrem, *qua* se y al fezerdes pesarmya ende muyto. » *Ibid.*, Tomo III, Part. II, Appendix nº 35, pag. 88. Neste ultimo exemplo se reunem as duas significações, e os dous modos d'escrever a palavra, parecendo talvez que a orthographia diversa foi aqui de proposito adoptada para indicar a differença de significado. (R.)

(2) Em a nota 2 da pagina 3 fizemos notar ao leitor quanto era para admirar que um Principe na flor dos annos, e no meio das fadigas da guerra, e dos negocios, se occupasse não só da composição de um tal obra, mas tambem de a escrever pelo seu punho; nesta passagem, e em outras em que este livro abunda, nos dá este Soberano as mais admiraveis lições de polidez, de urbanidade, e de modestia. Estas passagens e outras d'este livro nos revelão quanto era polida e admiravel a Côrte de nossos Monarchas no principio do seculo XVº. (S.)

CAPITOLLO PRIMEIRO.

Das partes do nosso entendimento.

E o entendimento nosso, segundo minha declaraçom, ha vij partes. Primeira, daprender : pela qual entendemos e aprendemos bem e cedo o que nos dizem, e por scripto, ou doutra guisa nos he demostrado. A esta perteece conteer o cuydado, e estar bem entento no que desejamos daprender, ou dar reposta, costumandonos a novamente aprender aquellas cousas que para o estado em que formos perteecerem. Segunda, de remembrar : porque bem e longamente nos lembra o que sabemos, vemos e ouvimos, pensamos e ordenamos fazer ; esta recebe ajuda custumandosse a filhar algũas cousas na memoria com ryja voõtade. E per o saber da arte memorativa (1) bem ordenada mais tenho que se acrecente que o contrairo, como alguũs dizem (2). Terceira, judicativa : per a qual damos

---

(1) Talvez ElRei D. Duarte quizesse fallar aqui da « *Ars Magna* » de Raimundo Lullo; obra que era uma especie de mnemonica, e de machina intellectual, que teve grande voga naquelles tempos. (S.)

(2) O silencio que o Senhor D. Duarte guarda ácerca d'estes autores impede o leitor de seguir, e de remontar á philosophia dogmatica anterior, onde este Principe bebeo as suas doutrinas. Elle estava mui longe, como veremos no decurso d'este livro, de adoptar os principios, e as maximas da Escola Pythagorica, e Socratica ; todavia em algumas partes encontrará o leitor algumas maximas da Escola Platonica, entre outras a da importancia da união da vida scientifica, com a vida prática. (S.)

boo e direito juizo no que pensamos, veemos e ouvimos, nom desviando por amor, odio e temor, segurança, proveito, perda, prazer ou sanha, guardando tempo e ordem com devida enformaçom, bem nos conselhando, segundo tal cousa requere. E aquesta, por amor de nosso Senhor Deos, e afeiçom das virtudes, com boo saber, custume dos feitos, de bem em melhor se acrecenta. Quarta, enventiva: porque somos achadores de novas envençoões em qualquer cousa; e nos feitos e obras consiirarmos novos caminhos para percalçar o que nos praz, ou nos guardarmos do que receamos. A esta se pode apropriar todo avisamento e percebimento ante do feito, e desque somos em elle. E para boo avisamento requere natural sotilleza do entender, com boa nembrança continuada do que demanda cada huũ feito, e desejo grande para os acabar perfeitamente com tal receo de mingua e fallecimento, nom se ocupando em outras cousas que torvem o cuidado ou deligencia, obrando sem tardança devida execuçom no que ouver bem pensado. Quinta, declarador (1):

(1) Os adjectivos acabados em *or* erão d'uma só terminação nos primeiros seculos da Monarchia; e nisto se conformavão os nossos Escriptores com os Trovadores Gallizianos que dizião frequentemente: « Fremosa mia *Señor*. » Este uso ainda subsistia no tempo de Barros, pois nas Decadas se encontrão alguns exemplos; e no Dialogo dos vicios (pag. 255, ed. de Lisboa, 1785), diz elle: « Vara de disciplina *destruidor* dos » males, *defensor* da pureza. » Porêm GIL VICENTE e CAMÕES já usárão da desinencia feminina em *ra*. Eis aqui dous exemplos:

« Sem lhe valerem seus gritos,
» Aonde a Sibyla mora,
» Encantada *encantadora*,
» Ante os malinos espritos. »

G. V. Tomo III, pag. 275.

« Goa vereis aos Mouros tomada,
» A qual virá despois a ser Senhora
» De todo o Oriente, e sublimada
» Co' os triumphos da gente *vencedora*. »

C. II, 51. (R.)

per a qual declaramos e ensynamos toda cousa per palavra, scripto, e outras declaraçoões de qualquer sciencia ou ensynança, guardando em todos nossos feitos boas honestas contenenças, e cerimonias segundo cada huũ he, e o feito demanda. Para esta val muyto continuadamente querer saber toda cousa que razoada seja, guardando aquella palavra, que temdo na cova o pee ainda desejamos daprender (1); per que se demostra como devemos sempre teer esta teençom, porque do boo aprender nace boo saber e geito densynar; e para saber convem preguntar a si primeiro, pensando das cousas como som, e a maneyra que sobrellas deve teer com as outras circunstancias a esto pretecentes, e aos outros que devem seer preguntados, e que per si e doutros aprender nom haja empacho de o ensynar e praticar nos casos que bem for. Sexta, executiva: per que bem e prestemente damos a enxecuçom ao que nos compre, e acordamos de fazer, nom o tardando, pospoendo por leixamento, priguiça e mingua do coraçom, empacho, liviandade, avareza, nem nos torvando por outro cuidado, ou fantesia. A esta perteece dar boa ordem em toda cousa que per nos aviamos dobrar ou mandar que se faça, fazendo trazer a devida fym (2); e aquesto

---

(1) Este proverbio, ou ditado, que era familiar, como vemos, no tempo do Senhor Dom Duarte, era muito mais expressivo do que o que depois se introduzio, e ainda hoje se usa, e que parece têl-o substituido: *Até morrer aprender.* (R.)

(2) *Fim* era antigamente feminino como ainda o é em francez; em todos os Escriptores Portuguezes se encontra d'este genero sem exceptuar GIL VICENTE e BARROS, o primeiro dos quaes disse:

« Se os jovens amores tem *fins* desastrad*as*, »

e o segundo:

« Não é *a fim* de mercadores que levamos;

porém CAMÕES o fez masculino, e assim se conserva:

« Daqui levarás tudo tão sobejo,
» Com que faças *o fim* a teu desejo. »

II, 4. (R.)

specialmente a prudencia perteece. Seytema, da firmeza e perseverança: pella qual somos firmes em nossos boos propositos e obras, nom as pospoendo, ou leixando, no que veemos que he bem e compre de se fazer. E aquesta parte se requere nom se trigar nas determinaçoões das cousas, e ouvindo bem as partes, com delivrado conselho se deve acordar o que convem de fazer; e o bem acordado nem o mudar por medo, empacho, avareza, ou voõtade nom razoada de comprazer a outrem (1). Estas duas partes, ainda que simprezmente nom sejam para se apropriar ao entendimento, porque se requere para ellas virtude do coraçom, porem consiirando como por elle estas virtudes de seer boo executor e firme se acrecentam e manteem com a graça do Senhor, as pus no conto das outras suso (2) scriptas; e per guardar e acrecentarmos, com a mercee de nosso Senhor Deos, em todas estas partes do entendimento quatro cousas sento seerom muyto necessarias. Primeira e mais principal, que conheçamos avermos por sua especial graça todo nosso bem, e sempre dandolhe louvores, demandemos que nos ajude e acrecente em todo como sejamos despostos para o milhor servir. Segunda, que guardemos temperança em comer e bever, e todos nossos feitos. Tereeira, que nom sejamos vencidos desordenadamente em algũa paixam damor, temor, e assi das outras que adiante se dirom. Quarta, que desejemos muyto percalçar e aver todas estas partes do entendimento, prezandoas muyto, avendo por grande mingua e fallecimento para a vida presente

---

(1) Chamâmos a attenção do leitor sobre a applicação prática do principio, cuja observancia se vê recommendada por um Rei, e que nos mostra as maximas severas pelas quaes este Monarcha se guiava. (S.)

(2) Este adverbio, ha muito desusado, é commum á lingua castelhana e foi tomado do italiano. Dante diz no verso 97 do canto XVI do Inferno: « Che se chiama Acqua» cheta suso, avante. » (R.)

e que speramos seer desfallecidos em cada hũa dellas, e porque muyto se percalça do que ryjo e continuadamente he desejado, de quanto recebemos naturalmente, se tal afeiçom tevermos, pouco se perdera, e para ajuda daquel, sem o qual todo he nada, de bem em melhor sempre avançaremos. E muyto he necessario na ydade nova aver sobresto boa ensynança, como se diz no livro, que fez Jhũ filho de Seruem (1) que chamam Eclesiastico, onde gabando a sabedoria e o entendimento encomenda que logo de nossa mocidade a ello per afeiçom nos enclinemos, e na velhice acharemos a dulçura delle; ca sobreesto me parece que verdadeiramente sentimos o que se diz do anjo boo, que vem spantoso e se parte doce e com grande consolaçom, e do emmiigo

---

(1) Jesus filho de *Seruem*! Este nome é desconhecido, e não se encontra em nenhum dos Padres nem criticos que fallárão do livro do Ecclesiastico, como se póde ver na dissertação de Calmet, e na que precede este livro na Biblia de *Vence*. O livro do Ecclesiastico, que por alguns Padres foi attribuido a Salomão, é, conforme a melhor critica e segundo grande numero de Padres e Expositores, obra de Jesus filho de *Sirach*, e assim é intitulado na Vulgata. O nome proprio *Seruem*, que se lê no Codice, e que conservámos fielmente, é sem duvida corrupção de *Sirach*; corrupção que se originou da ignorancia dos amanuenses. Tendo ficado a letra *i* de *sir* sem ponto, os copistas escrevêrão *e* (*ser*); a letra *a* que segue *ser*, aberta por cima foi mudada em *u* (*seru*), e finalmente do *ch*, com a haste do *h* muito pequena, fizérão *em*, d'esta maneira:

S	*i*	*r*	*a*	*ch*
S	*e*	*r*	*u*	*em*

O livro do Ecclesiastico, que os Gregos chamão *Panaretos*, isto é, collecção de todas as virtudes, *ou* livro que dá preceitos para praticar todas as virtudes, era um dos muitos bons livros que formavão a livraria d'ElRei Dom Duarte, e porventura aquelle de cuja leitura elle mais nutria sua alma, pois sua sublime doutrina transpira em tudo que escreveo este sabio Rei; e foi tambem elle uma das fontes limpidas em que aquelle illustre Principe, por certo o mais instruido do seu tempo, bebeo as sabias maximas e preciosos documentos que no *Leal Conselheiro* nos deixou. (R.)

que com folgança vem, e parte com spanto; e assi o saber e as virtudes com trabalho se aprendem, guardam e seguem. E desque por mercee do Senhor Deos algũa parte a ellas se percalça, prazer, contentamento e boa folgança he sentido sempre na vida presente com grande sperança para a que atendemos; e os pecados todos no presente mostram deleitaçom, e a fym sera com door e tristeza. Porem ainda que parece trabalhoso aprender e custumarse aas ditas partes do entendimento, todavia custumalas devemos, poes todos sabedores esto conselham postoque o nom façom, guardando aquella pallavra de Nosso Senhor que façamos o que nos ensynarem, ainda que o assy nom ponham per obra (1).

A repartimento das hidades poderemos apropriar estas partes do entender: e as hidades som per muytas maneiras repartidas, mas hũa que poem os letrados, que bem me parece, chama ifancia ataa vij annos, puericia ataa xiiij, ataa xxj adollecencia, mancebia (2) ataa ciquoenta, velhice ataa lxx, senyum ataa lxxx, e dally ataa fym da vida decrepidue. E aquesto concorda com o dito do Rey David no salmo que diz: A vida do homem sobre a terra he lxx annos, e se mais para os desaposados oitenta, e d'alli avante trabalho e door (3).

---

(1) Veja-se o que dissemos em a nota 1 da pag. 2 sobre a maneira de citar a Sagrada Escriptura. A passagem a que ElRei Dom Duarte se refere é a seguinte: *Primò ergo quæcumque dixerint vobis, servate et facite: secundum opera vero eorum nolite facere; dicunt enim, et non faciunt.* S. Matth., XXXIII, 3. (R.)

(2) Mancebia na accepção de *mocidade*, que é mui frequente na ordenação do Reino, e de que ainda usou Luiz de Souza, ha muito caío em desuso, e com razão por causa do equivoco que póde causar com a accepção mal soante em que geralmente é tomada. GIL VICENTE e SA DE MIRANDA nunca a empregárão neste sentido; CAMÕES disse *manceba gente* por gente moça, mas não *mancebia* por *mocidade*. (R.)

(3) *Dies annorum nostrorum in ipsis septuaginta anni; si autem in potentatibus, octoginta anni; et amplius eorum labor et dolor.* Psal. LXXXIX, 10.

É para notar a maneira por que ElRei Dom Duarte traduz esta passagem do Psalmo

E aqueste nos deve tirar daquella simprez entençom que alguũs pensam que agora vivem os homeẽs menos que veviam em tempo de nossos avoos, o que per este se mostra bem o contrairo, porque muytos vivem esta ydade em razoada desposiçom; e os doctores da ley per sua repartiçom das hidades com

---

de David! Guiando-nos pela accepção da palavra *desapossado*, que segundo o Elucidario significa *sem forças*, *desfalecido*, *sem vigor*, parece que diz o contrario do que annuncía o texto da Vulgata : do qual daremos aqui duas traducções, uma de João Ferreira d'Almeida, e outra do Pe Antonio Pereira :

ALMEIDA.	PEREIRA.
« Quanto aos dias de nossos annos, chegão até » setenta annos; e os que mais fortes somos, » até oitenta annos; e o melhor delles he canseira » e enfadamento. »	« O curso ordinario de nossos dias não excede o » espaço de setenta annos. Se os mais valentes » vivem até oitenta annos, o que vai d'ahi para » diante não he mais que trabalho e dor. »

Mas como no tempo d'ElRei Dom Duarte ainda não existia impressa a Vulgata, e como nas versões que corrião havia grande variedade de lições, quem sabe se o Codice de que elle usava era bem correcto, ou se nelle havia alguma variante sobre esta passagem? Esta conjectura é tanto mais provavel quanto é certo que o texto da Vulgata differe do hebreo; eis aqui a traducção franceza que dá a Biblia de Vence, segundo o texto hebreo, a par da qual poremos a d'ElRei Dom Duarte :

VENCE.	ELREI DOM DUARTE.
« Le cours ordinaire de notre vie est de soixante » et dix ans, au plus de quatre-vingts; et le surplus n'est que peine et vanité. »	« A vida do homem sobre a terra he lxx annos, » e se mais para os *desapossados* oitenta, e dalli » avante trabalho e door. »

Talvez que no Codice, de que usava ElRei Dom Duarte, se tivesse introduzido, por descuido dos amanuenses, a omissão da syllaba *ta* na palavra *potentatibus*, que ficaria sendo *potentibus*, e como naquelle tempo escrevião os artigos e preposições juntas com os nomes, ler-se-hia *inpotentibus;* entre *m* e *n* não se fazia differença antes de *b* e *p*, como ainda se vê no Leal Conselheiro, e por tanto a traducção seria fiel.

Se não quizermos porém recorrer a este arbitrio para conciliar a antilogia que parece existir entre o texto da Vulgata e a traducção d'ElRei Dom Duarte, e suppondo que o Codice era correcto, poderemos ainda interpretar a phrase obscura de que elle se serve, *e se mais para os desapossados oitenta*, da maneira seguinte : *E se a vida mais dura até oitenta, é em homens que já não tem forças nem vigor;* o que vale o mesmo que dizer : Se a nossa vida se alonga mais de setenta annos, é desacompanhada de forças e de vigor, e para pouco presta. (R.)

esto concordam, porque ante da viinda de Nosso Senhor ja mandavam os homeēs aposentar de lxx annos, entendendo que ataalli se devia contar por vida como ao presente se faz (1).

Eu faço dellas outra reparticom, de sete em sete annos, que com esta em parte se concerta, per a mudança que geeralmente em os mais vejo. Na primeira, aos sete, se mudam os dentes; segunda de xiiij, som em idade para poderem casar; terceira de xxj, que acabam de crecer; quarta de xxviij, que percalçom toda força e verdadeiro fornimento do corpo; quinta de xxxv, em que se percalça perfeito esforço, conselho e natural entender; e dalli avante per semelhante de sete em sete annos, entendo que vaão decendo per outros degraaos naturalmente, ainda que nom se veja tam claro, ataa comprir o conto de lxx annos, em que devemos fazer fim de nossos dias pera os feitos da presente vida. E naquelles degraaos, que som de crecer, as partes do entendimento se devem husar, começando na primeira logo daprender, e na segunda vezar (2) a memoria em reter algũas boas ensinanças naturalmente e per alguũs boos avisamentos; e assy hir crecendo per todas outras partes que com a graça de Nosso Senhor, em quanto a ydade pode milhor ajudar, com boa voõtande, custume, ensyno e conversaçom se ajude o que natural-

---

(1) Chamâmos a attenção do leitor sobre esta importante observação do illustre Autor, na qual mostra não só a sua sagacidade, e madureza, mas tambem a sua erudição. (S.)

(2) *Vezar*, que por *prothese*, isto é *apposição*, tomou a syllaba *a* e ficou sendo *avezar*, e como tal mais usado, ainda se lê não só em Sá de Miranda citado em Moraes, mas nas Trovas de Garcia de Resende, em que elle diz a uma dama:

« Soys tambem desensoada
» Para dançar tordiam
» Quiça se foreys *vezada*
» Baylareys baylo vilam. »

Cancioneiro Geral, fol. 227. (R.)

mente de cada hũa parte recebemos. Nem creamos que os homeẽs daquel tempo erom maiores, ca se viirem os ossos antigos outros semelhantes se acharom; e tal he de força, e de todas outras cousas, porque a ordenança de Nosso Senhor anda per o mundo fazendo mudança, dando algũas cousas davantagem (1) em huũ tempo a hũa terra, e depois a outra; mas todo he o que foy, ca nom ha hy cousa nova so o ceeo, como Sallamom bem declara per evidentes razoões no livro Eclesiastes. E porem com boo esforço sempre nos trabalhemos (2) com a mercee de Deos pera aver aquellas partes do entendimento como as ouverom aquelles que virtuosos forom, pois a sua mañao nom he mais fraca nem abreviada pera nollas outorgar que antes era, e nos somos de tanta hidade e toda outra boa desposiçom pera saber praticar qualquer saber e virtude como elles erom, se de nossa malicia, deleixamento, ou desconcertadas voõtades nom formos torvados.

---

(1) Esta expressão, que hoje seria tida como um gallicismo intoleravel, veio-nos da lingua romana (*vide* Roquefort, *Glossaire de la langue romane*); não foi só ElRei Dom Duarte que usou d'ella, que ainda se lê nas Trovas d'Alvaro de Brito, o qual diz n'uma de suas cantigas:

« Que trovas tam *davantagem*
» Como tendes grande fama
» Tras a orelha achey escama
» Donde vem vossa prumagem. »

Canc. Ger., fol. 32. (R.)

(2) Este verbo, que ElRei Dom Duarte, e Azurara empregão constantemente como reciproco, é sempre usado como neutro em Barros: *trabalhar por*, em vez de *trabalhar-se por*. (R.)

CAPITOLLO II.

Do entender e memoria.

Eu faço deferença do entendimento, segundo nosso custume de fallar, ao entender, porque o entender partem os leterados em quatro ramos, scilicet entender agente, possivel, speculativo, e pratico; e desto vy huũ trautado que largamente fallava (1), mas por me parecer que nom muyto perteece a meu proposito leixo de fazer sobrello mayor declaraçom. Mas quanto ao boo entendimento, segundo nosso custume de fallar, se requere mais grande memoria e boa voõtade.

Na memoria faço duas deferenças, hũa que perteece aa alma racional, e outra aa sensualidade (2). Esto filho per o que a speriencia me demostra, que dalgumas cousas tristes avemos lembramento, que nom recebemos alguũ sentido, a qual lembrança me parece principalmente aa cabeça perteecer; e aquello me-

---

(1) Vejão-se as notas das pag. 9 e 11.

(2) Esta palavra é tomada quasi sempre n'uma accepção desusada, significando os sentidos em geral ou a faculdade sensitiva, por opposição a racionalidade. A origem d'esta accepção deve buscar-se na palavra italiana *sensualità* ou *sensualitade*, que significa *sentido* absolutamente. Alberti dá o seguinte exemplo: « *Ponghiamo che l'uomo » si ridoglia secondo la sensualità.* » Tambem é commum á lingua antiga franceza. Veja-se o *Complemento* do Diccionario da Academia Franceza. Paris, 1842. (R.)

des (1) per vista de pessoas, ouvir de palavras, trespassa o coraçom como se o feito presente fosse quando el se nembra e o sentia.

No filhar dalgumas mezinhas que o corpo ja torvarom, se dellas avemos hũa simprez lembrança nom faz força, e se as veemos, porque tal vista representa o que ja sentimos, faz manifesta mudança, por trepassarem estas lembranças e semelhantes em bem e no contrairo ao coraçom, e tornar a sentir o que ja sentimos; mas no que pertecce ao intendimento da geral memoria he de fazer conta, a qual se departe em muytas deferenças (2), ca huũs filham logo qualquer cousa que ouvem em

---

(1) Esta palavra é muito antiga na lingua portugueza; e se dermos credito ao que diz Faria e Souza, já era usada seculos antes do estabelecimento da Monarchia, pois se encontra, com a significação de *mesmo*, *mesma*, como aqui a emprega ElRei Dom Duarte, no fragmento d'um poëma sobre a occupação d'Hespanha pelos Mouros em 714, que se achou no castello da Louzã quando foi tomado por ElRei Dom Sancho I pelos annos de 1187, e que se attribue a Dom Rodrigo, ultimo Rei Godo. Raynouard sustenta com boas razões que este monumento da litteratura portugueza não remonta a uma tão alta antiguidade (vide *Gramm. rom.*, *Disc. prél.*, pag. 40), e nós subscrevemos de bom grado á sua opinião; mas isso não obstante temos que este é um dos monumentos mais antigos de nossa Litteratura. Eis aqui a passagem a que nos referimos:

« Et tendo atimada a tal crueldade,
» O templo e orada de Deos profanarom
» Voltando em mesquita hu logo adorarom
» Sa besta Mafoma a *medes* maldade. »

Veja-se Faria e Souza, Europa Portugueza; e Balbi, *Essai statistique*, tome II, *Appendix à la Géographie littéraire*, page ij.

Esta expressão só se encontra nas obras d'ElRei Dom Duarte, nas ordenações do Reino, e em alguns documentos do seculo XIVº, citados por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no Elucidario; Azurara já d'ella se não servio, e diz sempre *esso mesmo*, em lugar d'*esso medès*, como d'antes se dizia. Veja-se o nosso Glossario appenso á Chronica da Conquista de Guiné. (R.)

(2) Esta palavra é tomada n'uma accepção hoje desusada, mas que ainda se usa na lingua castelhana a que é commum. O Diccionario da Academia Hespanhola, depois

sentença e nom de todo a letera, e outros per o contrairo; algũs bem se lembram das estorias e feitos que se passam, e dos nomes proprios nom podem ser lembrados; poucos acharom em todo perfeitos, mas abasta que o sejam em razoada maneira; e quanto mais for para o entendimento dara grande avantagem. Dou porem conselho que por grande que alguem a synta, que nunca em ella muyto se fy, porque fallece ligeiramente onde compre per muytas guisas; e porem sempre se proveja em toda cousa, que bem poder, de poer (1) as cousas em scripto (2), ou mandar que o lembrem como se pensasse que a fraca tivesse; ca, segundo tenho praticado, esta he a mais certa maneira da arte memorativa, ainda que bem sey como a outra muytas vezes presta em tempo de necessidade aos que a bem sabem, se teem razoadamente a natural.

---

da primeira accepção geral, dá-lhe a em que ella é aqui empregada, *variedade entre cosas de uma misma especie.* Veja-se o dito Diccionario, art. *Diferencia.* (R.)

(1) BARROS ainda usa do verbo *poer*, que é uma contracção do castelhano *poner*; com razão caío em desuso sendo substituido por *pôr*, do italiano *porre*. (R.)

(2) Comparando esta particularidade que o autor nos revéla, com o que dissemos em a nota 2ª da pagina 3, se vê quanto este Principe era laborioso, quanto elle estudava as suas proprias faculdades, vê-se em fim como elle se entregava ao estudo, e á meditação. (S.)

CAPITOLLO III.

Da declaraçom das vontades.

Nossas voõtandes se departem de muytas maneiras segundo sentimos dellas desvairados desejos, mas no livro das Collaçoões dos Santos Padres (1) se demostra que geeralmente som quatro. Primeira que se chama carnal; segunda spiritual; terceira tiba prazenteira; quarta perfeita e virtuosa. E filhando grande parte do dito livro, com alguũs adimentos as declaro na maneira seguinte.

A voõtade carnal deseja viço, folgança do corpo, e cuidado, arredandosse de todo perigo, despeza e trabalho. A espiritual quer seguir aquellas partes em que se mais inclinom as virtudes, e faz aos que se despoõem aa vida de religiom requerer que

---

(1) O livro das *Collações dos Santos Padres* é um livro ascetico composto por S. João Cassiano; livro mui lido e citado em toda a idade media, e que parece ser um dos mais estimados d'ElRei Dom Duarte. *Collação* significa conferencia ou conversação que tinhão os antigos Monges sobre cousas espirituaes; a leitura do livro que continha estas conferencias se chamou tambem *Collação;* e, porque esta leitura se fazia quando os Monges começárão a tomar uma refeição á noite nos dias de jejum, dêo-se igualmente o nome de *Collação* áquella refeição. S. Bento recommenda na sua regra a leitura das *Collações dos Santos Padres. Legat unus Collationes, vel vitas Patrum.* Veja-se *Richard,* Dictionnaire des Sciences Ecclésiastiques, art. *Collation.* Ao diante haverá occasião de fallar mais largamente d'este livro e de seu autor. (R.)

jejũem, vigiem, leam, e rezem quanto mais poderem sem nehũa deseliçom; aos que andam em feitos de cavallaria que se ponham a todos perigos e trabalhos que se lhes oferecerem, nom avendo reguardo aos que segundo seu estado e poder lhe som razoados. E esto medes faz nos cuidados dalgũas obras que lhe parecerem boas e virtuosas, que se despoõem a ellas assy destemperadamente que nom teem cuydado de comer, dormir, nem da folgança ordenada que o corpo naturalmente requere; e as despezas, onde lhe parece que he bem, conselha que se façom logo sem nenhuũ resguardo do que sua fazenda pode abranger e governar. E aquestas duas voõtades continuadamente se contrariom dentro em nos, segundo cadahuũ per sy achara speriencia de hũa voõtade que o conselha fazer algũas cousas e outras em contrairo. Dantre estas duas nace a terceira, prazenteira e tiba, a qual por querer ambas satisfazer, sem nenhuũ agravamento, poõe o que a segue em tal stado que nunca o leixa viver bem nem virtuosamente, porque ella assy conselha jejũar que nom senta nenhũa fame (1) nem sede, e assy vigiar que nom haja pena em sofrer o sono, e queria percalçar honra de cavallaria nom se despoendo a perigos nem a trabalhos, a acabar pesados feitos sem filhar grande cuidado, e aver nome de graado sem fazer tal despeza que lhe algũa mingua ou empacho fezesse,

---

(1) Hoje dizemos *fome* em lugar de *fame*, talvez com pouca razão, porque na palavra antiga havia mais conformidade com a etimologia latina, e d'ella usárão bons autores, dos quaes só citaremos Luiz Henriques, que nas Trovas que fez em louvor de Nossa Senhora sobre a *Ave Maris Stella*, diz:

« Por tua grande cremencea
» O raynha angelycal
» Pyd ao rey celestryal
» Calevante a pestelencea
» E *fames* de Portugal. »

Canc. Ger., fol. 101. (R.)

e fynalmente assy queria seguir o que hũa voõtade requere que aa outra nom contrariasse; e naquesta se afirma que ha muyto mal, em que muytos fallecem. A quarta voõtade muyto perfeita e virtuosa nom segue sempre o que estas requerem, e segue muytas vezes o que nom lhe praz, todo por determinaçom e mandado da razom e do entender; e daquy se diz, seguimento de voõtade comprimento de maldade (1), e o quebrantamento della seer muyto grande virtude; e aquesto se faz por esta guisa: se homem (2) vive segundo cada hũa das tres voõtades primeiras, nom se governando nem regendo por razom ou entender senom sollamente per o que ellas desejom, convem necessariamente que se perca da alma ou do corpo, porque hũa demanda cousas tam viis e tam baixas que logo manifestamente se demostram derribarem homem a todo mal, e outra tam altas per que lhe convem viir a morte, sandice ou enfermidade, perdimento de toda sua fazenda, pois nom guarda descliçom no que ha de fazer. E a terceira, por querer complazer a estas ambas e as de todo concordar, o que fazer nom pode por seer batalha que Nosso Senhor Deos nos ordenou por nosso provecto, faz seguir as virtudes tam friamente que jamais nunca trazera (3) aquel que per tal voõtade se governar a nem huũ boom (4) estado,

(1) Eis aqui um proverbio, fundado na razão e na experiencia, que era usual no tempo d'ElRei Dom Duarte, de que os nossos Diccionarios não fazem menção, e que sem a publicação do Leal Conselheiro ficaria ignorado. (R.)

(2) É frequente em ElRei Dom Duarte a omissão dos artigos indefinitos; deveria ler-se *o* homem. (R.)

(3) Trará. Não nos devemos admirar que no tempo d'ElRei Dom Duarte ainda os tempos do verbo *trazer* não estivessem regularizados, quando no tempo de GIL VICENTE se dizia *trager* (tomo III, pag. 269), assim como se dizia *fager*, *faga*, *pugeste*, em vez de *fazer*, *faça*, *poseste* (tomo III, pag. 268 e 269). Os rusticos dos suburbios de Lisboa ainda hoje dizem *trazerá*. (R.)

(4) É esta a primeira vez que se encontra no Leal Conselheiro escrita a palavra *bom* d'este modo. Veja-se o que dissemos em a nota 4ª da pagina 3 (R.)

e assi o comprimento destas tres faz seguir e cair em grandes erros e maldades. E a quarta todo per o contrayro, porque todallas cousas que se apresentam ao coraçom de cada hũa destas tres as oferece ao entender que julgue se som de fazer ou leixar; segundo elle determina, muytas vezes nom segue o que ellas demandam, e faz o que nom querem, e as quebra de todo. E assy como os ourivezes (1) querendo conhecer alguũ ouro se he de receber ou dengeitar o metem no cimento (2), e a prata na cenrada; e segundo seus ysames a engeitam ou recebem, assy esta quarta voõtade todallas cousas faz ou leixa de fazer per exsame do entender e razom. Quando a voõtade carnal se quer deitar a aquellas cousas ja dictas, e esta nom lho consente mais faz-lhe sofrer fame, sede, sono, e despoerse a grandes perigos e trabalhos, despezas e cuidados, quando o entender e razom deter-

(1) *Ourivezes* no plural era usado antigamente, de que se encontrão varios exemplos na ordenação do Reino; mas ha muito que caío em desuso; Vieira dizia sempre *ourives*. (R.)

(2) Os ourives tem uma especie de cimento de que se servem para purificar o ouro, e conhecer o seu quilate. Segundo a grande Encyclopedia, art. *Ciment*, ha duas especies de cimento o ordinario e o real. Fallando d'este diz o Diccionario da Academia Hespanhola: « Composicion que, unida con el oro, y puesta al fuego, sirve para dulcificarlo y purificarlo; » e fallando d'ambos diz a Encyclopedia: « Ces sortes de ciments sont faits de sels et autres ingrédients, qui par leur acrimonie rongent et séparent l'argent, le cuivre ou les autres matières d'avec l'or. » Por esta passagem d'ElRei Dom Duarte se vê que no seu tempo não só era conhecido o modo de purificar o ouro pelo *cimento*, mas que d'este processo chimico se formára uma locução mui expressiva, e um simile de que se fazia uso na linguagem ordinaria. *Cimento* em italiano significa *prova*, *ensaio*, *experiencia;* e é nesta accepção que aquella palavra foi usada por GIL VICENTE. Na farça do AUTO DA LUSITANIA diz o Licenciado:

« E para claro *cimento*
» E a obra não ser escura,
» Direi em prosa o argumento;
» Porque a cousa que he segura
» Procede do fundamento. »

Tomo III, pag. 228. (R.)

minom que he bem de se fazer; e esso medes faz a outra spiritual que lhe nom da lugar a mais seguir seus altos e grandes desejos do que o entender e a razom mandam, consiirando a desposiçom de sua pessoa, estado, fazenda. E naquesto se desvaira esta quarta voõtade muyto da terceira, porque aquella nom consente em tal guisa contradizer as duas primeiras que alguũ agravamento sentam, e aquesta de todo lho contradiz quando determina o entendimento e razom que he bem de o fazer assy.

O contrariamento daquellas duas voõtades faz muyto ao entender julgar dereitamente o que he melhor que se faça, per esta guisa: quando a voõtade spiritual requere que jejũem, ou por cousa que meritoria parecça obrem destemperadamente, e a carnal desejando viço e proveito do corpo relembra o trabalho e perigoo que dello se lhe pode seguir, fazem antressi hũa contenda, per que se retem cada hũa de comprir o que deseja, e dam lugar aa quarta voõtade que haja tempo de representar esto ante o juizo da razom e do entender, e segundo sua determinaçom assy se faz executar; o que se nom faria se tal contrariedade nom ouvessem, nem se faz naquelles que assy bestialmente vivem que todallas cousas que o desejo carnal requere seguem a seu poder, nem esso medes nos que vivem presuntuosamente, e se gloriam em esta voõtade carnal nom nos contrariar, nem lhe nembrar algũa cousa do que desejam, mas querendo sem descliçom comprir quanto esta voõtade spiritual demanda caaem grandes queedas, das quaaes hi ha muytos exemplos. E per aquesto que screvy alguũs que tanto nom sabem poderom conhecer como destas voõtades continuadamente somos tentados e requeridos; e como as primeiras tres nom devemos seguir, mas todos nossos feitos e cuidados governar per a quarta, fazendoos, consentindo em elles por determinaçom da rezom e do

entender, e nom do nosso sollamente, mas naquelles feitos que o requerem de que nom avemos grande certa speriencia per boo saber avendo conselho pera alma, corpo, stado, e fazenda das pessoas que razoado for, nom nos tendo perfiosamente na teençom que requerem nossas voõtades, obedeçamos a seus boos conselhos. E aqueste he o caminho da discliçom, que em nossa linguagem chamamos verdadeiro siso, que per os sabedores he muyto louvada por trazer os que se per ella regem com a graça de Deos a todo bem, e arredar de grandes malles. E sobresta quarta voõtade faz fundamento a real prudencia, porque scolhemos o bem do mal, dos beens o mayor, e do mal o menos em todos nossos proprios feitos (1).

---

(1) Quanto é interessante a conclusão d'este capitulo, assim na parte philologica como na moral! O sabio Rei nos mostra que elle sabia bem a sua lingua, fixando a significação e accepção das palavras, e estabelecendo a sua synonymia; e não menos nos manifesta quaes erão as bases de sua Real prudencia, que promettia a Portugal um venturoso Reinado, se uma prematura morte lh'o não roubára. (R.)

CAPITOLLO IV.

Como muytos erram na maneira de seu viver per aquella tiba voontade suso scripta.

Por tentaçom desta terceira tiba voontade vejo muytos errar em sua maneira de viver, per esta guisa: os estados geeralmente som cinquo. Primeiro, dos oradores (1), em que se entendem clerigos, frades de todas ordeens, e os ermitaães, porque seu proprio e principal oficio destes he per suas orações rogar Nosso Senhor

---

(1) Orador, na accepção de pessoa que ora, pede, faz orações ou préces, é vocabulo da lingua romana como se póde ver no *Lexique de Raynouard*, o qual cita a seguinte passagem da *traducção de Beda*: « Dieus regarda le cor del *Orador* plus que las pa» raulas; » hoje é desusado, posto que tenha boa analogia na lingua; mas GIL VICENTE, um seculo depois, ainda o empregou na sobredita accepção. No Dialogo da Resurreição diz Christo á Cananéa:

« Porque tens muito soffrido
» Como constante *oradora*
» Mando que logo nessora
» Se cumpra o que tens pedido. »

Tomo I, pag. 376.

E na Tragicomedia intitulada CORTES DE JUPITER diz a Providencia, fallando dos que pedem e orão a Deos:

« Sobre o qual todos pastores
» Leixão sem pasto as manadas,
» E se fazem *oradores*,
» Em offerta dando flores
» E suas pobres soldadas. »

Tomo II, pag. 397. (R.)

por todos outros stados, e per seus oficios louvalo e honrar per suas boas vidas e devotas cirimonias, e aos outros ensynar per palavra e boo exemplo, e ministrar os sacramentos. Segundo, dos defensores, os quaes sempre devem ser prestes para defender a terra de todos contrairos, assi dos aversairos que defora lhe querem empeecer, como dos soberbos e malleciosos que moram em ella, de que nom menos empeecimento muytas vezes recebem. E antes convem no tempo da paz viver como nos conselhou Sam Joham, avendo consiiraçom de tres maneiras dhomeẽs com que ham de conversar, scilicet, os de baixo stado que lhes mandou que alguũ delles nom trilhassem, aos seus semelhantes nom injuriassem, e de seus senhores trouxessem boo contentamento do que lhes dessem, sabendo que naquestas tres partes os mais falleciam, e guardandosse de fallecer em ellas, aprovou o stado dos defensores nom o mandando desprezar nem leixar, sabendo que he tam necessario para o bem publico que sem elle se nom podem as terras e senhorios longamente soportar e defender, que dos seus ou dos stranhos nom mandem buscar para os defenderem. E a estes defensores som dadas grandes liberdades e privillegios por a grande necessidade a que per elles toda comunydade som algũas vezes no tempo do grande mester acorridos (1). E porem

---

(1) O verbo *acorrer* já no tempo de BARROS e CAMÕES era desusado, mas GIL VICENTE ainda usou d'elle com frequencia. MARIA PARDA diz no seu pranto:

« Branca mana, que fazedes?
» Meu amor, Deos vos ajude;
» Que estou no ataude,
» Se me vós não *accorredes.* »

Tomo III, pag. 369.

Advertiremos aqui que ElRei Dom Duarte usa muitas vezes dos collectivos no singular com o verbo no plural, d'onde resulta alguma obscuridade e menos elegancia

lhes perteece na paz aprender e saber taaes manhas como no tempo que comprir possam e saibam bem husar daquello perque som antre os outros tam avantajados, e tenham armas e cavallos para estar prestes como convem para logo socorrer onde for necessario por serviço e mandado de seu Senhor, poendosse a perigos de morte, e outros grandes trabalhos e despezas, mantendo gente e taaes corregimentos segundo a cada huũ perteecer, que honrem o real stado, sua corte e senhorio. Terceiro, dos lavradores e pescadores, que assi como pees, em que toda a cousa publica se mantem e soporta, som chamados (1); aos quaes

---

na phrase; mas que muito, se todos os nossos classicos fizerão outro tanto, sem exceptuar CAMÕES! Nos Lusiadas, III, 9, diz elle:

« Aqui dos Scythas grande *quantidade*
» *Vivem*, que antiguamente grande guerra
» *Tiverão* sobre a humana antiguidade. »

Advertiremos outrossim que nos escritos d'ElRei Dom Duarte são mui frequentes os hyperbatos; de que não só muito usárão os quinhentistas, mas abusárão alguns seiscentistas de boa nota, sem exceptuar Jacyntho Freire. Mouzinho de Quebedo disse no seu *Affonso Africano*, IX, 73:

« Entre todos e'o dedo eras notado
» Lindos moços de Arzilla, em galhardia »

isto é: Entre todos os lindos moços de Arzilla, com o dedo eras notado em galhardia, etc. E Franco Barreto, *Eneid.*, I, 132, disse:

« Por ver em que montanhas se dos mares
» Livrou, anda vagando, e em que lugares: »

isto é: Por ver em que montanhas, e em que lugares anda vagando, dos mares se livrou. Ora, estes hyperbatos, juntos a algumas irregularidades de linguagem, e ao uso de vocabulos antiquados, tornão algumas vezes a phrase empeçada e amphibologica; tal é a de que fallâmos, a qual, despida dos archaïsmos, e construida em melhor ordem, será mui clara e intelligivel; d'esta maneira: « Per elles toda communidade é » algumas vezes *soccorrida* no tempo da grande *falta* ou *necessidade*. » (R.)

(1) Veja-se o que dissemos em a nota precedente ácerca dos hyperbatos. Esta phrase será mais intelligivel construida regularmente, d'esta maneira: Terceiro, dos lavradores e pescadores, que som chamados assi como pees, em que toda a cousa publica se mantem e supporta. (R.)

perteece em esto sempre continuadamente se ocupar, seendo muyto relevados quanto se mais poder fazer dechado outro serviço, maao trilhamento, mas darlhes lugar, favor para tirarem per seu trabalho aquelles fruitos da terra e do mar em que todos nos governamos (1). Quarto, dos officiaes, em que se entendem os mais principaaes, conselheiros, juizes, regedores, veedores, scrivaães, e semelhantes, os quaaes boos, leaaes, entendidos, sollicitos, tementes a Deos devem seer scolhidos. Quinto, dos que husam dalgũas artes aprovadas e mesteres, como fisicos, celorgiaães (2), mareantes, tangedores, armeiros, ourivezes, e assy dos outros (3) que som per tantas maneiras que nom se poderiam brevemente recontar, aos quaaes convem bem e lealmente e com devida deligencia husar de sua boa maneira de viver. De todos estes, por seguir esta voontade tiba, de que faz em o capitollo passado meençom (4), muytos fallecem, porque al nom he veencer-se (5) a aquella voontade senom querer daquel stado, que cada huũ tem, possuir e lograr o folgado e seguro, e nom soportar os trabalhos e perigoos que a cada huũ muyto convem.

---

(1) Por estas expressões d'ElRei Dom Duarte se deve concluir que as bases de toda a riqueza e prosperidade nacional n'aquella idade erão a lavoura e a pesca, e por isso merecião tanto a solicitude d'aquelle sabio Principe. (R.)

(2) A linguagem d'ElRei Dom Duarte é algumas vezes mais culta que a de Gil Vicente, que escreveo quasi um seculo depois; o Principe dizia *celorgião* com pouca differença de *cirurgião*, como disse Camões e hoje dizemos, e o poeta dizia *surlugião*. Na farça dos FISICOS diz BRASIA DIAS:

« Vos sodes *surlugião*. »

Tomo III, pag. 311. (R.)

(3) Sobre estes empregados e officios se deve consultar a importantissima collecção das Côrtes onde vêm mencionados, e se trata dos seus privilegios, e bem assim o Livro, e Regimento da guerra. (S.)

(4) Deve entender-se : De que *este livro* faz menção, etc. (R.)

(5) Este verbo reciproco é hoje desusado, e melhor dizemos *deixar-se vencer* de,

Exemplo desto : se os oradores (1) querem as riquezas, honras, reverenças, liberdades, segurança de sa geral justiça, e dos feitos da guerra, husando de pouca e fraca oraçom, nom querendo per oficios e corregimentos honrar Deos nem suas igrejas, nom ensynando, regendo, ministrando sagramentos aos que som obrigados, e a todos dam exemplo descandallo e de pouca devaçom e mal viver, taaes como esses que al seguem senom esta tiba voontade, querendo aver as honras, riquezas, poderios, soltura de todas folganças, aos defensores e casados outorgados, nom soportando seus perigos, trabalhos e despezas? Contra os quaes diz Sancto Agostinho, que se querem alegrar com os Sanctos, e as tribullações nom querem soportar com elles. E se nom quiserem seguir os bemaventurados martires (2) per trabalhos e afliçoões, aa sua bemaventurança nom poderom viir, como diz o Apostolo Paullo : Se formos companheiros das paixoões assy o seremos na gloria das consollaçoões (3).

---

ou *render-se* a, que *vencer-se* a. Em CAMÕES não se encontra, mas GIL VICENTE se servio d'elle na paraphrase do Psalmo L, *Miserere mei, Deus*, dizendo :

« Porque, Senhor, se tu quizesses
» Sacrificio da-lo-hia;
» Se por peitas *te vencesses*,
» Tudo te offereceria. »

Tomo III, pag. 235. (R.)

(1) Veja-se o que dissemos em a nota da pag. 29 ácerca d'este vocabulo.

(2) Notaremos aqui que a linguagem d'ElRei Dom Duarte é algumas vezes mais culta que a de Gil Vicente : o Rei dizia *martir*, como nós hoje dizemos, e o Poeta, talvez arremedando o povo, dizia *martel*, e *marteirar*. Na Farça do CLERIGO DA BEIRA lê-se :

« E que alimpe bem a pia,
» Não asse sempre castanhas;
» E tire as teas d'aranhas
» A' *mártel* Sancta Luzia. »

Tomo III, pag. 235. (R.)

(3) *Scientes quòd sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.* Epist. II de S. Paulo aos Corinthios, I, 7. (R.)

Os defensores, que todallas avantageens ja declaradas com todos privilegios querem possuir, querendo trazer capas de beguinos (1) ou alguũs avitos e maneira de oradores, tirandosse

---

(1) Beguinos, *Begghards* ou *Bégards*, erão irmãos da terceira ordem da penitencia de S. Francisco, que existião em Allemanha pelos fins do seculo XIII°; defendêrão com pertinacia a doutrina de Pedro João d'Oliva, e forão condemnados como herejes pelo Papa Clemente V no Concilio de Vienna em 1311. Sobre esta seita e seus erros veja-se Fleury, *Histoire du Christianisme*, tomo V, pag. 731. Paris, 1840.

Com este mesmo nome de *Beguinos* ou *Bégards* erão conhecidos os irmãos da terceira ordem da penitencia de S. Francisco existentes em Flandes pelo mesmo tempo, mas que não participárão dos erros em que caírão, e por que forão condemnados os Beguinos allemães. D'esta conformidade de nome tendo porèm o povo tomado occasião de lhes imputar os erros d'aquelles, declarárão os Papas Clemente V e Benedicto XII, por bullas expressas, que os terceiros de Flandes não erão de modo algum comprehendidos nos anathemas fulminados contra os Beguinos ou *Bégards* da Allemanha. Veja-se a Grande Encyclopedia, art. *Béguins*.

Quanto á origem d'este nome, que era popular segundo diz Fleury, pretendem os Encyclopedistas que elle veio de que esta especie d'ordem ou congregação da penitencia já vivia em communidade, antes de ter recebido a regra da terceira ordem de S. Francisco, e tinha tomado por sua padroeira Santa *Begghe*, filha de Pepino o velho, e d'aqui lhe deo o povo o nome de *Begghards*, *Bégards* ou *Béguins*. Posto que esta origem seja satisfatoria, nós inclinamo-nos mais á que dá Roquefort no supplemento ao seu Glossario da Lingua Romana; transcreveremos as suas palavras: « Les étymo-» logistes se sont donné bien de la peine pour trouver l'origine de ce mot, et sans y » parvenir. Le nom de ces religieux (Béguins ou Bégards) vient de ce qu'ils étaient » de l'ordre de Saint-Lambert Bègue, prêtre de Liége au XIII^{e} siècle, qui institua la » première communauté de Béguins à Liége, en 1173, laquelle fut transférée à Nivelle » en 1207. *Calendrier hist. de l'Eglise de Paris*, pages 411 et suivantes, et *Art de vérifier* » *les dates*, tome I, page 63. »

Beguino em italiano (*Beghino*) significa, homem que traz habito de religião vivendo no seculo; na lingua romana e no antigo francez, alèm da significação historica, teve tambem a de *beato falso*, *hypocrita*, etc., e pelo que lemos em ElRei Dom Duarte parece que tambem nesta accepção era tomada entre nós a palavra beguino, a qual sem dúvida nos veio de Flandes, ou d'Italia.

Pantaleão d'Aveiro, Sá de Miranda, e outros escriptores portuguezes fallárão de *beguinos* e *beguinas*, mas não indicão precisamente que sorte de penitentes erão, nem

das despezas, perigos e trabalhos, que al lhe faz teer tal geito se nom esta tiba voontade? E assi quando desemparom a honrada maneira de seu viver e se lançom a lavrar, ou trautar de mercadaria, todo dalli vem, o que a huũs e a outros nunca deve seer consentido, salvo se alguũ defensor passasse de lx annos, e ja bem se ouvesse governado em sa mancebia (1) e fosse trazido a fraca disposiçom; a tal bem lhe deve seer outorgado que cesse d'alguũs carregos de cavallaria, se a necessidade muyto

---

se erão terceiros de São Francisco. Fr. Joaquim de Santa Rosa diz no Elucidario que os Beguinos gosárão em Portugal da estima dos povos; que os Eremitas da Serra d'Ossa, e os Loyos talvez forão chamados com este nome, que equivalia ao de bons homens, mas que a maldade que se descobrio nos *Beguinos* fóra d'Hespanha tornou mui suspeitos os de Portugal, e ficou sendo nome de opprobrio, como *Jacobeo falso* e *simulado hypocrita*, o que d'antes fôra titulo de santidade e honra. Nas Côrtes d'Evora de 1411 pedírão os povos a ElRei D. João I, que corrigisse a relaxação não só dos Clerigos e Frades, mas dos *Beguinos* e *Beguinas* que erão o escandalo do povo. Vej. Elucidario, art. *Biguinos*.

No tempo d'ElRei Dom Manoel ainda havia d'estes Beguinos, e formavão uma especie de Congregação religiosa, sem com tudo sabermos se erão terceiros Franciscanos, como se collige da tragicomedia de Gil Vicente, intitulada CORTES DE JUPITER, a qual foi representada em presença d'aquelle Monarcha, á partida da Senhora Infanta D. Beatriz, Duqueza de Saboia; na qual diz a PROVIDENCIA:

« Bispos, frades, e *beguinos*,
» E monjas de Jesu Christo,
» Até moços e meninos
» De joelhos pedem isto,
» Humilhados e continos. »

Tomo II, pag. 397. (R.)

(1) A terminação feminina *sa* em lugar de sua, hoje totalmente obsoleta, era do antigo dialecto portuguez-galliziano, que se fallou na provincia d'entre Douro e Minho nos primeiros seculos da Monarchia, o qual se usou muito na poesia entre Portuguezes, Gallegos e Castelhanos, ainda em tempos em que o dialecto portuguez em geral se ia polindo e separando do galliziano estreme, que no seculo x° e xi° se fallava em toda a Galliza e Portugal até Coimbra. Nos fragmentos d'um antigo Cancioneiro, escrito neste dialecto, que Lord Stuart fez imprimir em Pariz no paço de Sua Mages-

nom o demandar, e que no tempo da paz por viver fora de trabalhos e cuidados faça algũa honesta mudança em seu stado, nom lhe deve seer contradicto, ca em esto seguem a openiom dos fillosofos que os primeiros xx annos apropriavam pera aprender como em a republica podiam servir, e os xxxx para servirem, e dalli avante ataa fim da vida pera se repousarem, e ordenarem pera bem acabar em virtudes, fora de malles e pecados. E posto que de lxx annos sempre se mandarom apousentar, que alguũs por seu boo serviço e merecimento se adiantem alguũ pouco tempo nom som de prasmar; mas a gente manceba, ou que a tal hidade nom som viindos (1) e assi o mereçom, nunca deve ser consentido husar de tal tibeza, mas constrangellos que tomem estado aprovado, no qual vivam segundo aquel requere. Se querem seer oradores, a esso sejam dados vivendo em aprovada regla, nom husando de riqueza, renda, nem liberdade de cavallaria, e se como lavradores semelhante façom (2), ou tenham taaes corregimentos para

---

tade Britanica em 1823 se encontra constantemente *sa* e *sas* em lugar de *sua* e *suas*. N'uma das Cantigas diz o Trovador incognito:

« Pois non ei de don Aluira
» Seu amor, e ei *sa* ira. »

Folh. 54.

« E eles sy d's me perdon
» Deseian *sas* terras assy. »

Folh. 47.

ElRei Dom Duarte serve-se raramente d'esta terminação, e quasi sempre diz *sua*, por onde se vê que já no seu tempo começava a caïr em desuso; com tudo Garcia de Resende, Fr. Bernardo de Brito e Ferreira ainda usárão d'ella, e Gil Vicente, na farça de: « Quem tem farelos, » faz dizer á velha:

« Vae-te ó Demo com *sa* madre. »

Tomo III, pag. 20.

Quanto á palavra *mancebia*, veja-se o que dissemos em a nota 2ª da pag. 16. (R.)

(1) Veja-se o que dissemos a respeito dos collectivos em a nota 1ª da pag. 30.

(2) Esta phrase é eliptica; deve entender-se: E se como lavradores *querem viver*, etc. (R.)

defender e honrar seu senhor e a terra como por sua fazenda poderem soportar, ca onde per necessidade abranger nom podem nem (1) som de culpar.

Eu nom contradigo nem prasmo os que rezam, jejũam ou bem fazendo todas boas obras perteecentes a sua maneira de viver, oficios digreja, antes os louvo e aprovo como cada huũ melhor poder, mas tenham os defensores que esto convem fazer, e outras cousas suso scriptas a elles perteecentes, segundo seus estados, nom desemparar. E assi digo que he bem de lavrar e criarem (2) bestas e gaados, mas nom de tal guisa que se desemparem de serem prestes para bem servirem na quel stado por que som priviligiados e mais honrados. E desta guisa em cada huũ dos outros estados se poderia screver; mas per o exemplo destes se entendera delles como devem husar, e o mal

---

(1) *Nem* é aqui empregado em lugar de *não*. Não é esta a unica vez que ElRei Dom Duarte confunde a conjuncção *nem* com o adverbio *não*, mas este defeito era muito usual em quasi todos os nossos Escriptores do XVº e do XVIº seculo. (R.)

(2) A lingua portugueza tem a singularidade de ter dous infinitos, um impessoal, como todas as mais linguas, e outro pessoal, o que é um idiotismo seu. Por esta passagem e outras muitas do LEAL CONSELHEIRO se vê que este idiotismo não era popular mas sim da boa linguagem cortezã; com tudo nota-se aqui uma grande discordancia, que não póde excusar-se de solecismo, qual é a de dous infinitos ligados por uma conjuncção, um impessoal e outro pessoal! ElRei Dom Duarte deveria ter dito, conformando-se com o idiotismo da lingua, *lavrarem e criarem* bestas, ou teria dito melhor, *lavrar e criar* bestas, mas nunca *lavrar e criarem*, etc. Mas que muito é que o nosso Principe caisse neste erro, n'uma época em que não havia nenhuma Grammatica escrita da lingua, se os nossos dous melhores mestres d'ella algumas vezes desacertárão no legitimo uso d'estes infinitos! Camões disse: « E folgarás de *veres* a policia » em lugar de: « E folgarás de *ver*, etc. » Vieira disse: « Vens para me *veres*, e não para te *ver*: » quando pelo contrario deveria dizer: « Vens para me *ver*, e não para te *verem*. » Veja-se a Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza por J. S. Barboza, pag. 283, e 390. (R.)

que vem desta tiba voontade he que seguir (1) as partes doces do mester ou oficio em que vivem, e leixar o amargoso, sem o qual del bem nom podem husar.

Do que preteece aos senhores, mais nom screvo por me nom louvar ou doestar porque o Gatom (2) o defende, senom que lhes declaro tanto que nosso estado he de regedores e defensores; e veendo o que perteece aos que destes ambos devem husar, veram o que nos convem de fazer, se bem husarmos do carrego que per o Senhor Deos nos he dado, ou se per esta tiba voontade queremos lograr as principaaes prerrogativas que nos som outorgadas, nom husando dos muy grandes carregos a que somos obrigados; e consiirando esto conheceremos quanto somos dinos de reprehensom, ou por graça e merece do Nosso Senhor Deos de verdadeiro lovor. E para demostrar per quaaes virtudes desemparamos as tres voõtades, no capitollo ante (3) deste declaradas, e nos regemos per a quarta, screvi o capitollo seguinte, filhando grande parte do livro suso scripto.

---

(1) Assim se lê no Codice em lettras muito claras; mas não nos podemos dispensar de dizer, ou que houve aqui omissão do copista, ou, o que é mais provavel, que é este um hyperbato tão forçado que não deve de modo algum admittir-se, e que deverá ler-se: « O mal que vem d'esta tiba voontade, *que he* seguir as partes, etc. » (R.)

(2) Parece que os nossos antigos trocavão algumas vezes o C em G, e o G em C. Vemos aqui Gatão em lugar de Catão, e na pagina 33 lemos *Sagramentos* em lugar de *Sacramentos*; mas este defeito ainda hoje é commum a outras linguas: os Italianos dizem *Gaetano*, e os Francezes *Gaëtan*, sendo a palavra latina *Cajetanus*, d'onde nós e os Castelhanos dizemos com mais razão *Caetano*. (R.)

(3) *Ante* em lugar d'*antes*, que foi sempre usado por nossos antigos Escriptores até Barros, é do antigo dialecto portuguez-galliziano, de que se encontrão muitos exemplos em o Cancioneiro de C. Stuart, de que fallámos em a nota 1ª da pagina 35. N'uma das Cantigas diz o Trovador:

« Ca esta dona me tolleu poder
» De rogar Deus e fezeo me perder
» Pauor de morte que *ante* auia. »

Folh. 63. (R.)

CAPITOLLO V.

Em que se demostra per que virtudes nos enderençamos a desemparar as tres voontades suso scriptas e seguir a quarta.

Per estas virtudes nos retemos de seguir as trees voontades desordenadas; e nos regemos per a quarta virtuosa. Primeira, temor das penas do inferno e das lex (1) presentes; postas per os senhores, ou per aquelles que sobre nos teem poder e regimento. Segunda, desejo de gallardom que speramos de cobrar em esta vida, e despois na outra, por fazer sempre bem e nos arredar de

---

(1) São mui frequentes os exemplos de se escrever antigamente *lex* em lugar de *leys* ou *leis*, como se póde ver nos Ineditos, nos Documentos para a Historia das Côrtes, etc. Não vem este plural da lingua romana, que nella é similhante ao nosso, como se póde ver em o Lexico de Raynouard, art. *Leg*, *ley* ou *lei*, em que elle adduz a seguinte passagem : « Els feyron *leys* per terras guazanhar ; » que quer dizer : « Elles » fizerão leis para ganhar terras. » Talvez que esta variedade provenha de que os nossos antigos davão ao *x* o soïdo de *is* ou de *ich*, pois encontrâmos algumas vezes *ex* em lugar de *eis* (*ecce* lat.); Sá de Miranda diz na Egloga VIII, estancia 22 : « *Ex* nos » cá, e *ex* nos lá ; » e d'este modo ficará sendo não erro de grammatica, como parece, mas sim orthographia viciosa. No tempo d'ElRei Dom Manoel já esta fórma do plural tinha caducado, como vemos das seguintes passagens extrahidas do Cancioneiro de Resende :

« Nem (vy) omés mais enganados
» Que os principes e reys
» Nem ser hũas mesmas *leys*. »
Trovas de D. João Manoel, fol. 51.

« Vereys com quanta graveza
» Busca *leys* de gentileza
» No lyndo estylo romano. »
Trovas de Gil Vicente, fol. 210 v°. (R.)

todo mal. Terceira, por amor de Nosso Senhor Deos, e afeiçom das virtudes. E o primeiro, que pertеece ao temor, no livro das Collaçoões (1) se apropria aa fe, creendo que se mal fezermos sem duvida averemos por ello scarmento e pena. E o segundo aa esperança, pella que esperamos com graça de Deos grandes beēs e gallardom, se bem e virtuosamente vivermos. E o terceiro aa caridade, per a qual se ama Deos sobre todallas cousas, e virtudes pera plazer a el, e se avorrece toda cousa contraira da virtude por nom desplazer a aquel que sobre todos he damar; e nom embargando que cada hũa destas virtudes per sy he suficiente pera endereençar naquella real carreira per poucos seguida; porem antrellas (2) he grande deferença, porque as primeiras duas perteecem aos que começom e prosiguem de viir ao mais perfeito stado, e a terceira aos que leixando de seer servos, que servem com medo das feridas, que passam a condiçom de servidores, que ja speram por seu boo serviço galardom, e dally veem ao stado de boo e leal filho, que todas cousas de seu padre ha por suas, e porem nom tanto por temor das penas ou sperança de galardom o servem, honram e receam como por dereito amor, no qual ha temor mais continuado danojar quem muyto ama, por nom lhe fazer desplazer, ou min-

---

(1) Veja-se o que dissemos à pag. 23 ácerca d'este livro.

(2) *Antre*, em lugar d'*entre*, que é usado por quasi todos nossos antigos Escriptores incluindo Barros, é do antigo dialecto portuguez-galliziano. N'uma das Cantigas do Cancioneiro de C. Stuart, diz o Trovador:

« Com*antras* pedras bou rubi.
» Sodes *antre* quantas eu ui.
» E deus uus fez por ben de mi.
» Que ten comigo gran amor
» Par d's ay dona Leonor. »

Veja-se o que dissemos ácerca d'este Cancioneiro á pag. 35 e 36. (R.)

guando se perde o amor do que pode seer no servo, o qual a olho soomente sguarda E aqueste he sempre guardado, porque dentro em sy tem aquel grande amor que per mingua de presença nom fallece, mas em todo lugar a sente de que perfeitamente ama pera se guardar de toda cousa a seu plazer (1) contraira; e na sperança se ha mais avondosamente, porque mais amando ha mais desejo, e mais desejando, pois o que deseja spera receber, sua sperança convem seer de mayor sentido. E quem serve por temor, ainda o desejo e o amor ficam livres pera se juntar a outra cousa, e crecendo muyto farom passar a força do temor; e quem soomente por alguũ galardom serve, ainda o amor lhe fica livre pera poder haver mayor sentido e deleytaçom em presença doutro bem, que mais ame do que deseja aquello que spera; mas quem de todo coraçom, toda voontade, e de todas forças amar, todo em sy tem. E porem nom se pode desatar, minguar, nem fazer cousa contraira de quem assy ama, porque teme, como disse, muyto, e continuando por aquel temor, que nace do grande amor, e assy spera, e se alegra e deleita em amar e seguir de boa voontade sem contradiçom aquel que por tal amor he atado. E aalem desto o legamento na afeiçom das virtudes, e contynuada husança dellas faz muyto perfeitamente refrear de todo mal e pecados, nos quaaes caaem os seguidores das tres voontades ja declaradas, e aderençar, guiar, e regerse per a quarta, pella qual nos praz sempre fazer aquello que nossa razom demostra que he melhor, por serviço de Nosso Senhor e guarda das virtudes. E aquesto screvi por fazer algũa declaraçom

(1) Os nossos antigos trocavão muitas vezes a letra *r* pelo *l* e vice versa. ElRei Dom Duarte diz *plazer* e *desplazer*, e no Cancioneiro de Resende lê-se com muita frequencia *craro*, *grorea*, etc. (R.)

destes tres freos, os quaes cada huũ deve trazer em seu coraçom por sentir, e conhecer, e guardar bondades (1) e virtudes.

---

(1) Bondades, na accepção de boas qualidades, boas partes, e quasi como synonymo de virtudes, era locução mui usada e cortezã em todo o seculo XVº e ainda no XVIº; Barros usou d'ella com frequencia no *Clarimundo*, e nas Trovas de Alvaro de Brito tambem se encontra:

« Os scientes sabedores
» Guarnecydos de *bondades*
» Ham de ser;
» Assy modernos autores
» Que suas autoridades
» Devem crer. »

Canc. Ger. de Resende, folh. 26. (R.)

CAPITOLLO VI.

Doutra declaraçom que faço sobre as voontades.

Nom embargando que a declaraçom suso scripta das voontades bem me pareça, eu faço, segundo em my e nos outros sento, outra reparticom geeral em estas quatro partes segundo declarom as almas vegetativa, sensitiva, e racional, e quarta do livre alvidro (1), que manda comprir toda cousa que per nosso prazer fazemos.

A voontade que pertecce aa parte vegetativa, que he semelhante aa que teem as arvores, demanda saude, mantiimento, de comer, beber, dormir, e vestir com as outras obras da necessidade de vyda. A sensitiva, que com a das bestas concorda,

---

(1) Este vocabulo ainda se encontra em a Ordenação Manuelina, mas bem depressa caio em desuso, e foi substituido por *alvedrio*, porque em presença do mesmo Rei que fizera a Ordenação dizia GIL VICENTE no ACTO DA ALMA:

« Vosso livre *alvedrio*,
» Isento, fôrro, poderoso,
» Vos he dado
» Polo divinal poderio. »

Tomo I, pag. 188.

Vieira ainda disse *alvedrio* (Os Lutheranos e Calvinistas negão a liberdade do *alvedrio*); mas hoje dizemos melhor com os Italianos e Castelhanos, e segundo a etymologia latina, *arbitrio*. (R.)

todas outras cousas (1) que pertecçam aas doze paixoões: damor, desejo, e deleitaçom; odio, aborrecimento, e tristeza; mansidoões, sperança, e atrevimento; sanha, desesperaçom, e medo. As quaaes entendo screver assy declaradamente onde se acertar, porque som necessarias de saber a quem de semelhantes cousas quizer haver boo conhecimento.

E aquesta sensitiva tem dous poderes, scilicet, desejador, e outro que chamom hiracivel; ao primeiro pertecem as primeiras seis paixoões, per esta guisa: quando algũa cousa nos praz, avemoslhe amor; e se a queremos possuir, desejo; e desque a logramos, deleitaçom; e todo esto pertece ao bem. E na parte do mal, quando algũa cousa sentimos contraira a nossa conciencia, honra, saude, proveito ou prazer, avemoslhe odio; e se della nos queriamos guardar, e veemos que nos segue, filhamos (2) avorrecimento; e se nos bem sentimos, tristeza. E dizem que todo esto procede da parte desejador (3), porque amando estes beẽs avemos odio a seus contrarios; e desejandoos, avorrecimento a quem delles nos arreda; e quando sentiimos a perda delles prestes para viir, ou que ja recebemos, padecemos tristeza, como a esperiencia bem demostra, que nom toma dos pecados grande sentido quem nom ama guardar a conciencia, e assy da honra e das outras partes; e porem todo aa parte desejador deve ser apropriado, porque dalli tem seu nacimento.

---

(1) Esta phrase é elliptica; subentende-se o verbo *demanda*, que rege a precedente, d'esta maneira: A sensitiva, que com a das bestas concorda, *demanda* todas outras cousas, etc. (R.)

(2) Veja-se o que dissemos ácerca d'este verbo em a pag. 5; veja-se igualmente o Glossario no fim do volume.

(3) Veja-se o que dissemos em a nota da pag. 12.

E quando nos veem cousas temerosas, contrairas, e que a sanha ou tristeza nos queira derribar, consiiradas segundo sy apropriamse aa parte hiracivel, nas quaaes podemos teer boas tres maneiras, per esta guisa: se o feito he tal em que nom ha remedio, com mansidoões filhar paciencia; e se pode haver cobro, boa sperança; e contra as cousas grandes e fortes, grande e boo atrevimento. Outras tres ha hi em contra: filhando desordenada sanha ou tristeza onde nom ha cobro nem corregimento, desesperar do que pode per boo esforço e conselho aver emenda, vencerse (1) a medo quando compre esforço. E assy estas seis perteecem aa parte hiracivel, tres ao bem e boo geyto della, e outras tres ao contrairo (2). E por quanto em esto se resolve a mayor parte de todos nossos feitos, me parece bem consiirarmos sempre como nos governarmos em estas paixoões; e quando fallecermos, ou nos tentarem, sabermos donde vem para nos correger e avisar com a graça de Nosso Senhor.

Sobresto he daver este avisamento, pois aqui se oferece, que nom creamos os topos (3) de nosso parecer, porque fazem

---

(1) Veja-se o que dissemos em a nota 5ª da pag. 32 ácerca do verbo *vencer-se*.

(2) Em todos os nossos Quinhentistas é mui frequente a transposição de lettras, chamada *metathese* pelos Gregos; não nos devemos pois admirar que ElRei Dom Duarte dissesse *contrairo* em lugar de *contrario*, quando Gil Vicente disse quasi um seculo depois, na EXHORTAÇÃO DA GUERRA:

« Deveis de vender as taças,
» Empenhar os *breviairos*,
» Fazer vasos das cabaças;
» E comer pão e rabaças,
» Por vencer vossos *contrairos*. »

Tomo II, 366. (R.)

(3) A palavra *topo* na accepção figurada de *obice*, *estorvo* ou *impedimento*, é desusada, e em seu lugar dizemos *tôpe*, de que Vieira nos deixou exemplo, seguindo a lingua castelhana. Escrevendo a Dom Rodrigo de Menezes, diz elle: « Mas seria arriscar muito » o mesmo negocio, em quanto a confiança não está segura, que é todo o *tope* d'este » ajustamento. » Cartas, tomo II, pag. 69. (R.)

grande mudança na voontade per a disposiçom corporal ou do sentido que o coraçom filha; e se cada huũ bem consiirar e tever razoado entender e lembrança vera que alguũs feitos lhe parecem grandes, fortes, ou perigosos dacabar por teer em ello nom boa e fraca voontade, ou tal se tornar por razoões que lhe digam, ou cuidados que desy filha, e assy por o corpo estar mal desposto; e aquel medes (1) feito, ou seu semelhante, tem em tam pequena conta que nom filha del duvida, medo, nem empacho, ante ligeiramente (2) o entende acabar. Porem nom he de reger por taaes mostranças de nosso coraçom, que muytas vezes veem desta parte sensitiva, mas consiirando as razoões por toda parte, lembrandosse das que passou e sabe que se passarom, ouvindo boos conselhos, scolher com a graça de Nosso Senhor o que he melhor. E sobre aquello nom se mova sem certo fundamento, nem cure de sinaaes, sonhos, nem topos da voontade, mas continoe sempre em seu boo obrar, sperando boa conclusam do mysericordioso Senhor Deos, em que he fym e perfeiçom de todo siso, discreçom e ventura.

A terceira voontade racional, em que os homeẽs com os anjos partecipam, conselha e manda principalmente o que perteece a toda guarda de virtudes, e a honra e proveito, e com discreçom a saude e prazer, consiirando o que he melhor por as cousas passadas, presentes e que som por viir.

A quarta do livre alvidro (3), como Senhor antre todas manda

---

(1) Veja-se o que dissemos em a nota 1ª da pag. 21, ácerca d'esta palavra.

(2) *Ligeiramente* em lugar de *facilmente* é locução totalmente antiquada, e tambem o é na lingua castelhana, a que era commum. Vej. Diccion. da Academia hespanhola. Esta palavra vem da lingua romana, *ligièrement*, que já foi usada por S. Bernardo nos seus sermões; na traducção latina dos quaes se lê *facile*. Vej. Roquefort, *Gloss. de la langue romane*. (R.)

(3) Veja-se o que dissemos em a nota da pag. 43 ácerca d'esta palavra.

comnosco o que se faça em todallas cousas que per nosso escolhimento fazemos.

Os exemplos destas voontades cada huũ em sy bem os pode veer, mas por mayor declaraçom ponho exemplo do que per vezes passey. Se me vem hũa voontade de hir a monte ou caça (1) para folgar, que pertence ao sentido do coraçom; e a outra veendo tempo contrairo quer dormir, comer ou repousar, satisfazendo ao proveito do corpo, que vem da vegetativa; e a razom da conselho que a hũa e a outra nom satisfaça, mas que me levante logo, e leixando o monte e caça vaa desembargar alguũs feitos necessarios. Estas voontades todas tres apresentadas antre nos per aquella do livre alvydro, como senhor, damos a execuçom o que per nosso escolhimento fazemos; e per esto se pode conhecer como somos requeridos geeralmente destas tres voontades, obrando todo per determinaçom daquella quarta do livre alvydro. E no consentimento della esta o pecado e virtude; e porem se requere que a virtude da geeral justiça seja em ella sempre, como a prudencia no entender, e a temperança na parte desejador (2), e a fortelleza na parte hiracivel.

Quando dizem que seguimento de voontade he comprimento de maldade, entendesse dos deshordenados desejos que pertee-

---

(1) *Monte* quer dizer *monteria*, *caça maior;* esta accepção, hoje antiquada, era commum á lingua castelhana; d'aqui *ir a monte*, ir á caça de monteria. *Caça* simplesmente, quer dizer caça menor, a de lebres, coelhos, perdizes, etc. (R.)

(2) Ao que dissemos em a nota da pag. 12 ácerca dos adjectivos acabados em *or* que antigamente erão d'uma só terminação, accrescentaremos que no Cancioneiro de Resende se encontrão muitos d'estes exemplos. N'uma Cantiga que fez á sua escrava, de quem estava namorado, diz o Coudel mór:

« Cativo sam de catyva
» Servo dhũa *servidor*
» Senhora de seu senhor. »

Canc. Ger., folh 18. (R)

cem aa vegetativa e sensitiva, porque comprir o que a voontade, regida e concordada com a razom, bem requere, comprimento he de virtude e nom fallecimento. E assy aquello que o coraçom virtuosamente deseja, avendo fundamento na fe, ou per inclinaçom dalgũa virtude que ha naturalmente, nom se deve contradizer, mas com boa temperança seguir o que lhe praz, fazendo toda cousa com deliberaçom do entender, e nom por comprir seus desejos; ca seendolhe custumado livremente de comprazer sem regra por as cousas que bem lhe prazem, nas outras, se as desordenadamente desejar, assy querra (1) que lhe satisfaçom ao que el quer: e por esto aquella voontade do livre alvydro, per o qual dizemos, minha razom me demostra que era bem fazer tal cousa, e requeria que a fezesse, mas eu a nom quiz fazer, e seguy a deleytaçom; ou, minha voontade me demandava esto por meu prazer, e eu nom quiz, veeudo que he mal, por fazer o que he bem, deve seer, pera vivermos virtuosamente, inclinada e concordada sempre a parte do entender e razom; ca todo que per scolhimento se faz, per voontade o

---

(1) Esta forma do verbo *querer*, em lugar de *quererá*, é não só obsoleta, mas depois dos nossos bons Escriptores deve ser condemnada como viciosa e bárbara; porèm não assim no tempo d'ElRei Dom Duarte, em que ainda predominavão na lingua portugueza todas as desinencias em *on*, e muitos vocabulos e locuções do antigo dialecto galliziano, a cujo numero pertence esta. No Cancioneiro de C. Stuart, de que já fallámos a pag. 35, e que examinámos miudamente para lhe comparar a linguagem com a d'ElRei Dom Duarte, encontrámos constantemente *querra* em lugar de *quererá*, *querrei* em lugar de *quererei*, *ualrra* em lugar de *valerá*, e muitos outros futuros por este estilo. Eis aqui alguns exemplos:

« Non mio *querra* neu oyr
» Mas leixar ma morrer ir. »
F. 78.

« Ella pero sey que lle plazera
» De mia morte ca non quiz ne *querra*
» Nen quer que eu seia seu seruidor. »
F. 93.

« Porque san donas *querre*lles fazer
» Seruiço sempre e *querrei* as ueer. »
F. 70.

« Das mellores tant e'a mais *ualrra*
» E por esto baratara mellor
» Non a ueer ca ren non lle *ualrra*. »
F. 93. (R.)

fazemos. E ainda que se contradigam algũas voontades, sempre outra comprimos; por ende (1), diz Seneca, tiraae as sensaçoões, alguem nom erra por força, toda obra que fazemos, torpe ou honesta, sempre se faz per voontade; entendesse do livre alvydro, que assy como o senhor todallas cousas determyna e manda; e porem esta convem aver muyto bem e justamente ordenada aos de boo e virtuoso entendimento como dito he.

E para se veer que sam Gregorio declara que participamos destas tres almas, vegetativa, que pertecee aas plantas, sensitiva aas bestas, e racional aos anjos, mandei aqui tralladar parte de hũa omillia sua da festa de Assunçom, que a este proposito me parece concordar.

---

(1) Esta locução, muito usada no antigo dialecto portuguez-galliziano, é totalmente antiquada, assim como o é na lingua castelhana a que é commum; melhor dizemos, depois de Barros e Camões, *por tanto*, *por isso*; no tempo porém de Gil Vicente ainda era usada, pois nas CORTES DE JUPITER diz Venus:

« E Garcia de Resende
» Feito peixe tamboril;
» E ainda que tudo entende,
» Irá dizendo *por ende*:
» Quem me dera hum arrabil. »

Tomo II, pag. 406.

Deve porém notar-se que é esta a unica vez que o Poeta usou d'esta locução, e que talvez só usasse d'ella por não ter outro consoante para Resende. Ferreira usou, é verdade, d'ella, mas sómente nos sonetos em linguagem antiga. (R.)

CAPITOLLO VII.

Da humilia de sam Gregorio sobre o Evangelho *de recumbentibus undecim dicipullis* (1).

Postoque os dicipullos tarde creerom a ressurreiçom do Senhor, nom foy tanto sua fraqueza como foy ao depois nossa firmeza; ca elles duvidando a resurreiçom per muytos argumentos lhe foy demostrada, os quaes quando os nos leendo conhecemos, que outra cousa secr nom pode senom que per sua duvyda fomos confirmados? Menos me aproveitou Maria Magdallena, a qual ouvindo cedo creeo, que Tomas que longo tempo duvidou, ca por certo elle duvydando os signaaes das chagas do Senhor palpou, e do nosso peito a chaga da nossa duvyda cortou. Mais para declarar

(1) Para que se possa formar um juizo exacto de como os nossos antigos entendião e traduzião o latim, transcreveremos aqui a parte da homilia de São Gregorio Magno, a que se refere ElRei Dom Duarte, e cuja traducção nos dá neste capitulo, que é como se segue:

« Quòd resurrectionem Dominicam discipuli tarde crediderunt, nom tam illorum » infirmitas, quàm nostra, ut ita dicam, futura firmitas fuit. Ipsa namque resurrectio » illis dubitantibus per multa argumenta monstrata est, quæ dum nos legentes agnoscimus, quid aliud quàm de illorum dubitatione solidamur? Minùs enim mihi Maria » Magdalene præstitit, quæ citiùs credidit, quàm Thomas, qui diu dubitavit. Ille » etenim dubitando, vulnerum cicatrices tetigit, et de nostro pectore dubitationis » vulnus amputavit. Ad insinuandam quoque veritatem Dominicæ resurrectionis, » notandum nobis est quid Lucas referat, dicens: *Convescens præcepit eis, ab Jeroso-*

a verdade da ressurreiçom do Senhor devemos de notar aquello que sam Lucas conta, dizendo: En comendo lhes mandou que de Jhrlm se nom partissem. E mais adiante diz, que presente elles se levantou, e hũa nuvem o recebeo dante os seus olhos. Notade as pallavras, consiirade os mesterios. Comendo se levantou, comeo e ascendeo; scilicet, que pollo efeito do comer a verdade da carne se demostrasse. Mas sam Marco conta que ante que o Senhor subisse aos ceeos reprehendeo os dicipullos de dureza de coraçom e de infidellidade. Em a qual cousa que avemos al de consiirar, senom que por tanto o Senhor estonce os dicipollos reprehendeo, quando se corporalmente delles partio, por tal que as pallavras, que partindosse lhes dizia, mais ardentemente ficassem impressas? A qual dureza de coraçom assy reprendida, ouçamos aquello que amoestandoos lhes disse: Hidevos per todo mundo e preegade o avangelho a toda criatura. Per ventuira, irmaãos muyto amados, o sancto avangelho avya de seer preegado aas cousas sem siso, ou aas animalias brutas por aquello que se diz: Preegade a toda criatura? Mas se bem consiirarmos acharemos que o homem por nome he chamado toda criatura; ca as pedras ham seer, mas nom vivem nem sentem; e as hervas e as

---

» *lymis ne discederent.* Et post pauca: *Videntibus illis elevatus est, et nubes suscepit eum* » *ab oculis eorum.* Notate verba, signate mysteria. *Convescens elevatus est.* Comedit et » ascendit: ut videlicet per effectum comestionis, veritas patesceret carnis. Marcus » verò, priusquàm cœlum Dominus ascendat, eum de cordis atque infidelitatis duritiâ » increpasse discipulos memorat. Quâ in re quid considerandum est, nisi quòd idcircò » Dominus tunc discipulos increpavit, cùm eos corporaliter reliquit, ut verba quæ » recedens diceret, in corde audientium arctiùs impressa remanerent? Increpatâ » igitur eorum duritiâ, quid admonendo dicat audiemus: *Euntes in mundum uni-* » *versum prædicate Evangelium omni creaturæ.* Numquid, fratres mei, sanctum Evan- » gelium vel insensatis rebus, vel brutis animalibus fuerat prædicandum, ut de eo » discipulis dicatur: *Prædicate omni creaturæ.* Sed omnis creaturæ nomine signatur » homo. Sunt namque lapides, sed nec vivunt, nec sentiunt. Sunt herba et arbusta,

arvores ham seer e vivem mas nom sentem ; vivem digo , nom per alma de sentido, mas per verdura, ca sam Paullo diz : E tu homem sem saber, aquello que semeas nom sera vyvificado se prymeiro nom morrer, vive por tanto aquello que morre para que seja vyvificado; e assy as pedras som , mas nom vivem ; e as arvores som e vivem , mas nom sentem ; as brutas anymallias som, vivem, e sentem, mas nom ham descliçom ; e os angios som, vyvem, e sentem, e ham descliçom. Porem de toda criatura algũa cousa tem o homem ; ca el tem comuũ seer com as pedras, viver com as arvores, sentir com as anymallias, entender com os angios. E pois tem algũa cousa comuũ com toda criatura, acerca dalgũa parte ho homem he chamado toda criatura. Ergo a toda criatura he preegado, porque aquele he ensynado pollo qual todallas cousas em a terra som criadas, e do qual todas per hũa semelhança alheas nom som.

» vivunt quidem, sed non sentiunt. Vivunt, dico, non per animam, sed per viriditatem ; » quia et Paulus dicit : *Insipiens, tu quod seminas, non vivificatur nisi priùs moriatur.* » Vivit ergo quod moritur, ut vivificetur. Lapides itaque sunt, sed non vivunt. Arbusta » autem sunt, et vivunt, sed non sentiunt. Bruta verò animalia sunt, vivunt, sentiunt, » sed non discernunt. Angeli etenim sunt, vivunt, sentiunt, et discernunt. Omnis » autem creaturæ aliquid habet homo. Habet namque commune esse cum lapidibus, » vivere cum arboribus, sentire cum animalibus, intelligere cùm Angelis. Si ergo » commune habet aliquid cum omni creaturâ homo, juxta aliquid omnis creatura est » homo. Omni ergo creaturæ prædicatur Evangelium, cùm soli homini prædicatur : » quia ille videlicet docetur, propter quem in terrâ cuncta creata sunt, et à quo omnia » per quandam similitudinem aliena non sunt. » Liber II, Homilia XXIX Sancti Gregorii Papæ, Tom. I. Parisiis, 1705. (R.)

CAPITOLLO VIII.

De quatro maneiras que os homeēs som geeralmente.

A repartiçom suso scripta do entendimento me parece bem de sabermos pera conhecer, nos e os outros, em quaaes partes somos per graça de Nosso Senhor Deos razoadamente avondados, e em quaaes fallidos; ca per mingua de tal conhecimento muytos se julgam por bem entendidos, que o nom som, porque fallecem no que lhes mais compre, ainda que doutras partes sejam em boo stado. E per o contrairo outros teem que som mynguados do entendimento por bem nom aprenderem ou declararem o que dizer querem. E no que aas outras partes perteecem segundo seu stado, oficios e hidades, per costume e saber das esperiencias sabem e entendem mais proveitosamente que outros de pallavras muyto abastados; e porem com razom devem seer chamados de melhor entendimento e mais sesudos (1); ca o siso, segundo nossa dereita linguagem, nom esta no entender, e falar soomente, mas em bem e virtuosamente obrar, pera que se requere

---

(1) Sá de Miranda usou muitas vezes d'esta palavra com a mesma orthographia, mais d'um seculo depois, apezar de dizer *siso;* nas Eglogas diz elle:

« (Que era eu hi no tal ensejo)
» Inda que então me fiz mudo,

comprimento das sete partes do entendimento suso scriptas, ou que se ajam em boa soficiencia, em esta guisa: possuyndo as principaaes virtudes com razoada pratica dos feitos e sciencias que a cada huũ stado se requere, avendo boa e chãa voontade com dereita tençom em todallas cousas, e o entender grande e sotil com boo engenho a todo que lhe compre e praz de fazer. E sobresto consiiro (1) em geeral quatro maneiras de todos homeens (2).

Primeiramente, alguũs de pequeno entender e saber, de maas e revessadas voontades. E tal he todo maao, e sem outro bem, fora de seer criatura de Nosso Senhor Deos.

Segunda, outros que teem grande entender e saber, com malleciosas voontades, fora de justiça dereita. E taaes, ainda que tenham algũa parte de bem, som mais de culpar, e mais empeecivees (3) que os outros, semelhantes aos demonyos de sotil entender e revesadas entençoões, inclinados sempre a todo

---

» Falou-te como *sesudo*
» Pareceme ora que o vejo. »

E na Carta VII, a uma Senhora:

» O duro, o brando, o sem *siso*, o *sesudo*,
» O velho com suas lagrimas piedosas,
» O moço aos sobresaltos branco e mudo. »

Obras de Sá de Miranda, fol. 97 vº, e 126 vº. Lisboa, 1614. (R.)

(1) Barros ainda usou de *consirar* em lugar de *considerar*, no Clarimundo, mas com um só *i*, e Garcia de Resende o escreveo com *y*, como se lê no Cancioneiro, folh. 7 v.:

« Se nelle me *consyro*
» De meu mal nunca me tyro. » (R.)

(2) No tempo de Barros ainda o plural da palavra *homem* não estava bem fixado, pois elle escreve umas vezes *homeẽs*, outros *homems*. (R.)

(3) Ainda no tempo de Barros os pluraes dos adjectivos que acabão em *el* feneeião em *ees*; elle dizia *notavees*, mas depois de Camões dizemos melhor *empeciveis*, e *notaveis*. (R.)

mal como elles; os quaes, ainda que per alguũ tempo acabem grandes feitos, e o mundo pareça que lhes vem a todo seu prazer, nom scaparom de suas emendas (1). E certamente as mais das vezes os vejo receber na vyda presente seus galardoões (2); ainda que tardem, per os segredos de Nosso Senhor Deos; e a outros vem tam cedo e claro, que a todos devya seer grande e boo enxemplo.

Terceira, alguũs que som de curto entender e saber, mas teem as voontades todas justas e dereitas. Estes som chamados boos homeẽs, symprezes, e de boa sympreza, aos quaaes Nosso Senhor Deos muytas vezes provee com a sua mercee, mais largamente e melhor que elles sabem demandar nem pensar.

---

(1) Emenda deve tomar-se aqui por castigo, pena, punição de peccados. Não escaparão aos *castigos* que seus peccados merecem. Vej. a nota seguinte. Esta palavra é da lingua romana em que tinha, além d'outras, esta mesma significação. Vej. Roquefort, art. *Amende*, e *Émende*. (R.)

(2) Hoje em dia entendemos por *galardão* premio, recompensa, como entendem os Hespanhoes; e, segundo os synonymos de D. Fr. Francisco de S. Luiz, recompensa que nem sempre suppõe obrigação; mas, segundo esta passagem d'ElRei Dom Duarte, se vê que galardão não significava antigamente *premio, recompensa* de acção boa, senão *paga*, *pago*, em geral, na mesma accepção em que dizemos hoje familiarmente: « Deos lhe dará o *pago;* » e sendo paga de acção má devemos entender *punição*, *castigo*, na mesma accepção em que disse Camões (Lus. X, 27): « Em *pago* dos passados maleficios. » Esta accepção da palavra *galardão* não só é conforme á etymologia, pois a palavra romana *gueridon* ou *guerdon*, e a italiana *guiderdone*, donde ella vem, significão *estipendio, paga*, *salario;* mas tambem é autorizada por Camões, o qual diz em o Canto X, 23:

« Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
» Como no *galardão injusto e duro.* »

Já era usada no antigo dialecto portuguez-galliziano com esta mesma orthographia, que se encontra ella algumas vezes no Cancioneiro de Lord Stuart, e uma d'ellas com um epitheto que contrasta com os que lhe ajunta Camões: « *Bon galardon* deuedes a » leuar. » Folh. 107 v°. (R.)

Quarta, outros que som de muy grande e sotil entender em todallas partes suso scriptas, e suas voontades som bem chaãs, justas e dereitas em todos feitos, com firme fe, amor, temor, boa sperança de Nosso Senhor Deos, e guarda das virtudes. Taaes como estes sam mais perfeitos que todos, de que poucos se acham; e propriamente som chamados sesudos, prudentes, discretos, e de boo entendimento, segundo verdadeiro costume de nosso fallar, daquelles que o bem entendem (1).

(1) Note-se como ElRei Dom Duarte não perde nunca occasião de nos certificar de qual era a verdadeira significação das palavras, fixando a sua accepção segundo a verdadeira linguagem portugueza. Por esta, e outras passagens, que o leitor terá notado, se deve concluir que aquelle Principe era mui perito na sua lingua, e que muito contribuio com seus escritos e eloquencia para o aperfeiçoamento do harmonioso idioma em que, seculo e meio depois, d'elle cantou o grande Camões:

« Não foi do Rei Duarte tão ditoso
» O tempo que ficou na summa alteza;
» Que assi vai alternando o tempo iroso
» O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza. »

Lus., IV, 51. (R.)

CAPITOLLO IX.

Das fiins que resguardom as partes do siso.

Pera bem e virtuosamente obrar do siso, prudencia, discreçom e boo entendimento se requere suficiencia de querer, poder, saber.

O bem querer vem da voontade grande, boa, firme, delligente.

Pera suficiente poder se requere boa disposiçom corporal, da fazenda, do tempo, com possuymento de virtudes naturaaes graciosamente per Nosso Senhor outorgadas.

Ao saber perteece comprimento das sete partes suso scriptas, praticadas per boa conversaçom, e vista de livros virtuosos, de que se aja pertencente saber, segundo a pessoa for, com exercicio, assy bem continuado que das cousas a seu officio pertencentes nom soomente per entender, mais (1) de todollos casos

---

(1) No antigo dialecto galliziano-portuguez não se dizia *mas*, senão *mais*, talvez com a pronunciação franceza; e posto que ElRei Dom Duarte diga ordinariamente *mas*, e tambem *mes*, como o leitor terá notado, com tudo ainda alguma vez usa da locução galliziana como aqui vemos. Que n'aquelle dialecto se dizia *mais* em lugar de *mas* ver-se-ha pelos seguintes extractos do Cancioneiro de C. Stuart:

« Meus ollos gran cuita damor
» Me dade uos que sempre assi chorades
» *Mais* ia desaqui meus ollos por ũtro Señor.
» Non chorades que uejades
» A dona porque chorades. »
Fol. 48 vº.

« A freyra quemi poder ten.
» *Mays* ex outra fremosa
» A que me quer eu mayor ben.
» E moyro meu pola freyra
» *Mais* non pola de nogueyra. »
Fol. 102. (R.)

que se offerecerem conheça mais certamente, e per speriencia saiba o que deve fazer; e o corpo e nembros (1) por boo costume saibam servir do que comprir. E sobretudo he necessario que Nosso Senhor outorgue boos termos, e acabamentos em todos nossos feitos, sem o qual todo saber, querer, e poder he de pouca vallia, ca por pequenas ocasioões ham devida e desjeada fim; e per outros ligeiros acontecimentos fora de nosso querer, poder, saber som storvados.

E por moor declaraçom consiiro que geeralmente per este siso, discreçom, prudencia, e boo entendimento, que todo filho por hũa cousa, segundo boa maneira de fallar, ainda que os nomes se mudem, reguardamos a cinquo fiins.

Primeira, sobre todas principal, por avermos graça e amor de Nosso Senhor, a qual se da e outorga oos de lympo e boo coraçom.

Segunda, por cobrar honra, a qual se percalça por fazer grandes feitos de guerra, e na paz vyvendo virtuosamente com boas manhas (2) e saber, e por termos grande stado, governando nossa casa e fazenda bem e grandemente.

Terceira, por vyvermos em saude e boa desposiçom de nossas

---

(1) Na Ordenação Affonsina ainda se encontra *nembros* em lugar de *membros*. Vej. Diccionario de Moraes. (R.)

(2) Esta palavra, que é commum á lingua castelhana (maña), é hoje antiquada neste sentido de *partes*, *prendas*, *boas qualidades*, mas foi muito usada por nossos bons Autores, e era expressão mui polida e cortezã ainda em tempo d'ElRei Dom Manoel. Garcia de Resende serve-se muitas vezes d'ella nas suas trovas; n'uma das cantigas diz elle, endereçando-se a uma Dama da Côrte:

« Vossas grandes perfeições
» *Manhas* e desenvolturas
» Tyram todalas tristuras
» Que acham nos corações. »

Canc. Ger., fol. 226. (R.)

pessoas, o que as mais vezes nos he outorgado por vyvermos bem regidos em comer e bever, e todos outros feitos com razoado trabalho e folgança do corpo, entender e voontade, temperando os cuidados, sanhas e tristezas, conselhandonos em nossos padecimentos com fisicos e solorgiaães (1) sabedores, obedecendo, guardando seus conselhos e mandados.

Quarta, por acrecentar nos estados, terras e fazendas, o que se faz poendosse boo proviimento no que ouvermos, e com boa deligencia e avisamento nos despoermos a toda cousa de nossos avançamentos, que aos stados de cada huũ convenham, teendo despezas razoadas para nossa renda.

Quinta, por continuadamente starmos em boa ledice, o que muyto por graça de Nosso Senhor se ha por bem guardarmos as quatro fiins ou tençoões suso scriptas, sabendo filhar honestos spaços e folganças, nom nos derribando nas cousas contrairas per sanhas, nojos, ou cuidados; e com nossos amygos, ou pessoas a nos chegadas, bem e ledamente sabendo conversar.

E porem os que vyrem, e dereitamente guardarem e seguirem bem e ledamente estas cinquo fiins, ou tençoões, devem seer julgados por sesudos, discretos, prudentes, e bem entendidos;

---

(1) A pag. 32 notámos que ElRei Dom Duarte usára da palavra *celorgião* quasi como hoje pronunciamos, a qual é sem dúvida mais polida e de melhor soïdo que *solorgião* que aqui emprega; vê-se por isso que uma e outra era usada na Côrte, e que a segunda se substituío a primeira, pois não só Gil Vicente, e outros quinhentistas usárão d'ella, mas até Garcia de Resende, homem de Côrte e de tão culta linguagem, diz n'uma das suas cantigas:

« Quem vos bem olhar em quadra
» Vera baixo fundamento
» Tereys certo negra ladra
» *Solorgiam* do convento. »

Canc. Ger., fol. 225, vº. (R.)

e os que hũas seguem e outras leixam, segundo aquellas os louvem, salvo se for por a primeira parte, que he amor de Nosso Senhor Deos, ca esta per sy satisfaz per todas, e sem ella todo (1) que se pensa seer siso, discreçom, ou prudencia he de pouco vallor. E certamente eu vejo alguũs julgados que som muy sesudos, por saberem bem fallar nas cousas com algũa sessegada e onesta contenença, que nom esguardam as principaaes destas fiins, os quaaes eu assy nom julgaria. E porem pus esto em scripto com as declaraçoões do entendimento, memoria, e voontade suso dictas, pera os que desto nom teem grande pratica averem de sy, e doutrem milhor conhecymento.

E porquanto a principal parte do siso, prudencia e descriçom he avermos limpeza de coraçom, per que se gaança e outorga o reyno dos ceeos; e de tal guarda seu fundamento esta principalmente em nos tirar e afastar dos pecados, pera que nos he necessario delles boo conhecimento; porem screvo esta breve e somaria declaraçom, pera os que sobrellas pouco estudam o poderem aver em geral com alguũs conselhos e avisamentos, e se perguntarem os que he razom, ou vyrem os livros que largamente os declaram, poderem com a graça do Senhor

---

(1) Ferreira, Góes, Lucena, Vieira e outros disserão *tudo* em lugar de *todo*, porèm no tempo d'ElRei Dom João II, e d'ElRei Dom Manoel ainda era muito usado, havendo nisto uniformidade entre a lingua castelhana, o dialecto galliziano e o portuguez, a que era commum; apontaremos dous exemplos, tirado o primeiro do Cancioneiro de Lord Stuart, de que já fallámos a pag. 35, e o segundo do Cancioneiro de Resende nas Trovas que Luiz de Azevedo fez á morte do Infante Dom Pedro, que morreo na Alfarroubeira, e que vão em seu nome:

« Quando a ueio que pero ren nõ sei.
» Que lle dizer e al assi fara
» Se per uentura lle dizer quiser.
» Algũa ren ali u esteuer
» Antela *todo* llescaecera. »

Canc. de Lord Stuart, fol. 58, v°.

« Pero levo gram sentydo
» Da infanta lastimada
» E da raynha muyto amada
» E meus filhos orfããos leixo
» Desto *todo* me aqueixo. »

Canc. Ger., fol. 58. (R.)

Deos ligeiramente (1) seer avysados. A qual guarda dos pecados pera todas estas partes suso scriptas nos he tam necessaria, que sem ella cousa de bem nom podemos fazer nem possuyr.

---

(1) Facilmente. Vej. a nota 2ª da pag. 46.

CAPITOLLO X.

Da declaraçom breve dos pecados, e primeiro da soberba.

Fallando primeiro da soberba, que procede da presunçom e desejo de propria vantagem, em ella som tres partes.

Primeira, per que pensamos que as cousas trouxemos, ou podemos trazer a algũa boa fim sem special ajuda e graça de Nosso Senhor, para bem de nossa alma, saude, e bom proveito ou virtuoso prazer, querendo semelhar a Lucifel que disse: Subirey e serey semelhante ao muy alto (1); e aqueste soo pensamento se afirma seer aazo (2) de sua queeda. E Nosso Senhor em contra desto disse, que sem o Padre cousa

(1) *Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.* Isaïas, XIV, 14. Se o nosso critico e habil philologo Francisco Dias tivesse lido o Leal Conselheiro, teria tido muita mais razão para dizer, que o superlativo d'uma só fórma não era conhecido de nossos antigos, cuja introducção regular na lingua só foi devida a Sá de Miranda. E na verdade, em que melhor occasião se poderia usar do superlativo d'uma só fórma que em traduzindo *Altissimo*? Vej. tomo IV das Memorias da Litteratura Portugueza, pag. 73. (R.)

(2) Esta palavra, hoje pouco usada, ainda se lê com frequencia em Barros na mesma accepção de *occasião*, *motivo*, em que a emprega ElRei Dom Duarte: « O que foi *azo* de receberem de nós maior damno. » Dec. III, VII, 4. Tambem d'ella usou Brito. E d'aqui vem *desazo*, que é de Fr. Luiz de Souza, e *desazado*, mui frequente ainda nas provincias, e não indigno da Côrte. (R.)

nom poderia fazer (1); e o Apostollo : Nom somos sofecientes cuydar algũa cousa de nos assy como de nos, mes nossa soficiencia de Deos he (2).

Segunda que os beẽs nos veem per nossos merecimentos, ou que Nosso Senhor nos he em algũa cousa obrigado, pera nos galardoar serviços ou alguũs beẽs que por seu amor façamos. E para tirar tal tençom dezia o Apostollo : Nom por as obras da justiça que fezemos, mes por a tua grande mysericordia nos fezeste salvos (3); o Senhor nos mandou : Quando todas cousas bem fezerdes, dizee : Servos sem proveito somos (4).

Terceira, quando presumymos que somos em algũas cousas muyto avantejados, e porem contra razom as fezemos, ou os outros desprezamos, dos quaees se diz : As cousas mais fortes que ty nom buscaras, e as mais altas nom scoldrinharas, e nom tentaras o Senhor teu Deos (5); e no evangelho do fariseu, que se chegou ao altar dizendo : Senhor, graças te dou que nom som tal como quaesquer homeens matadores, roubadores, ou

---

(1) ElRei Dom Duarte não cita aqui positivamente as palavras de Jesu Christo, mas resume dous textos do Evangelho de S. João que as contém, e são os seguintes : « *Non » potest Filius à se facere quidquam.* » Cap. V, v. 19. « *Non possum ego à meipso facere » quidquam.* » No mesmo cap., v. 30. (R.)

(2) *Non quòd sufficientes simus cogitare aliquid à nobis, quasi ex nobis ; sed sufficientia nostra ex Deo est.* Epist. II de S. Paulo aos Corinthios, cap. III, v. 5. (R.)

(3) *Non ex operibus justitiæ, quæ fecimus nos, sed secundum suam misericordiam salvos nos fecit.* Epist. de S. Paulo a Tito, cap. III, v. 5. (R.)

(4) *Cum feceritis omnia quæ præcepta sunt vobis, dicite : Servi inutiles sumus.* S. Luc., XVII, 10. (R.)

(5) ElRei Dom Duarte, sem citar o Antigo Testamento, reune aqui dous textos de livros differentes, mas que comprovão a sua doutrina ; e são os seguintes : « *Altiora te » ne quæsieris, et fortiora te ne scrutatus fueris.* » Ecclesiastico, III, 22. « *Non tentabis » Dominum Deum tuum.* » Deuteronomio, VI, 16. Veja-se o que dissemos em a nota 1ª da pag. 2 ácerca da maneira como ElRei Dom Duarte citava as Sagradas Escripturas. (R.)

como este publicano; ca eu jejũu dous dias na somana, e de quanto ey dou a dizima. E o publicano de longe estando, os olhos ao ceeo nom se atrevya dalevantar, dizendo: Amerceate de mym pecador (1). E Nosso Senhor determina que este publicano se partio muyto mais justo que o fariseu que o despresava, ainda que lhe desse graças dos beens que sentia em sy.

E daquesta soberba som outras duas deferenças. Hũa que se chama spiritual, e outra temporal. A espiritual se levanta per cada hũa das guisas suso scriptas, por aazo das virtudes e bondades; e a temporal, em poderes, riquezas, sotilleza, manhas, boo parecer, fortelleza de coraçom e do corpo com boa desposiçom del, e assy de toda cousa que a esta vyda perteence.

E tem este pecado outras tres deferenças: Primeira, que cayamos em el per pensamento, deixandonos em el jazer perlongadamente, ou per consentymento da voontade determynada. Segunda, per palavras scriptas, ou mostranças e contenenças. Terceira, per obras que fazemos, mandamos, ou consentymos por nossa vantagem, e mal ou abatymento doutrem. E das primeiras deferenças a terceira, geeralmente fallando, he maa; e a segunda peor; e a primeira muyto peor. E a terceira discreçom

---

(1) *Deus, gratias ago tibi quia non sum sicut cœteri hominum; raptores, injusti, adulteri: velut etiam hic Publicanus. Jejuno bis in sabbato: decimas do omnium quœ possideo. Et Publicanus à longè stans, nolebat oculos ad cœlum levare; sed percutiebat pectus suum, dicens: Deus, propitius esto mihi peccatori.* S. Luc., XVIII, 11, 12 e 13.

Em quanto aos dous verbos *scoldrinhar* e *amercear-se*, hoje desusados, diremos que em tempo d'ElRei Dom Manoel ainda erão da linguagem corteză, que o primeiro se encontra no Cancioneiro, e o segundo em Gil Vicente:

« Porque quero bem rever
» Este feito e *escoldrinhar*
» E do que me parecer
» Quero por mym sentencear. »
Canc. Ger., fol. 12.

« *Amerceate* de mi,
» Deos, segundo a grandeza
» Da misericordia e largueza
» Que tu es e ella he ti. »
Gil. Vic., tomo III, pag. 328. (R.)

spiritual temporal. E tambem desta terceira do pensamento, dicto, mostrança, e obras, tanto esta na deferença dos feitos que se nom podem bem declarar qual seja peor; mes por todas partes conheçamos que podemos em este pecado cayr, o qual muyto devemos de refrear, se bem pensarmos no que se diz que Nosso Senhor aos sobervosos contradiz, e os despoõe da seeda, e alevanta os omyldosos (1).

E porque eu vy muytos tocados deste pecado, com suas presunçoões, mal contentes, desagradecidos, passarem tristes e trabalhosas vidas, fiz este conselho ajuso (2) scripto, o qual me parece que vem a rezom seer aquy tralladado.

---

(1) *Dispersit superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles.* Cantico de Magnificat, S. Lucas, I, 51 e 52. (R.)

(2) Esta locução hoje totalmente obsoleta, que foi substituida por abaixo, *infra*, era muito usada nos primeiros tempos da Monarchia, como diz Fr. Joaquim de Santa Rosa no Elucidario, art. *Jusãa;* ainda se lê na Chronica de Guiné de Azurara (vej. o nosso Glossario no fim da dita Chronica), e tambem em Gil Vicente; é mui antiga na lingua, que se encontra ella em o Poêma attribuido ao ultimo Rei Godo D. Rodrigo (vej. o que dissemos em a nota 1ª da pag. 21 ácerca d'este Poema); vem de *jus* da lingua romana, ou de *jusum* da baixa latinidade por *deorsum* (vej. Roquefort, *Glossaire de la Langue Romane*, art. *Jus*), d'onde nós fizemos *Juso*, os Castelhanos *Yuso*, e os Italianos *Giù*, e *Giuso*, que se pronuncía como se fôra escripto *Juso*. Daremos aqui alguns exemplos:

« Ca Muza et Zariph com basta companha
» De *juso* da sina do Miramolino
» Co falça infançom, et Prestes maligno
» De Cepta aduxerom ao solar da Espanha. »
V. *Balbi*, tomo II, pag. ij do Appendix.

« Não hei d'ir per aca *juso*
» Em que me custe algo rem
» Chinfrão, ou meio vintem
» Ir direito como o fuso. »
Gil. Vic., tomo I, pag. 261.

« Cosi *giù* d'una ripa discoscesa
» Trovammo risonar quell' acqua tinta,
» Si che 'n poca ora avria l'orecchia offesa. »

« Ond' ei si volse inver lo destro lato
» E alquanto di lungi dalla sponda
» Là gittò *giuso* in quell' alto burrato. »

Dante, Cant. XVI do Inferno, v. 103 e 114. (R.)

CAPITOLLO XI.

Do dicto conselho.

Todo boo homem pella graça de Deos deve teer entençom de trazer sempre ante seus olhos os beẽs e mercees que recebe delle, e esso mesmo dos senhores, e as boas obras e serviços que lhe fazem seus amygos e servidores; e seer sempre contente do que ha, pois lhe vem per ordenança do Senhor Deos que nom pode fallecer; consiirando como he fallecido de firme fe, e boa sperança, e grande caridade, amor do Senhor sobre todallas cousas, e pello seu a ellas como he razom. E esso medes (1) deve consiirar nos pecados e erros que contra elle fez, e na myngua da boa pratica contra senhores e amygos e servidores, ou aldemenos que nom tem feito acerca delles tanto quanto devya, porque lhe ajam grande obrigaçom pera o muyto amarem ou servirem. E guardesse muyto de pensar aver em este mundo vyda, nem cousa perfeita, ca esto nom pode seer, porque Nosso Senhor o tem ordenado pera a sua sancta gloria; mes do que ouver seja contente. E nom resguarde ao que lhe myngua para comprimento de seu desejo, creendo sempre que he muyto mais

---

(1) Igualmente, d'igual modo. Veja-se o que dissemos em a nota 1ª da pag. 21 ácerca da palavra *medes*. (R.)

do que merece; e daqui lhe nacera contynuado e grande amor a Deos e aos senhores temporaaes, amigos e servydores, consiirando que lhe fazem principalmente bem por suas bondades, e nom tanto por seus merecimentos. Avera humyldade (1) e paciencia nas cousas contrairas, ca sempre lhe parecera que mais mal merecia, ou minguamento de bem por seus pecados e culpas do que recebe. Sera sempre muy contente, pois entende que aalem dos merecimentos he galardoado, bem trautado e servido. E dáquy lhe viira boo prazer continuado com muy boa teençom, e grande caridade acerca de todos.

Desto sentem o contrairo os que continuadamente trazem ante os olhos da sua memoria como som boos em virtudes, de grande merecimento ante Deos, dereitos servidores a seus senhores, de alto e grande linhagem, engenho e sabedoria, avendo boa conversaçom acerca dos amigos e servydores; e porem concluem (2) que todallas cousas lhe devem viir ao com-

---

(1) Já notámos mais d'uma vez como ElRei Dom Duarte usava de palavras mais cultas que alguns Escriptores do tempo d'ElRei Dom Manoel e d'ElRei Dom João III, e o mesmo repetiremos agora a respeito da palavra *humildade* que é como nós hoje dizemos, sendo que Garcia de Resende escrevia *omildade* contra a etymologia, como se lê nas trovas que elle fez á morte de Dona Inez de Castro, em que lhe faz dizer:

« Meus filhos pus derredor
» De mim com gram *omildade*
» Muy cortada de temor
» Lhe disse avey senhor
» D'esta triste piadade. »

Canc. Ger., fol. 221. (R.)

(2) Dizemos o mesmo a respeito do verbo *concluir*, que ElRei Dom Duarte escrevia como nós hoje escrevemos, sendo que Fernão da Silveira, Coudel mór d'ElRei Dom Manoel, escrevia *concrudir*, como se lê nas suas trovas:

« Quem bem sabe em tudo sabe
» E porem daqui *concrudo*
» Que a vos que sabees tudo
» A solver as questões cabe. »

Canc. Ger., fol. 22 v. (R.)

primento de seus desejos, sentindo muyto qualquer cousa que assy acabar ou possuyr nom podem, ou de contrairo que lhes seja feito, ca entendem que Deos e o mundo erram muyto quando todo nom vem como lhes parece que he rezom. Ca este cuydado esconde todas suas myngua̧s e fallecimentos, e ante a memoria continuadamente apresenta cousas de seus principaaes merecimentos; a huũs, de virtudes da alma, do corpo, de sua honesta e boa pratica; a outros, serviços, feitos, e boa desposiçom pera os fazer. E assy em semelhante pensom sempre nas cousas de sua vantagem, nom lhe nembrando (1) seus pecados, malles, e fallecimentos. E daquy vem nunca muyto gradecerem (2) os beẽs e mercees, honras e serviços que lhes sejam feitos, que entendem e teem que muyto mais merecem. E assy som nembrados das cousas contrairas, ou da myngua que ham do comprimento de seu desejo, que ainda que outras muytas ajam de grande melhoria, nom as podem sentir, mas naquellas contrairas trazendo sempre suas nembranças e desejos occupados, tiralhes o boo e virtuoso prazer, e fazeos desconhecidos com

---

(1) *Nembrar* em lugar de *lembrar*, que ainda foi usado por Azurara na Chronica de Guiné, é do antigo dialecto portuguez-galliziano; no Cancioneiro de Lord Stuart se encontra varias vezes, e eis aqui uma d'ellas:

« E a quem d's tanto ben deu.
» Deuya sa *nembrar* do seu
» Omen cuitado e a doer.»

Canc. de C. Stuart, fol. 49. (R.)

(2) *Gradecer* era a voz primitiva, mais conforme com a latina *grator* ou *gratificor*, a que por *prothese*, isto é *apposicão*, se juntou no principio a syllaba *a;* assim se dizia igualmente em castelhano; no Cancioneiro de Resende ainda se encontrão alguns exemplos, e no de Lord Stuart se lê constantemente d'este modo escrita; citaremos apenas duas passagens:

« Pois mesto faz e matar nõ me quer
» Por quellei eu tal uida *gradecer*.»

« De que me non queredes *gradecer*
» De uos seruir nen de uos ben querer.»

Canc. de C. Stuart, fol. 50 e 80. (R.)

pouca paciencia e contentamento, e muy fracos em caridade, porque entendem que cousa nom recebem graciosamente mes que daquello que som merecedores algũa parte lhe tirom. E esto os faz continuar a ser asperos, sempre tristes, e engratos, com allevantamento de tal presunçom, e desejo daverem todo o que deste mundo queriom que sempre peioram de mal em peyor, ataa (1) que acabom suas penosas vydas, ou que o Senhor Deos, nosso grande fisico e meestre, os castigue com tal sofreada que os faça contentar de muyto menos, onde do mais nom podiam seer contentes. E quando assy rijamente som castigados, querendo elle que recebam ẽmenda, fallos tornar ao primeiro cuydado suso scripto, e conhecer o bem e virtude que faz em el, em naqueste tanto mal e fallecimento (2).

Outra consiiraçom devemos sobresto aver. Consiire cada huũ a curteza da vyda presente, e como em ella traz por cabedal, segundo o dicto de Sallamam, allegrarse e fazer bem, e que delle nom deve leixar nem despender, salvo com sperança daver moor gaança (3); assy que nom cesse de obrar sempre

---

(1) *Atá*, ou *atás*, era do antigo dialecto portuguez-galliziano; hoje é antiquado, e com razão condemnado ao esquecimento por ser de máo soïdo; com tudo, ainda foi usado por Gil Vicente, e por outros Autores de menos autoridade. No AUTO DA MOFINA MENDES diz o pastor André:

« E s'ella não parecer
» *Atás* per noite fechada,
» Não temos hoje prazer;
» Que na festa sem comer
» Não ha hi gaita temprada. »

Gil. Vic., tomo I, pag. 111. (R.)

(2) Neste capitulo nos mostra o illustre Autor que conhecia perfeitamente as ambições dos Cortezãos. (S.)

(3) *Gaança* ou *gança*, significando interesse, lucro, ganho, é uma contracção de *ganancia*; não vem do dialecto galliziano, no qual se dizia *ganancia* como em castelhano, e *gaanar* ou *gaannar* por *gañar*, mas é do antigo portuguez castiço, pois se lê

bem em toda cousa que poder, senom por al que melhor seja. E do prazer que o nom perca do coraçom, nem filhe tristeza ou nojo, salvo por tal cousa per que aja sperança de Nosso Senhor Deos, que cobrara cento por huũ no presente, e na fim vyda perduravel, segundo que no evangelho per elle foy prometydo, mas por o contynuado cuydado da nembrança das proprias virtudes, bondades, e outras avantageẽs, em que parece seer acrecentado, dignas de grande gallardom, amor, ou serviço com sobejo sentido dos agravos, enjurias, de reverenças ou servyços, avendo grande e ryja teençom daver algũas cousas temporaaes por comprir cobiça da carne, dos olhos, e soberba da vyda, faz muyto tornar no bem fazer, e o prazer muyto apouquenta, ou de todo tiira por comprir voontade sem outro virtuoso fundamento; bem he vysto que com nossa força e poder, com a graça do Senhor Deos, deve seer leixado.

E porque vy muytos homeẽs errarem per mingua de querer, ou saberem assy reger seus coraçoões per este sancto e virtuoso cuydado, muyto proveitoso em esta vyda pera qualquer stado, encamynhador muy special do salvamento das nossas almas, com a graça do Senhor Deos e de nossa Senhora Sancta Maria, por seu serviço e nosso bem screvy estas poucas pallavras por avisamento, lembrança mynha, e dalgũas pessoas, que de taaes feitos teem pequeno conhecimento.

---

n'um documento do começo do xiv° seculo, no qual se diz : « Que dedes a Eygreja de » Santa Maria a primizia e dizimo dos gaados e das *gaanças.* » Veja-se Elucidario, art. *Gança.* Esta palavra caío bem depressa em desuso, que não a encontrâmos nem em Azurara, nem no Cancioneiro, nem em Gil Vicente. (R.)

CAPITOLLO XII.

Da vaã gloria.

A vaã gloria, no livro dos Statutos e no das Collaçoões dos Santos Padres (1), se declara apartadamente da soberva, por principal pecado, ainda que per muytos se ponha por seu ramo. E tem nacimento de prazer desordenadamente filhado de sua melhoria, ou que o deseja muyto daver, e do sobejo contentamento da propria voontade, onde e como nom deve; e per tres partes se pode filhar. Primeira, das virtudes, ou sobre fundamento dellas. Segunda, das cousas meaãs (2), assy como da fremosura, força, riqueza, montes, caças, jogos, e outras cousas semelhantes. Terceira dos malles e pecados que ja fez, husa, ou he desposto pera obrar, comendo, bevendo muyto sobejo, e dormyndo com molheres, mal matando, ferindo, e mentindo, enganando, e outras obras revessadas (3) fazendo;

---

(1) O livro dos Estatutos é de S. João Cassiano, como o das Collações de que fallámos em a nota da pag. 23.

(2) Medias, que ficão entre os dous extremos, que não são por si mesmas nem virtudes nem vicios. (R.)

(3) Travêssas, oppostas ao que é direito e justo, na mesma significação de *revesado* castelhano. (R.)

de que muytos filham assas folgança desordenada, e se gabam dellas largamente como se fossem dignos de louvor, ou que per ello antre pessoas virtuosas mereçam seer prezados. E todas estas tres maneiras nos som defesas. A primeira per o Senhor quando seus dicipullos se gabavam porque os demonyos lhe obedeciam em seu nome, e el lhes disse que daquello nom filhassem prazer, mas que se allegrassem porque seus nomes erom scriptos nos ceeos (1). E o Apostollo, recontando as virtudes e mercees que do Senhor recebera, disse que em sy por ellas todas nom filharia gloria senom em suas enfermidades, por tal que morasse em elle a virtude de Xpõ (2).

Por a segunda maneira se diz, nom se glorii o forte em sua fortelleza, nem o rico em sua riqueza; quem se gloriar no Senhor aja gloria (3). E no Ecclesiastico, nom louvees o homem per sua formosura (4). E o Apostollo, nom aquelle que se louva he provado, mes quem Deos louva (5). E por a terceira se diz que os semelhantes gaaçom (6) gloria de maao nome por sua

---

(1) *Verumtamen in hoc nolite gaudere,...... gaudete autem quòd nomina vestra scripta sunt in cœlis.* S. Luc., X, 20. (R.)

(2) ElRei Dom Duarte resume aqui dous textos de S. Paulo; o primeiro dos quaes é: « *Pro me autem non gloriabor nisi in infirmitatibus meis;* » e o segundo: « *Libenter igitur gloriabor in infirmitatibus meis, ut inhabitet in me virtus Christi.* » Epist. II, aos Corinthios, XII, 5 e 9. (R.)

(3) ElRei Dom Duarte dá-nos aqui a substancia de varias sentenças do livro do Ecclesiastico, e remata com a de S. Paulo: « *Qui autem gloriatur in Domino glorietur.* » Epist. II, aos Corinthios, X, 17. (R.)

(4) *Non laudes virum in specie suâ.* Eccl., XI, 2. (R.)

(5) *Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est: sed quem Deus commendat.* Epist. II, aos Corinthios, X, 18. (R.)

(6) *Gançar* é palavra do antigo portuguez castiço; veja-se o que dissemos em a nota 3ª da pag. 69 ácerca da palavra *gança*; e caío bem de pressa em desuso, pois no começo do reinado d'ElRei D. Manoel já se dizia *guanhar*, como se vê das Trovas que

confusom. E no Salmo, porque te glorias em mallicia, por seeres poderoso para mal obrar (1). E daquestas trees guisas erramos: per cuydado, como suso he dicto, da soberva; e per pallavra, gabandonos, e fallando de tal maneira que damos aazo para nos gabarem; e per obras, fazendo algũas cousas per razom de vaã gloria, principalmente filhada por cada hũa das tres partes suso scriptas e de taaes maneiras de pecar. A primeira, que se faz por fundamento de virtudes, he maa; e a segunda das meaãs he peor; e a terceira dos malles he muyto peor.

E devesse abater esta vaã gloria pensando no dicto de Sallamam que todallas cousas da vyda presente som vaydade, dizendo, cando virmos cousas per nos fectas, de que nos queremos, mais que he razom, ou como nom devemos, allegrar: Nom a nos senhor, nom a nos, mes ao teu nome dou gloria; nembrandonos o dicto do evangelho, que nossas obras virtuosas

---

Diogo Brandão fez á morte d'ElRei Dom João II, o qual fallando d'aquelle Principe diz:

« Nom se gloriava de ter alcançado
» Por favor da fortuna nenhuũ bem temporal
» Toda sua gloria era têl-o *guanhado*
» Per algũa vertude e bem diuinal. »

Canc. Ger., fol. 91 vº. (R.)

(1) *Quid gloriaris in malitiâ, qui potens es in iniquitate?* Psalm. LI, 3. Ser *poderoso* para obrar ou fazer alguma cousa, que corresponde litteralmente ao latim *potens esse*, foi locução usada por Azurara na Chronica de Guiné, e por alguns outros Escriptores, mas não pelos de boa nota, os quaes usárão em casos identicos do verbo *poder* simplesmente, dizendo: « Não *posso* soffrer, etc., não *posso* fazer, etc., » em lugar de: « Não sou *poderoso* para, etc. » Esta expressão era do antigo dialecto galliziano-portuguez, que a encontrâmos no Cancioneiro de C. Stuart, onde diz o Trovador:

« E me por tan *poderoso* ora ten
» De meu partir nunca el ouu amor
» Qual ogeu ei nen uiu esta sennor
» Com que amor fez assim començar. »

Folh. 51. (R.)

nom façamos por sermos louvados dos homeẽs, ca perderemos o gallardom de nosso padre que he nos ceeos (1). Porem quando o bem doutra guisa se nom pode fazer nem se deve deleixar, mes fazello por prazer ao Senhor Deos, principalmente sabendo que o devemos servir, segundo o dicto do Apostollo, per defamaçoões e boa fama (2).

Outra maneira he de vaã gloria muyto sem proveito, de pouco pecado, em que muytos dos que som chamados entendidos caaem por fantesiarem no que nom possuem, nem estam despostos para haver; huũs em stados, outros em riquezas, guerras, vencimento, e vyda com viço repousada. E destas fantesias recebem folganças e sandeu prazer, que os tira de pensarem e obrarem no que lhes compre; e sobre taes fundamentos cousa nom tem dobrar pera dar a execuçom, nem meter em proveitosa ordenança. E a tal cuydado chama o Apostollo escorilitas (3), ou soltamento de fantesia, que pera cousa nom val, de que nos encomenda que nos guardemos como dobra empeecivel e sem proveito; ca, se da pallavra ociosa devemos dar conta, de tal cuidado e despeza de tempo nom penso que fique por se demandar. E para esto me parece cousa bem proveitosa estudo de boos livros, em que a voontade se torne a pensar, cessando dos outros proveitosos pensamentos em que he duvydoso aturar continuadamente. E quem houver desejo, per sy novamente screver algũa cousa, que mal nom seja, nem se dando mais a tal estudo, ou screver por fogir aos necessarios cuydados e tra-

(1) *Attendite ne justitiam vestram faciatis coram hominibus, ut videamini ab eis: alioquin mercedem non habebitis apud patrem vestrum, qui in cœlis est.* S. Matth., VI, 1. (R.)

(2) *Per infamiam et bonam famam.* Epist. II aos Corinthios, VI, 8. (R.)

(3) *Nec nominetur in vobis,....... aut scurrilitas, quæ ad rem non pertinet.* Epist. aos Ephesios, V, 4. (R.)

balhos que a seu stado convem, val para este descorrymento da vontade, e pera tirar nojos, sanhas, fantesias, e acrecentar sempre com a graça de Nosso Senhor Deos em boo saber e virtude (1).

E para esquyvar este pecado da vaã gloria, tambem he boo remedio nom fallar, screver, ou dar aazo que se falle, sem boo fundamento perante nos, em nossos proprios feitos. E nas cousas feitas com entençom de virtude consiirar aquella pallavra de Davyd, onde diz que o Senhor quebrantara os ossos daquelles que fazem seus feitos principalmente por prazerem aos homeēs (2), mostrandonos que nom leixemos a nos meesmos fazer cousa que seja com proposito da vaã gloria. E depois que assy começarmos nos trabalhemos de as acabar com semelhante regymento da voontade, de tal guisa que nom torne em vaão todollos fruitos de nossas obras. E a esta mortal peçonha, diz sam Joham Casyano, poderemos ligeiramente fugir se consiirarmos de todo perder nom soo o fruito dos nossos trabalhos, que fizermos com proposito de vaã gloria, mas seremos culpados de grande pecado, obrigados a pagar, assy como sacrilegios, por tormentos eternaaes, segundo aquelles que com injuria de Deos a obra que ouverom de fazer por seu respeyto, mais a quyserom obrar pellos homeēs, avançando a gloria do mundo sobre aquel que he conhecedor e escoldrinhador das cousas escondidas.

Porquanto este pecado da vaã gloria muytos engana, per concordança que ham consigo, e aquello que o coraçom por ella deseja fazer ou dizer per razom se quer encobrir, mostrando

---

(1) O gosto d'ElRei D. Duarte pela leitura dos bons livros manifesta-se a cada passo, recomendando-a em muitas partes como um preservativo contra as paixões. (S.)

(2) *Quoniam Deus dissipavit ossa eorum qui hominibus placent.* Psalm. LII, 6. (R.)

que he obra meritoria fazello assy, por dar boo exemplo aos outros, o que nom he verdade porque o principal nacimento da vaã gloria procede. Hũa prova certa sobresto me parece, propoer de nom fazer ou dizer aquella cousa por alguũ tempo, e se o faz per requerimento do coraçom com aquella vaã folgança, achara tal pena que nom se podera dello bem guardar; e quando for sentida devesse conhecer que o nacimento da vaã gloria procede mais que da razom, pois nom obedece ao que ella manda. E dally avante guardesse muyto de semelhante fazer, e faça conciencia do que assy fezer ou disser. E se vyr que compre de se contynuar, diga em seu coraçom aquel dicto de sam Bernardo, que por ella o nom começou, nem o leixara de fazer; e que daquello a nos nom damos gloria mas ao nome de Nosso Senhor; e todavia husar dello pouco, se a necessidade nossa ou dos outros o nom demandar, he mais segura parte.

CAPITOLLO XIII.

Caso em que presta a vaã gloria.

E conthendo no livro das Collaçoões que o pecado da vaã gloria per vezes aproveita em refrear os pecados carnaaes; esto he quando alguũ se tem em conta de boo e grande nome, o qual sendo tentado de luxuria, bevedice ou semelhante, e consiirando como se obrasse aquello que dissera, vencendosse a tal pecado, perderia sua fama, de que muyto se preza, leixa de o fazer; e posto que o nom faça por aquelle fym que deveria, scilicet, principalmente por serviço de Nosso Senhor, porem com tudo he por bem feito seendo assy tentado leixar de mal fazer. E presta esso medes, segundo a mym parece, pera soportar deshonras, perdas, ou malles, quando alguũ pensa ou lhe dizem como em elle obrou virtuosamente bem pellejando, posto que vencido ou mais ferido fosse. E algũas cousas que bem soportou, ou a que respondeo per feito ou dicto como devya. E assy em casos semelhantes ella faz menos sentir o mal recebido por o contentamento que filha cada huũ do que faz.

E acerca desto eu consiiro hũa pratica que vejo teer a muytos que se teem em conta de boos e virtuosos, a qual me parece muyto errada; ca elles estando em assessego (1) ou

(1) Esta palavra, hoje antiquada, e que foi substituida por *socego*, ainda era usada no tempo d'ElRei Dom Manoel, que se encontra nas Trovas que Garcia de Resende fez

bemaventurança pensam que nom som taaes como quaaesquer outros homeẽs, mas som compridos de virtudes (1), e porem que sobre os outros devem seer honrados e prezados; e quando ryjo per tentaçom de alguũ pecado, a que muyto se inclinam, som requeridos, leixamse vencer tam fracamente como aquelles que ante desprezavam, e por pecadores aviam. E se alguem os quer castigar ou conselhar, aquelle, que nom queria consentir seer theudo em conta dos outros, filha por sua desculpaçom dizer que he homem, e que lhe convem sentir o que os outros sentem fazendo como elles. Oo que entençom tam errada em ambollos estados! Na boa ventura, onde per grande refreamento com memoria dos fallecimentos se devia trazer o coraçom em grande assessego de contentamento e repouso de humildade leixallo inchar com propria presunçom de suas virtudes e fallecimentos alheos! E nas tentaçoões, esqueecydos da boa teençom e proposito que se avia na segurança, leixarse veencer, consentyndo e fazendo aquel mal que ante avorreciam, e os que tal obravom geeralmente erom delle prasmados (2)!

à morte de Dona Inez de Castro; n'uma das cantigas põe elle na boca da infeliz Princeza os seguintes engraçados versos:

« Estando muy de vagar
» Bem fora de tal cuydar
» Em Coymbra *dasesego*
» Pelos campos de Mondego
» Cavaleiros vy somar. »

Canc. Ger., fol. 221. (R.)

(1) *Comprido*, em lugar de *pleno*, *perfeito*, e que foi muito usado pelos nossos classicos, inclusivamente por Gil Vicente, era do antigo dialecto portuguez-galliziano, como se verá da seguinte passagem do Cancioneiro de C. Stuart:

« Tan bona dona nunca ui
» Tan *comprida* de todo ben. »

Folh. 58.

Veja-se o que dissemos a respeito d'este Cancioneiro em a nota 1 da pag. 35 (R.)

(2) *Prasmar*, significando *vituperar*, *criticar*, *censurar*, era expressão mui usada no

Este he huũ grande fundamento de pecar esqueecymento daquel boo desejo e proposito que das virtudes avyamos, ca bem he vysto os mais dos peccadores assy cairem; porque a castydade, que per alguũs he louvada e desejada, viindo a seer rijo tentados, a tornam teer em pequena conta. E o acordo que com algũa pessoa muyto se desejava guardar, per sanha enframados, nom se tem por mal viir com ella em desacordo, se do proposito e boa teençom passada nom veem perfeito lembramento. E assy nos semelhantes casos per myngua de tal virtuosa lembrança se fazem os mais dos pecados. E as pessoas verdadeiramente amadores e seguydores (1) das virtudes teem a pratica contraria, scilicet, no assessego, boa venturança (2), sempre se teem em conta de quaaesquer outros homeens fallecidos e pecadores, dizendo o que disse o bemaventurado Padre sam Francisco, seendo preguntado de seus frades que julgava de sy e de huũ publico pecador que lhe foy mostrado; e el respondeo, que se avia por peor que el. Disserom elles que tal pallavra era contrafeita, porque bem era vista quanta deferença del ao outro era conhecida. E el afirmou dizendo, que se Nosso Senhor tanta graça quyzera dar ao outro como a el per sua mercee outorgara, que mais perfeitamente com sua força e vir-

---

seculo xv°, e ainda no começo do xvi°; encontra-se com muita frequencia em Azurara, e tambem no Cancioneiro de Resende. Diogo Fogaça diz n'uma de suas cantigas:

« Poys nam *prasme* quem me vyr
» Que assy entrou o mundo
» E assy ha de sayr. »

« Que folgar com cedo
» Nam he de *prasmar*
» Mas de lhe tardar
» Deveys d'aver medo. »

Canc. Ger., fol. 64. (R.)

(1) Veja-se o que dissemos em a nota 1 da pag. 12.

(2) *Boa venturança*, por *bemaventurança*, significava antigamente *felicidade*, *prosperidade humana*, como ainda significa em castelhano (*bienaventuranza*), e em italiano (*benavventuranza*); entre nós porém é hoje exclusivamente consagrada esta palavra para significar a vista e posse de Deos no céo, *beatitudo*. (R.)

tudes naturaaes lhe respondera per obras virtuosas que el. E assy os que syntem e seguem em seus coraçoões verdadeira humyldade nunca lhes fallece dereita razom per que ante Deos se acusem, e afastem presunçom de sy e menos preço dos outros.

CAPITOLLO XIIII.

Que falla da dicta vaã gloria.

Quanto despraz a Nosso Senhor a teençom de se teer cada huũ a sy medes em muyto, os outros desprezando, mostra aquel enxemplo do fariseu e publicano, que no templo faziam oraçom, que por semelhante presunçom e desprezo o publicano per humildade foi do Senhor por mais justo julgado; e a festa que fez o padre ao filho degastador (1), que confessando seu fallecimento dizia, nom soo digno seer chamado teu filho, da ensynança quanto praz ao Senhor confessarmos nossos fallecimentos (2) com devyda humildade, e como na boa andança he proveitosa tal tençom.

Assy os virtuosos seendo tentados nom teem a maneira dos outros homeẽs; ca, se per desejo dalgũa molher som requeridos, mostrandolhe sua maa voontade, que deve seguyr, como fazem os outros, em tal tempo muy virtuosamente responde a sy medes que nom se tem por tal como elles, consiirando os beens e mercees que do Senhor Deos tem recebidos (3), dandolhe

(1) Gastador, pródigo. Este vocabulo é da lingua romana, onde tem varias outras significações. Veja-se Roquefort, cit. (R.)

(2) *Fallecimento*, por *falta*, *defeito*, *culpa*, era muito frequente entre os nossos antigos, de que se encontrão varios exemplos no Cancioneiro de Resende. (R.)

(3) Os participios perfeitos erão antigamente declinaveis, cujo uso nos viera do dia-

alguum conhecimento del, sentindo do bem e folgança das virtudes, conhecendo que se fosse vencido tal teençom perderia. E quando poem d'hũa parte a folgança daquel pecado, ou semelhante, e doutra que fara desprazer ao Senhor Deos, perdera os grandes beẽs do possuir da virtude a el contraira, e o contentamento que de sy por ella contynuadamente sente, cessando juizo de todos viventes, contradiz com grande desprezo ao pecado, dizendo que nom se tem por tal como quaesquer outros homeens, ca mais quer seguir a virtude ca se vencer a elle como faz a maior parte delles. E desto se conta do dito sancto Francisco, que seendo tentado per desejo daver molher e filhos, nom se teve em conta dos outros pera se vencer; mes de neve fez hũa grande peella e outras pequenas, antre as quaaes desvestido se lançou (1), dizendo a sy medes que com ellas em logar de molher e filhos folgasse.

---

lecto galliziano, o qual era nisto conforme com o idioma francez, que ainda os conserva. Fernão Lopes abunda neste genero d'archaismos, como se póde ver em a erudita Memoria de Francisco Dias (tomo IV, das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 65); em Gil Vicente, Camões, e outros, tambem se encontrão algumas vezes, e no Cancioneiro são mui frequentes: citaremos aqui dous exemplos n'uma mesma cantiga de Henrique da Mota:

« Não sabeys quantos milhares
» Tem *despesos* de cruzados
» Quantas joyas e colares
» Quantos ricos alamares
» Por amores tem *gastados*. »

Canc. Ger., fol. 211.

Caminha, talvez mais por affectação que por naturalidade, ainda usou d'esta formula, como se vê no seu Epigramma 45 em que elle diz:

« Ingrato Eneas, que entregaste ao vento
» As palavras, e as náos, que tinhas *dadas*. »

Mas ella não agradou ao gosto portuguez, que absolutamente a desterrou de sua syntaxe. (R.)

(1) *Desvestir* em lugar de *despir* era muito usado entre nossos antigos Escriptores,

A sanha, injurias, agravos como se devem desprezar Nosso Senhor o demostra, mandando que amemos quem nos mal fezer, e oremos por aquelles que nos perseguirem, e paremos hũa queixada quando nos derem na outra, indo dobres camynho com quem nos per força per alguũ spaço leva, dando a saya de grado a quem nos filha o manto (1). E no dicto livro das Collaçoões se lee de huũ monje que era doestado por certos infiees, os quaaes lhe diziam que mostrasse synal de bondade

---

assim como *lançar-se* em lugar de *deitar-se* na cama. D'ambos daremos dous exemplos tirados do Cancioneiro :

« Respondevos desta guisa
» Nam tenhays esta sospeita
» Mas por ver vossa devisa
» *Desvesty* esta camisa. »
Trov. de João Barbato, fol. 61.

« Quantas vezes sem candea
» Nos *lançamos* as escuras
» Fartos de desaventuras
» Mais que de muyto boa cea. »
Trov. de João Ruiz Castello Branco, fol. 106 v°. (R.)

(1) O illustre Autor faz aqui uma especie d'harmonia entre os dous Evangelistas S. Mattheus e S. Lucas, citando promiscuamente as palavras d'um e d'outro, e intercalando no versiculo 29 do capitulo VI de S. Lucas um versiculo do capitulo V de S. Mattheus. *Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos. Benedicite maledicentibus vobis, et orate pro calumniantibus vos. Et qui te percutit in maxillam, præbe et alteram.* Até aqui S. Lucas, na metade do versiculo 29 do sobredito capitulo. *Et quicunque te angariaverit mille passus, vade cum illo et alia duo.* S. Matth., vers. 41 do mencionado capitulo, e logo volta á segunda metade do mesmo versiculo de S. Lucas. *Et ab eo qui aufert tibi vestimentum, etiam tunicam noli prohibere.* Ou talvez fez inversão não só dos versiculos de S. Mattheus, mas tambem das palavras do Evangelista o qual diz : « *Et ei qui vult..... tunicam tuam tollere, dimitte ei et pallium.* » Esta maneira de citar as Sagradas Escripturas, como já notámos em a pag. 2, próva não sómente o quanto a sua lição lhe era familiar, mas ainda a modestia d'aquelle Principe não fazendo nenhuma ostentação de sua grande erudição.

A respeito da palavra *saya*, que aqui nos parece estranha, correspondendo á latina *tunica*, diremos que este era o nome, assim em portuguez como em castelhano, d'uma vestidura talar antiga, especie de tunica de que usavão os homens. Nos documentos antigos e na Ordenação Affonsina se encontra varias vezes a palavra *saya* com esta significação. Veja-se Elucidario, os Diccionarios de Moraes e da Academia Hespanhola. (R.)

que avia em sua ley. O qual respondeo, este vos dou, que soo firme em boo assessego de meu coraçom por todo mal que me fazees e dizees, nem o moverei com a graça do Senhor Deos ainda que muyto mais seja. E a semelhante tempo presta muyto teerse cada huũ em tal conta, que nom he pera se vencer com a mercee de Deos nas tentaçoões que os outros vencem; e que a lembrança em tal tempo suso scripta venha como ajudador per vaã gloria, consiirando cada huũ que o estado e fama, que tem, e ter deseja, nom empeece, mas aproveita. E semelhante presta muyto nas pellejas e grandes feitos cada huũ se teer em tal conta, que nom ha per el de passar myngua, como per qualquer outros homeens; e as molheres pera se guardarem quando requerem contra suas honras, ou per sanha som tentadas pera fazer ou dizer cousa que nom devem. E tanto me parece que a Nosso Senhor despraz nos outros casos a vaã gloria que muyto claramente nos mostra taaes abatymentos nas cousas de que nos queremos gloriar e gabar, que bem poderemos conhecer como elle quer de todos nossos beẽs a el seerem dados louvores; e quem se quyzer gloriar, em elle se glorii (1).

E do presumyr nom penso que alguũ se queira e saiba bem reguardar que se nom ache fallecer onde mais compria seer perfeito, se toda sua sperança nom poser em Nosso Senhor, assy o teendo no coraçom, e per pallavra claramente o confessando. E com tal teençom, avendo principal esforço em sua graça, todos grandes e boos feitos a nos possivees podemos cometer e contynuar, sperando aver devyda conclusom; e poderemos assy dizer por dar boo exemplo, o proposito que ave-

---

(1) Note-se como o sabio Rei fecha este periodo com uma sentença de S. Paulo, sem com tudo o citar: « *Qui gloriatur in Domino glorietur.* » Epist. I, aos Corinthios, vers. 31. (R.)

mos de nos guardar do pecado e cousas mal feitas como Sam Paullo dizia, quê nunca seria que el jamais em al filhasse gloria senom em na cruz de Nosso Senhor Jhũ Xpõ, e que a morte, vyda, anjos, poderios, nem outra cousa o parteria de sua caridade (1). E o muy vytorioso, e de grandes virtudes, Elrei meu Senhor e padre, cuja alma Deos haja, estando antre Gibraltar e Aljazira, em myuha presença, de meos irmaãos os Ifantes Dom Pedro e Dom Henrique, e o Conde de Barcellos, e dos do seu conselho, seendolhe por muytas rezoões, dictas per alguũs delles contrairos de nossa teençom, afirmado que nam devya tornar sobre Cepta (2), de que se levantaria com grande fortuna (3),

---

(1) ElRei Dom Duarte refere aqui juntamente duas passagens de S. Paulo que são destinctas; a primeira das quaes se lê na Epistola aos Galatas, e a segunda na aos Romanos. *Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi.* Epist. aos Galat., VI, 14. *Quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque principatus,......... neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei.* Epist. aos Romanos, VIII, 38 e 39. (R.)

(2) *Cepta* parece ser o nome primitivo d'aquella cidade tomada aos Mouros por ElRei Dom João I em 21 d'Agosto de 1415; assim se lê no fragmento do Poëma de que fallámos a pag. 21, e assim ainda escreveo Barros; depois, talvez por evitar a dureza da pronunciação, se lhe chamou *Ceyta*, e este era o nome que tinha no tempo d'ElRei Dom Manoel, e que conservou até ElRei Dom Sebastião, como se póde ver das duas passagens seguintes, uma do Cancioneiro, outra de Camões:

« O dia que aqui chegamos
» Fez tormenta tam desfeyta
» Coutro tanto nos molhamos
» Como laa quando passamos
» A gram vereda de *Ceyta.* »
Trov. de Martinho da Silveyra, fol. 57.

« O monte Abyla, e o nobre fundamento
» De *Ceita* toma, e o torpe Mahometa
» Deita fóra; e segura toda Hespanha
» Da Juliana, má, e desleal manha. »
Lus., IV, 49.

No tempo dos Philippes começámos a dizer *Ceuta* á castelhana, e como depois da Restauração se não restituio aquella Praça ao dominio portuguez, tambem o antigo nome se lhe não restituio. (R.)

(3) *Fortuna* parece ter aqui a significação de *trabalho*, *afflicção*, *desgraça*, *adversidade*; significação ainda usada por Barros, mas que foi notada come archaismo pelo Douto Pe Antonio Pereira de Figueiredo na sua Memoria sobre o espirito da lingua portugueza (vej. tomo III das Memorias de Litteratura Portugueza, pag. 182); com

por muytos synaaes, venturas contrairas que ouvera por morte da muy virtuosa Raynha minha Senhora e madre, e tempo contrairo que muytos dias nom consentio que filhassemos o porto, e grande pestenença (1) que na frota era, el disse que o coraçom nam lhe consentiria de partir ataa provar toda sua força, e que mais querya morrer em o provar, fazendo seu dever, que de tal guisa se partir; ca dos synaaes e ventuiras (2) os boos homeẽs nam ham fazer conta, onde fossem certos que obram dereitamente mais devyam continuar ataa mais nom poderem; e que nom embargando todas suas rezoões com a

---

tudo, inclinâmo-nos a crer que este vocabulo se deve antes tomar na accepção de *borrasca, tempestade*, accepção autorizada pela Academia Hespanhola, e que naturalmente concorda com o contexto da phrase: não erão os trabalhos e afflicções que receiavão os Conselheiros d'ElRei Dom João I, senão a causa d'estes trabalhos, ou antes o successo que os tornasse infructuosos, e este não podia ser outro senão a borrasca ou tempestade que os obrigasse a levantar ferro do porto de Ceuta. E ainda dizemos mais, que a passagem adduzida por Pereira para provar a significação de *trabalho*, *afflicção*, talvez se deve entender na accepção de *borrasca*, *tormenta*. Barros falla do descobrimento da ilha de Porto Santo, e diz que lhe poserão aquelle nome, « porque os livrou do perigo que nos dias da *fortuna* passaram, » isto é (em nosso entender) do perigo que passárão nos dias de *borrasca* ou *tormenta* de que vinhão acossados. Veja-se o Diccionario da Academia Hespanhola, art. *Fortuna*. (R.)

(1) Os nossos antigos trocavão algumas vezes o *l* em *n*, que dizião elles *nembrar* em lugar de *lembrar* (vej. a nota 1 da pag. 68), assim mesmo dizião *pestenença* por *pestelença*, que era o termo de que se servírão até ao tempo d'ElRei Dom Manoel para significar *peste*, *epidemia* contagiosa, do latim *pestilentia*, como se vê das Trovas de Luiz Henriques em louvor de Nossa Senhora sobre a *Ave maris stella*:

« Por tua grande cremencea
» O raynha angelycal
» Pyd ao rey celestrial
» Calevante a *pestelença*. »
Canc. Ger., fol. 101. (R)

(2) *Ventura* ou *aventura* parece significar aqui, assim como na pagina antecedente, não sómente um successo futuro, dependente do acaso ou arriscado, mas ainda o prognostico que o annunciava. (R.)

graça do Senhor Deos entendia filhar a cidade (1). E por sua merece foy feito melhor que se podia pensar. E assy o muy excellente rey Henrique de Hingraterra, meu primo, que Deos aja, na batalha dAjemcurt (2) disse, aballando contra seus inmiigos, que a casa dIngraterra nunca por el pagaria huũ nobre; que venceria ou morreria naquella batalha. E prouve a Nosso Senhor que por seu boo esforço foi vencedor do principal poder de França, com oyto myl combatentes por toda sua gente (3). E desta guisa aquelles que verdadeiramente em sy conhecerem tal tençom, quando vyrem que compre, podem, com reverença devida a Nosso Senhor Deos, bem declarar seu desejo e voontade; mas nos outros tempos, sobeja presunçom, gabamento, e vaã gloria pera a presente vyda e futura traz muyta perda, com pouco prazer e proveito temporal.

---

(1) Chamâmos a attenção do leitor para este interessante facto historico que ElRei D. Duarte nos conta, e que nos prova que este Principe, seguindo o exemplo de seu illustre pai, não acreditava nos agouros e prognosticos, em uma epoca na qual os homens mais eminentes não deixavão de ser atacados d'esta doença moral. (S.)

(2) Lêa-se *Azincourt*. Batalha dada em 1415 contra os Francezes, e ganhada por Henrique V, Rei de Inglaterra, na qual Carlos VI foi vencido e desbaratado, e os Inglezes se apossárão da Normandia. Sobre as consequencias d'esta batalha se póde vêr *Monstrelet*, principalmente no cap. 239. (S.)

(3) Os AA. dizem que o exercito inglez se compunha de 26,000 homens ao momento do desembarque, mas foi desfalcado pela indisciplina, e pela dysenteria. O exercito francez compunha-se de 50,000 homens. O Monarca inglez commandava as operações, e os mesmos AA. affirmão que os Inglezes matárão mais de 10,000 homens, dos quaes 8,000 pertencião á nobreza; entre os mortos se contárão sete Principes de sangue, e cento e vinte senhores que levavão bandeira. Henrique V levou prisioneiros o famoso Boucicault, os Condes d'*Eu*, e de Vendôme, os Duques de Bourbon, e d'Orleans. Vide *Le Fevre Saint-Remi* testemunha ocular (Chroniques, edit. de M. Buchon, T. 8; Monstrelet, T. 3, o *Religieux de Saint-Denis*, liv. 35; Wolsingham, e *Lingard*, T. 5; Sismondi, T. 12, e de Barante, T. 4. (S.)

E aquesta ensynança me parece proveitosa de seer scripta, pera se conhecer em que tempo presta ou empeece a vaã gloria: teermonos em grande e pequena conta, e de nos algũa cousa de boo proposito dizermos, ou nos callar.

CAPITOLLO XV.

Da enveja.

Da enveja vem desprazer das avantageens ou igualanças por nosso respeito que vemos em outrem, e prazimento de seus malles, perdas, e abatymentos; e aquesto esso medes se filha per outras tres partes como a soberva e a vaã gloria, scilicet, das virtudes, cousas meaãs, e dos malles. E tem special fundamento, a meu juizo, em soberva, vaã gloria, e desordenada cobiiça. Ca os sobervosos (1), querendo em cada hũa das cousas suso ditas dos outros levar avantagem pollos desprezar, veendo que os igualom ou lhes levom melhoria, por abatymento da voontade e proposito recebem gram desprazer. E desta guisa os vaãgloriosos (2), por o prazer que filham das avantageens que pensam haverem sobre os outros, de que suas voontades

---

(1) *Soberboso*, em lugar de *soberbo*, ainda foi usado por Azurara. Vej. Diccionario de Moraes. (R.)

(2) Note-se como ElRei Dom Duarte escrevia esta palavra quasi como hoje a escrevemos, sendo que no tempo d'ElRei Dom Manoel tinha orthographia mais irregular, e mais rude pronuuciação, como se vê nas Trovas de Dom João Manoel, seu Camareiro Mór, que diz n'uma de suas cantigas:

« Nem (vy) omês menos secretos
» Que os muy *vaão-gloriosos*
» Nem os muyto graciosos
» Que nam sejam maldizentes. » (R.)

sam muyto allegres, contentes, veendosse igualados ou que os vencem no que elles pensavam que todos ou os mais venciam, e lhes vem este desprazer ryjamente sentindo no coraçom folgança do mal e abatimento dos semelhantes. E o cobiçoso de qualquer cousa deshordenadamente porque todo, que muyto deseja, pera sy principalmente queria, veendo que outrem o tem ou percalça mais que el, ou se algũa cousa special alguem possue de que a voontade se muyto contente, logo lhe vem o sentimento da enveja per duas maneiras: huũa por veer as cousas davantagem a outrem haver, de que lhe nom praz; a outra por elle nom as teer bem assy como queria.

E se o sentymento ou desprazer he fundado sobre vertudes, boas manhas, ou acrecentamento de taaes beẽs que honestamente se podem aver, nam desejando que os perdesse quem os tem, mes sentem por ello seus fallicimentos e desejom de os seguir por os aver como elles, tal enveja (1) he virtuosa, para que nos convyda o Apostollo, dizendo que vem de Nosso Senhor, pera crecentarmos em bem fazer. E nos estados deste mundo a muytos faz acrecentar em beẽs e virtudes. Mas se desto que veemos em outrem recebemos tal sentydo (2) que nos prazeria que elle as perdesse, ou mais nam percalçasse; esto em

---

(1) A palavra *inveja* tinha antigamente, alèm da primeira significação que corresponde á latina *invidia*, a de *emulação*, *desejo honesto*, que ainda hoje tem na lingua castelhana (*envidia*); é esta a que S. Paulo chama *Dei æmulatione* (II, aos Corinth., XI, 2), e a de que falla ElRei Dom Duarte. (R.)

(2) *Sentydo* por *sentimento* ainda se encontra algumas vezes no Cancioneiro de Resende; nas Trovas, que á morte do Infante Dom Pedro fez Luiz d'Azevedo, se lê:

« A morte tenho passada
» E o medo ja perdido
» Pero levo gram *sentydo*
» Da infante lastimada. »

Canc. Ger., fol. 58. (R.)

geeral he pecado da enveja, tirando certos casos speciaaes que aos leterados perteecem declarar, de que avemos alguũ desprazer, por a grande perda que de taaes beẽs per outrem possuidos receber podemos, nom penso que seja peeado, assy como de meestrias (1) naturaaes, virtudes, e beẽs em guerra que ajam enfiees, e outras cousas semelhantes; mas daquelles que per afeiçam devemos amar, grande mal e de malleciosa voontade se levanta de seus beẽs nos desprazer, ou dessas perdas e abatimentos seermos ledos.

E se a enveja he dos malles que outrem faz, ou he desposto, costumado de fazer, quem tal sente erra muyto, contra os quaaes se diz em no Salmo: Nam queiras aver enveja dos malleciosos, nem desejo de seguir os fazedores de maldades, porque assy como feno trigosamente secaram, e assy como herva nova logo asynha passarom (2). E todo aqueste Salmo mostra beem como dos semelhantes nom devemos aver enveja, nem os querer arremedar; e que os seguydores do caminho das virtudes devem viver sempre em boa sperança.

---

(1) Este vocabulo vem da lingua romana (vej. *Glossaire* de Roquefort, art. *Mestrie*), na qual significava *sciencia*, *arte*, *saber*, etc.; os Hespanhoes e Italianos o transformárão em *Maestria*, nós porém o conservámos mais conforme com a etymologia; ha muito que caío em desuso, posto que não foi substituido por outro que tenha a mesma força, mas no tempo de Azurara ainda era usado, e tambem se encontra nas Trovas do Infante Dom Pedro, irmão d'ElRei Dom Duarte, que elle fez em louvor de João de Mena, e de que poremos aqui uma cantiga por inteiro:

« Sabedor e bem falante
» Gracyoso em dizer
» Coronista abastante
» Em poesias trazer.

« Ou de novo as fazer
» Hu compre com gram *meestrya*
» De comparar melhoria
» Dos outros deveis aver.

Canc. Ger., fol. 72 vº. (R.)

(2) *Noli æmulari in malignantibus: neque zelaveris facientes iniquitatem. Quoniam tanquam fœnum velociter arescent: et quemadmodum olera herbarum cito decident.* Psal. XXXVI, 1 e 2. (R.)

E aver desprazer por os outros seerem avançados por mal obrar, e por ello seerem louvados e prezados, nom por desejarmos semelhante, nem queriamos que elles fossem dello abatidos por medrarmos per tal maneira, mes por nos desprazer das cousas malfeitas; esto nom he mal, nem pecado, leixando todo ao juizo de Nosso Senhor Deos, e aos que perteecem carrego de julgar, prasmar, castigar nos feitos alheos.

Pecamos em esta enveja por sentido de coraçom ryjo e contynuado, e por fallarmos mal em abatymento doutrem, ou obrando contra elle per esta voontade; e segundo for o caso, fara no erro mayor acrecentamento.

Este pecado se gasta e tira per caridade, per a qual amamos Nosso Senhor sobre todallas cousas, e nossos prouxemos como nos, de que vynra (1) desejarmoslhes todo beem que pera nos quizermos, e do que ouverem nos allegrar; e as cousas contrairas, que pera nos nam devemos querer, pera elles as nom desejarmos, mes desprazernos de veer ou saber que as teem ou padeceem.

Hũa pratica me parece proveitosa de guardar sobresto, que quando sentyrmos em nos desprazer das virtudes e beẽs que vejamos em outrem, sempre em nossas voontades o referiamos aa culpa nossa, consiirando nossos fallecimentos, porque semelhante nom percalçamos, e pensar continuadamente como por nos seerem emmendados; e quando nos feitos do mundo nom podermos achar razom dereita em que tanto nos culpemos, acerca de Nosso Senhor Deos seja buscada, sabendo que, quando

---

(1) Fórma obsoleta do verbo *vir*, antigamente *vinr*, mas que era conforme com a da lingua romana, na qual se dizia *venra* em lugar de *viendra*, como se vê no antigo proverbio:

« De la chose que tu feras,
» Gardes à quel fin tu *venras*. »

Vej. Roquefort, art. *Venra*. (R.)

em seu serviço formos quaaes devemos, el nos dara aquellas cousas que bem desejamos, e sabe pera nos seerem mais necessarias. E posto que do coraçom tal sentido ou desprazer nom possamos logo tirar, aturemos sempre em esta teençom, guardandonos muito de fallar nem obrar em contra daquel de que nos sentymos do sentydo da enveja. E se longamente ryjo (1) nos tevermos em este proposito, com sua mercee seremos fora de todo empacho deste mallecioso pecado.

E se nos tentar por os estados (2), beẽs mal gaãçados, que a outrem vejamos possuir, recorramonos aa tençom da fe, que de todo mal averemos pena, se misericordiosamente nam for rellevada, e dos beẽs averemos gallardam se per outros pecados nom perdermos; e quem desto se lembrar fora sera denveja, que se filha de veermos outrem per mentir, enganar, e outros malles fazer, percalçar honras e beẽs temporaaes. Nem da disposiçom pera mal obrar, que vejamos em outrem davantagem, nos deve viir tal sentydo, consiirando como cadahuũ asy nom pode, quanto deve, castigar, que faria se para ello mais desposto fosse. E taaes pensamentos, em boa teençom firmados, gastam muyto tal pecado.

Sobresto da enveja me parece per as pallavras de Nosso Senhor Jhũ Xpõ, que disse dos obreiros que a desvairadas horas do dia forom alugados, se mostra o fundamento deste mallecioso pecado, e seu conselho da cura e guarda del; porque

---

(1) Este adverbio, assaz expressivo, ainda foi usado por Barros; e no Cancioneiro é mui frequente. Gregorio Affonso diz nos seus Arrenegos:

« Arrenego dos pregadores
» Que muyto *ryjo* nom reprendem.

Canc. Ger., fol. 138 vº. (R.)

(2) *Estado* dizia-se n'outro tempo em toda a occasião em que hoje se diz *pompa*, *apparato*, etc. (R.)

avendo aquelles primeiros a soldada por que se aveherom, veendo que os derradeiros ouveram outro tanto, que graciosamente lhe quiserom dar, por desprazer do bem alheo, que a elles nom trazia empeecimento, se queixavam contra o que a elles compridamente fezera o que era obrigado. Aos quaaes respondendo com reprehensam, porque se veenciam per esta revessada voontade, dizendolhes que pois a elles satisfazia como era theudo (1), que avya de fazer nem dizer sobre o que aos outros graciosamente de seu boo plazer queria dar.

Vedes o fundamento da verdadeira enveja, pesar do bem alheo, posto que alguũ empeecimento lhe nom possa trazer; e a reprehensam do Senhor a todos que della husam he dicta, porque nos recebemos del graciosamente sem o merecer, nem alguũ constrangimento, vyda, saude, e nosso estado, qualquer que el seja, em que nos fez muyto grandes merçees. E nos, sem conhecimento contra el, per boas pallavras nam lhe damos devido agradecimento, mas por o que lhe praz de fazer aos outros nos atormentamos. E tal se faz muytas vezes contra os Senhores, que de alguũs de pequena conta e lynhagem poõe em muyto mayor estado que merecem. E nom consiirando quem forom, nem os outros melhores que sy em grande conto, per alguũ soomente a que veja fazer mais avantagem por prazer de seu Senhor, el recebe tanta pena que os fazem levar trabalhosa vyda, falando mal contra Deos e aquel com que vyve, e outros que devia servir ou specialmente amar, aos quaaes aquella reprehensam suso scripta muyto concorda, scilicet: Recebe o que te he dereitamente feito (2); e do que Deos e aquel com que vives

(1) *Ser theudo* significava antigamente ser obrigado, ter obrigação. É mui frequente na Ordenação Affonsina. (R.)

(2) *Tolle quod tuum est, et vade.* S. Matth., na parabola dos trabalhadores, cap. XX, 14. (R.)

graciosamente aos outros quer dar nom te cures. Ca se tirarmos nosso pensamento de cuydar no bem que a outrem se faz, sera afastado de sentir por ello enveja, o que muyto devemos fazer pois Deos o contradiz, e os exemplos nos demostram a manifesta perda que jaz em tal pecado.

CAPITOLLO XVI.

Da sanha.

Da yra seu proprio nome em nossa lynguagem he sanha (1), que vem de huũ arrevatado fervor de coraçom por desprazer que sente com desejo de vyngança. Della nacem e veheram muytos malles, como diz Sam Joham Casiano no livro dos Statutos; que esta, morando em nos, cega os olhos da alma com treevas muy empeecivees, nam leixa aver juizo dereito de discreçom, nem vista de honesta contemplaçom, nem leixa possuir madureza de conselho, nem consente seer os homeẽs quinhoeiros da sancta vida, nem reteedores da justiça, nem recebedores despi-

(1) Por esta passagem d'ElRei Dom Duarte vemos que o verdadeiro nome da ira na antiga linguagem portugueza era *sanha*, porque *ira* era voz latina, e erão portanto synonimos; hoje não é assim, que *sanha* exprime uma idéa mais forte do que *ira*, a *ira* assanhada, isto é, que se mostra nos gestos e contorsões dos musculos do rosto, etc. (Vej. Synonimos de Dom Fr. Francisco de S. Luiz). No tempo d'ElRei Dom Manoel, e ainda talvez depois, era muito usado este vocabulo como synonimo de *ira*, o qual raramente se encontra. Daremos um exemplo tirado das Trovas de Diogo Brandão á morte d'ElRei Dom João II, o qual diz fallando d'aquelle Principe Perfeito :

« Era huũ mesmo no prazer e na *sanha*
» Das cousas virtuosas avya cobyça
» A todos igualmente fazia justiça
» Sem se lembrarem as teas d'aranha. »

Canc. Ger., fol. 91. (R.)

ritual e verdadeiro lume, porque diz o propheta, torvados meus olhos pella sanha (1), e aqueste contradiz toda hira fora daquella que se filha contra os pecados, e de nos por consentir em elles, e dessa medes sanha quando nos requere, e afica, e constrange. E declarando aquella pallavra de Sam Paulo que diz: Assanhaevos e nom queiraees pecar, e o sol nom se ponha sobre vossa sanha (2), diz que doutra se nom deve entender senom da suso dicta. Ca nom entendamos que nos he dado lugar por cousas que razoadas pareçom aver sanha, como assy seja que qualquer cousa cega os olhos da razom; pois que deferença sera pera tirar a vista poer ante os olhos pasta de chumbo ou douro? Certo he que assi hũa como a outra a vista embarga, a qual tirada, logo pera cayr estamos muyto aparelhados. E semelhante faz ella quando de nos se assenhora por qualquer cousa. E declara mais, que deste sol aquel dicto nom devemos entender que se nom ponha sobre nossa sanha; ca se leixassemos durar em nos ataa el posto, poderia seer que procederiamos (3), ante que se posesse, a vyngança. E porque o dicto Apostollo nos manda orar contynuadamente e sem enterpoymento (4); e o Senhor

---

(1) *Conturbatus est in ira oculus meus.* Psal. XXX, 10. (R.)

(2) *Irascimini, et nolite peccare : Sol non occidat super iracundiam vestram.* Epist. aos Ephes. IV, 26. Notaremos aqui que assim como a palavra *sanha* significava *ira*, d'igual modo o verbo *assanhar-se*, que d'ella é formado, significava *irar-se*, *infurecer-se*, e correspondia exactamente ao latino *irasci.* (R.)

(3) Temos notado que ElRei Dom Duarte usa algumas vezes do condicional em lugar do imperfeito do subjuntivo, defeito que se torna mais grave e intoleravel quando na mesma phrase se encontrão dous condicionaes, como é esta, mas defeito que deve desculpar-se na infancia das linguas. A verdadeira syntaxe d'esta phrase será : « Poderia ser que *procedessemos* ante, etc.; » assim o exige a Grammatica Geral, e assim construírão suas orações nossos bons Escriptores. D'um nos lembrâmos que dizia na Vida de S. Luiz : « Filho, mais *queria* que *morresses*, que offenderes a teu » Criador ». *Flos Sanct.*, fol. CVIII, ediç. de 1567. (R.)

(4) *Enterpoymento* é o substantivo verbal de *enterpoer*, metter de permeio; *sem en-*

diz : Que estando ante o altar, se nos lembrar que nosso irmaão tem alguũ escandallo contra nos, qùe leixemos nossa offerta e nos vaamos reconciliar com el (1); e se nos assy manda com nossos irmaãos, ante que offereçamos nossas ofertas, e acordar (2), como consentiria que ataa o sol posto com pecados podessemos estar enframados em ella, orando ao Senhor que de nossas ofertas nos mandou cessar ataa que com elle (3) sejamos reconciliados? Porem diz que se deve aquel dicto entender do sol da justiça, Xpõ Deos nosso, o qual se nos viir envoltos em sanha nos tirara o lume da sua graça; e seremos do conto daquelles de que he scripto, que o sol se lhes pos no meo dia por seerem del desemparados (4).

---

terpoymento, quer dizer, sem metter nenhuma outra cousa de permeio, e por consequencia sem descontinuar ou interromper aquella que se faz, e isto significa o texto de S. Paulo, *sine intermissione orate* (Epist. I aos Thess. V, 17), que nós hoje traduzimos alatinadamente (o que ElRei Dom Duarte não approvava como adiante veremos) por : « Orai sem intermissão. » (R.)

(1) *Si ergo offers munus tuum ad altare, et ibi recordatus fueris quia frater tuus habet aliquid adversum te : relinque ibi munus tuum ante altare, et vade priùs reconciliari fratri tuo.* S. Math. V, 23 e 24. (R.)

(2) Esta phrase é eliptica, devendo subentender-se *reconciliar*, se não é omissão do amanuense, o que parece indicar a conjuncção *e* que suppõe um outro verbo antes d'*acordar;* seja como for, a verdadeira construcção da phrase é a seguinte : E se nos assim manda *reconciliar* e acordar com nossos irmãos, antes que offereçamos nossas offertas, etc. (R.)

(3) Temos notado que ElRei Dom Duarte escrevia quasi sempre *el*, algumas vezes *ele* e raramente *elle* : a primeira orthographia é identica com o *el* da lingua romana (Vej. Roquefort, art. *el*), a segunda é conforme com o dialecto galliziano (Vej. Canc. de C. Stuart cit.), e que ainda se usava em tempo de Dom Manoel (Vej. Canc. de Res. cit.), e a terceira é a que ora usamos. (R.)

(4) O illustre autor refere-se aqui ou ao Propheta Isaïas, que diz : *Occidit ei sol, cum adhuc esset dies*, cap. XV, vers. 9, ou ao Propheta Amos, pela boca do qual diz o Senhor : *Occidet sol in meridie, et tenebrescere faciem terram in die luminis.* Cap. VIII, vers 9. (R.)

Outro entendymento (1) declara que razoadamente podemos filhar por o lume da descliçam, que se põe, e cega aos que muyto estom accesos em este pecado; e porem conclude que nom pode sem fallicimento aver logar em outros casos dos suso scriptos, scilicet, que nos assanhemos contra as tentaçõoes do pecado, e de nos se as nom contradizemos, e della medes se nos segue, afica, e constrange. Outros teem que algũas vezes a sanha he proveitosa, porque faz obrar as cousas melhor e mais prestemente.

E por a concordança destes dictos eu faço declaraçom, que para pessoas muy virtuosas a sanha he bem scusada, porque husando das virtudes como deve as cousas fara perfeitamente, e nam lhe convem de sanha seerem ajudados; porque a virtude da descliçom mostra o que he bem de fazer, e a fortelleza, sem outro aguylhom de sanha espertada, com desejo de justiça lhe fara todo comprimento como rezom for. Ca certo he as virtudes per sy seerem abastantes pera o virtuoso todo bem obrar, sem ajuda que necessaria lhe seja da sanha; mas a aquelles que naturalmente som mansos e muy benygnos, que alguũ nom queiram desprazer, e aos fracos de coraçom, molles, deleixados, pospoedores do que nom convem, e perguiçosos, muytas vezes lhes aproveita em os esforçar e aguçar (2), com tanto que nom cegue, sobrepoje, ou force o juyzo da razom.

E porque per ella erramos, em nosso cuydado, falla, contenença (3) e obra, pera conocermos se nos cega ou força, con-

---

(1) *Entendymento*, na accepção de *intelligencia*, *sentido* d'uma phrase ou texto, ainda foi usado por Vieira, que disse na *Historia do futuro*: « Para intelligencia do verdadeiro *entendimento* deste texto, » nº 284, pag. 302. (R.)

(2) *Aguçar* na accepção de *espertar*, *estimular*, como aqui o emprega ElRei Dom Duarte, ainda foi usado na *Arte de furtar*. (R.)

(3) Com justa razão notou o sabio Autor do *Glossario das Palavras e phrases da lingua*

siire cadahuũ o que nos faz pensar, fallar e obrar quando a tevermos, e des que de nos se partir; e se o bem reguardamos sem afeiçom, sentyndo o juyzo que sobre nossos feitos per dignas pessoas dautoridade he dado, poderemos com a graça de Nosso Senhor Deos conhecer se somos della storvados ou ajudados; e per os erros passados nos avisar pera o diante. E se della mal nos acharmos, nam dando lugar nem autoridade a nossos cuidados, devemos conteer o fallar e obrar quanto em nos for. E se conhecemos que com ella nom tressaymos (1), e nos aproveita com grande tento, nom leixemos de pensar, fallar, obrar, ainda que a syntamos; porem com boo resguardo, segundo for a pessoa, feito e logar. E se nos veher das mudanças dos tempos contra nosso prazer, e das cousas da fortuna, consiiremos contra quem nos assanhamos, e desejamos aver vingança por as perdas e desprazer que por ello recebemos. E segundo rezam, contra os tempos, que nom fazem mais que per Nosso Senhor

---

franceza introduzidas na locução portugueza que esta palavra não era um gallicismo; sua opinião é corroborada com numerosos exemplos tirados de nossos melhores Autores, aos quaes accresce a autoridade d'ElRei Dom Duarte, e a que podêmos juntar a de um Cortezão d'ElRei Dom Manoel, Dom João Manoel, o qual d'ella usou n'esta mesma significação de *aspecto*, *presença*, *semblante*, *gesto*, etc., nas suas Trovas, onde diz:

« De pelote de gybam
» Me manday certo preceyto
» Se capuz se balandrão
» Para chegar cortezaão
» Na *contenença* no jeyto »

Canc. Ger., fol. 159 v. (R.)

(1) O verbo *tressaillir*, ainda hoje usado na lingua franceza, era da lingua romana, da qual veio para a nossa, mudada a desinencia *illir* em *ir*; a sua principal significação era *saltar*, e é nesta mesma, mas em sentido translaticio, que o emprega ElRei Dom Duarte. Dizemos hoje em estilo familiar, e talvez vulgar, que um homem *saltou*, ou *saltou aos ares*, quando se estimulou de alguma cousa que se lhe disse, ou se irritou d'alguma offensa que se lhe fez. Vej. Roquefort, art. *tressaillir*. (R.)

lhes he ordenado, nom averemos fundamento de nos assanhar; e muyto menos contra el, que todallas cousas faz e ordena melhor que per nos podem seer pensadas.

E com tal pensamento, ou de todo se leixara, ou a nos a tornaremos, entendendo que nos vem por seermos em aquel caso mal squeençados (1); e desto nom teemos rezom de nos assanhar pois nom he em nosso poder, ca vem por ordenança de nosso criador, o qual nom devemos culpar. E se for por nossos pecados pensando como per nos seram emmendados, com sua graça perderemos a sanha, ou a sentiremos de nos proveitosamente, avendo delles contriçom com proposito de quanto bem podermos mais nom as fazer.

E aquesta maneira me parece proveitosa pera praticar em todos casos que se recrecerem, per que da sanha sejamos requeridos. Huũ de tres modos, seendo della tentados, devemos teer. Primeiro e melhor he vencella, tirandoa de todo, per merece de Nosso Senhor, de nossos coraçoões, e obrar nossos feitos com boo repousamento. Segundo, se do coraçom a nom podemos tirar, devemosla sofrear, e escondendoa, fallemos e mostremos razoada contenença como se a nom tevessemos. Terceiro, se

---

(1) Ser bem ou mal *esquençado* ou *escançado* era locução mui usual entre os nossos antigos, e d'ella se servião para indicar um homem a quem tocára bom *ou* máo quinhão, boa *ou* má sorte; e tambem um homem feliz, afortunado que se saía bem de impresas difficeis e arriscadas, ou *vice versâ*. Esta locução era ainda cortezã no tempo d'ElRei Dom Manoel, que a encontrâmos nas Trovas de Francisco da Silveira, onde diz:

« Nem tem ninguem mais cuidado
» Nem vive com mais tristura
» Nem he peor *esquençado*
» Nem tem mais desaventura. »

Canc. Ger., fol. 90 v°.

A origem do verbo *esquençar* ou *escançar* deve-se buscar no da lingua romana *eschoir*, *eschier* ou *eskier*, d'onde os Francezes fizerão *échoir*. Vej. Roquefort, art. *Eschoir*. (R.)

tam poderosos nom formos, espacemola callandonos, ou nos apartando, assy que, tirandonos do aazo, mais ligeiramente nos possamos poer em boo assessego, por nom fazer ou dizer cousa errada. E aquesto devem assy obrar os que se temem de tressayr com ella, como dicto he; ca os outros, que per speriencias ja passadas conhecem que os ajuda em certos casos e nom torva, fallem e obrem com ella o que julgarem por bem.

CAPITOLLO XVII.

Do odyo.

A este pecado yra se podem apropriar outras VI paixoões. Odyo, tristeza, nojo, pezar, desprazer, suydade.

Posto que segundo maneira geeral da nossa falla huũ destes nomes se diz por outro em muytos lugares, a mym parece que nam propriamente som apropriados ao pecado da yra, porque algũas vezes veem sem ella. E porem nom dereitamente se poõem por seus ramos, ante sobre sy de cada huũ me parece razom de trautar.

Primeiro do odio, ou segundo nossa linguagem malquerença (1), que he huũ contynuado desejo de mal, perda, abatymento de bem doutrem por qualquer guisa que viir lhe possa. E pareceme que geeralmente se ha per estas seis partes. Primeiro, por erros, malles e perdas que nos som feitos, dictos, ou ordenados contra nossas honras, pessoas, cousas, e voontades, ou pensamos que assy foy, ou speram elles ou nos que seja. Segundo, por enveja que avemos. Terceiro, por sperança

---

(1) Note-se como o nosso Principe tem cuidado de nos indicar as palavras que erão da verdadeira linguagem portugueza, estabelecendo a synonymia entre ellas e as que erão tomadas do latim, e que segundo parece começavão então a introduzir-se. Veja-se o que dissemos a respeito da palavra *sanha* em a nota da pag. 96. (R.)

dalguũ gaanço (1) de honra, proveito, ou prazer que do mal doutrem speramos. Quarto, por cehumes que dalguem se ha, com rezom ou sem ella (2). Quinto, por geeral desacordo, e de lex, guerras, bandos, e openyoões, assy como xpaãos e mouros, ingreses e franceses, gelfes e gebeliins (3). Sexto, por huũ natural avorrecimento da pessoa, pratica ou geito que alguũs teem de que a outros tanto avorrece, que do seu bem lhe pesa e do mal lhe praz. A estas seis partes me parece que se podem reduzir todas maneiras de malquerenças. Em as quaaes, como dicto he, erramos per pensamento, falla, contenença e obra, das quaaes nos podemos guardar com a graça de Nosso Senhor Deos, se em tal cuydado longamente nom quysermos tardar, ou se de nos tirar o nom podermos remetello a seu juizo, pedindolhe que tal voontade nos tire, sobre tal caso obre o que el sabe que he bem, ainda que nosso desejo al queira, ca do que a el praz somos ou desejamos sempre ser contentes. E cada vez que nos veher tal remembrança de malquerença doutrem, façamos que nossa fym do cuidado seja em pedir a Deos que nolla tire, e que nos encamynhe obrar sempre em esto e todas outras cousas o que a el mais praz.

---

(1) Ganho. Vej. o que dissemos em a nota 6 da pag. 72. (R.)

(2) Note-se como esta expressão atravessou tantos seculos, e ainda hoje é da boa linguagem familiar, apezar de que os nossos lexicographos d'ella se não fizerão cargo; expressão não menos culta e pollida que a franceza que lhe corresponde : « *A tort ou à raison.* » (R.)

(3) Guelfos e Gibelinos, nomes que adoptárão os dous partidos em Allemanha que luctárão durante a segunda metade da Idade Media um contra outro na Italia. Estes nomes apparecêrão pela primeira vez no seculo XII. Os Guelfos seguião o partido, e autoridade da Igreja, os Gibelinos a autoridade dos Imperadores.

ElRei D. Duarte fallando d'estes acontecimentos nos mostra que estava não só ao facto da historia, mas tambem que de sua lição sabia colher exemplos para roborar os seus raciocinios, e argumentos. (S.)

De todas pallavras, conteneenças e obras nos devemos conteer, fora daquellas que per dereito e razom fazer podemos. E sobresto nom devemos reger per nosso juyzo sollamente, mes com acordo e conselho dos que em taaes casos fazello devemos. E segundo for o feito aver sobre el certa e determinada teençom per direito ou razom aprovada.

A guerra dos Mouros tenhamos que he bem de a fazer, pois que a Sancta Igreja assy o determina, e nom da lugar a fraqueza do coraçom que faça conciencia onde haver se nom deve. E sobre ella eu vy fazer hũa questom, que por elles se dezia seer feita, em esta guisa. Diziam, por que razom fariamos contra elles pelleja, ou moveriamos guerra, pois soportavamos antre nos vyverem judeus e outros Mouros taaes como elles? Ca se todos aquelles primeiro matassemos ou tornassemos a nossa ley, razoado lhes parecia que os guerreassemos; mas soportar estes, e matar a elles, por lhes ocupar e filhar as terras, nom parecia justamente feito (1).

A qual respondo, que assi como elles per poderio temporal e deliberaçom de suas voontades contradizem nossa fe, daquella guisa pertecee aos Senhores contrariar ao temporal poderio, e poellos de so (2) a obediencia da Sancta Igreja, em a qual ella

---

(1) Chamâmos a attenção do leitor sobre esta importante particularidade historica, que nos mostra que entre nós se disputára se havia ou não direito de fazer a guerra aos Mouros, apezar de ser esta não só autorizada pelos Pontifices, mas até por elles recommendada aos Principes christãos. As razões allegadas por ElRei D. Duarte, em todo este capitulo, a favor da guerra contra os infieis, são mui curiosas e importantes para a historia do xv° seculo. (S.)

(2) Entre os nossos antigos Escriptores até ao tempo d'ElRei Dom Manoel erão ignorados muitos vocabulos, que se podem ver em a erudita Memoria do Philologo Francisco Dias (Tom. IV das Memorias da Litteratura portugueza, pag. 26), e que depois se introduzirão na lingua; d'este numero é o adverbio, ou antes preposição *debaixo*; assim que, já vimos a pag. 65 que em lugar de dizer *abaixo* dizia ElRei Dom Duarte

nom os manda forçar pera filharem nossa ley, mas quer que sejam de tal guisa sogeitos que, se alguũs a ella se quizerem tornar, livremente o poderem fazer, e per os outros aos xpaãos nojo ou mal se nom faça; e porem muy justamente nos e todos senhores catholicos lhe devemos fazer guerra pera tornar suas terras a obediencia da Sancta madre Igreja, e poer em liberdade todos aquelles, que a nossa fe quizerem viir, que livremente o possam fazer, e os outros aos xpaãos nam façam empeecimento; e desque som em nosso poder, nam he razom fazerlhes mais prema (1) da que per o Sancto Padre for mandado. Porque assy como cada huũ dia contra os desobedientes aos mandados da Sancta Igreja somos chamados em ajuda de braço sagral (2), e desque os fazemos obedecer, a ella perteece determinar o que delles se faça; dessa guisa com muyto mayor rezom pera restituir as terras, em que o nome de Nosso Senhor Jhũ Xpõ foi louvado, que per os infiees per temporal poderio som forçosamente occupadas, o Sancto Padre muy dereitamente nos requere, e com

---

a juso, e aqui vemos que em vez de dizer *debaixo* da obediencia, diz *de so* a obediencia. Esta preposição, que é commum ao dialecto castelhano, é mui antiga no nosso, pois se encontra no livro dos Foraes Velhos de 1264 (Vej. Eluc., art. *Alganame*), foi substituida por *sob* ou *debaixo*, mas ainda se conserva na composição de varias dicções usuaes, como *socapa*, *socavar*, *soerguer-se*, *soterrar*, etc. (R.)

(1) Esta palavra com a significação de *oppressão*, *constrangimento*, foi muito usada nos tempos antigos, e ainda d'ella se servio o Planto Portuguez. Na tragicomedia da ROMAGEM DE AGGRAVOS diz o Villão:

» Não tem *prema* de ninguem,
» E fará quanto quizer. »

Gil Vic., Tomo II, pag. 499. (R.)

(2) Posto que algumas vezes se encontra na Ordenação Affonsina *sagral* com a significação de *secular*, a sua verdadeira significação é *sagrado* ou *ecclesiastico*, de *sacer* latino; que para significar *secular* usavão os nossos antigos de *segral*, de *segre* seculo, que ainda foi usado por Heito Pinto, e Arraes. (R.)

prometymento de tantas perdoanças nos enduz pera fazermos tal guerra, da qual seer justa persoa fiel contra seu mandado nom deve haver duvida; com tanto que o procedimento della seja com boa teençom, e justamente feito per taaes pessoas (1) a que convenha.

E esso medes he das outras justas guerras, que os Senhores com os do seu conselho acordam de fazer. Ca em este caso aos outros do seu reyno o que perteece de o em ella servir nom convem mais scoldrinhar, mas sem embargo podem matar, ferir, e roubar segundo per seu rey e senhor for ordenado; ca esto todo he per todos dereitos determinado, que os que teem oficio de defensores o devem fazer, husando porem de piedade quanto mais poderem, com reguardo de seu serviço, naquelles casos que per boos confessores e leterados nos for determinado, assy nos outros nom a devemos mais alargar por seguirmos nossas voontades do que elles aprovarem. Podemos demandar justiça que nos façam entrega das cousas nossas, ou emmenda do mal recebido (2), ainda que seja com morte, mal e perda doutrem, se tal demanda dereita for; posto que as mais das vezes seja obra

---

(1) Note-se como era irregular a orthographia no tempo antigo; vemos aqui na mesma pagina, e em curta distancia, a palavra *pessoa* escrita de dous modos que figurão duas pronunciações differentes; a primeira é a mais conforme com a latina *persona*, de que é uma contracção, e a que deveria ter subsistido como acontece em francez (*personne*), em castelhano e em italiano (*persona*), mas o uso, ou antes o capricho, conservou esta em despeito d'aquella, apezar de dizermos *personagem*, e *personificar* segundo a etymologia. (R.)

(2) *Emenda* não sómente significava *punição*, *castigo*, como notámos em a pag. 55, mas ainda *satisfação*, *vingança*; d'aqui nascêrão duas locuções usadas até Barros, *fazer emenda*, isto é, dar satisfação d'uma offensa feita; *tomar emenda*, isto é, tomar vingança d'um mal commettido. Na Decada I, IV, 4, diz aquelle escriptor: « Das quaes cousas lhe havia de fazer *emenda*. » E na III, VIII, 8: « Que por derradeiro haviamos de tomar *emenda* do damno, e mal que nos fosse feito. » (R.)

meritoria remeter as injurias e perdas que nos som feitas, mas per qualquer das partes suso dictas, que malquerença em nos contra outrem sentirmos, da voontade per a maneira suso scripta, ou per outra que razoada seja, nos trabalhemos de a tirar.

CAPITOLLO XVIII.

Da tristeza.

Da tristeza diz Sam Joham Casiano, no livro dos estabellicimentos (1) e nos das collaçoões dos Santos Padres, que nos devemos com a graça do Senhor Deos guardar como dos mais principaaes pecados; e o poõe e declara em cada huũ dos dictos livros por cabeça de pecado principal, chamando começo de morte : e diz que som duas maneiras de tristezas. Hũa que vem e procede de virtude; outra de pecado. E aquesta que vem de pecado departe em outras duas deferenças. Hũa que fica depois que se parte a sanha por a perda que recebe, ou por o desejo que nom comprio. A outra nace d'alguũ queixume sem razom, que esta na voontade, ou descende da desesperaçom. E declara que ha hi hũa geeraçom de tristeza a qual nom traz a alma do pecante correiçom de vida, nem emmenda dos pecados, mas mortal desperaçom, a qual nom leixou Caym fazer peendença (2) depois do omecidio, nem a Judas depois da trei-

---

(1) Isto é, Estatutos. Vej. o que dissemos a pag. 71.

(2) *Pendença* em lugar de *penitencia* ainda era palavra usada no tempo e na Corte d'ElRei Dom Manoel e de seu filho ElRei Dom João III, que se encontra nas Trovas de Dom João de Meneses, e no AUTO DA HISTORIA DE DEOS de Gil Vicente, representado a este Principe e á Rainha Dona Catherina em Almeirim, na era de 1527.

« Levemente dam sentença
» Contra parte não houvyda
» Sem fazer disso *pendença*. »
Canc. Ger, fol. 16.

« Pois nos obrigamos a misera vida,
» Façamos *pendença* ;
» Cumpramos os termos de nossa sentença. »
Gil. Vic., Tomo I, pag. 315. (R.)

çom buscar caminho de satisfaçom, mes trouxeo a seer pendurado em laço.

E porem (1) em esto a tristeza he de julgar proveitosa quando nos pesa dos pecados, ou somos accendidos em desejo da perfeiçom, ou quando concebemos a contemplação da bemaventurança que he por viir, da qual diz o Apostollo Paullo: Aquella tristeza que he segundo Deos obra peendença stavel pera a saude, a tristeza do segle obra morte (2); mas aquella tristeza, que obra peendença stavel pera saude, obediente he, graciosa, humildosa, mansa, suave, paciente, assy como aquella que descende de Deos, e se estende e oferece a toda door do corpo e do spiritu sem cansaço por desejo de perfeiçom; e assy como leda pello seu proveito e recriada retem toda graciosidade e afabilidade, e tem em sy meesma todollos fruitos do sprito, os quaaes conta o Apostollo, dizendo, caridade, plazer, paz, longaminydade, bondade, benignidade, fe, mansidom, continencia.

Mas esta outra he muy aspera, sem paciencia, dura, chea de rancor, e choro sem proveito, e da desperaçom (3) penal. E aquel que abraçar revogoo (4) da industria saudavel e quebranto

---

(1) *E porem* era um pleonasmo proprio da lingua portugueza ainda na idade aurea dos nossos bons Escriptores, que por elegancia juntavão a conjuncção copulativa á outra adversativa, quando o sentido só pedia esta segunda. Em Barros se encontrão muitos exemplos, dos quaes sómente citaremos o seguinte: « Primeiro que elle che» gasse, tomou Fernam Perez terra, *e porem* com assaz trabalho. » Decad. II, IX, I. (R.)

(2) *Quæ enim secundum Deum tristitia est pœnitentiam in salutem stabilem operatur: Sæculi autem tristitia mortem operatur.* Epist. II, aos Corinth. VII, 10. O Sabio Rei continúa expondo mais os pensamentos que as palavras de S. Paulo, e conclue enumerando os fructos do Espirito santo, de que falla o mesmo Apostolo na Epistola aos Galatas, Cap. V, vers. 22. (R.)

(3) Voz obsoleta, conforme com a castelhana *desperacion*, e com a italiana *disperazione*, a qual foi substituida por *desesperação*. (R.)

(4) *Revogoo*, ou *revogo*, por *revoco*, é um substantivo verbal obsoleto de *revocar*,

per door, assy como cousa sem razom, e fazeo antepoer nom soo a eficacia da oraçom, mas ainda faz evacuar todollos fruitos spirituaaes que dissemos, os quaaes a outra soube dar, por a qual cousa fora daquella que he tomada ou per peendença saudavel, ou per studo de perfeiçom, ou por desejo das cousas que som por viir, toda outra tristeza assy como de morte he de guardar. E assy como ao spritu do fornyzo (1), ou de filarguia (2), que he avareza, ou da ira de nossos coraçoões, de todo he de arrincar, assy ao sprito da tristeza, que nom he segundo Deos, devemos a fugir.

E pera se poderem tirar, ou vencer todas geeraçoões de tristeza diz estas pallavras (3): Aquesta muy enganosa paixam assy de nos fora lançar poderemos, se a voontade nossa per spiritual cuidado continuadamente occupada a esperança do que ha de seer, e a contemplaçom da prometida bemaventurança, levantarmos; por aqueste modo todallas geeraçoões das tristezas (4), assy as que d'algũa sanha passada descendem, como as que per leixamento d'alguũ gaanço ou perda a nos feita

---

que entre outras significações tinha a de *apartar*, *retrahir*, *dissuadir d'alguma cousa*, e significará por tanto *apartamento*, *retrahimento*, etc. (R.)

(1) *Fornyzo*, ou antes *fornizyo* ainda foi usado por Azurara, que fallando dos habitantes da ilha da Gomeira, diz que « em *fornizyo* pòem toda sua bemaventurança. » Vej. Chron. de Guiné, pag. 381. (R.)

(2) *Filarguia*, *filargiria* como escreve Bernardes na Floresta, ou antes *philargyria*, é palavra puramente grega, φιλαργυρία, e significa amor da prata, das riquezas, avareza, cobiça, — de φιλος, amor, e ἄργυρος, prata, dinheiro. ElRei Dom Duarte tomou-a provavelmente de S. João Cassiano, que d'ella trata no livro VII dos Estatutos. (R.)

(3) Deve subentender-se S. João Cassiano de quem ElRei Dom Duarte extrahio todo este Capitulo. (R.)

(4) *Geração*, tem tambem a accepção de *genero*, *especie*; accepção commum à lingua Castelhana (*generacion*) e á italiana (*generazione*), e neste sentido se póde entender a passagem d'ElRei Dom Duarte; mas pelo que elle diz mais abaixo parece-nos que se deve antes tomar no sentido translaticio de *origem*, *principio*, *causa*. (R.)

venhom, ou as que da desarrazoada voontade e desconcertada procedem, ou as que em peçonhenta desperaçom nos enduzem, nos poderemos bem sobrepojar com resguardamento das perduravees cousas que ham de viir, sempre ledos e nom movediços duraremos, nem de casos que aconteçam presentes, desprezados, nem dos beens seremos levantados, huũ e o outro assy como cousa escorregavel e que asynha passa contemplando.

A mym parece acerca d'esta sentença que a tristeza tem geeralmente estes nacimentos. Primeiro e mais principal, de medo de morte, deshonra, door, ou padecimento spiritual e corporal. Segundo, de sanha nom vingada. Terceiro, de ryjo desejo nom comprido e perlongado. Quarto, de nojo que recebemos por deshonras, mortes, perdas, prisoões, doenças e retiimentos (1), e suydade (2). Quinto, da desconcertada compreiçom, que verdadeiramente doença de humor menencorico se chama. Sexto, per fallas, conversaçom de tristes pessoas, ou desconcertado cuydado que a desesperança (3) de cobrar boa

---

(1) *Retiimento* era o antigo substantivo verbal de reter, que valia o mesmo que *rentenção*, que hoje dizemos. (R.)

(2) *Soidade* ou *soedade* era a orthographia antiga, de *soledade;* no tempo porém d'ElRei Dom Manoel já se escrevia *saudade* como vemos do Cancioneiro e de Gil Vicente.

« *Saudades* apartadas
» Com gram tempo nam se vendo. »
Canc. Ger., fol. 39 v.

« Has tu *saudade* de ir ver a teus paes,
» Ou per ventura das tuas ovelhas? »
Gil. Vic., Tomo I, pag. 320. (R.)

(3) Falta d'esperança, ou antes desesperação, com a mesma significação que o castelhano *desesperanza*, hoje tambem antiquado. Esta expressão ainda se usava muito no tempo d'ElRei Dom Manoel, como se vê das Trovas de Francisco da Silveira, onde se encontra duas vezes.

« Inda vos nam sabes bem
» Que dores fazem lembranças
» Quando se fazem de quem
» Nenhum remedio ja tem
» Mas antes *desesperanças.* »

« Outro com *desesperança*
» Bradava desesperado
» O morrer meera folgança
» Poys por morte se alcança
» Fym de mal contynuado. »

Canc. Ger., fol. 4 e 8 vº. (R.)

nem leda vida nos derrubam. Per cada hũa destas guisas mais e menos recebemos tristeza, segundo as afeiçoões e paixoões que mais em cada huũ reynam. E pera todos estes modos muy principal remedio he o suso scripto de aver sperança em Nosso Senhor, ajudandonos das outras naturaaes ajudas (1) que perteecem ao poder vegetatyvo, sensityvo e racional, como per speriencia e boo conselho cada huũ se conhecer que he mais proveitoso com boo esforço e gram descriçom.

---

(1) Por esta passagem se vê claramente que a palavra *auxilio* era ignorada na lingua portugueza, como notou Francisco Dias (Vej. Tom. IV das Memorias da Litteratura Portugueza, pag. 37); e na verdade se ella fosse conhecida não deixaria o Rei Eloquente, que tanto amava a *fermosa maneira d'escrever*, de a empregar em lugar de *ajuda* para evitar a redundancia e o pleonasmo insulso que desfigura esta phrase. (R).

CAPITOLLO XIX.

Da maneira que fui doente do humor menenconico e del guareci.

Por quanto sey que muytos foram, som, e ao diante seram tocados deste pecado de tristeza, que procede da voontade desconcertada, que ao presente chamam em os mais dos casos doença de humor manencorico (1), do qual dizem os fisicos que vem de muytas maneiras per fundamentos e sentidos desvairados; mais de tres anos continuados fuy del muyto sentido, e per special mercee de Nosso Senhor Deos ouve perfeita saude; com a teençom que primeiro screvi dalguũs desta breve e symprez leitura filharem proveitosa ensynança e avisamento, prepus de vos screver o começo, perseguimento e cura que del ouve, por tal que myuha speriencia a outros seja exemplo; ca nom he pequeno conforto e remedio aos que som desto tocados saberem como os outros sentirom o que elles padecem, e ouverom comprida saude, porque huũ dos seus principaaes sentymentos he pensarem que

---

(1) Menencorico, melancolico, porque os nossos antigos dizião *menencòria*, ou *merencória*; e assim se dizia ainda no tempo d'ElRei Dom Manoel, como vemos das Trovas de João Barbato, e de Gil Vicente no AUTO DA BARCA DO PURGATORIO:

« Quassy deos me dey vitoria
» Em tal prazer qual estava
» Despois ouve *menencoria*
» Por perder aquella groria
» Senhora em que estava. »

Canc. Ger., fol. 61.

« Falla em tua *merencória*
» E não falles em passar,
» E conta lá outra historia;
» Porque em festa de tal gloria
» Não has ninguem de levar. »

Gil Vic., Tomo I, pag. 262. (R.)

outrem jamais nunca tal sentio que fosse tornado a seu boo stado em que antes era. E porem esta desesperança he hũa grande parte do seu sentimento, da qual por o que screvo razoadamente se devem tirar, e tambem filhar grande conforto, pensando que outros de grande stado, e que som theudos em razoada estima, forom desto sentidos, porque nom se desprezam tanto assy medes por receberem tal pensamento com tanto padecimento de tristeza, quando pensam que taaes pessoas ja tal passarom, porque este desprezo que cada huũ de sy ha he huũ grande aazo de sua tristeza, o qual tirado, e havida qualquer parte de boa sperança, logo começa de aver saude, e se faz muyto desposto pera receber per a graça do Senhor Deos perfeita cura.

Quando eu era de xxij annos, ElRei meu senhor e padre, comprido de muytas virtudes, cuja alma Deos aja, despoendosse pera filhar a cidade de Cepta, mandoume que tevesse carrego do conselho, justiça e da fazenda, que em sua corte se trautava (1); porque tanto averia de trabalhar nos feitos que perteenciam pera sua hida, que doutros sem grande necessidade se nom entendia curar; eu nom consiirando minha nova hidade e pouco saber, com dereita obediencia, como per mercee de Deos sempre em todo lhe guardey, e desi (2) por grande voontade que avia de se proceder per o dito feito, recebi sem outro reguardo

---

(1) *Trautar*, em lugar de *tractar* ou *tratar*, é mui frequente na Ordenação Affonsina, e ainda se encontra no Cancioneiro. João Gomes da Ilha diz na sua Confissão :

« Joham Mourato meu Senhor
» Sages em todo *trautar*
» Donra bem merecedor
» Mais inteiro trovador
» Do que posso declarar. »

Canc. Ger., fol. 69 vº. (R.)

(2) O autor da *Eufrosina* escrevia *deshi*, depois d'isso, ou antes, além d'isso, outrossim. (R.)

todollos dictos carregos, aos quaaes me pus assy, fora de boa desclicom, que na primeira quareesma que logo veco fazia tal vyda. Os mais dos dias bem cedo era levantado, e, missas ouvidas, era na rollaçom (1) ataa meo dia ou acerca, e vinha comer (2). E sobre mesa dava odiencias per boo spaço, e retrayame aa camera, e logo aas duas oras pos meo dia os do conselho e veedores da fazenda erom com mygo, e aturava com elles ataa IX oras da noite; e desque partiom, com os oficiaaes de minha casa estava ataa XI oras. Monte, caça, muy pouco husava (3); e o

---

(1) *Rolaçom*, em lugar de *relação*, que ainda se lê em Mendes Pinto e Lucena, é mui frequente no Cancioneiro. Alvaro de Brito diz nas suas Trovas:

« A cabeça lhe poram
» Escontra o vendaval
» Aa porta da *rolaçom*
» E tambem o coraçom
» Com que cuidou tanto mal. »

Canc. Ger., fol. 29 vº. (R.)

(2) Parece que fizemos uma troca com os nossos vizinhos castelhanos do verbo *comer* com *jantar*. *Comer* significava antigamente entre nós *jantar*, fazer a principal comida do dia, *prandere;* e em antigo Castelhano dizia-se *yantar* para significar esta mesma comida: elles dizem hoje *comer*, e nós *jantar* (Vej. Diccionario da Academia Hespanhola, e o Vocabulario de Sanchez). Não é sómente nesta passagem d'ElRei Duarte que nos fundâmos, mas ainda n'um capitulo das Cortes d'Evora de 1481, em que os povos pedírão a ElRei Dom João II, « que os tabelliães sejam nos lugares deputados donde » sam tabelliães assi ante *comer*, e depois de *comer* certas horas do dia. » (Vej. Documentos para servirem de provas á parte 2ª das Memorias para a Historia e Theoria das Cortes, pelo Exᵐᵒ Snr. Visconde de Santarem, pag. 99. (R.)

(3) Chamâmos a attenção do leitor para estas preciosidades historicas que nos transportão aos principios do seculo XV, e nos mostrão como vivião, e em que se occupavão os nossos Principes, e sobre tudo ElRei Dom Duarte. Não podêmos deixar de nos admirar vendo este Principe na flor dos annos abandonar os prazeres da caça para se entregar exclusivamente aos negocios de que a sabedoria de seu grande pai o havia encarregado. É na verdade pasmoso vêl-o assistir á relação, e mesmo durante o jantar dar providencias sobre diversos objectos do serviço, e finalmente passar sete horas depois todos os dias tratando negocios com os do conselho, e com os védores

paaço do dicto senhor vesitava poucas vezes, e aquellas por veer o que el fazia, e de mym lhe dar conta (1). Esta vida contynuey ataa pascoa, quebrando tanto minha voontade que ja nom sentia alguũ prazer me chegar ao coraçom daquelle sentido que ante fazia. E pensava que aquello da mudança da hydade me viinha, e que assy era commuũ a todos, porem dello me nom curava; mes tanto me carregou que fylhey por grande pena nom poder no coraçom sentir alguũ dereyto sentymento de boa folgança. Com esto a tristeza me começou de crecer, nom com certo fundamento, mes de qualquer cousa que aazo se desse, ou dalgũas fantezias sem razom; e quanto mais aos cuydados me dava, tanto com mayores sentydos me seguia, nom podendo entender que dalli me viinha, porque eu trabalhava em aquelles carregos por as razoões suso dictas tam de boa mente, que nam podia pensar que mal me vehesse por obrar no que me prazia, e tam contente era de o fazer.

Em aquesta pena vyvy acerca de dez mezes, a tempos, e mais e menos; e porque o dicto Rey, meu Senhor, se veo acerca da cidade de Lixboa, onde tal pestellença era que poucos dias passavom que me nom fallassem em pessoas conhecidas que de tramas (2) adoeciam e morriam. E por esto a tristeza, que de tanto tempo em mym se criava, mais se dobrou; e huũ dia me

---

da fazenda nas materias relativas á administração d'este ramo. E para se repousar d'estas fadigas, entreter-se as duas horas restantes provavelmente sobre os negocios da sua casa! Que lições estupendas que este Principe deixou neste livro aos Principes do seu tempo, e a seus successores! Que modelo tão digno de imitação! (S.)

(1) Esta particularidade nos mostra um facto historico curioso, a saber que o herdeiro da Corôa vivia em paço separado d'aquelle que habitava seu augusto pai, que ElRei Dom Duarte idolatrava, como se vê a cada passo pelas expressões de respeito, e admiração quando falla d'elle, e a quem ia *dar conta do que fazia!* (S.)

(2) Inchaço, tumor, de *struma* lat., ou bubão como hoje dizemos. (R.)

deu grande sentymento em hũa perna, e me fez tal door com queentura (1), que me pos em grande alteraçom. E fuy logo remediado, que per graça de Nosso Senhor em breve spaço recobrei saude; mas filhey huũ tam ryjo pensamento com receo de morte, que nom soomente temy aquella, mas a que todos scusar nom podemos, pensando na breveza da vida presente. E aquel pensamento entrou em meu coraçom, que por seis mezes huũ pequeno spaço nunca o del pude afastar, tirandome todo prazer, e acrecentandome a mayor tristeza, segundo meu juyzo, que aver podia. Este me trazia tantas novas penas que seria largo deserever, e comparar nam as podiria, porque todallas doores pera esta me pareceria (2) saude, da qual nom avia sperança de guarecer. E se com fe e conciencia me queria confortar, per o demudamento da tristeza muyto era torvado, assy que a todo mal de alma e do corpo me derribava. E por tal temor se pode bem dizer o dicto do Gatom (3) : Quem teme a morte perde quanto vyve. E em outro logar : Quem teme a morte perde o prazer da vyda. E de

---

(1) *Quentura*, em lugar de *febre*, ainda foi usada por Duarte Nunes de Leão. Vej. Diccionario de Moraes. (R.)

(2) Não podêmos deixar de notar este solecismo d'ElRei Dom Duarte; elle devia dizer *me parecião*, porque *dores*, sujeito d'este verbo, é do plural. Mas poderemos nós criminál-o, quando autores graves que escrevêrão em tempos em que a lingua estava mais polida, e sua grammatica mais regularizada, ainda commettêrão similhantes erros, abusando da figura *syllepse*?! Muitos se poderião apontar, mormente ácerca do verbo *parecer;* daremos porém só um, tirado de Gil Vicente, o qual, no Romance que fizéra á morte d'ElRei Dom Manoel, diz, fallando da Infanta:

« Seus cabellos, fios d'ouro,
» Arrincava e destruia;
» Seus olhos maravilhosos
» Fontes d'agua *parecia.* »

Gil Vic., Tomo III, pag. 348. (R.)

(3) Vej. o que dissemos em a nota 2 da pag. 38.

feito nom ouvera conselho, remedio, nem esforço que me vallera, segundo entendo, porque com fisicos, confessores, e amygos fallava, e nom prestava cousa (1), e o dos remedios, das curas, nom sentia vantajem, e confortos recebia tam poucos como aquel que per enfermidade mortal, dos fisicos desperado (2), recebe das pallavras que lhe dizem, ou que per justiça he julgado que logo moira (3), ca nom menos aquel temor, segundo entendia, era pera mym sempre lembrado e sentido; mes a graça do Senhor Deos, e de Nossa Senhora Sancta Maria me outorgou conhecimento que era enfirmidade e tentaçom do inmiigo todo cuydado errado que me viinha. E determyney nom sayr em cousa fora da pratica de meu vyver, que eu avya por boa, e assy sabia, mercees ao Senhor, que per dignos doutoridade era aprovada; e se morte, vyda, saude ou enfermidade me vehesse, naquella quiz que me achasse. Em esta teençom fuy assy forte que os conselhos d'alguũs fisicos, que me diziam que bevesse vynho pouco auguado, dormisse com molher, e leixasse grandes cuidados, todos desprezei (4), avendo

---

(1) Phrase elliptica muito usada d'ElRei Dom Duarte; subentende-se *nenhuma*: « E não prestava cousa *nenhuma*, ou *nenhuma* cousa me aproveitava. » (R.)

(2) Voz obsoleta conforme ao antigo castelhano, e que vem da palavra romana *desper*; bem depressa fui substituida por *desesperado*. Dos fisicos *desperado*, vale o mesmo que, abandonado ou desenganado dos medicos, como ao presente se diz. (R.)

(3) No antigo dialecto portuguez-galliziano não se dizia *morrer*, mas sim *moirer* ou *moyrer*, e d'ahi as variações *moiro* e *moira*, em lugar de *morro* e *morra*, as quaes ainda se encontrão nas Trovas de Garcia de Resende á morte de Dona Ignez de Castro, e tambem em Sá de Miranda. Eis aqui dous exemplos tirados dos dous Cancioneiros:

« *Moyrer*. e prazme si Deus me perdon.....
» E non posseu muito uiuer assi.
» Que non *moyra* mui ced en cõ pesar.....
» E *moyro* meu pola freeira.
» Mais nom pola de nogueyra. »
Canc. de C. Stuart, fol. 59 vº, 80, e 102.

« Mas pois eu nunca errey
» E sempre merecy mais
» Deveys poderoso rey
» Nam quebrantar vossa ley
» Que se *moyro* quebrantays. »
Canc. Ger., fol. 221. (R.)

(4) A singeleza e ingenuidade com que o Autor nos refere o conselho que os medicos

toda minha sperança em no Senhor e sua muy Santa Madre; esto per parte da razom e da fe solamente, ca o sentido e desejo do coraçom todo era derribado a mal fazer.

Em esta grande doença durey o tempo suso scripto, callandome com ella, porque a poucas pessoas certas doutoridade fallava; e defora em toda minha maneira de viver fazia pequena mudança, nem mostramento do que sentia. E estando em tal estado, a muy virtuosa Raynha, minha Senhora e Madre, que Deos aja, de pestellença se finou (1), do que eu filhey assy grande sentimento que perdi todo receo; a ella em sua infirmydade sempre me cheguey, e a servy sem alguũ empacho como se tal door nom sentisse. E aquesto foy começo de minha cura, porque sentindo ella, leixei de sentir a mym, e veer que alguũ spaço fora leixado do dicto cuidado, e recreceome por algũa sperança que viiria a perfeito curamento. E filhey mais hũa maginaçom (2) muy proveitosa, ca pensey que Nosso Senhor

---

lhe derão contra a melancolia, é mais uma prova de que ElRei Dom Duarte escrevêra este tratado antes do anno de 1428, em que se desposou com a Infanta Dona Leonor, filha d'ElRei Dom Fernando de Aragão. (S.)

(1) A Rainha Dona Filippa de Lencastre morreo a 18 de Julho de 1414, anno em que seu illustre filho, autor d'esta obra, completou 24 annos da idade. (S.)

(2) Em nossos antigos Escriptores, assim como em os Italianos, Francezes e Castelhanos da mesma idade, erão mui frequentes as figuras de Grammatica, como já por vezes temos notado em ElRei Dom Duarte; umas vezes juntavão syllabas no começo das dicções, e fazião *protheses* (Vej. a nota de pag. 18 e 68); outras tiravão-nas e fazião *aphereses;* e d'este numero é *maginação* e *maginar*, a que falta a primeira syllaba *i*. Este uso, ou abuso, não foi só do tempo d'ElRei Dom Duarte, pois quasi um seculo depois ainda estava em vigor, como se vê com frequencia no Cancioneiro de Resende. Citaremos dous exemplos tirados das Trovas de Dom Diogo:

« O que posso *maginar*
» De tam alta perfeyçam
» He de tal costellaçam
» Que nam se pode alcançar.

« Ho fantesia perdida
» Ho *maginaçam* cansada
» Por candays tam derramada
» A pos quem vos nam daa vida! »

Canc. Ger., fol. 86 vº. (R.)

me dava tanta pena em meu coraçom por fazer emmenda de meus pecados, e fallicymentos, que mylhor pera mym era sofrer aquella com paciencia e virtuosa maneira, ca recebella na outra vyda, ou naquesta per deshonra, aleyjamento, ou taaes perdas que bem emmendar nunca se podem, e perdas que daquel mal como fosse sãao, per mercee do Senhor Deos, cousa nom me ficaria. E aqueste pensamento me deu esforço a pellejar com tal cuidado, como faria contra qualquer cousa contraira, ou tentaçom que me vehesse. E desto filhey grande esforço com paciencia e boa sperança, que som tres cousas pera tal caso muyto necessarias.

Porem depois aturei com a dicta doença acerca de tres annos nom tam aficado, mas cadavez melhorando, nunca porem sentindo huũ soo plazer chegar ao coraçom livremente como ante fazia. E acabado o dicto tempo, per special mercee de Nosso Senhor Deos, eu ouve acertamento destar por spaço de doos (1) mezes fora daficamentos (2), e em boa desposiçom de saude, e com boas folganças, sem filhar cada huũ daquelles conselhos dos fisicos nem outras meezynhas; subytamente senty chegar ao coraçom como devya, e pareciame que daquella guisa per que cada huũ homem perde o dereito gosto das viandas, e de-

---

(1) *Doos* ou *dos*, em lugar de *dous* ou *dois*, é um hespanholismo; mas não tenhamos por isso o nosso Principe por menos portuguez: bem portuguez era Sá de Miranda, e bastantes serviços fez á lingua materna, mas não foi isento d'igual defeito. Na Egloga VIII, estancia 77, diz elle:

« Com *dos* peixinhos passaras
» Do rio, nam dalmocreves. »

Obras de Sá de Mir., fol. 101 vº, ediç. de 1614. (R).

(2) Substantivo verbal de *aficar*, que significa *opprimir*, *apertar*, etc. É empregado aqui no sentido translaticio, significando, como antigamente em castelhano, angustia, afflicção, dor do animo ou do corpo, *angor*, *ærumna*. (R.)

pois cobra, que assy perdera e recobrara o dicto sentydo das folganças e prazer. E dally avante eu fuy assy perfeitamente saão, como se de tal sentimento nunca fora tocado; e ao presente, graças a Deos, eu me tenho em geeral por mais ledo que era ante que da dicta infirmydade fosse sentido. Esto por nom filhar aquel prazer assy ryjo em algũas cousas, como fazem os de nova hydade, ca bem penso que desque passa tal nom se filha, mes por grande custume as cousas contrarias, que muytas vezes me davam gram torvaçom, com seguro e repousado coraçom as passo.

E assy consiirando o bem davantagem que synto desta temperança e fortalleza me tenho na conta suso scripta, o que vos screvo por acrecentar aos da tristeza geeral tentados boa sperança que muyto lhes fallece, a qual he fundamento da sua cura e saude. E per esta guisa muytos adoecem de tristeza, que sempre reina em seus coraçoões, e por o nom poderem sofrer e desperarem de saude se matom, ou se vaão a perder onde nunca parecem; huũs por perdas que ouverom, cousas de vergonça (1) que lhes aconteceo, nojo, ou medo que sobejo e continuadamente sentem. Porende eu entendo que muytos no que sobresto tenho scripto, e adiante screvo, ainda que por fundamentos desvayrados syntom a tristeza, devem com a graça de Deos aver esforço, conselho, e avisamento com grande parte de boa sperança.

---

(1) Esta voz, sómente com a mudança do *ç* em *z*, era commum ao antigo dialecto castelhano; nós de *vergonça* fizemos vergonha, e os Castelhanos fizerão de *vergonza*, vergüenza. Vej. Vocabulario de *Sanchez*. (R.)

CAPITOLLO XX.

Dos aazos per que se acrecenta o sentido do humor menencorico, e dos remedios contra elles.

Os principaaes aazos da minha saude foy trabalharme de sentir per quantas partes me viinha e acrecentava o dicto sentimento, e achei que principalmente das duas que forom o começo, scilicet, estar em lugar de pestellença ou acerca, e me dar sobejamente aos aficados e grandes cuidados per tempo perlongado; de todo outro nojo, desprazer e sanha, de que ouvesse ryjo sentido, me tornava aquella lembrança da morte com seu receo, tristeza e tiramento de toda folgança. Doutra qualquer doença, destemperamento da compreissam, mingua de dormir, sobejos trabalhos do corpo, e de jejuuns, specialmente de pam e augua, de fruita ou semelhantes; e esso medes de reteer as obras da necessidade per qualquer guisa, dos tempos bruscos e contrairos ao que desejava, sentia empeecimento de me apartar soo por estar pensando achava muy contrairo, posto que a voontade per vezes me demandava. Das viandas, ou per meu costume, fuy assy regido que nunca dellas achei grande mudamento; e por vezes comya daquellas que os fisicos chamam manencoricas, e nom me faziam força, porem muyto nom as husava. E o bever dagua senti que faz pera tal door empeecimento, mas o vynho bem auguado entendo que he melhor que

o sem augua, posto que os fisicos sobresto mais louvem, nom conhecendo que per el nunca vyram a perfeita cura, mas por embargar o entender faz o coraçom nom sentir tam ryjo aquel cuydado que o mais atormenta, e a outros que com a bevedice som do conto daquelles que per ledice se tornam bugios ou caães, porque acidentalmente recebem tal prazer ou abetamento (1) dos sentydos pera nom padecer tanta tristeza, como pera pequeno spaço logo tornam a sentir tanta myngua daquel vinho, que como constrangidos tornam a elle de tal guisa, que onde se cuydam curar duma infirmidade, caem na servidoom da bevedice, porque se perdem muytos das almas, e corpos, e fazendas; porem de fazer tal cousa que seja digna de reprehensom, a quem tem desejo de bem vyver, nom menos que cada huũa das cousas principaaes, em este caso traz empeecimento; e porem, segundo meu juyzo, de toda cousa mal feita que ouve tal sentimento se deve guardar, e nunca per conselho de fisicos ou doutra pessoa, nem desejo que aja, queyra fazer pecado, nem se vezar a maao custume, por pensar que pera esto lhe sera remedio, porque do vyver bem e virtuosamente em geeral boa maneira se recebem grandes dous beẽs : primeiro, que Nosso Senhor aos semelhantes (2) provee mais de sua graça; segundo, que sempre vivem em melhor speranca, que pera todos casos de tristeza e nojos muyto presta.

---

(1) *Abetamento* era o substantivo verbal do antigo verbo *abetar* ou *abeter*, verbo commum ao dialecto castelhano, e que vinha d'*abestir*, *abester* ou *abeter* da lingua romana, d'onde o antigo francez *abêtir*, e que significava embrutecer, fazer estupido, tonto, *hebetem reddere*. Os Francezes modernos, aproximando-se da etymologia latina, fizerão o verbo *hébéter*, do latino *hebeto*, e nós por analogia fizemos *embotar*, cujo substantivo verbal é *embotamento*. Vej. *Glossaire* de Roquefort, art. *Abestir*, e o *Vocabulario* de Sanchez, art. *Abeter*. (R.)

(2) Aos que obrão de similhante modo, *Similiter agentibus*. (R.)

E o dicto Rey, meu Senhor e Padre, cuja alma Deos haja, per cinquo annos desto foy muyto sentido, avendo principal fundamento por hũa cadella danada que o mordeo. E tal pena sentia em desembargar, que huũ dia recebendo hũa informaçom, nom sabendo sobre que era, o coraçom nom lhe queria consentir que na mañão a tevesse; e por el o querer forçar, com suores lhe veo tal afrontamento que per força lha fez leixar; e como a lançou sobre hũa cama, ficou por entom fora de tal sentido, como se cousa dello nom sentisse. E aquel Santo Condestabre per semelhante (1) ouve aqueste sentimento, por sobejamente se dar aos cuydados e desembargos, em tanto que por semelhante se querer forçar pera ouvir alguma pessoa destado, lhe viinha tal agastamento que el confessou que ja por ello stevera em ponto de cayr em terra; e huum e outro nom se partindo de sua maneyra virtuosa de vyver receberom boa saude.

Contra todos estes acontecymentos eu me trabalhava de saber seus contrairos e remedios, com os quaaes per graça de Nosso Senhor me ajudava o melhor que podia, desta guisa. Da pestellença me afastava, e aprendi remedios pera a curar, e perservativos os mylhores que pude saber. Quando dos cuydados sentia que me tornava, como bem podia, por filhar boas folganças o remediava; e se era de muytos aficamentos de desembargos, per monte e caça, que fora per dias andasse onde me nom requeressem, achava grande melhoramento. Pera os nojos meezinha muy proveitoza sentia falla de boos, e sages (2) amygos,

(1) Locução adverbial antiquada, commum á lingua castelhana, e que vale o mesmo que *semelhantemente*, *igualmente*. (R.)

(2) Esta palavra, mui familiar aos nossos antigos Escriptores, era da lingua romana, d'onde veio o *sage* francez, e significava *experimentado*, *prudente*, *sensato*, *sabio*, etc.

leer per boos livros de virtuosas ensynanças que fallem a proposito do que bem fosse tocado. Desta soo me guardava, salvo pouco tempo per algũa necessydade (1). E sempre achei muy proveitosa boa ocupaçom de honestos e razoados trabalhos do corpo e do entender pera taaes sentidos, e a ociosidade muyto contraira. Se o corpo sentia destemperado, trabalhava por me reduzir a boa temperança. E sobre todas estas cousas avya esta pratica, que quando tornava a aquella muy malleciosa renembrança com gastamento de coraçom, logo lhe consiirava o fundamento; e se podia sentir donde era, com remedios contrairos lhe proviia; e se o nom entendia, pensava que era destemperança natural do corpo, a qual emmendada, aquel pensamento e tristeza me leixaria; e filhava por ello em mym spaço com menos afrontamento. A myngua do dormyr curava per sono razoado que depois filhava. No bever pus regra geeral de grande temperança em quantidade e bem auguado. O trabalho sobejo com folgança razoada emmendava. E a temperança dos trabalhos e do entender, vontade, e do corpo, pera boo regimento do prazer e boa desposiçom dam grande avantagem, porque toda governança sem esto nom muyto presta. Porem cada huũ guardandosse da fraqueza, preguiça, seguymento de voontade, ou vaã gloria, que som fundamentos de fallecerem em amballas

---

(Vej. *Glossario* de Roquefort); ainda se encontra no Cancioneiro de Resende e em Gil Vicente, como se póde ver nas seguintes citações:

« Joham Mourato meu Senhor
» *Sages* em todo trautar
» Doura bem merecedor
» Mays inteiro trovador
» Do que posso declarar. »

Canc. Ger., fol. 69 vº.

« Que o *sages* mercador
» Ha de levar ao mercado
» O que lhe comprão melhor;
» Porque a ruim comprador
» Levar-lhe ruim borcado. »

Gil Vic., Tomo 1, pag. 159. (R.)

(1) Não era só a lição dos bons livros que deleitava o Illustre Autor, mas tambem o preservativo que buscava contra os nojos era o da boa conversação *dos bons e sabios amigos!* Expressões admiraveis ditas por um Principe moço, e herdeiro do throno! (S.)

partes, em todallas cousas a seu poder com a graça do Senhor se guarde dos erros per sobejo ou fallecimento; ca posto que delles algũa cousa senty, nom sey quaaes som peores nem mais perigosos; porem em esto muy specialmente deve reguardar quem bem regido, saão, e ledo, per mercee do Senhor, deseja vyver.

E jejũar nunca leixei, segundo meu custume, porque o padecimento de huũ dia per outros recebia corregymento. A husança das pirollas commuũs pera esto achey muyto proveitosa; e em todo caso que me a tristeza recrecia, a ellas me tornava, tomandoas em razoada maneira, segundo eu sentia que conviinha aa desposiçom em que eu estava, e sempre della me achey pera esto de grande vantagem; porem o que bem estever de saude purgar, sangrias, e vomytos deve muyto scusar, quando se bem pode fazer.

Contra o tempo contrairo, pensava que viinha per ordenança de Deos, e que porem com paciencia o devia sofrer, atendendo por seu corregimento, consiirando a maneira suso scripta no pecado da yra sobre a mudança dos tempos, e pareceome muyto grande remedio, tanto que hũa vez bem me senty, e averme por saão; e posto que me despois aquel cuydado tornasse avyao por acidente que da doença ficava, a qual sempre me trabalhey por a desprezar; e por taaes avysamentos eu me governey de tal guysa que, per mysericordia de Nosso Senhor Deos, e de sua muy Santa Madre, eu fuy e soo (1) dello, como dicto he, em toda boa saude.

---

(1) *Soo*, *sôo*, ou *som* era a voz da primeira pessoa do verbo *ser* entre os nossos antigos, a qual era commum ao dialecto galliziano; no tempo d'ElRei Dom Manoel, em que as desinencias gallegas em *oa* começárão a desapparecer da lingua, sendo substituidas pelas em *am* ou *ão*, dizia-se *sam* geralmente, e já alguma vez se encontra

E aquella tristeza que vem de muytas partes juntamente, ou per alguũ tempo continuado, me parece muyto forte de soportar e aver sobre ella boo remedio; ca se veher morte de taaes pessoas, de que ajamos ryjo sentydo, per que convem trazer doo, e leixar festas, tanger, e vestir boas roupas, de que se recebe parte de folgança, e vem nossa doença, e doutras pessoas chegadas, com perdas, despezas, a que bem proveer se nom possa, e se fazem algũas taaes cousas que tocam na honra e boo stado todo juntamente ou acerca, como esto fere em todas partes, poucos se podem em tal tempo bem governar. Porem, segundo meu juyzo, este he seu principal remedio, avermos firmeza de fe, per a qual creamos que todo vem per ordenança de Nosso Senhor, que he fonte de justiça, e piedade, e mysericordia, porque devemos daver em elle boa sperança, que muyto tira todas tristezas, possuindo caridade, que por todallas cousas da vida presente nom consentira receber tal tristeza que nos empeccimento nem grande torvaçom possam trazer. E quando taaes se acontecerem, ou qualquer outra tristeza, pensar devemos que he pelleja contra que nos convem armar.

Primeiro, das tres virtudes suso scriptas, encomendando muy specialmente a Nosso Senhor todos nossos feictos, dictos, e pensamento per esmollas, e obras virtuosas, dando carrego a outras boas pessoas que semelhante por nos o façom; ca esto he certo que val muyto em todos estes casos.

Segundo, husar das cardiaaes virtudes, scilicet, prudencia,

---

sou, como ao presente dizemos : o que tudo se mostra pelas seguintes citações dos dous Cancioneiros:

« Señor fremosa por nostro Señor
» E por mesura e porque non a
» En min senom morte cedo sera.
» E porque *sôo* uosso seruidor. »
Canc. de C. Stuart, fol. 93 vº.

« *Sou* na dança muy ayroso
» E bom musico tambem
» E tambem *sam* gracioso
» Mas he a custa dalguem. »
Trov. de Res. no Canc., fol. 227. (R.)

pera nos guardar e proveer onde convem; justiça, per que nom façamos, digamos ou pensemos por cousa que nos venha contra razom e dereito; temperança, com que obremos todas cousas tam temperadamente como se de taaes contrairos nom fossemos guerreados; fortelleza (1), principalmente para soportar os contrairos, e nos proveer em todo com a graça de Nosso Senhor dos mais proveitosos remedios.

Terceiro, compre proveer a saude do corpo, porque eu tenho sentido que ainda que taaes feitos per mostrança bem sejom soportados, a compreiçom se gasta e desconcerta, porque convem de o remediar, assy que com a mercee de Deos seja sempre em boo stado, porque a saude e fortelleza do corpo da geeralmente grande ajuda para o esforço do coraçom, seendo acompanhado de todallas virtudes suso scriptas. E devemos sempre lembrar quantos semelhantes sentymentos e tristezas ja nos passamos, e outros cadahuũ dia soportam, e todo em fym por mercee do Senhor Deos se correge (2) pera os que virtuosamente se governam. E tal devemos sperar que a nos se fara, se bem e vallentemente pellejarmos contra este mallecioso

---

(1) Se o Leal Conselheiro estivesse impresso quando Francisco Dias compoz a sua analyse sobre os principaes poetas portuguezes, não teria elle incluido no seu escolio dos substantivos ignorados até ao tempo d'ElRei Dom Manoel a palavra *fortaleza*, a qual com uma pequena alteração d'orthographia, era mui usada entre nossos antigos; nem podia deixar de ser conhecido o nome d'uma virtude em que elles tanto brilhárão! O mesmo dizemos do substantivo *defensor*, que não só existia, e era muito usado (não foi o Mestre d'Aviz *defensor* do Reino?!), mas indicava uma ordem ou cathegoria no Estado, como ElRei Dom Duarte no-lo explicou em o capitulo IV, pag. 30. Alguns outros se podião ainda apontar, mas só citâmos estes, não para criticar aquelle habil philologo, senão para dizer que a lingua portugueza em tempo do nosso Principe era mais rica do que se suppõe, o que bem se manifesta pelo Leal Conselheiro. (R.)

(2) *Correger*, em lugar de *corregir* ou *corrigir*, do latim *corrigere*, com significação neutra ou reciproca, era do antigo dialecto portuguez-galliziano, e ainda era usado

peccado, avendo sperança em Nosso Senhor Deos per determynaçom da razom, posto que a fraqueza e o derribamento do coraçom nom o queira consentyr, nem creamos que sempre em quanto durar a lembrança durara o sentydo por della nacer, ca nom he assy, porque, segundo no começo he dicto, duas som as lembranças, hũa do coraçom, e outra da cabeça; e porque daquella que do coraçom procede vem gram parte de taaes sentidos, a qual muy ligeiramente as mais das vezes passa, nom he para creer que assy dure, como a que da parte da cabeça principalmente sentymos. E porem tenhamos que a lembrança principal daquel feito, que he fundamento da tristeza, fique, o sentido passara, por tal lembrança nom passar assy ryjo ao coraçom, como per alguũ tempo he sentyda; mas per a graça do Senhor, e boos avisamentos, todo se deve screver que venha a perfeito curamento.

---

em tempo d'ElRei Dom Manoel, como se póde ver das seguintes passagens tiradas dos dous Cancioneiros:

« Mundo teemos fals e sen sabor
» Mundo sem Deus e en que ben non a
» E mundo tal que non *corregera*
» Ante o ueio sempre enpeorar. »
Canc. de C. Stuart, fol. 107 vº.

« Logo a crucifiquemos
» Pois se nam quer *correger*
» Ou morte cruel lhe demos
» Por mais males nam fazer. »
Trov. de Diogo Fogaça, fol. 61 vº. (R.)

CAPITOLLO XXI.

Da tristeza que sobre pecados ou virtudes tem nacymento.

Vejo outras duas maneiras da tristeza que ham contrairos nacymentos; hũa de malles e pecados, a outra de virtudes, desposiçom dellas, e boas manhas.

Da primeira, querendo alguũs aver tempo abastante pera comprir seus maaos desejos em gaanhos nom dereitos, vinganças contra justiça, folgança com pecado, se o aver nom podem sentem alguũs ryja tristeza, cayndo em tam grande erro como se o defeito fezerom. E desta guysa outros, que por algũa boa tençom leixarom passar semelhantes cousas, filham contynuado arrependimento com tristeza, por os malles que nom acabarom, consiirando como passou tal tempo em que poderom satisfazer a seus maaos desejos. Este me parece muy grande e magnyfesto erro, que nace da mynguada fe; ca se tevermos por determinado que de todo mal averemos pena, se del compridamente nom formos confessados, e arrependidos, com proposito de o mais nom fazer, como nos podera pesar do que leixamos de comprir? E se consiirarmos cam pouca folgança de taaes cousas fica, e a obrigaçom de tanta perda spiritual e temporal, ja mais nom penso que onde boa tençom reinar possa caber tal tristeza, ante avera continuado prazer, teendo a Nosso Senhor em grande mercee querello assy livrar de laços tam aparelhados.

A segunda parte he dalguũs que desejando sem discripçom aver todas virtudes, desposiçom dellas, e boas manhas, como as melhor veẽ a cada huũ; e quando algũa nom podem tam perfeitamente cobrar filham sanha de sy, com menos preço, do que recebem desordenada tristeza. E os que per semelhante guysa caaem he com enveja, ou myngua de saber; ca devyam pensar que todos somos obrigados de nos guardar de pecado, e de fazer cousa torpe ou digna de tal prasmo, que traga empecimento em nosso boo nome, segundo aquel estado em que formos, lembrandonos aquelles ditos: Quem fallecer em huũ pecado, em todos he digno de culpa; e mais: Quem sua fama despreza mysquynho he (1).

Porem ainda que devemos aver esta guarda nas virtudes, desposiçom dellas, e manhas do corpo, nom podem seer de todos per igual possuidas, segundo diz o Apostollo (2), que departimento de graças som que da o spiritu como lhe praz, a huũ de hũa virtude, e a outro de outra, por tal que todallas que perfeitamente forom juntas em Nosso Senhor sejam per partes em nos outros achadas; porem cada huũ se trabalhe sempre com sua graça daver e cobrar as mais e melhor que poder, guardandosse de fazer cousa contra sua voontade, ou que a nos e alguem traga magnyfesto damno; e que dalgũas tanto nom aja, se viir que he fora razoadamente de pecado, myngua, e dereito, prasmo, por nom seer assy perfeito nunca

---

(1) Eis aqui mais dous dictados ou proverbios da lingua portugueza, de que não teriamos noticia sem a publicação do Leal Conselheiro.

A proposito da palavra *mysquynho*, ou *mesquinho*, mui usada de nossos Classicos, dizemos que era da lingua romana, como se póde ver no Lexico do sabio *Raynouard*, o qual diz que vem do arabe *mezquin*. (R.)

(2) O lugar do Apostolo a que se refere o nosso Principe é o capitulo XII da primeira Epistola aos Corinthios, d'onde elle extrahio em substancia o que aqui escreveo. (R.)

recebe tal tristeza que lhe possa fazer empeecimento, conhecendo que a el he dado trabalhar sempre por as cobrar, e que nom pode viir a mayor comprimento de cada hũa do que Deos ordenar; ca posto que os Apostollos fossem compridos do Spiritu Santo nom forom todos iguaaes em preegar, screver, nem myllagres, e semelhante se faz em todos estados, ca per desposiçom dos corpos, hidades e virtudes a que naturalmente cada huũ nace desposto, ou, segundo o dicto dos strollogos, que as pranetas (1) per ordenança de Nosso Senhor o dotarom, convem que em sua virtude, boa manha, e ventura faça vantagem; e nom he porem de teer que todas estas cousas nos podem obrigar, nem constranger a pecarmos, ca a seendo assy nom averiamos livre alvydro, e per conseguynte nem desmerecimento, o que a Santa Igreja per contrairo determina e manda creer. Porem como suso dicto he cada huũ se trabalhe por sempre avançar nas virtudes, mynguando nos fallecimentos, e com torvaçom nom filhe desordenada tristeza por todo nom aver tam compridamente como bem deseja.

---

(1) No tempo d'ElRei Dom Manoel ainda *planeta* era do genero feminino, e ainda se escrevia com esta mesma orthographia, como se vê das Trovas de Fernam de Pina, o qual dizia a Simão de Souza:

« Eu comomem teu amiguo
» Quys saber tua *praneta*
» E achey que na gyneta
» Te vya huũ grão periguo. »

Canc. Ger., fol. 176 v°. (R.)

CAPITOLLO XXII.

Da mais forte maneira da tristeza.

Aalem das maneiras da tristeza em cyma scriptas, he hũa muyto mais forte, que tira o dormir e gram parte do comer, e traz door ao coraçom com grandes tremores e agastamentos. E aquesto se faz por alguũ muy special fundamento de grandes desaventuras, malles e perdas, e outras por arrevatamento dalgũas desconcertadas fantesias veem a este meesmo sentymento, o qual he tam periigoso que muytos per este aazo veherom a se matarem per sy, ou naturalmente morrerem per myngua de comer e dormyr, e doores que per este aazo lhe recrecerom, e muytos caaem em sandice (1); porende, sobre tam forte padecimento, outra cura ou remedio nom saberia dar senom que a Deos se encomende muy devotamente, e a Nossa Senhora Virgem

---

(1) *Sandice* com a significação de *necedade*, *demencia*, *tonteira*, que foi vocabulo mui usado por nossos Classicos, se encontra no Cancioneiro de Lord Stuart com frequencia, sómente com a differença d'um *e* em lugar de *i*. N'uma das Cantigas diz o Trovador:

« Amigos non posseu negar
» A gran coita que damor ei
» Ca me ueio sandeu andar
» E com *sandeçe* o direi.
» Os ollos uerdes que eu ui
» Me façen ora andar assi. »

Fol. 83 vº. (R.)

Santa Maria, filhando grande contriçom de todos seus erros e fallicimentos, se confesse compridamente delles, e satisfaça em todo caso quanto mais bem poder, com firme proposito de nom tornar aos pecados em que foy culpado, nem em outros; e propoer em seu coraçom de vyver mais limpamente que poder com a graça de Nosso Senhor Deos, conformando sua voontade ao que a elle mais prouver. E cheguesse ao Sacramento da comunhom com a mayor limpeza e humyldade que se poder aparelhar, propoendo e dispoendosse logo a fazer algũas grandes obras meritorias speciaaes, segundo a pessoa for, por complazer ao dicto Senhor, pedindolhe por mercee que lhe ponha boo assessego em seu coraçom; e diavante (1) guardesse muyto destar soo, mais sempre acompanhado de boas, discretas e devotas pessoas para o ajudarem com a graça do Senhor ao soportar em boo stado, arredando quanto mais poder todo cuydado daquellas cousas passadas, presentes e por viir, donde tal tristeza tem seu principal fundamento. E naquestes casos convem estar muyto ao regymento da fisica (2) em comer, bever, e todallas outras cousas que sem pecado se poderem fazer, leixando jejuũs e outras ceremonyas de devoçom, que o corpo e a voontade nom querem soportar, nom desemparando porem a firmeza da fe, grande sperança, boo proposito, e voontade do coraçom; mas tenha em esto tal maneira como fazem os que som doentes doutras enfermidades, aos quaaes nom he contado

---

(1) D'ahi avante, d'ahi em diante. Esta locução adverbial ainda era usada no tempo d'ElRei Dom João II, o qual respondendo ao capitulo dos povos sobre o exame e approvação dos foraes disse: « Quem *dyavante* deles husar sem a dicta aprovaçom que » page cem cruzados na dicta moeda. » Vej. Docum. cit. a pag. 116 (R.)

(2) Assim como *fisico* significava antigamente *medico*, *fisica* significava igualmente *medecina*. (R.)

por erro, nem fallecimento fazerem mudança nem em na maneira de seu vyver por guardarem o regymento que por os fisicos lhe for dado, atee que pella graça de Deos venha a boo estado de saude, a qual da sua mercee principalmente deve seer sperada, mais que doutro conselho, nem regymento seu, nem doutros homeẽs, ainda que cada huũ porem se deva desforçar quanto mais poder a buscar todos boos remedios que per sy poder cuydar, e per outras pessoas de bem lhe for conselhado.

CAPITOLLO XXIII.

Das partes do enfadamento.

Por quanto o enfadamento he huũ aazo de fazer viir a tristeza, eu consiirey, e por speriencia conheci, que se avya por cinquo guysas. Primeira, por muyto obrar o que lhe nom praz. Segunda, por tanto sobejo fazer algũa cousa que ao entender perteeça, que ainda que folgue em a continuar per afeiçam do coraçom, el de sy per cansaço filha enfadamento. Terceira, por noom teer que despenda o tempo que lhe de algũa folgança. Quarta, per doenças que venham ao corpo naturalmente ou per alguũ acontecimento. Quynta, por nojo, pesar, desprazer, avorrecymento, suydade que se recreçom, ou per natural tristeza da voontade mal ordenada. E pareceme seer necessario, ainda que o nome seja geeral, cadahuũ conhecer, quando tal sentyr, donde lhe vem, e saberlhe buscar com a graça do Senhor dereytos remedios; e pera mym em geeral achey estes.

A primeira parte, buscar tal cousa que me de aazo pera filhar prazer, ca tal enfadamento vem com desprazer, e porende convem curallo per seu contrairo. A segunda, porque se geera de cansaço, folga sollamente abasta, assy que estando em logar apartado alguũ spaço em que possa descançar he pera ello abastante remedio; e quanto mais se filhar em cousas de folgança, sem cuydado, fara mayor vantagem. E per a terceira, poucas

vezes tal enfadamento recebem os que bem vivem, porque sabem assy repartir seu tempo que nunca lhe fallece em que o bem despendam; ca nom teendo cousa certa que fazer, em leer, screver, fallar bem o passarom. E que esto falleça per seu virtuoso cuydado ham delle boo passamento, como screvem de Cipiom que de sy dizia, nom se sentir menos soo que quando soo estava, ca per boos cuydados sempre lhe parecia estar bem acompanhado; mes pera outrem scusar tal enfadamento he boo conselho nom aver sobeja folgança com algũa syngullar cousa, porque ligeiramente os que a tal custumam recebem enfadamento em toda outra como aquella nom podem aver. E porem o coraçom deve seer livre e custumando pera quando cumprir saber bem passar o tempo com cousas desvairadas concordantes a elle e a sua vyda, assy que nom podendo aver algũas folganças saiba logo achar outras; e por geeral aja boo departir (1) e fallar com pessoas perteecentes, que pera todo estado e ydade he sempre boo passar de tempo a quem o filha por folgança. Pera a quarta devesse consiirar, que pois vem per aazo da enfermidade, cessando ella o enfadamento passara. E como soporto frio, queentura, suor, trabalhos, e semelhantes que a doença faz padecer, assy o enfadamento que vem com ella he de soportar, sperando sempre com a mercee do Senhor boa saude per que todo avera corregymento. Sobre a quynta devesse reguardar o que tenho scripto destes sentimentos, e de seus remedios, desy aver lembrança de quantas vezes semelhante passou daquello que mais sente enfadamento, e que depois tornou a seu boo stado; e tal deve creer que se fara do que ao presente sentiir, oolhando mais nos acontecimentos que a outros se recreceram, e como de cousas que

---

(1) Este verbo era commum ao dialecto castelhano com a mesma significação que aqui tem de *conversar*. Vej. Vocabulario de Sanchez. (R.)

parecem contrairas se tornarom em grande melhoria; porende avendo fe em Deos, com seu amor e boa sperança sempre atendamos (1) por corregymento nos padecymentos do coraçom, corpo e voontade, perque soportaremos mais levemente taaes enfadamentos ataa que per sua graça todo se correga (2).

E conhecy que os tocados de tal padecymento seus cuydados costrangidamente sempre som embargados em algũas cousas que lhes dam grande pena, e os outros mudamnos segundo os feictos se recrecem. E posto que per necessidade teenham principal teençom a hũa cousa, passando aquella pensam livremente em outra que se recrece; e nom embargando que os muyto dados a alguũ fallicymento assy tragam o cuidado em el embargado, como a speriencia bem demostra dos namorados, cobiçosos e semelhantes, porende hi ha tal deferença, ca estes a espaços sentem prazer, e os outros contynuada tristeza em

---

(1) *Atender* com a significação de *esperar*, que ainda foi usado por alguns de nossos classicos, era commum aos tres dialectos; portuguez, como vemos d'ElRei Dom Duarte; castelhano, como se póde ver do Vocabulario de Sanchez; e galliziano, como se vê das duas passagens seguintes do Cancioneiro de Lord Stuart:

« Non *atendo* de vos porque me uen.
» Muito de mal mentreu uiuer poren.
» Se son deseg e affan e cuidado. »
Fol. 58 vº.

« Mais mentreu uos uir mia Señor.
» Sempre meu queria uiuer
» E *atender* e *atender*. »
Fol. 87 vº. (R.)

(2) Corrija. Vej. o que dissemos a respeito d'este verbo em a nota 2 da pag. 129. Não foi só ElRei Dom Duarte que usou do *g* em lugar do *j*; este erro d'orthographia era mui trivial entre nossos antigos. Antes d'elle disse seu Avô Dom Pedro I, respondendo a um capitulo dos Povos nas Côrtes d'Elvas de 1361: « E se o fazer maliciosamente » mandamos que *correga* aa parte toda a perda e dampno que receber; » e nas Côrtes d'Evora de 1481, requerendo os Povos a ElRei Dom João II, seu Neto, que os Caudeis não fossem perpetuos, lhe disserão: « *Elegam* huum boom homem que em cada lugar » tenha este officio de caudel de tres em tres annos e assi *elegam* ho scrivam do dicto » oficio de tres em tres annos. » Vej. a pag. 17 e 163 dos Documentos cit. em a nota 2 de pag. 116. (R.)

quanto pensam. E sento (1), per graça de Nosso Senhor, que boa, sages, bem parecente (2) e graciosa molher, com que homem seja casado, e se muyto amem, he grande remedio contra a tristeza e enfadamento. E quando meu irmãao o Iffante Dom Pedro desta terra se partio, sabendo eu que algũa desto sentia, lhe fiz este conselho ajuso scripto, o qual ainda que falle em outras partes, sobreste caso he seu principal fundamento. E mandeyo aquy screver por alguũs remedios para esto proveitosos em elle seerem scriptos.

---

(1) *Sento* por *sinto* é mui frequente no Cancioneiro; citaremos sómente uma passagem tirada das Trovas de Duarte de Brito, o qual diz:

« *Sento* certa minha morte
» *Sento* nam ver minha fym
» Sem ver bem que me conforte
» *Sento* pena de tal sorte
» Que nam sey parte de mym. »

Canc. Ger., fol. 46.

Camões ainda se servio d'esta inflexão, propria da lingua italiana, mas quasi sempre por necessidade do metro, como no Soneto 17, na Canção 5, na Ecloga 15, na Esparça 1, etc. (R.)

(2) O participio do presente empregado em lugar do participio do preterito era idiotismo mui usado entre os nossos antigos; em Fernão Lopes se encontrão muitos exemplos, de que só citaremos dous: a pag. 140 da primeira parte da sua Chronica diz elle: « Ora assi foi que este frade nesta embaixada era muito amigo e *conhecente* » daquelle Judeo Dom David Negro; » e a pag. 22 da segunda parte: « Ayres Gomes » havia fermoso e bem*parecente* corpo. » Na primeira phrase está *conhecente* por *conhecido*, e na segunda *parecente* por *parecido*. (R.)

CAPITOLLO XXIIII.

Do conselho que sobresto dey ao Iffante Dom Pedro.

Conselho pera vos sobejo me parece screver, porque a vossa grande boondade e disereçom me faz nom saber que avysamento vos possa dar, que per vos melhor nom sejaaes avisado; mas por alguũ pouco comprir o que vos disse, em breve esto vos screvo. E ainda que muyto conviinha seer ẽmendado e corregido na sustancia e modo descrever, per o pequeno tempo e a pressa que avia de outros feitos, e porque som (1) certo que aa enteneçom principalmente olharees, nom quis sobrello mais trabalhar (2).

Temperaae as afeições assy que per ellas nom desejees nem façaaes algũa cousa contra razom e dereito; nem ponhaaes tam ryjo a voontade no que vos por alguem parece que devaaes re-

---

(1) Vej. o que dissemos em a nota 1 da pag. 127.

(2) Por esta passagem vemos que ElRei Dom Duarte tinha muito cuidado de rever e corrigir os seus escriptos, e de limar a sua phrase, a que elle chamava *fermosa maneira d'escrever*; e quando por alguma circumstancia o não fazia, elle tem o cuidado de no-lo advertir. Assim que, sua linguagem é muito mais culta e engraçada que a de Fernão Lopes; mais natural e menos inchada que a de Azurara; é por vezes menos rude que a de Resende e Gil Vicente; e a simplicidade e chaneza, juntas com a gravidade e decencia, de que sempre é adornada, fazem com que seus escriptos sejão os mais perfeitos de sua idade; e se quizessemos retocál-os, corregindo alguns defeitos inseparaveis da infancia das linguas, serião excellentes modelos de linguagem familiar, em que não é mui rica a idade aurea da nossa litteratura. (R.)

querer, que nom se comprindo o que bem e dereitamente cuidaaes que requerees, muyto empeece a vosso stado e repouso de vosso boo coraçom; mas todo fazendo e requerendo com razoada deligencia e boa deseliçom, ordenaae assy a voontade, que as fiins dos feitos viindo de qualquer guysa, este prestes e aparelhada nom filhar tal torvaçom que vos empeecimento possa trazer. Na sanha essomedes vos compre avysamento, em tal guyza que compraaes o que diz o Apostollo: Assanhaevos e nom queiraaes pecar (1); e fazees esto dando spaço aas execuçoões, de feito e dicto quandoa com vosco sentirdes, salvo em os casos que nom recebem trespasso, e naquellas obras temperadamente conhecendo que a voontade com ella quer obrar sobejo.

Da tristeza vos avisaae quanto com a graça de Nosso Deos poderdes; e desto el soo he de todo enteiramente meestre. Mas fallando do que a nos pertecce obrar, a mym parece que com sua mercee cada huũ pode receber grande ajuda esguardando aos tres poderes que som em nos de suas ordenadas folganças; e estes som, primeiro de crecer e governar o corpo; segundo, do sentir; terceiro, do entender e razom. E devees de saber que por defallecymento de boo stado de cada huũ destes a tristeza vem alguũas vezes, conhecendo donde, e outras nom, salvo aquelles que de sy teem hũa grande industria per muyto special graça, ou per muyta grande pratica de coraçom repousado que se examyne sem afeiçom por o que el sente, e a outros dignos de autoridade ouvio e teem aprendido. E pera esto he de saber que o poderio de crescer e governar requere comer, bever, dormyr, e lançando fora toda sobegidoom daquello em que se sostem, deseja manter o corpo em saude, e necessario lhe convem trabalho e folgança. E o sentir demanda cousas legeiras de pas-

(1) Vej. a nota 2 da pag. 97.

sar com prazer, com toda deleitaçom da voontade, sem reguardando (1) seer bem feito, segundo razom e ley do Senhor Deos. E o do entender requere bem fazer com folgança em cuidar de compoer em obra, e em obrando, e desque o tem feito nembrandolhe que o fez, seendo obra em sy boa e bem feita, ou lhe pareça que he tal ainda que o nom seja.

E cadahũa destas partes compre reger muyto bem e discretamente aquel que de tristeza se quer afastar, e com a graça do Senhor traz seu coraçom em boo assessego, porque em elle som estes tres poderes; e per aaso de cadahuũ recebemos cada dia folgança segundo per speriencia sentymos. E assy nos entra a tristeza, posto que o nom conheçamos, por teermos afeiçom a hũa das partes nom sentymos o que da outra nos vem nacendo, assy como huũ devoto sem discreçom, sentyndo em sy grande folgança de vigilia, ou de jejuum, cuydando muyto per aquelo prazer a Deos, que perteece ao poder da razom, correndo per seu caminho muy desordenadamente, nom proveendo ao que lhe demandam os outros poderes, se per sua special graça nom fosse guardado, de que se nom faria merecedor, pois a discre-

---

(1) Usavão os nossos antigos muitas vezes da preposição *sem* junta ao gerundio significando *não*, defeito mui notavel da antiga syntaxe portugueza, e que justamente foi censurado pelo habil philologo Francisco Dias (Vej. Tomo IV das Memorias da Litteratura portugueza, pag. 51). Mas se bem reflectimos, talvez o absurdo não seja tão grande como o nosso critico pretende. O que mais o espanta é uma preposição tomada como adverbio negativo! Ora, conservemos a preposição com a sua significação ordinaria; digamos que por um capricho, de que nenhuma lingua é isenta, a inflexão do verbo, a que chamâmos gerundio, foi posta em lugar do presente do infinito; desfaçâmos esta troca caprichosa, e teremos a preposição *sem* com a sua significação e o seu devido regime, e a phrase clara e desempeçada, d'esta maneira: « *Sem reguardando*, sem reguardar, ou attender. » E nas passagens que elle cita: « *Sem tendo*, sem ter; *sem curando*, sem curar, etc. » E esta é, em nosso entender, a verdadeira explicação d'aquella especie de idiotismos antiquados. (R.)

com desemparava, nem se scusaria de cair em tristeza e perder a folgança que pensava daver. E assy huũ que desejando viver em folgança, e fora de tristeza, por satisfazer ao que requere aquel poderio de crecer, e toda sua vyda despendesse em largo comer, bever e dormyr, fallecceria sem duvyda da fim que per aquel camynho percalçar entende, porque teendo femença (1) aaquel sentido desemparou os outros dous que no coraçom teem seu quynhom; e sentyndosse fallecidos de lhe darem o que devem aver, convem que tragam tristeza ou myngua de boa ledice que aver podera, se cada huũ provcesse como devya, e esto dando mais ao melhor, e assy cadahuũ o que per necessydade requere; e conhecendo que a nos he dado vyver per razom em vantagem sobre todallas outras potencias, a este poder daremos a mayor parte da nossa folgança; e porque a filha principalmente fazendo bem, em esto despenderemos a mayor parte de toda nossa vyda.

Do sobrepojamento dalguũs humores que desgovernam o corpo, que a este poder de sua governança pertecnce, convem reguardar, porque algũas vezes vem por el a tristeza, mais nom

(1) Esta palavra, que corresponde á castelhana *femencia*, era muito usada por nossos antigos Escriptores com a significação de *attenção*, *cuidado*, *diligencia* em fazer alguma cousa, como se póde ver em Moraes. Fr. Joaquim de Santa Rosa dá-lhe outra accepção, sem comtudo a autorizar, dizendo que assim se chamava antigamente a inquirição diligente, exacta e circumstanciada. A primeira accepção é conforme á antiga castelhana, pois Berceo dizia n'um de seus versos: « En fer á Dios servicio metie toda *femencia.* » (Vej. Sarmiento, Memorias para a Historia de Poesia Hespanhola, pag. 189). A segunda póde autorizar-se com a seguinte passagem do Cancioneiro:

« Mas peço com reverença
» Ha Senhora que nos cumpra
» De justiça com *femença*
» E nos mande dar sentença
» Que torno pedir ut supra. »

Canc. Ger., fol. 6 vº. (R.)

sempre, porem e nom muytos querendosse logo purgar ou sangrar como som tristes; e a tristeza nom he sempre dally, mas vem da myngua de nom dar a cada huũ destes poderes o que bem requere, ca se mal deseja nom lhe he de outorgar, mas com discreçam e boo conselho vos trabalhaae em quanto poderdes de conhecerdes vossos desfallecymentos, e onde os poderdes forçar, forçaayos, e onde nom, com temperança e industria vos fazee scorregar por vos tornardes aaquel geito que vos boo parecer; e louvarom os boos que som em vyda, e aquelles que ensynanças em livros aprovados leixarom; e porem he de proveer, em qualquer caso que a tristeza venha, se o corpo he em boa desposiçom e saude, porque ainda que per aquel aazo nom venha, a tristeza meesma traz desordenança do corpo, a qual sempre requere ẽmenda, porque a faz acrecentar; e assy quando derdes a cada huũ poder com boa discriçom, conhecymento, aquellas folganças que bem deseja, com a ajuda daquel per que todo bem se começa, persevera e acaba, vyverees ledo em esta vyda, e com sperança daverdes mayor ledice da que hade viir.

E sobresto vos convem poer grande guarda nos desordenados desejos de quererdes fazer algũas cousas, as quaaes nom viindo segundo nossa voontade, convem por força que nos tragam tristeza. E tambem vos devees guardar de presumir que muyto merecees, e nom vos fazem o que he razom, mas fazey todo bem que poderdes, conhecendo que mais nom podees do que Deos quyser ordenar; e esto medes das voontades, que nada he todo vosso querer nem poder pera fazer o que quyserdes, se el nom manda que venha a perfeiçom; e de mericimentos conhecee que os nom teendes, e que mais vos da doque dar devia, segundo vossas obras, avendo sobresto huũ tal geito, que se vossa voontade se desatentar em grande ledice, ou se levantar em soberba, presunçom, ou vãa gloria apresentaae ante vos os falli-

cymentos que de vos conhecees de cada huũ daquelles tres poderes de que mais quer presumyr ou se gloriar. E tanto acharees que nom trestombando per vosso presumyr ou ledice sobeja, que depois faz cair em tristeza, vos tornarees a vosso boo stado de coraçom spaçoso e bem ledo. E se vos veem amcudo taaes nembranças que muyto vos querem derribar em abaixamentos e menospreços de nossos feitos, pessoa ou vyda, logo vos alçaae, dando graças a Deos, trazendo aa memoria todos aquelles beẽs que delle avees recebidos (1) de cadahuũ dos sobreditos poderes; e com devydo agradecymento oolhando em elles tiraae da memoria aquella nembrança, porque em ella muyto durando per força nos trazera grande tristeza. E esto fazee, ẽmendando sempre naquelles de que verdadeiramente vos sentirdes culpado, trazendo ante vos a nembrança da mysericordia de Nosso Senhor, em que devees aver segura sperança, que todallas cousas faz por bem daquelles que o amam e servem ou servir desejam, segundo diz o Apostollo, que todallas cousas se tornam a bem aos que teem propositos de sanctos (2), que he tomar de sua maão todallas cousas que nos faz, que som por nosso bem, conhecendo que mais nos galardoa que merecemos, e menos pena (3) do que somos culpados; e trazendo sempre com nosco tal teençom e avysamento, com boa sperança, andaremos com a graça do Senhor muyto arredados de todas tristezas.

No bever fazee poer temperança em vossa casa, porque la

---

(1) Vej. a nota 3 de pag. 81.

(2) *Omnia cooperantur in bonum, iis, qui secundum propositum vocati sunt sancti.* Epist. aos Romanos, VIII, 28. (R.)

(3) *Penar*, em lugar de impor pena, castigar, punir, era expressão antiga que ainda se encontra na Ordenação Affonsina: « *Penando* os que fizerem o contrairo. » (R.)

fora onde se mais acustuma husarem sobejamente esta manha, e desordenarseham se os bem nom guardaaes; e farom esto porque a voontade lhe ha grande afeiçom por todollos tres poderes, porquanto el sente do que pertеence ao poderio de crecer grande mantiimento de sua governança, e para o sentyr grande ledice em o beber com as fallas e outras cerimonyas, que acostumam os que em esta golosice filham folgança de a fazer e fallar em ella. E quanto aa razom, lhes parece que he bem convydar seus amygos, e lhes teer companhia; e porem tendo taaes razoões, com fundamento de custume da terra, convem de tresayrem, se per vossos conselhos e avisamentos com a ajuda do Senhor muyto nom som ẽmendados.

Seede mais avisado, que nas cousas que ouverdes dacabar busquees geito com spaço da voontade no obrar quando comprir, ainda que seja aficada na teençom. E nom tenhaaes que com todollos homeens convem de nos aver dhũa guisa, mas conhecee quanto a mym parece que cada huũ requere sua maneyra de obrar com elles e conversar, mayormente se he Senhor ou igual; e porem, guardando vosso boo stado, trabalhaae de os conhecer; e segundo delles conhecerdes, assy vos governaae, nom porem que em tal geito ponhaaes final entençom, mas obrando em esto per discreçom avee vossa sperança em aquel que vos deu a muy boa voontade e entender, que el vos dara as boas fyns e saydas em todos vossos feitos, em tal guysa que o grande e boo nome, que por el levaaes daquesta terra, seja sempre verdadeiramente por sua merece de bem em melhor acrecentando.

E pera boo encamynhamento e ajuda destes feitos achey por grande remedio e conselho fallar claro e descuberto com boo, sages e verdadeiro amigo, e que seja nom derribado, nem tocado daquel fallicymento de que homem se queria correger; e nom se deve fallar com muytos, ainda que os ajaaes por

amygos, mas com aquel ou aquelles que pera tal caso escolherdes por melhores, e mais chegados aa geral boa teençom; e se poder seer com os que ja daquel caso ouverom speriencia por grande husança, e som em boo stado retornados, ou que contra el sempre se bem governarom.

CAPITOLLO XXV.

Do nojo, pezar, desprazer, avorrecymento e suydade.

Antre nojo e tristeza eu faço tal deferença; porque a tristeza, por qualquer parte que venha, assy embarga sempre contynuadamente o coraçom, que nom da spaço de poder em al bem pensar nem folgar; e o nojo he a tempos, assy como se vee na morte dalguũs parentes e amygos, onde aquel tempo que per justa falla ou lembrança se sente, o sentymento he muyto ryjo; porem taaes hi ha que passado o dia logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz pensom. E a tristeza nom consente fazer assy, porque he hũa door, e contynuado gastamento com apertamento do coraçom; e o nojo nom continuadamente, salvo se tanto se acrecenta que derriba em tristeza.

E tal deferença se faz antre nojo e o pesar; porque o nojo no spaço que o sentem faz em aquel que o ha grande alteraçom, mostrando manyfestos sygnaaes em chorar, sospirar e outras mudanças de contenença, o que nom mostra o pesar sollamente, ca bem veemos que das mortes dalguũs nos pesa muyto, e nom nos derriba tanto que façamos o que o nosso nos constrange fazer, e menos caymos em tristeza, nem dello avemos sanha, mas propriamente sentymos no coraçom huũ pesar com assas de sentido. E aquesto medes se faz quando algũas cousas bem nom fazemos de pequena conta;

ca se de grande som trazem nojo, e se de mayor continuada tristeza.

O desprazer he ja menos, porque toda cousa que se faz, de que nos nom praz, podemos dizer com verdade que nos depraz della, aynda que seja tam ligeira que pouco syntamos.

E o avorrecymento avemos dalgũas pessoas que desamamos, ou de que avemos enveja, posto que seja em nossa secreta camara do coraçom, e dos desagraciados (1), enxabiidos ou sensabores, e aquesto do que fazem que a nos nom perteeça nem nos torve; ca se nos tocar, ou em algũa cousa torvar ou empeecer, o sentydo que dello ouvermos, sanha, nojo, ou pesar se deve chamar mais que avorrecimento. Esso medes dalguũs tempos contrairos a nosso prazer que nom empeecem algũa cousa, mes naturalmente ou por algũa razom desacordam de nossa compreissom ou voontade. E assy he bem visto como estas cousas som entresy apartadas, ainda que huũs nomes per outros se costumem chamar; mas aquelles que husarom de tal desvairo de vocabulos souberom que traziam em realidade verdadeira deferença, muytas vezes veem sem sanha, e porem nom propriamente segundo me parece por partes della devem ser contadas.

E a suydade nom descende de cada hũa destas partes, mes he huũ sentido do coraçom que vem da sensualidade (2) e nom da razom, e faz sentir aas vezes os sentidos da tristeza e do nojo; e outros veem daquellas cousas que o homem praz que sejam, e alguũs com tal lembrança que traz prazer e nom pena; e em casos certos se mestura com tam grande nojo, que faz ficar em tristeza. E pera entender esto nom compre leer per

---

(1) *Desagraciado* val aqui o mesmo que desengraçado, sem graça. (R.)

(2) Veja-se o que dissemos a respeito d'esta palavra a pag. 20.

outros livros, ca poucos acharom que dello fallem, mes (1) cada huũ veendo o que screvo consiire seu coraçom no que ja per feitos desvairados tem sentido, e podera veer e julgar se fallo certo.

Pera mayor declaraçom ponho desto exempros. Se algũa pessoa por meu serviço e mandado de mym se parte, e della sento suydade, certo he que de tal partyda nom ey sanha, nojo, pesar, desprazer, nem avorrecymento, ca prazme de seer, e pesarmya se nom fosse; e por se partir algũas vezes vem tal suydade que faz chorar, e sospirar como se fosse de nojo. E porem me parece este nome de suydade tam proprio que o latym, nem outro linguagem que eu saiba, nom he pera tal sentido semelhante (2). De se haver algũas vezes com prazer, e outras com nojo ou tristeza, esto se faz, segundo me parece, porquanto suydade propriamente he sentido que o coraçāo filha por se achar partydo da presença d'algũa pessoa, ou pessoas que muyto per affeiçom ama, ou o espera cedo de seer; e esso medes dos tempos e lugares em que per deleitaçom muyto folgou; dygo afeiçom e deleytaçom, porque som sentymentos

---

(1) *Mes*, em lugar de *mas*, ainda se lê algumas vezes no Cancioneiro de Resende. (R.)

(2) Note-se como é antiga a convicção de que a palavra *saudade* é uma expressão mimosa, toda peculiar á lingua portugueza. Não foi pois D. Francisco Manoel o primeiro que exprimio este pensamento, quando disse, fallando d'esta generosa paixão: « A quem sómente nós sabemos o nome, chamando-lhe *saudade*. » É tão sensivel a similhança que se observa entre a maneira de discorrer d'ElRei Dom Duarte, a respeito da saudade, e a de Dom Francisco Manoel, que julgámos acertado transcrever aqui algumas passagens d'este elegante Escriptor, para que o leitor possa a este respeito formar o seu juizo. « Florece (diz elle) entre os Portuguezes a saudade por duas causas, » mais certas em nós que em outra gente do mundo; porque d'ambas essas causas tem » seu principio. Amor, e ausencia são os pais da saudade; e como nosso natural é » entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens occasionão » as maiores ausencias, d'ahi vem, que donde se acha muito amor, e ausencia larga,

que ao coraçom perteencem, donde verdadeiramente nace a suydade, mais que da razom nem do siso. E quando nos vem algũa nembrança dalguũ tempo em que muyto folgamos, nom geeral, mas que traga ryjo sentydo, e por conhecermos o estado em que somos seer tanto melhor, nom desejamos tornar a el por leixar o que possuymos; tal lembramento nos traz prazer, e a myngua do desejo por juyzo determynado da razom nos tira tanto aquel sentydo que faz a suydade, que mais sentymos a folgança por nos nembrar o que passamos que a pena da myngua do tempo ou pessoa : e aquesta suydade he sentyda com prazer mais que com nojo nem tristeza.

Quando aquella lembrança faz sentir grande desejo, outorgado per toda mayor parte da razom, de tornar a tal estado ou conversaçom, com esta suydade vem nojo ou tristeza mais que prazer.

E porque sobresta lembrança, que traz suydade, muytos encorrem em pecado, tristeza, e desordenança de voontade,

---

» as saudades sejão mais certas, e esta foi sem falta a razão porque entre nós habi-
» tassem como em seu natural centro..... He a saudade huma mimosa paixão da alma,
» e por isso tão sutil, que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistincta a
» dor, da satisfação. He hum mal, de que se gosta, e hum bem, que se padece;
» quando fenece, trocasse a outro maior contentamento, mas não que formalmente se
» extinga : porque se sem melhoria se acaba a saudade, he certo que o amor e o desejo
» se acabárão primeiro. Não he assi com a pena : porque quanto he maior a pena, he
» maior a saudade, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; con-
» forme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor de suas agoas muito espaço
» despois de misturarse com as ondas do mar mais opulento. Pelo que, diremos que
» ella he hum suave fumo do fogo do amor, e que do proprio modo que a lenha odo-
» rifera lança hum vapor leve, alvo, e cheiroso, assi a saudade modesta, e regulada dá
» indicios de hum amor fino, casto, e puro. Não necessita de larga ausencia : qualquer
» desvio lhe basta para que se conheça. » Epanaphoras de Varia Historia Portugueza, pag. 286. (R.)

lembrandolhes por vista dhomees e molheres casadas, cantygas, cheiros, ou per saltamento doutras fallas e cuydados algũas pessoas com que ouverom algũas folganças quaaes nom devyam, ou poderom compridamente aver como desejavam, e o leixaram de fazer, e por ello lhes vem desejo de tornar a tal estado e conversaçom, nom avendo reprendimento do mal que fezerom, mas ham desprazer do que nom compryrom; estes proveytosos avysamentos pensei declarar da boa maneira que devemos teer em tal caso.

Primeiro, he conhecer como per contriçam os pecados se perdoam, e sem ella muy poucas vezes, ou nunca. E porque tal suydade, com desejo deliberado de tornar ao mal que fez, priva toda contriçam, e faz resurgir, segundo dicto de sam Paullo, aquel mal que ja destroyra; porende assy como do aazo da morte pera sempre he de guardar de tal paixam e sentimento.

Segundo, lembrarnos deve que Nosso Senhor ama quem ledamente por elle faz toda obra virtuosa, ca requeresse para bem se fazer algũa cousa que se faça com escolhimento e deleitaçom: e porende, como della vem arrepeendimento, o mericymento do bem que fez se perde; e consiirando estes malles, que de tal cuydado se recebem, com a graça de Nosso Senhor muyto del nos devemos guardar. Com taaes percebymentos quando vem o desejo de tornar ao mal que comprio, arrependymento do bem que fez, ou dos erros que leixou de fazer, lançallo devemos logo de nos, dizendo: Deos em meu ajudoiro resguarda, Senhor, trigate por me ajudar; ou acarretando nosso cuydado a pensar em al. E se viir que se nam quer arrincar nem fazer scorregar, leixeo correr alguũ pouco com entençom de o tirar desta guysa, amoestando a sy medes com aquella palavra de sam Paulo: que fruito ouvestes daquellas cousas de que agora

sentiis vergonha, e a fym della he morte? E tal convem sentir das semelhantes, por ende nam he de perder o bem que per contriçom do mal avemos recebido, nem per arrepeendimento das cousas por nos bem feitas o galardam, que per mercee de Nosso Senhor del esperamos, em nada seja tornado, mais sempre façamos fym de taaes cuydados em louvar seu santo nome, por nos relevar as grandes penas na vyda presente, de que eramos por taaes feitos merecedores; e assy speramos que seja na outra, arredandonos dos aazos per que podemos em elles e semelhantes cayr. E dos beens, que per sua graça fezermos, sempre lho tenhamos em grande mercee quanto mais poder a nossa fraqueza; e fazendo assy, per sua graça seremos em taaes cuydados fora de pecado e tristeza, poendo por ello nosso coraçom e voontade em grande assessego e contentamento.

Que a sanha venha sem desprazer, pesar, nojo, ou tristeza, a pratica bem o demostra, mas pera mayor declaraçom ponho exempro. Se alguũ tem algũa tal liança com outrem, de que lhe prazeria partirse per movimento da voontade, ou conhecendo que seria seu proveito, e aquesto achando razom dereita pera o fazer, se aquel que lhe faz tal cousa de que aja sanha, e conhece doutra parte que ja tem dereito fundamento pera se partir do que leixar desejava, ou fazer mal a quem por enveja, ceumes, ou sua vantagem muyto lhe prazeria; certo he que de tal sanha nom vem desprazer geeralmente, pois lhe praz, e menos pesar, nojo, nem tristeza. E o enfadamento he desvairado de todos estes sentymentos, e vem segundo he ja declarado no capitollo que delle falla.

Aquestas declarações vos screvo consiirando meus sentidos, e dos outros, segundo meu juyzo demostra antre estes nossos sentymentos, nos quaaes he de consiirar que podemos errar per os avermos, nos casos que nom devemos, ryjo, e mais tempo

que he razam, e se por elles fezemos, desejamos fazer tal mal a nos, ou a outrem, de que devamos aver corregimento, ou fazer satisfaçam, com proposito de semelhante a nosso poder nom fazermos, e nos tirar com a graça de Nosso Senhor dalgũa voontade e teençom, que por sanha, malquerença, tristeza, nojo, pesar, desprazer, avorrecymento, suydade em nos sintamos, a qual nom he de consintir, ou conselhandonos, seja que a leixemos per tal pessoa que devamos creer, ou obedecer.

CAPITOLLO XXVI.

Do pecado da Occiosidade.

Da occiosidade em nosso linguagem seu nome mais apropriado he priguyça; assy que todo erro da priguyça procede da occiosidade, e della vem mal, tarde e fracamente começar, contynuar e acabar as cousas que bem e cedo se devem fazer; e aquesto por estas seis deferenças, scilicet: primeira, per apertamento, empacho, e fraqueza do coraçom; segunda, do desejar, e seguyr sobejo vyda folgada e vyçosa; terceira, de pospoer os feitos; quarta, por seer movediço, e de maao assessego, per cuydado, fallas occiosas, e obras sem proveito; quynta, por aver pequena lembrança, sentydo e avysamento, percebimento pera o que convem fazer; sexta, por seer deleixado, froxo, e tardynheiro (1), em as cousas que faz. Per todas estas partes, ou cada hũa dellas, a meu juyzo, erramos

---

(1) Este adjectivo, que corresponde ao castelhano *tardinero*, ainda foi usado, com esta mesma significação de *tardo*, *vagaroso*, *remisso*, não só até ao tempo d'Azurara, mas de Gil Vicente, o qual faz dizer á *Feiticeira* na Comedia de RUBENA:

« Fazei vos lá outras figuras,
» Assi com' ora, escudeiros:
» Não sejais *tardinheiros*;
» E trazede-m'a ás escuras. »

Gil Vic., Tomo II, pag. 25. (R.)

per occiosidade, segundo se pode sentir quem em sy e nos outros bem consiirar.

E aquesta reparticom faço assy brevemente nom embargando que em huũ livro, que deste pecado e dos outros trauta muy compridamente, achey del xxiiij deferenças, scilicet: spaçamento dos beẽs que som pera fazer; emvelhentamento, ou priguiça; arrefeecymento do amor de Deos; pusalamidade, que he pequeneza do coraçom; movymento do coraçom; desassessego do corpo; desassessego da voontade sem razam; ignorancia, que he myngua de saber; occiosidade em special; sobejo fallar; vaão fallar; mormoraçam, que he mal dizer doutrem; maao calar; pesume (1) pera bem fazer; sono aalem da razam; negrigencia, que signyfica myngua de divida sollicitidoõe acerca dos feitos proprios; leixamento do que he theudo fazer; ingratidoõe (2); myngua de devoçam; langor, que he hũa infirmydade da alma, que tira do coraçom toda dulçura do prazer spiritual; empachamento de bem fazer; nojo de vyver; fallicymento de comprir peendença, e se tem pro-

---

(1) Não foi ElRei Dom Duarte o ultimo que usou d'este vocabulo, a que depois se substituio *pesadume*, pois ainda se lê no Cancioneiro. Antonio de Mendoça diz n'uma de suas Cantigas:

« Quem Castella se custume
» Em Portugal eu concrudo
» Que segundo seu *pesume*
» Fara muyto mor velume
» De trovas que de veludo. »

Canc. Ger., fol. 160. (R.)

(2) A desinencia feminina *õe* ou *oõe*, d'onde certamente se formou o plural *ões* ou *oens*, era vulgar até ao tempo d'ElRei D. João II, pois nos Documentos das Côrtes d'Evora de 1481 ainda se lê *multidoõe*, *servidoõe*, etc. Esta desinencia caducou inteiramente no tempo d'ElRei D. Manoel, restando todavia o plural d'ella formado, e foi convertida em *am* ou *ão*, e algumas vezes em *ude*, imitando a voz latina, como em *solicitude*. (R.)

posito de a nom fazer, chamasse pecado no spiritu sancto; desperaçam de Deos e de sua mysericordia; e nom fallando mais destas por scusar grande prolixidade;

Da primeira mynha deferença, scilicet, do apertamento, empacho, e fraqueza do coraçom vem nom cometer os feitos de que se recrecem perigos, grandes trabalhos do corpo e do spirito; e posto que se comecem nom os contynuam nem acabom assy bem como devem, nem vyda virtuosa podem percalçar, pera que se requere boo esforço, ca scripto he : O reyno dos ceeos força padece, e os fortes o roubam (1); e tardam muyto sobejamente as execuçoões dos feitos com receo do medo, perda, ou desprezamento dalgũas pessoas, que temer e recear nom devyam; e porem os fracos, empachosos e apertados de coraçom nom podem grandes feitos bem e virtuosamente acabar.

Segunda, do desejo da vyda vyçosa e folgada que cayamos em o pecado da occiosidade he vysto per o que se afirma o vyço seer sempre acompanhado com o vycio, e que homem folgadio acabara em proveza de virtudes e beẽs temporaaes.

Terceira, do pospoer dos feitos aalem do que compre em todo caso se recrece grande mal ou pecado, ca scripto he, nom guardes que façás, e esto procede claramente da occiosidade. E tem hũa pratica muyto certa pera se poder conhecer o priguyçoso do aguçoso, ca os tocados de priguyça ante que se desponham pera obrar as cousas, sempre lhes parece que teem grande spaço, e porem as pospoõe, e desque som em o feito, parecelhes o tempo assy breve que ja nom poderam acabar, e porem que melhor he ficar pera outro dia; os de grande aguça fazem o contrairo, porque ante do começo entendem que passa o tempo trigosamente, e que he bem começarem logo sem tardança, e assy

(1) *Regnum cœlorum vim patitur, et violenti rapiunt illud.* S. Mattheus, XI, 12. (R.)

continuar, e quando os outros acabom, pensando que nom haveram spaço, elles creem que ainda podem mais fazer por mylhor e mais cedo vynrem a perfeyçom do que desejam; e os de tal teençom se ouverem saber, e geito de bem executar faram mais cousas em breve spaço que outros em muyto mayor; e os que som bem aguçosos todallas cousas fazem de boo spaço, pollas começarem com tempo razoado, e os priguyçosos desordenadamente se trigam, porque se despoõe mal e tarde ao que ham de fazer. Os que priguyçosamente obram fazem dias e noites pequenas, dizendo que nom acham tempo abastante por se scusar de suas priguyças, o qual perdem, segundo diz Seneca, da vyda que he grande, mas nos a fazemos curta por a sabermos mal e priguyçosamente repartir e despender. Aqui he de consiirar como por nossa mingua leixamos daprender, saber, e praticar virtudes, boas manhas pera alma e pera o corpo; e perdemos muyto tempo, que ja mais cobrar nom poderemos.

Quarta, no movimento e maao assessego assy erramos per occiosidade como no sobejo repousar, ca todo esta em bem executar as cousas que devemos fazer. Tanto erramos per este peccado quando em casa grandes feitos devemos obrar se despendemos nossos tempos em montes, caças, festas, jogos, e fallas sem proveito, como em jazer ou dormir. E bem penso que os senhores per este desassessego cãe em occiosidade, mais que per outra parte, e aquesto fazemos per duas guysas: hũa per afeiçom que avemos a estas folganças suso dictas, outra per a pena e trabalho do sprito que sofrer nom podemos; e por lhes fugir per occupaçom destas cousas, despendemos os tempos assy mal e deshordenadamente que com dereita razom nos podem por ello muyto culpar. E se disserem que a priguyça mostra folgança, e porem nom deve concordar seer chamado

aos que taaes cousas de trabalho despendem seus tempos aalem do que convem; a esto respondo, que hũa priguyça he de trabalhar do corpo, e outra do spiritu; e assy como aquel que mal e tarde se despoõe aas obras corporaaes que deve fazer erra per esta acciosidade ou priguyça, desta guysa que he culpado o que faz semelhante nas obras do entender, posto que do corpo trabalhẹ, ca nom erra por trabalhar corporalmente, mes por nom fazer nem executar per obra do entender o que deve, ca este pecado esta em leixamento e nom em cometer; e porem grandemente e per muytas partes os senhores erramos e caymos em el, porque a tantas cousas somos obrigados de bem fazer, as quaaes leixamos, ou bem nom comprimos, por seguyr voontade, vencendonos per fraqueza, e assy obrando outros feitos em que nosso tempo ou bẽes despendemos no que poderiamos bem scusar, segundo se podera veer em huũ livro de Martym Pires, em que toca os pecados que pertecem aos senhores de mayor e mais somenos estados, e como poucos se poderiam achar fora de grandes culpas, posto que doutros, por mercee do Senhor Deos, estem em boa disposiçom. E caymos em tal pecado por cuydados, fallas, obras sem proveito, e fora de tempo, perque nos torvam do que somos obrigados de fazer. Eu nom digo que filhar spaços razoados em as cousas suso dictas seja occiosidade, ante he necessario, e cada huũ segundo seu estado o deve filhar, consiirando sua desposiçom do tempo, logar, e as cousas que tem de fazer; assy que onde na somana, estando em logar razoado e sem special occupaçom, duas, ou tres vezes podesse bem yr a monte ou caça; quando comprir per dous e tres mezes assy o aja em squecimento como se dello sentido nom tevesse, e assy de todos outros spaços e desenfadamentos, porque na sobeja occupaçom das cousas, per que leixamos bem de fazer o que devemos, esta o pecado. E tanto

tempo seuse taaes folganças, se o poder sofrer. E porque em todos pera desvairados feitos a virtude e desposiçom nom he igual, proveja razoadamente ao que sua compreissom e poderios dalma requerem; e fazendo assy nom cayra por ello em este pecado.

No cuydado scorregamos sandyamente em este desassessego: quando o senhor pensa como regeria o mundo seendo Padre Sancto, e o cavalleiro, se fosse bispo a vyda que faria, e o pobre se cobrasse riqueza, e o velho se tornasse a seer moço, estando em hũa terra se em outra estevesse; e assy em outras semelhantes fantesias per occiosidade leixamos grandes tempos sem proveito despender, em que poderamos pensar cousas que nos comprissem, ou como acreecentando em virtudes leixariamos malles e pecados. E conhecendo Sam Paullo o mal desta fantesia sem proveito, lhe chamava descorrymento da voontade que pera nada val, como suso he dicto, do que nos encomenda que sempre nos guardemos. E de tal soltamento de cuydado se recreecem muytos fallycimentos; ca el acustumado a esta soltura, se hũa heresia ou pensamento de tristeza, vãa gloria com propria presumçom, e outras semelhantes ryjamente filha, ja mais o nom quer leixar ataa que de todo nom faça cayr aquel que de tal custume lhe leixou aver. E por nos guardar de tal erro, segundo meu juyzo, com a graça de Nosso Senhor, he boo remedio nunca longamente correr per taaes fantesias, nem filhar em ellas algũa folgança, mes quando se apresentarem, o mais cedo que podermos as arryncar, mudar, ou desprezar, occupandonos em outras honestas obras ou cuydados; ca o soltamento de tal voontade melhor se muda que refrea nem arrynca, lembrandonos como som de pouco proveyto e muyto empeecymento. E daquesta guysa erramos per este desassessego: se no tempo de orar e ouvir oficios dyvynos nos

conselhos proveitosos, fallamentos, ou desembargos levantamos storias, recontando longos exempros; e esso medes nas obras quando nos occupamos naquellas que nom convem ao tempo que al devemos fazer.

CAPITOLLO XXVII.

Da quynta e sexta deferenças per que caymos em occiosidade.

A quynta deferença per que caymos em occiosidade he por avermos pequena nembrança, sentido, avysamento, e percebymento pera o que he bem de fazermos; ca se for por mais nom saber, entender ou poder, nom vem della, mes onde avemos todo esto razoadamente, e nom damos a execuçam o que devemos, sem duvyda per occiosidade, priguyça do entender ou do corpo, erramos.

Sexta, quando deleixadamente obramos o que aguçoso e com boa deligencia avyamos de fazer. Bem visto he, que se por nam avermos voontade, ou mais nom poder o fazemos, que tal maneira de obrar da occiosidade vem; e esso medes em fazer tarde o que compre seer feito com tempo, ca nom he menos erro de priguyça tardar de se lançar a dormyr, ou assentar a comer quando convem, que nom se levantar ao tempo conveniente, porque todo procede da priguyça e occiosidade. E acerca desto me parece boo conselho, nom se reger per o sentido que vem do coraçom, mas per determinado juyzo do entender, porque se bem nos lembrar e reguardarmos ao desvairo que nossa voontade faz em as cousas que obramos, e como algũas vezes mostra que som ligeiras dacabar, e de grande honra, proveito ou prazer, e aquellas per arrefecimento ou torvaçom

della, pensamos que som fortes e perlongados pera viirem a boa fym, e fora daquelles beẽs que a outra voontade per muyto desejo ou desposiçom mais sãa e ryja, ou leda faz sentyr, podemos bem conhecer como nom he segura cousa e dereita fazermos nossos feitos ou os leixar per o que nos o coraçom requere, mas o porque já passamos, e veemos que os outros fezeram, julgar o que he bem de fazer, nam afrouxando per fraqueza de voontade, nem nos tornando por gança, com grande acrecentamento della, mas determynando seguramente o que he bem em cada huũ feito, nom se recrecendo em el tal caso que seja razam fazer mudamento no começado, nom leixemos nosso proposito per suas mudanças, ante com boa deligencia per graça do Senhor continuemos ataa viir a fynal conclusam de nosso desejo.

Seu contrairo deste pecado (1) de ociosidade he seer nas obras do corpo e do entender bem aguçoso, e virtuosamente despender toda nossa vyda; e aos feitos, que fazer devemos, com razoada deligencia dar boas e prestes execuções, filhando sempre com boa voontade os trabalhos que nos mais convenham, segundo aquel stado em que formos; ca muyto certa speriencia me parece dos que leixam de cavar, roçar a terra, ou vyverem per boo trabalho de seus entenderes, que sempre se tornam a furtar, enganar, e roubar os homeẽs; e aquesto vem tanto de preguyça como da cobiiça deshordenada.

O leer dos livros de boas ensynanças, nos tempos em que

---

(1) Esta especie de pleonasmo, ou redundancia do possessivo com o pronome, era mui vulgar na antiga linguagem. Nas Côrtes d'Evora de 1481 disserão os Povos a El-Rei: « E as *duas* bestas *d'estes* estem em vossa strevaria. » Doc. já citados, pag. 145. Os nossos bons Autores não forão isentos d'este defeito, como se póde ver no Tomo IV das Memorias de Litteratura, pag. 49, e no V, pag. 201. (R.)

nos nom convenha obrar em outros mais convenyentes feitos, me parece esto bem proveitoso, reguardando nossa vida e dos outros, para entendermos o que leermos; assy que os livros nos declaram nossas obras, cuydados e sentidos, e nosso conhecimento nos faça melhor entender o que de tal sciencia leermos e ouvyrmos. E assy consiirando a maneira de nosso vyver com as declaraçoões suso scriptas, poderemos conhecer quanto de ociosidade e priguyça somos tocados. E com a graça do Senhor Deos nos devemos guardar della, como daquel mal que antre os principaaes pecados he contado, de que grandes perdas pera alma, corpo e fazenda se recrecem. E os fallicimentos della mais caaem em culpa que no mal de certa malicia.

Acerca desto he de saber, que os legistas pooem em nos (1) erros que se fazem estas deferenças, convem a saber : dollo, que he propriamente engano, ou mal acinte feito; culpa declarada, e muyto mais clara em que alguũs fallecem, que he tanto acerca de culpa como aquello que per voontade se faz. Outra culpa chamam leve, e a mais pequena muyto leve; do que dar exempros leixo por nom perlongar. Per deferenças destas culpas he de saber que se o erro he tal em que huũ boo homem de razom nunca cayria, he culpa muyto manifesta; se poucas vezes, he clara; se dello bem se nom podessem guardar sem grande avysamento, he culpa leve; seendo tal que acontece per grande ventura, e muy pocos dellas se avysarom, contasse por muyto leve cajom (2), em que nom ha culpa.

(1) *Em nos*, por *em os*, ou *nos*, era mui frequente em a antiga linguagem, o qual uso nos veio do dialecto galliziano. N'uma das Cantigas do Cancioneiro de C. Stuart diz o Trovador :

« Ca ei por uos *em no* meu coraçom
» Tan gran cuita. »

Canc. de C. Stuart, fol. 41. (R.)

(2) Esta expressão, que ha muito caducou, ainda era usada no tempo d'ElRei

Quando fallecermos per algũas das partes suso dictas, consiirando qual vos parecer, assy culpemos nos e os outros. E naquestas culpas leves dizem que o justo caae no dia sete vezes (1), por tardar alguũ pouco em cuydado que boo nom seja mais do que deve, por fallar, pesar, e nom saber, nem se lembrar ou avysar no que compre por algũa torvaçom de sanha, alteraçom de vãa gloria, necessydade ou arrevatamento. E porende, acerca deste pecado de occiosidade, cada huũ consiire se he nas cousas que faz assy deligente como deve, e os boos e discretos em semelhante fazem; e se vyr que vay razoadamente per respeito delles, demandando a Nosso Senhor sempre ajuda pera mais bemfazer do que obra, nom filhe ryjo descontentamento, ainda que conheça que a mais he obrigado, e seendo el melhor bem o poderia fazer, mas contynoe per seu obrar, crecendo quanto poder de bem em melhor, entendendo que per sua mercee como formento fara multiplicar nossos fracos merecimentos; e quando se tal maneira nom tever, razam he que filhe dello sentydo, e muyto façom por se correger.

E por pensar que poderiam dizer que fazendo tal leitura caya em este pecado de occiosidade, per seer obra pera mym tam pouco perteecente, respondo nom me parecer assy, consiirando a maneira que sobrello tenho, ca esto faço principal-

---

Dom Manoel, pois Bernaldim d'Almeida d'ella se servio, com esta mesma significação de *desastre*, *desgraça*, *caso accidental*, *perigo*, quando disse nas suas Trovas :

« Ele achou
» Que era vossa salvaçam
» O morrer de tal *cajam.* »

Canc. Ger., fol. 196 v°. (R.)

(1) Ainda hoje assim se diz, mas não é exacta esta asserção : o que diz o texto da Vulgata é que « o justo cairá sete vezes, *septies enim cadet justus* (Prov. XXIV, 16), sem dizer *no dia*. (R.)

mente nos grandes oficyos da igreja que custumo douvyr, acabando o que cy de rezar, ou em alguũs poucos spaços que me synto fora doucupaçoões, onde filho esto por folgança, como outros teem no que lhes praz; e graças a Nosso Senhor, o mais do tempo me sento assy desposto, que nom avendo cousas muyto speciaaes que me constrangam, como quero screver em esto, assy livremente o faço, que os outros cuydados pouco me torvam. E tal me fazem algũas outras cousas que me praz dobrar ou pensar, que por aquel tempo sem torvaçom aaquello me desponho como se dal nom tevesse carrego, nem voontade; e quem assy o poder fazer, entendo que sentira em ello prazer em boa liberdade, e sera semelhante a ave caçador de muytas relees, que filhando algũas nom leixa bem de filhar outras, nom se rebotando (1) por caçar muytas, quando pera ella som razoadas.

E alguũs nom sabem mais dhũa sciencia, oficio ou mester, nam se podem dar mais que a huũ soo cuydado, e com outro qualquer se torvam, os quaaes por ello nam som pera desprezar, ca podem tambem saber e obrar o que lhe mais compre, que posto que dal pouco saybam lhes faz pequena myngua. E a razom mostra que o devem saber mais perfeitamente, por aquella pallavra que declara, como seendo emtentos em muytos feitos avermos myngua do saber de cada huũ; e o que disse Nosso Senhor a Sancta Marta que por seer embargada em muytas cousas se torvava, quando era hũa soo necessaria. E porende quando formos em estado que o demande, ou tal

---

(1) Este verbo era da lingua romana, *rebouter*, com a mesma significação do francez *rebuter*; ainda hoje é verbo castelhano, e tem, além d'outras significações, a figurada de *embotar*, *entorpecer*, e como reciproco significa *mudar de parecer*. ElRei Dom Duarte empréga-o aqui na verdadeira significação do francez *se rebuter*, enfadar-se, enfastiar-se. (R.)

feito se recrecer, em aquel solamente devemos pensar, e contynuadamente aficar nossa voontade, arredandoa de se envolver em outros, o que nom he boò de fazer a quem o contrairo ha costumado; mas taaes hy ha que a cada hũa cousa sabem repartir seu tempo pera obrar, e cuydar como devem. E porque eu tenho descjo de seguir este geito e condiçom, nom me torvo com tal scriptura, fazendoo na maneira suso scripta; e nom screvo esto per maneira scollastica, mas o que leeo per livros de latym e de toda lingua ladinha (1), do que algũa parte se me entende, concordo com a pratica cortesãa na mais conveniente maneira que me parece. E assy faço esta breve e symprez leitura, da qual muyto seria contente que vos prouvesse, e a alguũs prestasse, pera seguyr aquella teençom que no comęço vos screvy.

E consiirando que os que leem gecralmente reguardam a estas fiins, scilicet: prymeira, por acrecentar em virtudes, mynguar em fallicimentos, prazendo por ello a Nosso Senhor,

---

(1) *Ladinho*, em nosso entender, não é outra cousa senão o adjectivo *latinus*, mudada a desinencia *nus* em *nho*, e o *t* em *d*. D'ambas estas mudanças ha muitos exemplos na nossa lingua. Os nossos antigos dizião *ordinhar*, *ordinhado*, *ordinhação* em lugar de *ordenar*, etc. (Vej. Doc. para a Historia das Côrtes d'Elvas de 1361), e nós ainda hóje dizemos Agustin*ho* de Augustin*us*, farin*ha* de farin*a*, etc. A mudança do *t* em *d* era tão frequente entre os antigos Portuguezes que até de decreto, *decretum*, fizerão *degredo*, como se póde ver no Doc. nº XII do Tomo II das Disserlações de João Pedro Ribeiro, onde se encontra repetidas vezes; todos os antigos participios em *udo* erão formados dos latinos em *utus*, dos da lingua romana em *ut*, ou dos italianos em *uto*; e ainda hoje nos resta grande numero d'estas mudanças, muitas das quaes são communs á lingua castelhana, como ladrão, *ladron*, de *latro*, lado, de *latus*, e quasi todas as desinencias em *ade* das latinas em *tas*, como liber*dade* de liber*tas*, etc. Cuvarruvias, citado no grande Diccionario da Academia Hespanhola, é d'este mesmo sentir, quanto á mudança do *t* em *d*, que a segunda é peculiar do idioma portuguez; diz elle: « *Ladino* es en rigor lo mismo que *latino* mudada la *t* en *d*, porque a gente barbara de » España llamaba latinos en tempo de los Romanos á los que hablaban la lengua ro-

e alcançar na vyda presente e que speramos o que da graciosamente aos que per sua mercee lhes praz bem vyverem; segunda, por contentamento que filha do que sabem; terceira, por tal sciencia; quarta, por querer parecer sabedores; quynta, querendo algũa parte do tempo bem despender; sexta, por semelhante, em leendo antre sy ou a outros, filhar prazer. E a mym parece, se afeiçom me nom torva, que os leedores deste trautado algũas dellas per el poderom percalçar, porem me praz de o screver.

E semelhante o muy excellente e virtuoso Rey, meu Senhor e Padre, cuja alma Deos aja, fez huũ livro das horas de Sancta Maria, e salmos certos pera os finados, e outro da montaria; e o Iffante Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmãao, de cujos feitos e vyda muyto som contente, compoz o livro da virtuosa bemfeituria, e as horas da confissom; e aquel honrado Rey Dom Affonso estrollogo quantas multidoões fez de leituras (1)? E assy Rey Sallamom, e outros na ley antiga,

---

» mana : e como estes generalemente eran mas sabios que los naturales Españoles, » quedó el nombre de *Latinos* para los que entre ellos eran menos bozales; e de » latino se corrompió fácilmente em ladino. »

Lingua ladinha, *ladina* ou *latina*, não sendo o latim puro, como ElRei Dom Duarte tem o cuidado de nos advertir, não era outra cousa senão a lingua *romana* ou *romance*, lingua intermediaria entre o latim e as linguas vulgares da Europa latina segundo o sabio Raynouard, cujos differentes dialectos erão familiares a ElRei Dom Duarte, pois nos diz : « Leeo per livros de latym e de toda lingua *ladinha*. » Estas linguas *romanas* ou *romances*, a que hoje chamão *neo-latinas*, erão assas numerosas segundo os differentes povos barbaros que com seus dialectos corrompêrão a lingua *lacia*. O P^e^ Sarmiento conta na Peninsula cinco, não fallando nos subdialectos, que são : a gallega, a catalã, a portugueza, a asturiana, e a castelhana, a que elle chama *con-dialectos*; no resto da Europa latina contavão-se trez principaes, que erão : o provençal, o antigo francez, e o italiano; devemos pois concluir que ElRei Dom Duarte sabia oito linguas, além do latim, e que de todas ellas tinha livros por onde lia. (R.)

(1) São na verdade immensas as obras que compoz e mandou compor ElRei Dom Af-

e doutras creenças, seendo em real estado filharom desejo e folgança em screver seus livros do que lhes prouve, os quaaes me dam para semelhante fazer nom pequena autoridade. E porem nom entendo que seja occiosidade, mas remedio pera tirar della mym e os outros que per este trautado quyserem leer ou semelhante screver, nom se torvando por ello do que ham dobrar, como graças a Nosso Senhor eu faço. E requeresse pera guardar tal geito natural condiçom e geeral costume em cousas desvairadas, e liberdade do coraçom, que nom ande sogeito

---

fonso o Sabio, cujo catalogo se póde ver em Nicoláo Antonio e no Pe Sarmiento, a maior parte das quaes não forão impressas. Não fallando nas obras legaes e astronomicas, que são assas conhecidas, as mais notaveis d'aquelle sabio Rei são as seguintes:

1º O livro de *Cantares* ou Cancioneiro, escrito em idioma gallego, o qual é tão parecido com o portuguez que alguns Escriptores Hespanhoes o julgárão escrito em nossa lingua. ElRei Dom Affonso appreciava tanto este livro que ordenou em seu testamento, se depositasse naquella igreja em que fosse enterrado o seu corpo, e que nas festas de Nossa Senhora se fizessem cantar aquellas poesias. ElRei Dom Affonso foi enterrado na Sé de Sevilha; e assim n'essa Igreja se depositou seu Cancioneiro original. Zuñiga refere que se dizia que Philippe II havia passado o dito original de Sevilha para o Escurial. Cremos que ElRei Dom Duarte tinha uma copia d'este livro, e que é o que vem indicado no Catalogo dos livros do seu uso com o titulo do *Livro das Trovas d'ElRei Dom Affonso*. Vej. Tomo I das Provas da Historia Genealogica, pag. 544.

2º Um poema em castelhano, em metro d'arte maior, que tinha por titulo o *Livro das querellas ou queixas*.

3º Outro poema, e o mais singular que elle compoz, intitulado *Livro do thesouro*, cujo conteudo é a Chrysopeya, ou Arte de fazer ouro verdadeiro, a maior parte escrito em cifra, por muito tempo ignorada, mas que em fim foi decifrada pelo Pe Sarmiento.

4º Vida do Santo Rei Fernando, escrita em prosa castelhana por seu proprio filho.

5º *Septenario*, que é uma como miscelanea de Philosophia, Astrologia, e de cousas de nossa Santa Fé Catholica.

É mui provavel que ElRei Dom Duarte tivesse conhecimento de todas, ou da maior parte d'estas obras, pois diz: « E aquelle honrado Rei Dom Affonso estrologo quantas » multidooes fez de leituras? » Vej. o Pe Sarmiento, já citado, pag. 272 e seguintes. (R.)

nem desordenadamente ligado per algũa paixom damor, temor, ou cada hũa das suso scriptas; e pera husar virtuosamente desta liberdade necessariamente faz mester graça special de Nosso Senhor, sem a qual, cousa bem feita nom pode perfeitamente fazer.

CAPITOLLO XXVIII.

Do pecado da avareza.

O pecado da avareza he repartido em livros de confissoões, e doutras ensynanças, em muytos ramos; mas em este breve sumario em quatro geeraes se departe. Prymeiro, porque se cobiiça, deseja determynadamente, e se percalça o que nom deve ser cobiiçado, desejado ou pessuydo; e aquesto por a cousa seer qual nom convem, ou per modo as que faz contra justiça ou desconvenyente. Segundo, porque reteem as cousas que restituyr ou dar se devyam, e aquesto por seerem mal gaançadas, pessuydas, e per justiça a cujas dereitamente som deverem seer dadas, ou em obras de piedade em satisfaçam despezas, quando a parte por desmericimento de restituyçam nom he digna, ou nossos beẽs nom damos e despendemos em satisfaçom de mercees, boas obras, serviços, obrigaçoões, dyvydas, promitymento, cousas meritorias, ou por fazermos aquellas despezas que segundo aquel estado em que formos nos convem dar, despender, ou emprestar. Terceiro, quando se da, ou despende mynguado, tarde, com maa voontade, pallavras, e contenença, segundo som as pessoas que dam, recebem, e as despezas que fazem. Quarto, que faz gabar e retraer a quem bem fez, ou arrepeender do que tem dado ou despeso; e aquesto per sentido do coraçom, mostramento de geitos ou razoões.

Per todas estas partes cadahuũ dia se fazem muytos malles, e caaem em grandes mynguas. E acerca da concyencia, per reguardo de pessoas virtuosas das primeiras duas he principalmente de guardar, scilicet, de nom cobiçar nem aver o que nom convem, e de reteer o que se deve restytuyr, pagar, ou despender; e pera a openyom do geeral poboo nom som menos necessarias as outras duas. Terceira e quarta pera quem da fama de tal vycio se quyser guardar, e percalçar nome de graado. E por tanto nom pensem os que som bem guardados nas duas primeiras, as quaaes som em realidade principaaes, que nom sejam prasmados em o dicto erro, se as terceira e quarta bem nom praticarem, ante o serom mais que os que bem guardam as duas primeira e segunda, e naquestas fallecem, ca muytos som que filhom muytas cousas como nom devem, e nom dom nem pagom o seu como som obrigados, e por darem e despenderem em outras partes largamente, com tempo, cirimonias, e pallavras perteencentes, som por ello chamados mais graados que os que semelhante nom fazem, por muy bem que se guardem de filhar, cobiiçar e reter o alheo, e por pagarem suas dyvydas como for razom. E os que assy geeralmente per tal maneira som graados nom se tenham por fora deste pecado da avareza se nas primeiras duas fallecem, que som principaaes, ante sem duvyda errom mais que os outros, pois em seus mayores erros som culpados; e os que buscam virtude, nom curando muyto da fama, dellas principalmente se guardom. E porem quem deste vicio se quyser, com a graça do Senhor, guardar, de todas quatro partes se guarde, avendosse como convem, e possuyndo liberaleza, que he hũa virtude posta e declarada nas ethicas d'Aristotilles, e outros muytos livros, em meo ante scaceza e sobejo de gastar, inclynandosse a mais despender que a menos. E daquesta virtude no livro da virtuosa benfeitoria, que meu sobre todos

prezado e amado irmaão o Iffante Dom Pedro compoz, he bem e largamente trautado. E alguũs husam della naturalmente, porque de sua naçom (1) a ella som inclynados. Outros, ainda que nom tanto per natureza, com prudencia, a qual manda scolher o melhor em todos nossos feitos, e per justiça que faz dar a cada hũa cousa o que seu he, obrando em todo justamente, guardam e fazem sobresto o que devem, posto que nom tam bem como aquel que de sua naçom percalça tal virtude, avendo razoado sentydo das outras principaaes. Esto digo por se declarar que todo àquel que boo deseja seer, a nenhuũ vycyo se deve vencer, mes ora lhe seja concordante ou contrairo, a sua natural inclinaçom sempre seja desforçar, com grande e boa sperança de o vencer, e gaançar boo estado de virtude contraira del; e Nosso Senhor, vendo como queremos responder ao geeral boo desejo que nos outorgou, acrecentara em el, dandonos sua graça pera obrarmos em toda cousa como devemos.

E pera os que desejom guardarse de todos estes fallicimentos convemlhes temperar seus estados em gente, e todas outras despezas, que concordem em razoada maneira com suas ordenadas rendas; ca onde tal nom for conviira fallecer em cada hũa das dictas partes, porque se quyser guardarse de nom filhar o alheo, nem aver ou reteer cousa contra dereito e razom pagando quanto deve, e a todas partes de suas despesas compridamente

---

(1) Esta expressão já era desusada no tempo de Sá de Miranda, o qual disse em caso identico, *de seu natural* (« As Musas brandas de seu natural »), mas no tempo d'ElRei Dom Manoel ainda era recebida na Côrte, pois a encontrâmos varias vezes no Cancioneiro de Resende. Eis aqui dous exemplos:

« Mas poys he vossa *naçam*
» Perder o por vos perdydo
» Nam culpeis Senhora nam
» Se meu triste coraçam
» Em al puser o sentydo. »

Trov. do C. de Villa Nova.

« Mas somos tam piadosos
» E de tam boa *naçam*
» Que vem qua mil esquinosos
» Com trajos muy mais melosos
» Doquestas ceroilas sam. »

Trov. de Jorge d'Aguyar. R.)

satisfazer sem falicimento, veendo que a despesa ordenada, que razoadamente bem se nom pode scusar, passa sobre a recepta per constrangimento, ainda que lhe pes (1), convem cayr em cada hũa daquellas myngnas, que por menos mal movydo per voontade ou razom scolher, ataa que as despesas com a recepta sejam temperadas, como diz Bernardo em o trautado do regymento da casa, onde screve que se as rendas e despesas forem iguaaes, qualquer caso nom pensado que se recreça cedo a podera destroyr; e porende assy he necessario temperar o que ha de seer ordenado, quando se bem poder fazer, que tenha proviimento pera o extraordinario; esto nom por cobiiça desordenada, nem desejo de thesourar na terra, onde os ladrooens o furtam, ratos o comem, ferrugem e traça o gastam, mas por teer com que possa guardarse com a mercee do Senhor Deos dos erros suso dictos, e assy de myngua, prasmo, vergonça e empacho; e no tempo que razoadamente se deve fazer, bem he fazerem-se muyto mais largas despesas que as ordenadas ataa onde o feito demandar, e cadahuũ mais poder per boos camynhos percalçar; e porem muyto com grande avysamento perceber de nom cayr em mayores fallicimentos querendosse guardar doutros nom tam grandes, e assy soportar algũas cousas contra sua voontade e prazer dos outros, que sempre mais satisfaça ao que somos obrigados, segundo Deos, de comprir e nos guardar. E desy ao do mundo se governe na mylhor maneira que poder pera em todas partes vyver virtuosamente com verdadeiro boo nome.

E antre as quatro partes desta virtude suso scriptas o fillosofo declara que para percalçar nome de graado sobre todo he necessario largamente e bem dar e despender, mas esto nom embargando

---

(1) *Pes* por *pêse* era vulgar antigamente.

muy specialmente convem aos senhores principaaes guardarse de nom filhar nem reter o alheo, sofrendo suas maãos dos beẽs nom dereitamente avydos ou reteudos, ca tal rey louva muyto Aristotilles no livro de Secretis Secretorum, e nom sem razom, ca pera em esto mal se governarem som enduzidos per muytos requerymentos de voontade e necessydades suas e alheas, a que desejam complazer. E por desejo de percalçar fama que he de grandes feitos, despesas e muyto graado, e acrecentamento de vãa gloria per muytos louvamynheiros que, pera em esto muyto se largarem com sperança de seus proveitos, as cousas mal feitas fazem dignas de louvor, mostrando assaz de muytos outros senhores por exempro que assy o fazem; e avendo taaes ajudas com poder livre pera obrar o que lhes praz, quem outrem fara conteer o Senhor se nom amor e temor de Deos com verdadeiro desejo de realmente guardar justiça? E consiirando quanto geeral mal se recrece de tal desordenança, e grandes beẽs de teer sobresto boo regimento, com dereita razom dos sabedores e virtuosos, o senhor que sobresto justamente vyver grande louvor percalçara, e de Deos per sua mercee deve sperar boo gallardom.

CAPITOLLO XXIX.

Da maneira do dar por Nosso Senhor Deos.

Porque antre as grandezas, aquellas que por Nosso Senhor Deos se fazem som de mayor mericimento, virtude, e dignas antre pessoas virtuosas de mais verdadeiro louvor, segundo se screve dos magnyficos que antre as obras per que o mais demostram som nas que a Nosso Senhor perteecem; e porende sobrello pensey de vos fazer esta breve declaraçom: primeiro de que avyamos fazer tal despeza, segundo em que modo, terceyro por que fym, quarto a quem, quynto como entendo que nos seja recebido.

E quanto ao primeiro digo, que de nosso proprio aver bem avydo e possuydo, porque scripto he: Honra Deos de tua substancia (1); em que se demostra que do alheo nom devemos fazer oferta nem esmolla. E afirmasse que tal oferta he semelhante daquelle que o fylho quysesse matar por o sacrificar a seu proprio padre. Porende a esmolla ou oferta da cousa bem avyda e possuyda se deve fazer pera seer bem recebida; e se das cousas alheas se fezer, tal boa obra, que recebe aquel a que a esmolla he dada, nom aproveita aaquel que a faz, porque todo devera tornar e restituyr aaquel cujo he, e dello justamente al nom pode fazer, salvo em caso de grande necessydade por acorrer a

(1) *Honora Dominum de tua substantia.* Prov. III, 9. (R.)

honra, vyda, ou saude dalgũa pessoa, avendo firme proposito de logo tornar a fazer perfeito pagamento a seu dono, ca nom se tolhe o pecado se nom satisfazem e tornam o aver mal gaançado; e se algũas cousas devem, aquellas som mais obrigadas de pagarem que fazer outras ofertas, nem smolla, mas assy deve cadahuũ governar seus feitos, que satisfazendo ao que deve nom cesse de fazer ofertas e esmollas segundo perteecem a seu estado e fazenda, pera receberem per ellas ajuda em todos seus beẽs.

Ao segundo, do modo, digo que em abastança, cedo, com segredo, ledamente, per boa consiiraçom de tempo e logar, em que se a oferta ou esmolla deve fazer, ca scripto he: Quem escasso semea, assy recebera; e se for largamente de beençom, recebera seu gallardom (1). Do cedo, mandado nos he que nom tardemos de comprir as cousas que por Deos preposermos fazer; em segredo, porque o Senhor manda que a mañao esquerda nom saiba o que fezer a dereita; ledamente, porque o Apostollo diz que Deos ama a quem por elle com ledice da suas esmollas e ofertas; per boa consiiraçom, por guardar aquel dicto que todallas cousas façamos per boa ordenança e conselho.

Ao terceyro, da fym por que o devemos fazer, pareceme que por seermos daquelles que o Senhor ao dia de juyzo poser aa destra parte, quando por as obras de mysericordia por elle formos preguntados, seerem nossos pecados relevados, porque assy como a augua apaga o fogo, assy a esmolla apaga o pecado, avermos muytas pessoas que orem por nos, ca scripto he que muyto val a oraçom do justo amehude feita, e o Senhor por taaes nos promette acorrer em nossas necessydades, como nos fezermos aas mynguas e pressas (2) alheas por seu amor.

---

(1) *Qui parcè seminat, parcè et metet; et qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus et metet.* Epist. II de S. Paulo aos Corinthios, IX, 6. (R.)

(2) *Pressa*, com a significação de *aperto*, *trabalho*, *afflicção*, era vocabulo muito

Do quarto, a quem se farom as ofertas dobrigaçom ou voontade, principalmente aos sacerdotes e logares sagrados, porque o Senhor per elles as quyz, e quer receber, e as esmollas aos postos em necessidade per mynguas, proveza, doença ou prisom, e aquelles que per ellas mais vyvem, specialmente se por nos ham de rezar, ou os avemos por de boa e sancta vyda, os quaaes mais que outros per nossas smollas e ofertas devem seer ajudados.

Ao quynto, de como nos sera recebido, creo que se o fezermos por louvor e vãa gloria, que nos sera dicto que ja recebemos nosso gallardom; e se for com boa teençom, com as condiçoões e maneiras suso scriptas, que cousa de bem nom faremos que sem gallardom passe, porque nom sera mal sem pena ou satisfaçom, nem bem sem avondoso gallardom, outorgado per a mysericordia de Nosso Senhor Deos, que nos puny menos que merecemos, e muyto mais gallardoa, specialmente se he feito com firme fe, boa sperança, e ryjo amor e caridade, com as quaaes o Senhor recebeo o dinheiro de velha sobre todallas ofertas muyto mayores que lhe foram quando el oferecidas. E por huũ vaso daugua fria prometeo que sem boo gallardom nom passara, de que devemos tomar estes avisamentos: primeiro, que toda cousa que começarmos, a qual desejemos trazer a boa fym, sempre seja com special smolla e oraçom, por tal que o Senhor nos traga tal feito aaquel termo que sabe pera seu serviço seer melhor, porque daquella mais que doutro em todos

---

usado de nossos antigos, e ainda se lê em as Obras de Camões. Sá de Miranda tambem usou d'elle algumas vezes, especialmente na Egloga VIII, e na Canção á festa da Annunciação de Nossa Senhora, onde diz:

« Ao trosquiar achas dono,
» Nas *pressas* nam te conhecem. »
Fol. 97 vº.

« Sejais na minha ajuda,
» Soccorrey em tal *pressa* a lingoa muda. »
Fol. 141. (R.)

nossos feitos nos deve prazer; segundo, que como cayrmos em alguũ pecado, de que ajamos special sentydo, por (1) o apagar, a ellas nos acorramos sem tardança; terceiro, se temermos em nos ou em outrem alguũ mal em avessamento ou contrairo, a esto nos tornemos, por tal que o Senhor nom nos leixe cayr em tentaçom, mas que nos livre de mal.

E aalem de todo esto, por husar de caridade, e comprir as obras de miserycordia, quanto bem podermos, sempre dellas husemos. E daquestas smollas e ofertas nom se deve teer teençom que sempre sejam em grande cantidade, mas segundo for o feito, teençom, pessoas, e a desposiçom assy as demos; guardando porende em cada hũa destas partes as condiçoões suso scriptas, fazendo grandes despezas, quando se tal caso bem oferecer, por amor daquel Senhor que nos da quanto avemos; e assy a façamos pequena, e demos em pequena cantydade, segundo pera tal feito, pessoa, se requere, pois se faz por aquel que nom despreza cousa, ainda que pequena seja, seendo feita de limpo e boo coraçom.

---

(1) *Por*, em lugar de *para*, era muito usado de nossos antigos, e ainda o lemos em o Cancioneiro, onde diz Alvaro Lopes:

« Mas eu tenho tal paixão
» Do triste que nam logrey
» Que *por* sempre chorarey. »

Canc. Ger., fol. 203 v°. (R.)

CAPITOLLO XXX.

Do pecado da luxuria.

No pecado da luxuria, brevemente fallando, pecam por veer, ouvyr, fallar, desejo, pensamento, e obra. Da vista diz o Senhor, que se nossos olhos forem simprezes averemos corpos limpos e claros, e se malleciosos seram treevosos (1). Do ouvyr, fallar, se diz que se corrompem boos costumes per maas fallas; e aquesto nom menos a quem as ouve com maa entençom empeece. Do desejo se screve, quem vyir a molher e a cobiiçar ja pecou. E do cuydado, onde for teu thesouro sera teu coraçom; e esto sera quando per sobejo ou desordenado pensamento em taaes feitos despendermos nossa vyda. Da obra, o Apostollo nos manda fugir de toda luxuria, fornyzio, e çugidade (2).

E pera guarda deste pecado, nosso primeiro fundamento deve seer amar e prezar virgindade e castidade quanto se mais poder fazer, avendoa por grande virtude, que muyto desejamos sempre daver e possuyr. E porque todo homem com grande deligencia guarda o que muyto ama e preza, quem esta virtude muyto amar e prezar por a bem guardar se afastara das ocasioões e aazos per que a possa perder, e se chegara sempre aos conse-

---

(1) *Si oculus tuus fuerit simplex: totum corpus tuum lucidum erit. Si autem oculus tuus fuerit nequam: totum corpus tuum tenebrosum erit.* S. Matth., VI, 22 e 23. (R.)

(2) A doutrina d'este capitulo é toda fundada em passagens da Sagrada Escritura, que, por serem muito conhecidas, não transcrevemos. (R.)

lhos per que seja mais limpamente perseverada, ouvyndo pessoas dignas per saber e onesta vyda, e veendo livros aprovados, e per sy certas praticas buscando pera mais perfeitamente como deve a guardar, prepoendo em seu coraçom que ja mais com a graça de Nosso Senhor Deos nunca por occasioões ou tentaçom, que lhe viir possa, em tal pecado cayra, mas avera sempre aquella mais perfeita lembrança que as mais virtuosas pessoas de sua maneira possam aver; e naquesta tecnçom sentindosse tam firme que nom entenda poder seer derribado de seu boo obrar e proposito, conhecendo esto seer dom special de Nosso Senhor, que lhe outorgassem merecimentos seus, e pode per maao avysamento e pecados perder, devesse guardar de todallas ocasioões, que pera tal caso empeecer possam, tam perfeitamente como se el pensasse que era muy fraco contra este pecado, creendo sobrello boos conselhos que lhe sejam dados, e el leer, ou per seu cuydado achar pera conhecer os aazos empeecivees; e esso medes se deve guardar do que el per sy sentyr que lhe faz algũa tentaçom, ca se no começo lhe deer lugar adyante sera maa de tirar e vencer. E posto que em tal guarda senta pena, consiirando que percalça per ella tam perfeita virtude, que pera esta vyda outorga muyta segurança, tyrandonos de malles, perdas, perigoos e trabalhos, gançando boo nome com grande sperança daver por mercee do Senhor muytos beẽs na vyda presente, e emfim sua sancta gloria; deve receber tal folgança que a pena seja pouco sentida, e muytas vezes se alegrara seendo tentado, por sentyr que he poderoso de vencer quem tantos sabedores e grandes pessoas tem vencidas.

Sobresto he hũa regra geeral de todallas virtudes, que as nom possue como deve quem em ellas nom sente mais prazer e folgança que pena em contradizer aos pecados seus contrairos; ca em quanto se guarda com mayor trabalho e tristeza que

prazer, posto que dos malles se afaste nom os fazendo, ainda vyve na parte da continencia, a qual porem he bem de louvar, mas nom possue tal virtude, como graças a Nosso Senhor bem vy esta praticar a pessoas em ella muy acabadas, com que ouve grande afeiçom, que vallentemente o pecado seu contrairo sempre contradisserom e vencerom, os quaaes nom sollamente som della guardados sem tristeza, mes trazem boo avysamento de temperar o prazer que syntem na guarda da virtude, temendosse cayr por ello em pecado de vaam gloria. E acerca del e dos outros semelhantes vejo e synto que continuadamente se faz em nos hũa luita, segundo o dicto do Apostollo, e aquel que he acustumado a veencer sempre atryvido vem ao campo, e muy lygeiramente se rende aquel que custuma seer vencido. E porem val muyto boo custume, e grande firmeza em virtuosa teençam, e proposito, com guarda continuada dos empeecivees aazos contra este e todos outros pecados, ca per graça de Nosso Senhor os que a teverem sempre delles seram vencedores. E assy como alguũ que sobe pera monte alto synte grande trabalho ataa que seja em cima del, e muytas vezes scorrega e se vee acerca de cayr, e desque que he em cima se acha firme e folgado; tal se faz nos que vaão de pos la perfeiçom dalgũas virtudes, as quaaes sem cuydado, britamento de voontade, poucas vezes se percalçom; e naquellas como veem a boo estado logo se acham firmes, ledos, e folgados, muyto mais que os obradores dos pecados seus contrairos, ainda que ao primeiro sentydo se mostrem de mayor deleytaçom; mas porque o bem das virtudes sempre crece, e o dos vycios e pecados traz comsigo suas penas, convem aquella boa folgança muyto crecer, e naquesta fallecer, posto que ao presente tanto nom conheça, porem diz o Senhor Deos que o seu jugo he brando, e o seu carrego he leve.

CAPITOLLO XXXI.

Da questom que fazem porque alguũs na velhice caaem em luxuria, de que na mancebia forom guardados.

Sobre a guarda da castidade custumam preguntar, porque alguũs velhos, que se governarom em ella no tempo da mancebia, cayram na velhice no pecado seu contrairo, parecendo contra razom por a voontade seer mais fraca, e a descripçom devya seer em mayor acrecentamento; ao que respondo, segundo me parece, que tal fallycimento se recresce por estas partes.

Primeira, por sobeja destemperança de bever, per que o entender se enfraquece, a conciencia se torna fria, e o desejo de tal pecado se acrecenta; e assy squecido de seu boo proposito torna seer vencido daquel que ante vencia. E daquestes se diz no avangelho (1), quando o esprito çujo he lançado fora per abstinencia e boo regymento, anda per logares secos e fora de taaes sobejas humidades de bever; veendo aquella pessoa tornar a desordenarse no vinho, diz tornarmey a casa donde say; e assy som feitas as postumeiras obras de tal homem peores que as primeyras.

Segunda, por mynguamento de fe. E aquesto se faz em alguũs que seendo mancebos teem assy ryjo a creença de Nosso Senhor

---

(1) S. Mattheus, XII, 43.

que muy syngularmente o amom e temem, e porem desejom sempre seguyr as virtudes, e tirarse de todos pecados, por cujo fundamento vyvem sempre castamente, e depois fallecendo tal fe per maaos exempros, razoões nom catilycadamente (1) dictas, ou por seu proprio revessado pensamento porque devydam que adiante Deos fara, nom querem leixar o prazer da presente vida, e começando sentir a deleitaçom da parte sensual, privasse a razom; e aquestes som tornados aaquel estado tibo, que no Apocalipse som mais que outros doestados.

Terceira, por nom continuar a guarda dos maaos aazos, e filhar afeiçom dovydosa com algũa tal molher do que ante se custumava guardar, esto por pensar que ja he posto per ydade e longo custume em tal segurança que se nom deve guardar; e porque novas afeiçoões trazem novos desejos, e o fogo que, per arredamento da lenha se nom acendia, per seu achegamento declara sua encoberta força; e assy como vencido caae naquel laço, em que por seu maao avysamento se leixou cayr, nom guardando aquel conselho de Sancto Agostinho, em que defende que jamais nom se acoste acerca dalgũa molher, demostrando que necessariamente convem aos que castidade querem guardar que sempre se afastem de sua conversaçom, nom desemparando em taaes feitos empacho e vergonça, porque no livro do regymento dos princepes se afirma que os velhos naturalmente som mais sem vergonça que os mancebos; e aquesto se faz em todos estes casos suso scriptos, per esta guysa: nom embargando que tal tentaçom aos mancebos mais vezes requeira, aquella medes de tarde em tarde vem aos de mayor hydade, e se os nom achar

(1) Este adverbio é desconhecido, e não tem analogia em nenhuma das linguas aparentadas com a portugueza; talvez que seja erro do amanuense, e que se deva ler *canteladamente*, ou *cautelosamente*. (R.)

muy firmes em aquella fortelleza e boa teençom que ante avya, aquella tentaçom que algũa ora os requere, achando em el fraqueza de boa voontade, virtuoso proposito com myngua dempacho, e vengonça, convem que os vença. E assy caae donde ante se guardava, e faz o que contradizia, vencendosse aaquella revessada voontade de que per tanto tempo fora vencedor; e consiirados bem os enxempros dos semelhantes se conhecera melhor esto que screvo, por tal que os de tal hydade se guardem de cayr per taaes partes, lembrandosse daquel dicto de Nosso Senhor, aquel que perseverar ataa fim sera salvo.

CAPITOLLO XXXII.

Do pecado da gulla.

Sumariamente em quatro partes o pecado da gulla se pode partir. Primeira, que ora razoada, conveniente ou ordenada pera comer ou bever nom quer aguardar; segunda, que o ventre de comer ou bever deseja sobejamente dencher; terceira, que vyandas e beveres estremados cobiiça sempre dhusar; quarta, que sobejamente com grande folgança e gloria faz comer e bever para ello pereceber e aparelhar.

Da primeira nace desobediencia, e apartar da conversaçom de boas pessoas; e esto por nom guardar dias de jejuũs, boos conselhos e custumes. Da segunda, luxuria, destemperança do entender, e do corpo muytas infyrmydades, e pera todo boo saber muyta rudeza. Da terceira vem aos rellygiosos nom consintyr que vyvam na porveza que pormeterom, porque se trabalham de teer com que satisfaçom ao que desejom; e aos que riquezas podem possuyr faz seer proves, mal as despendendo em custosas vyandas e vynhos que bem scusar, se temperados fossem, poderiam. Da quarta vem fazer Deos do seu ventre, nom avendo tanto desejo nem continuado pensamento de prazer ao Senhor como a el, e aos gargantões convem nom guardar ora convenyente, e sobejo comer e bever; e aos gullosos vyandas, beveres estremados custumar, e sobejamente em

comer e bever se gloriar, e pera ello seer com delygencia sempre avysados. E quantos malles deste pecado se recrecem nom se podem bem declarar, que por seer cousa natural poucos scapam limpamente de seus laços na mancebia, e menos na velhyce, specialmente em bever, ca huũs per afeiçom, outros per fraqueza, infirmydades, derrybamento de compreissom, custume da terra, festas, jogos, e gasalhados se vaão custumando de tal guysa, que do venyal, de que se nom guardam, veem a mortal, que ja remediar bem nom podem.

Pera guarda deste pecado regra certa de comer e bever nom se pode bem devysar, por o desvairo das compreissoões, terras e custumes; mas estas regras guardando, pouco se deve em el pecar. Primeira, que coma e beva por vyver, e nom queira vyver por comer e bever. Segunda, que se governe daquella guysa que o fezerem os que geeralmente de sua maneira onde el vyve som avydos em este caso por bem regidos. Terceira, que se guarde de gordura na saude, e se for sentido o regymento que lhe foi dado e conselhado per aquelles a que convem obedecer, em tal caso que se trabalhe de se guardar em special dos quatro erros suso scriptos, a que se vyr per desejo mais inclinado, nom seguyndo voontade, mes per razom sempre se regendo, amando virtude de temperança como dicto he, de castidade, avorrecendo muyto bevedice, e desordenado comer por grande mal que dello se recrece. E deve teer na voontade firme proposito que por doença, hydade, mudamento de compreissom, nom beva muyto vynho, nem pouco auguado, mas que per outras guysas suas infirmydades se possam curar, e el seer trazido a boo esforço e ledice, e saude, mes nunca per remedio de vynho, ao qual ponha regra, de que se nom parta, salvo se for per grande necessidade, e esto poucas vezes, e poucos dias; e nesta teençom ryjamente se podera teer, consiirando quantas

molheres e mouros bevem augua em esta terra, e com ella passam doores, e veem a muyta velhice em geeral, tanto e mais saãos dos que bevem vynho. E quem bem se quyzer custumar nom filhara por guardar tal regymento grande trabalho, porque nem he natural tal bever, mes per husança, e por ella se leixa; ca todo razoado custume em este caso he bem ligeiro de manteer, e muyto proveitoso, e traz grande bem pera alma, corpo, e fazenda. E pera se guardar de quatro erros suso scriptos, que deste pecado procedem, este me parece boo regymento.

Quanto ao primeiro de jantar e cear, qualquer pessoa de nosso estado geeralmente deve seer contente jejuando aquelles dias que per a Igreja for mandado, e alguũs outros per sua devoçom. Pera o segundo, poendo grande temperança no comer, e beber nom seja sobejo; e porem ao jantar e aa cea bever duas ou tres vezes ao mais, e hũa despois de cear sollamente me parece razoada regra, e quem esta poder scusar em muytos casos presta muyto, e se bever seja per boo spaço ante que durma. E pera guardar do terceiro erro, bever vynho o mais do tempo com duas partes daugua, e que seja delguado, e como tever huũ que razoado seja nunca buscar outro. Do comer, ainda que seja servydo tam avondosamente como quem o mais for, a partes certas, vyandas de que lhe mais praza, das outras brevemente se despache. Pera o quarto erro filhe custume destar pouco aa mesa, e de nom fallar em vynhos, nem vyandas, nem se deleitando sobejo em ellas, e comendo e bevendo por necessidade, mais que por special afeiçom (1), se arredara da deligen-

(1) D'esta passagem parece dever concluir-se que no seculo XV havia já entre nós o costume dos grandes jantares, de se demorarem á meza, e de discutirem sobre o merecimento, e qualidade dos vinhos, como é prática nos nossos dias nos banquetes de cerimonia, e de luxo. Enclinâmo-nos a crer que este uso seria introduzido em Por-

cia e cuidado, que muytos em esto assy trazem, nom pensando outra seer mayor folgança que bem comer e bever, o que sentem muyto per contrairo aquelles a quem Deos outorgou averem sobrello a virtude de temperança; ca certamente elles sentem mayor prazer em vyverem ordenadamente, nom se derribando por afeiçoões que tantos derribam, do que podem aver todollos gollosos em comerem tam largo como elles desejarem, porque certo he que o prazer do possuymento das virtudes he folgança da alma razoavel mayor com dobro que a deleitaçom dos pecados seus contrairos. E por esta declaraçom em hũa parte se mostra como Nosso Senhor outorga na presente vyda cento por huũ aos que leixam algũa cousa por seu amor, ca lhes da o prazer do possuyr das virtudes, e contentamento de as em sy sentyr, e desprazimento por ellas das cousas contrairas, que aos seguydores dos pecados e malles muyto atormentam. E porque das cousas al principalmente nom possuymos senom folgança e contentamento que dellas filhamos, com mereçymento de bem per mercee do Senhor, os que leixam sua voontade em todos estes pecados suso scriptos por fazer a sua recebem por el das virtudes contrairas cem em comprimento della, ca sempre som contentes, fartos, e seguros em suas boas voontades; e os outros o mais do tempo som descontentes, desejosos, e temerosos de perder o mal que sobejamente amam, prezam, ou seguem

---

tugal de tempos antigos mui provavelmente importado da Italia. Não cabe neste logar discutir esta particularidade alias curiosa para a historia do luxo, e dos costumes dos Portuguezes durante a Idade Media. Lembraremos todavia, que Portugal não só fazia naquelle seculo consumo dos seus vinhos, mas que importava até de Chypre os exquisitos vinhos da producção d'aquella ilha, os quaes erão entre nós tão estimados naquelle seculo que o illustre Infante Dom Henrique mandou vir cepas da melhor qualidade, e que as fez plantar na ilha da Madeira. (S.)

porque as obras do pecado nunca dam longamente contentamento, nem segurança.

Sobre todos pecados devemos consiirar nom sollamente o que fallecemos como syngular pessoa, mes veendo estado, oficio, hidade, e desposiçom que avemos pera fazer mais bem, e nos guardar do contrairo, consiirando esso medes se comprimos o que devemos, ou nos guardamos do que a razom nos defende. Ca segundo som tres regimentos, huũ da propria pessoa, outro da casa, e terceiro da villa ou regno, assy em cada huũ regimento ha certos erros, como se bem demostra em o livro do regimento dos principes (1), em que se declarom os pecados e fallicimentos que perteecem a todos estados, oficios e hydades. E a mym parece que as mais das gentes destes regnos, graças a Nosso Senhor, segundo a fraqueza da humanal geeraçom, razoadamente se governam no que perteece a suas pessoas, mes no regimento das casas e vyllas (2) nom tam bem; e alguũs teem que a grande avondança natural os faz seer menos cuydosos e sotiis pera se guardar das mynguas; e por a segurança que ham de coraçoões nom se avysam dos perigos e malles que se podem seguyr, e porem se recrece nas casas e vyllas algũa myngua de nom boo regymento.

A cerca desto eu consiiro que geeralmente som tres maneiras de riquezas : hũa natural, outra arteficial, e a terceira dopenyom. Natural he toda grande abondança de boos aares, au-

---

(1) Este livro tantas vezes citado pelo Autor, é a celebre obra de Fr. Gil de Roma, de que já tratámos em as notas á Chronica do descobrimento de Guiné por Gomes Eannes d'Azurara, pag. 259. (S.)

(2) Esta palavra é aqui empregada na accepção da italiana *villa*, quinta, casa de campo; não foi só ElRei Dom Duarte que usou d'ella nesta significação, porque tambem se lê nos Ineditos, III, 54. (R.)

guas, mantiimentos, e fruitos da terra e do mar, e das outras cousas necessarias pera a vyda dos homeẽs. Arteficiaaes as que som feitas per suas meestrias e arteficios, e aquellas que per boas industrias e saber gaançom e possuem per maneira de mercadaria. De openyam chamo a ouro e prata, pedras, aljofar, e semelhantes cousas pouco perteecentes aa vyda, e per openyom geeral som theudas em grande preço; e destas riquezas estes regnos, graças a Nosso Senhor, som ricos de natural riqueza em muytos logares tanto como aquel que o mais he (1), mas das outras duas nom tanto. E porque podemos por estas partes fallecer, convem que consiiremos o regimento que avemos em nossa pessoa, casa, senhorio, ou oficios, se nos for encomendado, pera correger em nossos fallicimentos, e no bem contynuar com a mercee do Senhor, e acrecentar; e porque moramos em terra de vyandas e beveres muyto avondosa, contra este pecado de guargantoyce (2) nos convem aver mayor avysamento, e muyto mais grande aos que som postos em real estado por seerem sobejamente pera comer e bever requeridos, e ligeiramente poderem fallecer, desy por seu boo exempro poderem prestar a muytos e per contrairo empecer.

---

(1) Esta passage nos parece digna da attenção d'aquelles que se empregarem em investigar o estado da nossa industria e commercio nos fins da Idade Media. (S.)

(2) Não foi ElRei Dom Duarte o ultimo que usou d'esta expressão, hoje desusada; Sá de Miranda ainda d'ella se servio com bastante graça na carta II ao Senhor de Basto, onde diz:

« Bebiam dagoa com as mãos
» Nas fontes inda em velhice
» Milhor que por vasos vãos,
» Lavava ella os peitos sãos
» Antes da *gargantoice.* »

Fol. 110 vº. (R.)

CAPITOLLO XXXIII.

Da deferença dos jejuũs.

Porque os jejuũs se mostram seerem contrairos da gargantoyce, vos faço declaraçom de tres deferenças delles, as quaaes em todas cousas meaãs se podem achar. Primeira, daquelles que som boos e de merecimento. Segunda, dos que som maaos e dignos de repreençom. Terceira, dos que nem som de louvar ou doestar.

Quanto aa primeira, som boos todos aquelles que som mandados per a sancta Igreja, nossos prellados ou confessores; e aquesto per a virtude da obediençia, da qual ao Senhor mais praz que do sacrificio. E daqui he de notar quanto erram alguũs que fantesyosamente querem jejũar alguũs dias, que jurarom, ou lhes praz, leixando aquelles que a Igreja manda; ca se todo podem fazer, bem he de o comprir, e se fallecem em alguũ quebrem ante a jura, e compram o que lhe mandom, que he mais principal, porque he reegra geeral que juramento feito contra boos custumes nom val: e porende, aver de quebrar o mandado da sancta Igreja por comprir o que jurou nom he razom, porque a jura nom pode obrigar a fazer tal cousa per que sejam desobedientes aa sancta madre Igreja; e do quebrantamento della devesse fazer satisfaçom se tal caso for.

Segunda he dos jejuũs que por special devoçom se guardom, os quaaes ainda que nom assy como aos primeiros sejamos obri-

gados, porende as sperienciás bem demostram como a Nosso Senhor delles praz, per cujo enxempro aquelles da cidade Nyve (1) forom salvos da sentença de sua destruyçom, e no evangelho disse Nosso Senhor dalgũũs demonyos, que se nom curavom senom per jejuũs e oraçom; e tal maneira de jejũar, do que per special he feito mais principalmente se deve entender, e cada huũ dia os que delles bem husam conhecem per sperienciá que som acrecentadores de virtudes, e que abatem nos pecados como aquelles per que se faz hũa grande parte de pendença e satisfaçom.

Terceira he daquelles que se fazem por guardar virtude de temperança por bem da alma, corpo e boo stado; e aquestes, posto que sejam de mais pequeno mericimento, quem os guardar per prazer aaquel Senhor Deos, a que sempre muyto praz de toda boa pratica de virtudes, nom sera sem grande gallardom, porque elle diz per o profeta, que o jejuũ que lhe praz he muy principalmente em cessar de mal fazer (2), pois muyto cessa de mal fazer quem se guardar de gargantoyce e bevedice, e guarda boa temperança; e o Apostollo nos manda que sejamos temperados, e vygyemos sabendo que nom podem bem vygyar pera sua salvaçom, e todo outro bem vem daquelles que lhe som encomendados quem temperadamente nom vyver.

Per boa temperança da boca se percalçam todas boas fyns. Prymeira, quanto aa conciencia, vencendo aquelle pecado per que os prymeiros parentes forom vencidos. Segunda da honra, recebem louvor de huũ tam boo nome que he digno de gram contentamento, scilicet, que som bem senhores de sua boca, e se governom bem e discretamente. Da terceira, quanto aas pes-

---

(1) Lêa-se Ninive.

(2) Veja-se o capitulo LVIII de Isaïas, a que allude ElRei Dom Duarte. (R.)

soas ham per ella, com a graça do Senhor, mais prolongada vyda com muyta saude. A quarta da fazenda, nom he duvida que per temperança de comer e bever nom seja bem regida, e per maao regymento desgovernada. De folgança, que he a quynta, muytos mais percalçom, porque sempre som contentes de guardar boa temperança, e se allegram muyto vendosse fora daquel rayvoso desejo em que sempre vyvem bevedos e gollosos. E assy o jejuñ que se faz e guarda per cada hũa destas cousas he boo, digno de louvor, e traz muy grandes beẽs pera as vydas presentes e que speramos.

O que he maao se faz per outras tres deferenças. Prymeira, per myngua de discriçom, jejũando tanto que veem por éllo a morte, sandice, ou grandes infirmidades, das quaes som vistos tam claros exempros, que nom compre sobrello mais screver. Segunda, por vaã gloria, querendo alguũs por ello dos homeẽs seer louvados, e por esto principalmente o fazem, errando gravemente, segundo se diz nos estatutos de sam Joham o Casiano, que som muyto de culpar os que fazem semelhante por louvor dos homeẽs, caindo em pecado de sacrilegio, porque aquellas cousas que avyam dobrar por louvor de Deos, mais as quyserom comprir por louvor das criaturas. Terceira, daquelles que com sanha e nojo nom querem comer, nem aver mantiimento necessario, ou por a fazer a outrem, dos quaaes se screve que dam de comer aos outros amargura em seu fel envolto; e aquestes nom sentem toda myngua de comer e bever por fazerem despeito, ou filharem algũa vyngança de quem a desejam daver; e os semelhantes de sy e dos outros começom seer omecidas.

Os meaãos som por outras tres maneiras brevemente scriptas. Primeira, por nom teer que comer ou bever, ca em esto nom ha mais pecado nem mercee, senom quanto com sanha ou

paciencia he soportado. Segunda, por nom haver algũa voontade, como com fastio geeral ou special a muytos acontece, em que nam ha fallicimento, salvo se veeo per seu aazo, maa governança, ou adiante pera se leyxar vencer; onde poderia contrariar alguũ mal se se lhe seguyr. Terceira, por seer entento, e trabalhar em outros feitos, e naquesto ha merito ou desmerecimento, segundo aquel feito por que leixar de comer; ca se for por obras meritorias merecera, e se de pecado dobrezmente pecara, e assy das outras segundo forem avera seu gallardom, mas em tal jejũar symprezmente nom ha pecado nem merecimento.

E esto vos screvo brevemente, segundo me parece, pera destas maneiras de jejũar averdes algũa enformaçom, preguntando, se vos prouver, a outro leterado que mais perfeitamente vos declare a maneira e medida que sobre todo tempo, hidade, e desposiçom devees teer, pera que se requere mais compryda leitura.

CAPITOLLO XXXIIII.

Da Fe.

Por outra consiiraçom podemos bem viir a conhecymento de nossos fallecymentos e pecados, sobre a qual muyto bem se poderia screver, mas por algũa vossa enformaçom esto pouco e simprezmente vos screvo. Reguardar como guardamos e possuymos as VII virtudes principaaes, scilicet, fe, sperança, caridade, prudencia, justiça, temperança, e fortelleza; e do que virmos que por mercee de Nosso Senhor somos em bom stado, e esforcemonos de bem em melhor sempre acrecentar, e dos erros nos doer, e confessando enmendar e satisfazer. E sobre a fe devemos consiirar como sabemos e creemos os artigos, e comprymos os sacramentos, guardamos as ordenanças e cerymonias da sancta Igreja, e como as igrejas e pessoas eclesiasticas e de religiom som de nos honradas, bem trautadas, e no que convem obedecidas, e a conversaçom que avemos com pessoas fora da nossa creença, contra determinaçom e mandado de nossos prellados ou confessores; e as escomunhoões como as receamos, e dellas nos guardamos, e tiramos: e veendo bem em cada hũa destas partes o que de nos sentymos, e poderemos entender, com a graça de Nosso Senhor, como estamos acerca da nossa fe, ca diz Sanctiago em sua Epistolla, que a fe sem obras he morta, porque os demoões assy creem e ham temor, porem convem pera nossa

salvaçom que a fe que ouvermos de boas e virtuosas obras seja bem acompanhada. E sobre os proveitos que se recrecem de avermos, segundo pela santa Igreja nos he mandado, ouvy a Meestre Francisco meu confessor, em hũa preegaçom, como em desputando huũ xpaão com huũ hereje, que da outra vyda cousa lhe nom prazia creer, disse, que scendo verdade o que dizia o hereje, el cousa (1) nom perdia, porque a boa sperança da vyda eterna, e a deleytaçom das virtudes, que por ella mais seguya, lhe dava mais prazer, sem alguũ contrairo que a folgança dos pecados e do mal fazer; e se verdade era o que nos afirmamos da vyda pera sempre, que perderia por sua descreença a maior perda que poderia perder; e pois da creença nossa alguũ mal nem desprazer em esta vyda, nem na outra se nom recebe que mais bem e folgança nom ajom por as razoões suso dictas, e de a leixar de creer, seendo verdade o que afirmamos, averiam tal mal, perdendo o maior dos beẽs, a razom bem demostra que grande siso he nunca tal duvyda tardar em nossos coraçoões. E porque me pareceo muyto proveitosa ensynança me prouve de volla screver.

E sobre a maneira do desvairo das creenças, eu consiiro como na fe, que perteence aas cousas cellestriaaes, ha grandes mudanças e desvairo em geeral, e os mais de todos daquella ley, seita ou heresya concordam em hũa maneira de creer; e na determynaçom das virtudes e pecados, xpaãos, mouros, gentios, e judeus em todos seus livros acerca em todo se acordam; e na teençom callada, que cadahuũ tem em seu coraçom, os mais

(1) Esta locução eliptica, em lugar de *cousa nenhuma*, ou *nada*, era muito usada n'outro tempo, e até se lê nas respostas que os Reis davão aos capitulos dos Povos em Côrtes; nas d'Evora de 1481 respondeo ElRei Dom João II: « que nom entendia de » emnovar *cousa* em esto. » Vej. Doc. cit., pag. 129. (R.)

som desacordados, ca huũs nom teem por mal mentyr, enganar, bulrar(1) por seu proveito; outros bevedice, e desordenado comer; alguũs sanha, mal dizer, scarnecer, filhar vingança, non consentem seer grande fallecimento; e assy os mais, ainda que se callem, nom teem por pecado aquello a que muyto som per afeiçom inclinados, o que he grande erro, porque se alguem justamente deseja vyver, nunca deve sobre toda cousa que aa fe dos artigos, dos sagramentos, das virtudes e pecados pertеence, aver teençom nova, nem reprovada, mes estar sempre bem firme naquella parte que a sancta Igreja seguramente mandar; e o que por ella nom he determinado prazanos mais trazello em duvyda, que filhar errada teençom; e dandonos logar de podermos em algũas cousas seguramente scolher qual parte nos prouver, em aquestas sem empacho cadahuũ scolha o que lhe mylhor parecer.

---

(1) Os modernos dizem á italiana *burlar*, mas os nossos antigos até Fr. Thomé de Jesus disserão *bulrar* á castelhana; no Cancioneiro encontrão-se alguns exemplos, sendo um d'elles na Epistola de Dido a Eneas, trasladada do latim em linguagem por João Roiz de Saa, onde diz a Deosa:

« Bem vejo que sam *bulrada*
» E quee imagem fingida
» Que mee representada. »

Canc. Ger., fol. 120 vº. (R.)

CAPITOLLO XXXV.

Do que me parece sobre a Concepçom de Nossa Senhora Sancta Maria.

Sobre a duvyda que se tem da concepçom de Nossa Senhora Sancta Maria, se foy sem pecado original, eu tenho que sy, por estas quatro razoões.

Prymeyra, porquanto da sua parte foy declarado que della lhe fezessem festa, expressamente nomeando que da concepçom a chamassem, e assy rezassem seu oficio, o que se nom mandaria se fora em pecado, ou em ella nom ouvera special pryvylegio, a seus parentes outorgado, pois naquel tempo creatura dalma racional nom era.

Segunda, se quysera que fora feita per santificaçom quando a alma foy creada, nom mandara tal festa se fezesse em tal tempo, porque daquy a seu nacimento som nove mezes, mas deverasse fazer aaquel que segundo geeral openyom as almas nas moças som criadas; e pois specialmente foy mandado que fosse agora cellebrada, mostrasse que por o pryvylegio, que foy outorgado a seus geeradores, que sem original pecado a geerassem, tal festa lhe prouve seer feita.

Terceira, quando avemos livre autoridade pera de nossos senhores, ou amygos, poder de duas cousas hũa creer e afyrmar,aa m ylhor devemos seer inclinados; pois como assy seja que a Igreja nos da logar que tenhamos que foy concebida sem origynal pecado ou o contrairo, em esta, que, segundo nosso

parecer, he maior prerogatyva sua, e de seus padre e madre, nos devemos afirmar.

Quarta, por se fazer deferença antre ella e sam Joham, ca del se faz festa do nacymento, porque no ventre de sua madre foi sanctifycado; e della, por mayor prerogatyva de seus parentes, da concepçom, mostrando que receberom tam excellente pryvylegio contrairo do geeral fallicimento de todollos homeẽs e molheres. Porem dereitamente della se diz que foy sem maldiçom de peeado mortal, venyal e original, concebida, e pois eu tenho liberdade pera poder teer qual teençom destas me prouver, e vejo que a festa se mandou em tal tempo fazer, e per ordenança sua de Nossa Senhora da Concepçom foy chamada, em aquesta parte com a sua graça me acordo sempre sem duvyda teer e afirmar; e assy faço que he no ceeo em corpo e em alma per muy evidentes razoões que os leterados demostram, e por scolher aquella parte que a meu juyzo he pera ella de mayor louvor e prerogatyva.

E aquesta maneira de creer em todas estas partes me pareceo muy seguro camynho per a graça de Nosso Senhor pera o seu sancto reino, e pera vyvermos em esta presente vyda virtuosamente; ca per hum pratico exempro esto bem se pode conhecer, porque se alguũs camynhos periigosos, e que nom saibamos, avemos de passar, aquel scolhemos que levam os de mayor autoridade, per boo saber, e grande custume. E assy pois a morte scusar se nom pode, para fym de nossos dias mais boa sperança podermos aver, convem que ajamos firme firmeza da fe, nos artigos e virtudes; pois que os mais perfeitos esta estrada levom, aprovam e seguem, fazendo sempre bem, e guardandonos de suspeita, por levar nossa carreira dereita. E por seguyr tal teençom, contra os que teem desejo compriir suas maas voontades, dizendo que os beẽs na vyda presente veem da ventuira, e nom per

ordenança de Nosso Senhor, eu digo que per sua determynaçom, como tem a Santa Madre Igreja, que aos boos dara sempre bem, e as cousas contrairas se lhe tomarom em boa parte como diz o Apostollo; e se de ventuira, esta devyam ante aguardar, bem vyvendo em companha dos boos e virtuosos, que mal fazendo com os malleciosos, ou publicos pecadores.

E ao tempo que aquesto screvy, em mynha myssa leerom epistolla e avangelho que me pareceo gram parte fazerem a meu proposito; dos quaaes a conclusam he esta: Manifestas som as obras da carne, as quaaes som fornyzio, çugidade, avareza, luxuria, e servidoõe dos ydolos, inmiizades, demandas, rifaria, hyra, reixas, desacordos, scitas, envejas, omecidos, bevedices, e outras cousas a estas semelhantes, as quaaes digo, como ja ante disse, que os obradores de taaes feitos o reino de Deos nom averom. O fruito do spritu he caridade, prazer, paz, paciencia, grandeza de coraçom, bondade, benygnidade, mansydoõe, fe, sperança, contynencia, castidade. Esto diz a Epistolla, em que bem se demostram as obras que ham de fazer e seguyr os que buscam os regnos dos ceeos. E diz no Evangelho (1): Nom podees servyr a Deos e ao mamona, porem eu vos digo que nom sejaaes sollamente cuydosos em vossas almas, por o que avees de comer, nem pera vosso corpo que avees de vistir, certamente a alma mais he que manjar, e o corpo mais que vestidura. Olhaae as aves do ceeo que nom semeam, nem colhem, nem ajuntam em celleiros, e nosso padre cellestrial as governa; vos mais e melhores sooes que ellas, qual de vos outros assy

(1) A Epistola de que aqui falla ElRei Duarte é a de S. Paulo aos Galatas, V, 19; e o Evangelho é de S. Mattheus, VI, 24. (R.)

cuydosos pode acrecentar em sua grandeza huũ covado, e das vestiduras porque sempre cuidaaes? Consiiraae os lileos (1) do campo como crecem, nom trabalham, nem colhem; eu vos digo que nem Sallamom em toda sua gloria he coberto assy como huũ destes. Se o feno do campo que oje he, e de menhãa no forno he posto, Deos assy a este, quanto mais a vos fara de pouca fe? Nom queiraaes porem seer contynuadamente cuydosos, dizendo que comeremos, ou que beveremos, ou de que nos cobriremos; todas estas cousas as gentes demandam. Certamente nosso padre sabe que as avees mester, buscaae porem primeiro o reyno de Deos e a sua justiça sempre, e todas estas cousas vos serom acrecentadas. Naquesto manyfestamente se demostra que nom da ventuira, nem per costellaçom (2) nos serom outorgadas estas cousas perteecentes aa vyda presente, mas por buscarmos primeiro seu reyno e a justyça sempre, o que se fara seguyndo aquellas obras do spritu na epistolla declaradas, e leixando as da carne.

E doutra guysa esto me parece que devemos fazer, logo na manhãa chegarmonos aos oficios perteencentes ao servyço do Senhor, e per todo o outro tempo obrar em nossos negocios guardando sempre justiça; ou sobre qualquer feito pensar pry-

---

(1) Sá de Miranda já não disse *lileo*, mas sim *lyrio*; na Canção á Nossa Senhora lhe chama elle:

« Certa porta do Ceo, dos valles *lyrio.* »

Fol. 140 vº. (R.)

(2) No tempo d'ElRei Dom Manoel ainda se dizia *costellaçam*, em lugar de *constellação*, como se vê das Trovas de D. Diogo, em que este Fidalgo diz:

« O que posso maginar
» De tam alta perfeyçam
» He de tal *costellaçam*
» Que nam se pode alcançar. »

Canc. Ger., fol. 86 vº. (R.)

meiro se per el seguyremos o reyno de Deos, ou del nos afastamos; e quando boo, e para seguyrmos nos parecer, sempre o contynuemos, obrando todo justamente ataa o poer com sua graça em devyda e desejada fym e conclusom. E havendo fe certa e firme, que devemos nossos feitos com tal teençom seguyr, e que assy nos desponhamos a ello com sua graça, e mais ledos com boa sperança, e seguramente entenderemos o que Deos, dereito e piadoso Senhor, quyser de nos ordenar, que pensar que viram per fortuna, nem costellaçom de pranetas.

CAPITOLLO XXXVI.

Sobre departidas cousas que devemos creer.

Consiirando em a maneira que devemos teer nas cousas de nossa creença, a mym parece que se partem em cynquo deferenças, porque a Sancta Igreja nos manda creer o que se contem em o credo, e no *quycumque vult* (1), e outros certos artigos, em os quaaes nom convem buscar razões, ainda que os Reymonistas (2) muytas demostrem, mas per obediencia segura e assessegada me parece que realmente e mais fora de perigoo e tentaçom podemos e devemos creer que per outra demonstrança de razoões. E assy o vy scripto em hũa pree-

---

(1) É o symbolo chamado de Santo Athanasio, que começa por estas palavras, e que a Igreja recita no Domingo a Prima. Este symbolo, apezar de ser attribuido áquelle Santo Doutor, não foi composto por elle, e só se lhe deo este nome por conter a doutrina que elle tão energicamente defendeo contra os Arianos; assim o confessão os novos Editores das suas obras. Vej. Richard, *Dictionnaire universel des Sciences ecclésiastiques*, art. *Symbole*. (R.)

(2) *Reymonistas*, ou antes *Raimonistas*, devem ser os discipulos ou sectarios de Raimundo Lullo, que seguindo a doutrina, que seu Mestre expendêra na sua *Ars magna sciendi*, querião mostrar pela razão a verdade dos mysterios. É para notar que tendo a doutrina de Lullo grande voga no tempo d'ElRei Dom Duarte, especialmente na Peninsula, elle lhe não dê muita importancia, e pareça inclinar-se ao sentimento da Sorbona que, seguindo o sabio Gerson, recusou admittir o ensino d'esta doutrina, que por muitos era olhada como fantastica. Por aqui se póde avaliar não só a instrucção de nosso Principe, mas a sua critica e são juizo. Vej. Biogr. Univ., art. *Lulle*. (R.)

gaçom de Meestre Vycente, em que dizia que pera a viinda do antexpõ nom era mais seguro camynho pera estar firme na fe, que per symprez obediencia, nom curando doutras pallavras creermos como per a Sancta Igreja nos he mandado; e no livro do regymento dos Pryncypes, onde diz como na ydade nova nossa fe deve seer ensynada por fundamento principal, declara como se nom pode bem demostrar per razom, nem compre a gente de vossa maneira esto muyto scoldrynhar, temendo aquella pallavra que os scoldrynhadores da magestade eternal seram abatydos, e o que se diz, que os juyzos de Nosso Senhor se nom podem comprender nem percalçar.

Segunda he dos Sagramentos que sam sete, scilicet, bautismo, crisma, confissom, sacramento da myssa (1), ordem, do casamento, estremunçom. E aquestas assy convem sem duvyda creer que som de tanta virtude e poder como pela Sancta Igreja he determynado, nom buscando razom, mais gaançar o merecymento da fe per simprez obediencia. E naquestas duas partes myllagres o vencerom, e sojugarom toda razom; e a quem os nom creer digo aquel dicto de Sam Grigorio, que da por manyfesto myllagre nossa fe se poder creer sem myllagres com tantas mortes de sanctos, heresias, ypocrisias, cysmas, symonyas, como dellas em soma se faz mençom no livro da arvor das batalhas (2): todos aquelles malles per myllagres forom vencidos, per os quaaes nossa fe se fundou princypalmente, como diz Nosso Senhor, se a mym nom creerdes, creede as obras, porque

---

(1) O veneravel Dom Fr. Bartholomeo dos Martyres ainda usou quasi d'esta mesma formula, dizendo: « Sacramento do corpo e sangue do Senhor » em lugar de Communhão, que hoje dizemos segundo o Cathecismo do Patriarchado. Vej. Cathecismo Doutrinal de D. Fr. Barth. dos Mart., pag. 248, ediç. de Lisboa de 1785. (R.)

(2) Este livro era um dos que formavão a livraria d'ElRei Dom Duarte. Vej. Tomo I das Provas da Historia Genealogica, pag. 544. (R.)

som taaes que outrem nom as fez. E assy os Apostollos compridos do Sanctesprito, por muyto que preegassem, a força do convertimento de todo o povo foy per myllagres, porem aos pregadores muy necessario lhe convem que ajam tal vyda que Nosso Senhor por elles ajude suas preegaçoões, ca os outros que bem preegom e mal vyvem dam a bever augua çuja, trilhada com seu maao vyver, como diz Sam Grigorio no seu livro pastoral. Posto que nom vejamos assy craramente os myllagres, creer devemos os que per a Sancta Igreja som aprovados, sem algũa duvyda; e qualquer que cadahuũ vyr lhe deve fazer grande ajuda para nom duvydar nos outros, como dizia Sancto Agostynho por a morte de Sam Lourenço. Eu vy huũ muyto claro em os corvos do Cabo de Sam Vycente, dos quaaes afyrmam os que moram naquella comarca, homeẽs de muy antiiga ydade, a que o pergunntey, que nunca vyrom em elles mudança, porque som dous, e nunca mais nem menos; veense aos homeẽs receber o pam que lhe lançom, e aguardam tam seguro e de perto como se fossem aves mansas. Esto natureza nom consente que tanto podessem vyver, porque na leenda do dicto Sancto se faz meençom que dous corvos guardarom o seu corpo das outras aves e caães quando no campo foy lançado, e agora veer aquelles, que nunca som mais nem menos, como dicto he, sem adoecerem, nem fazerem mudança em sua mansidoõe, parece cousa muyto maravylhosa (1). E se disserem que os corvos vyvem muyto, como em geral se diz, e porem nom he myllagre, digãome doutros semelhantes, porque nunca os vy, nem ouvy delles fallar. Se todos tanto vyvessem, pois que fazem geeraçom

(1) Sobre os Corvos do Templo de S. Vicente, *vide* Bollandistas, vida de S. Vicente, Tomo II, pag. 410. Aboulfeda, celebre geographo arabe do XIV° seculo, falla do *Templo do Corvo* no cabo de S. Vicente. (S.)

como todas outras aves, muytos mais seriam; e pois assy nom he, e aquesto manyfesto se demostra, convem confessar a todos que he grande maravylha, e aos xpaãos que he muy evidente myllagre. E se disserem que os filhos aprendem dos padres, algũas vezes seria mais ou menos que dous, o que se nom vyu em renembrança dos homeẽs. E assy como veemos este devemos creer os outros aprovados per a Sancta Igreja, em que a nossa fe ouve muy pryncipal fundamento.

Terceira faço das virtudes, assy que ajamos per virtude o que per ella for determynado; e porque naturalmente per ordenança de Nosso Senhor ellas podem seer conhecidas per todas pessoas virtuosas e entendidas, bem he trabalharmos de as saber e praticar quanto mais e melhor podermos.

Quarta he do conhecymento dos pecados, sobre os quaaes he de saber que som sete, segundo geeral devysom, como dicto he, mas teem muytas deferenças, ca som alguũs em obrar, fallar, ou pensar, outros per leixamento, e aquesto por o feito seer da geeraçom dos malles, e contradizer expressamente a ley da natureza, em que toda boa razom concorda; e taaes cousas hy ha que mais nom som mal que por serem defezas, e o fallicymento daquellas vem por nom querer saber as cousas que deve fazer, ou dellas se guardar; e posto que lho digam, per soberba e presunçom nom querer consentiir e creer, segundo per a Sancta Igreja nos he determynado no que convem per obediencya sem duvyda aver por pecado. E por boa delligencia trabalhar quanto mais poderem pera bem conhecer e saber todallas suas maneiras, e com a graça de Nosso Senhor Deos se guardar dellas consiirando as cousas que se mandam, e as que sam encomendadas mais que mandadas, das quaaes se diz que o que se encomenda e nom manda se o fazem aproveita, se o leixam nom condana; e aquesto devem saber aquelles que razoada-

mente entendem per certa vista de autoridade de texto abastante, e nom por openyoões de doutores, e os que tanto nom souberem per mandamento de pessoas aprovadas se regem.

A quynta maneira he dos dereitos sobre as liberdades e juridiçom da Igreja. E por quanto alguũs destes som scriptos per leterados, que sobrello screverom, forom clerigos, e quyserom largamente favorecer a sua parte, posto que o fezessem com boa teençom; porem esto nom embargando todollos Senhores em esta parte teem estas ordenanças em suas terras por conservaçom de seus subdictos, per antigo custume aprovadas, que parecem contrairas a opinyom delles, as quaaes entendo que cada huũ Pryncipe deve guardar por serviço de Nosso Senhor Deos como fezerom seus antecessores, segundo el com seu conselho por melhor acordar; ca Sam Paullo dyz hũa autoridade que os prellados, clerigos e religiosos muyto bem devem consiirar, ainda que a todos pertença; manda em sua epistolla que sejamos assy como lyvres, e nom que ajamos veeo de liberdade de mallicia (1). E com tal cobertura os Senhores nom se devem estender pera britar o pryvylegio clerical, mais que seus antecessores, nem dar lugar a elles que vyvam em desenfreado atrevymento como alguũs que boõs nom som fariom se per os Senhores nom fossem temperados, o que sempre se deve fazer com grande tento e boo conselho, com reguardo do serviço de Deos.

---

(1) Não é S. Paulo que diz istó, mas sim S. Pedro na Iª Epistola, II, 16: *Quasi liberi, et non quasi velamen habentes malitiæ libertatem, sed sicut servi Dei.* (R.)

CAPITOLLO XXXVII.

De outras virtudes e sciencias a que dam fe per desvairadas maneiras.

Consiirando nas desvairadas maneiras que se da fe e creença aas profecias, vysoões, sonhos, dar a voontade, virtudes das pallavras, pedras e ervas, signaaes dos ceeos, e que se fazem na terra em persoas, e alimarias, e terremotos, graças especiaaes que Deos outorga que ajom algũas pessoas, e a estrollogia, nygromancia, geomancia, e outras semelhantes sciencias, artes, sperimentos e sotillezas, de modo de tregeitar per sotilleza das maãos ou natural maneira nom custumada, e outros per força de natureza, alguũ pouco em soma vos quero screver do que sobrello entendo, e pera o poderdes seguir se vos bem parecer.

Alguũs vejo que todo querem afirmar certamente ou assy negar, e cousa nom lhes praz trazer em duvyda, o que me parece muy duvydoso camynho por o que se diz, melhor he duvydar que atrevidamente sem descripçom determynar; e porem sobre todas estas partes aquellas creeo que a Sancta Igreja manda creer, nom dando fe aas que defende, e as outras trago em duvyda, sem me afirmar de todo a cada hũa das partes, por que algũas parecem impossivees e som verdadeiras, e outras afirmam muytos que som sem duvyda, que tenho por falsas, enganosas e contrafeitas. E porem os que veem taaes desvairos devem filhar por seguro camynho nom pallavras por

nom parecer a hũũs mentyroso e a outros que com perfia contradiz o que todos afirmam, porque em cada terra teem algũas cousas tanto por contrairas que por muyto que se afirmam sempre por muytos som avydas; e outras creem tam sem duvyda que ham por fora de razom e compridos de muyta perfia quem as nom creer.

Por verdes desto enxempros, quem contar fora da terra que Pedreanes vee as aguas, e da os synaees que ataa xx braças e mais de soterra serom achadas; e que aqueste moço Pedro tam simprez que assy afirma que as vee, e posto que nom seja de autoridade, como jà em alicerces de casas foy achado certo sem fallecer cousa em altura e na terra sobre que erom fundados; e da molher que passa de XII annos que no çumo de hũa maçaam ou semelhante comer, no dia em que mais largo come, se mantem, non gostando carne, pescado, ovos, leite, nem outra boa vyanda, mas com tam pouca, como dicto he, sem vynho, se mantem em soo bever dagua simprez, que he incredyvel; e dos que guarecem os mordidos dos cañes danados per os beenzer; e como devynham os que os vaão buscar por o sentirem no coraçom, segundo me ja contarom dous padre e filho, e hũũ capellam meu que tem esta virtude; e tambem de parirem as molheres sem eajom em sua presença, nom som cousas que se bem cream. E de dar aa voontade o que adiante se acontece, eu vy ja cousas tam certas que seriam muy duvydosas de creer; e assy outras taaes virtudes que Nosso Senhor quer outorgar a algũas pessoas, nom se podem comprehender per razom. E o ferro caldo que naquesta terra tantos certificam que o vyrom filhar, quando fora se diz por muyto que se afirme poucos acham que o bem creem. E semelhante fazemos nos doutras que muytos de fora contam, porque as obras da feitiçaria, e que se dizem de Catallonha e Saboya, eu lhes dou pouca fe; nem a

aquellas que muytos afirmam em estes reynos, porque o mais de todo ey por engano e bulra. Sobrestas obras de feitiços muytos caaem em grandes pecados, e se leixam com grande mal e deshonra continuar em elles por lhes dar fe, ou querendo mostrar que som forçados que amem algũas molheres, e vyvam com ellas contra conciencia, e seu boo estado, dando em prova que se nom deve pensar que huũ tal homem, conhecendo tanto mal, se del nom guardasse, nom seendo per feitiços vencido. E dizem que sas molheres lhe parecem bestas; e semelhante afirmam as molheres de seus maridos.

E respondendo a esto digo, que mynha teençom he que se dam a comer e bever cousas pera matar, tirar o entender, faz viir a doença, mas pera amar nom quero creer, pois a nunca vy, e a razom mo nom consente, nem por a Igreja he mandado que o crea. E se consiirarmos no que o amor do vynho faz aos homeẽs, bem se conhecera que todo vem desse logar e coraçom deshordenadamente com algũa cousa, o qual nom sabem forçar, nem fazer scorregar; e porem poõem por sy tal scusa, ou per a imaginaçom assy o pensom. E sobresto tenho vystos e ouvydos muytos enxempros pera tirar tal fantesia, e que me fazem teer em esta teençom; e segundo meu conselho quem em tal cayr, com ajuda de Nosso Senhor, per seu esforço e saber e poder, filhando conselho de persoas virtuosas se esforce, e nom se cure de feitiçaria. E com grande razom se faz justiça das persoas que se querem trabalhar de tal sciencia fundada sobre mentira, engano e bulras, fora de todo virtuoso fundamento; e porem me praz trazer taaes cousas em duvyda, se as manifestamente nom viir, e naquellas, ainda que as por certas aja, fallar pouco a gente estrangeira, e com razoões bem reguardadas, ca nom vem de as contar tanto proveito, honra ou prazer que mais empacho nom seja averem presunçom que nom he verdade o

que dizemos, porque nos Senhores esta virtude antre todas muyto recebe grande louvor, onde por special della som chamados illustrissimos e serenyssimos (1), mostrando que som assy claros em verdade fora de bulra, engano e mentira, que nom devem em seus feitos e dictos poer duvyda, pensando que podem cayr em taaes fallicimentos; e porem mais segura parte me parece semelhantes cousas nom muyto as afirmar nem contradizar.

Da estronomya e outras sciencias ou artes, quem se pode muyto afirmar, veendo algũas vezes percalçar per ellas tam grandes verdades, e doutras tantas fallecer?

Das obras naturaaes, quem consiirar como parecera impossivel, a quem nunca viio bombardas ou troõs, dizerem lhe que hũa pouca de polvora pode lançar tam grande pedra muyto longe com tal força, do que nos ja nom poemos duvyda por a continuada speriencia, conhecera que de todo nom deve contradizer outras semelhantes, posto que as nom vysse; e assy

---

(1) Apezar de concordarmos com a opinião do nosso Philologo Francisco Dias sobre a introducção regular dos superlativos d'uma só fórma na lingua portugueza (Vej. nota 1 de pag. 62); com tudo, em abono da verdade, devemos declarar, que estes superlativos não erão inteiramente desconhecidos na antiga linguagem. Além dos dous que aqui lemos em ElRei Dom Duarte, podêmos citar mais alguns. No documento 13 da Memoria sobre as Behetrias (Tomo I das Memorias da Litteratura portugueza, pag. 182) lê-se: « Conde de Barcellos, filho do muito virtuoso e *vitorissimo* (por victo- » riosissimo) rey Dom Joham. » — Nas Côrtes d'Evora de 1481, disserão os Povos a ElRei Dom João II: « Conhecendo o muy singular amor que lhes avees, segundo » virom na *santissima* proposiçom feyta em presença de Vossa Real Magestade. » (Doc. cit. pag. 68.) — Nas mesmas Côrtes disserão ainda os Povos a ElRei: « E pois vos elle » (Deos) fez *Christianissimo*, e vos deo seu oficio, acuda por elle Vossa Alteza. » (*Ibid.*, pag. 123.) — « Item, Senhor, huum *grandissimo* dano he agora levantado. » (*Ibid.*, pag. 210.) — « O que, Senhor, certamente he *grandissima* verdade. » (*Ibid.*, pag. 220.) A' similhança d'estes talvez muitos outros se possão encontrar. (R.)

devemos pensar doutras semelhantes obras, ainda que nos pareçom fora de razom, que podem seer verdadeiras, mas por tanto nam devemos creer outras semelhantes se nom quando assy de certo nos forem demostradas; nem deemos fe aos feitos e bulras dos alquimystas, que per taaes semelhanças mostram que os devemos aver por verdadeiros, e posto que nom acertem de fazer o que ja verdadeiramente se fez, nem dos que afirmam aver ouro encantado, o que tenho por grande bulra, por evydentes razoões e boos enxempros que prolixo seriam descrever. Porem sobrestas obras da natureza meu conselho he que ligeiramente nom se cream, por as mentiras que alguũs, que parecem d'autoridade, sobre ellas afirmam; nem de todo se contradigom por as muy maravilhosas que se fazem, e devemse de trazer em duvyda mais inclinados aas nom creer que as afirmar, temendo aquella sentença, quem de ligeiro cree he de leve coraçom.

Dagoyros, sonhos, dar aa voontade, synaaes do ceeo e da terra, alguũ boo homem nom deve fazer conta, porque se nom pode bem entender quando he per natural demostraçom de Nosso Senhor, tentaçom do imiigo, natural precienci͂a, ou que veem per symprez acontecymento, per mudança da compreissom, ou fallas passadas sem alguũ signyficado; e porque nom se pode a mayor parte bem conhecer, o mais seguro caminho he nom curar de todo esto, e seguyr aquel conselho que diz, lança teus cuydados em Deos e el te recreara.

CAPITOLLO XXXVIII.

Da Sperança.

Sobre a sperança devemos consiirar que podemos errar sobejando, como fazem alguũs que contynuadamente mal vyvem, e querendo assy husar dizem que Deos he tam piedoso que todavya os salvara, muy sem temor assy o esperom; outros pooem tanta sperança em huũ soo dia que jejuam, oraçoões que rezam, nomymas que trazem, ou em certas romarias que prometem, que sem temor speram haver salvaçom, e de grandes malles seer guardados, nom leixando de pecar, nem se trabalhando de vyver virtuosamente, entendendo que aquella grande afeiçom que teem em cada hũa daquellas cousas he abastante para lhes tirar todo mal, e lhes seer outorgados grandes beẽs, posto que nas outras cousas vyvvam ao comprymento de seus maaos desejos. E ainda que por todos malles nom fazendo satisfaçom ajamos daver pena, e dos beẽs gallardom, porem nom assy grande e geeral como alguũs por estas obras speciaaes de nom acabado merecymento querem sperar com pouco entender ou preguiçosas voontades, dizendo Nosso Salvador, e nom aquel que diz Senhor entrará em seu reyno, mes o que fezer a vontade de seu Padre; e dalguũs jejuũs, que os nom recebera porque nom som acompanhados de obras virtuosas; doutros, que lhe nom praz receber os sacrificios por serem envoltos em

grandes pecados; alguũs que em seu nome curam os enfermos e demonynhados a que dira que os nom conhece por seerem obradores de maldades; e diz mais, que os verdadeiros oradores nom hirom buscar Jhrlm, nem outro monte, mes em sprito e verdade orarom ao Padre, ca el taaes quer que o adorem. E assy por estas razoões se mostra como a Nosso Senhor nom praz que ponhamos em estas cousas speciaaes nossa principal sperança, mes em el com leixamento de todos pecados mortaaes, e seguymento geeral de todas virtudes; ca per obrigaçom em todos estados somos theudos de nos guardar, ou comprir o que geeralmente nos he mandado.

Per myngua da sperança errom em geeral quando da salvaçom das almas nada se nembrom, ou ainda que lembrem, per myngua da fe, cousa dello nom curom, ou por se averem por tam maaos que nom sperom que Nosso Senhor os possa nem queira salvar, ou mudar de sua fallecida maneira de vyver. E fazem esto em special per huũ erro de que poucos scapom, e aquesto quando d'alguũs fallecimentos nom sperom aver corregymento, posto que em todas outras cousas se esforcem a bem e virtuosamente vyver; ca huũs dos arrevatamentos da sanha, per que trespassam as obras ou pallavras quaaes nom devem, outros do comer e beber sobejo, das afeiçoões das molheres, dos odios, envejas, malquerenças, e assy de cada huũ dos malles se teem por tam costrangidos, que pensam seerem per sua propria natureza tanto per obrigaçom sogeitos a tal pecado, que por todo seu poder nunca del se poderam tirar, nem ẽmendar, salvo se Deos myraculosamente os correger pera o que elles, mynguados de sperança, ja nom querem trabalhar, porque assy como vencidos em suas voontades em sua sogeiçom se querem leixar jazer, dizendo que nom podem em todo seer perfeitos; e vencidos per afeiçom e fraqueza som contentes da

maneira de seu vyver, teendo que nom som dignos de perduravel pena, nem da presente reprehensom, por seerem derribados dalguũs grandes pecados, se dos outros sentem que som em boo estado com algũa tal maneira de vyver que virtuosa pareça, ou digna de merecymento, nom seendo lembrados daquella pallavra, quem em huũ pecado fallece, em todos he culpado.

CAPITOLLO XXXIX.

Em que se mostram as partes per que se da e muda nossa condiçom.

Pera tirar fantesia e duvyda que nom podemos viir a boo stado de todas virtudes, eu acho per todas estas partes nos he dada e outorgada condiçom, e muytas vezes mudada, segundo em nos, e per outrem bem poderemos conhecer: da terra, compreissom; do leite e vyandas, criaçom; dos parentes, naçom; das doenças e acontecimentos, occasiom; das pranetas, costellaçom; dos Senhores e amygos, conversaçom; de Nosso Senhor Deos, per special spiraçom, nos he outorgada condiçom e discreçom.

Aquestas cousas suzo scriptas, que mudam nossa discreçom e condiçom, escrevy em simprez rimanço (1) por se melhor poderem reter; das quaaes por declaraçom ponho enxempros.

Primeiro da terra, compreissam. Esto veemos, graças a Nosso Senhor, como em geeral os mais de todos portuguezes som

---

(1) É o mesmo que romance; porèm aqui não se entende da linguagem vulgar, mas sim de certa composição poetica, que não tendo metro rigoroso tinha com tudo certa rima; poesia mui familiar aos nossos antigos, de que elles se servírão para nos transmittirem suas maximas e proverbios, e que servio de ajudar a memoria a reter as cousas importantes naquella idade em que a arte de ler e escrever era mui rara. Posto que ElRei Dom Duarte, ou talvez o Amanuense, não dispoz em fórma de versos estas maximas, facil é conhecer a rima pelas desinencias em *om*, e o sabio Principe teve cuidado de nos dizer que o fizera assim para *melhor se poderem reter*. (R.)

leaaes, e de boos coraçoões; e os Ingreses, vallentes homeẽs d'armas, de grande e boo regymento em suas igrejas e casas (1), e assy quaaesquer outras naçoões teem geeralmente algũas virtudes e fallecymentos, nom que todollos do reyno ou Senhorio igualmente os ajam, mas em geeral teem dello grande parte. Das mudanças que as vyandas e leyte fazem em nossas condiçoões e compreissoões, os fisicos sejam preguntados, e a speriencia da grande testemunho.

A geeral maneira de virtudes e malles que veemos em algũas lynhageẽs nos mostra quanto dos padres e madres filhamos em nossas condiçoões, entender e virtudes, ca bem veemos os mais dalguũs boos homeẽs darmas, outros entendydos, e assy de bem e de contrairo levom cadahuũs seu camynho, em que nos mostra que filhamos delles grande parte das condiçoões.

Quanto aas doenças e acontecimentos fazem grande mudança em nossa condiçom e discreçom, se mostra muyto claramente per vysta de muytos sesudos, que se tornam sandeus, e os temperados bevedos e sem boa governança, e os ardidos de fracos coraçoões, e os mansos e humyldosos sobervosos; e aquesto per doenças, nojos, tristezas, e mudança destados em bem, e no contrairo.

Que as pranetas nos outorguem grande parte das condiçoões, preguntemse os estrollegos; os quaaes nom sollamente parte destas, mas todas querem afirmar que nos som dadas, o que a esperiencia das cousas suso dictas nom outorga, e menos a cathollica determynaçom, que declara o homem sabedor se

---

(1) Este passo curioso do illustre Autor parece indicar que nos principios do seculo XV os Inglezes passavão entre as outras nações por modélos de ordem, e de regulamento tanto nos templos, como na vida domestica. Pelo menos tal era a opinião de um Neto d'ElRei Duarte III d'Inglaterra. (S.)

assenhorar das estrellas; e se fosse o contrario nom averiamos livre alvydro, nem o juyzo pareceria dereito que mal vehesse a quem as cousas fezesse per necessidade; e nom seria verdade o que se diz na sancta scriptura, porque fezeste mal ouveste tal pena, e porque bem gallardom; ca se todo fosse costrangidamente, nem por nossos feitos averiamos gallardom ou pena, mes per ordenança das pranetas, e os mandados e conselhos da nova e velha ley sobejos seriam; ca se todo per tal ordenança fezessemos, e nom per determynaçom de nosso livre alvydro, a que seria mandar e conselhar a quem per sy mais poder nom tevesse de que as pranetas nos outorgassem? E porem he de teer sem duvyda que as pranetas nos enduzem, e dam inclinaçom a bem e a mal, como fazem as outras partes suso scriptas, mas nom em tal guysa que lhe nom possamos contradizer com a graça de Nosso Senhor, ca per aquella pallavra de sam Paullo, onde diz, fiel he Deos que nom consintira mais seermos tentados do que poderemos contradizer (1), se mostra claramente como das pranetas e das outras partes podemos seer enduzidos e tentados, mes nom costrangidos, porque pryncipalmente fica todo em poder de nosso livre alvydro, nom nos costrangendo a predistynaçom, nem persciencia de Nosso Senhor Deos; ca por ser perfeitamente sabedor sabe todallas cousas presentes, preteritas e futuras, e per sua perfeiçam de justiça nos leixa fazer nossos feitos de tal guysa, que dereitamente per desmerecymentos os maaos recebem pena per el dada com piedade, e os boos gallardom com sua mercee por algũa pequena parte de mericymento, ou virtuosa disposiçom que nelles se demostra. E naquesto nom devemos duvydar, posto que perfeitamente nom entendamos

---

(1) *Fidelis autem Deus est, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis.* 1ª aos Corinthios, X, 13. (R.)

como todo pode seer. E pareceme grande simpreza filhar duvyda no que per a Sancta Igreja he determinado que se creea, por nam se poder entender; ca de nossa natureza, como obra tam discretamente, quem o entende? E o poder da memoria, veer, ouvyr, cheirar, gostar, e mais special sentyr, qual perfeitamente per razom o podera demostrar? Pois se o que avemos em nos nom percalçamos per natural juyzo, como as cousas de Nosso Senhor queremos perfeitamente entender e julgar? Porem todo esto que se nom entenda como he devese per obediencia da fe aver por entendido, creendo tam sem duvyda como se per clara razom nos fosse demostrado, conhecendo nossa fraqueza, e segundo nosso mericimento da humyldade e obediencia. E sobresta força das pranetas dizem alguũs que pois navyos, cavallos, armas, aves, caães som bem ditosos, como semelhante nos homeẽs nom farom as pranetas? Aos quaaes eu respondo, que nom contradigo que aquellas cousas nom tenham algũa tal infruencia em nacença, fazimento, ou tempo em que se ha dellas senhorio, que magnyfestamente se nom veja como desto ham grande parte; mas eu tenho que por os homeẽs seerem mais excellentes criaturas, que a sua costellaçom em nos feitos pryncypaaes correge todas outras; e se he ho homem sabedor se assenhora das pranetas per a força do lyvre alvydro, quanto mais farom aquelles que amarem o Senhor Deos, dos quaaes he scripto que todallas cousas se lhes tornarom em bem? E por esto he de creer que as infruencias suas nem doutra cousa nom podem torvar alguũ de salvar sua alma, nem lhe fara embargo em os outros feitos se amar Nosso Senhor, e vyver virtuosamente, pois as cousas que parecem contrairas lhe som proveitosas.

Da conversaçom do Senhor e amygos como se muda nossa condiçom, per esperiencia bem se mostra nas cortes dos Senho-

res, Reynos, e moesteiros, como grande parte dos sobdictos seguem seu Senhor e amygos. Ca bem vysto he, graças a Nosso Senhor, como todollos moradores destes Reynos em tempos dos muy virtuosos Rex (1), meus Senhores, Padre e Madre, cujas almas em sua gloria Deos aja, avançaram em grandes coraçoões, boo regymento de sua vyda, e outras manhas e virtudes mais do que ante erom; e as molheres de sua criaçom quanta lealdade guardarom todas a seus marydos? donde as mais do reyno filharom tal exempro que antre todollas do mundo, do que enformaçom avemos, em geeral merecem grande louvor. E se huũ moesteiro he bem regido em dereita devaçom, quantos a el veem de custumes desvairados todos se tornam pouco mais ou menos a hũa maneira de vyda e custumes. E nom he maravylha, porque tres cousas pryncipalmente nos enduzem a bem vyver, scilicet, temor, sperança, e amor. Per temor, tememos as penas presentes e do inferno, que por nossos malles receamos daver. Por a sperança, speramos dos beẽs que fezermos receber gallardom na vyda presente, e na sancta gloria. Per amor de Nosso Senhor Deos, dos boos Senhores e amygos temporaaes, e afeiçom das virtudes as seguymos e percalçamos; porem a razom mostra que o regedor que o mal castigar, e gallardoar os boos e virtuosos, louvando as virtudes per pallavra e boo enxempro da sua vyda, encamynhara seus subdictos virtuosamente vyver, e que deve fazer em elles gram mudança de condiçoões. Aquy he de consiirar, que se nom som ẽmendados os mayores e mais chegados que os outros daquella maneira, poucos o serom. E na conver-

(1) *Rex*, em lugar de *reis*, era antigamente vulgar. No 7º documento da Memoria sobre as Behetrias (Tomo I das Memorias da Litteratura portugueza, pag. 172), lê-se: « No tempo dos outros *rex* que ante nos forom. » Nos capitulos das Côrtes d'Evora de 1481, e ainda nas de Lisboa de 1498 se encontra frequentemente este plural, mas já algumas vezes apparece *reix*. Vej. Doc. cit., pag. 253 e 254. (R.)

saçom dos amygos, o que se faz em mudança das condiçoões mostrasse per aquel enxempro (1), vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te faras. Esto porem nom he daquel que for assy virtuoso que os outros trasmuda em sua semelhança, por algũa companhia nom se mudando, e tal he comparado ao diamont (2); mes porque os mais som pera mal fazer assy molles como cera, que recebe as feguras das cousas que a ella compremendo se achegom, grandes mudanças fazem os semelhantes por as conversaçoões, como per speriencia bem se mostra.

A mudança que Nosso Senhor faz per special spiraçom, o salvamento do ladrom que com el pendia na cruz, convertymento de sam Paullo, que pera prender e atormentar os xpaãos era enviado, e de sam Matheus que era onzaneiro, e o perdom da

---

(1) *Exemplo* tinha antigamente tambem a significação de *ditado*, *rifão*, e ainda a conservou até ao tempo de Gil Vicente e Sá de Miranda, como se vê das seguintes passagens :

« Porque diz o *exemplo* antigo :
» Quando te dão o porquinho,
» Vae logo c'o baracinho. »
Gil. Vic., Tomo II, pag. 466.

« Quanto á de Pedro a Rodrigo?
» Que bem diz o *exemplo* antigo,
» Que não são iguaes os dedos. »
Sá de Mir., fol. 114 vo. (R.)

(2) Guiando-nos pela orthographia d'esta palavra, podêmos suppor que nos veio de Inglaterra, onde ainda hoje se escreve *diamond*, posto que se pronuncie de differente modo. Depois teve uma desinencia portugueza em *ão*, como se vê do Enxoval da Infanta Dona Brites quando casou com o Infante Dom Fernando, onde se lê : « Outro » collar donro de garganta com pendente que tem hum *diamão* e onze rubis e onze » perolas grossas. » Vej. Prov. da Hist. Gen., Tomo I, pag. 569.

Mas no tempo d'ElRei Dom Manoel já tinha a em *ante* hoje usada, de que dá testemunho uma cantiga de Duarte de Brito que transcrevemos :

« A hũa delas vestia
» Hum bryal negro chapado
» De muy rica argentaria
» Douro com gram pedraria
» Derredor coartepisado

» Desmeraldas e robys
» Çafiras e *diamantes*
» E hum manto
» Dhuũs lavores muy sotys
» Preciosos e galantes
» De grande spanto. »

Canc. Ger., fol. 38 vo. (R.)

Magdanella (1) claramente o demostram. E aqueste exempro de poucos nom he para sandiamente nos esforçar, nem tal camynho seguyr, ca donde muytos se perdem, e poucos se salvom, todos deveriam seer guardados; mas ainda que cayamos per o enxempro dos suso dictos, nunca devemos desesperar.

---

(1) Na côrte d'ElRei Dom João III ainda se dizia *Madanella*, como se vê do Auto que compoz Gil Vicente, e que em sua presença foi representado no anno de 1524, no qual diz Catharina:

« Tal foste com *Madanella*,
» E sempre chufou de ti;
» Pois qu'esperas tu de mi,
» Que sam mais valente qu'ella? »

Gil. Vic., Tomo I, pag. 134. (R.)

CAPITOLLO R. (1)

Do avysamento por as partes suso scriptas, e da fiança e confiança.

Daquesto sobre sy se deve tomar avysamento, nom fallando da special graça que per sy soo faz mudar todas condiçoões e discriçoões, que cada hũa das outras partes per sy nom he tam poderosa que a mal vyver assy nom derrube, que das outras partes nom recebamos tam grande parte de ajuda, per a qual cadahuũ,

---

(1) O Autor do Elucidario sustenta (Vej. art. *R*) que o *R*, como lettra numeral, valendo 40, e substituindo o XL dos antigos ou o X̃ aspado da idade media, não foi usado entre nós antes de 1400; mas, se os documentos, que o Academico José Anastacio de Figueiredo juntou á sua erudita Memoria sobre as Behetrias, são fielmente copiados dos originaes, como é de suppor, podêmos dizer afoutamente que aquelle Lexicograpbo se enganou, ou que foi mui ligeiro em avançar uma asserção tão positiva sem ter as sufficientes provas. A carta de Dom Pedro I ao Conde d'Ourem, que é o 2º Documento da sobredita Memoria, tem a data de « mil iij^{c} lR vj. » O 3º Documento, que é outra carta do mesmo Rei sobre a Honra de Britiande, tem a data de « mil iij^{c} lR vij. » (Vej. Tomo I das Memorias da Litteratura portugueza, pag. 167 e 168.) Notaremos aqui de passagem que o erudito Academico João Pedro Ribeiro, na sua Dissertação sobre os algarismos (Tomo II, pag. 121), não falla do *R* como lettra numeral significando 40, e só sim do X̃ aspado, que era uma abreviatura do XL dos Romanos; e que, tendo notado muitos erros e inexactidões do Elucidario (Tomo IV, pag. 108 e seg.), d'esta se não fez cargo. Aos Eruditos e Diplomaticos pertence esclarecer este ponto; quanto a nós, que não somos nem uma nem outra cousa, só nos cumpre asseverar que no Codice do Leal Conselheiro, bem como no da Chronica de Guiné, se lê clara e distinctamente o *R* representando o numero 40. (R.)

se com vallente teençom e graça do Senhor Deos quyser sy bem esforçar, podera, vencendo pecados principaaes, viver sempre virtuosamente; e porem nom devemos cayr em tal desperaçom porque nos ajamos assy por sogeitos dalguũ principal pecado, que delle nom sperемos com a mercee do Senhor, nosso saber, querer, e poder que nos tem outorgado, seer livres, ante devemos sperar em sua grande mysericordia que per nossos trabalhos e boo esforço vyveremos sempre, e acabaremos em seu sancto serviço.

E sobre a esperança eu vejo errar alguũs por averem fiança e confiança em quem nom devem, e nom a filharem de quem he razom; faço eu deferença destes dous nomes que muytos filham por hũa cousa.

A fiança perteece aa voontade, e pera a confiança se requere mais saber e poder; assy que nos feitos, per que he necessaria pryncipalmente boa voontade, fiança se deve aver, mes nos que demandam grande saber e poder, a boa esperança que se ha em tal caso, confiança he seu proprio nome. E porem convem reguardar a que se ha de encarregar, e a persoa qual he; e se forem feitos, pera que abaste soo a boa voontade, busquesse boos amygos; e se demandarem fortelleza de coraçom, do corpo, ou saber natural e sciencia, necessario he buscaremse taaes que pera o feito sejom perteecentes, aalem da geeral boondade e amor que nos tenhom; e destes, com a graça do Senhor, se deve teer boa sperança no que lhe for encommendado, e nos outros, que todo esto se nom guardar, fraca e daventuira.

Esto screvy por me parecer proveitoso avysamento perteecente aa sperança, que devemos aver dos feitos que a outrem encomendarmos; e quanto perteece a Nosso Senhor Deos, a esperança com fyusa e confiança deve seer muyto grande per a guysa suso scripta, consiirando como de huũ soo pynhom, que

na terra semeam, da tam grande arvor com multidoõe de pynhoões; e queassy, e mais compridamente, nos respondera com avondoso fruito de qualquer boa obra que por sua graça fezermos, ou proposermos de fazer, se nom fycar per nossa myngua, como se diz delRei David, que lhe foi contado por Nosso Senhor por obra de merecymento aver proposito de fazer o seu templo, posto que o nom podesse fazer.

CAPITOLLO RI.

Sobre a deferença dos estados.

Porque alguũs leterados e outras pessoas que vyvem em religiom fallam contra os estados dos Senhores, homeẽs de linhagem, riqueza, poderio temporal, e semelhantes, mostrando que som de grande empeecymento como cousas nom boas, ou em que aja necessariamente pecado; e os fazem aver pequena sperança de sua salvaçom, louvando sua maneira de vyver por muyto segura, e os jejuũs, vigillias, rezar, por obras certamente boas, vos faço esta declaraçom do que sobrello me parece, tirada pryncipalmente a força della do livro das Collaçoões. Em el se contem que todas nossas obras em tres deferenças se partem, scilicet, boas, maas, e meaãs. Boas, diz que som virtudes sollamente, das quaaes pera se poderem conhecer, screve taaes palavras: Bem pryncipal he aquel que per sy he boo e nom per outra cousa, per sy necessario nom por al, sempre he boo que nunca se muda, e tem sua qualidade perduravelmente; assy que nom passa em parte contraira o perdymento, ou cessamento delle, nom pode quytar grande perda, e o que for a el contrairo he assy mal principal que nom vem jamais em alguũ tempo a boa parte. Mal, afirma que he, cayr em pecados, porque nos parte daquella perfeita boondade que he Deos, e nos chega ao diaboo, em que ha comprimento de toda maldade.

Medianeiras (1), som aquellas cousas que se podem ajuntar a hũa e a outra, segundo desejo e alvydro daquel que husa dellas, assy como som poderios, riquezas, honras, força em corpo, saude, fremosura, vyda, morte, proveza, infirmydade do corpo, e as enjurias, jejuũs, vigilias, rezar, e assy todas outras cousas semelhantes, que segundo a calidade e desejo daquel que husa dellas podem trazer a boa parte ou contraira; porque as riquezas muytas vegadas aproveitam em bem, segundo o Apostollo, que encommenda aos ricos deste mundo que deem de grado aos mynguados, que façom thesouro de boo fundamento pera o que ha de viir, porque recebam por as riquezas vyda perduravel. E segundo o avangelho, boos som aquelles que fazem assy amygos dos averes de mais, os quaaes diz a Escriptura que som segraaes (2), scilicet, mundanaaes. E per contrairo essas mesmas riquezas acrecentam mal quando as ajuntam tam soomente pera as guardar, e pera nom vyver bem com ellas, nem as despender em necessidades dos mynguados.

O poderio, honra, força do corpo, e saude, que sam medeaneiras, e convenham a bem e a mal, esto ligeiro he de provar, ca muytos dos Sanctos em o velho e novo Testamento husarom de todas estas cousas; ca ouverom grandes dignydades, muytas riquezas, forças em os corpos, e com todo esto forom muyto achegados a Deos; e per contrairo os maaos husarom mal destas

---

(1) Se Moraes tivesse tido diante dos olhos o Leal Conselheiro não teria omittido no seu Diccionario o adjectivo *medianeiro*, e não teria posto uma interrogação na passagem que cita de Arraes: *Será mediania?* pergunta elle; certamente é mediania, ou cousa média entre dous extremos, porque o adjectivo *medianeiro*, que era synonymo de *meão* de que fallámos em a nota 2 da pag. 71, significava cousa que está no meio de duas outras, *intermedius*, o qual era commum ao dialecto castelhano. Vej. Diccion. da Academ. Hesp., e o Vocab. de Sanchez. (R.)

(2) Vej. a nota 2 da pag. 106.

cousas, e as tornarom a serviço de maldade, e com dereito foram atormentados e mortos. E que esto assy fosse comprydo dizeo o livro dos Rex em muytos lugares, e outras estorias de certa autoridade esto afirmarom. Que a vyda e morte sejam cousas medeaneiras, provamno as nacenças de Sam Joham Bautista, e de Judas. Hũa dellas foy tam proveitosa asy meesmo que acrecentou prazer a muytos quando naceo, segundo aquello que he scripto, del muytos se alegrarom em seu nacymento; e da vyda do outro, bem fora pera el se nom fora nado aquel homem. Da morte de sam Joham, e dos outros sanctos, leemos: Preciosa he a morte dos Sanctos ante Deos; e da morte de Judas, e doutros semelhantes: A morte dos pecadores muyto maa he. Que a infirmidade corporal seja medeaneira demostrao a bemaventurança de Lazaro, que era cheo de huçara (1), ca deste nom nos mostra a Escriptura outra virtude; mas porque sofreo em paciencia a infirmydade corporal, mereceo de seer recebido em no seo de Abraão. Que a proveza e persyguyçoões e as injurias, que segundo a openyom do povoo som maas, que sejam proveitosas e necessarias bem se pode provar por os sanctos Baroões, e nom tam soomente nom as esquivarom mas cobiçaromnas, e sofreromnas por muy alta virtude, e fezeromse amygos de Deos, e alcançarom por ellas gallardoões da vyda perduravel; e assy o conta o Apostollo: Eu me allegro em mynhas infirmydades, e em os doestos e nas mynguas, e nas persyguyçoões, e nas angustias por Jhũ Xpõ, ca em na infirmydade se mostra o forte, e a virtude em a infirmydade se mostra (2).

---

(1) Ulcera, chaga, ferida antiga. (R).

(2) *Placeo mihi in infirmitatibus meis, in contumeliis, in necessitatibus, in persecutionibus, in angustiis pro Christo: cum enim infirmor, tunc potens sum.* IIª aos Corinthios, XII, 10. (R.)

Porem aquelles que se enxalçarom por grandes riquezas do mundo, honras, e poderes nom cream que perealçarom grande bem, o qual, segundo verdade, he em as soos virtudes, mais huũ medio; porque assy como aaquelles que dereitamente husam dellas como devem sam proveitosas, geerando de sy occasiom de boas obras, e fruyto de vyda perduravel, bem assy os que dellas husam mal somlhes empeccivees e sem proveito, e damlhes occasiom de pecado e de morte; e ajudando aquesta teençom, no dicto livro se declara, que aos monjes convem fazer tres renunciaçoões : prymeira das propriedades da vyda presente; segunda de todollos pecados; terceira de filhar cuydado de obras fora de necessidade que aos feitos deste mundo perteeça. A prymeira diz que nom he boa nem maa, mas meaã, porque alguũs per ella percalçom vyda perduravel, e outros o contrairo; da segunda, que he necessaria; e da terceira, que nace das outras duas.

Em outra collaçom tambem se afyrma que pera vyda dos frades e dos irmytaães nom som todos perteecentes; e que porem com muy grande examynaçom os recebiam, porque aos que a bem guardom faz viir a bemaventurança, e a outros he aazo de grandes perigoos. E per estas razoões claramente se demostra que todollos estados, que a Igreja nom reprova, som meaãos, em os quaaes quem bem vyver se pode, com a graça de Nosso Senhor, salvar, ou per contrairo viir a condanaçom; porem nom he alguũ de teer em desprezo, nem os outros por de todo seguros. E de taaes cousas pera a vyda presente, e que speramos, hũas se inclynom mais aa parte do bem, outras ao contrairo, como som riquezas, stados, poderio, que parecem mais conviir aa parte da bemaventurança deste mundo; porem muytos veherom per cada hũa destas partes a grande deshonra, morte, aleyjamento, e perlongadas prysoões, no que assas de

mal passarom em esta vyda com pouco merecymento da outra. E assy dos casamentos, filhos, e todas semelhantes cousas, que vystos seus enxempros bem mostram como som daquel meaão estado; e quando se cobrarem ou perderem, naquella conta se devem teer, conheecendo que som mais inclinados aa parte do bem ou do mal, segundo as sentyrmos per o que veemos ou speramos; e nom que de todo som proveitosas ou empeecivees, porque muytas dam per tempo grandes bemaventuranças, e depois todo o contrairo, no que demostram claramente como som meaãs, pois a bem e mal ligeiramente se tornam pera esta vyda, e assy per a outra como pera as declaraçoões suso scriptas he bem declarado; porem he de teer sem duvida que husar bem das virtudes he verdadeiramente bem e boo stado, pois nunca dellas alguũ pode mal husar, e cayr em peeado e acabado mal. E todas outras cousas que façamos, estado que tenhamos, cousas som meaãs que nos trazem a bem, e contrairo, segundo praz a Nosso Senhor de as aderençar, manter, e acabar; e creer devemos que todos possuymos razoados estados pera bem vyvermos na presente vyda, e pera cobrar a outra com a graça de Nosso Senhor, se per nossa myngua, ou desaventuira, que de pecados e fallicymentos as mais vezes se recrece, nom formos tornados. E contynuando cada huũ em o que possuyr, deve trabalhar quanto em el for pera viver ledo e virtuosamente, e os outros que razoados som nom plasme nem sobejo louve, pois meaãos som e nom de todo boos ou maaos, nem assy alguũs periigosos que todos em elles se peream, nem os outros tam seguros que muytos em elles leixem de yr a condanaçom.

E se alguem per ydade ou requerymento de seu juyzo ou voontade mudar seu stado com sperança de mylhor vyver, nom tenha que filha vyda segura, mas tam duvydosa como ante, porque em todas maneiras de vyver ha suas folganças e penas,

tentaçoões e boo assessego, as quaaes como cada huũ se havera, longa sua experiencia, e nom al o demostra, porque nom teem todos coraçoões em semelhantes cousas huũ sentymento no bem, e no contrairo; porem conhecydo pelos Padres antigos, nom engalhavam alguũ pera seer frade ou irmytam, mas com grandes protestaçoões os recebiam, e confortavam todos em seus stados, e os encamynhavam per muytas maneiras como em elles se levassem, com a graça do Senhor, camynho de salvaçom, segundo se mostra per aquestas pallavras em el contheudas.

CAPITOLLO RII.

De muytos e desvayrados fruytos da peendença.

Depois daquella graça geeral do bautismo, e depois do bem perfeito e preçado do martirio, que se gaanha per lavamento do sangue, som os fruytos da peendença per os quaaes vem a lympeza dos pecados, ca a saude perduravel nom he permetida tam soomente por aquel nome simprez de peendença, da qual falla o Apostollo, dizendo assy : Fazede peendença, e convertedevos, porque sejam destroidos vossos pecados (1); e sam Joham Bautista, messajeiro de Nosso Senhor, diz : Fazede peendença, e achegarsea o reyno de Deos (2). Mais ainda quebrantasse o peso dos pecados por desejo da caridade, ca a caridade encobre a multidoõe dos pecados. Outrossym tambem por as esmollas recebem meezynha as nossas chagas, ca assy como a augua apaga o fogo, assy a esmolla afoga o pecado. E por a chuyva das lagrimas percalça o homem rellevamento dos pecados segundo aquello, lavarey em cada hũa das noytes o meu leyto e regarey o meu strado com as minhas lagrimas. E diz mais,

(1) Esta passagem não é de S. Paulo, mas sim de S. Pedro, nos Actos dos Apostolos, cap. III, vers. 19 : *Pœnitemini igitur, et convertimini, ut deleantur peccata vestra.* (R.)

(2) *Pœnitentiam agite : appropinquavit enim regnum cœlorum.* Math., III, 2.

Todo este capitulo é fundado em passagens da Sagrada Escriptura, que, por mui numerosas e assás conhecidas, não transcrevemos. (R.)

demostrando que as nom tomou em vãao: Arredadevos de mym os que obrades maldades, ca o Senhor ouvyo a voz do meu choro. Outrossy por a confissam dos pecados gaanhasse perdom delles, ca diz: Confessarey contra mym as mynhas maldades ao Senhor, e tu perdoaste a maldade de meu coraçom; e em outro logar: Conta tu primeiramente as tuas maldades porque sejas justificado. Outrossy per alguũ nojo do coraçom, e tormento do corpo, gaanhasse perdom dos pecados, ca diz assy: Vee a mynha humyldade e o meu trabalho, e perdoa todollos meus pecados. E mayormente em ẽmenda de custumes, ca diz: Arredade ho mal das vossas cuydaçoões de meus olhos, cessade ja de fazerdes mal, aprendede a fazer bem, buscade juyzo, acorrede ao apressado, julgade o orfom, defendede a vehuva, e provademe, diz o Senhor, se forem os vossos pecados assy como carvom embranquecerom assy como neve, e se forem vermelhos assy como sanguynha (1) serom assy como laã branca. E ainda aas vezes se gaanha perdom dos pecados per rogos dos sanctos, onde diz sam Joam Apostollo: Quem sabe que seu Irmaão pecou pecado demandade por el mercee, e darlhe ha Deos vyda; e o Apostollo Sanctiago diz: Se alguũ de vos enfermar chame os clerigos da Igreja, e roguem sobrel, huntandoo com ollyo sancto em nome do Senhor, e a oraçom com fe salvara o enfermo, e salvalloa o Senhor, e se esta em pecados seerlheam perdoados. Muytas vezes se consume a magoa dos pecados por merycimentos de mysericordia e de fe, segundo aquello, per mysericordia e por fe se preegom os pecados. Outrossy muytas vezes por

---

(1) *Sanguinha* não significa aqui a herva, chamada tambem semprenoiva, mas sim a pedra semelhante á agatha de côr de sangue, *Lapis sanguinarius;* ou então uma antiga téla de côr de sangue, que na lingua romana se chamava *sanguine.* Vej. Roquefort, art. *Sanguin.* (R.)

conversaçom daquelles que se salvom por os nossos amoestamentos, ou por pregaçom; ca o que fez que o pecador se converta do error de sua carreira salvara sua alma de morte, e encobrira em sy multidoõe de pecados, ca Nosso Senhor diz assy: Se vos perdoardes aos homeẽs seos pecados, o vosso Padre cellistial perdoara a vos os vossos. Pois ja veedes quantas portas de mysericordia abrio a piedade de Nosso Salvador, porque nenhuũ que cobiiça saude possa seer quebrantado em desasperaçom quando viir que he convydado aa vyda por tantos remedios. Se dizees que nom podees de fazer ou de reteer os vossos pecados per afeiçom de jejuũs, por a fraqueza do corpo, nom podedes dizer, os meus geolhos enfraqueecem por jejuũs, e a mynha carne he mudada per o azeite, ca eu comya ciinza assy como pam, e o meu bever era mesturado com choro, mais compre que os aja de remyr com esmollas. E se nom têes que partas com o pobre, como quer que a myngua da necessydade e da proveza nom scuse nenhuũ desta obra, quando dos dinheiros tam soomente da moeda meuda, que pos a vyhuva, forom mais prezados que os grandes doões dos ricos; e quando por huũ vaso dangua fria promete o Senhor gallardom, por certo parece que te poderas purgar por ẽmenda de teus custumes, e se nom podes viir a perfeiçom de virtudes, porque nom podes percalçar comprida purgaçom de todollos pecados, toma em ty piedoso cuydado da purgaçom dos pecados alheos. Se por ventuyra te querellas que nom têes maneira de leixar aquello que as mester, poderas encobrir os pecados com desejo de caridade. Ainda se te tornar fraco pera esto algũa pryguyça ou maldade de voontade, inclynate com alguũ desejo de humyldade; e se nom podes al, busca remedios de oraçom, e de rogos de sanctos pera as tuas chagas. E finalmente quem he aquel que nom pode dizer, fiz a ty conhecer o meu pecado, e nom ascondy a mynha maldade,

porque por esta confissam mereçamos ajuntar o al que se segue com boa feuza, scilicet, que tu abrandaste as maldades do meu coraçom? Ainda se te venha vergonha, e nom te atreves a descobryllas ante os homeēs, nom leixes de as confessar cada dia com humyldade a aquel que se nom pode asconder, e dizelhe assy, eu conheço a mynha maldade, e o meu pecado sempre he contra mym, aty soo pequei, e fiz mal dante ty; ca esto acustuma saãmente sem publycaçom de vergonha, e perdoa os pecados sem profaço (1); anda em pos este defendimento muyto prestes, e muyto certo, e Deos te dara sua graça perque sejas em boo stado de verdadeira confissom, contriçom, e satisfaçom. Deunos ainda outro modo mais ligeiro a boondade de Deos, e esta ajuda de remedios, e posea em nosso alvydro, que recebamos o perdom dos nossos pecados segundo o nosso desejo, dizendo a el, perdoa a nos as nossas dyvydas assy como nos perdoamos aos nossos devedores.

E por ouvyr alguũs fallar per desvairada maneira vos screvy todo esto, autorizado principalmente per aquel livro suso scripto, à que dereitamente deve seer dada sobresto grande fe, por tal que vyvamos sempre com a graça do Senhor Deos em boa sperança, nom poendo achaque de nossas mynguas ao estado que possuymos, pois todos som taaes que nom dam torva a quem bem quer e sabe virtuosamente vyver. E segundo aquel dicto de Sam Bernaldo, segura a esperança devemos aver em Nosso Senhor quando consiirarmos que o filho mostra o lado e chagas a seu padre, e a madre os peitos e regaço ao filho por aver piedade dos pecadores, reguardando quanto padece por nos gaançar perdom, nom pedindo, quanto mais pronto sera pera

---

(1) Palavra castelhana antiquada (*profazo*) que significa abominação, discredito, má fama em que cai alguem por seu máo obrar. *Infamia*, *dedecus*. (R.)

nos perdoar se lho bem requerermos, lembrandonos que nom he naçom que aja Deos assy chegado como avemos Nosso Senhor cada huũ dia em o Sancto Sagramento?

Outra consiiraçom muyto deve acrecentar a boa sperança daquelles que teverem desejo de servyr Deos guardandosse de malles e peccados, cada huũ veja qual entende que teem aquelles que servem boos Senhores temporaaes, ricos, de grande poder e virtuosos; e porem bem se pode conhecer quanto mais naquelle a devem aver que he perfeita boondade, todo poderoso, comprido de sabedoria, com infiinda myserieordia.

E taaes consiiraçoões grande boa sperança devem acrecentar naquelles que ouverem firme fe com razoada carydade.

CAPITOLLO RIII.

Da Carydade.

Acerca da Carydade he de consiirar que, como ella seja amar Nosso Senhor Deos sobre todallas cousas, e nossos proximos por el como nos, e do seu amor el disse que aquelle que o amava que guardava seus mandamentos e o seguya, devesse reguardar de que guysa os guardamos, os quaaes som estes.

O prymeiro da nova ley, amaras, honraras, temeras, louvaras Deos sobre todallas cousas.

Segundo, amaras teu proxymo como tu medes. E o prymeiro da ley antiiga, nom adoraras deuses alheos, no qual se entende toda specia dydollatria; segundo, nom tomaras o nome de Deos em vaão em tua boca.

Terceiro, sanctificaras o sabbado; per o qual se entende o guardar dos dias mandados pela Igreja, e que se despendam em sanctas obras.

Quarto, honraras teu padre e tua madre; e per este se entende das persoas que per temporal e spiritual dyvydo devemos honrar e obedecer.

Quynto, nom mataras; aquy he de consiirar do feito, dicto, voontade, aazo, e consentymento.

Sexto, nom faras adulterio; e naqueste he de consiirar na maneira suso scripta acerca das monjas (1) e casadas.

Septymo, nom furtaras; no qual precepto se entende todo retiimento dalgũa cousa que pertecença a outrem, que nom seja bem possuyda per aquel que a tem, e toda perda e dano a alguem feito por a qual seja necessario restytuyçom.

Oytavo, nom diras contra teu proximo falso testemunho; per o qual se defende todas mentiras, specialmente as que a vos, ou a outrem podem empeecer em pessoa, fama, beẽs, ou quebramento de boo prazer ou voontade.

Noveno, nom desejaras a molher do teu proxymo por se aver nom justamente, ca desejar algũa cousa per justo titollo, e a maneira razoada, nom he pecado nem erro (2).

E por quanto el nos declara as cousas que saaem do coraçom fazeremnos limpos ou çujos, consiirar devemos como nas doze payxoões ja scriptas, que lhe perteecem, nos governamos; as quaaes som estas: amor, desejo, e deleytaçom, que perteecem ao bem na parte desejador; e ao seu mal, odio, avorrecymento,

---

(1) Esta palavra, que hoje é tida como castelhana, era da lingua romana (Vej. Lexique de Renouard); foi substituida por *freira*, que era do dialecto galliziano (Vej. a nota 3 de pag. 119); mas no tempo, e na Côrte d'ElRei Dom Manoel, era ainda usada, como vemos das seguintes passagens extrahidas das trovas de Diogo Brandam, e da tragicomedia de Gil Vicente, intitulada CORTES DE JUPITER:

« Nam pode dizer por ele
» Que vende o gato por lebre
» Que com *monjas* se requebre
» Nam he nellas tam culpado
» Que mereça desterrado. »

Canc. Ger., fol. 170 v°.

« Bispos, frades e beguinos
» E *monjas* de Jesu Christo,
» Até moços e meninos
» De joelhos pedem isto,
» Humilhados e continos. »

Gil Vic., Tomo II, pag. 397. (R.)

(2) O veneravel Dom Fr. Bartholomeu dos Martyres tambem incluia, como ElRei Dom Duarte, o decimo mandamento no nono; assim como é muito sensivel a similhança que se nota na maneira de explicar o segundo. Vej. o seu Cathecismo, pag. 175, e 222. (R.)

tristeza. E ao bem, da parte que se chama iracyvel ou defensor, pertecencem, mansydoõe, sperança, atrevymento; e ao seu mal, sanha, desperaçom, medo ou temor. Em cada hũa destas payxoões devemos consiirar como nos governamos; e porque grande parte do boo estado do coraçom esta em guarda dos sentydos, scilicet, veer, ouvyr, cheirar, tanger (1), e gostar, he bem de consiirarmos como Nosso Senhor com elles servymos, ou se fazemos o contrairo do que per nosso grande bem e proveito nos he mandado; e esso medes per fallar, cuydados, e desejos; e todo esto bem consiirado com as obras que fazemos, segundo aquel estado que Deos nos deu, e como per ellas seguymos as grandes virtudes, que per sua vyda nos tem demostradas, poderemos bem sentir como avemos a prymeira parte da carydade.

E por o amor do proximo consiiremos que as obras som demostraçom da bemquerença, porem reguardemos como comprymos em todas sete obras spirituaaes que perteecem aa alma, scilicet, dar são conselho, ensynar bem e virtuosamente o que nom sabe, e encamynhar o que vay ou anda desencamynhado, consollar o desconsollado por vista, pallavra e obra, doerse do mal e perda do seu prouximo proveendolhe em todo tempo o que bem poder, rogar a Deos pellos camynhantes e andantes sobre o mar, fazer oraçom pellos fynados em geeral e especialmente por aquelles a que somos obrygados. E as sete corporaaes que perteecem ao corpo, scilicet, vestyr aos que ham mester, dar de comer aos famyntos, e de bever aos sedorentos, visitar os enfermos, visitar os encarcerados, dar pousada aos camynheiros, enterrar os finados. E se todo esto for consiirado, e com elle nossas obras, fallas, e pensamentos bem examyna-

---

(1) Tocar, ou apalpar, como hoje dizemos. (R.)

dos, com a mercee de Nosso Senhor Deos, poderemos sentyr como avemos esta perfeita virtude, que sobre todas per el he mais louvada, onde diz que della pendem lex e profetas, e o Apostollo, que outras passarom e aquesta pera sempre ficara; e como suso dicto he, ajudados com fyrmeza da fe, e grande boa sperança, nos trabalhemos de a percalçar com sua graça o mais perfeitamente que fazer podermos. E sobresto he de saber que os possuydores desta virtude sempre trazem em seus coraçoões huũ procurador da parte de Nosso Senhor Deos e dos prouximos, assy que as cousas per el ordenadas nos faça filhar por melhor feitas que pensar se podem, e nom sollamente o syntamos, mes que seus feitos a todos scusemos, e defendamos por dicto e feito, e tambem a nossos prouximos como razom for; e porem se quizermos tal virtude seguyr, este procurador ajamos, guardandonos de prasmar per dicto ou pensamento os feitos do Senhor Deos, e cada huũ homem, quando vyrmos que o bem fazer devemos.

Tenho conhecido que nom podem possuyr esta virtude estas pessoas, scilicet, as seguydoras de seus prazeres e voontades, os cobiçosos desordenadamente das cousas do seu proveito e avantagem, e os sobervosos e desprezadores; ca se leerdes hũa Collaçom que falla damyzade, e o livro que Tullio della fez, epistollas de Seneca, o trautado de Joham de Lynhano (1), e certos capitollos da pratica que guardavamos ao muy virtuoso Rey

---

(1) Giovanni da Lignano ou da Legnano, celebre Escritor italiano do XIV° seculo, assim chamado por ser oriundo d'um lugar d'este nome na Diocese de Milão, foi discipulo de Liazari, e Canonista insigne na Universidade de Bolonha; cultivou tambem a Philosophia, a Astronomia e a Medecina; foi por especial privilegio nomeado cidadão bolonhez pelos serviços que prestára áquella cidade nas differentes embaixadas que desempenhára, com bom successo, junto dos Papas Gregorio XI e Urbano VI, de quem foi muito estimado por haver defendido seus direitos contra o

Nosso Senhor e Padre, cuja alma Deos aja, que adiante serom scriptos, verees bem que taaes persoas nom podem alguem dereitamente per virtude amar, nem guardar direita carydade.

Tanto prouve a Nosso Senhor que sempre nos amassemos, que per este signal sollamente quis seerem conhecydos seus servydores, dizendo: Em esto vos conhecerom que sooes meus discipullos se huũs aos outros vos amardes (1). E acerca desto he de saber que som quatro maneiras d'homeẽs: huũs que chamam prazenteeiros, que a todos querem comprazer, e a nynguem fazer cousa que lhe pese; outros tam agros que com algũa pessoa se nom acordam; e alguũs que a cada hũa destas partes mais som acostados, porende nom fora de razom, e pois muy virtuosos que desejam comprazer a todos quando dereitamente poderem, e por alguũs pensar nom leixam de fazer e dizer o que he bem. Com estes homeẽs nos devemos aver como aquel que aos cavallos bem sabe trazer a mañão, que consiirando seu geito lha traz branda, ou mais teente alta pello collo arriba, ou mais baixo e çarrada, e quando vee que per cada hũa destas guysas com mudança de freos e boo custume o nom pode bem enfrear, parteo de sy, ca taaes bestas hy ha que jamais nom serom bem aderençadas; e assy quando começarmos com algũa pessoa de conversar, trabalhandonos com a graça do Senhor de conhecer sua maneira, e lha guardar em toda cousa que razoada seja, se nom forem daquelles que som desacordàtyvos, com todos devemos aver teençom de nos sempre acordar, nom em conta de

antipapa Clemente VII, e em premio do que foi por elle nomeado Cardeal. Morreo em Bolonha em 1383. (Vej. Tiraboschi, Tomo V, pag. 373.) Compoz varias obras e tratados, cujo catalogo se póde ver em Argelati *Bibliotheca Scriptorum Mediolanensium*, Tomo II, pag. 727, entre as quaes se enumera o *de amicitia*, que é o que aqui menciona ElRei Dom Duarte. (R.)

(1) *In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem.* S. João, XIII, 35. (R.)

speciaaes amygos, ca poucos pera esto podem seer achados, mas como vyrmos que convem, consiirando seu stado, saber, boo geito, e afeiçom que com elles devemos aver; mas do aspero, agro, de pouco saber, e mal acustumado, mais seguro he partir de sa conversaçom, e como das bestas que bem enfreadas nom som podemos nos guardar, que nom penso que alguũ, sem muy special graça, possa bem encamynhar todollos homeẽs que ouver de reger; por cujo exempro de doze Apostollos huũ se perdeo, e assy dos outros juntamentos de virtuosas persoas alguũs se vaão a perdiçom, que jamais nom podem seer bem aderençados. E o Senhor no avangelho nos mandou que, quando alguũ de mal vyver per admoestaçoões se nom quiser correger, que o ajamos por maao e pubricano; e o Apostollo assy declara, que com os semelhantes nom devemos conversar; porende tal nom devemos fazer, salvo contra aquelles de cujo corregimento per certas provas formos desesperados.

Pera conhecermos que caminho sobresto levamos, consiiremos se a mayor parte de nos se desacorda, e poucos boos e virtuosos comnosco som acordados; e seendo assy, saibamos que a myngua he em nos, posto que pareça os desacordos nom viirem per nosso aazo. E assy podemos bem julgar nos e os outros, consiirando quantos e quaaes se desacordarom, e por que razom, se ouvermos tal entender que per afeiçom nom sejamos torvados de podermos com a mercee de Nosso Senhor bem conhecer quem he culpado; e avydo tal conhecimento, trabalhar devemos de poer boo avysamento e remedio onde comprir, em tal guysa que vyvamos sempre em carydade, da qual se diz, que ainda que ajamos todas virtudes, se a nom possuyrmos, nada nos aproveitarom, e por aver esta, que se devem leixar as obras que parecem virtuosas e de gram merecimento, e quem mora em caridade que mora em Deos, e Deos em elle.

CAPITOLLO RIIII.

Das maneiras damar.

Consiirando como Nosso Senhor me outorgou vyver sempre sem fallicymento em amyzade muy special com os muy virtuosos Rey e Raynha meus Senhores Padre e Madre, cujas almas Deos aja, e com todos meus Irmaãos, nom symprezmente como servidor, ou por obrigaçom de dyvydo (1), mas em aquella mais perfeita maneira que outros achar se podessem fyrmados em grande amor e boas voontades, de toda parte com muyta guarda dello ensynados per Deos, boo enxempro dos ditos Senhores, e do que huũs dos outros aprendyamos, de tal guysa que nom me

(1) Todos os nossos Lexicógraphos dão a este vocabulo antiquado a simples significação de *parentesco* ou *parentella*, mas nós entendemos que a sua verdadeira significação é, relação, enlace moral, que resulta do parentesco, da amizade, da convivencia, da affeição que por qualquer motivo temos a alguma pessoa; as quaes cousas produzem em nós um dever, ou divida, que pésa mais sobre a inclinação que sobre a consciencia, e que muitas vezes satisfazemos menoscabando a justiça. A nossa opinião funda-se nas seguintes autoridades.—Nas Côrtes d'Evora de 1481, requerendo os Povos a ElRei Dom João II que expirassem os Adiantados, disserão-lhe: « Vosso Padre..... » prometteo a requerimento desta cidade de nunca hi mais aver adiantado por muito » *divido* ou parentesco que com sua Senhoria tevessem. » (Vej. Doc. cit., pag. 82.)— Nas Côrtes de Lisboa de 1352 respondeo ElRei Dom Affonso IV aos Povos, que se

pareceo quando vy o livro de Tullio, e outros que della fallam, que achava cousa nova, nem contraira de que husavamos; e posto que assy razoar o nom soubera, ja no coraçom aquello sentia, e per obra husava; e muytas graças a Nosso Senhor por nossas grandes virtudes e merycimentos antre nos que semelhante sentymos, razom me parece que algũa cousa sobrello declare, como das virtudes suso scriptas; porem, segundo meu parecer, della, e das outras maneiras damar esto pouco vos screvo.

Seu começo he huũ geeral prazimento por dyvydo, bemfeitoria, boondade, saber, fama, ou alguũ merecymento, e aquesto da parte do entender; ou por sentimento do coraçom, da vista, falla, boa graça no que faz; ou por concordança da compreissom, callidade ou nacenças. Daly crece ataa seer per cada hũa destas partes muy special, com o qual vem amor; e delle nace desejo de fazer todo bem que poder a quem assy ama, por folgar em no fazendo, e seer del assy amado como el sente quer amar e obrar afeiçom com tal pessoa mayor e melhor que se poder aver; e compryndo seu desejo filha deleitaçom, da qual vem contentamento per o sentydo ou conhecymento do entender;

---

queixavão da nomeação dos Juizes da fóra, o seguinte : « Fezemolo por prol deles » porque os juyzes naturaes da terra de dereeto e de razão am moytos aazos pera » nom fazerem compridamente justiça que nom hã os estranhos que hy som postos de » fora parte porque os naturaes da terra teem hy moytos parentes e amigos e outros » que com elles hã *dividos* de cõlaeia e doutros semelhauiis. » (Vej. Tomo I das Memorias de Lit. Port., pag. 46.) — Nas Côrtes d'Evora de 1535, lidas por ElRei Dom João III, apparece esta mesma idea expressada da seguinte maneira : « Pedem a » Vossa Alteza que aja por bem que os juyzes dos orfãos não sejão perpetuos, e sejam » somente de tres em tres annos; porque do contrario se segue muito dãno aas cidades » e vilas onde os ha, porque tem muylas amizades, e ha hi muita causa *dafeiçam* com » que se perverte justiça. » (*Ibid.*, pag. 58.) (R.)

e o geeral contentamento damar, seer amado, possuyr e lograr afeiçom daquella pessoa, que muy syngullarmente ama, faz sentyr contynuado prazer, no qual vyvem os boos e virtuosos amygos de verdadeira amyzade, como deve seer entre marido e molher, parentes, senhores, servydores, e muy proprio antre os que se acordam per grande afeiçom em estado, ydade, virtuosa maneira de vyver, e boo desejo, proposito, entender, e voontade.

Do amor, que he nome geeral, me parece que nacem quatro maneiras damar, homeës e molheres, porque das outras ao presente nom faço meençom; scilicet: bemquerença, primeira; desejo de bem fazer, segunda; amores, terceira; amyzade, quarta; das quaaes mostrarey brevemente algũas deferenças pera cadahũu de sy e dos outros conhecer de qual dellas ama, ou he amado, e como em cada hũa nos devemos aver.

Bemquerença he tam geeral nome que a todas persoas, que mal nom queremos, podemos bem dizer que lhe queremos bem; ca nos praz de sua salvaçom, vyda, e saude, e doutros muytos beës que nom sejam a nos contrairos.

Desejo de bem fazer he ja mais special, porque poucos teem tal voontade a todos, ainda que o possam bem comprir, e a cerca dos chegados o sentem, e porem he ja em graao mayor e mais estremado.

Os amores em algũas pessoas destas duas partes se desacordam, porque per elles principalmente se deseja sobre todas seer amado, aver e lograr sempre muy chegada afeiçom com quem assy ama; e muytas vezes como cego, ou forçado, nom cura de seu bem, nem teme o mal, e tal faz della quando per outra guysa nom pode acabar o que sobre todas cousas sempre contynuadamente mais deseja, e assy nom lhe querer em tal tempo bem, nem deseja de lho fazer, pois queria

seu contrairo se doutra guysa nom podesse seu desejo comprir.

Amyzade he desvairada de todas estas, e participa com ellas, porque sempre quer bem a seu amygo, e nunca o contrairo, e assy deseja de lho fazer com toda cousa por guarda da sua conciencia, acrecentamento da honra, saude, proveito e boo prazer; e prazlhe muyto seer de seu amygo perfeitamente amado, e aver com elle sempre boa e razoada conversaçom. Tem avantagem dos prymeiros, porque muy special bem quer ao amygo, e assy dezeja de lho fazer, como pera sy medes o queria. Dos amores desvaira, porque amam pryncipalmente regidos per o entender, e dos outros per movymento do coraçom; o desejo de seer amado ainda nom concorda com amygos, porque sempre pensom que o som, ca doutra guysa nom se teriam em tal conta, dos quaaes se diz que som outro eu, e algũas semelhantes razoões nos livros ja dictos; e afeiçom nom desejom assy ryjo e continuadamente achegada como namorados, nem a tal fym, porque o amygo quando compre de se partir, ainda que del synta suydade, seguramente, e bem o soporta, mas sempre he presente, em tanto que no livro que della fez Tullio diz que nem a morte os parte. E desto eu dou boo testemunho, graças a Deos, porque o fynamento dos dictos Senhores Rey e Rainha nom me partirom de seu amor, porque assy desejo de lhes fazer serviço e prazer como se vyvos fossem, e receo aquellas cousas que vyvendo sabia que nom avyam por bem como se duvydasse de mo poderem ao presente contradizer, e allegrandome fazer as que penso que lhes prazem, ou prazeria se na presente vyda fossem, segundo mynhas obras bem o demostram. O Iffante Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmaão, posto que fosse no regno d'Ungria, com pequena teençom de tornar a esta terra, bem penso que sempre conheceo seer assy presente em meu

coraçom, como se fosse naquel logar onde eu era. E a Ducqueza de Bregonha, mynha muyto prezada e amada Irmãa, nunca tam perfeitamente sentyo mynha boa voontade como des que foy destes reynos partida (1).

Os amores simprezmente muytas vezes teem maneira contraira, porque fazem amar de quem nom he amado, ou per razom synte que nom deve assy damar, em que muyto damyzade se desvaira; porem sobresto tenhamos tal determynaçom, que bemquerença devemos a todos em o geeral desejo de bem fazer em toda cousa que bem podermos, e as pessoas a nos chegadas, ou que o merecem, tal desejo deve seer mais avantejado. Os amores em todo caso ajamos por duvydosos se tanto crecem que ceguem, ou forcem, porque se leixamos de nos reger per dereita razom, e boo entender, que valleremos? E pois delles esto vem, muyto som de recear. He verdade que fazem gente manceba melhor se trazer (2), e percalçar algũas manhas custumadas nas casas dos Senhores, mas o perigoo que muytas vezes delles se recreee convem muyto dessa prisam se guardarem os que virtuosamente desejom vyver.

---

(1) Veja-se sobre esta illustre Princeza, e a influencia que teve nas grandes negociações politicas do seu tempo, o que escrevemos em a nossa obra do *Quadro Elementar das Relações politicas e diplomaticas*, Secção XVI, Tomo III, de pag. 42 a 74, e 76, e nota 105. (S.)

(2) *Trazer*, em lugar de *trajar*, ainda era usado no tempo d'ElRei Dom Manoel, como se vê das trovas de Luiz Henriques, onde elle diz d'um seu rival em amores:

« He huũ pouco ajudengado
» No fallar e no *trazer*
» He tambem circumcidado. »

Canc. Ger., fol. 105 vº. (R.)

CAPITOLLO RV.

Da maneira como se devem amar os casados.

Os bem casados de todas as quatro maneiras suso scriptas, a meu parecer, se devem amar; e nom seendo assy nom chegom a seu perfeito estado, porque sobre todos he razom quererse bem, e assy desejar de o fazer huũ ao outro em todas cousas que razoadamente poderem; e seer mais que doutrem amados, com afeiçom grande, contynuada; e por suas boondades, virtudes, e outros grandes mereeymentos seerem muyto contentes per afeiçom, entender, e razom, que faz vyver em continuada ledice, que nace de tal contentamento; nunca ja mais em eras e tempos razoados huũ com outro senfadando; e todo bem, honra, saude, boo prazer de cada huũ se desejar, e por el trabalhar, e fazer como por o seu medes, e mais em muytas partes.

Viindo alguũs a tal estado syntirom como se amam perfeitamente per todas quatro maneiras damar, ao qual penso que poucos som despostos de viir per myngua de virtudes, saber, ou boa voontade, que ha em cada hũa das partes; mas aquelles que a tal chegarem conhecerom bem quanto verdadeiramente screvo desta sciencia, graças a Nosso Senhor, per nos bem praticadas.

Do grande amor se geera huũ formento no coraçom que faz crecer todallas payxoões ja dictas, do desejo, deleitaçom, sanha,

tristeza, a assy das outras em toda cousa de bem, e do contrairo, que muyto perteecem a quem amar per grande amyzade ou ryjos amores; e nas mais das obras, cuydados, fallicymentos a el tem pryncypalmente respeito, pensando como por ello gaança ou perde amor e afeiçom da que assy ama per cada hũa destas maneiras, e muyto mais se for per ambos juntamente, como fazem os muy bem casados. E por a gram força destas maneiras damar, diz Seneca das ryjas amyzades e amores, que se nom podem forçar, mas sagesmente quando compre per grande discreçom se fazem scorregar; e aquesto entendo que se faz com special graça de Nosso Senhor, a qual com nossas forças sempre devemos dajudar, quando vyrmos que nos faz mester. E porque razoadamente os casados devem trabalhar por serem de suas molheres bem amados e temydos, nom se teendo aaquella pallavra que muytos dizem per deleixamento, myngua de voontade ou de boo saber, que se nom querem correger, nem aver boa guarda na maneira que com ellas devem de teer, porque ja enganarom quem avyão denganar, os quaaes nom pensam que ainda que as tenham em suas casas nom teem seus corações acordados per dereito amor a seu prazer; porem sobrello he de consiirar que o amor vem como já disse per razom, ou per desejo de coraçom, e assy convem seer gaançado e mantheudo; e da parte da razom se percalça per virtudes, outras bondades e boas manhas com acrecentamento de boo estado, teendo com ella em todo boa maneira em a honrar e prezar, sabendosse bem concordar com suas voontades, e as outras per temperados e discretos avisamentos, e relevar, e correger, e como a esperiencia bem demostra que os semelhantes razoadamente custumam as mais vezes seer bem amados, e prezados, e obedecydos.

O coraçom pellos cinquo sentydos filha principalmente amor

e deleitaçom, e porem convem de os engalhar quanto cada huũ melhor ou menos mal poder, assy que contente sempre a vista per razoado parecer quanto em elle for, consiirando sua hidade, estado, e desposiçom per boo geito, corregymento, e toda cousa que fezer, e ouvyndo pello que fallar, e assy dos outros sentidos, de que mais em special nom faço mençom, segundo per nos podemos filhar enxempro teendo com ellas aquella maneira que, nos prazeria que ellas tivessem com nosco, guardando aquellas deferenças que antre nos razoadamente devem ser guardadas. E quando esto for bem guardado com perfeita lealdade, sem a qual todo muyto nom he de prezar, os maridos das boas molheres creo com a graça do Senhor que seram sempre amados e obedecidos como devem, porque das outras nom fallo, com que a Deos graças, nom tenho conversaçom, e o que dellas me parece nom concorda com esto que screvo. Se disserem, poucas som as boas, eu digo que muytas em este caso, pois ao presente eu nom sei, nem ouço molher de cavalleiro, nem outro homem de boa conta em todos meus Reynos que aja fama contraira de sua honra em guarda de lealdade; e passarom de cem molheres que ElRey e a Rainha, meus Senhores Padre e Madre, cujas almas Deos aja, e nos casamos de nossas casas, e prouve a Nosso Senhor Deos que algũa que eu saiba nunca falleceo em tal erro des que foy casada; e pareceme que pois em andando por donzellas dalgũa fama contraira se dizia, que semelhante quando fallecerom seendo casadas se dissera. E por esto, e outras razoões dereitas que a ello me inclinam som muyto da sua parte em louvar e prezar aquellas que boas som, contrariando aos que as prasmam em geeral e deslouvam; ca prasmarem algũas que fallecem, como nos fallecemos, podesse fazer, conhecendo que as mais vezes nace a principal culpa de nos, porende eu das boas screvo esta maneira que com ellas pera seus maridos

seerem dellas amados, prezados e obedecides, me parece que se deve teer.

Da conhecida por boa, sages e discreta molher que bem ama seu marido nom he razom que se tenha ceumes, nem duvyda em a guarda de sua lealdade, ainda que el nom senta em sy muyta perfeiçom pera seer amado, porque ella o faz pryncypalmente per sua virtude e bondade, pela qual as semelhantes lhes rellevam grandes mynguas e fallycimentos, segundo desto vy muytos e boos enxempros, aos quaaes nom deve fazer perjuyzo o que outras fezerom em contrairo; esto digo segundo mynha tençom, ainda que muytos entendydos tenham openyom contraira, ca o amor das semelhantes mais concorda com bemquerença de perfeita amizade, que lança fora todo temor e maa sospeita de quem ama, por vyverem em folgança contynuada de grande contentamento, que com amores, os quaaes de ceumes muyto som acompanhados, por averem fundamento no desejo do coraçom, que nom recebe com elles dereita segurança, como da o entender per boo conhecymento das virtudes, e o amor da semelhante molher. E pera ella qual outra pode seer melhor guarda que acrecentamento de sua boa voontade, a qual razoadamente muyto deve crecer por a grande confiança que della se tem, por saber que nace da boa tençom que seu marido ha della? E tenho visto per certa speriencia que faz mais proveitosa guarda em semelhantes, com acrecentamento damor, prazer, e obediente voontade que nunca os ceumes podem fazer; porem pera taaes revessada sospeita, ou duvyda em sua lealdade he muyto scusada. E acerca das outras a maneira que se deve teer nom screvo, per nom pertecеer, graças a Deos, a meu proposito.

Antre os boos amygos e bem casados estas cousas muy necessariamente se requerem. Primeira, lealdade em todo caso,

defeito, dicto, e mostrança. Segunda, segredo, que nunca diga nem de a entender o que sabe, se a sua molher ou amygo pode desprazer de ser sabydo. Terceira, verdade, guardandosse de toda mentira digna de reprehensom. Quarta, segurança, que antre ambos seja guardada, por muy perfeita teençom que huũ do outro sempre tem avyda. Quynta, boa enterpretaçom em todas suas obras, pallavras e contenença, assy que todo se fylhe aa mylhor parte daquel que se teem em conta de boo e virtuoso, porque outra pessoa nom pode verdadeiramente husar damyzade. Sexta, boa presunçom que de sy tenham, e huũ do outro, que som pera obrar realmente em todas cousas com muy verdadeiras voontades, como boos amygos o pedem e devem fazer. E onde esto bem for guardado nom creo que ceumes, que de conta sejom, ally possam morar; porem a razom bem demostra que onde os ha nom he aquella mais verdadeira maneira damor, porque ceumes me parecem huũ receo que alguũ tem por nom boa tençom ou sospeita em feito, dicto, boa voontade em myngua sua e acrecentamento doutrem, por conhecymento de seus fallicymentos em desposiçom, voontades, estado, graça, e semelhantes, e mais perfeitamente por certas myngūas que naquella pessoa, de que se ham os ceumes, som conhecidas em bondade, entender, ou boa voontade. E porem onde tanto crecem, que a oraçom nom leixam filhar, razoada segurança, com amyzade verdadeira nom se podem bem acordar, ainda que se ajom dalgũa que muy ryjo por outro fundamento amem, ca pois antre sy cabe tal duvyda nom pode seer aquella perfeita amyzade que muy acabadamente faz amar, e assy creer sem duvyda que he bem amado.

Muyto he necessaria grande guarda e avysamento na falla porque a leda conversaçom requere contynuaçom della em toda cousa e maneira razoada; ca como dizem que no muyto fallar

nom fallece pecado, assy da muytas vezes antre os amygos aazo de gram discordia, porem de tal guysa convem razoar antre elles que sempre mantenham a virtude da discreçom, guardandosse de mentira, louvamynha, porfia, aspera palavra, com tal contenença, ou dafrontas, callar com desprezo, levemente romper a estoria comecada sobejamente sem fundamento, em hũa contynuar pera comytymento nem repostas, alto fallar, ou a outrem descobrir onde compre segundo mal dizer, tristes fallamentos, desatento nas cousas de peso, fracas razoões ou dapertada voontade onde compre esforço, pallavras de pecado ou deshonestas segundo requere o logar, fallamento e pessoas, malycyosamente louvar a openyom do amygo sem discreçom, a contradizer nom guardando pallavras ou tempo, fallar fora de proposito, e de nom danar boas e razoadas fiindas ou conclusoões ao que fallam que mostrem pouco reguardo, saber e sentydo; e devem mostrar em todas suas obras e razoões grande lembrança do principal bem, saude, proveito, boo prazer do amygo, porque muyto liga sempre a boa e doce pallavra, segundo aquel dicto de Salomom, que a semelhante junta os amygos (1), e a mal ordenada sparge, e cria muytos desacordos e pellejas, porem antre os que se bem amam grande guarda nas pallavras he necessaria com boas obras sempre bem acompanhadas, sem as quaes razoões nom som muyto de prezar. E porque acontece filhar o amygo empacho, e desprazer de que he feito e dicto com dereita tençom, e querendo sobrello muyto razoar se recrecem empachos, arrefecymento da boa pratica que antrelles se custuma, boo conselho me parece, muy cedo de tal estoria sayr, e jamais em ella pouco ou nada fallar, ca nom convem fazer nem buscar fundamento donde nacem, quando bem esta

---

(1) *Verbum dulce multiplicat amicos, et mitigat inimicos.* Eccl., VI, 5. (R.)

o pryncipal, ca muytas vezes vem per tentaçom do inmiigo dynfruencia das pranetas, ou per taaes segredos de Nosso Senhor que nom se pode saber nem entender; e porem he mylhor onde nom ha razom de mal, nom a crear per fallamentos largos sem proveito, mas cedo e sagesmente sayr de tal estoria, e fazer fim per boa maneira em outros pesados ou ledos fallamentos com gracioso e temperado spedimento quando cada huũ se partir; e diz Tullyo, grande bem he levar vantagem antre os homeẽs no bem razoar, porque naquesto sobre todas cousas elles a teem, e nas mais das outras folganças as bestas tanta deleitaçom e mais que nos recebem, mas no boo fallar nos sollamente a logramos; e os boos amygos em ello mais sem cançasso e enfadamento que todas deleitaçoões sempre se alegram, porem com grande e boa deligencia devemos trabalhar, com a graça do Senhor Deos, por bem e sagesmente o bemfallar praticarmos.

CAPITOLLO RVI.

Da maneira que se deve teer pera as boas molheres recearem mylhor seus maridos.

Pera os maridos melhor seerem temydos nom sey pera as semelhantes boas molheres mais proveitosa regra, que trabalhar por seer dellas bem amados, governandosse em todo virtuosamente, porque tal amor traz mais real e perfeito temor danojar a quem duvyda sollamente de perder algũa parte da boa voontade e doce conversaçom que antre elles he, que a outras ferydas nem ameaças podem fazer, e aquestas regras me parecem pera esto razoadas; mas porque assy como dizem os legistas mais som os negocios que os vocabros, desta guysa para os geitos speciaaes que teem homẽẽs e molheres nom se podem per geeraaes avysamentos em todo reger, ca hũas prezam mais estado e virtude, outras bem parecer e mancebia, algũas per brandeza de pallavras se avisam, e bem obedecendo fazem o que seu marido lhes diz, e taaes hy ha que convem aas vezes mais mostrança de força; porem consiirando no que ey scripto, e adiante se dira, destas maneiras damar, e a pessoa com quem trauta, cada huũ se governe como lhe bem parecer, nom se teendo mais ao que screvo que quanto per boa speriencia achar proveitoso em sua casa; ca o meu geeral fallar nom abasta pera cada pessoa specialmente seer regida, e aquesto digo por alguũ achando nom boo meu conselho me nom prasmar, ca eu screvo com boa

teençom o que bem me parece, entendo que todo saber dos homeẽs pera sempre realmente manteer amyzade nom he bastante, como diz Tullyo, sem graça dyvynal; porem aquelles que vyverem em ella, nom a seu saber, nem outro mereeymento, mas a Deos deem todo louvor e gloria, dizendo cada huũ dia, confyrma Senhor esto que as obrado em nos.

Dos outros que per real amyzade se podem amar, os livros ja dictos muy bem declarom, como dos virtuosos que ajam entendimentos humyldosos, voontades concordantes de huũ proposito, querer, nom querer, e nom dos outros, he perfeitamente guardada, porque huũs som de tam curto saber, asperos, agros, semsabores, ou desejadores de sua vantagem que nom se podem iguallar com algũa pessoa em boo amor e conversaçom; outros sospeitosos que de todos presumem o peor, filhando em sua ajuda aquelle dicto de Itallya, nom te fiees se nom queres seer enganado (1), e nom resguardam ao que Seneca diz, com teu amygo todas cousas delibera e determyna, mas del prymeiro; em que se mostra como tal pallavra assy em geeral nom se deve filhar, porque de todos nom devemos confiar, nem lhe filhar seus dictos e feitos aa mylhor parte, nem pelo contrairo, mas conhecendo cada huũ, assy tomar o que faz e diz, avendo em esto aquel avysamento que fazem os boos monteiros, que conhecendo a veaçom, e veendo como he folgada, consiiram o que hom de fazer, guardando em geeral ladeiras aos hussos, sopee aos porcos, comyadas aos cervos; e nos consiirando a condyçom, saber, amor, e aazo das pessoas com que praticamos assy entrepetemos e filhemos sospeita sobre seus feitos.

Dos tocados da soberba, vaã gloria, ou cobiça nas cousas de

---

(1) *Non te fidare, se non vuoi esser gabbato*, ou antes, *Chi si fida, rimane ingannato*; proverbio italiano ainda hoje usado. Vej. Alberti, art. *Fidare*. (R.)

sua vantagem e melhoria nos avysemos, porque a esta comyada como cervos correm; e daquelles que se vencem a luxuria, gargantoyce, preguyça, naquello mais ligeiramente tenhamos que podem fallecer, lançandosse por o sopee destes pecados como porco cançado que ja outro caminho nom quer levar; e dos sanhudos, envejosos, de mallecioso saber, ou pecos (1), avisar nos devemos que nom obrem contra nos revesadamente, contrairo muytas vezes do que mostram, semelhantes aos bussos em seu trevessado correr.

Dos virtuosos amygos nom devemos duvydar quando nom vyrmos o contrairo, porque som cousas contrairas avello por amigo e poer duvyda em seus feitos quanto he da voontade, porque no poder e saber bem se pode filhar duvyda segundo for o feito, e o que do amygo sentymos. Dos arteiros, e mallecyosos, derribados aos fallycymentos suso scriptos, filhar seus dictos e feitos aa peor parte, nom pera os julgar, mas pera delles nos guardar, discreçom he; e nom em todas cousas, mas naquellas em que devamos per razom sentir sospeita.

Dos que bem nom conhecemos os feitos e dictos se devem filhar duvydosamente, entrepetando pera os julgar aa mylhor parte, e pera nos guardar a contraira; assy que pensando o peor que sobrello poderiam fazer, daquello sejamos provystos e avysados, porque poucas e certas pessoas devem seer aquellas pera que se nom deva filhar percebymento pera o contrairo do que

---

(1) *Peco*, significando nescio, tolo, estupido, é palavra da lingua romana (Vej. Raynouard, art. *Pec*), e que veio do latim *pecus*; no tempo d'ElRei Dom Manoel era muito usada, como se póde ver das seguintes duas passagens, a primeira tirada dos arrenegos de Gregorio Affonso, e a segunda das Trovas de Diogo Fernandes:

« Arrenego do velhaco
» E do *peco* cortezaão
» Arrenego do homem vaão. »

« Fui *peco* e ando corrido
» Porque aa porta nom vya
» Qual era o que fedia. »

Canc. Ger., fol. 138 v°, e 176. (R.)

se mostra nos feitos duvydosos. E taaes som os verdadeiros amygos, os quaaes primeiro devem seer per longo tempo aprovados e bem conhecydos, e des que forem bem examynados, e filhados por speciaaes amygos, com èlles seguramente fallem e conversem, e trautem todallas cousas, e se por taes os nom conhecer tenhanse em conta de quem amam, e pera que muyto bem desejam, mas nom damygos, pois em sua boa voontade poõe tal duvyda qual em elles nunca deve caber. E antre os boos, casados, e amygos, honra, saude, proveito e boo prazer de cada huũ como seu proprio realmente deve seer guardado, e muytas vezes mais, manteendo aquella regra de Tullyo, que huũ por outro nom faça cousa torpe, nem requeyra que se faça. E chamasse cousa torpe o que se faz contra conciencia, boa honestidade, dereito e razom, nem convem antrelles temor de pena que chamam servil, mas aquel que vem da grandeza do amor que faz tanto de fazer desprazer a quem muyto ama, que outro temor nom he mais receado, como se ve per os namorados; que, duvydando de anojar, conciencia nom sentem, a honra desprezam, destruem a saude, e a fazenda gastam. E se tal receo pode esto fazer, a boa e leal amyzade em cousas dereitas e honestas nom menos fara; mas em as mal feitas nom faz tanto, porque os amygos amanse incrynados per razom e boo juyzo do entender com acordo do sentydo e afeiçom do coraçom, porem todo fazem com reguardo de justiça e temperança, as quaaes guardadas, nom farom cousa mal feita nem destemperadamente, como aquelles que som vencidos ao desejo, e leixando discreçom, tirados fora dessa liberdade fazem o que lhes mandam, ca de huũ error muytos se podem seguyr; e aquesto fez a Rey Sallamom leixar a lei de Deos e adorar os ydolos, porque perdendo dereito juyzo de coraçom foy feito servo de quem nom devera, per cujo regymento se venceo, por aquel errado temor

danojar aquellas molheres que assy amava pera fazer quanto ellas quizerom, ainda que grande mal fosse. E a esto bem penso que per vynho muyto serya derribado, porque de huũ acordo em semelhante caso muyto mal fazem, ca el assy destroyo a alma, corpo e fazenda com taaes amores; ca huũ e outro se forem sobejos pryvarom o entender e a razom, e fazem a pessoa que delles assy husa vyver bestialmente; e quando tal amor fez tanto temer a este Rey danojar as molheres que a fe perdeo, da discreçom e temperança nom husou, de guardar a justiça, e contra taaes pecados manteer real fortelleza nom fez conta, como nom devemos aver boa esperança que as boas molheres, por bem amarem seus maridos, os temam mais e mylhor que per nenhuũ outro temor?

E porque naquestes capitollos suso scriptos conselho guardar da bemquerença damores, e seu aazo pryncipal he fastar da conversaçom, em ajuda do que digo vos mandey screver huũ capitollo do livro que fez Sam Thomas de Aquino sobre a maneira do confessar (1), que a este proposito bem declara o mal que da conversaçom antre pessoas virtuosas se recrece por se conhecerem; quanto mais se fara nos que taaes nom som, se a ouverem fora de boa maneira, specialmente em lugar que nom seja de praça, ou se for muy contynuada?

---

(1) Segundo alguns autores este livro não foi composto por S. Thomaz d'Aquino (Veja-se *l'Histoire Littéraire de la France*, Tomo XIX, pag. 248). Foi impresso pela primeira vez em Florença em 1512, em 8°. (S.)

CAPITOLLO RVII.

Do perigoo da conversaçom das molheres spirituaaes, tirado de huũ trautado de Sam Thomas de Aquyno (1).

Porque muytos som negligentes e esquecydos a conhecer suas maas afeiçoões, e nom enram confessallas, pero com deligencia as devem na confissom declarar, e esplicar destyntamente os pecados que dellas nacem; por tanto he de notar com femença que em desvairadas se ocupa o coraçom do homem, onde alguũs ham afeiçom e amor sobejo a sy mesmos, outros ham amor a algũas pessoas, outros a honras do mundo, outros aas riquezas temporaaes. E porque estas cousas todas, e cada hũa dellas, som assy como huũ muro e parede empachosa antre Deos e a alma, por esso que aquel que alguũ empacho destes ja dictos ha nom pode seer encamynhado com proveito no caminho de Deos, nem fazer sua

(1) No anno de 1467 se imprimio pela primeira vez uma das obras theologicas de S. Thomaz d'Aquino, e foi publicada por Schoiffer, e portanto 29 annos depois da morte d'ElRei D. Duarte. Recomendâmos aos leitores d'este livro do nosso illustre Autor que forem amantes das investigações bibliographicas, que se esforcem por descobrir entre os manuscritos provenientes das bibliothecas dos Conventos, um exemplar da obra citada por ElRei D. Duarte, que pelos caracteres e mais particularidades diplomaticas possa mostrar-se ter sido o de que se servíra este Principe. A historia dos Mss. é muito importante para a historia litteraria de uma nação. (S.)

O Tractado a que aqui se refere ElRei Dom Duarte é o Opusculo LXIIII, que tem por titulo, *De modo confitendi, et de puritate conscienciæ*, o qual se acha no Tomo 17

oraçom pura sem mestura doutro pensamento, e syngullarmente antre todas estas outras afeições quando afeicionado he carnalmente a algũa pessoa, e desta compre por agora mais comprydamente fallar. Porque tal afeiçom como esta embargou muytas vezes, e de presente embarga muytos spirituaaes, so semelhança de spiritual amyzade, do estado da oraçom e do fruyto dessa, a qual per sua malleza e peçonha mortal comove e contorva a alma do orante, e apresentandolhe intellectualmente as figuras das pessoas que per tal amor ama, e as afeições dellas contrairas ao spritu, sparge na boca del as pallavras da oraçom, e dentro na mente ençuja, embarga o fruito della. Porque, assy como a pura oraçom purifica a alma e a alomea, fazca seer leda e forte, e engrossaa per caridade, assy a afeiçom nom lympa da carne çuja e tornaa negra, e fazea entristecer, enfraquecer e secar; e nom soomente a alma mas ainda o corpo encorre por aazo da companhia essas mesmas penas spirituaaes tristes (1). E porque esta doutrina singullarmente he dada e ordenada pera aquelles que som spirituaaes, pollos quaaes specialmente foy

---

das Obras completas de S. Thomaz d'Aquino, edição d'Antuerpia de 1612, fol. 104 v°; e tem um capitulo intitulado, *De periculo familiaritatis dominarum vel mulierum*, que é o que aqui se acha trasladado. Confrontámos o original com a traducção, e achámos que, posto que o nosso Principe seguisse o mesmo methodo de traduzir que seguíra na traducção da homilia de São Gregorio Magno, que deixámos transcrita a pag. 50, comtudo alguma vez paraphrasea e amplifica, e nem sempre é claro e exacto; cujo defeito talvez se deva antes attribuir á infidelidade das copias que então circulavão que a menos intelligencia do Rei sabio e litterato. Notaremos pois os lugares em que ha obscuridade ou inexactidão, e bem assim algumas passagens em que se manifesta o engenho do traductor. (R.)

(1) A clausula d'este periodo não é assas clara, e não parece muito conforme com o texto, por isso aqui o transcrevemos: « Nam sicut oratio pura mentem purificat et » illuminat, lætificat, fortificat, et impinguat : sic carnalis affectio et immunda men» tem inficit et obscurat, contristat, debilitat, et siccat, et corpus ejusdem maledic» tionibus implicatur. » (R.)

scripta, saibam estes que pero que a afeiçom carnal a todos homeẽs geeralmente seja perigosa e de grande dampno, a elles porem he muyto mais que a outro nenhuũ, mayormente quando tomam conhecença, conversaçom e famyliarydade com algũa molher que he ou parece spiritual; porque como quer que o fundamento de tal amyzade pareça boo, porem a grande famylyaridade e conhecymento com taaes pessoas nom he al se nom perigoo brando, perjuyso deleitoso, e mal encoberto, pyntado de color de bem; a qual famylyaridade, quanto mais crece, tanto mais myngua o fundamento pryncipal, e o primeiro motivo em que e por que se a dicta afeiçom começou, e assy cada vez mais se magoa a pureza de huũ e do outro, e corrompesse as tentaçoões em cada hũa das partes por aazo de chegamento corporal (1). Nom sentem porem logo este mal no começo, porque o beesteiro, que he o amor venereo, prymeiramente lança as seetas sem herva que ferem docemente, e geeram amor, e despois aquellas que levam a peçonha (2). E esto em breve se parece, porque logo a pouco de veer a tanta amyzade, que ja nom assy como anjos sem carnal conversaçom acerca do proposito em que começarom, antes assy como homeẽs de carne vestidos oolham e esguardam huũ ao outro, husando dalgũas recomendaçoões per pallavras brandas e de louvor, cobrindo suas pallavras de collor de devaçom, porque pareçom seer dictas com spyritual teençom, e des y começam cada huũ delles trabalhar por veer o outro corporalmente, porque as semelhanças corporaaes que

---

(1) Esta clausula é amplificada; o texto diz sómente o seguinte: « Quæ quidem » familiaritas, quanto plus crescit, tanto plus infirmatur principale motivum, et » utriusque puritas maculatur. » (R.)

(2) Este periodo é paraphraseado; o texto simples é como se segue: « Non tamen » de hoc statim perpendunt, quia sagittarius à principio non mittit sagittas venenatas, » sed solum aliqualiter vulnerantes, et amorem augmentantes. » (R.)

huũ do outro tem impressas nas fantesias os demovem, e requerem a demandar huũ veer o outro, posto que mentalmente sempre presente seja huũ ao outro; e assy he pouco em pouco a devaçom destes, e a amyzade spiritual tornasse em carnal e corporal afeiçom, e as almas suas, que antes suyam fallar com Deos sem empacho nenhuũ ou meo quando oravom, ja entonce poõe antre sy e Deos meo, porque antrepoõe a fegura corporal huũ do outro, sem a qual nom podem algũa cousa outra puramente pensar nem orar, e por esto cobrem e fazem cega sua oraçom, poendo antre sy e a face de Deos a face da criatura, e em esto cometem erro grande, mas muy mayor em quanto nom ẽmendam aquello que devyam ẽmendar, conhecendo tal amor nom nacer de caridade, mas antes, supoendo sua razom ao sentido, julgam nom doutra cousa senom de caridade proceder, pello qual juyzo enganados cuydam, e mentyndo dizem, que huũ vee o outro quasy presente em sua oraçom, e esto creem que se faz per virtude de Deos, que assy os quer apresentar pera huũ orar pello outro; e assy aquella consollaçom que de todo he sensual, a qual recebem huũ e outro em aquella representaçom, que lhe a soo fantesia faz quando oram, cuidam e afirmam (1) que lhes vem per graça spiritual e virtude de cyma, onde certo he que em este engano caaem por seerem negligentes em se conhecer; e outrossy por scarnecymento do deaboo, cujos scarnhos e enganos, que especialmente nas molheres demostra, porque mais ligeiramente se vencem a

---

(1) Nesta conclusão do periodo ha amplificação, ou havia variante na copia; o texto impresso diz: « Ac per hoc consolationem simpliciter sensualem, quam habent in » illarum præsentatione de se invicem facta in oratione prædicta, æstimant et affir- » mant ac asserunt esse spiritualem gratiam et divinam. Quales antem illusiones » recipiunt à sagittario supra dicto specialiter mulieres, quæ citius fidem adhibent » illusioni mentali, esset horribile, et quasi impossibile declarare. » (R.)

creer, os engenhos que o diabo obra no entendymento som tantos, que quasy impossivel he ao homem sabellos, nem podellos contar. As (1) quaaes ameude acontece, quando alguũ tal conhecymento ham, que estando em oraçom por aazo da figura corporal daquelle que se lhe mentalmente representa, sentyr huũ ardor e esqueentamento tam aceso que sobejo he, e com femença creem que he ardor spiritual, e fogo da caridade, geerado per o Espirito Sancto no coraçom seu, pera ajuntar ambos os espiritos em huũ com legalho de caridade, pero que aquelle fogo he mais fogo de amor luxurioso e carnal, segundo se despois demostra pella pratica seguynte; desy confiando em sy, e entendendo que som spiritualmente hunidos, entendem que ja dally em diante sem prasmo nenhuũ podem com segurança fallar muyto e ameude, e que porem nom perdem nenhũa cousa dos beẽs do spiritu por aazo de despender tempo em fallar, ante gaanham. E com esto buscam por maravylhosas cautellas, maneyras syngulares, e camynhos muytos, per que huũ ao outro possa fallar, alegando e achando camynhos e cousas per que mostram seer necessario e proveitoso de fallarem ambos, pero que outra cousa nenhũa nom seja causa destas tam amendadas fallas senom a graveza e malleza dos sensuaaes de-

---

(1) Como os nossos antigos não usavão de accentos vogaes, e em lugar d'elles punhão lettra dobrada, devia-se aqui ler *aas;* talvez seja erro do amanuense, que o leitor facilmente emendará, assim como em outros muitos lugares temos notado. Por causa da estranheza das expressões, de que usou ElRei Dom Duarte na traducção d'este periodo, não será inutil transcrever o que diz o texto, que é o seguinte: « Sentiunt » namque in oratione præfata et representatione mentali calorem quendam ignitum » à sagittario illo illatum, quem credunt et dicunt esse ignem charitatis a Spiritu » Sancto transmissum, volentem conjungere spiritum unius spiritui alterius vinculo » charitatis, cum inde sit ignis libidinosi amoris, prout sequentia manifestant: et » tamen deliberant se tanquam spirituales unitos posse securius ac prolixius simul » loqui, atque in hoc tempus non perdere, sed lucrari. » (R.)

sejos, aos quaaes ja o racional instinto he de todo sujugado per esta guysa: os mizquynhos, feitos cegos pollos desejos da carne, o tempo que ante suyam despender em oraçom e occupaçoões spirituaaes, tornanse a perdello em fallas sem proveitos e famyllyarydades danosas, e assy as purydades devynaaes cambam em conselhos carnaaes, do qual se deve muyto doer; tanto he aas vezes o sabor destes parlamentos, que se a noyte ou outra forçosa causa nom nos estorvasse, nom se partiria huũ do outro, e ainda entom triste e sem tallente (1) se parte huũ do outro. A qual tristeza he sygnal manyfesto que amor carnal e nom outro he aquel que os ajunta; e em esto podees conhecer a dyversydade e dessemelhança que ha antre as consollaçoões dyvynaaes, e aquellas que som carnaaes e diabolicas, porque a dyvynal deleitaçom nom se acha em corporal presença (2); e outrosy por esta çugydade, em que estam, cuydam que lhes nom he desonesto todas cousas, que lhes a voontade da, fazer, e que todas cousas lhes som honestas segundo scriptura

---

(1) Este vocabulo, com a significação de vontade, gosto, desejo, era da lingua romana, na qual tinha a mesma irregularidade d'orthographia que na nossa, pois se encontra umas vezes *tallent*, e outros *tallant* (Vej. Roquefort, cit.); foi muito usado de nossos antigos, e ainda tinha entrada na Côrte d'ElRei Dom Manoel. ElRei Dom Fernando dizia n'uma carta (Vej. Dissertações de J. P. Ribeiro, Tomo I, pag. 314): « E porque nosso *tallente* foi sempre e he de lhes fazermos muitas merces, para elles » haverem *tallante* de nos servir bem e lealmente. » E no Cancioneiro lê-se:

« Nunca usey em meu *talente*
» De fazer cousa errada
» Mas esta morte foi fadada
» Pera mym e mynha jente. »
Trov. de Luiz d'Azevedo, fol. 58.

« *Talante* de taes estremos
» Dias ha que se nam vyo
» Nem dele tanto se ryo
» Como deste que sabemos. »
Trov. d'Antonio da Silva, fol. 176 vº. (R.)

(2) Aqui ha amplificação, se não houve variante na copia, e pouca clareza; o texto diz sómente o seguinte: « Hæc autem tristitia est certissimum inditium, quòd carnis » vinculo sunt obligati, et per hoc visitationes et consolationes divinæ à carnalibus » et diabolicis discernuntur. » Denique, etc., como em a nota seguinte. (R.)

que diz, todallas cousas som lympas aos lympos; trabalhamsse fazer algũus actos, posto que lhe sejam perigoo manyfesto, por a qual razom assy como insensyvees feitos caãe muytas vezes em grandes erros sem tomarem dello sentido, cuydando que lhes he dado toda cousa fazer pois que som spirituaaes. E pero que desta materia mais convenyente seja callar que muyto em ella fallar, porem nom pode homem (1) teerse que algũa cousa nom diga, mayormente daquellas que nom ha muyto que acontecerom; e estes spirituaaes de que fallamos em tanta sandice de veer, que dam de sy consentymento huũ ao outro,

---

(1) O uso da expressão *homem*, como pronome indefinito, não é particular ao Poeta Ferreira, como pretende o Academico Antonio das Neves Pereira (Vej. Mem. de Litter., Tomo V, pag. 42), era sim um idiotismo da lingua, que nos veio da lingua romana, assim como passou aos outros condialectos, subsistindo ainda hoje em todo seu vigor no francez, cujo *on* não é outra cousa senão o *hom* ou *om* da lingua romana, do latim *homo* (Vej. Gramm. de Raynouard, pag. 187). Da leitura do Leal Conselheiro se vê quanto esta locução era usada antigamente; e que ainda o fôra até ao tempo d'ElRei Dom Manoel, e d'ElRei Dom João III, temos sobejas provas no Cancioneiro, e em Sá de Miranda; citaremos as seguintes:

« Nam he ley dumanidade
» Nem consente descryçam
» Leixar *omem* liberdade
» Por viver em sujeyçam. »
Canc. Ger., fol. 26 vº.

« Cuida *homem* que bem escolhe,
» As singellas só com sigo.....
» De tal somno as deixão cheas,
» Que se não pode *homem* erguer. »
Sá de Mir., fol. 100, e 121.

Ferreira não fez mais que seguir o genio da lingua, que elle sabia tão bem manejar, nada innovando n'este particular. Para vermos como nossos antigos fazião corresponder esta locução ao latim, e como ElRei Dom Duarte sabia introduzir nas traducções o genio da lingua materna, não se ligando servilmente ás palavras, aqui transcrevemos todo o periodo do texto: « Denique quamvis se multis exponant periculis, et multa » mala incurrant, dum eorum obtenebratis conscientiis judicant tam spiritualibus » sibi quædam esse licita, quæ fieri nequeunt absque periculo et peccato, putavi tamen » melius esse non multa de hoc calamo exarare, hæc tamen tacere non valeo (*não » pode homem teerse, que alguma cousa nom diga*, excellente traducção para aquelle » tempo!) quin aliqualiter referam, maxime quia non longe à temporibus istis » contigerunt. » (R.)

scilicet, el a ella de se leixarem tocar so specia de caridade, contando huũ ao outro o grande amor que se ham, chamando neiciamente aquel amor caridade. E em tal recontamento e descobrymento damor ha grande cajom, porque de taaes contos veem sectas que empeçonhentam e chagam mortalmente os coraçoões damor desordenado. E o que em esto peor he, que nom soo a Deos e aos anjos, mas tambem aos homeẽs e aos diabos avorresse, forom algũas molheres, chamadas spirituaaes, enflamadas de spiritu de luxuria, que por scusarem sua luxuriosa condiçom presumyrom dizer que em aquelles abraços e tangymentos çujos, e contrairos aa pureza da castidade, avyam grande desejo de Deos; o que nom entendo que seja senom hũa fabulla de error pera remover e enduzir homem a cometer e comprir semelhavees malles, e outros peores sem scrupulo de conciencia. Dime (1) tu, que per ventura esto poderias creer dalgũa que to dissesse coberta de enganoso vestido, se èste ou esta que te semelham spirituaaes som esso que parecem, segundo tu crees, certo he que outra cousa nom devem fazer, nem dizer, se nom aquella que do spiritu sancto procede? Pois sem duvyda verdade he que do spiritu santo nom procede cousa senom proveitosa, honesta, e nom danosa. Pois que concordança tem o spiritu sancto com os tocamentos çujos, e beijos luxuriosos, ou que honra recebe em elles Deos? E que proveito se segue a ty, nem a outrem, por fazeres estes autos e tocamentos, ou consentyllos? Que com memoria (2) he a do lympo spiritu sancto a çujaãe da carne? Portanto grande presunçom

---

(1) Dize-me : « Dic mihi qui talibus credis et adhæres. » (R.)

(2) Assim se lê no Codice, mas julgâmos ser erro do amanuense, e que se deve ler concordia, ou concordança, em lugar de *com memoria*, pois o texto diz : « Quæ conventio spiritûs ad libidinem carnis? » (R.)

he a tua fazer tamanha injuria ao spiritu sancto, que contees e outorguees a el o fedor da tua luxuria, o qual a grande pena(1) podem consentyr os diaboos. E que loueura he a tua molher chea de ypocrisia, e avorreeida de Deos, pera dizeres que a deleitaçom de tua cuja carne he a graça de tua consollaçom dyvynal? Saae ergo besta maa dos termos (2) de tua luxuria, a qual he tam sobeja que os demoões do inferno nom a podem sofrer nem soportar. E estas cousas, e enxempros, irmaãos meus, nom som sem causa scriptos em esta doutrina, pera saber cada huũ que desta venenosa afeiçom e famylyaridade, so collor de spiritualidade aquerida, grande embargo se segue aa pureza da confissom e oraçom, e aa cordial lympeza, pera fugirem della assy como de cousa mortal, porque he assy como a velha ferrugem que a grande força (3) se pode alympar, e tirar da alma depois que em ella hũa vez for encascada, mayormente que taaes pessoas, em quanto som feridas deste mal, nunca em pura perfeiçom se confessam; e esto porque se avergonham de descobrir ao confessor esta infyrmidade, pela qual he menos prezada a pessoa spiritual, e ainda tomam vergonha declarar as circunstancias que som chegadas a este amor, e porem as callam de todo, ou as confessom imperfeitamente, husando de pallavras colloradas, pellas quaaes nom descobrindo perfeita-

---

(1) *A grande pena*, em lugar de, com grande custo, ou a penas, como hoje dizemos, é um gallicismo antigo, ou antes uma locução da lingua romana. O texto latino diz: « Quæ igitur tua præsumptio, ut hanc contumeliam inferas Spiritui Sancto, attri» buendo sibi tuæ impudicitiæ fœtorem, quem vix demones patiuntur? » (R.)

(2) A traducção não é aqui exacta; devia ler-se, dos meus dominios, ou antes, da minha presença, segundo o que diz o texto: « Recede ergo, fera pessima, de finibus » meis, quia dæmones nequeunt tuam præsentiam sustinere. » (R.)

(3) Eis aqui outra expressão similhante á que notámos em a nota 1, e que corresponde igualmente ao latim *vix*: « Quæ vix potest aboleri de mente. » (R.)

mente as ocupaçoões que ham em sua alma, e imagynaçoões torpes que ham acerca da pessoa que amam, tam bem orando como qualquer outra obra fazendo, nem a deleitaçom que ham em a vendo, ou em lhe fallando, ou em outro auto com ella fazendo, nem da negligencia sua que ham nom se ẽmendando, nem se afastando della e de sua conversaçom e presença, nem outras muytas cousas de que elles ham speriencia, quedam sempre doentes por nom querer sua infirmidade relevar como devem. E por esta razom ameude queriam mudar o confessor, e mudam de feito quando podem; quedam porem tristes, e desemparados na mente, assy per razom de afeiçom imperfeita, da qual elles mesmos quedam descontentes, e com remorso da conciencia. E o que peor he, estes que devyam buscar fisico spiritual, entendido e esperto, que soubesse dar medecynal remedio, conhecendo a doença e as cousas della, nom semelhante nom buscam tal, mas ainda se caso achom alguũ que conheçam, em confessandosse, que tal he, por hũa vez se podem confessar a el, mas dally adiante assy fogem del que nunca a el mais tornom, e buscam a outros confessores ydiotas, leigos, e de nem huũ saber, que nom conheçam a enfirmydade, nem as causas donde nace, e por esso nom podem dar meezinha devyda. E esto abonda seer dicto desta materia, pera que aquelles que esto esguardarem, e quiserem seguyr o camynho da lympeza por esta doutrina, tomem voontade do encamynhar pella vya sem magoa, e fugir da periigosa pestellencia, scilicet, da famyliaridade sobeja das beguynas (1), devotas, ou monjas; a qual famyliaridade e conversaçom nom podem mylhor scusar, que fugindo della. Muyto se podia o homem, desta secta peçonhenta ferido, quebrantar per jejuũs, vygias e desciplynas, oraçoões, que em quanto nom

(1) Beatas. Vej. o que dissemos em a nota 1 de pag. 34.

fugyr da presença e corporal specto da persoa, nunca sera daquella enfirmydade curado, antes cada vez mais crecera a chaga no coraçom seu, por quanto he boo o conselho de Sam Hyeronymo (1): A molher que tu vyres de honesta vyda, e de sancta conversaçom, devella aamar, mas nom ir amehude onde ella esta corporalmente, porque amehude vysitar as molheres começo he de luxuria, nem podes per mylhor arte vencer o mundo com as molheres que fugyndo dellas; que a todollos outros pecados o homem pode contradizer, e punar com elles, mas a este nom pode fazer resistencia senom fugyndo das molheres. E em outra parte diz, se a molher foy poderosa a vencer aquel que ja estava no parayso, nom he sem razom poder empachar aquelles que ainda ao parayso nom chegarom. E diz mais, nom presumas seer ou estar com algũa molher soo em lugar secreto e a scondido, sem juyz e testemunha. E diz mais este medes doctor, nom te atrevas soo com molher morar em essa medes casa, nem tomes confiança na castidade em que antes vyveste, porque nom es tu mais forte que Samsam, nem mais sabedor que Sallamom; assy como, diz, quando aquelles cayrom, mais asinha cayras tu, que nom as poder nem saber; mas podes dizer, ja o corpo meu morto he, e sem tal sentido; nom confies porem ainda que assy fosse, que posto que carne morta seja, o diabo vyvo he, cujo sopro he de tanta força que faz arder as brasas mortas, e os carvoões em fogo. Item diz mais, todallas virgeẽs de Xpõ e moças ou igualmente as ama, ou igualmente as leixa de conhecer, assy como se dissesse, porque aquel, que desta door ferido he, nom pode todallas molheres de igual amor amar, porque convem que mais se incline

---

(1) « Propter quod sequamur auxilium, sive consilium Beati Hieronimi, dicentis: » Fœminam quam vides bene conversantem, mente dilige, non corporali fre» quentia, etc. » (R.)

a hũa que a outra, por tanto mais seguro he todas igualmente squyvar (1). Em ajuda desto diz sancto Agostynho (2): Com as molheres poucas pallavras deve homem aver, e asperas. Nem se deve menos guardar por ellas seerem mais honestas, que quanto ellas mais sanctas som, tanto mais adoçam e contentam o coraçom, e so a forma da branda pallavra se mestura per vezes o vycio da cruel luxuria; e a mym, diz o Doctor, que eu Bispo som, e segundo Xpõ fallo, e nom mento, os cedros do Libano, scilicet, os homeẽs de muy alta comtemplaçom, e os carneiros dos gaados, esto he, grandes prellados dos poboos, eu os vy per esta guysa cayr, cuja queeda eu tam pouco temya como a de Sam Jeronymo ou de Sancto Ambrosio; em cuja concordança diz Sam Bernardo, se tu queres seer avydo por casto dado que sejas, e porem cada dia conversas com molher, magoa trazes de sospeita, scandallo me fazes. Tira de ty a materia e a causa do scandallo, porque maldicto he o homem por que scandallo nace.

---

(1) Aqui ha amplificação; o texto diz sómente: « Omnes virgines Christi et puellas » aut æqualiter dilige, aut æqualiter ignora. » (R.)

(2) « Beatus Augustinus dicit: Sermo brevis et rigidus cum mulieribus est habendus. » Nec tamen quia sanctiores fuerint, ideo minus cavendæ. Quo enim sanctiores fue» rint, eo magis alliciunt, et sub prætextu blandi sermonis immiscet se viscus im» piissimæ libidinis; crede mihi, Episcopus sum, Episcopo loquor, non mentior. » Cedros Libani, id est, contemplationis altissimæ homines, et gregum arietes, id est, » magnos prælatos Ecclesiæ sub hac specie corruisse reperi, de quorum casu non » magis præsumebam, quàm Hieronimi et Ambrosii, sicut etiam ait Bernardus: » Quotidie conversaris cum muliere, et continens vis putari? Esto quod sis, maculam » tamen suspicionis portas, scandalum mihi es. Tolle materiam et causam scandali: » quia væ homini illi per quem scandalum venit. » (R.)

CAPITOLLO RVIII.

Porque os amores fazem mais sentimento no coraçom que outra benquerença.

Os amores no coraçom fazem mais ryjo e contynuado sentimento que outra bemquerença, por estas razoões. Primeira, por a contrariadade do entender que os contradiz, mostrando de hũa parte quanto mal por elles se faz, defendendo que se nom faça, e doutra o desejo que muyto com elles reyna, requerendo com grande aficamento que persevere no que ha começado, fazem hũa perfia, que continuadamente da gram pena desprito, afam e cuidado, de que muy amyude os namorados se queixom, a qual se nom pode passar sem ryjos sentymentos. Segunda, porque ryjo, desordenado e contynuado desejo, ceumes e vaam gloria fazem no coraçom grande sentymento; e por quanto estes reynam mais com amores que com outra bemquerença, porem fazem mayor sentido. Terceira, porque assy como dizem as cousas costumadas nom fazerem tanto sentyr, por esse fundamento aquellas que se aballam convem que o acrecentem. E pois que os amores nunca dam repouso, por fazerem contentar de muy pequeno bem, assy como de hũa boa maneira de olhar, gracioso riir, ledo fallar, amoroso e favoravel geito; e de tal contrairo se assanham, tomam suspeita, caaem em tristeza, filhando tam ryjo cuydado por hũa cousa danada, como se tocasse a todo seu boo stado, que o nom leixa em quanto

dura pensar em al lyvremente, mas como aquel que tem veeo posto ante os olhos, vee as cousas dessa guysa, el pensa em todas outras fora de seu fundamento por cima daquel cuydado, que lhe faz parecer todallas folganças nada, nom avendo aquella que mais deseja, e se a cobrasse que tristeza nunca sentiria, o que he tam errado pensamento como bem demostram muytos enxempros, os quaaes nom quer consentir que se cream, posto que claramente se demostrem, pensando que nunca semelhante como el sentio, que o contrairo podesse sentir, o que adeante as mais das vezes se demostra muy desvairado do que parece; e per aquy se pode bem conhecer, posto que nom caya em outro erro, quanto perigoo he trazer huũ tal cuydado assy reynante em el, que o nom leixe pensar em cousa lyvremente sem haver delle lembramento, e como constrangido cuidar em qualquer outro feito por pesado que seja, porque o coraçom no que taaes amores lhe mandam quer embargar seu sentydo, desemparando todollos outros por necessarios que sejam, e por estas razoões convem que traga e faça mayores sentymentos que outra maneira damar.

A boa amyzade dantre marido e molher, e outros verdadeiros amygos desto sentem o contrairo, porque quanto ao prymeiro nom passam tal contrariedade dantre o entender e voontade, porque ambos som de huũ acordo; quanto praz ao coraçom damar, tanto assy julga o entender que he bem de se fazer. Do segundo desejo ryjo nom sentem, porque vyvem em delleitaçom e contentamento, taaes ceumes nom devem haver por a grande segurança que huũ do outro, sem alguũ temor, sempre tem. Se disserem que muytos casados, que muyto se amam, tem ceumes, respondo, como ja disse, que o amor dos casados partecipa com todas maneiras damar; e quanto mais he sobre amores per desejo de coraçom que per conhecimento de virtude

segura damballas partes, a qual se requere na real maneira damyzade. Os semelhantes sentydos ham, porque ainda que muyto se amem nom chegam a verdadeiro estado dos muy boõs amygos, antre os quaaes nom convem algũa suspeita derro ou fallycymento, que huũ em contra do outro a seu ciinte (1) ja mais nunca faz, nem querra fazer, ante vem muytas de condiçom revessada de cada huũ, ou fallycimento de bondade, e de boa voontade que no outro vee ou sospeita. Mas antre aquelles casados, em que he esta muy perfeita maneira damar afirmada, per grande experiencia, e boo conhecimento que huũ do outro tem avydo, os ceumes som de todo seuzados, ou tam levemente sentidos, que a cada huũ nom fazem algũa torvaçom ou empacho.

Vaam gloria nom recebem, mas real e verdadeiro prazer, em que os semelhantes contynuamente vyvem, nem do que huũ pelo outro faz filha desordenado prazer, porque ja tem determynado que aquello seu boo amygo faria, mas dando graças a Nosso Senhor, confirmandosse em sua boa entençom e voontade se allegra temperadamente segundo tal feito requere, nem traz catyvo seu cuydado na maneira suso scripta que fazem os amores, mais lyvremente pensam no que lhes praz, porque tal amyzade vem per special graça de Nosso Senhor, e per sua mercee com dobrez virtude se mantem, e porem nom pode dar pena nem torvaçom, mas prazer e liberdade, que vem do contentamento e segurança.

E se alguũ sente trabalho, ou ameude se torva por amor que tenha d'algũa pessoa, se nom he per magnyfesto mal, perigoo, ou perda que vem a el, ou a quem assy ama, saiba que tal amor he per desordenada paixom ou fallecymento dalgũas das partes,

---

(1) Cintemente, a sinte, corrupção de *sciente*. (R).

e nom damyzade que per virtude, acordo de razom, e boo entender dambos convem seer confirmado, os quaaes sem causa dereita nom dam nem consentem padecer, por assy amar, sospeita, nojo, tristeza, ou alguũ empacho, nem captivamento de cuidado, mais outorga liberdade; e ainda pera todas cousas dereitas na boa andança e contraira, segundo diz Tullio, tanto della nos logramos, e pera tantas cousas, como dagua e do fogo.

E porem ainda que os amores tragam os sentymentos suso dictos, e façom obrar por elles cousas muy revessadas, nem se crea porem que com elles mais amam, porque o verdadeiro amor com benquerença e voontade de bem fazer mais esta na dereita amyzade ca em elles, cujo fundamento, como disse, he huũ desordenado desejo de seer bem quysto, e comprir voontade por continuada afeiçom, sem outro regymento de boo entender, nem virtude. E se me disserem que todos nom som taaes, eu sey bem que he verdade, porque alguũs se mesturam com a maneira damyzade, como fazem os boos cazados, ou que razoadamente speram de seer, e alguũs poucos que sempre querem guardar virtude; mas daquelles digo de que nace sanden desejo, sem boo fundamento, os quaaes som muyto pera delles guardar, oolhando aquel enxempro do rey Sallamom, que ja disse, e outros semelhantes que cada huũ dia se passam.

Desto mais nom perlongo, porque a abastança do que sobrello se pode bem screver e fallar me faz nom proseguyr tam grande leitura, como destas maneiras damar se recreceria; desy porque se forem guardadas aquellas praticas, que guardavamos ao dicto Rey meu Senhor, cuja alma Deos aja, que adiante vaão scriptas, se pode veer algũa parte do que dello entendo; mas aqueste pouco screvy, porque me parece que nom ham muytos dellas boo conhecymento, e algũa parte por esto que screvo o pode-

rom aver, e se vyrem os lyvros que della trautam (1), e aquella maneira de nosso servir, seerem mais compridamente avysados.

Porem dou este avysamento : que nom pense alguũ que possa bem achar pessoa tam perfeita pera amar que seja fora de todos fallicymentos, e em virtudes, condiçom, maneira de vyver, linhagem, ydade, acordamento de voontades, e boa disposiçom; mas onde o pryncipal bem esta, as pequenas mynguas devem seer tam scurentadas que se nom sentam, ou pareça que nom queriam que se mudasse, duvydando de perder algũa cousa do prycipal que mais prezam. Esto se deve fazer como faz Nosso Senhor, que posto que a dereita carreira da perfeiçom seja tam estreita que per muy poucos he seguida, porem veendo boo proposito e teençom todos traz a porto com saude, dizendo que per muytos camynhos o podemos seguyr; ca huũs com aspereza e rigor lhe fazem serviço, porque a esto per sua natureza som inclynados, os quaaes husam della com tal temperança que poucas vezes fallecem, e muytas bem obram, o que outros nom poderiam nem saberiam assy fazer; e semelhante fazem alguũs com blandeza, buscando assy boas maneiras em todo quanto fazem, que som servidos, obedecydos e temydos, de tal guysa que castigam, ẽmendam e corregem como se asperos fossem, e muytas vezes mais certo e seguramente, como fazem as cordas de laã, posto que blandas pareçam, que nom leixam bem datar; e assy das persoas que amamos, pois homeẽs e molheres som, perfeiçom nom busquemos, mas sejamos contentes do razoado com lealdade e boa voontade, e nom filhemos que mylhor ama quem mais sente, como fazem os namorados, mas aquelles que

---

1) Parece inferir-se d'este capitulo que ElRei consultára sobre o assumpto d'elle não só as obras de Cicero, mas tambem outros livros que desgraçadamente deixou de mencionar. (R.)

mais realmente manteem e guardam as boas lex damyzade, o que se nom pode bem conhecer sem perlongada conversaçom em feitos desvairados, por os quaaes se diz que se convem comer com alguũ, ante que o bem conheçam, huũ moyo de sal; e como esto deve seer entendido, no capitulo adiante scripto se declara.

CAPITOLLO RIX.

Da razom por que dizem que se deve comer huũ moyo de sal com algũa pessoa ataa que o conheçam.

Pera boo conhecymento dos homeẽs e molheres, dizem que se requere comer com elles huũ moyo de sal, prymeiro que os ajom bem conhecidos, e aquesto porque sem grande e perlongado tempo se nom pode fazer, ca nom digo dos outros, mas de sy medes poucos ham boo conhecymento. E porque muytos cuydam o contrairo, querendoos tirar de tal duvyda, lhes pergunto, se grande feito nunca lhe foy encomendado, nem o teverom de fazer, como sabem que descriçom teem? Porque ainda que lhes pareça que o bem entendem nom se julgue assy, por quanto a prudencia e discreçom quer obrar acabadamente, e nom soomente entender e arazoar como fazem muytos maaos executores de grandes e boos feitos. Nem justiça como a guardam, de que guysa o poderom saber, senom teverem carrego de dar sentença, ou fazer tal cousa que tocasse a seu proveito ou doutras pessoas? e por amor, hodio, proveito, perda, prazer, sanha, temor, preguyça, ou empacho, nom leixarom de obrar ou julgar dereitamente?

De temperança como estam, olhem ao comer, bever, e feito de molheres, como se cada huũ governa, em que pryncipalmente tal virtude se demostra, desy se todos feitos assy temperadamente obram que nom tressayam nas partes sobejas ou fallidas;

e se todo esto alguũ nom consiirou, como conheecera quanta parte tem em el ou seu amygo desta virtude?

Na fortelleza em pellejas, perigoos do mar, doenças, cousas dempacho, tristeza, nojos, trabalhos e cuydados quem demostra verdadeiramente qual he cada huũ senom a experiencia?

Em lealdade nas cousas periigosas, molheres, dynheiros, e arrebatamento de sanha, quem per todo nom passou como se pode conhecer? E se mal a sy medes, menos aos outros. E porque alguũ podera dizer, pois dos homeẽs se nom pode aver boo conheecymento sem taaes experienciais e provas, como he razom aver fiança no amygo que per todas estas partes nom he bem examynado? A esto respondo, que em sua boa voontade nom se deve poer duvyda, como dicto he, des que he filhado em tal conta, mas no poder e saber nom convem mais aver confiança que segundo del conheecermos, assy que tenhamos boa esperança, contraira ou duvidosa, segundo soubermos que naquelle feito sabe e pode; ca nom faz perjuyzo a seu amygo quem he certo que nom sabe nadar por nom aver em aquello del boa sperança, e assy em diferentes enxempros; mas no que pertence aa lealdade e fallicimento de certa malicia, daquel que conheecermos que teme Nosso Senhor Deos e ama vyda virtuosa, se o por nosso amygo conhecermos, nunca se deve teer contraira teençom ou duvydosa; e nos que som de pouca conciencia e de condiçoões revessadas, posto que amygos se demostrem, nom se deve teer boa segurança, ca pois nom amam Deos, nem a mylhor parte de sy medes, doutrem boos amygos nom podem seer, posto que algũas cousas bem feitas por elles se aconteça de fazer, ca os feitos de semelhantes som muyto daventuira, porque se nom regem per razom mas per voontade, que oje quer e logo enteja, e segundo seus mudamentos convem as obras seerem de pouca firmeza e segurança.

CAPITOLLO L.

Em geeral da prudencia, justiça, temperança, fortelleza, e as condiçoões que perteeeem a boo conselheiro.

Estas tres virtudes suso scriptas, scilicet, fe, sperança, e caridade se chamam theologaaes porque per ellas nos enderençamos a serviço de Nosso Senhor Deos, que theos em grego he chamado; e das outras quatro, scilicet, prudencia, justiça, temperança, fortelleza, que por xpaãos de todas maneiras, gentios, judeus, e mouros, que livros dellas screverom, som chamadas pryncipaaes, he muy comprydamente trautado em o livro do regymento dos Pryncipes, que compoz Frey Gil de Roma, e no Memorial das virtudes que das heticas dAristotilles me ordenou o adayam de Sanctiago (1), e no Pomar das virtudes que fez Meestre Andre de Paz, menystro dos Frades Meores em Cezillia (2), e em Valerio Maximo, e Tullyo de oficiis, e no livro das

---

(1) Veja-se a este respeito a nota que fizemos no cap. LXVII ácerca das traducções que ElRei D. Duarte mandára fazer. (S.)

(2) Fr. André de Pate, siciliano, Mestre em theologia, e Ministro provincial da Sicilia, foi eleito Bispo de Mileto em 1398. Vej. Wadding, *Annales Minorum*, Tomo IX, pag. 145.

Roque Pirro, na sua Sicilia Sacra, chama-lhe Fr. André de *Pace*, como ElRei Dom Duarte, mas não faz menção de suas obras, e só sim da maneira como elle se compoz com o seu competidor áquella Diocese, Fr. Marcos de Calí, tambem Franciscano. Vej. *Rochus Pirrus*, Tomo II, pag. 597. (R.)

Collaçoões de Sam Joham Cassiano, e seus stabellicymentos, os quaaes ainda que trautam segundo a xpãa relegiom, todo porem fillosophalmente he fundado sobre as virtudes e seus contrairos; e assy em outros livros que eu tenho em latim (1), e delles em tal linguagem que bem sabees leer e entender, porem sobejo me parece screver dellas grande leitura, mas por algũa cousa dellas e de nossos fallicimentos sentirdes vos screvo esta mynha consiiraçom com parte do que se contem nos dictos livros, nom levando todo por ordenança, mas mesturando parte do que me sobresto parece, per consiiraçom da maneira de nosso vyver, com algũas partes daquelles livros, e dalguũs outros dictos aprovados que a meu proposito me lembrarom; e porque doutras virtudes assy nom screvo, e aquestas quatro som principaaes, do que aas outras em special perteece algũas cousas a estas aproprio, porque a ellas bem podem perteecer.

Porque nos avemos memoria, entender, e voontade, pareceme que toda cousa em que fallecemos he por fallicymento de cada hũa destas partes, scilicet, por nom nos nembrar, nom entender, ou myngua de boa voontade; e pera governar a memoria e o entender avemos prudencia, a qual se pinta com tres rostros, per que se entende nembrança das cousas passadas, consiiraçom das presentes, e provydencia pera o que pode acontecer, ou speramos que seja; e pera reger a voontade avemos justiça, que nos manda em toda cousa obrar o que justo e direito for, ainda que al mais desejemos, ou por ello mal, trabalho ou perda duvydemos receber; e per esta justiça devemos a Nosso Senhor Deos honra e obediencia, aos proximos amor e concordia, a nos castigo e disciplina; e os dous geeraaes desejos, huũ

(1) Veja-se o que dissemos em a nota que fizemos ao cap. LXVII.

que chamam cobiçador per temperança se rege, e o que dizem yracivel per fortelleza.

E avemos em cada hũa cousa saber, querer, e poder; o saber per prudencia se rege, o querer per justiça, e o poder per temperança nas cousas deleitosas, e per fortelleza em contradizer, cometer e suportar os feitos de temer ou sentyr perigoos, trabalhos, nojos, grandes despezas, desprazimento d'algũas pessoas se comprir por guardar ou percalçar virtude; e posto que estas virtudes a todos perteeçam, aos grandes Senhores mais som necessarias, sem as quaaes suas almas, pessoas, estado, e os do seu senhorio seriam em gram perdiçom, consiirando sempre que os reynos nom som outorgados pera folgança e deleitaçom, mas pera trabalhar despritu e corpo mais que todos, pois que tal oficio que o Senhor nos outorgou he mayor e de muy grande merecymento aos que o bem fezerem na vyda presente, e que speramos; e assy per contrairo a quem o mal governar, porque nosso bem vyver a muytos aproveita per exempro, castigo, mercee, e gasalhado e boo razoar; e o mal grande parte pera sy faz tyrar, segundo aquel dicto, per exempro do rey os de sua terra muytos se governam.

E sentyndo o muy virtuoso e de grandes virtudes ElRey meu Senhor e Padre, cuja alma Deos haja, os grandes carregos dos Rex, em hua roupa fez borlar (1) huũ camello, por seer besta

---

(1) *Borlar* em lugar de *bordar*, e *borlador* em lugar de *bordador*, ainda erão termos usados no tempo d'ElRei Dom Manoel, pois os encontrâmos em as trovas de Duarte de Brito, e de Garcia de Resende, como se vê das seguintes passagens do Cancioneiro:

« De verde toda vestida
» De perlas toda *borlada*
» Vejo outra emnobrecida
» De hũa roupa muy comprida
» Per mil partes desfiada. »
Trov. de D. de Brito, fol. 38 vº.

« Tambem fostes ja livreiro
» Roym encadernador
» E nalfandega syseyro
» E sois fora escudeiro
» E em casa *borlador*. »
Trov. de G. de Resende, fol. 217 vº. (R.)

de mayor carga, com quatro sacos, em que eram postas sobre cada huũ estas letras: no prymeiro, temor de mal reger; segundo, justiça com amor e temperança; terceiro, contentar coraçoões desvairados; quarto, acabar grandes feitos com pouca riqueza: as quaaes cargas bem consiiradas, poderom os Senhores entender quanto lhes compre encomendar seus feitos a Nosso Senhor, e chegarse a el, seguyndo sempre as virtudes suso scriptas com leixamento de todos pecados.

E porque muy necessario nos he pera bem nosso e de nossos reynos e senhoryos saber filhar conselhos, e husar delles bem e contynuadamente, muyto convem consiirar com quem nos devemos aver; e porque vy no livro Secretis Secretorum, que se afirma que fez Aristotilles, algũas speciaaes condições e virtudes que se requerem ao boo conselheiro, as quaaes em geeral me bem parecerom, vollas fiz aquy tralladar, por tal que conheçamos quando alguũ pera tal carrego he perteecente, e vendo esto os que o teverem se avysem do que devem fazer.

O mais proveitoso pryvado he aquel que mais ama tua vyda, e que enduze e traz os subdictos aa tua obediencia e amor, e te oferece todas suas cousas, e sua propria pessoa despõe a proprio teu arbitro e prazimento, e tem estas virtudes e custumes que contarey. A prymeira he que aja nembros convenyentes e perteecentes aas cousas per as quaaes he escolhido. A segunda, que avonde em bondade avondosa pera poder entender aquello que se diz. A terceira, que seja de boa memoria pera reter aquello que aprende, e ouça de tal guysa que nunca o tire fora da memoria. A quarta, que consiire bem, e entenda quando myngua erecer, segundo suso disse. A quynta, que seja cortes, e de doce lyngua, em tal guysa que a lyngua responda ao coraçom e ao pensamento, e sua falla seja tal que lhe convenha. A sexta, que seja penetratyvo em toda sciencia, specialmente na

arte do conto (1), porque he arte muyto verdadeira e demostrativa. A septima, que seja verdadeiro e amador de verdade, e fugidor da mentira, e de boa disposiçom em custumes, e de boa compreyssom, suave, e amoroso, e trautavel, e manso. A oytava, que seja sem constrangymento de gulla e gargantuyce, e bevedice em seu comer e bever, e sem çugidade de molher, e que se departa e tire dos jogos e deleitaçoões carnaaes. A novena he, que seja de grande coraçom, e amador de honra. A deicima he, que ouro e prata, e outros muytos acidentes cordiaaes deste mundo sejam delle desprezados, e quasi os repute por de nenhuũ vallor, e seu proposito e entençom todo seja em aquellas cousas que perteecem e convem aa real magestade, e ao seu regymento, e ame assy, pera guardar justiça, o arredado como o achegado. A undecyma he, que anteame e preze os justos e a justiça, e avorreça os malles e injurias e todallas ofensas, e de a cada huũ o que seu he, e socorra aos aflitos e apressados, e seja tirador da semrazom aquelles que sem causa padecem injurias e agravos, e nom faça em esto deferença entre os homeẽs, que Deos os enxalçou e criou iguaaes. A xij^a^, que seja de forte e perseverante proposito em aquellas cousas que sabe e entende que tem de fazer, e audaz e sem temor e myngua. A xiij^a^ he que saiba como se fazem as despezas, e nom lhe seja ascondido qualquer proveito que spere do negocio que a elle perteece, e nom seja cousa que os subdictos se possam delle querellar, nem fazer alguũ queexume, salvo em os casos suso dictos, scilicet, que perteeçam e aproveitem aa real magestade. A quarta decima he que nom seja pallavroso, nem avedor de arroydos, nem riiso, porque a temperança muyto val em o ho-

---

(1) Arte de contar, arithmetica. (R.)

mem; e leixesse de todo em todo devysar esto contra os homeẽs, e trautos, e benygnamente. A quinta decima he, que nom converse nem huse com aquelles que husam e se reprovam com o vynho, e a sua casa seja conhecida e manyfesta a todos; e seja pronto e intento buscar e saber novas dos homeẽs segundo lhe perteece; e saiba conselhar os subdictos, e correger e ẽmendar suas obras, conselhandoos, e removendo, e tirando suas symplezas em as cousas contrairas. Sabe ergo que Deos excelso nom creou creatura mais sabedor que o homem, nem ajuntou em creatura nenhũa o que pos em elle, e nom poderas achar em outra creatura, que anymal seja, custume que nom aches em o homem, e que delle participante nom seja e companheiro.

CAPITOLLO LI.

Da virtude da prudencia em special.

Sobre o que perteence aa virtude da prudencia, a mym parece que nom convem a persoas, que virtuosamente desejom vyver, creerse per seus coraçoões em qualquer estado por as grandes mudanças de seus sentimentos, porque huũ promete que he abastante jejũar tempo muy perlongado fora de geeral custume, e outro nom quer dar lugar que aguarde o comer ataa vespera sem tam grande pena que mostra nom seer pera soportar, e semelhante faz nas pellejas, obras, despezas, trabalhos do entender e do corpo, e as cousas contrairas de grande conta muytas vezes soporta muy vallentemente, e outras assas pequenas fora de razom o derrubam; e portanto cada huũ consiire suas obras que ja praticou, e as que fazem seus semelhantes, e assy veja o que pode fazer, e sobre tal fundamento se afirme, nom se atrevendo sandiamente por a largueza do seu coraçom, nem se aperte, recee, ou apreguyce por sua fraqueza e deleixamento, porque grande fundamento he da muy perfeita prudencia nom se reger per seus desejos e paixoões, mas per aquello que nosso boo entender demostra, ou per suficientes pessoas, quando convem, nos he conselhado.

E diz no livro do regymento dos Pryncypes, que por tres cousas perteece aos Rex e Senhores seer prudentes. Hũa he por

seerem verdadeiros regedores, e saberem a fym pela qual devem reger e guyar seu poboo, ca nom o sabendo nom poderiam reger avondosamente, e seriam semelhantes aaquel que tem o arco e haprestes para tirar, o qual nom veendo o synal nom tiraria dereitamente. Porem diz Aristotilles no livro sexto da moral fillosofia: Aquelles som prudentes que sabem reger sy e outros pera fym convynhavel; e pois que a fym he dos Rex seerem regedores, e esto elles nom podem fazer sem prudencia, necessariamente lhes convem seer prudentes; e em outra guysa seriam chamados Rex e Senhores, e nom o seriam verdadeiramente, semelhantes aos dynheiros dos contadores, que representam grande vallor, e per sy valem muy pouco. Outra cousa per que os Senhores devem seer prudentes he, por quanto aquelles que prudencia nom ham ligeiramente poeram sua bemaventurança nas riquezas, deleitos (1), e prazeres corporaaes, e leixarom as bondades das virtudes, e todo seu bem sera aver avondança dos beẽs dos sentidos, e pera comprir seu apetito fazerseam tiranos e roubadores do poboo. A terceira cousa que deve os Senhores demover a seer prudentes, he por seerem naturaaes Senhores e regedores; ca diz Aristotilles no primeiro livro da policia: Aquel que defallece no entendimento, e nom sabe reger sy mesmo, he naturalmente servo; aquel que tem prudencia, e sabe reger sy e os outros, naturalmente he Senhor. E esto nom soomente he verdade por o dizerem os fillosofos, mas ainda consiirando os regymentos naturaaes veemos os homeẽs seer Senhores das feeras por sua prudencia, e as molheres seer sogeitas aos baroões, porque falleceem em prudencia, e os moços naturalmente devem obedecer aos velhos, que ham mayor spe-

(1) *Deleito*, em lugar de deleite, que hoje dizemos; assim como *appetito*, em lugar d'appetite, que é mui frequente nos classicos, e ainda foi usado por Camões. (R.)

riencia das cousas e som mais prudentes. E por tanto, pois que os rex som naturaaes Senhores e regedores, perteecelhes muyto seer prudentes, e de boo entender, por tal que o nome e oficio e as obras que fezerem ajam outrossy perteecente concordança.

E no Pumar das virtudes se declara, que prudencia he muyto necessaria aos Pryncypes, segundo que diz Vegecio em no lyvro da cavallaria, antre todos nom he alguũ a que mais perteeça saber mais e melhores cousas que ao Pryncype, porque sua doutrina deve aproveitar a todos seus sujeitos. E Aristotilles no livro dos topicos diz: Nenhuũ deve descolher os moços guyadores dos exercitos guerreadores, porque cousa manyfesta he que nom som prudentes. Segundo que se lee em o livro octavo de Pollicrato, tres cousas som que fezerom os Romaãos vencedores das gentes, scilicet, sabedoria, exercicio, fe, sciencia de bem reger, exercicio das armas, e fe em manteendo o que prometiam, porque segundo se prova pellas defiinçoões da prudencia, prudencia he hũa sabedoria e sciencia per a qual o homem conhece ordenar, e em devyda fym encamynhar as cousas que ha de fazer; e por isso dizia Platom: Entom sera bemaventurado o mundo e a terra, quando os sabedores começassem de reynar, e os Rex de saber (1); o qual dicto de Platom nombra Boecio em o livro prymeiro da consollaçom da fillosofia, por taaes pallavras. E tu, dizia a fillosofia a Boecio (2), que a sentença de Platom per tua

---

(1) Deve na realidade gloriar-se a nação de ter possuido no xv° seculo um Principe, que em suas obras inculcava estas preciosas maximas do maior Philosopho da antiguidade. (S.)

(2) Boecio foi um dos autores encyclopedicos da Idade Media. Viveo no v° e vi° seculos da era christã. O livro d'este autor, citado pelo Senhor Dom Duarte, foi composto durante o tempo em que elle esteve preso em Pavia, sem auxilio algum de livros. Esta obra é de todas as d'este philosopho a mais estimada. A primeira edição das suas obras é a de Veneza de 1491. (S.)

boca muytas vezes louvaste, bemarentuvadas as cousas publicas se ellas forem regidas e governadas per sabedores, ou seos regedores dellas aqueecem seer sabedores. Leesse ainda no livro oitavo de Pollicrato: Os Romaãos Emperadores, e seus regedores e duques, nom me nembra que o bem pubrico nom fosse melhorado em quanto elles forom sabedores e leterados, e nom sey como aqueeceo ca logo como a virtude do saber em elles enfraqueeceo, logo enfermar começou a maão da cavallaria. E nom sem razom, porque sem sabedoria nom pode muyto durar o pryncipado; e porem diz de sy a Sabedoria aos oito capitullos (1) dos Proverbios: Per mym reynam os Rex e os Pryncypes sam Senhores. E certo destas autoridades bem se demostra que compre aos Pryncypes seer prudentes; e ainda se pode esto declarar per algũas razoões, das quaaes a primeira he esta. Aos Pryncipes compre de reger e encamynhar seu povo em ordenada e devyda fym, e esto faz a prudencia, ergo sem prudencia nom poderom reger, e per conseguynte nom poderam seer pryncipes. A segunda razom, diz Aristotilles em no livro das ethicas, aquelles que pensamos seer prudentes, que a sy e a outros podem encaminhar e proveer, pois certo aos Pryncipes convem muyto de imagynar e pensar boas cousas e proveitosas pera sy e pera os outros; pera sy, porque muytas cousas devem a muytos, e hamlhes de dar; pera os outros, porque devydo he ao Pryncipe, scilicet, a todos aproveitar, ergo a elles compre specialmente seer prudentes. A terceira razom he, prudencia he assy como huũ olho da alma, per o qual em todallas cousas per o Principe o povo deve seer encamynhado, ergo, se o Pryncipe carecer de tal olho, o poboo nom podera seer bem encamy-

---

(1) Isto é, capitulo oitavo, v° 15: « *Per me reges regnant et legum conditores justa » decernunt.* » (R.)

nhado nem bem governado; e desto se segue destruyçom do poboo; e destruydo o povo, destruydo he o pryncipado. A quarta razom he esta, assy se deve de haver o pryncipado ao poboo assy como o beesteiro se ha aa seeta, pois certo assy se ha o beesteiro que nom pode encamynhar a seeta ao fito senom que o veja, ergo o Pryncipe nom pode encamynhar o poboo a boa fym nom conhecendo a fym; e a fym se nom pode conhecer sem prudencia, ergo compre ao Pryncipe seer prudente. A quynta razom e derradeira, a saude do poboo he saude do Pryncipe, e o Pryncipe deve muyto de amar sua saude, e tal amor nom pode seer sem prudencia, ergo compre ao Pryncipe seer prudente.

CAPITOLLO LII.

Que cousas perteecem aos Rex e outros Senhores pera seerem prudentes, e por que modo o podem seer.

Visto quanto compre aos Senhores, e aos que teem regymento, seerem avondosos em prudencia, seguense as cousas que lhe perteecem pera o seerem com a graça de Deos, e por que modo se podem fazer prudentes, nom declarando que he prudencia segundo as desvairadas defiinçoões, entençoões dos sabedores, que dellas fallom, porque perteecem mais a saber de leterados que aos que som da maneira de nosso vyver.

Naquel livro do regimento dos Pryncipes se declara, que todo Rey e Duque que perfeitamente quer aver prudencia, deve aver as propriedades da dicta virtude, as quaaes som oito, scilicet: renembrança das cousas passadas, ca diz Aristotilles no 2° livro da reictorica, que nos feitos que os homeẽs fazem per sua voontade, a mayor parte dos que ham de seer som semelhantes aos que ja forom. Outrossy deve aver avysamento, magynando o que ha dacontecer, e per que maneiras mais asynha avera seu proposito; deve ainda de seer entendido e sabedor, que saiba lex e custumes, e reglas de dereita razom, as quaaes lhes sejam pryncipios e fundamentos de que proceda em seus feitos; e perteecelhe de seer razoavel, para magynar quaaes camynhos e modos pode tirar daquellas reglas pera aver o que deseja. Com-

prelhe outrossy aver sotilleza, pera seer achador de beẽs que som compridoiros ao seu poboo; e por quanto huũ homem nom pode tam magynativo seer, que todallas cousas proveitosas aas suas gentes per sy possa cuydar, convem a todo Senhor que benignamente ouça os conselhos dos sabedores e dos baroões, dos fidalgos e dos antiigos, e daquelles que amam o reyno e o Senhorio. E porque as gentes muytas ham condiçoões desvairadas, e per desvairados modos devem seer regidas, he necessario ao Senhor aver muytas sperieneias de conhecer o seu povo pera o saber melhor reger, e ordenar aa fym que ha daver.

A pestumeira propriedade que ha daver, he que seja sages, porque assy como nas sciencias per vezes se ajuntam as falsidades, e pensa homem (1) que todo he verdade, assy nos feitos e obras, que homem ha de fazer aos poboos, se ajuntam os maaos e parecem boos, e nom o som, e por tanto compre ao Senhor seer sages pera estremar o mal do bem, e dereitamente reger sua gente, avendo renembrança e avisamento e sabedoria, seendo razoavel que dhũa razom tire outra, segundo for compridoiro, e aja fortelleza dentendymento, e receba bem os conselhos, filhe muytas speriencias, e seja sages em suas obras, e per tal maneira podera verdadeiramente seer prudente.

Convem aos Senhores, por tal que ajam prudencia, despenderem a mayor parte de sua vyda em cuydados proveitosos aos seus senhoryos, filhando porem em tal guysa as recliaçoões corporaaes, que nam sejom por ello embargados no regymento natural; e prymeiramente devem magynar os tempos passados, e trabalharse que o seu tempo seja semelhavel aaquel em que os reynos e senhorios forom melhor e mais seguramente regidos, que assy como os sabedores proveitom no que screve-

(1) Vej. o que dissemos em a nota de pag. 268.

rom os leterados antiigos, assy proveitam os regedores, consiirando per que maneira regerom os seus antecessores, e em estes filharom renembrança. Devem ainda magynar os proveitos que podem viir aas suas terras, e os malles que se lhes podem seguyr, e assy averem avysamento pera se poder guardar do mal e mais tostemente aver o bem. Outrossy devem consiirar os boos custumes, e boas lex; e convemlhes ameude cuydar per que guysa segundo taaes lex regerom o seu poboo, e fazendo esto serom razoavees, e avendo tal husança fazerseam prudentes. E sobre todas estas cousas muyto perteece aos Senhores averem boas voontades, porque a mallicia faz maao juyzo, e a voontade malliciosa julga as boas cousas por maas, e as maas por boas, segundo que faz aquel que tem o gosto corrupto, ao qual a cousa doce parece amargosa; e esta bondade da voontade he muyto necessaria a qualquer regedor, e sem ella nom pode seer prudente. E por esto diz Aristotilles no sexto livro da moral fillosofia, que impossyvel cousa he o prudente seer nom boo.

CAPITOLLO LIII.

Doutros speciaaes avysamentos sobre a prudencia.

Querendo sobre a virtude da prudencia dar alguũs outros speciaaes avysamentos, me pareceo sobejo, e presunçom pera mym pouco perteecente; mas consiirando que principalmente screvo pera vos, e outras pessoas de corte, do que tenho scripto e adyante se dira, com o que ao presente se corre, vos declaro estas cousas adiante scriptas por mayor enformaçom, passando per todo sumariamente.

Por a grande excellencia della geeralmente percalçamos, com a graça do Senhor Deos, as cinquo fiins, no começo deste trautado declaradas, scilicet: pryncipal, per guardar sempre bem a conciencia, pera na fim de nossos dias irmos a eternal gloria; segunda, bem manteer e acrecentar nossa honra e boo stado; terceira, contynuadamente vyver em boa disposiçom de saude; quarta, governar a casa e fazenda bem e proveitosamente; quynta, vyver sempre em razoado boo prazer e contentamento. E no capitullo do entendymento, que desto falla, sam declarados alguũs medios pera viir a estas fiins, mas nom embargando que a prudencia de cada huũ de nos nom seja bastante pera cobrar, nem manteer qualquer dellas per nossa propria virtude, sem special graça de Nosso Senhor, a regla dicta da razom quanto em nos for nunca deve seer leixada, onestamente vy-

vendo, a outrem nom empeecendo, e dando a cada hũa cousa o que seu he. E quando assy fezermos sobre alguũ feito, leixemos a Nosso Senhor o que for aalem do nosso poder e saber, ca daquella guysa que nossa razom e discreçom nom devemos presumir que he abastante pera per ella sollamente alguũ pryncipal bem percalçarmos; e assy nunca devemos leixar de obrar com ella, ataa onde mais e melhor obrar podermos, porque grande mal e peccado he nom curarmos daquella estremada virtude, per que o Senhor Deos de todas outras criaturas deste mundo nos ha estremado em vantagem e melhoria. E nom devemos leixar nossos feitos aa fortuna por seguyr voontade, e vyver bestialmente, ou por maas artes e meestrias, ainda que dellas por huũ tempo nos achemos ajudados, e sygamos nom justamente nossas vantageẽs, porque he contrairo da nossa sancta fe e virtuosa teençom, mas o boo catholico deve filhar as bemaventuranças e aversydades presentes per cousas meaãs, as quaaes veem a cada huũ como praz a Nosso Senhor per tantos segredos que se nom podem entender nem julgar, as quaaes aos que verdadeiramente o amam, e ham proposito de virtuosamente vyver, todas se tornam em bem na presente vyda ou que speramos, e naquesta hũas vezes logo conhecidamente, e outras tanto longe que poucos o consiiram; porem sem duvyda convem creer que o seu justo juyzo nunca pode fallecer.

Contra os que aa ventura, costellaçom de pranetas, encomendam e leixam seus feitos, eu lhes digo que se bem consiirarem, que todo vem de Nosso Senhor; ca se disserem, tal homem he bem squeençado em guerra porque ouve boo nacymento, e as planetas lho autorgarom com ajuda de sua naçom, lynhagem, boa husança, e per outros speciaaes segredos da fortuna que se nom podem bem percalçar, o qual vyve mal e nom he em al virtuoso como foy Anybal, e outros assaz de que ao presente

som em renembrança assaz de enxempros, e porem a taaes nom podia este bem seer outorgado, que o percalçam sem prudencia nem virtude. A esto respondo, que nom contradigo viirem estes beẽs aos semelhantes, pois som cousas meaãs que a boõs e a maaos podem viir, mas todo vem per ordenança ou per juyzo daquel Senhor que diz : Sem mym cousa nom podees fazer, e que os passaros na praça se nom vendiam sem nosso Padre que he nos ceeos (1); mas esto lhes leixa viir a alguũs per gallardom de certos beẽs e virtudes speciaaes que ha em elles, de seerem verdadeiros, mysericordiosos, castos, e semelhantes, as quaaes nom podendo ficar sem gallardom na presente vyda, per taaes beẽs finalmente o recebem; outros leixa levantar por receberem maa e desonrada fym, por tal que nom se ponha em semelhantes cousas nossa principal bemaventurança, como se diz no regymento dos Pryncipes, que se nom deve poer em al senom em o bem das virtudes; nem as aversidades filhemos por mal pryncipal, segundo Seneca no trautado da provydencia dyvyna muy compridamente prova e declara, e assy na sexta collaçom sobre a morte dos Sanctos.

E porem sobresto que he dicto e adiante se dira, som de filhar estas conclusoões. Prymeira, que todas cousas que nos venham som per ordenaçom de Nosso Senhor Deos, que muy dereitamente sempre da bem aos boos e virtuosos, ou ainda que pareça viirlhe mal, que todo se torna em melhor na presente vyda, ou que speramos. Segunda, que ataa onde abranger nossa discreçom, com boo conselho e avysamento das pessoas a que perteece, em cada huũ feito nunca leixemos com sandyce, pregyça, e seguymento de virtude, nossos feitos aa fortuna, nem spere-

(1) *Sine me nihil potestis facere*, S. João, XV, 5. *Nonne quinque passeres veneunt dipondio, et unus ex illis non est in oblivione coram Deo?* S. Lucas, XII, 6. (R.)

mos que myracullosamente Deos nos ajude, o qual nos mandou vygyar, seer avysados bem, e prudentes. Terceira, que nunca pensemos seermos bastantes pera viir per nosso saber e poder sollamente a perfeiçom de alguũ grande bem; e quando nos veher, nom a nos mas ao Senhor demos gloria. Quarta, que, quando fezermos em qualquer cousa o melhor que podermos entender, com grande paciencya e boo esforço soframos o que nos contrairo parecer, que nos vem per ordenança de Nosso Senhor Deos, ẽmendando nossos fallycymentos, pedindolhe mercee e piedade, conhecendo nossa fraqueza e sua excellencia. Quinta, que devemos saber e bem conhecer as proprias virtudes e pecados, e os aazos per que podemos com a graça do Senhor as virtudes mais ligeiramente seguyr e aver, ou nos pecados e outros erros cayr, e mal delles nos guardar; e avydo tal conhecymento, seguyr o melhor, porque a prudencia pryncipalmente esta em bem e virtuosamente sempre obrar, mais que entender nem razoar. Sexta, que saibamos que o possuyr das virtudes he verdadeiro bem, e o estar, e acabar em mortal pecado he acabado mal; e que todas outras cousas som meaãs, dellas mais inclinadas aa parte do bem, e outras ao contrairo em cada huũ estado pera a vyda presente e que speramos. Seytema, que sejamos bem avysados, provystos e percebidos pera os casos contrairos com boa duvyda e receo delles, avendo no coraçom razoada segurança, como fazia aquel Sancto Condestable, que na paz e todo assessego era tam avysado e bem provisto como se fosse em tempo de grande necessydade; e aquesto fazia por trez razoões : primeira, por nom seer achado despercebido em alguũs acertamentos nom pensados; segunda, por trazer os seus bem custumados a sofrerem trabalhos em o vellar, roldar, cavalgarem muy ameude com as lanças na maão, e cotas vestidas, e semelhantes, e quando tal caso vehesse, melhor o sopor-

tarem; terceira, por nom fazer por pequenas cousas mostrança de novo receo por se querer pera ellas perceber. E antre as muytas vyrtudes, que ouve este virtuoso conde, desta foy sempre tam louvado, que era tam circonspecto em todo que houvesse de fazer, que nom podia com razom em myngua davysamento e boo percebymento seer com dereito e verdade prasmado; e com todo tal avysamento, e receo do que acontecerlhe podia, era nos medos e pellejas tam seguro e sem temor pera soportar e cometer, que outro mais nom poderia seer achado.

E porque husamos destes nomes, que huũs por outros muytas vezes se dizem, scilicet, avysado, percebido, provysto, e circonspecto, vos farei declaraçom de suas deferenças, por o que dello vy, e me razom parece, consiirando no que pratycamos, e força dos vocabullos; e de tal conhecymento aalem da ensynança do razoado fallar, se deve seguyr proveyto pera sabermos como de todo esto convem bem usar aos que teverem a vyrtude da prudencia. Avysamento he de duas guysas, hũa nas cousas que veem darrevato e acontecymento, outra de nos outrem avysar, ou por nos pensarmos pera nos guardar dos contrairos que nos possam viir, ou percalçar os beẽs que desejamos. Percebymento, quando teemos prestes e bem aparelhadas aquellas cousas de que nos entendemos servyr, defender, aproveitar e honrar. Provymento, he quando se bem provee o que ja tem vysto ou sabydo, pera o melhor saber, ordenar, dar a execuçom per obra ou pallavra. Circonspecto, he pallavra latynada, pouco custumada em nossa lynguagem, a qual se diz em logar destas todas tres, e ha se por muy pryncipal parte da provydencia, porque per esta virtude se renembram no tempo que perteecem as cousas passadas, e se ha boa consiiraçom nas presentes, e proviimento pera as que som por viir. Ainda perteece a esta vir-

tude sagesmente sospeitar o que se faz ascondidamente, e devinhar per lume de sotil entender, e boa pratica das cousas, o que adiante dos feitos speciaaes se ha de seguyr. Esto vy fazer a El-Rey meu Senhor, cuja alma Deos aja, muyto davantagem em cousas, que os mais julgavom por começo daversydade, determynar que veriam a boa fym, e outras ao contrairo, e adiante as mais vezes sempre era como el dezia. E nom embargando que sobre tal adevynhar nom se aja de fazer certo fundamento, muyto porem respondem os feitos como julgam os discretos, praticos e bem entendidos.

Por quanto se diz nos conselhos d'Aristotilles de secretis secretorum, que per conselhos destrollogos avemos de fazer todos nossos feitos, porque he grande prudencia, e em esto me parece que devemos estar a determynaçom da Sancta Madre Igreja, e onde ella outorgar, e nom contradysserem seus conselhos, ao que pertecce a nosso boo estado, nom devem em todo seer desprezados; mas onde a Igreja o contrairo mandar, a Nosso Senhor, que he sobre todos estrollogos, e melhor sabe scolher os tempos e horas, devemos todos nossos feitos comendar, nam desobedecendo a el por obedecer nem seguyr outro conselho destrollogos, nem dos que pera outras artes ou sonhos adevynham, nem voontade que nos faz sospeitar o que sera, mas onde nom for defeso bem se podem guardar algũas speriencias speciaaes, que cada huũ acha certas, nom lhe dando por ello grande fe, conhecendo que som taaes cousas em que ha muytas bulras e poucas verdades (1).

---

(1) Por este passo nos mostra este Principe a sua sabedoria e madureza, e o quanto era superior a muitos Monarcas que vivêrão em seculos mais illustrados, como por exemplo o infeliz Carlos I da Inglaterra, posto que posterior de mais de dous seculos ao Senhor D. Duarte. (S.)

Posto que per mym nom possam seer declaradas todallas partes que perteecem aa prudencia, como aquella que he virtude do intindymento regedor das virtudes moraaes, pella qual se fazem as obras segundo os modos achados e julgados, ajuntados das reglas geeraaes aos actos particulares, a qual procede da ordenança de boa voontade; porende estas speciaaes toco, que muyto convem conhecer e bem saber as cousas que som mandadas, encomendadas, conselhadas, e se dam a entender. E quanto ao prymeiro, os preceptos nos som mandados, e os pecados defesos; e desto nom podemos sayr sem mortal culpa se nom ouvermos certas scusas per derecto aprovadas, assy como matar per justiça em nossa defensam, ou guerra justa, e semelhantes. Do segundo, as obras de piedade nom som encomendadas, as quaaes sempre merecemos em nas cumpryr, e poucas vezes a culpa mortal nos obrygam, assy como nom acorrendo a nossos prooximos em caso de grande necessydade. Do terceiro, o Senhor da por conselho que vendamos o que havemos e o sygamos; e esto nom se compriindo a nenguem obryga, mas em specyal a quem o fezer per maneira e teençom qual deve, he camynho de grande perfeiçom. Do quarto se screve que preguntado Nosso Senhor per seus dicipullos se era bem casar, sentindo nossa fraqueza, e des y como se todos guardassem virgyndade, ou de todo castidade, o mundo se acabaria, nom quyz mandar, encomendar, conselhar, mas deu a entender, que pera percalçar o reyno dos ceeos alguũs de todo podiam leixar a obra do casamento. Esto me parece que deve ser per prudencia bem consiirado, pera conhecermos a que somos obrigados, quanto, e como, ca scripto he no livro das collaçoões, que as cousas que som encomendadas e nom mandadas, se se fazem aproveitam, se se leixam algũas vezes nom condanam, e menos

as que som conselhadas, ou se dam a entender, e esto do que perteece ao spiritual; e quanto aa presente vyda, cada huũ consiire quem manda, encomenda, conselha, roga ou da bem a entender, e assy obedeça e siga como vir que compre, e melhor he de fazer, segundo for o feito, e consiirando seu estado e dos outros, contra quem ou por quem ha dobrar.

CAPITOLLO LIIII.

Das razoões por que me parece bem fugir aa pestellença.

Porque vy muytos fallar se era bem fugyr aa pestellença teendo desvairadas teençoões, afirmando cada huũ seer a sua melhor, vos screvo o que dello me parece.

Os que teem, que he bem nom lhe fugyr, dam estas razoões. Prymeira, que ao poder de Nosso Senhor nom se podem sconder, como se screve, se sobir ao ceeo la es, e se ao perfundo per seu poderio presente estas; assy que alguũ delle nom se pode asconder, porem nom convem fugyr aa pestellença, que per seu special poderio vem e leva quaaes lhes praz, e leixa os que manda. Segunda, dizem que se vyssem de que, fugiriam como de huũ homem e besta que o matar quyzesse, e do mar, fogo, e outros contrairos conhecidos, mas que della nom veem de que ajom de fugyr. Terceira, mostram se todos fogyssem, o mundo se perderia, porque as cidades e vyllas seriam despobradas de todo, e as herdades nom se aproveitariam, e porem he bem nom fugyr, e aguardar a mercee de Nosso Senhor. Quarta, filham per fundamento que a outra cousa nom somos mais theudos que a comprir as obras da mysericordia, pois como as compriremos em tal tempo que tanto compre pera vysytar enfermos, soterrar mortos, consollar os desconsollados, se nos de

tal lugar partirmos? E assy per taaes vazoões, e semelhantes, afirmam que nom he bem de fugyr.

Aas quaaes eu respondo segundo melhor me parece, por que som per requerimento da voontade, e per razom, muyto inclinado a seguyr o conselho dos fisicos, de lhe fogyr cedo, longe, e tornar tarde. E quanto aa prymeira digo, que nom fujo ao poderio de Nosso Senhor, ante me acouto a el, dando-lhe graças por me fazer homem razoado, conhecedor das cousas contrairas e proveitosas, aalem do que fazem as brutas anymalyas; e regendome per o lume do intendymento, que me el deu, sygo aquello que melhor me parece pera conservaçom da mynha vyda em toda cousa que a seu serviço ou manyfesta mynha honra nom seja contraira, nom avendo pryncypal esforço em meu saber e poder mas em el, per cujo dom conheço aquello que por mal e contrairo me faz conhecer, e me da maneira pera del me guardar, nom o tentando que spere que myracullosamente, e contra curso natural, mym e os meus aja de guardar, ou symprezmente como besta aguarde o contrairo que vejo nos outros, como se nom conhecesse que era doença special em hũa terra mais que em outra, e contagiosa que per participaçom se apega. E assy concludyndo sobre esta parte digo, que nom fujo ao poder de Nosso Senhor, mas huso daquel juyzo que el me deu, o qual me demostra seer bem quando razoadamente fazello poder, e muy evydente sympleza parece fazerem todos fugyr com os gaados dos que andam de pestellença doentes, a os homeẽs que o bem fazer podem em sy e nos que som de sa casa nom busar de semelhante remedio por todos sabedores avydo por mais certamente aprovado. Aa segunda razom respondo, que pera os homeẽs assy he vysto o que per entender percalçamos, como se per os olhos corporaaes fosse visto; e porem como dos logares em que veemos no veraão adoecer de malleitas nos

guardamos, posto que per vysta nom enxerguemos donde tal mal procede, muyto mais da pestellença o devemos fazer, que he muyto mais perigosa infirmydade. A razom terceira nom val, porque muytos conselhos som boos e de louvar, specialmente que ao bem geeral da governança do mundo trazeriam grande empeecimento, como he da guarda da castidade e virgiindade; porque se todos fossem virgeēs, o mundo em menos de cento annos faria fym. E se vendessem quanto tevessem, e nom huzassem possuyr herdade, nem outra possessom em special, nem comuũ, o mundo mal se governaria; porem se dam em special taaes conselhos pera enduzer ao que he avydo por mais seguro camynho pera salvamento das almas daquelles que o quyserem, podem e souberem realmente seguyr, mas he certo que todos nom o seguyrom. E semelhante se conselha o fugyr da pestellença, por saude corporal, e guarda da vyda quanto em nos for, por seer proveito pera este caso geeralmente dos que dello bem husarem com a graça de Nosso Senhor, ao qual praz que poendo em el nossa pryncypal sperança nos ajudemos daquella prudencia e discreçom quanto mais bem podermos. A quarta, destingo das pessoas, porque taaes som que devem aguardar, assy como confessores, e os que teem curas das almas, e porque pera aquello pryncipalmente lhes som dadas suas rendas; e como convem ao cavalleiro sofrer os periigos das pellejas, assy aquelles da pestellença, se nom buscarem outros que per seu grado de seus encarregos os relevem per boo e suficiente contentamento que lhes façom. E os outros que per acontecymentos speciaaes nom forem occupados em alguũ tal carrego mais obra de mysericordia farom em guardar, quanto em elles for, sy de morte. E os de sas casas, que por pouco entender, pryguyça, sensa, ou desejo doutras voontades, que bem se devyam scusar, estarem onde andar a pestellença. E os que

teem regimento das cidades e villas, por seusar quanto mal della se recrece, grande bem he mandar alguũs curar fora dellas, e assy os enterrar quando della morrerem, fechando as casas por XV ou XX dias, ca veemos cortar ou queymar huũ membro mal desposto, por nom se perder per sa contagiom o corpo todo. Em mayor provaçom desta mynha teençom veemos que, seendo dicto a Nosso Senhor que do pynacullo abaixo se lançasse, respondeo que era scripto, que nom tentaras teu Deos; e que al he tentar Deos senom escolhermos aquella mais segura parte que nosso entender nos demostra? ou provarmos outra, teendo sandeu esforço em sua sperança, no caso que per necessidade nom somos costrangydos de o assy fazer? E grande myngua de boo saber seria passar per huũ vaao ou em hũa barca onde cada dia muytos morrem, e leixar outra que passom meses que alguũ nom se perde; pois tal he dos logares das pestellenças onde continuadamente muytos morrem arrespeito dos semelhantes que som de saude, porem sandice he sem special necessydade estar onde ella andar. E aos dicipullos disse Nosso Senhor, quando vos proseguyrem em hũa cidade fugii pera a outra; pois assaz he grande perseguyçom veer cada huũ dia morrer e adoecer outros homeẽs assy como nos, sperando que semelhante de nos e dos nossos se faça, ca scripto he, derradeiro dos temores he a morte; pois se a outras persiguyçoões o Senhor seus dicypullos mandava fugyr, como nom se conhece que semelhante conselho em este caso he bem todos filharmos? E Nosso Senhor, e sua muy Sancta Madre nom mandou fugyr quando Erodes mandou que os moços inocentes matassem? Emvyando sua ira sobre as cidades de Sodoma e Gomorra mandou a Lot que fugysse, como nom pensara cada huũ que o Senhor, como piedoso Padre, lhe da proveitoso conselho, quando tal infirmydade ha em alguũ logar, elle acorda de fugyr pera

outro saão, segundo pellos fisicos he conselhado, ca per as infirmydades seus conselhos mais que dos confessores he de seguyr em todo caso que sem pecado se pode fazer?

Veemos que per a Igreja seer defeso que certos meses sem special caso de necessydade nom entre no mar, pois assy he nosso Senhor poderoso de guardar de tal perigoo como da pestellença, mas quer que per os homeẽs, vencidos per seus sandeus desejos nom se desponham a conhecydos perigoos, quando bem scusar se pode. E assy mandar fastar os gafos por seer doença contagyosa que dhuũ a outro se pega; pois qual mais que esta door, de que cada huũ dia veemos tam claros enxempros? E porem ainda que nom se mande, porque per todos o nom podem compryr, por taaes enxempros bem se demostra o que os prudentes devem em tal caso sempre fazer; e os dereitos dam logar que nom vaão, posto que citados sejam, a logar onde for pestellença, e que se nom possa contra elles gaançar revelia.

Nem se crea sobresto conselho de frades nem de clerigos, porque forom costumados estarem em ellas, e aver dellas muytos temporaaes proveitos; e assy como natureza teem ja nom as temer, porque os que dellas scaparom gaançarom per afeiçom do proveito, e fallar dos semelhantes, com que forom criados, grande atrevymento pera estarem em ellas, como fazem muytos outros em assas perigosos casos, onde ham grande proveito, que o medo pouco sentem; nom digo que esto conselham com mallycia, mas por seguyrem a teençom em que forom criados e governados mais proveitosamente naquelles tempos que nos outros. E os que morrerom em ellas ja nom podem declarar quanta sandyce he nom lhe fugyr, se o podem bem fazer.

Porem concludindo digo, que onde nom leixam por lhe fugir manyfestamente o servyço de Nosso Senhor Deos que

allhur (1), nem despois nom vejom maneira de o poderem refazer, ou cayrom em tal myngua que claramente seja muyto verdadeira desonra, como fez ElRey Nosso Senhor quando el sofreo, e quys que eu e meus irmaãos o Ifánte Dom Pedro, e Dom Henrique, e o Conde de Barcellos, sofressemos na fylhada de Cepta assaz muy grande pestellença, o qual sempre muyto custumava de lhe fugyr, que todavya bem que he se fastem della; e assy em semelhantes casos, ou per mandado de seu Senhor, ou por nom perder de todo sua fazenda, razom me parece estar em ella, e a todos outros tenho por grande prudencia tirarse della como dicto he.

Nem se crea que sempre vem a pestellença per special sentença do Senhor Deos; ca certamente conhecem que he semelhante aas speciaaes mortes que vem aas vezes per sentença, e as outras natural per acontecymento, ca della declarom que vem geeralmente per quatro guysas: primeira, por special sentença do Senhor Deos, como se fez a elrey David quando contou o povo, e semelhantes; segunda, por geeral costellaçom, como foy a pestellença grande que ante per muyto tempo dos estrollogos foy prenosticada; terceira, per corrupçom dauguas, e semelhantes, como se faz em Veneza, e Roma, mais dos veraãos; quarta, per apegamento, como geeralmente em esta terra mais se custuma. Porem ainda que em este, e todo outro caso, compre

---

(1) Este adverbio veio-nos do antigo dialecto galliziano, mudados os dous *ll* na prolação *lh*, que é peculiar á nossa lingua. No Cancioneiro de Lord Stuart encontrão-se muitos exemplos, de que daremos sómente os seguintes:

« E dizedeme en que uos fiz pesar.
» Porque miassi mandades ir morrer.
» Ca me mandades ir *allur* uiuer.
» E pois meu for e me sen uos achar
» Señor fremosa que farei enton. »

« Pois meu de uos a partir ei
» Creede que non a en min.
» Senom mort ou ensandecer.
» Pois meu de uos a partir
» E ir *allur* sen uos uiuer. »

Canc. de C. Stuart, fol. 55 v°, e 95. (R.)

muyto de nos tornarmos pera Nosso Senhor Deos, que nos guarde sempre de mal, nunca porem devemos leixar a regla da discreçom quanto em nos for, filhando enxempro do que fazem os que som avydos por discretos e sesudos, de que per a graça do Senhor Deos se bem acham; e pois per todos outros senhorios lhe fogem, o Padre Sancto e Cardeaaes, e mayores e somenos que o bem podem fazer, assy o deve fazer se yr quem bem poder. E graças a Deos per speriencia de mynha corte bem se pode conhecer quanto he bem de se fastar della, porque muytas vezes seram em ella tres myl pessoas, e que a pestellença seja huũ anno per meus reynos, nom morrerom della tres homeẽs por teer custume de lhe fugyr sem tardança; e como se pensaria sem specyal myllagre, do qual nom devemos tentar Nosso Senhor, que se atendessemos (1) onde andasse, que grande parte della nom morressem. Por ende, pois razom, autoridade, enxempros, e aprovada experiencia esto demostra, por sem discreçom e perfioso deve seer contado quem tal teençom contradisser, ou a seu poder assy o nom comprir, e quando for necessario estar em ella se nom proveerem de todos boos conselhos e avysamentos medicinaaes, que cada huũ poder, e nom se leixarem aa fortuna como pessoas em que nom ha entender nem discreçom; ca, posto que aa morte nom possamos fugyr, todos porem quanto em nos for, com a graça de Nosso Senhor Deos, della nos devemos arredar, consiirando quanto he avydo por grande pecado seer cada huũ matador de sy medes, do qual nom he muyto afastado quem de semelhante doença se nom guarda quanto em el he, segundo a desposiçom que tem pera o bem fazer.

---

(1) Veja-se a nota 1 de pag. 139.

CAPITOLLO LV.

Dalgũas mais cousas necessarias pera trazer nossos feitos a devyda fym, percalçando boo nome de prudente.

Muy necessario convem ao prudente, pera trazer a devyda fym qualquer boa e grande obra partycular, que aja della certa speryencia e pratica, segundo requere o estado, ydade, desposiçom, carrego ou oficio, sem a qual a geeral prudencia pera bem fazer o que nos convem nom abasta. Ca se alguũ nom praticou os feitos da guerra, como sem speriencia logo certamente sabera como ella se ha daver? E no mar quem podera, ainda que seja geeralmente prudente, saber reger um navio em tempo de fortuna (1), e doutras necessydades se o nom pratycou? E assy nas semelhantes cousas, porque convem dar autoridade aos que teem grandes e muytas speriencias, em que bem se governarom, e veherom a boa fym de seus feitos, e quererem aver seus conselhos e avysamentos. E assy bem he necessario o que prudente quer seer, e por tal o conhecerem, que saiba bem conversar com os homeẽs de qualquer estado, guardando seu geito, contenença, feitos, e pallavras que sempre mostrem boa e reverenda autoridade, e que he virtuoso e de

---

(1) Esta passagem confirma a opinião, que já emittimos, de que o vocabulo *fortuna* tinha tambem a significação de *borrasca*, *tempestade*, entre os nossos antigos. Vej. a nota 3 de pag. 85. (R.)

muyto boo saber. Nem abasta todo esto suso scripto pera trazer qualquer cousa ao que desejamos, porque mais perfeitamente sereemos julgados por prudentes se per mysericordia e graça do Senhor Deos nom ouvermos em ella boa ventuira; ca cessando todollos aazos, e acontecymentos grandes e pequenos, per que os feitos veem a boa conclusom, ou contraira, sobre nosso saber e poder, quem nom veera quanto boo avyamento ou desvairo se recebe nos grandes feitos per mudanças de tempos, enfermydades, e mortes nas partes proprias ou contrairas? O que per nossa prudencia nom poderemos bem quanto he necessario remediar, e porem se deve conhecer quanto em esto e muytas outras partes os feitos som sugeytos a ella; mas esta vem per ordenança ou consentymento do Senhor Deos, tam dereito juyz que a cada huũ da segundo seus merecymentos, e muytas vezes per taaes segredos de que se maravilhava o Apostollo, dizendo: Oo alteza de sciencia e sabedoria de Deos, quanto nos som comprendidos (1) os teus juyzos, e as tuas carreiras se nom podem escodrynhar!

E sobresto se recrece hũa questom, dyzendo alguũs: pois as cousas som todas sojeitas aa fortuna, a que val a prudencia, nem discretamente se governar em nossos feytos? Aos quaaes respondo, que muytos som enganados per o pouco conhecymento, e sua presunçom, creendo porque se governam bem na geeral maneira de seu vyver que assy o fazem naquella special em que a fortuna lhes parece seer contraria; e desto quem bem o consiira vee muytas vezes o contrairo, ca muytos, que pare-

---

(1) Assim se lê no Codice, mas temos que o Amanuense omittio aqui por descuido o *in* no começo do vocabulo, escrevendo *comprendidos* em lugar de *incomprendidos*, que é a verdadeira traducção do texto de São Paulo. « O altitudo divitiarum sapientiæ, » et scientiæ Dei: quam incomprehensibilia sunt judicia ejus, et investigabiles viæ » ejus! » Epist. aos Romanos, IX, 33. (R.)

cem de pouca prudencia, husam em certas cousas de muyto saber pera percalçar fama e boo nome em feytos darmas, aver riquezas, e governar seus corpos em boa saude; e outros que per sa contenença, fallar, geeral pratica, som julgados por sesudos, fallecem tanto em algũa das dictas cousas, que a sy medes mais que a fortuna devyam acusar, se verdadeiramente se consiirassem. E posto que todavya per ordenança do Senhor Deos muytas cousas venham per ella a grande perfeiçom, as mais vezes com os boos e virtuosos se acorda; e que assy nom seja, teem vantagem os que se governam per ellas, porque as boas ordenanças sabem melhor lograr e possuyr, e as aversydades soportar mais temperadamente, em tanto que delles se screve, se teem boo e dereito proposito que todallas cousas aos semelhantes se tornam em boa parte; porque com as bemandanças nom ensoberbecem, nem nas contrariedades se derrubam, mais he avydo em todas que por deestra e seestra mão se ha de tal guysa, que em cada hũa se faz vencedor como de Job se screve, e de Jacob no Egypto, e de muytos outros Sanctos e Cavalleiros, que muyto grande louvor percalçom em bem sofrer as aversydades nom os derribando, posto que as muyto sentam, ca diz Seneca no trautado da provydencia dyvyna, que aos que som virtuosos nom tyra sentir as cousas contrairas, mas nom se devem vencer a ellas pera fazer nem dizer o contrairo que a seu boo estado pertecce.

E assy concludyndo, pois de rasom a fortuna com os prudentes e virtuosos mais se deve acordar, e as cousas bem andantes melhor logram e possuem, e as contrairas soportam, grande bem he todos nos trabalhar pera vyver virtuosamente, seguindo em todo as regras da prudencia quanto mais podermos, nom nos desemparando aas voontades e paixoões desordenadas so falsa sperança de nom certa fortuna.

CAPITOLLO LVII.

Dalgũas outras speciaaes cousas per que muytos som julgados por prudentes, e nom husam della como devem.

Por quanto vejo per sperienclas muytos, julgados geeralmente que sõm prudentes, em algũas cousas particullares mal se governar, pensey de screver mais alguũs speciaaes avysamentos brevemente scriptos per consyraçom daquellas cynco fyns suso scriptas, que per tal virtude se devem percalçar.

Primeiro, quanto aa conciencia, errom muytos em a teer muyto larga ou apertada, ca scripto he que a muy larga geera presunçom e a apertada desasperaçom. A muyto larga muytas vezes diz bem do que he mal, e a muy estreita mal do que he bem; a muyto larga salva muytas cousas que devya condanar, e a estreita muyto dana quem devya ou podia salvar; porem assy convem guardar em esto prudencia que nom tressayamos (1) a cada hũa das partes sobejando ou mynguando.

Da honra quantos fallecem querendo cometer com grande voontade cousas mais poderosas que seu poder abrange, com desejo de grande nome e boa fama? E por nom guardarem aquel conselho : Cousas mais altas que ty nom buscaras, e as

---

(1) Além da significação que em a nota 1 de pag. 100 démos a este verbo, vêmos por esta passagem, e por outra que adiante se encontrará, que elle tambem tinha a de *passar alèm dos limites da moderação, exceder-se.* (R.)

mais fortes nom demandaras, caem atraz onde cuydavam avançar. E assy outros com apertamento do coraçom, e myngua de grande voontade, leixam passar muytas cousas em abatimento de seus estados e boo nome, ou nom percalçom o que de razom poderiam bem aver se guardassem em esto boa prudencia e discreçom, que lança fora as partes sobejas e mynguadas. E porque do bem reger da justiça se percalça honra e boo nome, quantos somos com sobeja piedade so fegura de virtude tornados, e outros per crueldade muyto avorrecidos? As casas e fazenda quanto maao regymento recebem por quererem satisfazer a todo que parece razom e obras piedosas, nom consiirando que outra nom he mays forte que fazer o que bem posso, porque se faço o que nom he bem de fazer, ou que nom se pode bem soportar, contra mym e todallas outras cousas mynhas erro, ca diz Seneca, algũas cousas nom som de começar, porque vyvendo virtuosamente se nom podem acabar nem contynuar. E outros com apertamento e temor da avareza a cousa de boo e seguro gaanço se nom atrevem despoer, corregymentos de casas, e gente segundo seu estado nom trazem. E todo esto quem o tempera senom prudencia? Nom consentiindo aver mayor piedade, empacho doutrem que de nos medes e dos que a nos som mais chegados; e por querer satisfazer a outrem nom demos aazo conhecido a destruyçom de nossa casa, que calladamente começa, e na fym parceiramente se publica. E contra esto aquel sancto condestabre, quando per aficados requerymentos lhe mostravom que era muyto obrigado, ou avya grande razom de fazer algũa cousa donde sentia que desgovernança de seu boo estado se podia seguyr, respondia, que todo o mundo era cheo de boa razom, mais que outra mais forte nom era que fazer cada huũ o que bem podia, porque mais nom devya. E dava conselho que sobresto cada huũ se aforasse de tal guysa, que todos conhecessem

que por afycamentos nom passava do razoado, e sem elles que compryria quanto podesse ho que vysse que era bem de fazer. E certamente eu vejo ao presente grandes mynguas no sobejo, mynguado por bem nom guardar estas regras; huũs por nom as entenderem, outros por o coraçom, que com empacho, piedade, custume ja se nom pode sofrer; porem nom he duvyda que com prudencia, boa pratica com a ajuda da boa ventura, per graça do Senhor Deos, toda cousa de honra, boo estado e fazenda pryncipalmente he bem regida.

Da saude e boa disposiçom quantas mudanças vemos em os que som avydos por sesudos? Ca huũs nom curam de fisicos ainda que doentes sejam, mas tudo leixam a Deos, tentandoo como nom devem, pois se nom ajudam da prudencia que nos elle outorgou; e outros aa ventuira governandosse per seu entender com algũas speriencias; e assy bestialmente acabam como se fossem fora de boa descripçom; e assy engordam aalem da razom, de tal guysa que como os homeẽs de sua hydade ja se nom podem ajudar. Outros sendo saãos sempre som doentes, porque tam acovardados vyvem que nom podem folgança tomar em cousa que façom com amendorentamento dalgũa infermydade que ja passarom, pensando seer esto grande prudencia. E destes por a mayor parte som sempre menos saãos, por quererem husar de meezinhas, purgas, sangrias, e tam estreytos regymentos, que sayndo delles convem que se syntom. E aquesto quem o tempera senom prudencia, fazendo a cadahuũ que se reja em cada tempo e disposiçom como convem?

Na parte do prazer se veera muyto mayor deferença antre aquelles que por sesudos som contados, ca huũs som muy sobejamente aalem do razoado custume ledos, filhando por conselho aquel dicto de Sallamom, que alegrarse e fazer bem, e comendo e folgando com seus amygos era a fym de todo ho-

mem (1); outros som tam soturnos, tristes, e asperos que com alguem nom podem conversar. E todo esto prudencia faz temperar, posto que per natural compreyssom e aazos alguũ estremo desejemos de teer. Porem consiirando esto veremos como cada huũ se rege em todas partes por prudencia e discreçom, e no que bem for de graças a Nosso Senhor Deos, de que todo bem recebemos; e seendo per o contrairo ẽmende com sua ajuda em seus fallycimentos. Porem diz Tullyo, posto que antre os homeẽs aja estas deferenças, se per ellas alguũ nom tressayr (2) em fazer erro ou pecado, nom leixara husar de prudencia, porque nom convem, nem pode seer que todos em ellas se ajam per hũa maneira, por o desvairo da compreyssom, hydade, mudança de tempos; e conversaçom. E da conselho que cada huũ se tenha naquel camynho, que per natureza e desposiçom sua e dos tempos mais for bem desposto, se a virtude nom for contraira, segundo bem declara no capitullo adiante scripto, tirado a maior parte del do livro que fez de oficiis. E grandes malles se recrecem aos que som theudos em conta de sesudos, de pryguyça do corpo e coraçom, e nom boo encamynhamento do cuydado, leixando sandiamente vaguejar ou se ocupar em cuydados e obras pouco perteecentes; e de filharem ryjo sentido das cousas contrairas, ou grande desejo do que pouco convem e se nom pode remediar, ca de tal cuydado ja nom vem al senom doer e lastimarse. E semelhante he em filharem sandia dellei-

---

(1) Salomão não disse formalmente estas palavras, mas no livro do Ecclesiastes se lê uma passagem que contém este pensamento, á qual allude ElRei Dom Duarte, e é a seguinte: « *Et cognovi quòd non esset melius nisi lætari, et facere bene in vita sua.* » Cap. III, vers. 12. (R.)

(2) Vej. a nota de pag. 314.

taçom em algũas cousas, com pecado, sem esperando (1) boa nem virtuosa fym.

Por todas estas cousas que scriptas som se pode consiirar outras sem conto, que a cada feito geeral e particular se recrecem, pera bem usar desta virtude da prudencia de que faço fym de mais screver, avendome por nom suficiente pera della trautar se dalguũs livros que della fallom, e per consiiraçom do bem obrar de pessoas virtuosas, com que tyve e tenbo boa conversaçom, pera ello nom fora bem ajudado; e grande parte do que sobresto screvo conheci consiirando meus fallycymentos, e doutros que per desvairadas maneiras em contra desta virtude fallecyam.

---

(1) Veja-se a nota de pag. 142.

CAPITOLLO LVII.

Dos speciaaes notados do livro de Tullyo de oficiis que aa prudencya perteecem.

Tullyo no livro de oficiis screve muytas e boas doutrinas sobre a prudencia, ca onde nos outros livros alguũs screverom suas definiçoões e deferenças, este della e doutras virtudes faz conhecer a pratica; porem dos seus muytos boos dictos alguũs em soma aqui fiz screver. El diz que a prymeira parte da honestydade he prudencia, a qual esta em conhecymento da verdade; e aquesto he assy junto a natureza a que os mais somos trazidos a percalçar conhecymento e ciencia das cousas, e avemos por fremosa levar em esto vantagem, e nom saber errar, de ligeiro seer enganado, dizemos que he torpe e maa, e naquesta virtude natural e honesta ha dous erros de que se devem guardar. Huũ he que aquello que nom soubermos nom ajamos por sabido, nem perfiosamente o afirmemos; e quem quyzer fugir a tal erro, e todos devemos querer, poera na consiiraçom das cousas tempo convinhavel e deligencia. Outro erro he que alguũs poem muy grande studo e grande trabalho por acalçar cousas scuras e graves, as quaaes lhes som pouco necessarias. E leixando estes dous erros, por todo trabalho e cuidado que posermos em conhecer as cousas dignas e honestas, com dereito seremos louvados, assy como ouvimos que o foy Gayo (1) Soplicio em Estronomya, e conhece-

(1) Caio Vej. a nota 2 de pag. 38.

mos Sexto Pompeo em Geometria, muytos em Logica, e alguũs em direito Cyvel, e todas estas artes perteecem ao trabalho dalcançar o conhecymento da verdade; empero por o estado dellas nom devemos deleixar as obras virtuosas, porque o louvor da virtude todo esta na obra, mas muyto ameude cessamos della, e muytos spaços podemos aver pera os estudos que a nossa magynaçom, que nunca pode estar queda, nos trazera estudos per cuydaçom, ainda que nom busquemos outro aazo pera ello. Mas todo nosso cuydado e movymento de nosso coraçom deve de seer ocupado em tomar conselho das cousas honestas, e que a nos perteecem, pera bem vivermos e bemaventuradamente, ou em estudos de sciencias e conhecymento da verdade. E diz, em outro capitullo, cada huũ homem deve seguyr aquellas cousas que lhe som proprias, com tanto que em ellas nom aja erro; e per esta maneira mais ligeiramente poderemos acalçar aquella fremosura que buscamos nas obras.

E devemos trabalhar que nunca contendamos contra a geeral natureza, mas guardando aquella sigamos a que a nos for propria, ainda que outras sejam melhores, e de moor autoridade, nos sempre mydyremos os estudos da nossa regla que nos deu a natureza, nem de trabalhar por aquello que nom podemos acalçar. E desto se declara quejanda he aquella fremosura das obras, e por esto segundo dizem nom perteece de fazermos cousa em nossa vyda a que a mynerva seja contraira, scilicet, a quem a natureza repune e embargue.

E de todallas cousas que som fremosas nom ha hi outra que o mais seja, que hũa igualdança de toda a vyda, e esso meesmo das obras syngullares. E quando nom podem guardar esta fremosura, e quyser seguyr a natureza dos outros, convem que percas a tua, que assy como na linguagem aquella devemos seguyr que nos bem sabemos, porque em querendo fallar a lin-

guagem grega, e tornandonos em ella com razom ficaremos scarnydos, e assy em nossas obras e em nossa vyda nom devemos de husar em desvairanças. E comtemplando estas cousas devemos trabalhar que cada huũ aja aquello que he seu, e a aquello se acustume, nom querendo provar como lhe conviiram as cousas albeas, e aquello principalmente he seu, cada huũ se trabalha de conhecer o seu engenho e força, fazendosse forte juiz e scoldrynhador dos seus erros e dos seus beẽs, em tal maneira que nom pareça que os albardaães (1) teem mais sabedoria que nos, porque elles nom se trabalham darremedar as estorias melhores, mas que lhe som mais convenyentes. Pois estas cousas taaes esguardara o albardam na zombaria, e nom as veera o homem sabedor em sua vyda, porem aquellas que a nos forem mais perteecentes, naquellas pryncypalmente trabalharemos, e se algũas vezes a necessydade nos tirar dellas, e nos lançar em cousas que nom sejam de nosso engenho, todo nosso cuydado e pensamento e deligencia poeremos, que se o nom fezermos tam fremosamente como devemos, que ao menos nom o façamos feamente. E nom devemos tanto trabalhar por seguyrmos os beẽs que nos som dados de natureza, como por fugirmos os seus erros, e todas estas cousas convem que abracemos com nosso coraçom e cuydado quando quysermos buscar a fremosura de cada hũa cousa.

E primeiramente devemos ordenar quaaes e quejandos nos queremos seer, e em que maneira de vyver, a qual determynaçom he peor de fazer que todallas outras, porque em começando

---

(1) Esta palavra era commum á lingua castelhana (*albardan*), em que hoje tambem é obsoleta, e em ambas significava, *bufão*, *chocarreiro*. (Vej. o Vocabulo de Sanchez.) Talvez que venha do latim *bardus*, com o accrescentamento do artigo arabe *al*, que se acha junto a outras muitas palavras que nada tem de arabes. (R.)

a mancebia, quando he mayor fraqueza do conselho, entom ordenou cadahuũ a maneira de sua vyda, segundo que lhe mais praz, e assy ante se despoõe a algũa certa maneira e encamynhamento de vyver que elle possa julgar qual he o mylhor. Na qual determinaçom todo conselho deve seer tornado aa natureza de cada huũ, porque se em cada hũa das cousas que fazemos, segundo a natureza de cada huũ, sguardamos o que lhe perteece, muyto devemos poer mais aficada femença na ordenança de toda nossa vyda que seja tal que em toda nossa duraçom nos seja proveitosa, e nom nos traga aazo de errarmos em aquellas cousas que devemos fazer.

Pera esto que dissemos convem que a nossa razom sguarde como he grande a força que tem a natureza, e des y a da fortuna quando quyser estremar a maneira em que a de vyver; mais pryncypalmente deve sguardar a da natureza, porque muyto he mais firme, e mais duradoira, como quer que algũas vezes pareça que a fortuna mortal pelleja com a natureza nom mortal. E quem per conselho determinado ordenar a sua vyda segundo requere a sua natureza, tenha em ello firmeza, porque aquesto he o que lhe pryncypalmente perteece, salvo se elle entender que errou na estremança da maneira de seu vyver. E se tal cousa aconceter, e pode acontecer, deve seer feita mudança nos custumes, e nas ordenanças que achar que nom som boas; e aquesta mudança, se os tempos ajudarem pera ello, mais de ligeiro e mais proveitosamente faremos, se a fezermos passo, e que seja pouco sentida, assy como em as amyzades, que trazem pouco prazer e pouco proveito, teem os sabedores que mais perteece de se passamente desfazer que darrevato seer cortada; e quando for mudada a ordenança da vyda, com toda razom nos trabalharemos que pareça que o fezemos com boo conselho.

Mes porque pouco ante dissemos de seguyr a nossos anteces-

sores, esto nom devemos entender que os sigamos com os erros, nem esso meesmo se a natureza nom consentisse de os nos podermos seguyr; assy como o filho do mayor Africano, o qual per doença nom pode seer tam semelhante a seu padre como Africano fora ao seu. E se nom poder defender as cousas, ou governar o povo per suas boas razoões, ou husar de feitos cavalleirosos, deve dar aquello que he em seu poderio, scilicet, justiça, fe, graadeza (1), e temperança, pellas quaaes cousas lhe seja menos requerido o que lhe fallece. A muyto melhor erança, e o patrimonyo mais proveitoso de todos que os padres dam a seus filhos, he louvor de virtudes e de boos feitos; e quem esta erança nom segue, develhe seer contado por fealdade e por erro.

---

(1) Liberalidade, de grado, liberal, grandioso. (R.)

CAPITOLLO LVIII.

Sobre a prudencia, feito per o Doutor Diegaffonso.

Porque mynha teençom he nom me ajudar em este trautado de alhea leytura por mynha, salvo em allegaçoões ou parte dalguũs capitullos tirados doutros livros, porem este a juso scripto que me o Doutor Diego Affonso do meu desembargo (1) deu, sabendo que desta virtude da prudencia algũa cousa screvya, por me parecer de proveitosa ensynança, em seu nome o mandei aquy screver com alguũs mais adytamentos, e corregymento pera seguyr mynha teençom necessarios.

A virtude geeralmente he propriedade no homem, pella qual sua razom dereytamente conselha, e a voontade bem manda, e a sensuallidade obedece como deve. Nom se chama porem virtude, posto que se assy faça em todas cousas, mas naquellas soo-

---

(1) Era o celebre Diogo Affonso Mangancha, que por seu testamento fundou um collegio em Coimbra, na sua casa, determinando o seguinte ácerca da sua bibliotheca: *E que os meus livros se ponhão por cadeas* dentro nas ditas casas. Entre os exemplares das obras de Bartolo, e sobre o Digesto diz, *tenho hum Chino em pergaminho* apenhado do Doutor Joaham Pereira por 1,500 r. (*Vide* J. P. Ribeiro, Dissert. Chron., T. 2, Doc. nº XVI, pag. 260.)

Foi este Magistrado que fez a oração de Proposição (Discurso do Trono) nas Côrtes de Lisboa de 10 de Dezembro de 1439. (Vej. a nossa obra, Memorias para a Hist. e Theor. das Côrtes, T. 1, pag. 24, nota 97.) (S.)

mente que som graves de fazer aos homeẽs, por tanto disserom os antiigos que a verdadeira virtude esta em tres autos, scilicet, em cometer grandes e graves cousas de fazer a todo homem, em soportar e sofrer as cousas contrairas ao seu desejo, e em abstinencia das delleitaçoões. Esta virtude se parte em duas, hũa he natural, e outra moral. A natural he aquella que nace da iguallaçom dos ellementos, temperamento dumores, e feiçom do corpo, ou daquellas partes onde tal virtude tem seu exercicio, e daqueste soo aquelle he virtuoso que sem pena, ledamente, e ainda delleitandosse obra virtudes. E esta natural se parte em duas, hũa he prudencia, e outra justyça, e ambas estom na natureza intelleitual, outros lhe chamom spiritual; e por quanto nesta natureza spiritual ha duas potencias, scilicet, intendimento e apetito, o qual geeralmente se chama voontade; a prudencia he ficada no intendymento, e a justiça na voontade. E como quer que estas duas nom tenhom de temperar algũas paixoões, assy como teem as moraaes, pero nellas se assigna sobejo e mynguado; na prudencia o sobejo se chama em latym astucia, ou calliditas, que em linguagem querem dizer maa sagidade (1), ou arteirice mais que o que compre, ou malicia; e o seu mynguado he crassitudo em latym, que quer dizer em linguagem pequyce (2), mas se estes dous estremos de prudencia,

---

(1) O mesmo que sageira, sageria ou sageza. (R.)

(2) Esta palavra, com a significação de *tolice*, *asneira*, hoje pouco usada, veio-nos da lingua romana (*pequeza* : niaiserie, sottise, Vej. Raynouard); era n'outro tempo mui usada, e recebida na Côrte, como se vê das seguintes passagens do Cancioneiro:

« Nem vy nunca grande agudo
» Que nam toque de doudice
» Nem no mundo mor *pequice*
» Que casar com mulher fea. »
Trov. de D. João Manoel, fol. 50.

« Seja a sella tornada
» Com gram prazer e ledice
» Dizei que nam diga nada
» Que faraa grande *pequice*. »
Trov. de Gil de Crasto, fol. 58 v°.

Veja-se o que dissemos a respeito da palavra *peco*, em a nota de pag. 259. (R.)

ca pequenyna prudencia nunca ser pequyce, nem a infiinda prudencia nunca sera mallicia, pero dizemos esto por abrir a intelligencia das cousas. Na justiça o seu sobejo he crueldade, e o seu myngnado he misericordia, ou piedade, e insensibillidade; e destes extremos digo como nos da prudencia, ca nom som seus verdadeiros extremos.

Ora quero tornar aa prudencia, e digo que prudencia he hũa direita razom pera obrar as cousas syngullares, nascida da experiencia das cousas passadas, situada em natural disposiçom, e sguardante nas cousas viindoiras, proveendo ao que pode acontecer quanto em nosso poder he. Esta prudencia he feita de tres partes, em tanto que se lhe hũa soo fallece logo nom he prudencia, scilicet, em qualquer cousa que avenha conselharse homem ao menos com sygo meesmo, e esta se chama em latym eubolia (1). A outra parte he julgar sem afeiçom, quer por sy quer contra sy, e esta se chama synesis (2). E se tal juyzo he nas cousas spiciaaes, que poucas vezes acontecem, chamasse gnomy (3). A terceira he executar segundo que foy conselhado e julgado no discurso do intendimento, e esta se chama prudencia. Todas estas tres cousas juntas som perfeita prudencia, em que parece claramente que, posto que huũ homem se muyto

---

(1) *Eubolia*, ou antes *eubulia*, é palavra grega (εὐβουλία), que significa bom conselho; parte potencial da prudencia, que São Thomaz (quest. LVII, *Prima secundæ*) define: *habitus quo bene consiliamur.* (R.)

(2) Palavra da baixa latinidade (do grego συνίημι, intender), que significa *intelligencia*; parte potencial da prudencia. (R.)

(3) *Gnomi*, *gnoma*, como escreveo Quintiliano, ou *gnomen*, como escrevia São Thomaz d'Aquino, é palavra grega (γνώμη), que significa sentença, axioma, dicto memoravel; parte potencial da prudencia.

Sobre a prudencia e suas partes potenciaes e integraes póde ver-se a summa de São Thomaz, questões 47, 48 e seguintes *Secundæ secundæ.* (R.)

e bem conselhe consygo, e ainda com outros, se nom julga sem afeiçom, aldemenos dentro em sy, nom he prudente; item, posto que bem execute daventuira ou necessidade, se primeyro nom se conselha, e nom julgar dereyto, nom he prudente. O ajuntamento das duas prymeiras, scilicet, eubollia e synesys se chama circunspecçom.

No exercytamento da prudencia som viij reglas. As primeiras tres perteecem ao conselhamento, e as outras tres ao julgamento, e as duas aa execuçom.

A primeyra regra he presuppoer em toda cousa que al jaz em ella scondido afora o que parece; e porem compre que, por muyto clara que pareça, aver sobrella esgaravatamento de razom quanto o tempo e a cousa der vagar. A segunda logo esguarda bem delgadamente as fiins e saydas todas possivees, e quaaes e quanto aproveitam ou empeecem, segundo o desejo da cousa e tempo. A terceira sguardar todollos meos, e fazer com elles allardo perdante o intendymento, e veer os que som possyvees, e as contras delles, se, e em que maneira se podem remediar.

As outras tres reglas.

A prymeyra, antre muytas cousas scolher aquella que tem mais avantageẽs, ainda que pequenas sejam, se se podem per intendimento percalçar. A segunda, scolher aquello que a fortuna e husança do tempo mais segue, e afastar aquello que a fortuna segue, a razom contradiz, ou as speriencias passadas mostram nom viirem a boa fym e conclusom. A terceira, scolher pessoas e alimarias autas e despostas naturalmente e avago-

sas (1) naquello que quer fazer, e fugir dos que teem os intendymentos seuros, e dos desaventurados como, da morte.

As duas reglas.

A prymeira, que soomente executemos aquello em cujo prossyguymento nenhuũ mal nos venha, ou seja del o menos, e tal que bem se possa remediar, e fujamos daquel onde grande mal pode viir, specialmente o que se nom pode bem remediar segundo intendymento dhomeẽs. A segunda, que saibamos refrear, assessegar, e contentar o apetito nosso e alheo, que nos muyto segue, ao que per razom nom achamos boa sayda, mostrandolhe cada contra, e seu mal em presente, e que ao diante, de fazer o que mal deseja, se lhe pode syguyr.

---

(1) Este adjectivo é provavelmente formado do italiano *avaccio*, e significará como elle, solicito, diligente. (R.)

CAPITOLLO LIX.

Das virtudes que se requerem a huũ boo julgador.

Consiirey por os fallicymentos que vejo em muytos, que a huũ boo julgador se requerem estas virtudes, as quaaes screvo pera cada huũ de sy e doutrem poder sentyr quando para tal carrego he perteecente.

Prymeira, lhe convem daver hũa dereitura geeral da voontade em todallas cousas, com desejo de fazer dereito de sy e dos outros, por achegados que sejam, tam ryjo que temor ou afeiçom o nom torve nem vença; e aquesto aa virtude da justiça dereitamente pertecce. Segunda que tenha boo e grande entender, demostrador de verdade, per verdadeiro juizo natural, e boa sciencia, com pratica das lex, stillos e custumes; e que consiire os feitos por conhecer a verdade, e fazer justiça, e nom por os torcer ao seu desejo special, o que se faz como convem per prudencia. Terceira, que se tempere quando se trigar ou allargar mais do que convem, ou per sanha se acender, pera executar algũas cousas contra dereito, ou per seguyr voontade, proveito, ou prazer quyser julgar sem razom, ou leixar de comprir o que deve, pera que se requere grande temperança. A quarta, que persevere em bem obrar, assy que per medo, receo de perda sua, desprazer doutrem, pryguyça ou fraqueza

nom leixe de fazer o que dereitamente deve, guardando a virtude da fortelleza.

A esperiencia bem mostra que per fallicimento destas partes algũus ainda que saibam e vejam o que he dereito de o julgar, fallecem per corrutas voontades, que veem da myngua da virtude geeral da justiça; outros que ajom boo desejo nom teem juyzo e saber natural pera conhecerem o que se deve fazer, e que tenham boa voontade se nom teverem saber de lex, custumes e ordenaçoões da terra, seu juyzo a todallas cosas nom pode prover como convem por myngua de ciencia, ou grande e boo custume; e tendo entender e geeral boa voontade muytos per cobiça, desejo, afeiçom, sanha, ou trigança fallecem por nom guardar temperança; outros com receo, empacho, pryguyça, fraqueza, som torvados de fazer justiça per fallicimento de fortelleza, porque tentados per cada hũa destas guysas nom aturom na boa teençom geeral que antes avyam, nem julgam o que prymeiro bem poderom entender. E porem som necessarias a huũ boo julgador aver todas estas virtudes em boa soficiencia, porque fallecendo muyto em algũa, posto que as outras razoadamente aja, convem que nunca de boa execuçom nos mais dos feitos; e bem se podera dizer em este caso aquel dicto de Nosso Senhor: Quem fallecer em hũa parte em todas sera culpado (1). E diz no livro das Collaçoões por exempro de conciencia, que nom he deferença por seu mal dos que teem huũ castello seer lhe filhado por cima das torres, ou per outro pequeno lugar, pois per cada hũa destas guysas o perdem. E assy nom presta muyto guardar justiça em as cousas que parecem

---

(1) Esta sentença não é do Evangelho, como parece indicál-o ElRei Dom Duarte, mas sim da Epistola de São Thiago, cap. II, vº 10. *Quicumque autem totam legem servaverit, offendat autem in uno, factus est omnium reus.* (R.)

grandes, e por hũa pequena dafeiçom, sanha, ou receo fazer cousa contra dereito, ou leixar de comprir o que he obrigado, e seja por ello pera sempre perdydo.

E aquesto screvy por veer muytos atrevidamente fallar nos feitos, porque sabem, seendo corruptos per myngua de cada hũa das partes suso dictas; e outros com esforço de boa voontade, natural entender, querem com perfia fallar e determynar no que pouco sabem, nem bem poderiam entender per myngua de sciencia ou de boo e grande custume; e por se conhecer como somos per afeiçom enganados, e nom damos dereito juyzo, eu consiirey que tal cousa ensynamos ou mandamos fazer, que sympreznente pareça, como levar hũa ave de caça, tanger, screver, e semelhante, a huũ que nunca o fez, que se tambem como nos prazeria o nom faz que logo he castigado, ou per scarnho, ou menos preço trazido; e se alguũ que o saiba fazer o prova com a maão que nom custuma, convem que se ache muyto torvado, e por muyto sem geito, e empachado que se veja nom se culpa, nem lhe parece razom seer por ello prasmado, nom consiirando quanto menos o que tal cousa nunca husou devya culpar, ca per entendymento nom a sabe, nem doutra maão a praticou; porem nossa afeiçom faz em geeral parecer que he dereito os outros que de todo saber e custume fallecem que sejam repreendidos e prasmados, e os que al nom fallece, se nom husança da outra maão, mostra que nom somos de culpar. E assy como nestes casos per afeiçom nosso juyzo veremos errado, tal se faz nos outros feitos, porque nos devemos perceber e guardar que nom sejamos assy enganados ou forçados; ou se tanta força nom sentirmos em nos que scusemos filhar carrego daquelles onde suspeitos formos, porque se podemos em alguũ dos outros fallecer per myngua de cada hũa das virtudes suso scriptas, que mais se fara onde per afeiçom scu-

rentada nossa vista do entender nom virmos o camynho da verdade, ou que o vejamos, vencidos per fraqueza seguyr o nom podermos. Porem he mais segura parte a quem justamente quer vyver nunca tal carrego aceptar onde sospeito se conhecer, e se ouver sobrello necessariamente dobrar seja com reguardo dos erros em que pode cayr, guardando sempre aquellas virtudes pryncipaaes de justiça, prudencia, temperança, e fortelleza, per que todallas cousas mais perfeitamente se fazem.

Sobresta maneira de justiça a mym parece que alguũs teem em seu juyzo hũa ballança tam sotil e dereita, que qualquer cousa que de razom e dereito desacorda logo a mostra, nem se torva por afeiçom, proveito, perda, prazer ou sanha. Outros per o contrairo que nom syntem senom as cousas de grande conta, e aquesto por geito natural, maao custume, ou desordenada voontade; porem aquel que per mercee do Senhor tever o dereito juyzo em cada hũa cousa, nom o guardando caae em mayor culpa, segundo a sentença de Nosso Senhor Jhũ Xpõ que diz do servo que nom sabe a voontade de seu Senhor, se a nom faz que de poucas feridas sera ferido, e aquel que a sabe e a guarda de muytas (1). Porem nom pensem que por a nom saber som de todos scusados, porque determynado he que a ignorancia nom scusa pecado. E desto se podem tirar dous contrairos: prymeiro que se conheçam os que muyto syntem seus fallicymentos seerem a mais obrigados senom comprirem a que lhes bem demostra seu dereito juyzo; e os que tanto nom syntem nom se cream sempre per seu juyzo, mas obedeçam aas pes-

---

(1) São Lucas, cap. XII, vers. 47 e 48. ElRei Dom Duarte inverteo a ordem dos versiculos, a qual, segundo a Vulgata, é a seguinte: « Ille autem servus qui cognovit » voluntatem Domini sui, ... et non fecit secundum voluntatem ejus, vapulabit » multis. Qui autem non cognovit, et fecit digna plagis, vapulabit paucis. (R.)

soas que devem, e a geeral openyom per o mais dos virtuosos aprovada, porque sem duvyda este he o mais seguro e melhor camynho, sabendo que nom scusárom ẽmenda dos erros em que cayrem por nom saberem o que theudos som de saber.

Aos Senhores que teem regymento desta justiça judicial compre lhes aquellas tres partes, per que todas cousas se fazem virtuosamente, scilicet: boa voontade, per que sejom sempre muy desejosos de fazer a todos dereito, entendendo que aqueste he huũ dos pryncipaaes ramos de seu oficio, per o qual percalçara, quando bem o fizer, grande gallardom de Nosso Senhor Deos, com louvor, amor, e obediencia dos homeẽs, abastante poder de fortelleza do coraçom, compreyssom e voontade, perque possa soportar os trabalhos das odiencias, desembargos, perdendo sono, comer, bever e folgança, quando compryr, nom se vencendo per amor, temor, proveito, prazer ou sanha. Do saber, quanto em todo para esto mais fosse tanto era melhor, mais onde o seu nom abastar deve conhecer quaaes som as cousas que nom sabe, nem pode bem entender, e que lhe convem regerse per a determynaçom dos leterados; e se o feito tal for, fallando com aquelles que por melhores e fora de suspeita conhecer, fazendo que lhe mostrem o que lhe dizem em presença daquelles que razoadamente o entenderem, ou el per sy o veja, se sabe entender latym, de tal guysa que vejam se o texto grosa doutor aquello que dizem, ou leterados per semelhante o quer aprycar. E assy das lex, stillos, custumes do reyno; ca em todo esto pertecnce ao Senhor muy discretamente escoldrynhar e conhecer as cousas que caãe em juizo de boa razom, ou som assy custumadas, que bem sabe a maneira que sobrellas se deve teer, ou se perteecem aos leterados de as determynar com os avysamentos suso scriptos. E quando alguũ Senhor taaes virtudes bem ouver e pratycar, com a merece de

Nosso Senhor Deos fara bem em esta parte governar a justiça, nom seendo embargado per outros grandes aazos, enfermydades e pesados feitos, que o façom nom poder abranger a todo como deseja, bem sabe, e poderia, se de tal guysa nom fosse torvado.

Sobre a guarda dos sete pecados, e seguymento destas virtudes theollogaaes e cardenaaes, sobre que tenho scripto, tem fundamento a dereita devaçom, porque os devotos me parecem de tres maneiras. Huũs cerimonyas que as seguem (1) per vaam gloria e contentamento do geeral louvor, que por algũas mostranças de certas devaçoões demostrom em myssas ouvyr, jejũar, e semelhantes, os quaaes devyam temer aquel dicto, que nom fezessem taaes cousas per seerem dos homeẽs louvados. Outros a teem por maneira dagoiro, e aquesto poendo tam firme teençom em dizer algũa oraçom, ou trazer certas reliquyas, que por ello entendem aver sua salvaçom, vyvendo a comprimento de seus maaos desejos; e como filham por agoyro certos synaaes, aquelles que sandiamente os guardam assy aquestes consiiram algũas cousas de pouco mericymento, como se naquello fosse a principal guarda de nossa conciencia, nom reguardando aquel dicto do avangelho: Nom aquel que diz, Senhor, entrara no reyno dos ceeos, mas aquel que faz a voontade de meu padre (2). E os terceiros que sua final teençom põe no leixamento de pecados e seguimento de virtudes. Porem a mym parece que sobresto se deve guardar aquel dicto do avangelho, que as cousas pryncipaaes convem fazer, scilicet,

---

(1) Este é um d'aquelles hyperbatos intoleraveis de que abundão nossos antigos; devia ler-se: Huns, que seguem as ceremonias, etc. (R.)

(2) *Non omnis qui dicit mihi, Domine, Domine, intrabit in regnum cœlorum: sed qui facit voluntatem patris mei.* S. Matth., VII, 21. (R.)

guardar dos pecados, e seguyr as virtudes, e as outras disposiçoões dellas; porem sobrellas devem fazer pryncipal fundamento aquelles que desejom virtuosamente vyver, nom desprezando todas boas cyrymonias, e outras honestas devaçoões, que a cada huũ, segundo seu estado, hydade, disposiçom perteecerem.

CAPITOLLO LX.

Das definiçoões em geeral das VII virtudes principaaes, e specialmente das tres theollogaaes, segundo entençom dalguũs Sabedores.

Porque determynaçom geeral he que das cousas havemos grande conhecimento per suas defiinçoões, porem mandei aquy poer algũas dos VII pecados mortaaes, e das principaaes VII virtudes, de que vos encima tenho scripto, segundo per alguũs doctores e sabedores som scriptas. E tive teençom de vollas assy apartadamente mandar screver, por se melhor poderem aprender e lembrar; e de mym nom screvy em ellas senom algũa declaraçom da linguagem, mas dey carrego a leterados que mas screvessem, e todo nom he boo dentender sem declaraçom daquelles que o bem entendem; porem no que duvyrdardes a tal leterado perguntaae que vollo saiba bem declarar, porque nom ham todos destas cousas a quel saber que deveriam.

Das virtudes assy podemos fallar de duas maneyras, scilicet, em geeral ou propryamente, e em special; e assy hũas e as outras requerem suas defiinçoões, porque he de notar que de duas maneiras he a virtude. Hũa perfeita, que traz a mayor bemaventurança, que he a vyda perduravel; e aquesta he virtude graciosa, a qual segundo Sancto Agostynho e o Mestre das sentenças na segunda destiinçom xxvij, assy se defiim em

geeral: Virtude he boa qualidade da voontade per a qual vyvem dereitamente, e per a qual nenhuũ mal husam, que Deos em o homem obra. Outra he virtude imperfeita, ou nom acabada, que nom traz a derradeira perfeiçom; a qual virtude imperfeita he chamada politica, moral, ou atquesita, a qual em geeral per o fillosofo, prymo ethicon assy he defiinda: Virtude he que faz perfeito segundo a presente vyda o que a tem, e traz a bem suas obras; ou segundo o Mestre: Virtude he huũ habito, per o qual a alma ha perfeiçom per bem e prontamente obrar; a qual defiinçom a toda virtude theollogal, intellectual, e moral parece que serve. E pois que assy he, de cada hũa procedamos, e prymeiro das virtudes theollogaaes.

As virtudes theologicas som tres, scilicet, fé, sperança, caridade, contando per ordem artificial, suficiencia; das quaaes assy se pode determynar toda cousa que obrar per entendimento convem ante conhecer a fym; e assy he a fé. Item, o que consiira percalçallo; e assy he a esperança. Terceiro, que conheça aquello seer bem, porque nenhuũ deseja senom bem, ou que pareça bem; e assy he caridade, a qual o mais alto bem deseja, segue, e ama. Esta he o sumario das sobredictas virtudes. Caridade, he huũ amor per o qual Deos he amado por sy meesmo, e o prouximo pello de Deos, e em Deos, segundo Sancto Agostinho. Caridade, he virtude per a qual somos movydos pera amar Deos mais que nos, e o prouximo acerca de nos, segundo o Meestre das sentenças. Sperança he huũ atrevymento de voontade, concebida da largueza de Deos, pera aver vyda perduravel, segundo Sancto Agostynho. Sperança he certo aguardamento da gloria que hade viir da graça de Deos, e nossos mericymentos, segundo o Meestre. Fe, he intendimento da virtude das cousas insensivees, que perteece a religyam dos Xpaãos, segundo Gregoryo. Fe, he virtude, per a qual aquellas

cousas que ao fundamento da relligyom perteecem firmemente som creudas (1), segundo o Meestre.

---

(1) Os participios em *udo* erão da antiga linguagem portugueza, em lugar dos em *ido*, que depois se introduzírão, talvez imitados do castelhano, e nisto era o nosso dialecto conforme com o galliziano, como se póde ver das seguintes passagens, extrahida a primeira do poema sobre a perda da Pensinsula, de que fallámos a pag. 21, e a segunda do Cancioneiro de Lord Stuart:

« Os ostes sedentos do sangue dos onj*udos*
» Metero a cutelo apres de rend*udos*...
» Per ter a maleza cruenta de sab*uda*
» Mandou mandadeiro come era te*uda*. »

F. e S. Eur. Port., Tomo III, pag. 379.

» Amouos tant e tan de coraçon
» Que o dormir ia o ey perd*udo*.
» Señor de mi e do meu coraçon
» Non ueieu ome tan entend*udo*... »

Canc. de C. Stuart, fol. 101.

O sabio Raynouard pretende que esta fórma dos participios passivos vinha dos da lingua romana em *ut*. Vej. Gram. de Raynouard, pag. 267. (R.)

CAPITOLLO LXI.

Das quatro virtudes moraaes.

As virtudes moraaes, que cardeaaes som chamadas, o conto de quatro nom passom, a suficiencia das quaaes, segundo sam Thomas, in pryma secunda, assy declara. As virtudes moraaes estam formalmente no bem da razom, e esto per duas maneiras, ou segundo estam em essa comtemplaçom da razom sympresmente, e assy he hũa spiritual virtude que he chamada prudencia, se de verdade esta no bem da razom segundo ordenança; esto de duas maneiras, ou acerca do obramento, e assy he justiça, ou acerca da paixom, e esto tambem de duas maneiras, ou a paixom inclina per desejo a proseguir algũas cousas que som contra ordenança da razom, assy como a gargantoyce, a luxuria, ou quaaesquer outras torpes deleitaçoões, e assy he asiinada temperança que refrea a paixom concupicivel; e se a paixom faz tornar atras daquello que se razoadamente deve seguir, assy como de trabalhar, vygyar, e seguymento de justas batalhas, he assiinada outra virtude que se diz fortelleza, a qual o homem esforça pera cometer as cousas fortes, e seportar as tristes; e porem nom som mais que quatro capitaaes e principaaes virtudes, das quaaes se seguem as defiinçoões, e prymeiro da prudencia.

Prudencia, he conhecymento das cousas que som pera desejar e squyvar, segundo Tullyo. Prudencia, he huũ juyzo da razom per o qual se pode aver conhecymento de bem e do mal, e do que nom he de huũ nem do outro, segundo Origynes.

Justiça, he firme e perduravel voontade dador a cada huã cousa de seu dereyto, segundo Sancto Agostynho. Justiça, he disposiçom do coraçom, e desejo da voontade, per a qual cada huũ he dicto justo, segundo Tullyo.

Temperança, he afeiçom que refrea o apetito naquellas cousas que torpemente som desejadas, segundo Sancto Agostynho. Temperança, he virtude que amansa a cobiça pera nom sobrepojar a ley da razom, arrependendosse da cousa digna de reprehensom, segundo Macobryo.

Fortelleza, he firmeza de coraçom acerca daquellas cousas que temporalmente som tristes, segundo Sancto Agostynho. Fortelleza, he huũ desejo das cousas grandes, e desprezamento das cousas baixas, sofrymento de perigoos e trabalhos, com razoada humyldade, segundo Tullyo.

CAPITOLLO LXII.

Dos vij pecados mortaaes em geeral.

Sete som as lampadas no Apocallisse, que significam as vij virtudes. Em el meesmo sete phiaaes (1) signyficam a hira de Deos, que som sete pecados, per os quaaes a danaçom perduravel mereeemos. He de notar que os pecados assy per modos infiindos se podem defiir, porque o bem, segundo o fillosopho, per huũ soo modo he, o mal per infiindos errores acontece. Empero que muytas cousas som vistas per o Meestre das sentenças, per curta avysada determinaçom som despostas no seu segundo livro, destiinçom 36, onde o pecado mortal defiim em geeral de tres maneiras, das quaaes hũa soomente ponho, e he de Sancto Ambrosio. Diz que o pecado he pryvaçom da ley dyvyna e das cousas cellestiaaes, e desobediencia dos mandamentos. A qual defiinçom a todo pecado mortal pode perteecer e conviir, mas muyto mais ao prymeiro de todollos sete; a soma dos quaaes assy se pode cercar de suas fyns, assy que as geeraaes e capitaaes de todollos pecados som duas, scilicet, pareeer hũa cousa

(1) ElRei Dom Duarte aportuguezou a palavra biblica *phiala*, fazendo *phial* e *phiaaes* no plural, e nisto não seguio os Italianos, que adoptárão a mesma palavra *fiala*, nem os Francezes, que dizem *fiole*. J. P. d'Almeida deo-lhe a significação de *salvas*, e o Pe A. Pereira a de *calices*. Vej. o cap. XV do Apocalypse, vº 7. (R.)

bem que per sy he mal, ou parecer mal aquello que verdadeiramente per sy he bem; e se he cousa que pareça bem e verdadeiramente he mal, esto de tres maneiras: ou parece bem proveitoso, e assy he avareza, assy como em Judas Scariote; ou parece bem deleitavel, esto de duas maneiras, ou segundo o gosto, e assy pecou Eva per a gulla, ou he deleitoso segundo tangymento, e assy he luxuria, da qual nom desfallece exempro; se he cousa que pareça mal, e he verdadeiramente de duas maneiras: ou me parece mal segundo natura, e assy he yra, e assy como em Caym; segundo gulla, he bem e parece mal, assy he enveja, e estes dous se entendem no outro; se em sy parece mal o que he bem, assy he aucidia (1), assy como nos homeēs pryguyçosos; aos quaaes he boo de trabalhar, empero parecelhes mal, por a qual razom muytos som feitos mysquynhos e proves; e assy som sete pecados capitaaes, e nom mais, dos quaaes se dizem suas defiinçoões segundo ordenança daquella diçom salligia (2).

---

(1) Accidia. No Cathecismo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ainda se encontra *accidia*, em lugar de priguiça, que elle define da maneira seguinte: « O setimo e ultimo » vicio capital se chama accidia, que he huma tibieza, e fastio espiritual, que a alma » tem para o exercicio das obras virtuosas, especialmente para as cousas do culto » divino, e communicação com Deos. » Cath. Doutr., pag. 233. (R.)

(2) Esta palavra é desconhecida, e não pertence a nenhuma das linguas aparentadas com a portugueza. Talvez seja um adjectivo formado de *sallyes* ou *salyii*, nome de certos povos que habitárão antigamente uma parte da Provença (Vej. a Grande Encyclopedia, art. *Salyens*); e nesta hypothese, *diçom salligia* quererá dizer, dicção ou palavra provençal. É verdade que o Mestre das Sentenças, a quem parece referir-se esta passagem, escreveo em latim; mas talvez que ElRei Dom Duarte, que sabia todas as linguas *ladinhas*, tivesse alguma traducção das obras d'aquelle Doutor em provençal ou na lingua dos Trovadores. Alias diremos que é palavra mal escrita, de que temos achado não pequeno numero. (R.)

CAPITOLLO LXIII.

Seguemse as definçooes speciaaes dos vij pecados; primeiro da soberva.

Soberva, he amor ou desordenado apetito da propria excellencia; segundo o Meestre das sentenças. Soberba, he huũ cego apetito de coraçom e de voontade da singullar excellencia sobre todos, segundo Sancto Agostynho.

Avareza, he destemperado apetito de dynheiro e de ciencia, ou de qualquer outra cousa que seja de buscar ou reteer, segundo Sancto Agostynho. Avareza, he cobiça de dynheiro que nom quer cessar dos apetitos, nem se allegrar das cousas que tem, segundo Tullyo.

Luxuria, he fervente desejo de dormyr com mulher sobre modo e contra razom, segundo Ysidoro e Hugo (1). Luxuria, he

---

(1) O conhecimento que ElRei Dom Duarte tinha de muitas obras compostas em França nos faz acreditar que este autor, que elle cita, é Hugo de S. Victor, autor do XII° seculo, que escreveo uma *Soma das Sentenças*.

Neste capitulo ElRei cita o nome do autor sem citar a obra, em quanto em outros cita as obras, sem indicar o nome do autor, como vêmos quando cita o livro da *Arvore das Batalhas*, composto por Honorato Bonet entre os annos de 1384 e 1390. A Bibliotheca Real de Pariz possue varios Mss. d'esta obra originalmente escripta em francez (Codices 7,077, — 7,125², — 7,125³). O nosso consocio M. P. Paris deo uma curiosa noticia d'este Mss. no Tomo V da sua importante obra : *Les Manuscrits Français de la Bibliothèque du Roi*. Paris, 1842. (S.)

per desejos escorregavees da voontade e da carne desenfreado derribamento, segundo Ysydoro.

Hyra, he desordenado apetito de vingança, segundo sam Thomas. Hyra, he movymento do coraçom das injurias passadas que spera de todo vingança, segundo Algazer (1).

Gulla, he desordenado apetito de comer ou bever, em o livro de dicta salutis. Gulla, he corregimento sollicito de vyandas, a qual traz delleitaçoões, segundo Sam Joham Crimaco.

Invydia, he tristeza da bemaventurança dalguem, e de contrairo prazer, em livro dicta. Invydia, he tristeza que nom quer as bemaventuranças doutrem, segundo Hugo.

Aucidia, he pequeno amor do bem com nojo e desordenada tristeza do coraçom, em livro dicta. Aucidya, he avorrecymento que agrava a alma do homem, e lhe nom consente fazer algũa cousa de bem.

---

(1) Este autor cujo nome está alterado, parece-nos ser Algazeli (Abou-Hamed-Mohanmed), vulgarmente chamado *Algazel*, philosopho arabe, nascido em Bagdad no XI° seculo. Foi theologo, jurisconsulto, e poeta. Deixou muitas obras de philosophia, e commentarios sobre Aristoteles, que forão impressos em latim em Bazilea em 1572.

Neste capitulo ElRei Dom Duarte nos mostra a sua erudição, pois cita S. Agostinho, Isidoro, Hugo, provavelmente de S. Victor, S. Thomaz d'Aquino, S. João Climaco, e até um Philosopho arabe.

A citação do autor arabe nos indica que mui provavelmente nos principios do seculo XV° as obras d'Algazeli erão muito conhecidas dos Portuguezes instruidos. Seria comtudo curioso averiguar se nas collecções de manuscriptos das Bibliothecas de Portugal se se encontra algum exemplar das obras d'este autor, escripto em caracteres do tempo d'ElRei Dom Duarte, ou anterior a este Soberano; verificar-se emfim se se encontra ali o texto arabe, ou uma traducção latina. O manuscripto de que ElRei se servio era provavelmente uma traducção latina, pois as obras d'este autor forão traduzidas em latim e em hebreu. (S.)

CAPITOLLO LXIIII.

Das definçoões das vij virtudes principaaes, segundo os Remonystas (1).

Fe, he virtude per a qual o fiel cree aquello seer verdade que nom sente nem entende. Fe, he virtude per a qual o homem sobrepoõe aas virtudes de Deos e das suas obras sobre as naturaaes forças do entendymento.

Sperança, he virtude, per a qual o homem spera de Deos perdoança, ainda gallardom e gloria. Sperança, he virtude que certefica a alma da bemaventurança por viir, poendo confiança no seu grande e poderoso amygo.

Carydade, he virtude per a qual o caritatyvo ama Deos sobre todallas cousas, e sy meesmo; e prouxymo igual a sy em Deos, e per o de Deos. Caridade, he virtude com a qual a voontade soube amar Deos e seu prouximo sobre seu poder natural. Caridade, he virtude per a qual a voontade he regrada pera amar as cousas assy como som dignas damar.

Justiça, he virtude per a qual o justo da a Deos, a sy, e a seu prouximo o que deve.

Prudencia, he virtude que conselha que homem ame o bem

---

(1) Raimonistas. Vej. a nota 2 de pag 205.

e enteje o mal, e mais ame o mayor bem que o meor, que mais enteje o mayor mal que o meor.

Fortelleza, he virtude per a qual o homem fortefica sua alma contra os pecados, e que possa percalçar as virtudes.

Temperança, he virtude per a qual o homem refrea sua voontade que esta antre duas extermydades contrairas em cantidade.

CAPITOLLO LXV.

Das defiinçooẽs dos vij pecados, segundo os Remonystas.

Avareza, he maao apetito de aver e reteer os beẽs que em honra de Deos e proveito do prouximo se devem despender.

Gulla, he pecado per o qual o gosto he desvyado de sua dereita fym per muyto comer ou bever. Gulla, he pecado per o qual o golloso pryva em sy abstynencia e temperança per muyto comer e bever, e per desordenado apetito delles.

Luxuria, he pecado com o qual o luxurioso desvia a copulla carnal da ordem e fym pera que he.

Soberva, he pecado com o qual o sobervo deseja a honra que a elle nom convem.

Aucidia, he pecado per o qual o oucioso ha negligencia ou preguyça de demandar as virtudes e esquivar os pecados; e assy se dooe do bem doutrem, e se allegra do mal del.

Enveja, he pecado per o qual o envejoso injustamente deseja o bem doutrem.

Hira, he pecado per o qual o sanhudo lega sua liberdade e delyberaçom contra a refreada voontade regollada so paciencia, e per conseguynte enteja o bem, e ama o mal.

CAPITOLLO LXVI.

Dos pecados e outros fallicimentos que se apropriam ao coraçom, e aas outras nossas partes.

Porque me pareceo quando vos sobresto falley que vos prazia apropryar os fallycymentos a nossos sentidos, em este capitullo sobrello farey algũa declaraçom, mesturando natural com moral, segundo a mym razoado parece. E ainda que todollos pecados tenham seu nacimento principal no coraçom, como diz Nosso Senhor, porem eu pensey dassiinar alguũs specialmente a elle, e outros aos sentidos. E prymeiramente a el perteece toda desgovernança das doze paixoões suso dictas, scillicet, amor, desejo e deleitaçom, odio e avorreymento, tristeza, mansydoõe, sperança e atrevimento, sanha, desperaçom, e temor, e mais empacho e vergonha; nas quaaes cousas como se trespassa o que a regla dereita manda, faz cayr em mal e pecado; e deste vem mayor parte dos pecados e malles, ca soberva, vaãgloria, enveja, hira, aucidia, avareza, seus pryncipaaes fallicymentos, das dictas paixoões descendem; e tres erros que muyto condanam, scilicet, das cousas grandes desesperar, e as pequenas desprezar, e buscar razom hu se nom pode achar, a el devem seer apropriados, e teem ally seu fundamento, e das dictas paixoões descendem.

Ao entender perteece saber dar boa fym aos cuydados, nas

cousas que avemos de fazer, e boos remedios ao que se ha de contradizer, e todo que bem praticarmos das sete partes, no começo scriptas, scilicet, aprender, nembrar, julgar, novamente achar, declarar, ensygnar, executar, e perseverança, constancia, e firmeza; porem todo fallimento em que cayrmos per cada hũa destas partes suso dictas, da myngua de boa prudencia, que na parte do entender tem seu fundamento, deve seer contado que nos procede.

Nos olhos, leixando curteza ou nom dereita vista, e semelhantes myngùas naturaaes, em que nom podemos ẽmendar, eu vejo certos fallicimentos de nam boa contenença, scilicet, o olhar soberbo, ryjo, sobejo, louçaão, e orgulhoso, desassossegado, ajudengado (1), muy symprez, pesado, refiam, demostrador de levydoõe, preguyça, ou dengano. E com elles pecamos em vista de vaam gloria pertecente a cousas nossas, de que nos sobejamente alegramos, e doutras folganças que assy nos praz de filhar, ou que sejam desonestas, de crueldade, descarnho, ou mal e abatymento de nossos prouximos. Per fallicimento erramos em nom hir veer Nosso Senhor e lugares devotos, e nom visitar por consollar aos que devemos, como bem poderiamos; nem querermos leer, se o sabemos, o que nos pode pera nosso bem ensynar e aproveitar, ou veer pessoas virtuosas ou boos feitos de que fylhamos boos enxempros e conselhos pera nossa salvaçom, e regymento da saude e boo estado. E per estas partes, que toco, se pode consiirar que por husar da vista como nom devemos, ou nom querermos veer o que nos convem,

(1) Que tem ar, ou maneiras de judeo; ainda se usava no tempo d'ElRei Dom Manoel, como se vê das trovas de Luiz Henriques, que diz d'um seu rival em amores:

« He hũa pouco *ajudengado*
» No falar e no trazer. »

Canc. Ger., fol. 105 v°. R.)

muytas vezes caymos em pecado, ou fazemos tal cousa ou mostrança que he digna de reprehensom.

Aos narizes, leixando feiçom e algũas nom boas contenenças que alguũs filham de maao custume, outro fallicimento hi nom ha senom sobeja deleitaçom de boos cheiros, e deligencia de os aver ou trazer com entençom corrupta de luxuria, gargantoyce, ou de sobeja folgança na dulçura delles.

Aa boca perteecem estes fallicimentos, leixando feiçom, nom boa contenença, myngua de graça em fallar e riir, que se nom pode ensynar, da parte da gargantoice, como dicto he, nom aaguardar pera comer, bever, ora conveniente, comer, bever sobejo, buscar vyandas ou vynhos com delligencia, sempre stremados, husando della com sobeja folgança e cerimonias. Feo, desonesto, çujo, mynguado, mal, e desordenadamente servydo quanto aos custumes.

Do fallar som fallicymentos renegar, jurar, contra Deos murmurar, desasperar, heresias afirmar ou ensynar contra as ordenanças da Igreja, mal razoar, dalguem mal dizer, assanhar, ou provocar, myntir, enganar, desonesto fallar, perfiar sem tempo, ou contra quem nom convem, desprezar ou doestar os que nom devemos, palrar o que se deve guardar, ou nom amoestar, ensynar, encamynhar, castigar, consollar, scusar quando he bem de fazer, nem outorgar o que he razom. Quanto aos custumes, leixando gago e semelhantes fallicymentos naturaaes, erramos per fallar muyto sobejo, mynguado, trigoso, vagaroso, mais baixo ou alto que perteece, sem boa contenença da boca, olhar, cabeça, e maãos; e fynalmente no que dizer quysermos convem consiirar prymeiro o nosso estado, hidade, saber, maneira de fallar, desempacho, e assessego de nosso coraçom, e des y que avemos de razoar, quanto, a quem, onde, em que modo, e quando; ca per fallicymento de cada hũa destas

partes erramos no que aa falla perteece em conciencia e boos custumes.

Em ouvyr, leixando maa contenença dabrir a boca, torcer a cabeça, estirar dolhos, que se pode per boo custume scusar, nossos fallicymentos podem seer consiirados por o que he suso scrito de fallar, ca vistas as cousas que se nom devem dizer, se conhecerom as que nom som douvyr; e aalem dellas podemos errar em nos prazer douvyrmos nossos gabos, ou sobejamente algũas cousas por folgança em que pequemos por occiosidade ou vaam gloria.

Ao sentydo do tanger perteence pryncipalmente o pecado de luxuria, de que mais em special nom entendo descrever, e mais todo vyço, mymo, e pompa, muyto de nossos corpos per roupas que tragamos, camas em que jazemos, fogo a que nos achegamos, casas frias no verão, semelhantes cousas por deleitaçom de nossos corpos que se façom aalem do que nos perteẽce, segundo nossa disposiçom e hydade, ca nom vem desto pouco mal, onde Nosso Senhor diz: Quem amar sua voontade em este segre na vyda perduravel a perdera. E porem me parece que nunca destas cousas he muyto de curar, nem lhe filhar grande afeiçom, por tal que nom sejamos mais solicitos das cousas ao corpo perteencentes quo ao sprito. E os que bem o sabem fazer tem tal maneira, que ao parecer nom mostram myngua de lympeza nem dabastança em toda cousa, nem modo syngullar, mas dam a Deos o seu, governando seus estados e corpos de tal guysa como pode fazer qualquer outra virtuosa pessoa pera seer prestes, e sofrer por seu serviço, e nossas honras toda cousa que razoada seja, e ao mundo fazem mostrança em todo seu alguũ fallecymento como perteece a seu boo estado.

Per aquesta repartiçom vos poderees aver alguũ special conhecymento de nossos fallicymentos; e teendo esto acerca scripto,

vy em huũ lyvro que se chama, verdades da theollogia, hũa dos pecados, que me pareceo bem, a qual vos mandey tornar em nossa linguagem (1), e aquy screver por averdes delles mais comprida enformaçom. E dos pecados que perteencem a cada huũ estado, em huũ lyvro, que fez huũ que se chama Martym Pẽz (2), he feita boa declaraçom, segundo vos ja demostrei; e quem delles quyzer aver comprida enformaçom veja o dicto livro, porque lhe dara pera ello grande ajuda.

---

(1) Na livraria d'ElRei Dom Duarte se achavão dous livros de Martim Pires. Vej. Tomo I das Provas da Hist. Gen., pag. 544. (R.)

(2) ElRei Dom Duarte amava não só o estudo, e os livros, mas até buscava todos os meios para vulgarizar a leitura d'estes por meio de traducções, encarregando até em reinos estranhos alguns sabios de traduzirem certas obras. Temos uma prova na traducção dos livros de Cicero que mandou a Affonso de Carthagena, Bispo de Burgos, o qual esteve antes em Portugal, e que a rogos d'ElRei Dom Duarte traduzio em castelhano os livros que Cicero escrevêra da rhetorica. O primeiro se conserva Mss. na Bibliotheca do Escurial com o seguinte titulo:

« *Libro de Marco Tulio Cicero que se llama de la retorica trasladado em Romance por* » *el muy Reverendo Don Affonso de Cartagena; Bispo de Burgos*, a instancia del muy » esclarecido Principe Don Duarte, Rey de Portugal. » (Veja-se Memorias de Litterat. Portug., publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tomo III, pag. 88, Mem. de Monsenhor Ferreira, nota *a*).

Este mesmo Bispo escreveo tambem para instrucção do dito Principe uma pequena obra devidida em dous livros, com o titulo: *Memoriale virtutum*, diz Monsenhor Ferreira, mas não é inteiramente exacta a asserção d'este Academico á vista do que diz ElRei Dom Duarte, no cap. L, pelo modo seguinte:

O Memoriale das virtudes que das Heticas d'Aristoteles me ordenou o adayam de Santiago. (S.)

CAPITOLLO LXVII.

Sobre a reparticom dos pecados do livro da Soma das Verdades da Theollogia.

Avendo scripta esta reparticom dos pecados suso declarada, vy a que diante se contem em huũ livro, que chamam Soma das verdades da Theollogia; e por me bem parecer, pera poderdes aver desto mayor conhecymento, a mandey tornar do latym em nossa linguagem (1), e aqui tresladar, pouco tirando e acrecentando no dicto trellado, sobre o qual entendo o que das definçoões das virtudes e pecados em cima vos screvy, que averees myster boo declarador, porque nom he todo ligeiro dentender.

Ainda que todo pecado seja contra Deos geeralmente, que he trino e huũ, apropryadamente empero se diz pecado alguũ seer em o Padre, outro em o Filho, outro em o Espirito Sancto. Em o Padre pecamos por impotencia, em o Filho per ignorancia, e em o Espirido Sancto per certa mallicia; esto he, quando a voontade pode e sabe contradizer alguũ mal, e empero per soo malicia aquello scolhe, pecando em o Espirito Sancto, procede de maa voontade de livre alvydre, e dereitamente empuna a graça do Espiritu Sancto, e por tanto nom tem collor descusaçom, porque quanto he de sy dereytamente he empunaçom do

---

(1) Veja-se o que dissemos em a nota antecedente. (S.)

fisico e de remedio, pelló qual se ha de fazer remyssom do pecado em o Espirito sancto, se diz inremissivel em este mundo e no outro, nom que se nom possa perdoar, mas porque raramente se perdoa, ou muyto aadur (1) em este mundo quanto aa culpa. Dizse ainda inremissivel porque se nom lee perdoado nem quyte, assy como dizemos de Melchisedhec que foy sem padre, porque se nom lee de seu padre. Dizse ainda inremissivel, porque contradiz aa fonte da remyssom e perdoança, que he o Espirito Sancto. Dizse ainda inremissivel polla fraqueza, pouco poder do homem, o qual aadur se pode fazer prestes aa graça, por tanto presume de pecado que o apreme e abaixa; onde he de saber que este nome inremyssyvel em tres modos se toma, scilicet, per negaçom, que em nenhũa guysa se nom pode perdoar, e em este modo o pecado do prymeiro anjo de todollos danados se diz inremyssyvel. Dizse ainda inremyssyvel per pryvaçom, porque nom ha a congruencia por que se deva perdoar, empero que da congruencia da voontade de Deos se possa todo pecado perdoar; e em este modo todo pecado mortal se pode dizer inremyssyvel. Dizse ainda inremyssyvel per contrariedade, segundo que algũa culpa he contraira desposiçom pera se aver de perdoar; e em este modo pecado em o Espirito Sancto he inremyssyvel, porque he contrairo aa graça de perdoar do pecado; e esto per a desperaçom, ou presunçom, ou outras speciaaes deste pecado; onde he de saber que som seis speciaaes de pecar em o Espiritu Sancto, scilicet, per desas-

---

(1) Este adverbio, com a significação de, difficultosamente, apenas, era commum ao dialecto castelhano, e ao galliziano; no Cancioneiro de Lord Stuart se lê:

« E sabe deus que *adur* eu uin y
» Dizer uus como me ueio morrer. »

Canc. de C. Stuart, fol. 68 vº. (R.)

peraçom, presunçom, impunaçom de verdade conhecida, enveja damor fraternal, obstinaçom, e fynal impenytencia; e o conto destas tomasse assy. Em no perdom som tres cousas, scilicet, a quel, que perdoa, e o perdoado, disposiçom de perdoar aaquel a que o perdom he feito. Em a quel que perdoa som duas cousas, scilicet, myscricordia, e justiça. Contra o prymeiro he desperaçom, contra o segundo he presunçom. Em aquel ao qual o perdom he feito duas cousas, scilicet, door do cometido pecado, e proposito de o nom mais cometer. Contra o prymeiro he pecado de obstinaçom, contra o segundo he pecado de final impenitencia. A prymeira disposiçom de perdoar em aquel ao qual o pecado he perdoado se parte em duas guysas, scilicet, em conhecimento da verdade, e amor de boondade. Contra o prymeiro he impunaçom de verdade conhecida, contra o segundo enveja de graça fraternal. Da final impenitencia he de notar que nom diz continuaçom de pecado ataa fym, mas em todo pecado, em no qual cada huũ acaba ciintemente, he dicta final impenytentia; mas a fynal impenytencia assy como he hũa specia de pecado em o Espiritu Sancto, segundo o que se aquy toma, assy he dicto, proposito de nom fazer penytencia.

CAPITOLLO LXVIII.

Dos pecados do coraçom.

Os pecados do coraçom sam estes : pensamento, deleytaçom, consentymento, desejo de mal, voontade perversa, infieldade em devaçom; presunçom, desesperaçom, temor, mal omiliante, amor, mal acidente, sospeiçom, enveja, hira, odio, temor servilmente, alegria no mal do prouximo, desprezamento dos pobres ou de pecadores, recebimento de pessoas, perfia, desejo dos parentes carnaaes, allegria sem proveito, e vaam tristeza do mundo, impaciencia, avaricia, soberva, desassessego em no huso das virtudes, obstinaçom, mallicia, nojo do bem, accidia, inconstancia, door da penytencia do penitente porque nom faz mais mal, ipocrisia, amor de prazer a quem nom deve, temór de lhe desprazer, vergonha de bem obrar, amor pryvado, sentido singullar, cobiiça, dignidades, vaam gloria dos beens da natura ou fortuna ou graça, vergonha dos pobres amygos, desprezamento ao amoestamento na enjuria.

CAPITOLLO LXIX.

Dos pecados da boca.

Os pecados da boca som estes : acustumado juramento, perjurio, brafemia, o nome de Deos sem reverencia tomar, a verdade contradizer, murmurar contra Deos, dizer as oras sem reverencia, detraer, mentira dizer, vituperio, maldiçom, communicaçom, empunaçom de verdade conhecida, empunaçom de verdade fraternal, semynaçom de discordia, trayçom, falso testemunho, maao conselho, scarnymento, condiçom de obrar, soverter boos feitos, em nas Igrejas palrar, a hira o homem provocar, repreender o homem naquello que el faz, fallamento vão, fallar pallavra occiosa e superflua, jautantia de pallavras, defendimento dos pecados, braados, riisos, e scarnecer, torpemente fallar, pallavras desonestas dizer, cantar cantigas sagraaes, em no canto devyno mais studar em quebrantar a voz que devotamente cantar, e murmurar, dizer pallavras que nom perteeçam a boos custumes, vogar pella causa enjusta, e o mal aprovar.

CAPITOLLO LXX.

Dos pecados da obra.

Os pecados da obra som estes : gulla, luxuria, bevedice, sacrilegio, symonya, sortillegio, quebrantamento de festas, indignamente commungar, britamentos de votos, apostasia, desoluçom em no oficio devino, scandalizar per enxempro, o prouximo corromper, danar o homem em nos beẽs, ou em na pessoa, ou em na fama, ou furto, ou rapina, husar engano, jogo, vendiçom de justiça, rendas, ou custumageẽs, ou excepçoões, ou cambos injustos, scuitar o mal, dar aos jograaees, o necessario lhe tirar, tomar as cousas superfluas, constranger aalem do que pode, custume de pecar, ao pecado tornar, symullaçom, teer oficio ao qual nom seja abastante, ou que sem pecado nom possa fazer, com maa teençom dançar, novydades achar, aos mayores revellar, os meores abaixar, pecar por vista, audytu, olfatu, gostu, tauto, por os olhos, per camynhos, per geestos, per mandados, desprezando as circunstancias agravantes contheudas em as sanctas scripturas, que som tempos, lugar, modo, numero, persoa, mora, sciencia, hidade, nom perveendo a tentaçom, costrangendo a sy meesmo a pecar.

CAPITOLLO LXXI.

Dos pecados da omyssom.

Os pecados da omyssom som estes. Nom pensar em Deos e graças que delle recebeo, e de cada huũ dia recebe, nom no temer nem o amar, as obras que cada huũ faz a el nom nas referir, dos pecados cometidos, segundo que perteece e quanto perteece, nom se doer, nom se fazer prestes pera receber a sua graça, nom husar da graça recebida, nem ainda a conservar, nem se converter a espiraçom devynal, nom conformar a sua voontade aa voontade de Deos, aas oras de Deos nom sguardar com toda teençom, as oraçoões devydas leixar, aquellas cousas que he obrigado de voto ou de precepto ou de oficio desprezar, comunhom e confissom ao menos hũa vez no anno nom receber, os parentes nom honrar; se a sy meesmo nom conhecer e repreender, se a sua conciencia desprezar, e aas preegaçoões fugir, e as tentaçoões vaãs nom resistir, e as penitencias mandadas desprezar; prolongar aquellas cousas que logo de fazer som, do bem do prouximo nom me prazer, e do seu mal nom me doer, as injurias nom perdoar, fe ao prouximo nom guardar, e aos seus beneficios nom responder; as baralhas (1) nom amansar, os ignorantes nom ensynar, os aflictos nom consollar, aos amoestamentos nom obedecer.

---

(1) Esta palavra é commum á lingua castelhana, com a mesma significação de rixa, briga, ruido. (R.)

CAPITOLLO LXXII.

Do Contentamento.

Porque muytos fallecem em nom filhar contentamento do que convem, ou aver do que nom he razom, do meu pouco saber algũa ensynança acerca dello vos entendo declarar. Segundo a mym parece, em tres partes geeraaes se pode aver, scilicet, de nos, da maneira que homeẽs e molheres com nosco teem, e das cousas que vem dacontecymentos, como som doores, mudanças de tempo, perigoos, perdas, e semelhantes casos em bem e no contrairo. Quanto ao primeiro, de nos o podemos aver, de lynhagem, desposiçom do corpo, compreiçom, manhas, saber, condiçoões e virtudes.

Da lynhagem que descendemos, e desposiçom natural de nossos corpos devemos seer contentes, ainda que tanto nom sejam a nosso prazer, consiirando que o avemos per ordenança de Nosso Senhor Deos, que nos podera fazer huũ bicho da terra, e nos fez homem, que he tam excellente criatura, nembrando-nos de qualquer avantagem que nos tenha outorgada, para mais avermos contentamento, sentyndo aquy prazer e bem, que recebemos por aver; e posto que syntamos aver algũas cousas davantagem, devemollo filhar com temperança por nos guardar da soberva e vaam gloria.

Da compreissom, manha, saber, condiçom, virtudes, em

quanto reguardarmos ao que Nosso Senhor Deos nos tem outorgado, por a razom suso scripta, sempre devemos seer contentes, nunca lançando a el achaque de nossas culpas e fallicimentos.

Do que a nos perteece de nos guardar e acrecentar de bem em melhor nom devemos do que possuymos aver contentamento, mes contynuadamente pensar, e obrar, por mais bem acrecentarmos, de tal guysa que nossa boa compreissom per boo regymento façamos melhor, e nom falleça per nossa culpa. E assy das manhas, saber, condiçom e virtudes nos trabalhemos quanto em nos for de avançar e nom fallecer, ca scripto he: Nom melhorar em o camynho das virtudes aparelhamento pera descayr se começa; e porem convem remar sempre contra vento e maree, e que nam levemos remo, querendo seer contentes do bem que naquesta parte recebemos, porque tentados per o mundo, carne e inmiigo, nom tornemos ligeiramente atraz per nossa segurança e contentamento.

Sobre as manhas, e boo parecer, vejo filhar ryjo descontentemento aos que muyto de sy presumem quando outros acham que os avançam, e aquesto vem porque sobejamente se contentavom, e per enveja ou abatimento de vaam gloria, quando som vencidos no que os outros sempre venciam, syntem grande tristeza e pena; e pera desto cada huũ se guardar, bem he que por a vantagem que dello se aja que nunca filhe sobejo contentamento, consiirando como som cousas de pouca dura, afigurando sempre ante a renembrança como ham de mynguar a quem muyto vyver; e porem nom se torvara quando vyr o que de certo spera. E posto que per hydade, ou alguũ caso, todo vaa fallecendo, nom se lembre de quem foy, mas veja qual he, nem se descontente por os que o ja veencem, mes filhe razoado contentamento dos que ainda vencer, ca sempre tanto fica, que sobre os seus iguaaes que taaes nom forom, e muytos mancebos,

fara tal vantagem de que razoadamente se deve contentar. E tal consiiraçom bem he filharse em mudanças destados, e outros casos semelhantes, quando veherem, pera nos guardar, com a graça de Nosso Senhor, de ryjo descontentamento, do qual muyto mal em todo estado se recrece. E per aquesto podees consiirar como cada huũ de nos, a meu juyzo, he bem de nos contentarmos dalgũas partes, e doutras nom seer contentes.

Dos homeẽs e molheres no sentimento do coraçom nom devemos aver muy grande contentamento, por boa maneira que com nosco tenham, nem ryjo descontentamento do contrairo, e aquesto por tres razoões. Primeira, por nom poermos em voontade doutrem toda nossa boa ventura, assy que naquelle ponhamos a principal parte de todo nosso bem, desemparando a teençom de nossas virtudes, onde todollos virtuosos sabedores poserom a soma, fym, e termo do que devemos desejar, e seer mais contentes em esta vyda, seguindo aquel fillosofo a que ardeo sua casa com o que era em ella, e seendo lhe dicto per huũ seu amygo como lhe ardera todo quanto avya, respondeo, que a soo virtude filhava por sua realmente, todo al avya por emprestado, pois outrem lho podia tolher; e pois de virtudes seu coraçom cousa nom perdera, de todo quanto ardeo nom curava, pois per fortuna lhe podia seer tirado. Segunda, por nos guardarmos de vaam gloria, filhando sobeja folgança por algũas maneiras que com nosco se tenham, presumindo que tudo he por nos o merecermos, mes conhecendo que se faz per voontade e ordenança de Nosso Senhor, e como el nos desemparasse tal nom se teria, com grande reguardo filharemos em ello prazer e contentamento. Terceira, por nom cayrmos em tristeza, sanha, desordenado avorrecymento de nos, ou doutrem, quando se acertasse de nom teerem aquel boo geito com nosco que nos entendemos que alguũs devyam teer.

CAPITOLLO LXXIII.

Como per razom bem he de nos contentarmos.

Da parte da razom bem he consiirarmos aquelles com quem conversamos quanto som merecedores pera delles haver contentamento, per desposiçom, merecymento de suas pessoas, lynhagem, boas maneiras que teem em todas cousas, e assy nos contentar, corregendo aquelles que podem aver ẽmenda, e os outros soportar, ponir, ou leixar, como viirmos que he bem, consiirando a fraqueza dos homeẽs, e como soo Deos he perfeito, e que na vyda presente nom se pode achar tal pessoa de que sempre de todo nos possamos contentar se perfeiçom buscarmos, ca destado, hidade, condiçom, saber, afeiçom, desposiçom de tempos e lugares nom fallecerom aazos pera nos descontentar; mes onde ha muyto mais bem que do contrairo, grande engratidoõe mostra quem razoadamente se nom contenta. E devesse reguardar que os boos e sages com os que mais sabem de boa maneira conversar, e os destemperados, em esta parte poucos achem de que lhes praza, nem queiram receber alguũ contentamento; e porem segundo nos demostrar o juyzo de nossa razom, de cada um segundo seus merecimentos nos contentemos, prezandoos, e fazendolhe mercee ou servyço, trautandoos bem em todas as cousas que podermos, sempre enterpetando os mais de seus feitos aa mylhor parte.

Nem filhemos grande descontentamento por nom boa maneira que com nosco se tenha, ca ou serom pessoas virtuosas ou nom; e se o nom forem, dello nom he daver; e ao virtuoso, segundo a teençom dos sabedores, nom se deve muyto allegrar nem torvar por boo geito, ou nom tal, que os semelhantes com el tenham, salvo em quanto dello sentiimos honra, proveito, prazer, ou contrairo. E aquesto nom he pera contentar muyto nem descontentar do geyto, mes do que nos seguyr, entendendo que foi daconteeymento, e per ordenança de Nosso Senhor, o que lhe devemos teer em mercee aquelles de que o recebemos, ou seermos conhecidos como tal feito merecer, ou aos erros, malles, e perdas tornar, como he razom, mes geeralmente em nos por ello nom devemos filhar grande contentamento, nem descontentamento; e se boos e virtuosos forem, pensar devemos que o erro nom he no geito que outrem tem, mes na myngua que he em nos contra Deos, ou contra el, a qual ẽmendada o virtuoso corregera logo sua boa maneira, e assy de cada hũa destas guysas nom convem muyto descontentar.

Sobre a parte terceira que pertecce aas cousas que recebemos daventura, por nos virem per ordenança de Nosso Senhor, das que forem a nosso prazer nos devemos temperadamente contentar, dando graças a el; e das contrairas, avendo paciencia, bem dizer do seu sancto nome, nom filhemos tal descontentamento que nos empeecymento traga na conciencia, voontade e persoa, e requerendo lhe mercee pera toda cousa que nos praz, justificando nossas peticoões, amoestados por seu exempro, diremos sempre em nosso coraçom : Senhor, nom como eu desejo e requeiro, mas como a ty mais praz. E tal pensamento faz nossos requerimentos dereitos, e as voontades prestes pera em todo filhar razoado contentamento, e buscando prymeiro o regno de Deos e sua justiça, sempre com nosso poder e saber nos devemos

trabalhar quanto em nos for dacrecentarmos em todo nosso bem, e mynguar e desviar o contrairo, filhando conselho de Nosso Senhor, que nos mandou pedir pera receber, buscar pera achar, e chamar pera seermos recebidos, por tal que nom ponhamos a el achaque de nossa priguiça, e fraqueza. E bem he pera esto pensar o que diz Sallamom, que ha hi tempo de bem e do contrairo, e que os boos e discretos todo ham de passar actuosamente pera as maneiras suso scriptas e dessemelhantes, que devem de saber em cada huũ caso, specialmente buscar, e guardar, por tal que per mercee do Senhor todallas cousas se nos tornem em bem, como diz o Apostollo que se faz aos que amam Deos.

CAPITOLLO LXXIIII.

Do que se recrece do bem e do contrairo em saber fylhar o contentamento.

De nos sabermos bem contentar em todos casos esto se nos recrece : a cerca de Nosso Senhor nom somos engratos, e nas bemaventuranças, e nos casos contrairos, husamos de humyldade, e do que a nos toca nos beẽs avondosamente com temperança filhamos prazer, e nas aversydades avemos paciencia, onde compre atrevymento com boa sperança se tal feito he, e por ello muy bem em todo nos governamos, recebendo graciosamente toda boa maneira que acerca de nos se tenha; e se tal nom he, sem torvaçom o fazemos correger e ẽmender ou castigar, e sabemollo todo passar com menos empacho nosso e dos outros do que fazem os que som privados de tal saber e temperança de coraçom; ca se consiirarmos nossos feitos e os alheos, veeremos quanto mal, tristeza, desacordos por aazo do descontentamento se recrecem, e com guarda da virtude muyta honra, proveito, e prazer aos que o bem sabem filhar com special graça de Nosso Senhor.

Per soo contentamento os pobres som ricos, e nas cousas contrairas confortados; os que pouco comem, bevem, e dormem, avondados; e per descontentamento tudo se faz em contrairo. Ca se alguũ do que de Nosso Senhor Deos naturalmente tem recebido, ou das cousas que se per acontecimentos contra seu

prazer recrecem fylha ryjo descontentamento, ou da maneira que com elle se tem per senhores, amygos e servydores, por bẽadante (1) que pareça de todo se julga fallido, triste e mal aventurado; porende muyto nos convem, com a graça de Nosso Senhor, trabalharmos por seermos contentes de cada cousa segundo seu tempo e razom, consiirando que dos verdadeiros beẽs que som virtudes, e nas obras dellas que fazemos o filhemos temperadamente por nom saber em esta vyda se dygnos samos damor ou de odio; desy porque sempre nos deve prazer pouco com desejo de mais bem avermos, e nom filharmos vaam gloria com presunçom de nossos merecimentos.

Se forem cousas meaãs perteecentes aa parte do bem, como som honras, saude, e riquezas, e semelhantes, assy convem de se filhar, nom poendo em ellas bemaventurança pelas razoões suso dictas. Nas cousas contrairas devemos temperar assy com sofrymento nossas voontades de se nom descontentar, que per humildade e paciencia aja contentamento, sentindo que o avemos por dereita ordenança de Nosso Senhor, que nos pena menos que merecemos, e da gallardom mayor que nossos merecymentos; e se o filhamos de nos por os malles que fazemos, ou avemos feitos, seja filhado com temperança, por nom caermos em continuada tristeza, menospreço, e desordenado pensamento ou desperaçom; e se o das cousas per nos malfeitas nom filharmos quanto devemos, forçando nosso coraçom, lho façamos sentyr. E per taaes avysamentos, com a graça de Nosso Senhor, se filha contentamento do que convem, e se tempera em bem e no contrairo quando e quanto compre. E aquel que o sempre assy fezer, saiba que Deos lhe outorgou grande mercee

---

(1) Feliz, venturoso; de bemandança, que significava, felicidade, prosperidade. (R.)

na vyda presente, e per a que speramos. E de tal ensynança he pera mostrar aos que se regem per razom, ca pouco val aos que seguem desejos e arrevatamento da voontade, ou que som vencidos davorrecimento e tristeza, ou ligados em amor desordenado, porque dentro em sy trazem quem os faça de toda cousa pouco, mal, e desconcertadamente contentar; mais aos saãos, entendidos, temperados, e desejadores de virtudes, penso que praza e aproveite, e aos outros nom empeecera. E aquelles que esto todo sabem e guardam, podemna ensynar, se bem lhes parecer, ca nom vy sobre ello outra assy apartadamente scripta.

CAPITOLLO LXXV.

Do boo razoado sentido.

Porque em cada huũ dos dictos livros nom se toca hũa parte da virtude, por cujo fallecimento muytos caaem em pecados e malles, alguũ pouco dello vos quero screver; e aquesto he que das cousas ajamos boo e rasoado sentido, e de o avermos nos fallecemos por sobegidoõe e mynguamento, como se faz em as mais das virtudes e disposiçoões dellas, e sobejando fallece cada huũ per as afeiçoões de que mais he ligado, ou nas paixoões fallido; ca os soverbosos muyto sentem se outros com elles se querem igualIar ou sobrepojallos, dos quaaes elles se tem em mayor conta; e os vaãogloriosos filham grande sentido do que por abatymento de seu louvor e fama he dicto ou feito; e os envejosos bem he visto quam sobejamente sentem os beẽs daquelles de que a teem, ou se contra elles algũa cousa de trabalho desprito ou de corpo he bem conhecido. Os avarentos por toda perda ou myngua de gaanço soportam desarrasoado sentido. Os luxuriosos bem demostram per obra e dictos quanto sentem estorvaremnos de comprir seus maaos desejos. Os gollosos e gargantoões encobrir nom podem a pena que recebem em fazellos sofrer, ou lhes tirar o sobejo, e gollosamente bever e comer. E os ciosos com quanto trabalho de coraçom passom sas vydas, por os sentirem aalem da razem, bem he per muytas speriencias de-

mostrado. Os perfiosos, se os vencem, ou ryjo contradizem sas perfias, bem mostram o sobejo sentido que dello filham. E os de fracos e apertados corações sobejamente sentem as cousas de temer e contrairas, e muyto mal soportam feitos grandes e fortes, nem os podem acabar, por filharem delles tal carrega com sobeja desperaçom que se torvam ou de todo leixam. E assy he claramente visto daquelles pecados e fallicymentos, de que mais seguidos somos, filhamos mais sobejo sentimento, e aquesto avemos da parte das condiçoões.

Per sobejo empacho e vergonha quantos som torvados em feitos e dictos, cada huũ per sy e per os outros podera bem julgar; e faço deferença da vergonha ao empacho, como comprydamente screvy no livro do cavalgar, porque a vergonha aproprio aa parte da razom, fazendo fundamento em cousas que fiz, ou duvydo de fazer, contrairas de virtude; e o empacho que o coraçom filha de qualquer cousa que duvyda mal parecer ou seer avydo por estranho, ou ryjo, se mayor sentido da razom for filhado no cometter de muytos bons feitos, faz sobejo empeecimento, e fazendoos da sempre torva. Os que a todos querem comprazer, e a nenhuũ desprazer, ainda que nacc tal desejo so semelhança de caridade, muyto som torvados em bem obrar, por filharem mayor sentido dos nojos e perdas alheas do que convem, ca nom deve sentimento aos que as virtudes desejom realmente guardar fazer tal empacho que por prazer a outrem, ou lhe fazer perda, mal, ou nojo, quando necessario for, leixem de comprir o que devem. E a esperança mostra bem aos que tal voontade teem, que o sentido sobejo, que dos outros se filha, da muytas vezes torva para virtuosamente obrar; e porem quando presta, devemos a el servir; e quando empeece, forçallo com a graça de Nosso Senhor o mais que podermos, e seguyr sempre o que a razom manda, ca nom he

duvyda que o empacho nos moços e mancebos muytas vezes faça grande proveito. E o receo da vergonha, filhado temperadamente, a todos aproveita, e o sobejo traz empeecimento. E vejo em dous fallecymentos muy geralmente cayr, scilicet, filhar muy ryjo sentido das cousas que ainda nom som, como se ja fossem, segundo alguũs que por a novidade se mostrar errada ja choram fame, e assy em semelhantes; outros, de que sospeitam que contra elles he feito ou dicto, filham tam ryja sanha, tristeza ou cuidado, como se fosse certo; e porque muytas vezes todo he nada, ficam em ambollos casos com mal recebido, sem razom, per sospeitas, e receo do fallecymento, sua condiçom nom dereita ou mal acostumada, aos quaaes Seneca conselha que nom sejam mizquynhos ante do tempo. E porem convem sempre filhar esforço com avysamento, pera nom cayr em tal erro.

E das compreissoões em geeral se afirma que os collericos, de sanha, perfia, soberva som tentados, querendo semelhar ao fogo, de que condiçom mais participão em alteza e fervor. E os sanguinhos das cousas allegres, de bemquerenças, festas, jogos, danças, tanger, cantar, montes, caças, pescarias, todo per spaço, folgança, mais som requeridos, segundo a compreissom do aar, porque os obradores de taaes cousas desordenadamente, e nom a tal fym como devem, vaydade recebem por gallardom. Os freimaticos, vyço de comer, bever, dormyr, sem trabalho do corpo nem do spirito, muyto desejam por o pesume de sua frieldade, e humydade semelhante aas auguas. E os menencoricos das cousas tristes, davorrecymento de sy, doutrem, com desperaçom de todo bem, e grande sospeita dos malles som requeridos, semelhando por sua frieldade e secura a terra seca daugas, que fruito boo e proveitoso nom pode geerar. E estas tentaçoões fazem filhar mayor sentido que convem aos des-

tas compreissoões, nom porem a todos, que som alguũs segundo determynaçom freimaticos no estamago, e todo o corpo calorico, e assy per outras semelhantes deferenças; e posto que per algũa destas compreissoões sejam induzidos a fazer alguũ mal per cada hũa das cousas suso scriptas, que mudam as condiçõoes e boo custume, podem seer tam temperados que nom sentirom sobejo as tentaçoões que sua compreissom lhe outorga; e per aquestas podera cada huũ aver algũa parte do conhecymento de sy, e dos outros, consiirando a condiçom e compreissom de que cousas filha mayor sentido, quando se nom fazem a seu prazer, e per que parte mais fallece em nom filhar nos feitos aquel cuidado com delligente trabalho que deve, por pensar ou seguir outras cousas que tanto nom convem.

CAPITOLLO LXXVI.

Dos erros do mynguado sentido.

Alguũs errom per maneira contraira, sentindo as cousas menos do que convem, per myngua de memoria, entender, voontade, querer, saber, e poder, de que a esperiencia bem mostra claros enxempros, que se das cousas nom se ha tal sentido como deve nem som nembrados quanto convem, ca poucas vezes os que dos feitos filham per afeiçom razoado sentymento, se de natural memoria nom defallecem, nunca som squecidos do que termynam fazer, nem bem entender as poderom, se com afeicionado desejo dellas nom filharem boo cuydado, e voontade nom poderom aver de as bem obrar se per ryjo sentido da voontade, proveito, nom forem enduzidos; e assy do querer e saber, que sem special razoado sentido das cousas de grande conta nom se podem querer nem saber tam perfeitamente como convem. O poder, quanto com grande sentido nos feitos se acrecenta, cada huũ per sy o pode julgar, ca por aver voontade de hũa cousa de pequena conta, nom sentem fame, sede, sono, frio, calma, trabalho de corpo e desprito, e por outras de salvaçom das almas, donra e proveito, se a perfeiçom dellas nom filha tal sentido, o poder acha tam fraco que cada hũa das cousas suso dictas nom sofre, afirmando que nom pode, nem he de fazer, parecendo lhe razom por huũ porco andar todo o dia

sem comer, e que nos oficios da Igreja, em conselhos ou desembargos he sobejo estar del amectade. E se per semelhantes enxempros se mostra quanto per myngua de boo sentido nos feitos se nom ha em elles aquella memoria, entender, e voontade, querer, saber, e poder que convem; e assy per fallicymento da memoria, e de cada hũa das outras partes, nem avemos nem fylhamos dos feitos razoado sentido.

Os de coraçoões muyto largos, ou fracos, ou pryguyçosos e deleixados, se per siso, e razom nom se corregem, per myngua ou sobejidoõe muyto fallecem, ca os de largas voontades e coraçoões, teendo as cousas em pequena conta nom as sentem quanto convem; e os de fracos de grandes desesperam, e porem dellas nom se curam os priguiçosos, e os deleixados com squecymento, e preguiça, ou fraqueza dos feitos filham tam pequeno sentido que sempre os mal e tarde fazem; e semelhante muytas vezes os derribados em os fallicymentos suso dictos tanta afeiçom teem a alguũs revessados desejos ou receos, que doutros feitos nom podem aver aquel sentido que he razom, porque a memoria, entender, e vontade assy trazem desordenadamente ligadas em alguũ amor, desejo, deleitaçom, ou em cada hũa das outras paixoões suso scritas, que as outras e feitos nom podem nem querem sentyr, como dereitamente devem fazer.

De se nom filhar o sentido que convem quando som feridos, muytos veherom a morte e grandes cajoões; porem assy como em alguũ tempo bem he sofrellas por serviço de Nosso Senhor Deos e nossas honras, assy nos outros bem he que dellas se faça tal conta como convem. E todo esto fazem muytos perfeitamente os que guardom em todos seus feitos tempo e ordem; ca, segundo dicto de Sallomom, todallas cousas teem seus tempos, porque tempo he que traz seu merecymento matar alguũ

homem, e outro grande pecado; e assy do jejũar, vigiar, e todallas cousas meaãs, nas quaaes sua perfeiçom esta em guardar tempo e ordem como dicto he, ca nas sete virtudes suso dictas nom ha tempo, lugar, porque sempre som necessarias, e o leixamento dellas fazer se nom pode sem pecado, segundo no dicto livro das Collaçoões muyto bem se declara. E assy he bem visto que guardar tempos em nossos feitos, e filhar em elles o sentido que devemos, he alta e grande prudencia; e com esto concorda bem aquel enxempro que diz: Ante do feito, conselho; e depois esforço. E assy convem aver ante delles boo sentido pera nos avisar e perceber do que nos perteece, e depois temperallo nas fins de todos que bem veherem pera nom sobejo nos allegrar, e dos contrairos por nom recebermos derribamento no coraçom, voontade, e boa maneira de vyver, lembrandonos aquella pellavra que diz: Toda cousa que se faz antre vos, guardando ordem e tempo se faça.

CAPITOLLO LXXVII.

Contra quem per sobejo ou mynguado sentido erramos.

De nom se aver ou filhar aquel sentido, que em cada hũa cousa e feito aver se deve, fazem erros contra Deos, e contra nos medeses (1); e aos Senhores, amygos, e servydores, iguaaes de nos, e mais somenos. Errom per sobejo sentido contra Deos, quando per sanha del renegom, ou mal fallom, dizendo que nom he todo poderoso, nem faz todallas cousas dereitas; e per myngua de boo sentido esso medes fallecem contra el quando das almas nom curam, nem lhe dam aquellas graças e louvores per reconhecimento de boas obras por nos criar, fazer homeẽs, em sua lei nados, com outras infinitas mercees que todos del recebemos. Contra nos, muytos caaem em mortes e em outros grandes malles per tristezas, nojos, desperaçoões, desesperando com sanha de feitos proveitosos a boa maneira de vyver, seguyndo, e vencendosse a muytos malles per sobejo sentido do desejo dalgũas cousas, e temor doutras, como per as partes suso scriptas he declarado, ca o grande sentido tira o dormyr, e dally vem grande desgovernança de toda compreissom e boa vyda; e per fallamento del fallecem na conciencia, honra, saude,

---

(1) É o plural de medes. Vej. a nota 21 de pag 1.

proveito, e boo prazer, por nom pensarem nem obrarem os feitos como devem. No que toca aos Senhores, os servidores fallecem per sobejo sentido, quando por desprazer que ham, ou mayor proveyto que speram, fazem treiçom contra elles, ou de sas casas nom dereitamente se partem, mal fallom, obram, ou consentem pellas razoões suso scritas que contra seus estados ou cousas que lhe perteecem se faça, e per myngua de bom sentido nom guardam honra, estado e serviço de seus Senhores; ca per a pratica que eu e meus irmãaos tevemos, graças a Deos, com ElRei nosso Senhor e Padre, segundo aos Ifantes nossos irmaãos screvŷ, e naqueste trautado se screvera, vos poderees consiirar quanto sentido se requere averem os boos servidores pera seus Senhores serem delles bem servydos, e fallecendo ou sobejando de ventura poderem em cousa servyr como devem.

Amyzade poder realmente sem grande sentido e avysamento seer guardada, julguemno aquelles que a bem longamente guardom, ca outros em ella bem nom sabem nem podem fallar, salvo se for de cousas ouvydas ou aprendidas per livros, os quaaes em presença dos que pouco dello sabem se mostram sabedores, e ante os que a praticom se muyto fallarem ligeiramente serom conhecidos que fallam de virtude aprendida, e nom gostada per longas speriencias; e semelhante me parece que se faz em todas virtudes, que nom podem assy perfeitamente em ellas fallar por sotiis e leterados que sejom os que as nom praticom, como aquelles que per muytas e longas speriencias de sy e doutros percalçom as virtudes dellas; e taaes como estes bem sabem que amyzade verdadeira nom se pode longamente manteer sem grande temperança de sentido; assy que de cousa nom se receba tam ryjo que contra o amygo faça o que fazer nom deve, e de seu bem, honra, proveito, e saude, e boo

prazer aja tam perfeito, per requerymento do grande amor, que per myngua de voontade contra el nunca possa seer culpado.

Quem duvydara que hũa das principaaes cousas por que os Senhores mal trautam seus servidores he por sobejo ou fallecido sentido? Ca por sentido da soberba, sanha, huũs matam, outros ferem, e sobejamente de feito e pallavra mal trautam os davareza ou cobiça tocados, de imposiçoões e penas seus subditos, mas de razom som carregados por seguyr desejo de vaãs folganças; muytos som desordenadamente trabalhados em taaes cousas, que por servyço e razoada folgança dos Senhores scusar se devyam; e assy per cada huũ pecado de que os Senhores som per seus sentidos mais derribados seus servidores recebem malles, perdas, e maao trazimento, nom a menos esto faz per fallicymento de boo sentido que delles avyamos daver, consiirando que som homeẽs como nos, e muytos acerca Deos e o mundo melhores, mais comprydos de boas virtudes, de cujo boo regymento esperamos grande gallardom, e boo nome, com muyta folgança, e do errado pena, defamaçom, e tristeza. E porem como de nos contynuadamente devemos aver de todos grande e boo sentido, nom seguindo tanto nossos fallecidos desejos, perque nom sejamos sempre com obra bem lembrados quanto somos obrigados de os guardar de todos contrairos e acrecentar em todos beẽs e virtudes; nem per myngua de razoado sentido sejamos esqueecidos de provisom e teenças, que de nos ham daver per mercees ordenadas, e fora dordenança, e de suas honras, proveito, e boas folganças ante espertadas por boo entender, e dereito conhecimento; em esto pryncipalmente tragamos todo nosso desejo e pryncipal voontade, como nos prazeria que de todo nosso serviço e boo prazer elles fossem bem nembrados, nom fallecendo contra nos per sobejo sentido,

mais que aver o devem, ou fallecydos delle ao que a nos tocasse, leixassem como som obrigados.

Entre os iguaaes quem faz desacordos senom sobejo ou mynguado sentido? Ca de hũa parte o simprez fallicimento sem voontade de mal fazer, que per soo pallavra podia seer corregido, ou com boo geito ẽmendado, sem grande escarmento, nom consente que se leixe passar; e os erros e malles que per el e pollos seus se fazem, ainda que grandes sejom, por delles se aver pequeno sentido, faz parecer que nom som pera fazer conta, regendosse per o sentido do coraçom, e nom da razom, fazendo em semelhantes feitos aquella deferença que ao sentir corporal cada huũ faz de hũa pequena ferida que recebe, que de muyto mayor que veja dar a huũ que nom conhece; e assy os que seus feitos e alheos per afeiçom de coraçom ryjo sollamante julgarem os erros e malles, que elles e os seus contra outrem fezerem, lhe parecerom nada, e os outros tam sobejos que soportar se nom devem.

Os somenos, que per os mayores sejam trilhados e mal trazidos per sobejo ou mynguado sentido, a esperiencia das casas dos Senhores de cada hũa cidade e vylla o demostra, ca os mayores seguyndo o sentido das voontades e pecados que mais em cada huũ reyno, huũs per sanha, defeito e dicto trautam sobejamente mal a outros, com soberba trilham, e per avareza roubam, seguyndo luxuria em molheres, e filhas deshonram; e assy vencydos ao sentido de seus maaos desejos a muytos fazem mal em pessoas, e beẽs, e per fallicimento, dar lugar aos seus em pousentarias (1), e andar per terras alheas contynuadamente, leixam fazer muytos malles por nam se guardarem do que convem,

(1) Os nossos antigos dizião pousentaria em lugar de aposentadoria. (R.)

nem castigarem os que o merecem, ou avysarem aquelles que avysar devyam. E per estas partes suso scriptas, que brevemente fuy tocando, segundo que muyto melhor e mais largamente por aquelles que das virtudes e vicios ham boo conhecimento se poderia dizer, porque a todo se estende, se pode bem consirar quanto mal se recrece do sobejo ou mynguado sentido que filhamos emtodos nossos feytos.

CAPITOLLO LXXVIII.

Das partes per que somos ensynados e bem encamynhados a receber dereyto sentido em todallas cousas.

Porque nas obras moraaes nom muyto presta conhecer as perfeiçoões das virtudes, nem todas maneiras de fallecimentos, se os remedios contra o mal, e camynho pera o bem nom se demostra, e sabido direitamente se pratica, porem vos faço esta breve declaraçom das partes per que este sentido, com a graça de Nosso Senhor, se rege. E quanto toca nossa conciencia, per as tres virtudes theollogaaes suso scriptas somos encamynhados a o filhar na ordenança que aver se deve, porque a fe que avemos dos malles nom passarem sem pena ou satisfaçom na vyda presente, ou por vyr, nos faz aver tal temor de toda cousa de que nossa conciencia nos acuse, per que recebemos tal sentido, que do passado fazendo satisfaçom, nos doemos para o diante de cayr em semelhantes, e somos bem avysados. Per esperança se bem reguardarmos nos beẽs presentes, e na sancta gloria que averemos se virtuosamente vyvermos, com grande sentido seguyremos as virtudes, e leixaremos os malles e pecados. Se formos per carydade no amor de Nosso Senhor Deos das virtudes enframados, todas obras virtuosas com grande afeiçom e sem costrangymento seguyremos, e das contrairas com todo boo sentido seremos afastados. E se reguardardes estas virtudes theollogaaes, bem po-

dees consiirar como os que as ouveerem razoadamente das cousas da conciencia devemos filhar e aver dereito sentido, pera comprir aquella pallavra de Nosso Senhor, em que manda que busquemos prymeiro o reyno de Deos e a justiça del sempre, e todas cousas pera nosso bem necessarias nos serom outorgadas. E aquesto compriremos se ante que façamos qualquer obra consiirarmos se per ella fazemos contra serviço de Nosso Senhor, que por voontade, proveito, e prazer que nos requeiram nunca se faça, e se for segundo sua voontade, que no proseguymento fezermos, guardemos sempre sua justiça, ca nom abasta fazer obra que seja boa, mas fazella bem, sem mestura doutros errados feitos, ou pratica viciosa.

Pera os feitos da presente vyda estas tres virtudes suso scriptas, segundo nossa crença e cathollica teençom, som muyto necessarias, mas fallando moralmente per as outras quatro cardenalles em todos nos regemos, e filhamos de cada hũa cousa o sentido que aver se deve; porque a prudencia sollamente, fallando em geeral, per sy faz escolher o melhor em todos nossos proprios feitos, e aquesto he perfeiçom de todo boo sentido, e virtude; e a justiça mandar dar a cada huũ o que seu he, e obrar em todollos feitos o que mais dereitamente se deve fazer, porem se mostra que he comprymento de todallas outras, mas fallando em special, prudencia nos mostra em todo o que he bem e melhor, ou mal e peor, conselhandonos sempre, escolher a parte mais perfeita, regendo pryncipalmente nosso entender e razom, mostrandonos as virtudes pryncipaaes que sempre devemos seguyr, nem ha tempo pera obrar seu contrairo. E as disposiçoões pera virtude, como som jejuũs, vigillias, leer de boos livros, ouvyr sermoões, e boos fallamentos; e estas e outras taaes nom som proprias virtudes, mes despõe para ellas, e a tempos convem de se fazerem, e outros leixarem. E mostra

conhecer as cousas boas per openyom das gentes, como som reverenças, maneiras de receber serviços, e fazellos, vestir, e trazerse, fazer festas, e semelhantes, ca esto nom he mais bem que quanto se guarda o custume per boas pessoas mais aprovado. Ensyna esso medes conhecer os sentidos e nembranças que avemos da parte racional, e os da sensetiva, pera demostrar com que remedios e fallicimentos avemos de ẽmendar e correger, e nos beẽs manter e acrecentar. E tambem nos faz conhecer em que cousas per nosso juyzo, segundo que sabemos e praticamos, devemos determinadamente fallar e obrar, e quaaes convem seerem leixadas a prellados e confessores em feito de concienneia, e a legistas e decretistas no que perteece a dereito, e aos fisicos e cellurgiaães em as infirmades, e assy a cada huũ em as cousas que per theorica e pratica mais sabem, husando com elles per nosso juyzo nas cousas que per el bem podemos entender e determynar, e o mais sumeter aas suas determynaçoões; ca per myngua de tal conhecymento muytos, que por sesudos som contados, caãe em grandes fallicimentos, querendo julgar e determynar per boa razom o que por ella sem ensyno, ou grande pratica, se nom pode bem entender nem saber. Justiça manda nossa geeral voontade desejar e seguyr o que per prudencia lhe for per melhor demostrado e conselhado. Per temperança pryncipalmente regemos todallas paixoões da parte desejador, a bem e a mal perteecentes; e per fortelleza dessa guysa as da parte defensor ou yracyvel.

CAPITOLLO LXXIX.

Dos fallicimentos aas virtudes mais chegados.

Todas estas virtudes suso dictas nos avysam pera bem conhecer e seguyr as dereitas obras vyrtuosas, desemparando os fallecymentos tanto a ellas chegados, que per geeral openyom hũa per outra se filha, das quaaes por algũa declaraçom estes poucos enxempros vos screvo. Estucia per prudencia muytas vezes se nomea, em tanto que no avangelho Nosso Senhor disse que perderia a prudencia dos prudentes, e que os filhos deste segre eram mais prudentes que os da luz, nom dizendo esto da verdadeira prudencia, mas dos que husam da estucia. E antre ellas he tal deferença: prudencia todallas cousas manda e conselha fazer aa mylhor parte, guardando serviço do Senhor Deos, e pratica virtuosa, nem consente fazer por avantagem que senta obra tal que aa virtude seja contraira; e a estucia per qualquer guysa que sejase trabalha, com sotilleza dentender e praticas com artes, de comprir seu desejo e voontade, nom se curando da conciencia, guarda de virtude, nem boo nome; e de tal estucia he grande conto dos chamados sesudos, os quaaes verdadeiramente nom husam, porque os nomes de prudente e sprito de sisudo pertecem a pessoas virtuosas, e nom compridas de saber e pratica malliciosa, como som os que husam de tal estucia.

Justiça tem seu chegado fallicimento desejo de vingança, con

seguymento de voontade e de vaão nome, por o gabarem que he dereito em seus feitos e justiçoso, antre os quaaes esso medes he tal deferença: o verdadeyro possuydor da justiça nom a faz nem guarda por seguyr voontade, nem por fama e proveito temporal que dello se lhe seguyr possa, mas per serviço de Nosso Senhor Deos, amor e afeiçom daquella virtude per natural estinto ou conhecymento da sua perfeiçom, e por ella como convem a todallas outras; e os outros todo pryncipalmente fazem por fartar voontade, satisfazer a sanha, e por vaam gloria.

Temperança tem por seus chegados vicios escacesa, e sobeja abstinencia de comer, e bever, e dormir, antre os quaaes he tal deferença: o temperado tudo faz por seguyr as virtudes de castidade, humyldade e mansidoõe, e boa desposiçom da alma e do corpo, e pratica virtuosa em todos seus feitos, nom mynguando cousa do que a seu estado convem dar e despender; e os que a guardam por teençom contraira fazemno pryncipalmente por avançarem na fazenda, e averem fama e nome de temperados, sentindo sua folgança em o proveito e nomeada, mais que no bem das virtudes.

Fortelleza perfia e pertinacia tem em sa companha, mas como das outras disse assy destas: o forte comete, contradiz, sofre, e soporta todo per determynaçom do entender e razom, nom vencido per desejo e regidoõe de coraçom, nem sanha, mas com autoridade de prudencia, e voontade pera seguyr ou compryr justiça; e o perfiioso e pertinaz, seguyndo e compryndo o desordenado desejo do seu coraçam e voontade, quer mal e como nom deve seus feitos levar adiante, filhando por grande fallimento com vaam gloria e soberva decer, e leixarse de cousa que começada tenha, entendendo que fazello assy he sua myngua, seendo grandemente enganado, porque o fallimento he el

fazer ou dizer o que de razom aja leixar e nom compryr; mas quem hi a tam acabado que todo perfeitamente diga e faça? Porem quando cousa fallecida fezer, he daver pouco contentamento do entender ou voontade que fez começar, ou que nom convem contynuar, nem trazer a fym. E deve seer bem contente sentyr que Deos lhe deo tal desejo de guardar justiça, que se diz obravom dereitamente, leixando pertinacia ou perfia do mal em pior, nom querer aturar, mas conhecendosse como convem, ẽmendar, correger, e avysar das cousas que per seu juyzo e boo conselho entender que faz ou disse nom dereitamente.

O receo da vergonça, que he de louvar, com empacho do coraçom, que pera pouco presta, se acompanha. E o receo das cousas per a parte da razom pera nos guardarmos do que se seguyr em nosso contrairo, medo do coraçom muytas vezes traz essa parçaria. O sentido na parte do tressayr tem mais seu pryncipal fallicimento, ca per as partes, que dictas som, poderes conhecer como os mais daquelles, que virtude nom seguem, nom sollamente recebem e se louvam do que filham com mayor sentido que convem, mas aos outros como virtuosos por ello contynuadamente louvam; e nom guardando em esto o que he dereito e razom, mas a voontade, per que pryncipalmente som regidos, lhes faz louvar os outros que semelhantes fazem, e antre estes tal he a deferença como das outras virtudes, porque os que seguem voontade per sanha, e qualquer das outras partes suso scriptas, muytas vezes lhes parece que fazem o que devem em obras revessadamente feitas, e bem acharam quem por ello os louve, e assy conselhe em vynguanças, roubos e furtos, por mostrarem que teem boo sentido de suas honras, proveito e folgança; e os que se regem per razom o entender trazem por Senhor ou ayo, nom fazem cousa sem sua outoridade e mandado, taaes como estes nom curam das openyoões do commũ

mas aquello seguem que verdadeiramente melhor lhes parece, e no que mais se acordam as virtuosas pessoas, segundo aquel boo estado em que for; e os que trazem voontade por Senhora, e o entender em lugar de servydor ou fraco conselheiro todos seus feitos obram sobre ventura, ca onde bem desejam algũas vezes bem obram, e se contrairo assy o fazem. E per hũa maneira me parece que homem pode conhecer com qual parte se mais tem: veja em seus feitos como mais vezes chama eu, e assy saiba que he maneira de seu vyver; enxempro desto, se eu custumo dizer, meu entender me conselhava esto, mas eu o nom quyz fazer; saiba que a voontade traz por Senhora; e se em toda pryncipa parte de sua vyda se diz, mynha voontade me requeria tal cousa, mas eu nom quyz, e em algũas poucas passa, o entender anda por ayo; e a voontade por criado; e se nunca, ou em muy leeves cousas trespassa, o entender he Senhor; e assy nos devemos trabalhar que sempre seja.

He porem de consiirar que alguũs, como no começo deste trautado screvy, teem as voontades muyto humyldosas, e o entender he prestes a seguyr o que el lhe mandar ou determinar, mas o entender he tam pequeno que nom sabe mandar, nem conselhar, e nos semelhantes o erro vem da parte do ayo ou Senhor, e nom da voontade, que tem lugar de servydor; e a este, pera seu boo encamynhamento, convem que se reja per conselho doutrem, que lhe mande que faça em cada hũa cousa, pois el assy medes nom sabe mandar; e posto que ao mais sabedor muyto seja proveitoso fazer seus feitos per conselho, a este mais he necessario; e se o entender bem conselha, mas a voontade per afeiçom, rigidoõe, ou fraqueza nom quer obedecer, e compryr o que lhe mostram, por mais seu bem e guarda das virtudes, a culpa nom he no entender, que tem

em tal pessoa logar de conselheiro desprezado, mas na voontade que he Senhora; e semelhantes de grande ventuira podem tornar a vyrtuoso camynho de Nosso Senhor como as virtudes da fe, sperança, caridade os nom corregem.

A cerca desto eu vejo cynco maneiras dhomeẽs seguydores de voontade, e tres desordenadamente de seu entender. Os que pouco entendem, e ham ryjas voontades, cousas dellas nom quebram mas em todo se trabalham de as compryr, julgando aquello que lhes praz de fazer nom seer mal ou pecado, ainda que leterados e os mais entendidos digam o contrairo, ou posto que o aja por erro diz que nom ha de seer perfeito, e porem nom monta husar naquello como deseja, pois nas outras cousas lhe parece que faz o que deve. E alguũs que todo leixam a predistinaçom dizendo que, se ham de seer salvos que nom pode seer o contrairo, e que porem nom devem leixar de fazer o que lhes mais praz, pois todo ha de viir per ventuira, predestinaçom, ou ordenança das pranetas. Outros, que por maao custume da mocidade som assy feitos fracos, que nom podem contradizer ao pecado no tempo da tentaçom, dos quaaes diz Nosso Senhor que a tempos creem, e no tempo da tentaçom desfallecem. E semelhante fazem os que som erejes, e nom creem outra vyda senom esta, ca taaes toda bemaventurança poõe em seguyr e compryr seus desejos; e ainda que pareçom entendidos, e nom se atrevam per pallavra mostrar suas descreenças, porem o testemunho de seus feitos bem o demostra, ca nom se vencem a huũ soo pecado, mas a quantos per voontade som requeridos. Os seguydores de seu entender som aquelles que per vaam gloria muyto se allegrom, em fama de muyto entendidos, ca estes pensando que abaterom em seu nome se condecerem aas openyoões ou determinaçoões alheas, se forem contrairas do que ja em praça tem dicto ou

mostrado, e por cousa nunca se vencem, mas com perfia querem levar seus feitos adiante. E tal fazem os muyto devotos sem descriçom, que pensam todas suas voontades e juyzos lhe viirem da parte de Deos, porende que se nom devem mudar de seus propositos, por boa razom que lhe seja dicta nem demostrada. Os que per myngua de fe, boa ensynança, ou com sympreza fazem mal, pensando que he virtude, dando tanta creença ao que assy entendem, que nom podem receber outro boo ensyno que lhe dem ou queiram demostrar. E todo esto per graça do Senhor com as virtudes princypaaes suso scritas se correge e guarda, e sem ellas das cousas nom poderemos aver dereyto sentimento nem as obrar virtuosamente.

CAPITOLLO LXXX.

Das casas de nosso coraçom, e como lhe devem seer apropriadas certas fyns.

Pera mayor declaraçom de como entendo que devemos aver das cousas sentimento virtuosamente, eu consiiro no coraçom de cada huũ de nos cynco casas, assy ordenadas como custumam Senhores. Prymeira, salla em que entram todollos do seu Senhorio, que omyzyados nom som, e assy os estrangeiros que a ella querem viir. Segunda, camara de paramento, ou antecamara, em que costumam estar seus moradores, e alguũs outros notavees do reyno. Terceyra, camara de dormyr, que os mayores e mais chegados de casa devem aver entrada. Quarta, trescamara, onde se custumam vestir, que pera mais speciaaes pessoas, pera ello perteecentes, se devem apropriar. Quinta, oratorio, em que os Senhores soos algũas vezes cada dia he bem de se apartarem pera rezar, leer per boos livros, e pensar em virtuosos cuidados (1). E avemos em cada hũa destas casas aquellas doze paixoões que ja screvy, scilicet, amor, desejo, deleitaçom, odio, avorrecimento, tristeza, mansidoõe, esperança, e atrevymento, sanha, desperaçom, e temor; e o sentido de todas doze em casas

(1) Este passo curioso mostra quanta era em nosso entender a urbanidade das recepções das grandes personagens naquelles tempos, as quaes erão accessiveis não só a toda a gente, mas até a todos os estrangeiros que as procuravão; nos indica alèm disso a principal distribuição dos seus palacios. (S.)

iguaaes. Na salla sera mais geeral, e menos aficado, e nas outras casas ira crecendo ataa o estudo, que sera mais special e ryjo que seer pode.

E quando nos veher o sentido dalgũa cousa devemos bem consiirar quatro fundamentos: prymeiro, qual he o feito de que nos vem; segundo, a paixom que nollo faz sentir; terceiro, a pessoa por que o avemos; quarto, a que fym somos movydos de o aver; ca dizem os sabedores que a fym dos feitos he seu fundamento, que nos demora aos começar, e contynuar, por aver o que nos praz, ou escuzar o que receamos; e pois a fym delles he seu começo, prymeiro a devemos ordenar em nosso coraçom, poendo na salla todallas cousas, que nom teem outra afora filhar prazer. Na camera do paramento as do proveito. As da saude corporal na camara do dormir. Nas trescamaras os feitos da honra, tirando dellas toda cousa que aa virtude seja contraira, como omiziados de nossa casa. O estudo especialmente seja guardado pera o servyço de Nosso Senhor, e seguymento das virtudes.

E posto que sejam estas cynquo fyns assy departidas, todos porem nos movemos, quando he per nosso prazer, a percalçar o que nos parece mayor bem, ou por escusar mayor mal. Aquesta ordem nos mostra o geeral custume, ca veemos por aver riquezas leixar muyto prazer, passando o mar, sofrendo fame, frio, calmas, entendendo que o proveito he tal fym que as cousas da soo folgança em casos iguaaes som mais de leixar porque trazem longamente mayor bem, e arredamento de mal. Por salvamento do corpo os que husam de razom veemos dar o aver de boa voontade em doença, prisoões, e outras necessydades, conhecendo que riquezas som de menos conta, e se devem por seu bem, ou arredamento de mal, despender; e desto as allymarias mostram boo enxempro, que leixam a folgança de

seus casamentos, e de comer e bever por fugyr aa morte, e prysom, avendo aquel por mayor bem que seguyr as deleitacoões. Que o corpo se aventuira por acrecentar ou guardar a honra, bem o demostram as canonycas (1), e os enxempros que cada dia se passam dos que, por guardarem lealdade, se leixam matar; e outros, querendo por toda sua lynhagem ganhar grande melhoramento, se aventuram a perigos magnifestos da morte, entendendo que o bem da honra dura mais longamente em a vyda sua e de seus parentes, que ao presente som, e ao diante forem. E como por serviço de Nosso Senhor leixam todas estas fyns, bem se demostra por as ordens, em que prometem proveza, obediencia e castidade, per que desemparam as prymeiras duas da deleitaçom e das riquezas, e os corpos como por servyço de Nosso Senhor Deos se despoõe a morte dos martires bem o declara; as honras som de todas em esta vyda leixadas per os que vaão aos homeẽs onde nom speram algũa cerymonia della. Porque a honra propryamente, segundo a mym parece, he reverença, obediencia, serviço, acrecentamento, gasalhado, ou festa que se faz a alguem, por sua virtude, estado, poderio, ryqueza, boa ventuira, ou afeiçom; e quem bem consiirar os enxempros, veera se tal declaraçom della he razoada. E todo esto desempararom muytos por serviço de Nosso Senhor, ainda que por suas virtudes despois a honra os sigua, e todas estas fyns vaão demandando as pessoas que ordenadamente leixam hũa somenos por seguyr aquellas em que ha mayor bem em casos iguaaes, como dicto he; porque huũ Se-

(1) *Canonica*, segundo o Elucidario, significava antigamente casa ou mosteiro, em que se vivia segundo a fórma dos Sagrados Canones, e o mesmo diz *Du Cange*: *Qui locus recte appellatur Canonica, quia ibi ecclesiastica atque divina observatur regula.* Não nos parece porém que seja isto o que quiz dizer ElRei D. Duarte, antes entendemos que é erro do amanuense, e que se deve ler *cronycas*. (R.)

nhor dar muyto dinheiro por algũa cousa, que nom tenha outra fym senom soo prazer, nom erra, consiirando queo dinheiro, que pera outrem he muyto, na casa de seu proveito hê theudo em pequena conta, e o prazer que recebe, ou espera receber, per respeito de sua salla, em que deve estar, he grande. E quando tal desiguallança for nas cousas, a fym do prazer deve passar a do proveito; e assy cada huũ, quando ella for grande, e as outras mais pequenas segundo sua ordem, salvo o que perteece a Nosso Senhor, que se percalça per graça especial com guarda das virtudes, as quaaes nom ham tempo pera leixar obrar dellas porque dizem nom seer virtude principal a que tem alguũ tempo em que seja bem nom husar della; porem os que virtuosamente vyvem nunca devem leixar o serviço de Nosso Senhor Deos por cada hũa das outras fyns.

E ordenando assy per imaginaçom estas casas, poderemos veer se filhamos aquel sentimento que devemos, consiirando primeiro que feito he em grandeza, porque das cousas perteecentes aa saude das mais perigosas, ainda que o nom pareçom, averemos principal sentimento, e assy cada hũa das outras fyns, guardando a ordem ja dicta; des y consiiremos por qual paixom recebemos del o sentimento, se vem por desejo, temor, sanha, ou cada hũa das outras; e a que pessoa perteece, e per que razom, ca devemos trazer as que forem a nos mais chegadas na mais especial casa aalem da que perteece a Deos; e assy as outras descendendo per sua ordem ataa a salla, em que todos por amor de prouximos devem andar; e esto sera pera o que graciosamente, ou com razom, avantagem podemos fazer, ca o direito e justiça geeral a todos igualmente em alguũs casos deve seer guardado, nom por respeito das pessoas, mas por guarda das virtudes, que he a nossa principal entençom, porque as outras som de leixar. E sobre tudo he de veer por que fym das cynquo

scritas avemos tal sentimento, ou recebe ou pode receber aquella pessoa que nollo faz sentir; e todo esto consiirando se pode julgar se filhamos daquella cousa o sentimento que devemos. E com esto que screvy me parece concordar o que se contem no livro do regimento dos Principes, onde mostra em que devemos poer nossa bemaventurança, leixando deleitaçom, riquezas, fermosura, força, saude, fama de honra nas virtudes declara que deve seer posta, avendoa por mais alta e perfeita fym, ca Meestre Reymom (1), em huũ livro que falla da enteençom primeira e segunda, mostrando como devemos daver primeira teençom, as cousas mais excellentes das virtudes principalmente mostra que a devemos aver. Nosso Senhor no avangelho manda que o amemos de todo coraçom, voontade, e alma, e de todas nossas forças, em que me parece requerer aquel nosso estudo do mayor sentido do coraçom, querendo seer amado per conselho do entender, e desejo especial com boo custume da voontade na mais grande maneira que seer pode, com pura delligencia de todos sentidos, que vem a proposito da mynha maginaçom suso scripta; e de trazermos este mais alto e ryjo sentido do coraçom, dado a Nosso Senhor Deos, nos fara todas cousas de bem fazer, principalmente por seu amor, guarda das contrairas, por seu temor, que som começo e fym das paixoões suso scriptas. E pera veer como temos amor a Nosso Senhor, diz Sam Thomaz de Aquino, que per estes sinaaes he conhecido o Principe que o ama: primeiro, se de boamente pensa em elle; segundo, se lhe praz das cousas que cree seerem del amadas, e tem odio aas que som contrairas; terceiro, quando de boamente por el padece ou he prestes padecer; quarto, se tem amor aos

---

(1) Deve ser Raimundo Lullo. Veja-se o que dissemos em a nota 2 de pag. 205 ácerca dos Raimonistas. (R.)

lugares sagrados e devotos; quynto, quando ama seus servos; sexto, quando com boo desejo del falla; septimo, quando de boamente del ouve, e as cousas ouvidas em memoria retem; oytavo, se de boo grado da por seu amor; noveno, se he obediente a seus mandados; decymo, segundo a mym parece, quando bem e de boa voontade, e continuadamente se despoõe aos feitos da justiça, e proveito da cousa publica, pryncipalmente por tal que praza a Deos, e seja del amado assy como servo e fiel. Bem consiirando como todo esto praticamos, saberemos se aquel estado do coraçom, suso scrito pera o Senhor, he sempre guardado.

Outra consiiraçom me parece proveitosa pera a governança de nossos sentidos nas cousas que vehèreme ontra nosso prazer. E quanto à Nosso Senhor Deos, creer sem duvyda que todo he tam bem feito que melhor se nom pode pensar, porque nos da penas menos que merecemos, e gallardoa muyto mais; no que a nos pertéece, veer os erros speciaaes e geeraaes que fazemos contra Deos, e a boa maneira de nosso vyver, e corregendonos, e avysandonos, onde vyrmos que compre poermos nosso coraçom em assessego o mais cedo que podermos; do que os outros fizerem nom filhemos tal sentido, que nos empeecimento possa fazer, mas com tempo lhe prevejamos como comprir quanto em nos for, por tal que o nom ajamos dobrado quando conhecermos que parte daquel mal nos veeo per nossa culpa.

CAPITOLLO LXXXI.

Do erro que se segue em nom saber trazer estas easas em nossos coraçoões ordenadas com suas fyns.

Por fallicymento de nom trazerem em sy tal ordenança filham muyto sentimento destemperadamente quando alguũ traz o amor de tal molher, em que nom aja outra fym que soo folgança, per afeiçom sobeja no estudo, que pera Deos devia seer guardado; entom convem que as paixoões do amor e as outras por ella senta desconcertadas, porque a ocupaçom desordenada da melhor parte do coraçom, que Deos sempre nos demanda, pedindonos por quanto bem nos fez que lha outorguemos, nos faz todos nossos sentimentos andar fora de boa ordenança; e tal se fara em todallas outras deleitaçoões, que se continuadamente filham, e moram naquelle estudo que para Deos deve seer guardado. E porem os avarentos, cubiçosos de riquezas, e os que guardam muy sobejo suas vydas e saude nom se querendo poer a perigos e trabalhos razoados por serviço de Deos, dos Senhores e suas honras, nom se escusarom de mynguas, prasmos, e malles; e se naquel studo poõem o desejo das ceremonias, das honras, convemlhes cayr no pecado da soberba, vaam gloria, e outras, que tal desejo desordenado sempre recrecem por desejarem estados e fama, ainda que seja contra razom e direito, todo por nom trazerem no coraçom a teençom de todas estas fyns em a

ordenança suso scripta. E pera esto convem as quatro virtudes principaaes que dictas som, scilicet, prudencia pera consiirar e conhecer o feito em sy, e a paixom que nollo faz sentyr, e a pessoa ou pessoas a que perteece, e por que fundamento, igualdando a grandeza das fyns per respeito das casas, e da conta que naquella casa o feito tem, e quanto, e por que annos, e a cada hũa pessoa convem de o sentirmos, ca sem taaes consiiraçoões per dereito juizo nom poderemos sempre aver razoado sentimento das cousas; e muy necessario nos convem que o sentido de qualquer destas fyns nom force nem cegue o juizo e regimento da razom, porque scripto he, todo o que fezeres prudentemente o faz consiirando a fym. Justiça se requere que manda comprir o que dereito for, dando a cada hũa cousa o que seu he. Temperança, pera refrear os desordenados desejos como freo. Fortelleza, pera esforçar e aguçar com spora nossa fraqueza de coraçom e voontade. E acerca deste freo e tal spora tenho teençom que nom abasta nosso entender pera o mal seer refreado, nem esforçar pera bem fazer, se per outra paixam que no coraçom ryjo seja sentyda, nom recebermos temperança ou esforço, e desto mostram boo exempro os moços, que per empacho e vergonça se guardam dalguũs malles, as quaaes despois que as perdem, ainda que o melhor entendem nom som dellas guardados; e esto se fez porque perderom aquel freo que estava no coraçom, e despois nom guaançarom tanto amor a Deos e aas virtudes, ou boo temor que os refreasse como ante fazia sua vergonça, que lhe fora outorgada per a ynorancia da nova hidade; e por esto convem pera nos temperar ou esforçar, que per amor, desejo, esperança, ou qualquer outra paixom, que ryjamente e com grande afeiçom nos temperemos, assy que perdendoa cobremos fe, sperança e caridade, que nos enfrearom e aguçarom mais perfeitamente a bem obrar. Com

esto concorda huũ capitullo que no livro do cavalgar avia scripto, o qual aquy fez tralladar, de nos guardar de cayr pera diante, apropriandoo aas cousas contrairas; pera detraz, as de bemaventurança; por as quaaes trestombando nos podemos perder a hũa e aa outra parte por as cousas que revessadamente acudem.

CAPITOLLO LXXXII.

Da semelhança que do andar direito na besta podem filhar.

Tal geito como aquel que screvy dandar dereito na besta me parece que devemos teer em os mais de nossos feitos, pera seermos no mundo boos cavalgadores, e nos teermos fortes de nom cayr pera as mallicias com que muytos derriba, que se vos veherem algũas cousas contrairas de feito, e dicto, cuydado ou nembrança, em guysa que syntamos que nos queiram derribar em sanha, malquerença, tristeza, fraqueza de coraçom, menospreço de nos ou desagradecymento a Deos e aos homeẽs, ou nos trouxesse a myngua de fe, ou a desperaçom pera bem começar, continuar, e acabar as cousas que podemos e devemos fazer, ou em algũa preguyça que vem de fraqueza e deleitamento da voontade, logo sperando toda pryncipal ajuda de Nosso Senhor Deos, devemos endereitar com esforço e boo conselho nosso e doutros, que por grande saber, longas e boas speriencias bem saibam, queiram e possam em taaes feitos obrar e conselhar; e aquesto devemos fazer trazendo aa nossa boa nembrança os cuidados contrairos daquelles que nos seguem, per que nos conteçamos ir encamynhados a cayr pera cada hũa destas cousas suso scriptas; e devemos sempre fallar e cuydar em taaes cousas que sejam boo remedio de cada huũ destes fallecimentos de que nos mais sentirmos seguidos, e nom em aquel que mais nos

derribam, posto que nossa voontade o deseje, porque aos tristes muitas vezes lhes praz fallar naquelles aazos per que lhe veyo a tristeza, posto que mais acrecentem em ella. E se esto bem quizermos e soubermos fazer, com a graça de Nosso Senhor, logo com a sua ajuda bem e dereitamente saberemos andar em os mais de nossos feitos. E se presunçom, soberva, ou vaã gloria vos querem fazer levantar, e trestombando cayr, perdendo alguũs começos de bem da alma e do corpo, que Deos nos tem outorgados, logo apresentando ante nossa nembrança cam pouco per nos vallemos e podemos, conhecendo nossos fallicimentos, nos guardaremos com sua graça de cayr em os erros suso scriptos; e nom teendo em nos o principal esforço demandaremos ajuda daquel, que nos deu os boos começos, que nos outorgue bem contynuar e acabar. E posto que vejamos que logo nos sentimos per tal conselho aquel corregimento que desejamos, devemos continuar; e adiante veeremos bem o grande proveito que de tal regimento da voontade e cuidado averemos. E se começarmos fazer algumas cousas com boo preposito e fundamento, e nos acudirem revessadamente com malicia dos homeẽs, necessidade ou ventuira, nunca leixando dobrar dereitamente segundo a cousa for e requere o bem fazer, do estado em que formos seeremos sempre avisados de nom tardar de comprir o que devemos, nem seermos trigosos no cuydado e na obra aalem do que he bem; mas segundo se as cousas seguirem, com voontade segura sem torvamento obraremos o que viirmos que cada tempo e cousa requere. E teendo tal maneira em nossa vyda, com a ajuda daquel per que todo bem recebemos, sempre andaremos dereitos, e ledamente em todos nossos feitos, filhando em elles razoado sentido e contentamento.

CAPITOLLO LXXXIII.

Da declaraçom como alguũs som boos per cuydado, nom taaes per obras, e outros pelo contrairo.

Nom embargando que muy grande bem seja dar a Nosso Senhor aquella mais special parte do coraçom que ao estudo he apropriada, porem nom veem por ello ao estado de perfeiçom se das obras tal teençom nom for bem acompanhada; esto digo porque muytos soom pecadores maaos per cuidado, e nom taaes per as obras que parecem, e outros de muy boos pensamentos e presunçom, e no obrar fallecem muyto do que som obrigados per nom saber, nem se lembrar, perguyça, ou fraqueza; e posto que naquesto cada huũ dia falleçamos, por me parecer que poucos teem conhecimento destas deferenças, vos farei dello algũa declaraçom.

Per cuidado som maaos cayndo em herezias, nom avendo no Senhor dereita fe nem boa sperança, de seu amor e temor avendo pouco sentido, e acerca dos prouximos amando algũas pessoas como nom devem, e assy desamando, e cobiiçando o alheo contra dereito e razom; outros atormentandosse per enveja, sanha, ou tristeza, e assy per semelhantes fallicimentos, per soberva, e vaam gloria em seus coraçoões andam muyto fora de boo caminho, e porem quanto aas obras, que de fora parecem, per grande tempo nom se demostram taaes fallicimentos, antes som julgados que som de muy boa e sancta vyda.

Por maneira contraira se faz em aquelles que teem em seus coraçoões amor e temor ao Senhor Deos, e proposito de bem vyver, e per suas maginaçoões assy pensam que todos seus feitos fazem virtuosamente, os quaaes per cuidado e proposito se teem por sanctos, mas aquestes fallecem algũas vezes per arrevatamentos de gram desejo, contra o qual per fraqueza que nelles ha, e grande inclinaçom daquel pecado, nom se podem conteer, dos que diz o Senhor, que a tempos creem, e no tempo da tentaçom desfallecem; por ende tanto que passa tal voontade syntemse, prepoõe mais nom fazer semelhante; e aquestes som chamados incontenentes, os quaaes nom som de tanta culpa como aquelles que errão de certa mallicia.

Outros fallecem desta guysa em na obra per myngua de boa discreçom, nom conhecendo algumas cousas quanto som mal, e outras fazem pensando que som bem feitas, ou nom consiiram quanto a ellas som theudos, ocupandosse em o bem que lhe nom compre, leixando aquello que mais lhe perteece; assy como alguũ Senhor que tem grande regimento da terra, querendosse dar sobejamente a estudo, e naquesto despender o mais de seu tempo, nom querendo ouvir os malles que se fazem per sa terra, ou os beẽs que se poderiam per seu mandado, conselho, e avysamento fazer, nom sera scusado de grande mal e pecado, nom por seer erro studar e leer per boos livros, mas por el nom husar dello como deve, segundo quem he, e nom despender o mais do tempo no que lhes mais perteece visto sua maneira de vyver.

Outros despendem todollos dias assy levemente em fallas sem proveito, folganças leves e de pouco bem, que nom entendem como se passam aquellas xxiiij oras, que antre o dia e noite nos som outorgadas; e assy os semelhantes per cuidado e teençom se teem por sanctos, e nas obras fallecem muyto no que

mais som theudos de fazer. E pera dar conselho sobrestas partes a mym parece boo avysamento, quanto ao primeiro, trazer sempre na renembrança aquelles dictos de Nosso Senhor: Nom ha cousa ascondida que nom seja descoberta e sabida; e que dara seu juyzo juntando as obras com os pensamentos; e consiirando esto, cada huũ se deve trabalhar trazer tam limpo seu coraçom como lhe prazeria que as obras ante o Senhor Deos, e todos que as vissem, fossem bem prazivees. Ao segundo, consiire cada huũ per sy, e boo conselho que lhe deem, a que mais he obrigado por o estado, hidade, e sua desposiçom como a ello satisfaz, desy aquellas xxiiij oras como as despende; e porque muytos dizem que nom achom tempo pera obrar as cousas que ham de fazer, o que as mais vezes muyto contradigo, eu largamente lhe faço tal repartiçom: pera cama, antre dia e noite, filhe oito oras, pera mesa duas, oficios de myssas em geeral e rezar duas, vestir da manhaã e desvestir da noite duas, spaço pera leer e folgar duas; e assy ficam oito, que se bem forem aturadas, nom antrepoendo fallas e o bem sem proveito, se podem ordenar e fazer grandes e boos feitos. E assy como faço esta fegura, cada huũ segundo sua maneira de vyver faça sua, pera se acusar da despeza do tempo sem razom, ou nom dereitamente, do qual o Senhor nom menos demandara conta que das pallavras ociosas.

CAPITOLLO LXXXIIII.

Como avemos dobrar nossos feitos das ditas fyns.

Porquanto aos que teem vyda autiva convem reguardar as cinquo fyns suso scriptas, scilicet, por aver saude, gloria, percalçar e manteer honra com verdadeiro boo nome, continuar em geeral, e governar bem a fazenda, vyver em boa ledice, certas regras em ella devem seer guardadas.

Primeira, que nom queiram juntamente obrallas cousas que a hũa principal perteecem, embargandosse no que a outra requere, como fazem muytos que ouvyndo myssas, ou rezando, dam geeralmente odiencias, e fallom nos feitos da fazenda, e outros pera tal tempo pouco perteecentes; e quando trautam nos da honra, envolvemse e filham torvaçom por sobejo reguardar e seguyr as cousas do desenfadamento, e estando em festas e outras folganças fallom nas contas e provimento da casa, e assy andam torvados em tal mestura de feitos, fallas e cuydados, do que se convem guardar quem deseja seus tempos bem repartir.

Segunda, que nunca por cousa que façom ajom esqueecimento de quem som per estado, hidade, saber e poder, por tal que todo seja obrado como a tal perteece.

Terceira, que obrando nas cousas da mais pequena fym sempre reguardem como nom falleçom nas da mayor; assy que

se andarem nos feitos da folgança nom destruam por ello desordenadamente sua fazenda, nem façom magnifesto perjuyzo em sua saude, e honra nom abatam em algũa parte, e conciencia em todo sempre bem guardada.

Com taaes regras, e outras que alguũs sabedores podem mylhor cansiirar, me parece que teeremos, com a graça de Nosso Senhor, boa maneira sobre todallas fyns em cyma declaradas.

CAPITOLLO LXXXV.

Dos malles que se recrecem a muytos por nom trazerem no coraçom alguũ boo freo.

Per fallicimento do boo sentido e avisamento muytos fazem grandes mudanças em suas vidas de boo estado em contrairo, perdendo alguũ desejo, temor, ou vergonça que os esforçava em bem obrar, refreava no contrairo, sem cobrando (1) outro tal ou melhor; e aquesto fez o rey Sallamom em cyma de seus dias cayr naquelles malles que tanto prasmara, porque leixou aver entrada naquel studo, que para o Senhor Deos devera guardar, os amores dalgũas molheres; e mynguando da fe dereita, perdeo o amor e temor de Deos, que ante tanto louvara, e assy ficando sem freo, e desordenado em seus sentimentos, passou o desejo das deleitaçoões, que na salla geeral devera trazer, ao mais alto sentido do coraçom, o qual todo seu grande entender nom pode enfrear no mal, nem esforçar pera bem obrar. Por ende convem pera guardar esta ordenança das casas suso scriptas, que guardemos as portas do coraçom, que som nossos sentidos, de veer, ouvyr, tanger, gostar, cheirar, que nom se legue desordenadamente em afeiçom dalguma cousa, ou se vença per algũa paixom, ca per estas partes o coraçom recebe seus sentimentos

(1) Veja-se o que dissemos em a nota de pag. 143.

em desvairadas guysas, algũas de subito per hũa soo vysta, outras per continuaçom, e aas vezes per descorrimento de cuidado do que vee, sospeita e ouve, em que filha ryjo desejo, sanha, temor, e assy cada hũa das paixoões sobredictas, porem nom pense quem esto vyr que logo podera guardar em sy tal ordem, ca se requere muy special graça de Nosso Senhor, com boa pratica, grande teençom continuada de vyver sempre virtuosamente, ca diz Seneca, que as ryjas bemquerenças nom se podem forçar mas sagesmente se fazem escorregar, e tal he em todallas outras paixoões que muyto som no coraçom entradas ataa o mais alto sentido, ca nom he menos forte de tirar ou contradizer a tristeza que ryjamente reyga em alguũ temor sem razom, com que muytos ensandecerom e se matarom, que o amar; e aquesto me parece que muyto se fez por pensarem que a lembrança do sentido dura tanto como da parte da razom, e por ella seer tam perfeita que tarde ha esquecimento, teem que tal se fara na sensitiva, e porem que se nom pode sofrer a grande pena que sempre trazera, e que melhor he vencer-se aquel desejo da voontade. Tal teençom traz grande erro, segundo per a morte dos amygos claramente se mostra, como a lembrança da parte do ryjo sentido nom tanto dura como a outra geeral da razom; e porem ainda que a afeiçom nossa mostra que nunca em tal caso se podera squecer, por nos legar em amor, desejo, sanha, nojo, desesperaçom ou medo, reguardando em nossos enxempros e dos outros, nom o creamos, mes forcemos o coraçom todavia pera seguyr o melhor; e que ao presente muyto sintamos forte de o fazer, per tempo se passara, e o bem e a virtude fica sempre. Convem em cada hũa das casas suso scriptas aver sentimentos desvairados, ainda que per graça do Senhor, com razom se retenham em aquel repartimento, consiiradas suas certas fyns, porque nas cousas da soo

folgança de hũas convem aver muyto mayor sentimento que das outras, e assy do proveito, saude, e honra, e bem das virtudes. E porem sem special graça, com desejo e grande teençom, e custume de viver virtuosamente como dicto he, tal pratica nom se pode bem entender, e menos guardar; ca eu faço tal consiiraçom como caçador, de que mais entendo que de letradura, que o coraçom de cada huũ de nos he assy como falcom que avemos de fazer, e que huũs som tam boos que logo iram muy alto por a garça, e nesto contynuarom se per maaos caçadores, que os cevem em fracas relees, nom forem danados; outros som priguyçosos, fracos de vooontade, e pesados, sem grande força nom se podem boos fazer; e assy teem tam poucos tam boa voontade per special dom que as virtudes sejam e se deleitam em ellas como em propria sua folgança; e taaes nom se danarom, salvo se per maao custume, ou muyto contrairo aazo nom forem torvados de contynuar por seu boo vyver. E alguũs naturalmente som prontos a todo mal, e pera o bem nom despostos, mas per a graça de Nosso Senhor, boo ensyno, conversaçom tornam a husar de virtude como aquelles que virtuosos nacerom, os quaaes assy como boos caçadores se arredam das relees contrairas, e cevam seus coraçoões nas mais avantajadas; e o fundamento de todo esto nace primeiramente de tres virtudes theologaaes, fe, sperança e caridade, porque sem fe impossivel he prazer a Deos, e se a tevermos em razoada firmeza convem que nos faça passar o seu amor, desejo, sperança, e temor que nace da grandeza do amor, aaquel mais alto sentimento do coraçom que aproprio ao estudo; e sendo alli per sua graça, todallas outras casas com suas fiins trazeremos ordenadas, como screvy pera dos feitos filharmos razoado sentimento. E quando as cousas veem contra voontade e prazer de boo homem, nom digo que as nom senta, mas que o nom

derrubem em tristeza, mal fazer, dizer ou pensar, como diz Seneca em hum razoado da Provydencia devyna, e Tullyo no livro dos oficios, é no livro das Collaçoões esto muy declaradamente he declarado, especialmente na sexta Collaçom que falla na morte dos Sanctos, em que mostra como os boos e virtuosos nom lhe pode viir algũa cousa daconteçymento, se nom for per sua culpa que a filhem por mal, nem contraira. E naquesto esso medes concorda hũa parte daquelle livro de Vyta Xpĩ que fez segundo dizem, que por el nom se nomea, hũũ freyre da Ordem dos Cartuxos (1) das maneiras per que Nosso Senhor Deos consente que venham os malles e afliccoões a boos e a maaos, o qual me parece muyto bem, e por esso o mandey aquy tralladar com sua oraçom, como screveo na fym de cada hũũ capitollo do dicto livro.

(1) O autor do livro *Vita Christi* é o Pe Ludolfo Cartuziano, natural de Saxonia, que o compoz em latim pelos annos de 1330; morreo em 1370. Este livro, mui estimado de nossos antigos, foi traduzido em linguagem por Fr. Bernardo d'Alcóbaça, Abbade do Mosteiro de São Paulo, por mandado da Princeza Dona Izabel, Duqueza de Coimbra; foi revisto pelos Padres de São Francisco de Xabregas, e impresso, por mandado d'ElRei D. João II e da Rainha Dona Leonor, em Lisboa em Agosto de 1495, em quatro volumes de folha. Vej. Barboza, art. Fr. Bernardo d'Alcobaça, o Catalogo dos Autores Portuguezes no Dicc. da Acad. das Scienc. de Lisboa, pag. CC, e o Pe Sepulchro, Ref. Esp. no Prol., § 2, nº 3. A primeira edição latina é de 1474 sem lugar d'impressão; a que vimos e consultámos é de 1534, um volume grande de folha; *Parisiis, apud Claudium Chevallonium*. (R.)

CAPITOLLO LXXXVI.

Trelladado do livro de Vita Xpĩ (1).

Trabalhemonos ainda em todas cousas dar graças a Deos porque em as outras virtudes esta he hũa cousa muy nobre e esplandecente ante Deos, scilicet, que o homem comece em esto a obediencia, e em desterro pobreza, ou em desprezo infirmidade, e em muytas tribullaçoões que seja posto da voontade ou do corpo, queira e saiba e possa de coraçom beemzer o Senhor, e louvallo em todas suas obras, com prazer, onde Bernardo : Bemaventurado he o que ordena, e conta as paixoões de seu corpo, a justiça, scilicet, que entende que lhe vem justamente, e que soporta por o filho de Deos qualquer dano que padece ; e esto seja sem murmurar no coraçom, e per a boca fazendo auçom de graças, e dando voz de louvor ; e esto Bernardo (2). Quem bem consiirar que a aquelles que amam Deos todallas cousas se tornam em

(1) Este capitulo é a segunda metade do capitulo VIII da primeira parte, fol. 18 vº, cuja traducção é mais resumida que amplificada, excepto nas citações da Escritura, as quaes são ordinariamente vertidas litteralmente, e por isso as transcreveremos, bem como notaremos os lugares em que não houver clareza ou exactidão. (R.)

(2) Nesta citação de S. Bernardo ha confusão, ou havia variante na copia ; o texto diz : « Felix qui passiones corporis sui propter justitiam ordinat ; ut quicquid patia- » tur, propter Dei filium patiatur : quatenus et à corde tollatur murmuratio, et in » ore versetur gratiarum actio, et vox laudis ; hæc Bernardus » (R.)

bem, avera em todo grande assessego de coraçom, e em el se comprira o que diz o sabedor (1), scilicet: Nom sera triste o justo com cousa que lhe venha; porque segundo Sancto Agostinho, esto que nos assy vem que quer que seja nom o devemos poer ao poderio do inmiigo nosso, que he o espirito maligno, mas aa vontade de Deos, scilicet, que nom devemos entender que o inmiigo podera aquello fazer, se a Deos nom provera permetello; e entom podera este tal dizer, Job segundo prouve a Deos assy foy Santo, o seu nome seja beento. Porem nas tribullaçoões que te aveherem nom deves poer algũa duvyda, porque Deos nom permete que venham aos seus senom por seu proveito e saude.

Algũas vezes porque afastandosse homem do mundo, por receo dellas avorreça os deleitamentos temporaaes, e convertendosse a Deos deseje as cousas eternaaes, onde Agostinho: Nom se converte a alma a Deos, salvo quando se afasta deste mundo, nom se aparta homem delle como deve, se nom se trabalhos e doores se mesturarem com as viçosas deleitaçoões delle; se Deos cessasse, e nom mesturasse algũas amarguras aas bemaventuranças do mundo, esquecelloyamos, e esto Agostynho. E porem diz o salmysta: Multiplicadas som as suas enfermidades, e despois comecaromse de estuigar e apressar (2). E algũas vezes veem as tribullaçoões, per tal que conheça seus pecados, e arrependido que se correga. E segundo diz Sancto Agostynho, aquello faz a tribullaçom ao justo que faz a fornalha ao ouro, e o mangoal ao grañão, a lyma ao ferro; onde os irmaãos de Josep diziam: Por nossos merecimentos padecemos esto, porque pe-

(1) O sabio, Salomão: *Non contristabit justum, quicquid ei acciderit.* Prov. XII, 21. (R.)

(2) *Multiplicatæ sunt infirmitates eorum: postea acceleraverunt.* Psal. XV, 4.

camos em nosso irmãao (1). E algũas vezes por tal que tirado o ajudador possa melhor ver sua perfeiçom e se conhecer, onde o salmysta: Eu disse na mynha avondança, nom me mudarei desto pera sempre; mas melhor me mostraria per aqueste outro verso: Resolveste a tua face de mym e fuy feito torvado (2). Algũas vezes por conservar homem a humyldade e nom presumyr de seus merecymentos, nem se levantar per soberba, onde o Apostollo: Por me nom alevantar em soberva a alteza das revellaçoões he me dado huũ estimolo da carne, messegeiro de satanas, que me de pescoçadas (3). Algũas vezes por saber homem cam maa cousa he leixar homem Deos, e seer del desemparado, onde Jeremias (4): Sabe e vee que maa e amargosa cousa he desemparares o Senhor teu Deos, e nom seer seu temor acerca de ty. Algũas vezes por declarar Deos a paciencia de alguũ, e per enxempro del e dos Sanctos ensynar os outros a paciencia, onde Job: E esto seja a mym consollaçom que me atormente el com door, e que me nom perca, e eu nom contradiga as suas pallavras (5). Algũas vezes porque os outros mais temam, e que tomem dally enxempro de vyver (6); se for acontado

---

(1) *Merito hæc patimur: quia peccavimus in fratrem nostrum.* Genes., XLII, 21.

(2) *Ego dixi in abundantia mea, non movebor in æternum: Avertisti faciem tuam à me, et factus sum conturbatus.* Psal. XXIX, 7 e 9.

(3) *Ne magnitudo revelationum extollat me, datum est mihi stimulum carnis meæ, angelus Satanæ, qui me colaphizet.* Epist. II aos Corinthios, XII, 7.

(4) Aqui houve erro do amanuense, ou a copia não era fiel; no texto impresso não se lê Jeremias, mas Hieronimo, cujas são estas palavras: « Scito et vide, quia malum » et amarum est reliquisse te dominum Deum tuum, et non esse timorem ejus apud » te. » (R.)

(5) *Hæc sit mihi consolatio, ut affligens me dolore non parcat, nec contradicam sermonibus sanctis.* Job., VI, 10.

(6) Aqui houve omissão do amanuense, ou a copia não era exacta; o texto latino diz: « Aliquando ut alii magis timeant, et exemplum vivendi inde sumant; unde » Sapiens: *Pestilente flagellato, stultus sapientior erit.* » Prov. XIX, 25.

o malleeioso malfeitor, o sandeu, ou neicio fazerse a mais avisado. Algũas vezes por se guardar o louvor de Deos, e se manifestar a sua gloria, segundo foy a enfermidade daquel que naceo cego, e a morte de Lazaro. Algũas vezes porque aja nembrança amende das joyas (1) e chagas de Xpõ, e conheça a mysericordia de Deos acerca de sy, onde no livro dos Macabeus: Synal de grande beneficio he quando Deos nom leixa os pecadores husar de sua sesam longo tempo, mas logo vem com vingança(2); onde Sam Jeronimo: Grande misericordia he na vyda presente nom poder homem gaançar misericordia; e segundo Agostinho: Grande he a sanha de Deos quando nom correge o pecador, mas dalhe lecença longa de cayr em pecado. Algũas vezes porque aja mayoor sperança em Deos, e tenha mayor fe em el, onde Agostynho: Com temor deves de seer quando te vay bem, porque melhor he seer tentado e provado, que nom ser tentado, e reprovado, e doestado; onde Bernardo: Entom se assanha Deos mais quando se nom assanha; nem tenho fyuza que el me aja de seer favoravel quando eu del nom tenho sentido, mas quando o sento irado entom te nembras da misericordia. Algũas vezes por saber homem cam aparelhado he Deos pera acorrer, se o homem a el se tornar de todo coraçom, onde o salmysta: Quando era atribullado braadey ao Senhor, e el me ouvyo (3). Algũas vezes por provar se ama homem a Deos, e se ha algũas virtudes em sy, onde Gregorio: A pena pregunta se ama homem Deos verdadeiramente quando he folgado e sem ella; e diz mais, que no tempo da paz nom conhece alguem suas forças se hi batalha nom ha. E que apro-

---

(1) Esta palavra significa aqui *prenda* ou *insignia*, como vemos do texto latino, que diz: « Aliquando ut amoris Christi insignia recogitet. » (R.)

(2) *Etenim multo tempore non sinere peccatoribus pœnitentiam ex sententia agere: sed statim ultiones adhibere, magni beneficii est indicium.* II dos Mach., VI, 13.

(3) *Ad Dominum cùm tribularer clamavi, et exaudivit me.* Psal. CXIX, 1.

veita provar as virtudes e força algũas vezes porque homem seja mais provado, e aja mayor coroa per paciencia segundo se mostra de Job e dos martires, onde Sanctiago : Bemaventurado he aquel que sofre tentaçom, porque quando for provado recebera coroa de vyda (1); e segundo Enfostonyo (2), por tal que receba synal dos thesouros e doões que lhe Deos outorgou; nem viiria o diabo ao homem se o nom visse posto em mayor honra que sy, segundo que fez contra Adam, que era muy vistoso com dignidades, contra Job, porque o vyo coroado, ou cercado de maravilhosos louvores de Deos.

Outrossy alguũs fracos som atormentados nom por seer feitos limpos, mas pera começarem de aver dampno aquy, e acrecentamento das penas eternaaes que depois ham de sofrer; aqual cousa he propria dos obstinados, assy como foy Anthiocheu e Herodes, e alguũs outros que foram, e muytos que ainda ao presente padecem, aos quaaes convem aquello do Profeta : Com dobrada pena os atormenta (3). A taaes como estes as tribullaçoões que ham aquy som huũ preambulo das penas que ham daver no inferno, as quaaes per a miseria e afliçom daquy mostram aquello que ham de padecer depois pera sempre. O Senhor Deos reparte acerca dos seus misericordiosamente todallas cousas a proveito delles, ou permete de lhe aviirem, e porem deve seer louvado em ellas todas, onde Agostinho : A verdadeira humildade, filho meu, he nom seer em algũa cousa sobervo, e em nenhũa murmurar, nem seer engrato, nem queixoso, mas em todos juyzos de Deos darlhe louvores e graças, porque todas suas obras, ou sam justas ou benignas, e

(1) *Beatus vir qui suffert tentationem, quoniam cùm probatus fuerit accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se.* Jacob., I, 12.

(2) Este nome está estropiado, deve ler-se Chrysostomo, segundo o texto latino. (R.)

(3) *Duplici contritione contere eos.* Jerem., XVII, 18.

esto Agostinho. Consiirando ergo tu estas cousas, estuda de ordenares, e estabelleceres assy teu coraçom que em todas aversidades e nojos te ajas pacientemente e humildoso, e sejas em ellas ledo ou contente, e acustumate yr assy per este camynho, que he do Spirito Sancto, porque sejas cheo de seu fervor, e tanto que nom sollamente ajas em ellas paciencia, mas que ainda as desejes per amor de Jhũ Xpõ, o qual em sy e nos seus teve este caminho alto, e leixou a todos enxempros de andarem per el. Quer Deos que os filhos de seu reyno ajam aquella afliçom, porque segundo o Apostollo (Heb. 12), aquelles que andam fora da disciplina nom som filhos legitimos, mas adulterinos; e segundo Agostinho, aquel que he fora dos açoutes fora he de aver o vyço ou quynhom dos filhos; e diz mais, que nom queira homem aver sperança daquello que o avangelho nom permete, porque necessario he de se comprir atees a fym o que desserom as Scripturas, as quaaes nom nos prometem em este mundo senom tribullaçoões, derribamentos, pressuras, angustias, acrecentamento de doores, avondança de tentaçoões; e pera estas cousas recebermos, e soportarmos estemos aparalhados, e prestes mais que pera outras, por tal que nom falleçamos no que devemos fazer assy como desapercebidos dellas.

Mas algũas vezes os pecadores som pouco punidos, ou o nom som em esta presente vyda, porque desperada he a correiçom delles; mas aquelles, a que he aparelhada a vyda eternal, necessario he que sejão feridos, porque quantos el recebe por filhos, ou ha de receber na sua herança eternal, todos açouta; e por tanto diz todos, porque atee aquel seu filho, soo sem pecado, foy atormentado. E se elle nom leixou passar sem açoutes este seu, em que nom he pecado, entendes que leixará passar aa sua voontade aquelles que som com pecado? Aquel que foy sem pecado, mas nom sem açoute, deu enxempro a nos em seu padeci-

mentos; nom nos devemos ergo de contorvar quando viirmos que alguũ Sancto ou boo padece graves cousas e indignas, se nom somos esquecidos das cousas que padeceo o justo dos justos, e Sancto dos Sanctos. Todos bens terreaaes despreçou por nos ensynar que os menosprecemos, e todollos martires (1) e malles soportou por nos mostrar e mandar que os soportemos, e nom busquemos aquelles primeiros, cuidando que avellos he bemaventurança, nem recebamos estes outros per o trabalho e desaventuira que em elles ha, esto Agostinho. Comprenos ergo em este mundo avermos afliçoões, porque ellas nos tiram muytas vezes de mal, e porem nom nos devemos queixar em ellas, nem seer sem paciencia, mas atee as devemos desejar e amar, porque os contrairos das tribullaçoões nos trazem a meude a malles, e nos fazem afastar e fugir os beens.

ORAÇOM.

Senhor Jhũ Xpõ, que para os que speram em ty es muro forte que nom pode seer combatido, sey meu couto na tribullaçom, e mynha defeza, e vee as mynhas angustias e tribullaçoões, e amerceate de mym, e acorreme com todas tuas mercees. Vee a mynha doença, defendeme della, ou curame, por tal que ajudandome a tua proveença, nunca me desempare a tua consolla-

---

(1) Martíre, com o accento no *i*, significava antigamente martyrio, e nisto era conforme a nossa lingua com a italiana, e ambas o tomárão da lingua romana (Vej. Dicc. de Raynouard); no tempo d'ElRei Dom Manoel e de Dom João III dizia-se marteiro, como se póde ver das seguintes passagens do Cancioneiro e de Gil Vicente:

« Sospiros são pregoeeiros
» Sospiros são caramunhas
» Dos cuidados e *marteyros*
» Dos amo es verdadeiros. »

Canc. Ger., fol. 3.

SATANAZ.

« Que faz o Senhor neste ermo estrangeiro
» Tão so, e tão fraco, que por vida minha
» Que he grande *marteiro*? »

Gil Vic., Tomo 1, pag. 238. R.)

com e mercee. Nembrate, Senhor, da tua creatura, e afasta de mym os inmiigos que me spreitam; porque em mym a duçura da tua bondade por tua mysericordia (1), e de meus pecados faça digna peendença. Amem.

---

(1) Neste membro da phrase falta um verbo, que deve ser, *conheça*, ou *experimente*, segundo o texto latino; em tudo o mais é mui boa a traducção; do merecimento da qual melhor poderemos ajuizar comparando-a com o original latino, que é o seguinte.

« Domine Jesu Christe, qui es inexpugnabilis murus omnium in te sperantium, esto » in tribulatione meum refugium; vide tribulationes et angustias meas, et mei mise- » rere; et per omnes miserationes me protege, ut tua suffultus providentia, nunquam » tua destituar consolatione et misericordia. Memento, Domine, creaturæ tuæ, et » insidiantes mihi hostes à me repelle; ut tua misericordia munitus bonitatis tuæ » dulcedinem in me *cognoscam*, et dignam pœnitentiam pro peccatis meis exolvam. » Amen. » (R.)

CAPITOLLO LXXXVII.

Do enxempro do spelho, manta, e pandeiro.

Pera se mostrar como per o inmiigo somos tentados a filhar mayor sentido dalgũas cousas que convem, e doutras menos que he razom, se conta huũ enxempro per fegura, como per huũ spelho, manta e pandeiro muytos engana. Dizem que tenta com spelho pera se filhar tam ryjo sentido dalgũa cousa, per que nos quer enduzir, quando continuadamente nos apresenta, posto que nom queiramos, renembrança a huũs de mulher que amam ou desejam, a outros riqueza que cobiçom, ou de pessoa que lhe fez tal erro, que mostra razom de se vyngar, e de cousas que muyto temem ou receam pera enduzir a tristeza; com taaes nembramentos se diz tentarnos com spelho, porque sempre parece que nos traz ante os olhos ou lembrauça do coraçom a figura daquella cousa que com desejo sentido nos faz amar, desejar, temer, ou avorrecer.

Por quanto tal sentido errado nom se correge sem outro virtuoso, nembrandosse os malles que se podem seguir das cousas mal feitas, na presente vyda e na que speramos, todo esto com a manta se trabalha de cobrir, mostrando que nom ha mal, ou nom tanto que se deve leixar, e que se nom sabera, nem dos Senhores por ello recebera pena, e doutros menospreço e vergonha, e de Nosso Senhor com myngua de fe nom faz conta,

ou diz que he tam mysericordioso que por tam pouco nom per. dera, e que tempo avera pera se ẽmendar; e assy cego com tal cubertura lhes faz que nom vejam, entendam, nem syntam os malles que obram, e o que por ello se pode e deve seguyr.

Com pandeiro se mostra tentar quando as cousas que prometia seerem muyto encobertas, com mal e perda dos que as fazem, faz descobrir, e os que de penas nom som atormentados em desperaçom de todo bem os derruba, mostrandolhes que todos sabem o mal que fez, e posto que morem em lugar apartado os de todo o mũndo pensam que o sabem, os quaaes sollamente o reyno donde he nunca ho ouvyrom nomear. O qual assy faz acrecentar o sentido como ante per maginaçom apouquentava, por tal que desesperado de todo bem spiritual e corporal filhe por conselho matarse, ou tome algũa vyda catyva fora de todo bem e virtude.

E porem com estas tres joyas se diz per razoada figura seermos tentados, e muytos enganados, do que nos devemos guardar com a graça de Nosso Senhor per ordem contraira, afigurando as perfeiçoões das virtudes no spelho, que sempre seja em nosso coraçom, e cobrindo a folgança dos malles com a manta, desprezando o soom das vozes daquelles que nom querem nem seguem as obras virtuosas, e soando continuadamente nas orelhas de nosso coraçom as pallavras que leermos e ouviirmos, pera que do mal filhando devida contriçom, com satisfaçom e corregimento nos esforcemos com grande sperança pera vyvermos sempre bem e ledamente.

E os sabedores, consiirando como ja aquy disse per outras virtudes speciaaes obrarmos nos feitos mais perfeitamente, ajudando as principaaes suso scriptas, screvem muytas ensynanças pera nos guardar dos falleeimentos, que som acerca dellas, e per afeiçom ou fallicimento nom som bem conhecidos,

dos quaaes vos mando a quy tralladar dous capitullos do dicto livro pastoral que fez sam Gregorio sobre a virtude da liberaleza, no qual poderees veer maneira per que muytos caãe em pecados e malles pollos nom conhecerem, e semelhante som scriptas nom faço mençoom por mais sobejo nom prelongar, e no dicto livro e outros semelhantes muy perfeitamente o poderees veer quando vos prazera. Em huũ livro que se chama de oficiis, que fez Tullyo, eu ly da dicta virtude esta pallavra bem de notar, scilicet: Nenhũa cousa he feita liberalmente se o nom for virtuosamente; e per tal dicto se demostra como as virtudes speciaaes nom se podem bem praticar se as quatro pryncipaaes suso scritas nom forem razoadamente possuydas.

CAPITOLLO LXXXVIII.

Do livro Pastoral sobre a liberalleza (1).

Doutra guysa devem seer amoestados aquelles que todo o que tinham misericordiosamente deeram, e doutra aquelles que se trabalhom de tomar o alheo; devem seer amoestados aquelles os quaaes todo o seu misericordiosamente destruyrom que nom ajam de ensobervecerem porque as cousas terreaaes assy

---

(1) O começo d'este capitulo, que é o XX da terceira parte da Regra Pastoral de S. Gregorio Papa, não é traduzido litteralmente, mas d'um modo paraphrastico. Para se fazer idea d'este modo de traduzir de nossos antigos, aqui transcrevemos os primeiros periodos; assim como notaremos alguns lugares em que a traducção não pareça clara nem exacta.

« Aliter admonendi sunt, qui jam sua misericorditer tribuunt, atque aliter qui » adhuc et aliena rapere contendunt. Admonendi namque sunt qui jam sua miseri- » corditer tribuunt, ne cogitatione tumida super eos se quibus terrena largiuntur, » extollant; ne idcirco se meliores æstiment quia contineri per se cœteros vident. » Nam terrenæ domûs Dominus, famulorum ordines ministeriaque dispertiens, nos » ut regant, illos verò statuit ut ab aliis regantur. Istos jubet ut necessarie cœteris » præbeant: illos ut accepta ab illis sumant. E tament plerumque offendunt qui » regunt, et in patris familias gratiâ permanent qui reguntur. Iram merentur qui » dispensatores sunt, sine offensione perdurant qui ex aliena dispensatione subsistunt. » Admonendi sunt igitur, qui jam quæ possident, misericorditer tribuunt, ut à » cœlesti Domino dispensatores se positos subsidiorum temporalium agnoscant; et » tanto humiliter præbeant, quantò et aliena esse intelligunt quæ dispensant. Cumque » in illorum ministerio quibus accepta largiuntur, constitutos esse considerant, » nequaquam eorum mentes tumor sublevet, sed timor premat. Unde, etc., » como em a nota seguinte. (R.)

partirom; e nom por isso cuidem que som melhores porque aos outros nom vem assy fazer como a elles o Senhor Deos que as cousas terreaaes destribuio aos servos seus como lhe prouve; a huũs deu porque rejam outros, e aos outros porque per elles sejam regidos. A aquelles mandou que dem as cousas necessarias, aos outros que rejam reus mordoomos; e a estes que coimam aquello que dos outros recebem, e muytas vezes ofendem a Deos aquelles que oficio teem de reger outros, e aquelles que som regidos ficam na graça do que os rege; e porem merecem muyto aquelles que som despenseiros fiees, os quaaes sem ofendimento husam de sua despensasom. Devem ergo seer amoestados aquelles que misericordiosamente despensom o que possuem, porque conheçam que som despenseiros do Senhor, e omildosamente esta cousa façom quanto aquello que despensom conheçam que he alheo, e quando consiirom que som postos em tal oficio pera despensar as cousas alheas nom levantem as suas mentes per inchamento de soberva, mas o temor as abaixe; e paramentes (1) que he necessario que sejam sollicitos perque ajam de dispensar dignamente e justamente, e porque nom deem algũas cousas a quem as nom devem dar, ou deem pouco a quem devem de dar muyto, ou muyto a quem devem de dar pouco. E porque esto que assy ham de dar seja spargido sem proveito, nem sejam tardinheiros porque atormentem os que ham de receber, e as suas entençoões nom sejam torvadas porque ajam de perder a graça, e nom ajam cobiçar aver louvor das cousas transitorias porque peream o eternal, nem ajam de en-

(1) Esta expressão era antigamente muito usada, como se vê do Elucidario, significando *attendei*, *vede*, *considerai*; assim que ella corresponde aqui ao verbo *perpendant*, como se vê do texto, que diz: « Unde et necesse est ut sollicite perpendant, ne commissa indignè distribuant, ne quædam quibus nulla, ne nulla quibus quædam; ne multa quibus pauca, ne pauca præbeant quibus impendere multa debuerunt. » (R.)

tristecer por aquellas assy dar, nem ajam mais que o que pertecce de se allegrar por aquello que a sy deer, e nom ajom assy de dar algũa cousa daquello que a sy nom ham de dar porque nom percam todo o primeiro do que derom. E porque nom apropriem a sy a virtude da liberallidade, ouçam o que he scrito: Aquel que ministrar algũa cousa, a menistra pela virtude que lhe Deus deu (1); e porque se nom ajam de allegrar sobejamente das cousas bem feitas, ouçam o que he scripto: Quando fezerdes todallas cousas que vos som mandadas, dizede, servos somos sem proveito, aaquelles o que deveramos de fazer nem (2) o fezemos; e porque a tristeza nom corrompa a largueza, ouçom aquello que he scrito: Deos ama o dador allegre (3); e porque nom ajam de buscar louvor daquello que assy dam, ouçom o que he scrito: Nom saiba a tua seestra o que faz a tua deestra (4); como se dissesse, da piedosa dispensaçom nom queiras gloria desta vyda presente, mas a tua obra seja toda dereita sem buscar alguũ louvor; e porque esta graça de menistraçom nom seja começada aos parentes e carnaaes amygos sollamente, ouçam o que he scripto: Quando fezeres jantar ou cea nom queiras chamar os teus amygos, nem os teus irmaãos, nem os primos coirmaãos, nem os vizinhos, nem os ricos, porque per ventuira elles com de cabo (5) te ajom de convidar, e sera a ty feita paga comprida;

---

(1) *Si quis administrat, tanquam ex virtute quam administrat Deus.* Epist. I de S. Pedro, IV, 11. (R.)

(2) Esta particula é de mais; o texto dix: « *Cum feceritis omnia quæ præcepta sunt vobis, dicite: servi inutiles sumus, quod debuimus facere, fecimus.* S. Luc., XVII, 10. (R.)

(3) *Hilarem enim datorem diligit Deus.* Epist. II aos Corinthios, IX, 7. (R.)

(4) *Nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.* S. Matth., VI, 3. (R.)

(5) *Como de cabo*, significava antigamente, segundo o Elucidario, com effeito, finalmente, em conclusão, mas *com de cabo* que aqui lêmos não póde ter a mesma significação. Em nosso entender esta locução adverbial valia o mesmo que a antiga casta-

mas quando fezeres convyte chama os pobres, fracos, mancos, cegos, e bemaventurado seras, porque estes nom teem onde te ajam de pagar; e porque aquellas cousas que ham de dar cedo nom dem tarde, ouçam o que he scripto : Nom diras ao teu amygo vay e torna, e demanhaã to darey quando logo podes dar (1); e porque so collor de largueza aquellas cousas que pessuem sem proveito as spargam, ouçam o que he scripto (2) : Aquelle que pouco semea, pouco colhe; e porque onde compre de dar pouco nom deem muyto, em tal guysa que despois elles padeçom myngua, e nom ajom paciencia, ouçam o que he scripto : Nom distriibua Deos em tal guisa que aos outros seja avondança e a vos tribulaçom, mas segundo igualeza deve acorrer aa myngua dos outros, em tal guysa que nom fique mynguado, que seja constrangido a outros demandar (3). Quando a mente do destribuidor pola moor parte nom sabe myngua, e se muyto de sy tira, em tal guisa que se veja minguado, buscar contra sy occasiom daver pouca paciencia. E porem primeiramente deve seer aparelhado o coraçom aa paciencia,

---

lhana *de cabo*, e a italiana *da capo*, e a franceza *de rechef*, significando, *de novo*, *outra vez*, e correspondendo ao adverbio latino *rursum* ou á particula reduplicativa *re*, como se vê do texto : *Ne forte et ipsi te reinvitent*, *et fiat tibi retributio*, etc. S. Luc. XIV, 12. (R.)

(1) *Ne dicas amico tuo : Vade et revertere*, *et cras dabo tibi*, *cum statim possis dare*. Prov. III, 28. (R.)

(2) Aqui houve omissão d'um periodo, ou talvez a copia não era fiel; o texto diz : « Ne sub obtentu largitatis ea quæ possident, inutiliter spargant, audiant quod scrip» tum est : *Sudet eleemosyna in manu tua*. Ne cum multa necesse sint, pauca largian» tur, audiant quod scriptum est : *Qui parcè seminet*, *parcè et metet*. » 2ª aos Corinth, IX, 6. (R.)

(3) *Non ut aliis sit remissio*, *vobis autem tribulatio*, *sed ex æqualitate*, *vestra abundantia illorum inopiam suppleat*, *et ut illorum abundantia vestræ inopiæ sit supplementum*. Ibid., VIII, 13 e 14. (R.)

e estonce devem seer distribuydas as cousas pouco ou muyto, porque se por ventuira a liberdade for fora de mesura com tal guysa que possa viir mingua ao dador, podesse levantar em murmuraçom, e perdera o mericimento da liberdade. E porque pode seer que nom daras alguũ a quem deves, ouve o que he scripto: A todo aquel que te pedir da (1); e porque nom he de alguũ a quem nom deve dar nem myngalha, ouça o que he scripto: Faze bem ao humildoso, e nom dees ao maao; e com de cabo (2): O teu pam e teu vynho põe sobre a sepultura do justo, e nom queiras del comer nem bever com os pecadores. Aquel da o seu pam e o seu vynho aos pecadores o qual da aos maaos ajuda, ou em quanto som maaos. E som alguũs ricos deste mundo que quando veem algũa proveza, e padecem fome estonce os pobres de Xpõ, lhes acorrem com suas esmollas, e criam em elles serpentes (3). Aquel que seu pam da ao pobre pecador, nom em quanto pecador, mas porque he homem, esto cria pecador, mas cria justo, porque el nom a culpa mas a natureza ama. Devem seer amoestados aquelles, que o seu ja misericordiosamente derom, que es-

---

(1) *Omni petenti te tribue.* S. Luc., VI, 30. (R.)

(2) Eis aqui a mesma locução adverbial, que notámos em a pag. 423 correspondendo ao *rursum* latino, como vemos do texto, que é o seguinte: *Bene fac humili, et non dederis impio.* Et rursum: *Panem tuum et vinum super sepulturam justi constitue, et noli ex eo manducare et bibere cum peccatoribus.* A 1ª passagem é do Eccles., XII, 4; a 2ª de Tob., IV, 18. (R.)

(3) A traducção d'este periodo é inexacta, e parece indicar o contrario do que diz o texto, que é o seguinte: « Unde et nonnulli hujus mundi divites, cum fame crucientur » Christi pauperes, efusis largitatibus nutriunt histriones. » Ou, o que é mais provavel, houve aqui omissão do amanuense não só d'um *não*, mas d'um membro inteiro da phrase, que diz respeito aos histriões; parece-nos pois que o texto se deve restabelecer da maneira seguinte: « Lhes *nom* acorrem com suas esmollas, sustentão com dema- » siada prodigalidade os histriões, ou jograes, e criam, etc. » (R.)

tudem como se ajom de guardar, porque ja os pecados passados remyrom per esmollas, que nom ajom docemente outros pera outra vez remyrem, e nom pensem que a justiça de Deos he cousa que se possa vender como se dessem pellos pecados dynheiros; e se cuydarem que ja nom poderom em algũa cousa pecar, ouçam o que he scripto : Mais he a alma que o manjar, e o corpo que a vestidura (1). Aquelle ergo que da vestidura aos pobres, e a sua alma e corpo envolve em pecados, offerece aquello que he de menor virtude, e aquello que he de mayor ao pecado; da essas cousas a Deos, e sy méesmo ao diabo. E pello contrairo devem seer amoestados aquelles que ainda o alheio entendem de roubar que ajam sollicitamente de ouvyr o que dira o Senhor quando vier ao juyzo, dira esto que se segue : Ouve fame, e nom me deste de comer; ouve sede, e nom me deste de bever; fuy ospede, e nom me acolheste; fuy nuu, e nom me cobriste; enfermo, e no carcere, e nom me vesitaste; aos quaaes dira : Arredadevos de mym maldyctos para o fogo eternal, o qual aparelhado he ao diabo e seus anjos (2). Estas cousas nom ouvirom porque roubarom algũa cousa ou vyollentamente tomarom, empero seram lançados nos fogos eternaaes. Desto veem a colher em quanta danaçom som lançados aquelles que tomarom o alheo; se aquelles que o seu retiverom ao inferno som julgados, pensem a que pena as obriga a cousa tomada! Se a cousa nom dada sojuga o homem a tal pena, pensem que meresse aquel pecado cometido, se tanha pena avera aquel que nom fez piedade! E quando as cousas alheas entendem de roubar, ouçam aquello que he scripto : Maldiçom seja a aquel que multiplica, e nom

(1) *Plus est anima quàm esca, et corpus quàm vestimentum.* S. Matth., VI, 25, e S. Luc., XII, 23. (R.)

(2) S. Matth, XXV, 35, 36, etc. (R.)

suas cousas, e agrava contra sy, lodo basto he o avarento agravar contra sy, lodo basto he os gaanhos teraeaaes com pecado ajuntar (1). E quando cobiiçom de ajuntar largas moradas e avytaçoões, ouçam o que he scripto : Maldiçom seja aaquelles que ajuntam cassa a casa, e agro ao agro, ataa o termo do lugar; por ventuira morades vos soos na meetade de terra (2)? Como se abertamente dissesse : Ataa quando vos estenderees ? Nom podedes aver em este mundo companheiros a quem sejades iguaaes, opremedes os que vyvem ajuntados, mas sempre achades contra os quaaes vos possades estender. E quando trabalhom dajuntar dinheiros, ouçam aquello que he scripto : O avarento nom sera cheo de oro, e aquel que ama as riquezas nom recebera dellas fruyto (3). Receber fruito dellas e espargellas, nom amandoas pera as reteer, e porque as ama retendoas, porem o leixara sem fruyto (4). E quando cobiçam de seer cheos de riquezas, ouçam o que he scripto : Aquel que se atriga pera seer rico nom sera inocẽnte (5); e aquel que se trabalha d'ajuntar riquezas e he negligente pera esquivar o pecado, e tomasse como se toma a ave com a isca das cousas terreaaes, as quaaes muyto deseja, nom conhece quando he tomado; e quando deseja os ganhos

---

(1) Neste periodo ha confusão; o texto é mais claro : « Cum aliena rapere intendunt, audiant quod scriptum est : *Væ illi qui multiplicat non sua : usquequò aggravat contra se densum lutum ?* (Habac., II, 6.) Avaro quippe contra se densum lutum aggravare, ut terrena lucra cum pondere peccati cumulare. » (R.)

(2) *Væ qui conjungitis domum ad domum, et agrum agro copulatis, usque ad terminum loci. Numquid habitabitis soli vos in medio terræ?* Isaias, V, 8. (R.)

(3) *Avarus non impletur pecuniâ; et qui amat divitias, non capiet fructus ex eis.* Eccles., V, 9. (R.)

(4) A traducção d'esta clausula não é nem exacta, nem clara; o texto diz : « Fructus quippe ex illis caperet, si eas bene spargere non amando voluisset. Qui verò eas diligendo retinet, hic utique sine fructu derelinquet. » (R.)

(5) *Qui festinat ditari, non erit innocens.* Prov. XXVIII, 20. (R.)

deste mundo presente nom sabe aquello que padecera no futuro pellos damnos que comete, ouçom o que he scripto : A erdade a que homem se triga somente no começo, perde a sorte de bençom no postumeiro dia (1). Porque quando per avareza cobiçam aquy que a mallicia seja multiplicada, som deserdados do patrimonio eternal. E quando cobiçam aver todallas cousas que creçam (2), ouçam aquello que he scripto : Que aproveita ao homem se todo o mundo gaançar, e a sua alma padecer tormento pera sempre? Como se Jhũ Xpõ dissesse abertamente, que proveito he ao homem se todo juntasse que he defora de sy, se soo danar aquello que dentro he em sy? E pella mayor parte a avareza dos roubadores mais cedo he corregida, se nas pallavras daquel que o amoesta lhe seja demostrada quanto fugitiva he esta presente vyda, e se aa memoria lhes he trazido aquelles que em este mundo cobiçarom seer dotados de riquezas, e gaançadas as riquezas, nom poderom muyto viver; aos quaaes a morte muy trigosa revatadamente tirou toda cousa que ajuntou a sua mallicia; aqui leixarom as cousas que roubarom, e os pecados do roubo ao juyzo levarom. O exempro destes ouçam os quaaes nas suas pallavras condanam, porque possam seer retornados aos seus coraçoões, e ajom vergonha de seguir aquelles que julgam.

---

(1) *Hæreditas ad quam festinatur in principio, in novissimo benedictione carebit.* Prov. XX, 21. (R.)

(2) A traducção não é aqui exacta; o texto diz : « Cum vel plurima ambiunt, vel » obtinére cuncta quæ ambierint possunt, audiant quod scriptum est : *Quid prodest » homini si totum mundum lucretur, animæ verò suæ detrimentum faciat?* » S. Matth., XVI, 26. (R.)

CAPITOLLO LXXXIX.

Do dicto livro sobre a dicta virtude da lyberalleza.

Doutra guisa devem seer amoestados aquelles que nom desejam cousa alhea nem dam as suas; e doutra aquelles que o que teem dam de boa mente, e nom leixarom por ello de tomar o alheo. Devem seer amoestados aquelles os quaaes nom cobiçom o alheo, nem o seu dam, porque sejam solicitos pera saberem que a terra cousa he commuũ a todollos homens, da qual som feetos, e porem da mantiimento a todos geeralmente. E contam se por innocentes per dizerem que o dom de Deos commuũ he seu proprio, os quaaes, quando aquello que recebem aos pobres nom dam, encorrem em morte dos prouximos, e tantas penas merecem quantos pobres morrem per myngua de sua ajuda. E quando aos pobres ministramos as cousas necessarias, damoslhe o que seu he, e nom o que he nosso; e estonce pagamos debito de justiça quando a mysericordia comprimos per obra. E porem o Senhor Jhũ Xpõ quando ensynava cautellosamente fazer a mysericordia dizia: Parade mentes (1) que a vossa justiça nom façades ataa os homens. Com a qual sentença concorda o Salmista, dizendo: Spargeu e deu aos pobres, e a justiça fica pera

(1) Eis aqui a mesma expressão obsoleta que notámos a pag. 422 correspondendo ao latim *attendite*, como vemos do texto: « *Attendite ne justitiam vestram faciatis coram hominibus*. S. Matth., VI, 1. (R.)

todo sempre (1). Quando mandou a largueza fazer aos pobres, e nom lhe chamou misericordia mas justiça; porque aquello que he dado pello senhor commuũ, justo he sem duvyda que aquelles que o recebem comuũmente dello husem; e porem diz Sallomon : Aquel que justo he, seja liberal, e de, nom cesse (2). Devem seer amoestados que sollicitamente ajam desguardar que a figueira nom tenha fruito contra o estreito lavrador Xpõ demandava por que razom occupava a terra (3). A figueira occupa a terra sem fruyto quando a mente dos tenazes e scassos aquello que a muitos podia aproveitar sem proveito guarda; a figueira occupa a terra sem fruyto quando o logar o qual outro devya teer e occupar, per fruyto de boas obras, o saudeu per sombra de priguiça apreme. E soõe estes aas vegadas dizer : Husamos das cousas a nos concedidas, nom buscamos o alheo, e se nom fazemos bem nom fazemos a nenhuũ mal. A qual cousa sentem, porque a orelha do coraçom çarram aas pallavras cellestriaaes. E nom leemos que aquel rico, do qual se lee no evangelho que vestia purpura e biso, e comya cada dia sprendidamente, que roubasse o alheo, mas husava das riquezas sem proveito, e despois desta vida presente foi lançado nas penas do inferno, nom porque algũa cousa fizesse nom licitamente, mas porque com destemperado huso deusse todo aas cousas licitas. Devem seer amoestados os scassos que ajam de saber que esta he a primeira enjuria que fazem a Deos, o qual lhe deu todallas cousas, e nom lhe fazem nenhum sacrificio; e porem diz o salmista : Nom dara a Deos sacrificio nem preço por a

---

(1) *Dispersit, dedit pauperibus, justitia ejus manet in æternum.* Psal. CXI, 9.

(2) *Qui justus est, tribuet et non cessabit.* Prov. XXI, 26.

(3) A traducção não é aqui clara, nem fiel; o texto diz : « Admonendi sunt quoque » ut sollicitè attendant quòd ficulnea quæ fructum non habuit, contra hanc districtus » agricula queritur, quòd etiam terram occupavit. » (R.)

rendiçom de sua alma (1). Dar preço da rendiçom he fazermos algũa boa obra per que venha sobre nos a graça de Deos; e porem braada Jhũ Xpõ dizendo : Ja a segura he posta aa raiz da arbor, toda arbor que nom faz fruyto boo sera cortada, e metida no fogo (2). Aquelles ergo que se ham por sem pecado porque o alheo nom tomam, avisemse do golpe da segura que acerca esta, e percam a preguiça se querem seer seguros; porque quando o fruyto das boas obras nom quizessem fazer desta vyda presente da verdura lhe seram cortadas as rayzes (3). E pello contrairo devem seer amoestados aquelles os quaaes aquello que teem dam largamente, e nom cessom por isso roubar as cousas alheas, porque onde cobiiçam de seer justos, magnificos e largos, sejam feitos peores. Estes as suas cousas proprias sem discreçom dam segundo encima dissemos, e despoes nom ham paciencia, e sam constrangidos pera murmurar pella myngua em que se vem, e som trazidos ao pecado da avareza. Que cousa pode seer mallaventurada, que da liberdade nace a avareza, e das sementes das virtudes quer nacer pecados (4)? Primeiramente devem seer amoestados que ajam de saber teer razoavelmente o seu, e entom com decabo (5) nom tomem o

---

(1) *Non dabit Deo propitiationem suam, nec pretium redemptionis animæ suæ.* Psal. XLVIII, 8.

(2) *Jam securis ad radicem arboris posita est. Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum, excidetur, et in ignem mittetur.* S. Luc., III, 9.

(3) A traducção não é aqui clara; o texto diz : « Ne cùm ferre fructum boni operis » negligunt, à presente vitâ funditùs quasi à viriditate radicis exsecentur. » (R.)

(4) A traducção é aqui confusa, e pouco exacta; o texto diz : « Quid ergò eorum » mente infilicius, quibus de largitate nascitur avaritia; et peccatorum segés quasi ex » virtute seminatur? » (R.)

(5) Esta expressão obsoleta que já notámos duas vezes (Vej. pag. 425) como correspondendo ao adverbio latino *rursum*, agora vemos que corresponde tambem a *demum*, pois o texto latino diz : « Et tunc *demum* ut aliena non ambiant; » e significa, portanto, finalmente, do mesmo modo que *como de cabo*. (R.)

alheo; se a raiz da culpa na largueza nom se queima, nunca pera os ramos podera sobir a avareza : tirasse a causa do roubar, se bem se despoõe o derecto de possuyr. E entom ouçom os amoestados como ham de despender aquellas cousas que ham, pois aprenderom que o bem misericordiosamente despendido sem o pecado da rapina he muyto proveitoso. Com vyolencia buscam onde façam misericordia por os pecados, mas outra cousa he fazer misericordia por os pecados, e outra pecar por fazer misericordia. A misericordia que he feita por fazer pecado, que he furtar e dar por Deos, nom aproveita nada porque se seca, porque a peçonha da avareza he posta na raiz della; e porem o Senhor Deos avorrece taaes sacrificios, pollo profeta dizendo : Eu som Senhor amador da justiça, e ey odio aa rapina oferecida em sacrificio (1); e outra vez diz : Os sacrificios dos maaos som avorrecidos, porque som offerecidos do pecado (2); porque muyto amehude tiram dos mynguados pobres aquello que hande oferecer a Deos; mas em quanto pecado taaes encorrem, o Senhor o mostra por huũ sabedor : Aquel que oferece sacrificio da sustancia do pobre he tal como aquel que mata o filho ante o seu padre (3). Qual he a cousa que menos deve seer soportada que a morte do filho ante os olhos do padre? Em quanta hira he posto este sacrificio ante Deos bem se mostra, pois que he comparado aa door do padre orfom do seu filho. E porem muytos nom querem consiirar quanto dam do roubo dos pobres, e cuidam que ham grande mercee, e nom curam consiirar as culpas e pecados que fazem, ouçam aquello que he scripto :

---

(1) *Ego Dominus diligens judicium, et odio habens rapinam in holocausto.* Isai., LXI, 8.

(2) *Hostiæ impiorum abominabiles, quæ offeruntur ex scelere.* Prov. XXI, 27.

(3) *Qui offert sacrificium de substantia pauperis, quasi qui victimat filium in conspectu patris sui.* Eccles., XXIV, 24.

Aquelle que ajuntou riquezas, scilicet, do roubo, lançouas em saco roto (1). No saco roto som lançadas as riquezas quando o dinheiro he metido; e quando se perde, nom he visto (2). Aquelles ergo que sguardam quanto dam e nom quanto roubam, no saco roto metem suas riquezas, porque certamente as ajuntarom em sperança de sua fiuza, mas porque nom sguardarom como as ouverom e perderomnas.

---

(1) *Qui mercedes congregavit, misit eas in sacculum pertusum.* Aggæi, 1, 6.

(2) Este periodo é mal traduzido; o texto latino diz: « In sacculo quippe pertuso » videtur, quando pecunia mittitur; sed quando amittitur, non videtur. » (R.)

CAPITOLLO LR.

Da taboa e declaraçom das cousas que adiante som scriptas.

Desejando poer fym a esta breve e symprez leitura, as cousas per mym scriptas a esto, pertencentes, que ficam por screver, em ella sem outro aditamento as faço trelladar, das quaaes este capitullo como tavoa entendi seer compridoiro de se fazer.

Primeira, he a declaraçom das VII teençoões concordantes com as VII virtudes principaaes suso scriptas, que fiz per vosso requerimento, parecendome razom conseguir o trautado passado que dellas principalmente falley.

Segunda, o apropriamento da oraçom do Pater Noster a estas virtudes principaaes, porque aver nom se podem sem special graça de Nosso Senhor, dizendo esta muy sancta oraçom como requeremos as dictas virtudes pera nosso bem sobre todo necessarias.

Terceira, da maneira que teer devemos em leer per livros de sciencia e ensynança spiritual, e das virtudes moraaes, porque he hũa cousa que quando se acustume, como, e quanto deve, acrecenta muyto em todas virtudes, e traz proveito e continuado prazer; e por se nom guardar em ello devyda ordem muytos receberom de tal leer muyto mal e perda, filhando heresias e openyoões que teer nom devyam, e outros per sobejamente sem discreçom dandose a ello cairom em sandices, e outros em in-

firmidades; e pera gaançar o bem, e com a graça do Senhor scusar o mal, screvy sobrello alguũs conselhos e avysamentos.

Quarta, huũ conselho apropriado a duas barcas, que Frei Gil Lobo, meu Confessor, que Deos perdoe, screveo por mynha envençom e mandado (1), porque em huũ fallamento assy lho razoei; e disseme que lhe parecia boa semelhança, porem lhe disse que a screvesse, e nom lhe furtando seu trallado, a envençom foy mynha sollamente, e porem em conto das cousas por mym feitas volla faço screver.

Quynta, ordenança que se deve teer em nossa Capella, perque grande parte acrecenta em boa devaçom os oficios devinos seerem dictos e ouvydos bem e devotamente, e a boa devaçom faz leixar os pecados e seguyr as virtudes.

Sexta, se declaram os tempos que nos oficios da Igreja que se custumam dizer em nossa Capella, em cada huũ igualmente se deteem, pera os começarem com tempo, segundo elles forem, e que entendermos fazer.

Septima, hũa pratica que guardavamos a ElRei meu Senhor e padre, a qual me parece boa pera seer consiirada e bem pervista per aquelles que boa maneira quizerem teer com Senhores e outras pessoas, antre quem a amizade desejarem seer guardada, a qual sem razoado possuymento das virtudes como convem entre as partes nom se podera bem praticar.

Octava, como se devem algũas leituras tornar de latym em nossa linguagem. Esto vos faço screver em este trautado porque o avia por mym scripto pera meu avysamento, e o dar aos que algũas obras mandassem trelladar, e semelhante se vos prouver poderees fazer. E fiz logo screver a oraçom de justo juiz Jhũ Xpô, que a vosso requerimento per mym trelladey de

(1) Barboza não cita nem o Autor, nem o Mss. de que trata ElRei Dom Duarte. (S.)

latym em nossa linguagem assy rimada, na qual nom pude bem guardar que as pallavras todas fossem scriptas por as fazer consoar, nem se fez em melhor forma por levar a maneira em que per latim era feita.

Novena, huũ regymento que fiz pera o estamago, porque a saude corporal he cousa bem de prezar; e aqueste regymento nom sollamente ao estamago aproveita, mas quem o guardar como convem na geeral maneira de seu vyver, quanto á esto perteece, por bem regido sera contado (1).

Decima, a maneira de conhecer a estrella do norte, e per ella suas guardas aa mea moite e manhãa, segundo per mym gram tempo ha foy devysado, e posto em scristo pera se de coor poder saber, como de feito em estes reynos o sabem tantos que nom penso que o assy geeralmente saibam em outra terra, posto que della venhom os rellogios dagulha que trazem as figuras nas cuberturas, per que se pode bem saber o tempo da mea noite sollamente; mes eu ordeney duas rodas, hũa da mea noite, e outra da manhãa, com seu regymento pera se de todo aver boo conhecimento. He cousa bem proveitosa e prazivel aos mais que a sabem, porque antes nom pensom que seja de tanto prazer como per speriencia muytas vezes o sentem, e pera os que a sabem teem ajuda pera seerem melhor regidos.

Item huũ Capitullo, que falla da lealdade, por fym de todo este trautado; e algũas cousas tenho scriptas no livro que faço de saber bem andar a cavallo, e fazer as boas manhas que se custumam fazer em elles; e outras que por nom seerem taaes que a vos perteeçam as nom fiz aqui trelladar (2).

---

(1) O Pe Souza não faz menção d'este opusculo d'ElRei Dom Duarte. Será talvez o que Barboza menciona com o titulo: « *Conselho espiritual contra a intemperança.* » (R.)

(2) Por esta passagem se vê que ElRei Dom Duarte fez alguns outros opusculos que

não se achão incluidos neste tratado. O primeiro, e o mais importante, é o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*, que se seguirá immediatamente a este, o qual, apesar de ter sido começado sendo elle Infante, não estava ainda concluido quando isto escrevia, pois diz : No livro que *faço* de saber bem andar a cavallo. » No P.e Souza, Tomo I das Provas da Hist. Gen., pag. 529 e seg., se achão alguns d'estes opusculos, e bem assim o Catalogo de varias outros que não forão impressos, e se conservavão na livraria da Cartuxa d'Evora ; o Catalogo que dá Barboza é differente, posto que não tão copioso. Tambem ali se encontra uma Memoria dos Livros do seu uso (p. 544); muitos dos quaes forão d'ElRei Dom João I seu pai, a qual não é completa porque além das oitenta e quatro obras, de que ali se faz menção, cita o nosso Principe muitas outras, e d'ellas faz extractos ; taes são o livro da amizade de João de Linhano (Vej pag. 242), o Pomar das virtudes de Fr. André de Paz (Vej. pag. 282), as obras de S. Thomaz d'Aquino (Vej. pag. 262), Vita Christi do P.e Ludolfo Cartuziano (Vej. pag. 409), etc. (R.)

CAPITOLLO LRI.

Das VII entençoões per que seremos com a graça do Senhor aderençado a percalçar as VII virtudes pryncipaaes.

Em nome de Nosso Senhor Jhũ Xpõ, com sua graça, e de Nossa Senhora Santa Maria, vos screvo estas teenções que vos fallava que a meu juyzo deviamos todos de trazer quanto mais per sua mercee podessemos, as quaaes som estas, brevemente scriptas por satisfazer ao que me requerestes, ainda que pera tal sciencia screver outro mestre ou doutor se requeria.

A primeira teençom, he aver fe em todollos artigoos do credo e *quicumque vult* (1), como determyna e manda a Santa Igreja; e esto sollamente per symprez obediencia, de que procede nom se fazer deferença do que per razom e entender percalçom, ao que de todo parece cousa desarrazoada, e o entender encalçar nom pode; ca por seer feito fundamento na symprez obediencia todo he per mercee do Senhor igualmente de creer, avendo sempre em renembrança aquella pellavra: Sem fe impossivel he prazer a Deos.

A segunda teençom, he aver certa e determynada creença da pratica dos sacramentos, das virtudes, pecados e malles, segundo pela Sancta Igreja he determinado, assy que ajamos por virtudes o que ella determyna, e por mal e pecado o que ella ouver, creendo sobrello confessores e leterados aprovados

(1) Veja-se a nota 1 de pag. 205.

e de boa vyda, e pessoas virtuosas da maneira de nosso vyver, no que soubermos que entendem e bem praticam, nom querendo sobreesto tomar teençoões speciaaes, mas concordar e sujugar nosso coraçom aa geeral entençom e determinaçom aprovada em que nom aja remordamento de conciencia. E ainda que al nos pareça razom, nom curar dello, seendo tanto e mais contentes de nos afirmar em estas determynaçoões per obediencia, que per razom conheecendo que he camynho mais seguro, lembrandonos que melhor he obediencia que sacrificio.

A terceira, que ajamos fe sem duvida determinada que Nosso Senhor Deos he bondade perfeita, acabada sabedoria, e todo poderoso, per que convem que determynadamente creamos querer elle sempre todallas cousas obrar, e sem myngua sabellas fazer, e per seu infindo poder assy as comprir e acabar, concordando com esto aquel dicto : Deos he aquella cousa mylhor que pode seer pensada.

A quarta, que nossa teençom seja com sua boa graça viir a toda boa perfeiçom de virtudes e leixamento de pecados, nom seendo jamais contentes do que fazemos naquella parte que he perfeito conhecimento e seguymento dellas, e syntymento e leixamento de pecados, e desordenança donesta vyda, husando de discreçom em conhecer as perfeitas virtudes como som, fe, sperança, caridade, justiça, temperança, fortelleza, etc., as quaaes sempre em todo tempo quanto mais podermos devemos seguyr, e as desposiçoões de virtudes, como jejuũs, vygilias, studo, e semelhantes, as quaaes querem reguardo de tempo, modo e desposiçom, e se pode errar sobejando assy como fallecendo, e conheecendo que per nos esto sem special graça nom poderemos continuadamente fazer, diremos sempre : Deos reguarda em meu adjudoiro, Senhor, trigate pera me ajudar.

A quynta, que pois Nosso Senhor Deos he fonte, comprymento e perfeiçom de toda virtude, que de todo per elle ordenado sejamos contentos, ou creamos firmemente que o devemos seer, sabendo que al nam pode nem deve seer bem feito, nem bem ordenado ainda que o desejemos ou razom pareça, dizendo, em caso que tal duvyda ou contradizimento da voontade syntamos: Senhor, nom assy como eu entendo, nem quero, mas como tu.

A sexta, que ajamos fe certa que sua gloria he o mayor bem e deleytaçom que se pode enmagynar, consiirando que nom avemos mais deleitaçam e prazer em cada hũa cousa que quanto el naturalmente nos ordenou; e daquy se segue viir a conhecimento quanto mayor ser a que el outorgar por gallardom aos escolheitos da que em geeral se da a boos, e a maaos, e as bestas, concordando em esto aquel dicto, que o olho nom vyo, orelha nom ouvyo, coraçom dhomem nom pensou tam grandes beẽs como Deos tem ordenados pera os que os amam; e assy consiirar as penas do inferno, do qual diz o Senhor, que ally sera choro e astringymento (1) de dentes.

A septima he que em estas teençoões aturemos sempre com a graça e mercee do Senhor em todas nossas vydas, nom seendo do conto daquelles que a tempos creem, e no tempo da tentaçom desfallecem, lembrandonos aquella pallavra que diz: Quem perseverar ataa fym sera salvo. De taaes tentaçoões, com a

---

(1 Substantivo verbal do verbo *astringir*, que era commum á lingua castelhana, do latim *astringere*, apertar; astringimento de dentes significa por tanto a acção d'apertar os dentes, e provavelmente tambem o correr apertadamente uns sobre os outros fazendo som desagradavel, a que chamâmos ranger os dentes. Assim traduzio Pereira esta passagem de S. Matheus (VIII, 12): *Ibi erit fletus, et stridor dentium*; imitando J. F. d'Almeida, que muito antes d'elle havia traduzido: « Ali será o pranto, e o ranger dos dentes. » (R.)

graça do Senhor Deos, se nos seguira percalçadamente das VII virtudes pryncipaaes suso dictas : ca per a primeira averemos fe segura, fora dopenyoões, com a Sancta Igreja concordante. Per a segunda averemos boa sperança que hiremos a porto seguro daquella sancta morada que per os fieis catholicos he requerida, pois andamos per strada real das pessoas dautorydade mais louvada e aprovada. Per a terceira averemos dereita carydade, amando o Senhor Deos sobre todallas cousas, porque he perfeitamente digno de seer mais amado, e a todallas criaturas segundo razom amaremos por el, nom desamando alguem por nom perder o seu amor. Per a quarta husaremos de perfeita prudencia, que he leixamento dos malles e pecados, e vyver em todos nossos dias e feitos virtuosamente. Per a quynta seguyremos justiça, julgando sempre as obras de Nosso Senhor, que nom podem nem devem seer prasmadas, nem contradictas por obra, dicto, ou pensamento. Per a sexta husaremos de temperança em toda cousa que desejarmos, porque reguardando ao grande bem que speramos, com sospeita, e receo husaremos de toda folgança, receando perder aquella que sobre todas mais he pera desejar, e temendo grandemente os malles e penas que som aparelhados aos seguidores de maas voontades, e que fora de boa temperança em seus feitos vyvem e acabam. Per a septima, com muy special ajuda do Senhor, averemos aquella perfeita fortelleza por que se contradiz toda cousa aa virtude contraira, e sem medo, priguiça, scaceza ou fraqueza, as virtudes se requerem e possuem desejando sempre vyda virtuosa, e o reino dos ceeos por mais alto bem e deleitaçom que aver se pode, e temendo perder a graça do Senhor Deos que he o mayor dos malles, de que elle nos guarde, pera sempre vive e reina, outorgandonos sempre continuada vyda em seu servyço, e em fym sua sancta gloria amem.

CAPITOLLO LRII.

Do apropriamento do Pater Noster aas VII virtudes.

Aa sancta oraçom do Pater Noster, per Nosso Senhor Jhũ Xpõ feita, se podem apropriar as VII virtudes pryncipaaes, tres theollogaaes, scilicet, fe, caridade, sperança, e as quatro cardenalles, scilicet, prudencia, temperança, justiça, fortelleza; em esta guisa. Na primeira pallavra diz, padre nosso que es nos ceeos; e aquesta se apropria aa fe, porque avendo verdadeira creença de Nosso Senhor Deos o chamamos padre nosso, confessando que es nos ceeos, sanctificado seja o teu nome; e aa caridade esta deve seer apropriada, porque avendolhe amor sobre todallas cousas o louvamos e sanctificamos; e a terceira, per que demandamos que venha o seu reino, com a sperança muito bem se concorda, porque sperando aver em el por sua sancta graça algũa parte, demandamos cada dia, que quando ao Senhor prouver pera o seu reino sejamos chamados, o qual sempre speramos que nos sera per sua mercee outorgado. E aquestas tres pallavras se apropriam aas tres primeiras virtudes theollogaaes. E a quarta que dizemos, seja feita a tua voontade assy na terra como nos ceeos, nos mostra a mais perfeita prudencia que aver se pode, entendendose per duas guisas. Hũa que conformamos nossa voontade com a sua, dizendo em todo que nom se compra o que desejamos mas o que a el mais praz, sabendo que

aquello he melhor; e ainda que al deseje mais a voontade, naquello se afirma nossa principal entençom, e porem dizemos que seja comprida sempre a sua. E a outra per que demandamos a el sobre todallas mercees que nos faça sempre seguyr e fazer sua voontade, a qual he que todos nos encaminhemos a nossa salvaçom, assy como a fazem aquelles que ja som na sua sancta gloria, em no amar, glorificar, e servir. A quynta que dizemos, pam nosso de cada dia nos da oje, mostra aquella grande temperança de que lhe prouve husarem os seus discipullos, e outros que os querem seguyr, nom desejando sobreabundança de viandas, mes do mantiimento, que sempre necessidade requere, cada huũ dia demandando, nos contentemos. A sexta per que dizemos, quytanos nossas divydas como nos quytamos a nossos devedores, nos he mostrado o direito camynho da justiça que com nosco se tera segundo nossas obras, e que nos devemos d'aver misericordia como desejamos que de nos seja. A septima diz, que nom sejamos derribados na temptaçom, mas que nos livres de mal (1), e aquesto bem he visto que aa virtude da fortelleza, que de Nosso Senhor nos he outorgada, deve perteecer, per aqual nos guardamos e teemos contra todo mal, e nos esforçamos a seguyr toda virtude.

---

(1) Por aqui vemos que a formula portugueza da Oração dominical, posto que muito antiga, soffreo com tudo alguma alteração com o andar dos tempos, e como que se foi accommodando ás alterações que experimentava a lingua; Dom Fr. Bartholomeu dos Martyres já dizia, como nós hoje: Perdoa-nos as nossas dividas, em lugar de, quita-nos, etc., e: Não permittas que caiâmos em tentação, em lugar de, que nom sejamos derribados na tentaçom, que se dizia no tempo d'ElRei Dom Duarte. Vej o seu Cath., pag. 155, e 157. (R.)

CAPITOLLO LIII.

De que guisa se deve leer per os livros dos avangelhos e outros semelhantes, pera os leerem proveitosamente (1).

A dũa ora (2) nom leaaes muyto, mas boa parte menos do que poderdes; assy que se poderdes aturar leer doze folhas, nom leaaes mais de tres ou quatro. E aquesto he por o entenderdes melhor, e o passardes mais tarde, e vos enfadardes delle menos. Devees algũas vezes provar de leer, ainda que vos pareça que nom avees voontade, e sentyndovos sem ella a uma ora nunca muyto perfiees, porque tras fastio e avorrecimento, mas husando amehude, e nom muyto juntamente, he melhor, quando leerdes mais passo do que avees custumado, e bem apontado (3).

Quando alguma cousa nom poderdes entender nom vos de-

---

(1) Este capitulo é um dos opusculos que o Pe D. Antonio Caetano de Souza publicou nas Provas da Historia Genealogica (Tomo I, pag. 541). Confrontámos um com outro, e como encontrassemos alguns erros naquelle Documento, julgámos acertado signalál-os, não nos fazendo com tudo cargo da ponctuação apezar de sua grande irregularidade, que muitas vezes torna inintelligivel o que disse o Autor. (R.)

(2) No Pe Souza lê-se : « A hũa ora. » O que é manifesto erro ; pois o que o Senhor Dom Duarte recommendava á Rainha sua esposa, era « que não lesse muito *mais* d'uma hora. » (R.)

(3) Esta expressão é imitada do italiano; *leggere appuntato* significa ler correctamente, com todos os pontos e virgulas; e isto é o que aqui quiz dizer ElRei Dom Duarte. (R.)

tenhaaes muyto, porque nom ha meestre (1) em theollogia que todo perfeitamente entenda, mas passaae adiante, e tomaae (2) o que Deos vos deer, conhecendo que nom sooes pera lhe dar perfeito entendimento, mes que o filhaaes com protestaçom daver sobrello firme creença como determina e manda a Santa Igreja, e que se o contrairo do que a vos parece ella manda que se creea, que vos assy o teendes firme entençom de creer, ainda que o nom possaaes daquella guisa entender.

Destas cousas que assy nom entenderdes nom vos embarguees de muyto perguntar, porque sabee certamente que taaes hi ha que poucos as sabem, e melhor he pera vos passar per ellas, e fazer conta que as nom vistes, que por dicto dalguũ, que avera empacho de vos mostrar sua myngua, filhardes tal teençom qual teer nom devaaes (3); mas se algũas quizerdes saber sejam perguntadas (4) a certas, e a taaes pessoas que sejam avydas por boas em vydas, e de boo e grande saber, e a outras nom.

Posto que alguũ boo livro todo leaaes, nunca vos enfadees de tornar a o leer, porque algũas cousas entenderees sempre novamente que vos farom proveito; e pensaae que o seu leer he obra meritoria, e porem (5) he bem assy como vos nom enfa-

---

(1) No Pe Souza lê se erradamente *mente*.

(2) Outro erro : *tornae*, em lugar de *tomaae*.

(3) No Pe Souza lê-se erradamente : « Que em ter non devaes. » (R.)

(4) No Pe Souza ha aqui uma palavra de mais, mas o sentido não é claro ; elle diz : « Sejam perguntadas *poucas*, e certas, e taes pessoaas, etc. » (R.)

(5) No Pe Souza lê-se *porende*, em que não ha erro, mas sómente variante, porque o *porem* de nossos antigos, era uma contracção de *por ende*, e significava *por isso*, ou antes era o *por en* dos gallegos, que tinha esta mesma significação, como vemos da seguinte cantiga do Cancioneiro de Lord Stuart :

« Tan muyto uos fez deus de bê
» Que se uos prouguer desaqui
» Serey uossom e uos de mi
» Seredes señor e *por en*
» Non quer outra señor filhar
» Senon uos se uos non pesar. »

Canc. de C. Stuart, fol. 100. (R.)

dardes de rezar algũas vezes o Pater Noster, e assy algũa cousa cada dia leerdes per el, e nunca tanto tempo lerees, se teverdes boa teençom, que leyxees dachar cousas que vos novamente prazam, ainda que as ja lessees (1).

Por muyto que delle saibaaes nunca perfiees com gente da vossa ley, ou fora della; leedeo pera vos principalmente, e aquesto pera aprenderdes e folgardes em boas cousas leer, e despenderdes algũa parte do tempo em bem fazer, e pera ensynardes algũus que vosso boo conselho queiram filhar.

Nom tenhaaes algũas teençoões assy firmadas na voontade que todo quanto lerdes queiraaes torcer pera concordar com ellas, mas aalem daquellas, que per fe e determinaçom da Sancta Igreja avees firmemente creer, outras por vos nom tenhaaes nem filhees, mes em todo vos fazee livre pera receberdes qualquer boo conselho e determynaçom que per livros aprovados achardes, e vos deer tal pessoa de que o devees filhar; e aquesto vos tirara com a graça de Deos de muytos errores, em que algũus caaem por se nom avysarem.

Item, quando for a determynaçom do que leerdes duvidosa, prazavos de a leixardes em duvyda, e nom vos quererdes afirmar em algũa parte, conhecendo que algũas cousas certamente avemos outorgar per fe e obediencia, e per razom outras negar, e dalgũas seermos duvidosos, e nom em certa determynaçom; e por esto dizem que melhor he duvydar que sandiamente determynar.

---

(1) No Pe Souza lê-se erradamente *reseis*.

CAPITOLLO LRIIII.

Das duas barcas, convem a saber, da saã e da rota.

Ainda que Deos por sua grande absoluta infirmidade e segreda (1) voontade algũas vezes escolha e chame alguũs destados vyciosos e culpados, assy como scolheo Sam Matheu do estado pecador dos publicanos husureiros, e Maria Magdalena do estado pecador das molheres, e o ladrom do estado dos malfeitores e danadores; e assy permitta danar e perder outros destados perfeitos e virtuosos, assy como Judas do estado dos Apostollos, e Nycollaao do estado dos discipullos, por isso tam grande sandyce he em atrevimento da boa voontade de Deos desprezar o estado das virtudes, e escolher o estado dos pecados, como seria se alguũ quizesse passar alguũ ryo perigoso e tormentoso e achasse duas barcas, hũa forte e segura e muy bem aparelhada, e em que raramente alguũ se perde, e por a mayor parte todos em ella se salvam, e a outra, velha, fraca, podre, rota, em que todos se perdem, ou alguũs poucos se salvam. A barca firme, e segura, e forte, e bem aparelhada o estado das virtudes he, e de boo e sancto vyver, honesto, e sem querella de Deos e do prouximo, em que muy poucos perecem, e a mayor parte se salva em tal estado, assy era barca segura, podem navigar

(1) Secreta. Vej. a nota seguinte.

seguramente, e passar sem perigo per as ondas da tormenta deste mundo a porto seguro e de prazer que he a gloria. A barca fraca, podre, rota, o estado dos pecados he, e da maa, corrupta e dessoluta vyda em tal estado assy como em barca podre nom pode com segurança e sem perygo as tormentas da presente vyda passar, nem a porto de folgança e desejado aportar, e que alguũs se salvem esto he de veentuira, ou por alguũ segredo(1) juyzo de Deos acerca dalgũa syngullar pessoa, que nom quer que seja a muytos consequencia, porque pryvylegio de poucos nom he subsidio e defesa aos muytos.

Deste ensynamento com seu exempro podees entender que cousa perigosa he darse o homem a destemperança, e cousa segura a temperança; ca a temperança salva muytos e destrue poucos, e a destemperança corrompe e destrue muytos e salva muy poucos. Outro ensynamento : cousa perigosa he scolher homem estar no lugar onde morrem de pestellença, e cousa mais segura partirse, ca mais morrem dos que ficam, e poucos dos que se partem.

---

(1) *Segredo*, em lugar de *secreto*, era commum ao dialecto castelhano. Vej. o Vocab. de Sanchez, e o que dissemos ácerca da troca que fazião os nossos antigos das duas lettras dentaes *t* e *d* em a nota da pag. 168. (R.)

CAPITOLLO LRV.

Do regymento que se deve teer na Capeella pera seer bem regida.

Prymeiramente se proveja bem ante que o Senhor venha aa Capella o que ham de dizer, seendo avysados todos em geeral, e cada huũ em special, do que soo ou com outro ouver de dizer, assy no leer como em cantar.

Item, aquello que cantarem seja cousa que todollos que a ouverem de cantar bem saibam.

Item, que tenham sillencio na estante, e na igreja toda.

Item, que nom tomem os cantos mais altos dos que os folgadamente poderem levar, e aquesto assy no que todos ouverem de cantar como alguũs em special.

Item, que se nom triguem em cousa que ouverem de cantar, ou rezar, ou fazerem alguũ serviço que perteeça a seus oficios, mes todo façom com boo spaço e assessego, ainda que seja tarde; e se o for, cantem curtos cantos, e leixem os sobejos.

Item, se nom consenta riir nem scarnecer, em quanto durar o oficio, a nenhuũ que seja, e muyto menos aos Capellaães e a moços da Capella, os quaaes devem star o mais onestamente que poderem como aquelles que fazem serviço spiritual a Deos.

Item, devem seer avysados de se nom andarem bullindo na estante ou coro, mas cada huũ estar assessegado em seo logar, se a necessydade o nom constranger.

Item, que se nom consenta nenhuũ desacordativo (1) aa estante, por que hũa corda destemperada he abastante pera destemperar huũ estromento.

Item, que se conheçam as vozes dos Capellaães, qual he pera cantar alto, e qual pera contra, e qual pera tenor, e assy cantem contynuadamente pera cada huũ seer mais certo no que cantar.

Item, que se conheça quaaes antresy nas vozes som melhor acordados (2), e aquelles cantem algũas cousas que se ajam estremadamente cantar, porque ha hi algũas vozes, que ainda que sejam boas, antre sy no se acordam bem, e outras que ambas juntas fazem grande avantagem.

Item, que se reguarde onde ha destar a estante, e a casa quejanda he pera soarem melhor as fallas (3), porque se esta a par dalgũa janella, o vento se vai por ella fora, e faz menos soar as fallas; e esso mesmo faz em coro alto, ou muyto alongado, porem se deve reguardar o lugar pera mylhor soarem, specialmente se he tal tempo em que se queira resguardar, ou mostrar seus Capellaães.

Item, he muyto necessario de se criarem moços na Capella, e que sejam de ydade de VII ou VIII annos, de boa disposiçom em vozes e entender, e sotilleza, e de boo assessego, porque taaes como estes veem a seer de razom boos clerigos e boos cantores.

Item, que tanto que ouverem conhecimento de cantar que os façam cantar aa estante, e que lhe façom ensynar algũas canti-

---

(1) É o que hoje chamâmos desafinado, ou que costuma desafinar. (R.)

(2) É o mesmo que afinados ou entoados. (R.)

(3) Os rusticos da Estremadura ainda hoje dizem *falla* em lugar de *voz*, como vemos que dizia o Rei eloquente. (R.)

gas a alguũ que saiba bem cantar, e esto pera aas vezes cantarem ante o Senhor, ca esto lhe faz perder o empacho de cantar (1), e esforçar a voz, e gaançar melhor geito e mais gracioso de cantar.

Item, se devem esquyvar na Capella quanto se mais poder fazer arruidos e envejas, porque com esto nunca se Deos bem pode servyr.

Item, se deve reguardar que o cantar seja segundo as cerimonias da Igreja, ou triste, ou ledo, e segundo os tempos em que esteverem.

Item, em cada Capeella que boa deve seer devem seer criados quatro cachopos (2) ao menos, huũs que ajam sobre os outros tres ou quatro annos, assy que quando huũs forem doito que os outros sejam de doze; porem com razom deviam seer seis, porque aas vezes huũ he doente ou torvado, e outro fica em seu logàr.

Item, que quando estes moços forem em tal hidade que mudem as vozes, helhes grande bem fazerlhes leer latym per dous outros annos, porque a elles he grande proveito, e leem por ello (3) muyto melhor e mais certo; e se o Senhor traz meestre em sa Capeella, elles contynuadamente podem servyr em missas, e vesperas, e outros oficios, e nom leixarem daprender.

---

(1) Hoje diz-se, perder a vergonha. (R.)

(2) Esta palavra ainda se usa na provincia da Beira, e no Norte do Alemtejo. (R.)

(3) Ler latim, ou ler por latim, não significava naquelle tempo ler simplesmente o latim como hoje, mas entendêl-o e traduzíl-o, e era para o aprender que ElRei Dom Duarte dava dous annos aos meninos do coro. Em confirmação d'esta nossa interpretação adduzimos a passagem em que este Principe diz, fallando das differentes linguas que sabía: « Leeo per livros de latym e de toda lingua ladinha. » Vej. a nota de pag. 168. (R.)

Item, o meestre que os no canto ensynar deve de seer boo em saber e geito de cantar, e de boo entender e custumes, assy que nom tam soomente os castigue no canto mas em toda outra cousa que errem, e lhes dee sua boa ensynança pera seerem boos em sua vyda e custumes.

Item, elle seer prestes sempre pella manhãa na Capella, que como os moços acabarem de correger o altar, que os faça logo cantar, e lhe dee lyçom antes que o Senhor venha, que esta lhes aproveita mais que de todo dia, e assy faça aas vesperas, que elle deve sempre prymeiro seer na Capella.

Item, que os Capellaães e Cantores sejam sempre cedo na Capeella, que o Senhor nom spere por elles; e os Capellaães proveeram o que ouverem de dizer; e os cantores praticarom em alguũs cantos, que nom teem dia, tempo mais aazado que este, e mais saberom cantar as missas que ham de dizer, e leerlas, e registar o livro, posto que hi nom este outro Capellam que o faça.

Item, que os cantores aprendam o salteiro (1), que quando lhes aa mão veher alguũ beneficio que o saibam, que nom pode seer boo clerigo se nom souber o salteiro.

Item, devem os moços seer percebidos de perguntarem per vezes cada noite ao Senhor, onde, e a que oras quer ouvyr missa, pera avysar os capellaães do que ouverem de fazer.

Item, quando veherem alguãs festas speciaaes o Capellaão Moor, ou quem logo (2) tever, deve perguntar ao Senhor onde, e como quer ouvyr o oficio, e os corregimentos de que se avera em elles de servyr.

---

(1) Não nos parece que *saber o salteiro* queira dizer, saber o salterio de cór, mas sim saber salmear, ou cantar os salmos por todos os tons. (R.)

(2) *Logo* com a significação de *lugar*, ou *vez*, era muito usado de nossos antigos: ter logo d'alguem, significava, occupar o lugar, fazer as vezes d'alguem. (R.)

Item, se ponha boa guarda e proviimento nos ornamentos da Capella, e se sirva delles segundo o tempo for.

Item, sobre todo he necessario que aos boos que bem servem com mercees e boo gasalhado lho agallardoem e reconheçam, e os que mal vyvem, e se arrufam, e mal servem, nom passem sem pena e escarmento.

Item, que qualquer cousa que o Senhor vyr em a Capeella mal feita per qualquer guisa que seja, logo a mande emmendar sem tardança nem trespasso.

Item, estas quatro som muito necessarias pera a Capella, scilicet, Capellaam Moor, e meestre da Capella, e tenor (1), e meestre dos moços.

Item, devem seer avysados que em qualquer cousa que ouverem de cantar, ora seja canto feito ou descanto (2), declarem a letera daquello que cantarem, salvo se ella for desonesta pera se dizer (3).

Item, em qualquer cousa que cantarem devem de declarar a

---

(1) Parece-nos que tenor não significa aqui a voz entre contralto e contrabaixo, ou o musico que a tem, mas sim o cantor ou chantre que com a sua voz firme e forte (ordinariamente de tenor) sustenta e governa o coro; o que é indispensavel n'uma capella. (R.)

(2) *Canto feito*, em nosso entender era cantochão, e *descanto*, canto a vozes, concerto de vozes, a que depois se chamou musica d'estante, ou fábordão. (R.)

(3) Esta recommendação d'ElRei Dom Duarte é notavel! E cousa sabida que na Escritura se encontrão algumas palavras e expressões que parecem offender a honestidade christã, e d'ellas se leem em varias epistolas, evangelhos, lições do antigo Testamento, e no Livro dos Cantares, cuja lettra não queria o nosso Principe se declarasse. D'aqui podêmos tirar duas inducções : 1ª Que as pessoas da Côrte, que frequentavão a Capella Real, entendião o latim, por isso que elle prohibe que se pronunciem as palavras latinas que poderião offender a honestidade ; 2ª Que a severidade dos custumes d'aquelle tempo era tal, que se não permittião palavras d'este genero. (R.)

letera vogal segundo he scripta, e esto porque alguũs teem de custume pronunciar mais hũa letera que outra em aquello que cantam.

Item, se devem de guardar cantar de lyngua nem de desvairamento de boca, mas soomente cantem de papo cada huũ melhor que poder.

CAPITOLLO LRVI.

Do tempo que se deteem nos oficios da Capeella.

Levando per esmo, razoadamente estas oras se deteem nos oficios da nossa Capella.

Item, missa cantada, dicta per Bispo, com asperges e patrem : Ora e mea.

Item, missa cantada commuũ, sem asperges, e sem patrem : Huma ora.

Item, missa cantada de requyem : Menos dora.

Item, missa rezada : Mea ora.

Item, vesperas solempnes de Bispo com competra (1) : Duas oras.

Item, vesperas commuũes cantadas com competra : Huma e mea.

Item, vesperas rezadas com competra : Huma ora.

Item, o oficio da noite do Natal com matinas, avangelho, e missa, e sermom, em que aja hũa ora, a cujo respeito igualmente se leva, e devesse comeear o oficio entre as nove e as dez : Cinco oras.

Item, o oficio da purificaçom com terça cantada, preegaçom, benzer de cirios, e procissom : Quatro oras.

Item, o oficio da quarta feira de ciinza com sete salmos, beenzer de ciinza, e poer della, missa : Tres oras.

---

(1) Completa, ou completas. (R.)

Item, a missa de Sancta Maria ao sabbado seguynte com missa rezada de quatro temporas, e seis profecias, com epistolla: Ora e mea.

Item, o oficio dos ramos com terça cantada, e beençom dos ramos com epistolla e avangelho, e dar os ramos, procissom, missa, com paixam, e preegaçom: Seis oras.

Item, as prymeiras treevas: Quatro oras; e nas outras pouco menos. E devem se as prymeiras começar de noite, e sair de noyte; e as segundas começar de dia, e acabar de noite; e as terceiras começar de dia, e acabar de dia.

Item, a quynta feira in cena domyny, com prima, terça, sexta, noa rezada, missa, e mudamento do sagramento ao altar pequeno, e vesperas cantadas: Quatro oras.

Item, aa sesta feira dendoenças afora a preegaçom, que se nom pode esmar, em pryma, terça, sexta, noa rezadas, e duas profecias com dous tractos, e paixom, e oraçom solempnes, e adoraçom da cruz, mudamento do sagramento do altar pequeno ao altar pryncipal, e o oficio do altar, e mudamento do sagramento do altar ao moymento, e vesperas rezadas: Quatro oras e mea.

Item, ao sabbado vespera de pascoa, prima, terça, sexta, noa rezadas, bençom do fogo, e do encenço, bençom do cirio pascoal, xij profecias cantadas, os tres trautos cantados, ladaynha cantada, missa, vesperas cantadas de laudate domynum omnes gentes, e magnificat com oraçoões: Seis oras.

Item, o oficio da ressurreiçom pella manhaam segundo for o logar pera a procissom, por quanto des que he acabado nom dizem senom hũa oraçom.

Item, vespera de penticoste que se dizem seis profecias cantadas com tres tractos, e ladaynha cantada, e missa (1).

(1) E provavel que o amanuense omittisse aqui por descuido o numero das horas, e

Item, dia de penticoste, matinas e pryma cantadas, em que se deteem : **Duas oras.** E na terça cantada com veny creator spiritus, e myssa de Bispo, e preegaçom, se deteem : **Tres oras.**

Item, por a Rainha vesperas cantadas de requyem com o responso, e acabadas as vesperas em quanto se diz o responso teem xij Capellaães dos que o cantom xij tochas acesas ataa que seja acabado, e assy o fazem ao dia despoes que acabam a myssa ataa que acabam o responso.

Item, outro dia pella manhaam, matinas de requyem com vitatorio, ix liçoões, e laudes cantadas, e missa, e responso cantados : **Tres oras e mea.**

Item, matinas de Sam Pedro com pryma rezadas, e assy as outras semelhantes per todo o anno.

Item, dia de Sancta Maria dagosto, matinas, pryma cantadas, terça e sexta rezadas.

Item, dia de todollos sanctos, matinas e prima cantadas, terça e sexta rezadas.

Item, a noa rezada, e vespera rezada, e vespera cantada dos finados com responso.

Item, as matinas e missa e responso assy como ao dia do saymento (1) da Rainha.

---

o mesmo parece ter feito em outros officios que se seguem, cuja falta se não deve attribuir a ElRei Dom Duarte. (R.)

(1) Saymento, ou sahimento, significava antigamente exequias solemnes, officio geral ou aniversario por alguma personagem fallecida. Vej. o Elucidario. (R.)

CAPITOLLO LRVII.

Da pratica que tinhamos com ElRei meu Senhor e Padre, cuja alma Deos aja (1).

Muy prezados e amados irmaãos, quando em Abrantes vos falley que com os rex vossos irmaãos vos quisessees sempre bem acordar, vos recontey algũas praticas, que meus irmaãos e eu, per graça e mercee de Nosso Senhor Deos, e de sua madre Nossa Senhora Sancta Maria, guardavamos ao muy vyrtuoso, digno de grande e louvavel memoria, ElRei meu senhor e padre, cuja alma Deos aja, per as quaaes avyamos recebido tal graça, que jamais antre nos nom fora desacordo, nem afloxamento de grande amor; e despois fallando a Mossem Garcia dAznares, el me disse que vos prazeria averdes sobresto de mym per scripto alguũs avysamentos, porque da nossa pratica, que elle avya bem vista, era muyto contente (2). E

(1) Este capitulo, que parece seir carta dirigida aos Infantes d'Aragão, encontra-se nas Provas da Historia Genealogica, Tomo I, pag. 546; o qual fôra copiado d'um livro antigo da Cartuxa d'Evora pelo Conde da Ericeira, d'onde o copiou o Pe Dom Antonio Caetano de Souza, mas na dúvida se era d'ElRei Dom Duarte, pois diz no titulo: « Papel que parece feito por ElRei, etc. » Confrontámos um com outro, e como achassemos algumas variantes, e varios erros e omissões naquelle documento, que é copia de copia, julgámos acertado indicál-as, como fizemos em o capitulo LRIII. (R.)

(2) Este Garcia Aznares foi Plenipotenciario dos Infantes d'Aragão, e d'ElRei em Portugal, e concluio o tratado de paz de Torres Novas em 11 de Agosto de 1432, de que démos o summario no Tomo I, secção XV, do Quadro Elementar das Relações Diplo-

por quanto eu tenho grande desejo de vos complazer em toda cousa que bem poder, nom reguardando quanto se põe em juyzo quem taaes cousas screve de poder seer prasmado em sustancia e forma; consiirando que satisfaço ao que vos praz, e que estes avisamentos nom som per muytos sabidos, e per menos praticados, vollos ponho per scripto como realmente forom per nos guardados com o dicto Senhor Rey, em tal guisa que sempre fomos em sua boa graça, e em fym de seus muy honrados dias (1), mostrandonos sempre grande boa voontade, em nossa presença se partio pera seu creador, leixandonos em aquella real concordia de coraçoões, e onesta conversaçom em que elle nos criara. Screvo todo compridamente como o praticamos, nom declarando de cada hũa cousa a razom, porque entendo que pera vos seria prolixidade de scritura bem scurada, rogandovos que aa sustancia e boo desejo com que vollos envyo queiraaes reguardar, nom desprezando algũas cousas por vos parecerem de pequena conta, ca de pequenas occasioões se recrecem grandes desacordos, e se acrecentam as boas voontades; e as outras nom fylhees que as escrevy por as aprender per ensynos de livros, ou dictos de sabedores, mes Nosso Senhor ante da hidade comprida nos outorgou grande parte da pratica a juso scripta (2), e despois per ella fomos ensynados, conhecendo como recebiamos tanto comprymento de beẽs quanto no começo pouco sentiamos, e assy o praticar nos espertou a razom, e per ella nos esforçamos com a graça

---

maticas de Portugal, pag. 318-319, tirado dos documentos do Real Archivo da Torre do Tombo. (S.)

(1) No Pe Souza ha aqui uma omissão notavel. Elle diz simplesmente: « E em fym » de seos muy boa voontade, etc. » (R.)

(2) Nesta phrase se notão dous erros do documento supra citado; e são, *comprada* em lugar de *comprida*, e *a suso* em lugar de *a juso*. (R.)

do Senhor Deos a mylhor obrar, e da lembrança do que vy e senti que fezemos screvo esta breve leitura.

Prymeiro nosso fundamento comendarmos todos nossos feitos ao Senhor Deos, trabalhandonos de seguyr sua sancta voontade, consiirando que nom seendo com elle em boo acordo, com ElRey, nem antre nos, nunca o poderiamos seer; e per sa graça, se com el fossemos bem acordados, seguindo sempre seu serviço, nossos feitos averiam melhores fyns do que nos soubessemos pensar nem devysar, conhecendo que o saber dos homeēs pera qualquer feito val nada se per special mercee do Senhor Deos nom for sempre aderençado ao que el sabe que he mylhor, e lhe(1) mais praz que se faça.

Amor e temor sobre todos ao dicto Senhor Rey avyamos, e de fazer cousa errada ou desonesta, digna de reprehensom ou de vergonça, pryncipalmente de nos era receado.

As cousas em que duvydavamos se lhe desprazeria nos aguardavamos (2) de as fazer, como se de certo soubessemos que dellas lhe pesava, ataa que fossemos em boa certidoõe quejanda(3) era sobrello sua voontade, e assy nom erravamos, dizendo nom sabia vossa teençom, sabendo que o pecado da ignorancia nom he sem culpa.

Esforçavamos nossa voontade pera refrear a sanha, e desejo, e sem empacho de nenhũa pessoa, nem da openyom geeral davamos a enxecuçom o que sentiamos que era mais seu serviço e boo prazer, por nom seermos do conto daquelles que a tem-

(1) Outro erro; diz *ese* em lugar de *lhe*.

(1) Os nossos antigos dizião muitas vezes aguardar em lugar de guardar. Nas Côrtes d'Elvas de 1361 respondeo ElRei Dom Pedro aos povos: « Mandamos que se *aguarde* » o que per o dito nosso padre foi mandado. » Vej. Doc. cit., pag. 4. (R.)

(2) O documento diz erradamente *quejada* em lugar de *quejanda*, que val o mesmo que *qual*.

pos amam, obedeecem, e servem, e no tempo da tentaçom fallecem.

Avyamos teençom sem duvyda que nos amava e prezava muyto (1), e era bem firme em esta boa voontade, avendo segura sperança que nunca jamais antre nos averia mudamento de todo boo amor, e por a teermos em grande preço eramos avisados em toda cousa que a seu serviço e boo prazer tocasse, com tam grande cautella como se el fosse muy engrãdoso, e nom tam firme que aballamento e mudaçom podesse aver.

Da prymeira parte nos recrecia grande amor, pensando que tanto e assy firmemente nos amava, nunca pera o contrairo nos percebendo, nem avysando.

Da segunda avyamos aquel grande amor que procede do perfeito amor, que faz muy firme manteer as boas aquellas (2) amizades.

Nas cousas em que eramos em duvyda do que sobrello lhe prazeria, o mais cedo que podiamos nos tiravamos de suspeita sabendo sua teençom, sobre a qual logo repousavamos (3), e avyamos por determinado de a seguyr quanto bem podessemos; e aquesto nos fazia mais certo e seguro obrar em todallas cousas de que sua certidoõe avyamos, e nas semelhantes.

Estabelleciamos em nossos coraçoões huũ procurador por el, que nos fezesse todos seus feitos entrepetar aa mylhor parte (4), e onde o nom achassemos viinhamos em lembrança quanto nos amava, e suas grandes bondades e virtudes, por as quaaes per fe e boa openyom del criamos que com boo fundamento fazia

---

(1) Este inciso foi omittido.

(2) Esta palavra falta no documento citado, e melhor seria suprimíl-a.

(3) No Pe Souza lê-se *descançavamos*, em lugar de *repousavamos*.

(4) Omissão no Pe Souza; o qual diz sómente: « Interpretar parte e onde, etc. »

todallas cousas que a nos tocavom; e se a obra manigfestamente era errada, lembravamonos que soo Deos he perfeito, e que porem seus fallicimentos deviamos soportar, como queriamos que elle os nossos soportasse, e algũas cousas que nos virtuosamente passara, e aquesta teençom nos fazia poer em todo assessego da voontade, e por nossa boa pratica o legavamos (1) mais em nosso boo amor.

Nas cousas que fallavamos ou trautavamos com el nom queriamos levar nossa teençom em diante, mes todo nosso desejo e prazer lhe declaravamos, oferecendonos a sem empacho receber sua determynaçom, avendo em esto proposito que obrando assy faziamos ante Deos, que ordenou em seu amor e obediencia vyvermos, o que eramos theudos, e que por ello todos nossos feitos per sa graça nos viiriam (2) a melhor termo do que saberiamos devisar.

A cerca del de seus feitos guardavamos nom sollamente a pratica vista (3) e sentida, e o fallar, e contenença, e o que se podia sospeitar, mas a secreta camara do coraçom era guardada de toda entençom e openyom qual teer nom deviamos, conhecendo quando e per quantas partes lhe eramos obrigados, e que cada huũ se nom poderia teer na conta que desejava se em seu coraçom em tal caso leixasse reinar cuidado ou desejo qual nom devesse.

Com el per cousa nom aperfiavamos, e se alguũ fallamento avyamos em que o nosso juyzo e parecer do seu desvairasse, posto que depois nossa teençom achassemos certa e mais provada, jamais nunca lhe referiamos, ante se el nos tornava dizer

---

(1) O Pe Souza diz *alegavamos* em lugar de *o legavamos*, o que é manifesto erro.

(2) O Pe Souza diz *viriaons* em lugar de *viiriam*.

(3) No Pe Souza lê-se erradamente *justa*, em lugar de *vista*.

que era melhor, com humildade recebiamos seu dicto; e se com verdade a sua podiamos aprovar, sem empacho o faziamos, nom lha referindo, mais nos sayamos na dicta estoria. E se achavamos que tiveramos algũa contraira da sua, qual teer nom devyamos, logo nos reconheciamos tanto que o podiamos entender, demandando perdom, se tal caso era.

Nem so fundamento de mesura com el nos refertavamos, mes (1) como duas ou tres vezes nosso parecer lhe deziamos, logo o que el mais queria faziamos, sabendo que melhor era obediencia que sacrificio.

Eramos bem guardados por cousa que el fezesse contra nosso prazer e voontade de lhe mostrar per geito, dicto ou mostrança, que nos enfingiamos, ou arrufavamos, nem triste contenença, nem a outra pessoa del nos agravavamos, mes todo que nos parecia lhe razoavamos como bem entendiamos, concludindo que pois era nosso senhor e padre, parelhados eramos de seguir e sofrer a todo poder sua voontade.

De fallar contra seus feitos em praça, nem a scondido, por nos scusar dalgũas cousas, querermos dizer o que nos parecia, ou complazer a algũa pessoa, eramos muyto guardados; mes quando aazo se dava, suas muytas virtudes e grandes feitos, quanto com razom podiamos, sempre louvavamos.

Seus boos servidores, e os que el amava, prezavamos, e recebiam de nos sempre boo gazalhado e mercees; e ainda que fossem em algũa parte per suas pessoas fora de nosso prazer, per onestas maneiras de nos erom soportados, assy que por ello sempre merecessemos louvor, e nunca prasmo.

Em todo caso que se oferecia, per pallavra, contenença, e boa pratica lhe mostravamos que seu serviço e boa voontade sobre a nossa e todo nosso proveito avançavamos.

---

(1) Esta conjuncção falta no Pe Souza, em lugar da qual se veem quatro.... pontos.

Em nas cousas de conta que faziamos sempre avyamos grande reguardo como per o dicto Senhor seriam filhadas, ou lhe prazeria, alegrandonos se as por bem tomava; e do contrairo avyamos tal empacho e sentimento como aquel feito requeria.

Segredo em todo que nos mandava era realmente guardado, e esso medes no que nos entendiamos que devyamos guardar, posto que avisados nom fossemos.

Sempre husavamos de lhe fallar verdade, trazendo em custume, se tal caso era que razom nom fosse dizer todo claramente, de lhe pedir que naquel feito sua mercee nos ouvesse por scusados, por nom lhe dizermos o que sabiamos, ou sobre ello entendiamos, e o dicto Senhor avya por bem tal reposta, sabendo que com ella nunca se bem poderia fazer.

Pera todos feitos grandes e outras cousas de seu servyço ou boo prazer, que a nos convehesse de obrar, trabalhavamos de seer realmente e nos mostrar tam despostos per querer, saber e poder, que ainda que nom foramos filhos, parentes, ou criados, mes quaaesquer estranhos, per nossa boa maneira e grande desposiçom fossemos bem amados e prezados, nom fazendo fundamento principal nas grandes virtudes do dicto Senhor, nem das razoões que com el per muytas partes avyamos, mes na graça de Nosso Senhor Deos, e per ella (1) em nossos continuados merecimentos; e todos carregos que nos dava nunca os per myngua de voontade refusavamos, e obravamos sobrello sempre o mylhor que podiamos, sometendonos (2) com devyda humyldade a sua correiçom, e de quem el mandava; e posto que sua emmenda ou corregimento nom fosse a nosso juyzo

---

(1) No Pe Souza ha erro d'imprensa, pois se lê : « E por ela noso continuados me» recimentos, etc. »

(2) Outro erro typographico : *somente donos*, em lugar de *sometendonos*.

dereita, nom nos embargava, sabendo que nosso carrego em esto sollamente era servillo (1), obedecerlhe perfeitamente; e porem muytas vezes naquelles feitos viinham taaes fyns nom pensadas, que aquellas emmendas nom pensavamos que dalhur podessem viir senom do dicto Senhor Deos.

Se alguũs carregos do que nos encommendava a outrem por seu serviço, ou querer (2), lhe prazia dar, sem algũa torvaçom os leixavamos, mostrando que dello nom sentiamos outra honra nem proveito senom quanto mais fosse seu serviço e boa voontade.

(3) Em todos casos que se oferecia muy dereitamente segundo nosso juyzo o conselhavamos, guardando tempos e boa desposiçom, sem empacho, com brandeza (4) de pallavras e contenença lhe contradeziamos o que nos razom parecia, e no muyto bem, e grandes virtudes que Deos lhe dera, o louvavamos (5) temperadamente segundo seus feitos e razoamentos seguyam.

Eramos bem guardados que jamais nunca sentisse que o queriamos per força contrariar, ou por nosso proveito, ou prazer, nem doutra pessoa enganar, nem per manha, qual nom devyamos, aderençar com el nenhũa cousa.

Se alguũ tanto de nossas razoões se queria agravar, com grande segurança lhe mostravamos que nosso dicto e conselho nom poderia com verdade na tecençom seer prasmado, porque sempre era fundado em serviço de Nosso Senhor Deos, e seu, como mylhor o entendiamos, e por estas duas partes a el nom devya de desprazer de lhe teermos a contraria de sua voon-

(1) Mais um erro : *serviço*, em lugar de *servillo*.

(2) No Pe Souza lê-se erradamente : « Eu quererlhe prazia, etc. »

(3) Este paragrapho acha-se transposto no Pe Souza ; o seguinte está em lugar d'elle.

(4) No Pe Souza lê-se erradamente *grandeza* em lugar de *brandeza*.

(5) Erro typographico : *louvamos*, em lugar de *louvavamos*.

tade, ca por outro proveito nem prazer nosso nem doutra pessoa nunca lha contradeziamos, nem entendiamos contradizer.

Nas cousas que nos mandava, ou viamos que lhe prazia de fazermos, nom reguardando stado nem voontade, mes com grande delligencia symprezmente obedecendo as compriamos, nom entendendo cousa poder seer errada que por seu serviço e boo prazer fezessemos, se nom fosse contra o Senhor Deos, o que bem sabiamos que nunca nos mandaria.

Em monte e caça quando com o dicto Senhor eramos, das folganças que em ello custumavamos de aver faziamos pequena conta, por a sua sempre seer acrecentada, sentindo mais huũ seu pequeno desprazer que perda de todas veaçoões, ou desavyamento de toda montaria.

Todas festas, jogos, e folganças honestas, porque outras nunca consentia, que por seu boo prazer lhe podiamos ordenar, sem empacho de nossas voontades, trabalho e custa, faziamos.

Assy ledamente como bem podiamos, com boo reguardo do seu e nossos estados, segundo os tempos e lugares com elle fallavamos e praticavamos.

Se algũas vezes com nosco per seu espaço lhe prazia fallar, com razoadas respostas sua rezom per nossa parte nom era quebrada, nem mudada, mas em quanto lhe prazia sempre lhe mostravamos que de tal sua falla nom eramos enfadados.

De contar novas contrairas, e doutros fallamentos, em que pensavamos poder sentir desprazer, eramos sempre guardados, nem lhe diziamos algũa cousa de que o sentiamos, se bem podia seer scusado, conhecendo que nossos contrairos sentymentos como seus dereitamente os sentya.

Em suas doenças, por longe que estevessemos, logo muy sem

tardança viinhamos a el, e quanto melhor podiamos era (1) per nos em todo bem servydo e vysitado; e o comer, e bever, e dormiir, e todas folganças muy sem empacho, quando compria, por ello leixavamos.

Todas cerimonias em seu serviço, por acrecentamento de sua honra, que lhe prazia de receber de nos, muy sem empacho eramos contentes de as fazer.

Quanto mais em grandes dias se acrecentava, tanto lhe mostravamos e avyamos mayor reverença com humyldade, conformando nossa voontade sempre com a sua, e seguyndo suas determynaçoões em nossos conselhos.

Se os do seu conselho da sua teençom desacordavom, nos filhavamos carrego de fazer as cartas e regimentos, e de tal guisa se fazia que com boo prazer do dicto Senhor sempre ficavamos em boo acordo.

Quando (2) algũa pessoa notavel se queria del agravar, per nossas boas maneiras a tornavamos em sua boa graça como razom era.

Do tempo certo (3) que aa sua Corte nos mandava chamar, com poucos ou muytos como el devisava, per nosso poder nom falleciamos; e des que eramos em ella, outros mais deligentes pera todo seu serviço e boo prazer de qualquer estado nom eram.

Nos carregos que nos dava eramos bem guardados de nos alargar mais do que el ordenava, sem autoridade sua, por requerimento que nos fezessem, nem voontade que nos requeressem.

---

(1) Esta phrase está estropiada no Pe Souza, o qual diz: « Em por nos ser bem ser» vido, etc. »

(2) No Pe Souza lê-se *se*, em lugar de *quando*.

(3) No Pe Souza lê-se: « Se algum tempo certo aa sua Corte, etc. »

Em todos nossos feitos, que o requeriam, com o dicto Senhor Rey nos conselhavamos, per seu grande e boo saber, e special graça que Deos lhe outorgava de acordarem muytos seus boos conselhos com as boas conclusoões, que nos feitos avyam de viir, aalem do que se poderia per razom compreender, e por guardar seu boo amor e nossa obediencia, e do que com el nos acordavamos, sem outro seu acordo ou razom muyto manigfesta, nom era feita mudança; e se a faziamos, sem tardança lhe recontavamos porque seu conselho em todo nom fora guardado, demandando perdom do mudamento, ainda que dereitamente se fezesse.

Todas teençoões geeraaes e speciaaes do dicto Senhor, em que com el nos acordavamos, ryjamente, quando se o caso dava, defendyamos; e nas que nosso juyzo do seu desacordava, fallavamos pouco ou nada, salvo se vyssemos que compria em apartalo por serviço de Deos ou seu de lha contradizer, o que faziamos na mais conveniente forma que se nos entendia.

Com bestas, aves, caães, e quaesquer outras cousas pera seu prazer o serviamos, seendo muyto mais ledos (1) de filhar el com nossas cousas hũa pequena folgança, que nos muyto mayor.

Em desembargar com o dicto Senhor guardavamos esta ordem: Se eramos requeridos de taaes cousas que fossem contra serviço de Deos, ou seu, ou que tocassem a taaes pessoas que devessem reguardar, nom recebiamos dello carrego, ainda que nos dissessem que semelhantes fazia, ante se tal cousa era o avisavamos que resguardasse em elles o que per razom ou dereito devya fazer. Os outros requerimentos geeralmente recebiamos, ainda que nos parecessem duvydosos de os o dicto

---

(1) Erro typographico: *ledoes*, em lugar de *ledos*.

Senhor querer ou poder fazer. E esto faziamos porque algũas cousas pensavamos que se nom fariam, das quaaes el nos mostrava maneiras certas, e fundamentos per que se podiam e devyam fazer, e outros pello contrairo, e porem symprezmente recebiamos os requerimentos sem declarar o que dello nos parecia. E quando pello dicto Senhor algũas cousas denegar, as partes se agravavam, quando com boa razom podiamos defendiamos sua teençom, fazendo a nosso poder que todos fossem del bem contentes e nom agravados. E no que lhe assy deziamos avyamos em custume de lhe declarar por alguũs que lhe fallavamos por mandar como aas partes respondessemos; e outras cousas por nos parecerem razom e dereito, e algũas por em ellas avermos syngullar voontade (1), concludindo todos nossos requerimentos, que todo porem fosse comprido como a el mais prouvesse, salvo se era contra justiça ou conciencia, ca naquelles casos o requeriamos mais aficadamente, e com toda mayor avoondança (2) de evidentes razoões que podiamos entender.

Nom custumavamos desembargar com el cada dia, mas aquelles tempos que devisava, e nom mais que quanto sem empacho lhe prazia de nos ouvir, despachando nos per nossa parte muy brevemente, e com poucas replicaçoões no que lhe fallavamos, se cousa muyto special nom era.

Os desembargos que nos outorgava davamos logo a enxecuçom, aalem dos outros proveitos, por o dicto Senhor por tempo prolongado nom poder aver delles perfeita renembrança (3), e

---

(1) Este membro da phrase falta no Pe Souza.

(2) No Pe Souza lê-se uma palavra erradamente escripta, *talemdancia*, em lugar de *avoondança*.

(3) No Pe Souza ha uma grande omissão; falta tudo que vai d'esta palavra *renembrança*, até á mesma palavra que se encontra quatro linhas a baixo, ficando o periodo

nos culpar em sua voontade que por favor nosso ou das partes allargavamos algũas cousas mais que outorgara; e se o tempo alguũ tanto se passara com o dicto Senhor, nos poynhamos em renembrança antes que os desembargos mandassemos fazer, por tal que sobre nossa teençom e pallavra nunca podesse com razom fylhar duvyda.

Se de nosso fallamento desprazer demostrava, algũa razom outra de grande peso faziamos acarretar em que fallassemos, e della scorregavamos a outros ledos fallamentos em que nossa falla se acabasse; e se nom podiamos logo fazer o mais sem tardança que se fazer podia, tornavamos a el guardando esta ordem: em na estoria de que el filhara desprazer nom fallavamos ataa que vyssemos tempo convenyente, e que el fosse fora de todo empacho, e ally demandando perdom, se conviinha, mostrando por nos algũas poucas e forçosas razoões (1), nos escusavamos, ou de todo a leixavamos passar sem mais fallar em ella; mais per outros enxempros quando se ofereciam davamos nossa scusa, se a suficiente por nossa parte avyamos, e a Deos graças, estas cousas eram tam poucas, e de tam pequena substancia, que per qualquer destas guysas se poderam sempre muy bem e ligeiramente emmendar e correger.

Pera todos seus criados e servidores, assy como pera os nossos speciaaes, lhe demandavamos mercees, e acrecentavamos, e nunca em justas, nem em outros jogos consentiamos que se fezesse apartamento, por huũs seerem de hũa parte e outros doutra, mas todo sempre faziam de mestura; e os seus, per pallavra, contenença e obra eram de nos mais favorezados (2)

---

troncado e inintelligivel; pois se lê d'este modo: « Perfeita renembrança ante que os » desembargos, etc. »

(1) Aqui ha erro typographico; lê-se: « Poucas esforçosas razões. »

(2) No Pe Souza lê-se *favorecidos*.

em os feitos de verdade que se antre elles aconteciam, e assy nos jogos nom consentiamos que os de hũa casa sobre os da outra em nossa presença per geeral louvor se quizessem avançar, mais syngullarmente cada huũ gabassem como razom fosse.

Antre mym e meus irmaãos per mercee de Nosso Senhor Deos se reguardavam todas estas praticas suso scriptas, como razom era, nunca sentyndo antre nos enveja, desordenada cobiiça, avareza, desejo ou mostrança de sobrançaria, mes ao dicto Senhor Rey pediamos mercee pera cada huũ de nos, ou pera os seus, que acertava, como pera nos medes, ou pera os nossos; e quando lha fazia (1) era per todos remerceada. E soportavamos huũs aos outros as condiçoões e voontades speciaaes, ainda que em todo se nom concordassem, tam perfeitamente como se fosse em todallas cousas huũ juyzo, voontade, e proposito, dando passada ao que contra nosso desejo per alguũ de nos se acertava de fazer, tirandoa da nembrança como se nunca fora; e aquesto nos fazia comprir grande amor, muyta obediencya, com singullar desejo de sempre seermos em perfeito acordo, que Nosso Senhor Deos e Sancta Maria Nossa Senhora nos outorgarom de nossa mocidade, o que per o dicto Senhor Rey era recebido em grande mercee, e a nos por ello muyto amava e prezava (2).

Em jogos, perfias, e openyooens muyto nos guardavamos de seer contra o dicto Senhor, nem huũs contra os outros, e quando se acertava fallavamos e obravamos com tanta cautella de todas partes, que nunca desprazer ou scandallo huũ do outro podesse filhar.

Homens nem moços huũs dos outros nunca filhavamos, e

---

(1) No Pe Souza ha demais o adverbio *realmente*.

(2) No Pe Souza lê-se demais: « E razoadamente dava louvor. »

assy faziam os de nossas casas; e das cousas que possuyamos muy liberalmente as oferecyamos, e com grande reguardo as queriamos receber (1).

Conhecendo que per os poderes que som em nos das almas vegetatyva, sensetiva, e racional, avemos a todas estas pessoas special amor, com boo reguardo delles o gaançavamos do dicto Senhor Rey. Per o prymeiro, as cousas boas, que aver podiamos, lhe eram per nos oferecidas, leixando toda folgança por fazer a sua. Ao ij, trabalhavamos por lhe sempre comprir a voontade; e porque do bem parecer o coraçom se contenta, em sa presença avyamos desejo de nos correger de tal guisa que de nossa vista nom ouvesse descontentamento, nem filhasse desprezo. Do racional, sabendo que lhe praz de virtudes, geeral boondade, boas manhas com boo grande amor, em todo esto nos trabalhavamos de lhe comprazer.

Por screver verdade, como tenho teençom a meu poder sempre fallar, todo esto nom era per todos igualmente guardado; ca segundo cada huũ de Nosso Senhor recebera (2) de paciencia, avysamento, sotilleza, manhas, e avantajosa disposiçom em cada hũa cousa mais perfeitamente se avya; porem a voontade, proposito e desejo de todos huũ era, e assy boo, mercees a Deos, em que fallimento nom sentiamos, nem na maneira que cada huũ em todas estas partes guardava que fosse digno de reprehensom.

Em todas estas guardas nom sentiamos algũa pena; nem as faziamos como constrangidos, mas recebiamos continuada grande folgança, qual nom pode sentir nem bem aveer quem semelhante nom praticou; ca certamente a lembrança do que

(1) Este periodo acha-se confundido com o seguinte, que é mui distincto.

(2) No Pe Souza lê-se *recebem*.

sentimos, aprendemos, conhecemos do dicto Senhor Rey nos da continuada ledice, e nos avemos por muyto bem aventurados, aalem da honra e proveito, por avermos tam virtuosos padre e madre por Senhores, dos quaaes recebemos nossa pryncipal ensynança.

Por toda esta pratica que com el (1) avyamos, sempre claramente confessavamos que a grande feuza e confiança que avya em nos, e as muytas mercees, honra e gasalhado que del recebiamos, procedia da mysericordia de Nosso Senhor Deos, e da sua grande boondade e mercee que nos queria fazer; e as boas maneiras por que nos governavamos com el, nem os trabalhos, cuydados que por seu serviço levavamos, nom lho referiamos, mes afirmavamos que o nom servyamos tam perfeitamente como era nosso desejo, e por muytas razoões nos sentiamos obrigados; e porem do dicto Senhor Rey, des ydade que nos bem acordamos, nunca em sanha ouvemos ferida, nem recebemos hũa maa pallavra, nem sentimos que alguũ dia eramos fora do seu amor e boa graça, mes recebemos del muytas mercees, e grande honra ataa fym de seus muy honrados dias.

No sentido per seu fynamento, honra de sepultura, trelladaçom primeira e segunda pera sua Capeella, agasalhamento de todos seus criados, outorgamento das mercees por el feitas, comprymento de seu testamento, e outras obras por bem e desencarregamento de conciencia do dicto Senhor, mercees a Deos, tevemos tal maneira que bem respondeo com a pratica suso scripta, que em sua vyda sempre com el teveramos.

Tal maneira nom se pode bem teer com todos Senhores, nem se guardar em todas amyzades, ca scripto he, amyzade perfeita nom pode seer se nom antre pessoas virtuosas de huũ proposito

(1) No Pe Souza lê-se, *que a el avyamos.*

e querer e nom querer nas cousas principaaes, que ajam entendimentos humyldosos e voontades concordavees, fundadas em muyta lealdade de grandes, largos, e boos coraçoões, pera fazerem, e dizerem, e soportarem por seu Senhor ou amigo quanto dereitamente fazer se deve, e lhes obedecerem nas determynaçoões de todas cousas dereitas e honestas, porque hũa das mais pryncipaaes lex de taaes amyzades he nunca requerer cousas injustas ou torpes, nem as fazer posto que requeridas sejam. E per o dicto Senhor Rey nos fomos per suas grandes virtudes, muyto saber, e boo amor, em esta pratica bem soportados, e sempre entendemos que per el e por a Raynha nossa Senhora e madre em todas grandes virtudes muyto perfeita, cuja alma creemos que he em sancta gloria, fomos encaminhados a qual (1) boa maneira que sobresto tevemos; e assy tenho teençom que os dictos rex vossos irmaãos som tam boos e prudentes, e vos amam de tal amor, que toda boa maneira, que com elles teverdes, vos responderom como devem, com a graça de Nosso Senhor, ao qual (2) praza que sempre lhe façaaes servyço e prazer, e pera todo vosso bem e grande honra vos outorgara o que pera vos for mylhor.

Feito per Dom Eduarte, pella graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve, e Senhor de Cepta, em a cidade de Evora, xxv (3) dias de Janeiro, anno do nacimento de Nosso Senhor Jhũ Xpõ de myl e iiij e xxxv.

Esto me parece que deve seer mostrado a poucas e certas pessoas, ca se o vyrem os que som fora de tal proposito e pratica

---

(1) No Pe Souza lê-se erradamente *qualquer*, em lugar de *a qual*, que está aqui por *aquella*.

(2) No Pe Souza lê-se erradamente *ao quem*.

(3) No Pe Souza lê-se *XX6*.

mais querram prasmar e contradizerme que filhar dello pera Senhor ou amygos proveitosa ensynança (1).

Porque muytos que som leterados nom sabem trelladar bem de latym em lynguagem pensey escrever estes avysamentos pera ello necessarios.

---

(1) Aqui faz fim o Documento das Provas da Historia Genealogica.

CAPITOLLO LRVIII.

Da maneira para bem tornar algũa leytura em nossa lynguagem (1).

Primeiro conhecer bem a sentença do que a de tornar, e poella enteiramente, nom mudando, acrecentando, nem mynguando algũa cousa do que esta scripto. O segundo que nom ponha pallavras latidanas, nem doutra lynguagem, mas todo seja em nossa lynguagem scripto, mais achegadamente ao geeral boo custume (2) de nosso fallar que se poder fazer. O terceiro que sempre se ponham pallavras que sejam dereita lynguagem, respondentes ao latym, nom mudando hũas por outras, assy que onde el desser per latym scorregar, nom ponha afastar (3), e assy em outras semelhantes, entendendo que tanto monta hũa como a outra, porque grande deferença faz pera se bem entender seerem estas pallavras propriamente scriptas. O quarto que nom ponha pallavras, que segundo o nosso custume de fallar sejam avydas por desonestas. O quynto que guarde (4) aquella ordem que igualmente deve guardar em qualquer outra

---

(1) Este capitulo tambem se acha nas Provas da Historia Genealogica, *ibid.* pag. 542. (R.)

(2) No Pe Souza lê-se : « Mais achegadamente ao chão, e geral costume, etc. » (R.)

(3) O Pe Souza tem aqui demais : « Em nosa lingoajem. » (R.)

(4) No Pe Souza lê se aqui demais : « Em o escrever. »

cousa que se escrever deva, scilicet, que screvam cousas de boa sustancia claramente (1) pera se bem poder entender, e fremoso o mais que elle poder, e curtamente quanto for necessario, e pera esto aproveita muyto paragrafar, e apontar bem.(2). Se huũ razoar tornando de latym em lynguagem, e outro screver, achara melhoria de todo juntamente per huũ seer feito.

E porque per vosso requerimento torney em lynguagem simprezmente rimada de seis pees de huũ consoante a oraçom de Justo Juiz Jhũ Xpõ, volla fiz aquy screver, a qual por a fazer consoar nom pude compridamente dar sua lynguagem, nem a fiz em outra mylhor forma por concordar com a maneira e teençom que era feicta em latym (3).

---

(1) O Pe Souza diz: « Que escreva claramente para, etc. »

(2) No Pe Souza lê-se: « E apostar bem aquello, que a sy ouver descrever. » A palavra *apostar* é mal escrita; o manuscrito é correcto, porque apontar queria dizer antigamente, punctuar, pôr a punctuação. Sobre a maneira de punctuar dos antigos póde lêr-se a erudita Dissertação do Academico J. P. Ribeiro, Tomo IV, pag. 57. (R.)

(3) Fizemos grande diligencia por descobrir esta oração latina, mas com pezar nosso o não podémos conseguir; só podémos alcançar por informações de pessoas competentes, que era mui antiga, e que se suppõe vir do tempo dos Godos, d'algum dos hymnos ecclesiasticos d'aquelle tempo; e que anda traduzida em hespanhol de tempos immemoriaes, e a cantavão os cegos.

Por esta traducção rimada vemos que o Senhor Dom Duarte era tão bom trovador como os melhores do tempo d'ElRei Dom Manoel; e, apesar de que os escritores que d'elle fallárão lhe não attribuão trovas, nós desconfiâmos que elle as fez, e que provavelmente se achavão naquelle volume da sua livraria que tinha por titulo: « Livro » das Trovas d'ElRei.» (Vej. Prov. da Hist. Gen., I, 545). Grande achado seria descobrir este livro! (R.)

Justo Juyz Jhesu Xpisto,
Rey dos rex e boo Senhor,
Que com Padre reynas sempre,
Hu he dambos huũ amor,
Prazate de me ouvyr,
Pois me sento pecador.

Tu que do ceeo descendiste,
Em no ventre virginal,
Hu tomando logo carne,
Livraste o segre de mal,
Por teu sangue precioso,
De perdiçom eternal.

Logreu aquella, meu Deos,
Ta gloriosa paixom,
Que sem cessar me defenda
De perigo e cajom,
Per que possa bem vyver,
Ty servyndo e outrem nom.

Tua muy sancta virtude,
Desy gram defendimento,
Sempre me seja presente,
Por me guardar de tormento,
A que me traz o imiigo
Per arteir enduzymento.

Per a tua forte deestra,
Que os infernos quebraste,
Destruy todos meus imiigos,
Pois sas artes desprezaste,
Per as quaaes me sempre torvam
Do bem que fazer mandaste.

Ouve Xpõ mym braadando
Mesquynho por meu pecado,
Que demando piedade,
Pois passey o teu mandado,
Ca me temo do imiigo
De mym seer apoderado.

Com destruyçom se calle
Quem me cuyda condanar;
Seja a elle feicta queeda
O laço que me quer armar.
Jhũ boo e piedoso,
Nom me queiras desprezar.

Meu escudo com emparo
Sey tu meu defendedor,
Porque eu per tua graça
Vença o meu perseguidor,
E per seu derribamento
Mallegre com teu amor.

Manda o teu messegeiro,
Do ceeo alto Spiritu Sancto,
Quesclareça e alumee
Mym que nom mereço tanto,
E dos imiigos me livre
Por nom receber quebranto.

Sancta Cruz, o teu synal
Me defenda os sentidos,
Ta bandeira vencedor
Faça seer sempre abatidos
Meus imiigos e contrairos
Per ta graça destruydos.

Amerceate de mym,
Xpĩsto Deus huũ soo nacido,
Pero eu mais bem te peço,
Que nom tenho merecido,
Sey de mym sempre lembrado
Por em fym nom seer perdido.

O o Deos Padre e Deos Filho,
Tambem Deos Sanctesprito,
Que huũ Deos sempre es chamado,
Per pallavra e per scripto,
Comprimento de virtudes
Te confesso per meu dicto.

E tralladey do livro dos Etabellicimentos de Sam Joham Casiano(1) por enxempro esta parte de huũ Capitullo a juso scripto ao pee da letera, que chamam os leterados a contexto, o qual a alguũs nom muyto praz por seer scrito na maneira latynada, e queriam que se tirasse a sentença posta em mais geeral maneira de fallar, e outros dizem que bem lhes parece; porem quando mandardes tornar algũa leitura de latym em nossa lynguagem, a maneira que mais vos prouver mandaae que tenha aquelle que dello tiver carrego (2).

Ouve o que diz o Apostollo. Todos aquelles que em campo pellejam, de todas cousas se austeem; emqueiramos de quaaes

---

(1) ElRei Dom Duarte chama sempre Santo, como temos visto, ao fundador da abbadia de S. Victor em Marselha, apezar de que a Igreja não o tenha declarado por tal; provavelmente porque foi homem de conhecida virtude, e morrêra em cheiro de santidade segundo João Trithemio. É neste mesmo sentido, e por não desdizer da maneira de fallar d'ElRei, que lhe démos o titulo de Santo em a nota da pagina 23; nem se deve d'aqui concluir que temos por santas as suas opiniões sobre a graça, antes declarâmos não ter a este respeito outras senão as da Igreja. As Collações ou Conferencias são a sua obra principal, cuja leitura foi sempre recommendada por muitos Padres e Santos desde S. Bento até S. Thomaz d'Aquino, e das quaes diz Belarmino, que se podem ler com utilidade, á excepção da decima terceira: *utiliter legi possunt, excepta collatione tertia decima.* (Vej. Joan. Cass. Opera omnia, in Elogiis.)

Sobre qual seja a verdadeira opinião que a este respeito se deva ter, lêa-se a *Epistola ad Lectorem* do Benedictino Alardo Gazeu, que precede a grande edição de suas obras: *Joannis Cassiani Opera Omnia, cum Commentariis D. Alardi Gazæi*; Parisiis, 1642.

Notaremos de passagem que ElRei Dom Duarte, citando quasi todas as Collações, não cita esta, nem manifesta a menor inclinação á doutrina erronea que ella contém; o que é uma boa prova de sua orthodoxia. (R.)

(2) Este capitulo, de que falla ElRei Dom Duarte, é o VII, do Livro sexto, dos Estatutos, que tem por titulo: *De spiritu fornicationis* (Vej. a obra supra cit., pag. 139); o qual aqui transcrevemos para melhor se podêr julgar esta maneira de traduzir, e se podêr comparar com a outra que notámos a pag. 50, 262 e 421.

« Audi quid dicat Apostolus: Omnis qui in agone contendit, ab omnibus se abstinet. A quibus omnibus dixerit, inquiramus, ut possit nobis spiritualis agonis

todos pera podermos receber ensynança da pelleja spiritual per contemplaçom da carnal. Certamente aquelles, que nesta pelleja vesyvel estudam bem pellejar, husar de todas vyandas, as quaes o desejo da carne demanda, nom tem autoridade; mas soo daquellas que a ensynança de taaes pellejas estabelleceo. E nom sollamente das vyandas defesas, mas da bevedice, e todo inchymento necessariamente se devem conteer; e ainda de toda pryguyça, occiosidade, e deleixamento, por tal que per contynuado exercicio e aficado pensamento sua virtude possa seer acrecentada. E assy de todo cuydado, tristeza, dos negocios deste mundo, e ainda da obra do casamento se conveem fazer estranho, que afora trabalho da sua ensynança al nom queira saber, nem algũa cura deste mundo se embargar; daquelle tam soomente, que he senhor do campo, sperando galardom pera mantiimento de sua vyda, e que digna coroa de gloria e de louvor gaançarom per seus mericimentos.

» instructio comparatione carnalis acquiri. Illi etenim qui in hoc agone visibili student legitimè decertare, utendi omnibus escis, quas desiderii libido suggesserit, non habent facultatem; sed illis tantùm quas eorumdem certaminum statuit disciplina. Et non solùm interdictis escis, et ebrietate, omnique crapulâ eos necesse est abstinere; verùm etiam cunctâ inertiâ, otio atque desidiâ; ut quotidianis exercitiis jugique meditatione virtus eorum possit acrescere. Et ita omni solicitudine ac tristitiâ negotiisque sæcularibus, affectu etiam et opere conjugali efficiuntur alieni, ut præter exercitium disciplinæ nihil aliud noverint, nec ulli mundiali curæ penitus implicentur; ab eo tantùm, qui certamini præsidet, sperantes quotidiani victûs substantiam, et coronæ gloriam, condignaque præmia victoriæ conquirere. » (R.)

CAPITOLLO LRIX.

Do regimento do estamago.

Segundo a pratica que per mym passey, este acho boo regimento brevemente scripto pera quem tal estamago tem que lhe creça freyma, e algũa vez se destempera por ella.

Quando jantar, comer bem mastigado, e nom bever mais de duas vezes ou tres ao mais largo, e aquestas nom muyto sobejo em cada hũa, mas tanto de que razoadamente a voontade se contente ou deva contentar; e o vynho, se o bever, seja razoadamente aaguado, porque se he forte da mayor trabalho ao estamago em no cozer e degerir, e acrecenta sede, per que nom se pode bem soportar com pouco bever.

De nata, e de toda outra vyanda de leyte, comer pouco ou nada, e se a comer seja sobre toda outra vyanda; nom bever sobrella, ou se no começo, coima bem dal ante que beva, e todavia o comer da vyanda do leyte seja pouco, e poucas vezes.

E esso medes deto da outra vyanda humyda, assy como cerejas, pessegos, e ostras, e toda grossura de carnes e pescados, e do semelhante comer pouco ou nada, e tambem das muyto frias e agudas, assy como vynagre, e lymom, e semelhantes; dos ovos pera esto nom ha regla certa, porque a huũs aproveitam, a outros empeecem, e porem cada huũ huse de os comer como se delles sentir.

Despois de comer ataa que passe hũa ora nom dormyr de dia, e quando ouver de dormyr nunca de todo desvestir ou desabotoar, mas ainda que desvista algũa roupa sempre a outra fique abotoada, e nom dormyr mais que huũ sono, e quanto mais pequeno tanto melhor, e como for acordado logo alevantar.

Sobre o dormyr, ataa que passe hũa ora, nom bever por cousa que seja, e se poder sofrerse ataa cea que nom beva he muyto boo, se tanto nom, quanto mais pouco, tanto mylhor.

Sobre gram trabalho, que o corpo este esqueentado, he muyto boo sofrer o comer e bever, ataa que o corpo este em razoada temperança.

Na cea tenha o regimento que dicto he pera o jantar, e se poder scusar o bever despoes da cea escuseo, e se nom poder nom beva mais de hũa vez. O estamago nom deve trazer desabotoado nem froxo, mes igualmente sempre apertado.

Se ao jantar viir que come muyta carne, ou pescado, ou lhe praz dello, sobejar em comer o pam, em no bever astreite seu regimento, e de fruita pouca, ou nada.

Sobre grande comer, ainda que venha sede podesse melhor soffrer que em outro tempo, porque as mais das vezes he falsa, e se a sofrem se vai, e de sofrer aproveita pera taaes estamagos, e nom pode em tal tempo empeceer.

Por tarde que cee, nom se lance sobre a cea ataa que hũa ora nom passe, nem se desabotoe, se nom aaquella ora que se quyzer lançar, porque he grande erro em tal caso.

Dolhe bem que se jantar muyto que cee temperadamente, poendo antre huũ comer e outro vij ou viij oras; e se muyto cear guarde mais o regimento sobre a cea que em outro tempo, e o jantar do outro dia aja temperança; e guardesse de grandes jejuũs accustumados, porque a myngua de huũ dia querse en-

tregar no outro, e o estamago acustumado a pouco comer alguũs dias sente asynha pena quando lhe mudam seu custume.

Lançarse de noite a oras razoadas, e assy cedo levantar he muyto boo; e quando se levantar vystasse cedo.

Se de noite se levantar calcesse, e cobrasse razoadamente.

Quando dormyr, nom se cobra sobejo de roupa, porque o muyto abafar fara descobrir, e fazem logo mudança de muyta queentura, ca muyto frio faz mal pera esto.

Se por andar camynho, ou alguũ outro trabalho, passar muyto a ora de comer, assy que seja hũa ora ou duas despois meo dia, coima temperadamente sobre o pouco, e no outro comer se pode entregar, e assy faça na cea, porque hũa das cousas que muyto estorvam o estamago e todo o corpo, he sobre grande trabalho, passando as oras do jantar ou da cea, a hũa vez comer muyto; e se jantar assy tarde, e viir que come muyto, escuse a cea, ou seja tam pouca que nom possa empachar.

Se de comer algũa vyanda se achar mal, nom a coima, posto que a outros nom empeeça, porque he determynado que algũas vyandas per virtude special aproveitam, e empeecem a cada huũ homem, e cada hũa door. E posto que se ache bem dalgũa vyanda que nom seja boa, ou dalguũ regimento revessado, nom se deve husar, porque a afeiçom da boca ou do coraçom muytas vezes faz sentir o mal que del lhe vem, a qual despois convem de se sentir, posto que seja tarde.

E sobre grande comer escuse quanto poder filhar logo grande trabalho, e nom veze poer emprasto no estamago, nem o trazer sobejo coberto, mais tragao como os outros geeralmente de sua maneira trazem.

Se doer algũa vez oolhe segundo o regimento que teve o tempo passado, de que vem; e se for de frio, per comer, e algũas cousas queentes, e cobrir o estamago e aqueentallo bem, se corre-

gera; e se foi de comer sobejo, comer pouco e tarde, e algũa vianda seca, assy como pam torrado, e bever pouco, e vynho menos auguado, e acharsea dello bem; e em quanto se sentir empachado de sobegidoõe de vyanda nunca coima outra nenhũa pera o correger, porque nom ha hi melhor meezynha que sofrer tanto o comer que elle per sy se correga, cobrindosse, e aqueentandosse em razoada maneira segundo o tempo for; e acustumar o corpo a razoado trabalho de pee ou de besta em jejuũ. O pequeno comer val muyto pera este caso.

De xv em xv dias, ou de mez em mez, he muyto boo filhar pirollas communũes, e se doer per algũa freyma, ou outro humor que traga sobejo, buscarlhe remedio qual mylhor e mais sem empacho achar, per que se vaa de fora por revessar, ou sayr, ou se gaste per boo trabalho e abstinencya.

Sobre grande comer se trabalhar em tal guisa que se muyto squeente, ou suar, deve seer muyto guardado de vento e do ar, nem se desabotoar em casa muyto fria.

Aa noite sobre grande cea bever muyto, ou augua, empeece, em este caso specialmente se ja tem bevydo, e esta pera se lançar.

Entendo que seja boo pera taaes estamagos provocarem cada huũ anno vomyto duas vezes, hũa depois de pascoa, por a continuaçom passada do pescado, e a outra no Setembro, por a fruyta do verão, se a continua muyto de comer.

Se entender madurgar ou tresnoitar he muyto boo cear pouco, ou nada; e se per myngua de sono o estamago destempera pera dormyr, sem comer, nem bever, e sem outra meezynha se correge.

E cada noite ante que se lance, ainda que lhe pareça que nom tem voontade, deve provar de sayr, e esso medes pela manhãa.

Item, em guardar boa e razoada temperança nos trabalhos do

spiritu e do corpo, cousiirando hidade, e desposiçom, e tempos, esta grande parte do regymento da saude; e posto que esto todo pareça maaò de guardar, se o for acustumando parecera bem ligeiro de fazer. E penso bem que achara quem no trabalho acustumar deo com grande melhorya, e aalem desto se lhe comprir tome conselho doutro mylhor fisico.

Ainda que esto dissesse, começasse, e escrevesse de jogo, em todo penso que acharom que fallo certo, e dou boo conselho.

CAPITOLLO C.

Da roda pera saberem as oras quantas som da manhaã, noite, ou despois.

Per esta figura se podem saber as oras da noite, scilicet: emmagynar em o ceeo hũa cruz com estas quatro lynhas, segundo que aqui he devysado, e o meo seja em o norte, e resguarde bem esto, que as pontas da cruz e das lynhas he scripto, e quando a prymeira e mais chegada guarda chegar a cada huũ destes lugares, ally he mea noite segundo os tempos em ella devysados; e quanto mais passar ou mynguar, per ally julgue quanto he mais aaquem ou aalem da mea noite, e saiba que de lynha á lynha ha tres oras, e de ponto a ponto ha hũa, e de quinze dias passa hũa ora, e no mez duas.

Devees saber que ha de nacer o sol e se poer a estes tempos aquy devysados, convem a saber, em meo março nace aas seys oras, e poõese a ellas, e em o começo de mayo nace aas cynco e poõese aas sete, e em meo junho nace aas quatro e mea e poõese aas sete e mea, e no começo dagosto nace aas cynco e poõese aas sete, e em meo setembro nace aas seys e poõese a ellas, e em começo de novembro nace aas sete e poõese aas cynco, e em meo dezembro nace aas sete e mea e poõese aas quatro e mea, e em começo de fevereiro nace aas sete e poõese aas cynco. E per esmo, em os mezes que aquy nom declara, poderees entender a que oras o sol per todo o anno deve nacer. E desque amanhe-

cer ataa o sair do sol faz hũa ora, e no tempo do veraão faz mais avantagem, e per esta guysa he des que o sol se poõe ataa noite çarrada (1).

---

(1) No Codice ha um grande espaço em branco entre este capitulo e o seguinte, no qual sem dúvida se devião debuxar as rodas, ou circulos horarios, de que falla ElRei Dom Duarte. É para lamentar que este debuxo se não fizesse, para podermos milhor ajuizar d'esta invenção de nosso Principe. (R.)

CAPITOLLO CI.

Pera saber quantas oras som ante ou despois da mea noite, e quanto ante manhaã.

Pera saberdes per esta roda a quantas oras he manhãa, paraae mentes aa estrella mayor das guardas da noite, e vede o logar onde esta a respeito da roda grande, e vede onde he scripto o dia do mez mais chegado aaquel em que estaaes, e contaae as oras que ha antre o lugar em que a estrella sta, e o dia scripto do tempo em que estaaes, e a tantas oras sera manhãa clara. E esso meesmo saberees a quantas oras depois mea noite ha damanheecer, contando do lugar em que a estrella faz mea noite na roda pequena ataa o dia do mez, scripto na roda grande, em que ha de seer manhãa naquel tempo. E daquesta guisa saberees per esta roda pequena quanto sooes ante da mea noite ou despois: vede o logar onde a estrella esta, e onde ha de fazer mea noite, contaae quantas oras esta ante ou despois mea noite, e de huũ risco dos que som postos em na volta da roda a outro semelhante ha hũa ora, e do ponto ao risco mea ora, e antre os riscos pequenos quarto dora.

CAPITOLLO CII.

Da guarda da lealdade, em que faz fym todo este trautado.

Por quanto no começo disse que me parecia filhardes este trautado por A B C da lealdade, e que per conhecymento de nossos poderes e paixoões, percalçamento de bondades e virtudes, e corregymento de pecados, e outros fallicimentos, se guardava sempre a Nosso Senhor Deos e aos homens, faço sobrello a declaraçom seguynte.

Os que trautam de moral fillosofia declarom nosso regimento se partir em tres partes. Prymeira, da propria pessoa, que se entende alma e corpo. Segunda, que perteece ao regymento da casa, scilicet, molher e filhos e servidores, e de todos outros beẽs. Terceira, do reino e cydade, ou qualquer julgado. E todos estes per lealdade recebem grande ajuda pera seerem bem governados. Quanto ao prymeiro a mym parece, que Deos special carrego deo a cada huũ de seu coraçom, mandandonos dizer aquella pallavra, que com toda delligencia o guardassemos, e como castello que nos em guarda posesse nollo encomenda, o qual podemos perder, ou cayr em myngua de lealdade por estas partes que trago a meu proposito. Primeira, avendo afeiçom com os imiigos. Segunda, dandolhe entrada em elle. Terceira, nom obedeecendo ao mandado do Senhor que o deu. Quarta, nom poendo boo regymento e proveença nos mantimentos e outras cousas que lhe perteecem, assy que per fame, sede ou desavysamento seja filhado. Quynta per fraqueza de coraçom,

leixandosse per força veneer, podendo seer bem defeso. Per tal semelhança me parece que mal guardam o coraçom, filhando afeiçom com os imiigos, quando se leixa perlongadamente correr per maaos cuydados, a cada huũ estado nom perteecentes; entrada lhe dam, consentyndo deliberadamente no mal fazer.

Ao Senhor nom obedeecem quando nom recebem seus boos desejos, nem os mandados, conselhos, avysamentos dos que o dizem em seu nome. Com desavysamento se perdem quando nom consiirom suas forças e poderes em todas as cousas que ajam de fazer pera percalçar e possuyr virtudes, e se guardar do contrairo.

Per fraqueza se rendem veencendosse aas tentaçoões, mal e fracamente as contrariando.

E pera guardar esta lealdade acerca de Nosso Senhor o mais que tenho em este trautado scripto esto conselha, ensyna e avysa, ca eu mesturo moral fillosofia, de que algũa parte vi, com seus mandados e ditos dos Sanctos e Catholicos sabedores, que a mais perfeitamente que os fillosofos entenderom, e derom acabadas ensynanças, consiirando o que dello naturalmente per seu sentido entendo, e do que vejo, ouço, e conheço em mynha maneira de vyver e dos outros. Ca este me parece dereito camynho pera bem sentir de semelhante sciencia, por nos guardarmos com a graça de Deos nos contrairos casos, seguyndo realmente as virtudes, scilicet: concordar os dictos de Nosso Senhor, e o que os sabedores Catholicos e fillosofos disserom com os sentydos de nosso coraçom e pratica que nos outros conheecemos.

No regymento da casa quanto bem faz lealdade, e mal se recrece nom sendo guardada antre marido e molher, padre e filhos, senhor e servidores, e antre os boos amygos, os exemplos bem o demostram, ca nom he outra cousa mayor fundamento pera com todas estas pessoas vyver em paz e boa concordia, ca lealdade com boo entender bem guardada, ca esta nos

faz chegar e assessegar em a verdadeira amyzade que per todos sabedores he tam louvada.

Esto dygo porque, graças a Nosso Senhor Deos, a pratiquey com vosco, como bem sabees, e com ElRey e a Raynha meus Senhores, Padre e Madre, cujas almas Deos aja, e assy com todos meus irmaãos como ja screvy; e nosso fundamento era geeral avysamento de boas voontades, guardado per razoado entender; e sempre lealdade pera boo regymento da casa he grande e pryncipal fundamento.

E assy presta muytó no boo estado dos reynos, cidades e vyllas; por ende me parece seer muyto necessaria em todos tres regymentos, scilicet: no da pessoa, por manter lealdade a Nosso Senhor como dicto he; no da casa, por a guardar a el que toda maldade nos defende, e desy a todos homeẽs e molheres segundo he razom; nos Senhorios, Cidades, e Villas como aquella virtude, sem a qual boo regimento nom pode longamente durar, nem teer bem se pode sem boo conhecimento de nossas forças, poderes e paixoões, amando, seguyndo a ella e as outras virtudes, guardandonos sempre dos malles seus contrairos, sobre que meu trautado faz fundamento, prosseguymento e fym, por servyço de Nosso Senhor Deos, e Nossa Senhora Vyrgem Maria sua muy Sancta Madre, aos quaaes se alguũ bem se nelle he dicto seja dado louvor e gloria; e por fazer voontade a vos, muyto excellente Senhora Raynha, pedindolhes que vos outorguem sempre na vyda presente, e no seu reyno, comprimento de vossos boos desejos, e mais o que sabe que pera vos he melhor. Amem.

A Deos graças.